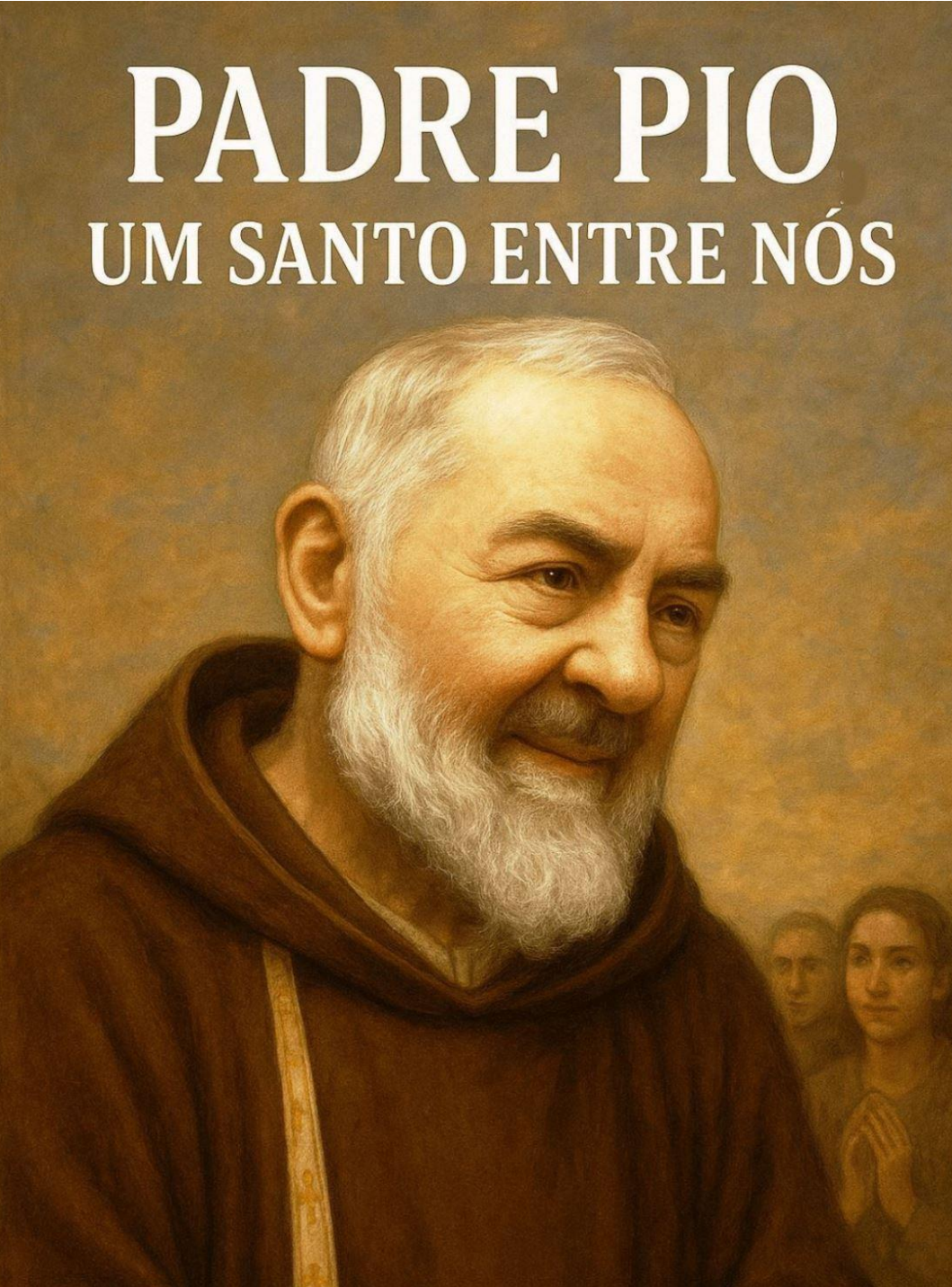
PADRE PIO

UM SANTO ENTRE NÓS



Renzo Alegri

PADRE PIO

um santo entre nós

6.ª *edição*

Fonte do texto
evangelizandocommaria.com.br

Capa gerada por IA (ChatGPT)

1.ª edição: Junho 1999
2.ª edição: Dezembro 1999
3.ª edição: Junho 2002
4.ª edição: Maio 2006
5.ª edição: Janeiro 2010
6.ª edição: Outubro 2012

Título original: Padre Pio – Un Santo tra noi
© 1998 Arnoldo Mondadori Editore S.p.A., Milão
Tradução: Maria do Rosário Pernas
Pré-impressão: Paulinas – Prior Velho
Impressão e acabamentos: Artipol – Artes Tipográficas, Lda. – Águeda
Depósito Legal nº 350 324/12
ISBN 978-972-751-268-3
(Edição original 88-04-45080-0)

© Outubro 2012, Inst. Miss. Filhas de São Paulo
Rua Francisco Salgado Zenha, 11 – 2685-332 Prior Velho
Tel. 219 405 640 - Fax 219 405 649
e-mail: editora@paulinas.pt
www.paulinas.pt

À querida amiga,
Lucia Valentini Terrani,
grande artista lírica
e pessoa extraordinária
que, ainda jovem, foi chamada
a interromper a sua viagem terrena.
Com o seu canto
ofereceu ao mundo alegria e emoção;
com o seu longo e silencioso sofrimento,
aceite com coragem e fé,
revelou-nos
a beleza comovedora
da sua alma.

Um agradecimento especial a Roberto Allegri,
pelo seu minucioso trabalho de investigação e pela sua
preciosa colaboração na redacção deste livro.

Introdução

Escrevi este livro, *Padre Pio, Um Santo entre Nós,* em 1998. Quando foi publicado na Itália, a Igreja acabara de reconhecer que o Padre Pio «ao longo da sua vida, tinha praticado em grau heróico as virtudes evangélicas». Era o primeiro degrau do reconhecimento oficial da sua santidade. Depois, em pouco tempo, chegaram outros dois: a beatificação, a 2 de Maio de 1999; e a canonização, a 16 de Junho de 2002.

Era o meu quinto livro sobre o Padre estigmatizado. O primeiro intitulava-se *Padre Pio, l'uomo della speranza* e tinha-o publicado em 1984; o segundo, *I miracoli di Padre Pio,* era de 1993; o terceiro, *A tu per tu con Padre Pio,* de 1995; o quarto, *Il catechesimo di Padre Pio,* de 1996. Além disso, depois de 1988 ainda publiquei outros quatro. Ao todo, são nove volumes dedicados ao Padre Pio, cada qual com a sua perspectiva, com uma temática própria, que davam ao relato dos episódios biográficos do religioso aquela especificidade que eu queria realçar.

Padre Pio, Um Santo entre Nós é o volume que, entre os que publiquei sobre o frade com estigmas, posso definir como biográfico por excelência. O objectivo específico que me tinha proposto nele era o de contar cronologicamente a vida de Padre Pio. Portanto, é um livro não ligado a episódios, circunstâncias, ocorrências ou temáticas particulares, mas um livro histórico, válido para sempre e independentemente de tudo, para quem quiser conhecer os factos da existência do Padre Pio.

Foi um livro que teve um grande sucesso imediato. Ora, num dia de 1999, tive uma agradável surpresa. Encontrava-me em Fátima, entrei numa livraria e vi a bela edição do livro

em língua portuguesa que tinha saído precisamente naqueles dias: uma agradável surpresa, repito. E, agora, sinto-me ainda mais feliz ao saber que a Paulinas Editora de Portugal está a preparar uma nova reimpressão desse volume.

Algum leitor poderá querer saber por que razão escrevi tantos livros sobre o Padre Pio. É uma pergunta que também eu faço a mim mesmo muito frequentemente. E até eu fico cheio de curiosidade.

Até 1967, eu nada sabia sobre o Padre Pio. Tinha já ouvido o seu nome, mas nada mais. Eu era jornalista e trabalhava como enviado especial num dos maiores jornais italianos. E também fazia crítica musical. Por isso, interessava-me pela reportagem de grandes acontecimentos relativos à vida do país e do mundo, e de eventos musicais. Em Setembro de 1967, o director do jornal pediu-me para ir a San Giovanni Rotondo fazer uma ampla reportagem sobre o Padre Pio. «Dizem que é um santo – afirmou –, mas parece-me que a Igreja já desmentiu isso. Por isso, vê se consegues perceber realmente o que lá se passa.»

Parti e foi a primeira vez que me encontrei com o Padre Pio. Consegui vê-lo e falar com ele. Alguns meses depois, voltei lá para outra reportagem. E também nessa ocasião tive um encontro longo e importante com o Padre. Os artigos tiveram uma grande repercussão entre os leitores. Fui encarregado de escrever outros, mesmo depois da morte do Padre. Julgo ter escrito algumas centenas de artigos; deste modo, fui-me procurando saber tudo sobre o Padre Pio, e tornando-me como que um especialista na matéria.

Mas nunca pensara meter-me a escrever um livro sobre ele. Não me considerava à altura. É verdade que eu já tinha escrito vários livros, alguns até importantes, sobre o mundo da música clássica, assunto sobre que me sentia mais bem preparado. Para mim, o Padre Pio era uma preciosa fonte de artigos, sugeridos e motivados por factos de crónica que o visavam, mesmo depois de morto, e que se sucediam continuamente. Mas nunca pensei escrever um livro sobre ele. Considerava que, para poder escrever uma biografia sobre o Padre, precisaria de ter não só um grande conhecimento do assunto, mas sobretudo uma grande fé. E julgava-me indigno de enfrentar um tema deste género.

Mas as coisas correram de modo diferente. Em determinado momento do ano 1983, quando a causa de beatificação do Padre Pio ainda não tinha sido iniciada oficialmente, fui chamado pelos dirigentes da Casa Editrice Mondadori que me disseram que haviam seguido os meus artigos sobre o Padre Pio, que os tinham achado muito claros e muito documentados; por isso, propunham-me que escrevesse um livro.

Fiquei muito admirado. Sobretudo porque a Mondadori era e é a casa editora italiana de maior prestígio. Mas uma casa editora laica que nunca tinha publicado uma biografia de uma personagem contemporânea ligada à Igreja católica. Por isso, o pedido parecia-me suspeito. Pensei que quereriam uma biografia do Padre Pio baseada sobretudo nas polémicas que o rodeavam e, portanto, um livro *contra* o Padre Pio.

Duvidei, hesitei. Mas o pedido foi repetido e solicitado com insistência. Voltei lá: aduzindo a desculpa de que não me sentia preparado, perguntei que género de livro queriam que fizesse. «Uma biografia do Frade, escrita com o estilo claro que é marca dos seus artigos – responderam. – Um livro para os admiradores do Padre Pio.»

Nesse instante, caíram por terra todas as minhas perplexidades. E mais: até me senti responsabilizado porque sabia que um livro sobre o Padre Pio publicado pela Mondadori haveria de ter uma enormíssima difusão. Além disso, uma difusão não reservada aos devotos do Padre Pio, mas alargada ao mundo laico estranho à religião, o mundo de quem comprava os livros precisamente por serem da Mondadori. Assim, poderia eu recusar tamanha responsabilidade? Respondi a mim próprio que não. E comecei a escrever o livro *Padre Pio l'uomo della speranza* que foi publicado em 1984.

O sucesso foi estrondoso. E o livro continua a ser publicado na *Oscar Mondadori Best Sellers,* uma colecção de grande prestígio.

Passaram alguns anos. Entretanto, precisamente por causa do sucesso obtido com aquele livro, pude publicar outro livros na Mondadori. Mas, em 1989, foi-me pedido escrevesse outro livro. Escrevi *I miracoli di Padre Pio.* Outro sucesso. Seguido de novo pedido do Editor para um novo livro sobre o Frade de Pietrelcina. Em breve, a Mondadori, uma casa editora laica, graças ao seu prestígio internacional e ao seu poder econó-

mico, tornou-se o canal de divulgação mais importante e eficaz da vida e das obras do Padre Pio.

Todos os meus nove livros sobre o Frade estigmatizado foram publicados pela Mondadori e todos se tornaram *best sellers*, sendo ainda publicados na prestigiosa colecção *Oscar Mondadori*.

Neste livro, que agora vê a quinta edição em língua portuguesa, eu tinha-me proposto contar a vida do Padre Pio não só referindo factos e episódios, mas procurando explicá-los, indicando o justo valor que eles tinham no contexto da existência do religioso.

Para ser mais claro e imediato, adoptei um sistema um pouco insólito na estruturação dos capítulos. De facto, cada um deles, está dividido em quatro partes: uma breve introdução que indica o seu tema, a exposição dos factos relevantes do período em estudo, um comentário daqueles factos (para explicá-los, ambientá-los e interpretá-los) e, por fim, uma série de frases de personagens célebres ditas sobre o Padre Pio.

Quase todas as biografias do Padre Pio que tinham sido escritas até àquele momento, estavam «manchadas» por um equívoco sub-reptício: por entre linhas, percebia-se que os seus autores eram obrigados e iniciar a caminhada de uma prudência estranha e desconfiada. A vida do Padre Pio apresentava-se demasiado repleta de eventos estrondosos e inimagináveis para poder ser contada de ânimo leve. O evento principal que a caracterizava eram os estigmas, que apareceram no seu corpo no dia 20 de Setembro de 1918, quando ele tinha 33 anos.

Aquele fenómeno atraiu a atenção e a curiosidade de modo tão avassalador que subverteu e alterou os parâmetros de uma avaliação serena. Era um evento absolutamente inimaginável. Depois, e sobretudo em consequência disso, na vida do Padre Pio manifestaram-se muitos outros fenómenos carismáticos que as autoridades eclesiásticas, receosas de um incremento do fanatismo e da superstição, hostilizaram de maneira tão decidida, que emitiram repetidas condenações contra o Padre, que nunca foram revogadas.

Esta atitude da Igreja tinha inexoravelmente «condicionado» todos aqueles que estavam interessados no Padre Pio. Os milhares de artigos sobre as curas por ele operadas, sobre

os seus estigmas, as suas bilocações, os perfumes, a sua leitura de pensamento, a sua visão antecipada dos factos e sobre as visões celestes foram escritos, tendo sempre bem presente que se relacionavam com um homem «condenado pela Igreja». Todas as coisas eram relatadas com desconfiança: «Diz-se que fez milagres»; «Diz-se que apareceu em dois lugares ao mesmo tempo»; «Os perfumes que as beatas afirmam sentir...». Mas nunca uma afirmação precisa, concreta, objectiva.

Ora, depois que a Igreja aprovou a heroicidade das virtudes por ele praticadas, já não havia dúvidas, já não havia travões nem factores de inibição. A partir de então, o biógrafo podia finalmente deter-se na verdadeira personalidade do Padre, na sua real dimensão humana, para descobrir e ilustrar a sua sensibilidade apurada, a sua incrível bondade, a sua comovente participação nos sofrimentos dos irmãos, o seu grande e caloroso sentido da amizade, a sua poderosa capacidade de amar, a sua fortíssima aptidão para se relacionar com as pessoas, o seu humor subtil e sagaz. Em suma, agora e por fim, já se podia descobrir o verdadeiro Padre Pio: um homem extraordinário, imprevisível, arguto, generoso, sólido e concreto. Um santo, mas um santo no meio de nós e muito semelhante a nós.

Escrevi este livro precisamente naquele período de tempo e com este objectivo. Portanto, poderia dizer que se tratou da primeira biografia «livre» de medos e preconceitos, do primeiro livro em que se podia falar dos carismas do Padre Pio sem reticências, porque haviam sido reconhecidos pela suprema Autoridade eclesiástica.

Como sempre, trabalhei com a mentalidade do cronista, isto é, com o objectivo de referir os factos e procurar humildemente captar o seu significado. As fontes principais de que me servi na minha pesquisa são as mais credíveis e rigorosas. Quero citar algumas, até para exprimir um sentido agradecimento às pessoas que, através daquelas fontes, me ajudaram neste trabalho.

Em primeiro lugar, os escritos do Padre Pio, que constituem os documentos fundamentais para conhecer as suas experiências místicas, sobretudo no que se refere à sua juventude e que foram reunidos, com amor e trabalho, amor e perícia, em quatro volumes, e diligentemente ordenados por uma

equipa de religiosos chefiada pelo Padre Gerardo di Flumeri, que foi vice-postulador da causa de beatificação do Padre Pio e, há alguns anos, voltou à «casa do Pai».

Depois, os livros do Padre Alessandro da Ripabottoni que considero o verdadeiro grande historiador do Padre Pio. Um homem escrupuloso, meticuloso, documentadíssimo e respeitador da verdade. Que também foi discípulo do Padre Pio, pelo que também pôde confrontar a sua versão de muitos dos factos que refere nos seus livros com a do próprio biografado.

Foram igualmente preciosas as duas revistas oficiais em tudo o que se refere ao Padre: *La voce di Padre Pio* e *Casa Sollievo della Sofferenza.* Também foram importantes os muitos testemunhos que recolhi em trinta anos de trabalho das pessoas que tiveram a felicidade de conhecer a fundo o Padre, de viver ao seu lado durante longos períodos e, portanto, informações e observações em primeira mão. Especialmente, Cleonice Morcaldi.

Sobre esta «filha espiritual» do Padre Pio, falecida em 1987, escrevi amplamente no meu livro *A tu per tu con Padre Pio,* publicando uma série completa de cartas que o Padre Pio lhe dirigiu e escritos inéditos da própria Cleonice. Mas aqueles inéditos eram só uma parte de quanto Cleonice deixou e que guardo comigo. Neste livro, quis reservar o último capítulo às recordações de Cleonice, intitulando-o «No coração do Padre Pio», porque estou convencido de que nenhuma outra pessoa conseguiu penetrar no coração do Padre como ele o fez.

P. A.

1

Uma criança feliz

(1887-1892)

Uma nova vida é sempre um milagre que vem enriquecer o mundo. Não importa se pertence a uma família rica ou pobre, famosa ou anónima. A criança é uma ilha feliz, uma centelha que ilumina e incendeia.

Os biógrafos, escrevendo sobre o Padre Pio, tendem a favorecer a tese da infância triste. Apresentam-no como filho de gente muito pobre, que nem sequer tinha o necessário para matar a fome. Por isso ele teria crescido infeliz, solitário e melancólico, segundo estes intérpretes mal informados, tornando-se depois, já adulto, um religioso severo, silencioso, austero e misógino.

Trata-se de fantasias que não correspondem, de modo algum, à realidade histórica.

O Padre Pio passou uma infância serena, no seio de uma família alegre, jovem e muito unida.

Os seus pais não eram ricos, mas também não eram pobres: eram pequenos proprietários, e conseguiam manter a família trabalhando a terra com suas próprias mãos.

Os factos

O futuro Padre Pio nasceu às 5 horas da tarde do dia 25 de Maio de 1887, em Pietrelcina, aldeia situada a treze quilómetros da capital de distrito, Benevento, 350 metros acima do nível do mar.

O pai, Grazio Forgione, tinha vinte e seis anos, e a mãe, Maria Giuseppa Di Nunzio, quase vinte e oito. Tinham casado a 8 de Junho de 1881 e já tinham tido três filhos: Michele,

Francesco e Amalia, mas só o primeiro tinha sobrevivido. O novo filho, portanto, era o quarto rebento do casal.

De estatura inferior à média, com as pernas bastante arqueadas, Grazio tinha um rosto de traços decididos, olhos muito negros e vivos, e sobrancelhas espessas. Extrovertido e cordial, gostava da paródia. Tinha uma bela voz e divertia-se com um amigo, que sabia tocar «calascione», uma espécie de guitarra, percorrendo a aldeia a fazer serenatas às raparigas.

Conservou sempre esse carácter extrovertido e sincero. Homem simples e justo, revelava uma inteligência perspicaz e activa, que traduzia imediatamente qualquer pensamento em acção. Exprimia-se de forma fantasiosa, utilizando uma pitoresca linguagem em dialecto. Esgotado de cansaço, pelo trabalho duro, tinha, no entanto, maneiras expeditas. Sempre cheio de entusiasmo e de iniciativas, transbordava de optimismo e alegria, que transmitia através de brincadeiras e ditos espirituosos.

Mas tinha também uma forte sensibilidade instintiva, que transmitiu ao filho. Durante o trabalho nos campos, as suas mãos duras e gretadas não se recusavam, por exemplo, a afastar uma formiga ou qualquer outro insecto. Dizia ele: «Pobre animalzinho, porque há-de morrer?»

Por vezes, no calor do discurso, também utilizava expressões pouco reverentes, mas sem malícia alguma, embora fizessem ensombrar o rosto do pequeno Francesco.

Antes de desposar Giuseppa Di Nunzio, Grazio tinha estado noivo de uma certa Maria, mas, quando se começara a preparar o casamento, a família da rapariga não aceitou conceder determinado forno em dote, e o noivado desfez-se. Na realidade, talvez Grazio já tivesse posto os olhos em Giuseppa.

Esta era uma rapariga muito fina e elegante, com um carácter amável e reservado. Pertencia a uma família mais rica do que a de Grazio – mas não muito –, e ninguém pôs dificuldades à realização do casamento. Quando casaram, em 1881, Grazio e Giuseppa tinham respectivamente vinte e vinte e um anos. O Registo Civil classificou-os como proprietários.

Grazio, com efeito, tinha um pouco de terra que ele próprio cultivava. A mulher tinha-lhe trazido em dote mais alguns campos. Eram, portanto, da classe média. Não pertenciam aos ricos proprietários de terras, mas também não faziam

parte dos assalariados rurais, os pobres que, para viver, se viam obrigados a trabalhar à jorna a terra dos outros.

A propriedade de Grazio Forgione situava-se quase toda em Piana Romana, localidade a cerca de uma hora de caminho de Pietrelcina. Giuseppa tinha-lhe trazido em dote uma vinha e uma quinta, também em Piana Romana. Além disso, alguns anos após o casamento, Grazio tinha comprado outros campos, de terra muito fértil, constituindo assim um fundo discreto, que o empenhava muito mas que também lhe dava algumas satisfações.

Imediatamente após as bodas, Grazio e Giuseppa foram viver para casa dos pais da esposa. Mais tarde mudaram-se para a casa paterna dos Forgione, e foi aqui que Francesco veio ao mundo.

A casa era formada por várias divisões, dispostas ao longo de uma pequena rua, o beco Storto Valle. O quarto de dormir era o número 27, hoje 32, ao fundo da ruela. A cozinha era o número 28; o estábulo dava para o pátio em frente à cozinha e, mais adiante, tinham mais uma divisão, isolada, semelhante a uma pequena torre, encostada à rocha, à qual se acedia através de uma escada muito íngreme.

Em Agosto de 1962, um tremendo terramoto destruiu parcialmente a aldeia, mas todas as construções do Quartiere Castello, onde se encontram as casas que pertenciam à família do Padre Pio, não sofreram dano algum devido ao cataclismo. Eram casas de construção frágil, feitas com «cal magra», apoiadas na rocha viva, e parecia que uma rajada de vento era o bastante para as levar pelos ares. Mas, estranhamente, nem sequer o terramoto as fez ruir. Mais tarde, viriam a ser sabiamente restauradas, primeiro pela sobrinha do Padre Pio, Pia Forgione, e depois pela administração comunal. Por isso ainda hoje podemos vê-las, tão conservadas como quando a família do Padre Pio vivia nelas.

O quarto dos Forgione, onde nasceu o Padre Pio, está ligeiramente acima do nível da rua. Para entrar nele é necessário subir três degraus. A porta, robusta, tem um anel como batente e, à direita, em baixo, uma pequena abertura, o famoso «buraco do gato», que havia em todas as antigas casas de Pietrelcina. O telhado é de telha. O interior é simples e digno, com tecto e pavimento de tijolo. A cama do casal, que ocupa toda a parede em frente à janela, é alta, formada por tábuas simples,

apoiadas em cavaletes de ferro, com dois colchões, um de folhas de milho e outro de penas de galinha. Além disso, vêem-se algumas arcas de roupa encostadas à parede, e várias cadeiras.

No dia em que o Padre Pio nasceu, Giuseppa tinha ido trabalhar nos campos, com o marido, como sempre fazia.

À tarde sentiu as primeiras dores de parto. Disse a Grazio que não se sentia bem e dirigiu-se para casa. Grazio foi obrigado a acabar o trabalho sozinho e, depois, regressou muito apressado a casa, ao saber que o bebé já tinha nascido.

No dia seguinte, Grazio foi à Câmara, para registar o nascimento e, imediatamente a seguir, levou o bebé à igreja para o baptismo. Tanto a certidão do registo civil, como a de baptismo, ostentam apenas a assinatura das testemunhas, pois tanto Grazio como a sua mulher, eram analfabetos, e nem sequer sabiam assinar o seu nome.

A criança recebeu o nome de Francesco. Nome insólito, na família dos dois esposos. Quanto pudemos apurar, nenhum dos seus antepassados directos se chamava Francesco. Contudo, devia ser um nome importante para Grazio e Giuseppa, pois também o tinham dado ao seu segundo filho, falecido poucos dias após o nascimento.

Já alguém escreveu que provavelmente escolheram esse nome por devoção a São Francisco de Assis, ou a São Francisco de Paula, grande taumaturgo muito venerado no Sul de Itália. Ao que parece, porém, a razão era mais simples. Um tio de Grazio, chamado Francesco, ao morrer tinha deixado uma casa ao sobrinho. Grazio, que pretendia de algum modo pagar essa dívida, terá pensado, portanto, dar o nome do tio a um dos seus filhos.

O pequeno Francesco cresceu num ambiente sereno e confortável, rodeado pelo afecto dos pais. Estes eram muito unidos e, depois de Francesco, tiveram mais alguns filhos: Felicita, Pellegrina, Grazia e Mario, o último, que só viveu até aos onze meses.

Quando ainda usava cueiros, Francesco chorava muito de noite, não se sabe porquê. Enquanto Giuseppa suportava aqueles lamentos, sofrendo no seu coração, pois temia que o filho estivesse afectado por alguma doença misteriosa, Grazio, pelo contrário, perdia a paciência. Os seus dias eram pesados.

Levantava-se quando ainda estava escuro e regressava do campo depois do pôr-do-sol. Fizesse frio ou calor, passava horas e horas a trabalhar a terra, dobrado em dois, sempre com cargas às costas. À noite, o seu corpo quebrantado e o choro ininterrupto da criança, que o impedia de dormir, exasperavam-no.

Queixava-se à mulher. Nos anos anteriores tinha perdido dois filhos pequenos, e agora perguntava, exasperado: «Mas este nunca mais morre?»

Uma noite perdeu a paciência. Francesco chorava mais do que o costume. Grazio, por seu lado, estava mais cansado do que nunca. Procurou acalmar o pequeno. Em seguida ralhou-lhe, levantando a voz. Nada. Por fim, pegou-lhe ao colo. «Mas porque havia de me nascer em casa um diabo, em vez de um cristão?», perguntou, atirando-o com fúria para cima da cama. O bebé rolou sobre os cobertores e caiu do outro lado. Giuseppa acorreu, assustada. «Mataste-me o filho.» Na verdade, Francesco não tinha sofrido a mínima beliscadura. No entanto, tinha parado de chorar. E o Padre Pio, que contava muitas vezes este episódio, concluía: «A partir daquele dia, nunca mais chorei.»

Naquela época, em Pietrelcina, dava-se muito crédito às práticas contra os feitiços. O mau-olhado era altamente temido, e procurava-se combatê-lo por todos os meios. Mau-olhado significava «malefício» provocado pelas forças do Mal; por Satanás ou por pessoas malvadas, que recorriam à ajuda de Satanás. Por isso era combatido através das orações e dos rituais que se faziam paralelamente às práticas religiosas. Os próprios sacerdotes não se escandalizavam, não proibiam as pessoas de combater tais malefícios, porquanto eles próprios sabiam que a influência de Satanás não tem limites.

Giuseppa e Grazio Forgione, por exemplo, tinham casado respeitando integralmente uma série de «cerimónias» paralelas ao rito religioso, que mergulhavam as suas raízes na superstição popular. Dirigindo-se à igreja para a cerimónia religiosa, Giuseppa, além de envergar o típico trajo pietrelcinense, trazia ao pescoço, escondida por baixo do vestido, uma pequena bolsa de pano, que continha as imagens de treze santos, todos eles varões, e no bolso um par de tesouras.

A pia de água benta da igreja tinha sido coberta com uma toalha das mãos, a fim de que ninguém pudesse mergulhar os

dedos na água benta antes da esposa, para não lhe fazer mal. Durante a cerimónia, Giuseppa meteu uma ponta da própria veste nupcial sob o joelho do esposo, para assim manter as «coisas más» afastadas.

Como o menino chorava muito de noite, a mamã Peppa decidiu consultar um vidente, para saber se o pequeno tinha sido vítima de mau-olhado.

Levou Francesco a Giuseppe Fajella, um homem misterioso, muito conhecido em Pietrelcina, que morava perto da casa dos Forgione. Dotado de penetrantes olhos azuis, Fajella tinha um modo de falar lento: uma doença da fala obrigava-o a separar as sílabas entre si. De saúde débil, desde sempre, tinha dedicado a sua vida ao estudo das constelações. Possuía um livro, chamado o *Rutilio*, cheio de signos do Zodíaco e de horóscopos. Tinha fama de ser um grande adivinho e, na aldeia, muitos acorriam a consultá-lo. As jovens mães levavam-lhe os seus bebés.

Frente ao pequeno Francesco, Giuseppe Fajella abriu as páginas do seu *Rutilio* e, levantando os olhos ao céu, balbuciou com voz trémula: «Esta criança será honrada por todo o mundo. Pelas suas mãos passará muito e muito dinheiro, mas não possuirá nada.»

Referindo-se muitas vezes ao episódio, a mamã Peppa dizia: «Quem sabe? Talvez, quando for grande, o Francesco vá para a América, e assim venha a ser mundialmente conhecido.»

O Padre Pio contava com frequência o mesmo episódio, acrescentando que o Fajella, naquela ocasião, também tinha dito que ele viveria até aos noventa e oito anos. O Padre gracejava sobre este pormenor, comentando que, na verdade, não se podia ter a certeza se ele morreria mesmo aos noventa e oito anos. Com efeito, através do seu *Rutilio*, Fajella tinha deduzido que, nessa idade, ocorreria para ele um «grande facto», ou um «problema tremendo», mas não tinha especificado se se tratava da sua morte. «Poderia ser qualquer coisa diferente», opinava o Padre Pio, gracejando.

Por volta dos dois anos, o pequeno Francesco sofria de frequentes dores abdominais, distúrbios que continuou a ter muitas vezes, também em adulto. A mãe decidiu consultar mais uma vez um vidente. Nessa ocasião levou Francesco a uma curandeira, ou «maga», como lhe chamavam. A mu-

lher pegou na criança pelas pernas e de cabeça para baixo, pronunciando as suas fórmulas deprecatórias. O Padre Pio comentava, referindo-se ao facto: «Segurou-me pelas pernas, como um cordeiro.»

Aparte estes contratempos, e alguns outros, pouco importantes, Francesco ia crescendo tranquilo, num ambiente sereno. Como já dissemos, embora não pertencesse a uma família rica, também não era pobre, e por isso não foi obrigado a padecer fome, como muitas vezes foi escrito, nem frio, nem miséria ou negligência. Teve uma primeira infância alegre porque a mãe, o pai, os irmãos, os parentes e vizinhos gostavam dele e acarinhavam-no. Podemos dizer que foi uma criança normal, ou antes, afortunada e feliz.

Também era muito bonito, com o rosto rubicundo e roliço e, quando a mãe Peppa o levava à rua, as comadres e as raparigas do burgo queriam pegar-lhe ao colo e cobriam-no de beijos.

A essa harmonia familiar vinha juntar-se a serenidade conferida pela fé. Com efeito, Giuseppa e Grazio tinham uma profunda fé religiosa, sentida e assimilada. Sabe-se que os dois jovens cônjuges costumavam rezar juntos, sobretudo à noite. Quase todos os dias, Peppa fazia uma visita à igreja. A família reunia-se muitas vezes para recitar o terço em conjunto.

Para compreender melhor

Como já vimos nas páginas anteriores, a infância do futuro Padre Pio pode ser definida como absolutamente normal. Aquele que viria a ser o «santo do século vinte», uma das personalidades religiosas mais conhecidas do mundo, um dos místicos mais extraordinários, nos primeiros anos da sua existência foi uma criança como todas as outras.

Era uma criança serena e feliz, integrada num tranquilo ambiente campesino. Não se encontra nada que possa fazer prever a sua futura existência, inacreditavelmente cheia de fenómenos portentosos, inadmissíveis para a razão humana, como bilocações, perfumes, curas, leitura do pensamento, visões, lutas furiosas contra as forças do mal, previsões do futuro, até ao ponto de ele próprio ter confiado a um seu filho espiritual: «Eu sou um mistério frente a mim próprio.»

Nos seus pais também não se encontra nada de extraordinário. Grazio Forgione e Giuseppa Di Nunzio são duas pessoas sãs, equilibradas, que amam a família e o trabalho. Duas pessoas jovens e alegres, analfabetas, é certo: nunca tinham ido à escola, pelo que sentiam pena, mas isso não constituía problema para eles.

Revelavam uma inteligência prática, e uma perspicaz sabedoria campesina. A sua fé em Deus era simples e imediata. De tipo popular, estava por isso misturada com uma pitada de superstição, mas sem dramas nem maldades. A mãe Peppa não hesitava em consultar videntes e magos, quando se sentia em dificuldades, como então era hábito em Pietrelcina.

De resto, não podia ser de outro modo. Nós hoje sabemos que aquela criança estava destinada ou fora chamada a tornar-se um grande campião de espiritualidade, um homem em cujo corpo seriam misteriosamente impressas as chagas de Cristo, o único sacerdote estigmatizado da história. Um mártir que, durante cinquenta anos, suportou indizíveis sofrimentos físicos. E tudo isto por uma missão altíssima: ser *alter Christus*, um «segundo Cristo», ou seja, colaborar no mistério da Redenção do mundo.

Nada disto podia estar total e completamente ausente da infância do Padre Pio. E de facto não estava. Desde os primeiros anos de vida, podem notar-se nele alguns factos indicativos, para os quais não se encontram explicações racionais.

Quando a sua idade já ia avançada, o próprio Padre Pio, falando da sua infância, deu a entender que esta foi atravessada por experiências extraordinárias. Certo dia confiou à sua filha espiritual predilecta, Cleonice Morcaldi, que se lembrava de tudo o que lhe ocorrera na infância, até mesmo de factos que tinham acontecido quando tinha ainda poucos meses.

Referindo-se àquelas famosas crises de choro nocturnas, que tanto exasperavam o seu pai, confiou a Cleonice: «A minha mãe, depois de me deitar, apagava a luz e então aproximavam-se de mim muitos monstros, que me faziam chorar. Voltava a acender a luz e eu calava-me, porque os monstros desapareciam. Apagava-a novamente, e eu recomeçava a chorar, por causa dos monstros.»

Que tipo de monstros eram aqueles? Os factos remontam à data em que a criança contava um ou dois anos de idade. A

sua fantasia não estava em condições de construir imagens capazes de o assustar. Eram certamente monstros especiais, de origem irracional. De facto, é o próprio Padre Pio que esclarece, sem sombra de dúvida, a natureza daqueles monstros. A sua mãe, já idosa, recordando aqueles dias remotos, queixava-se ao Padre Pio: «Como me assustavas com aqueles teus lamentos, quando eras pequeno.» E ele respondia-lhe: «Mãezinha, era o demónio que me atormentava.»

A frase da mãe Peppa leva-nos a entender que aquele choro não era absolutamente nada normal, a ponto de a assustar. A resposta do Padre Pio não deixa dúvidas sobre a origem do seu pranto. Noutra ocasião, referindo-se a este assunto, o Padre Pio confessou que, quando era pequeno, Satanás tinha chegado mesmo a tentar matá-lo.

Estes episódios e estas frases abrem um dos capítulos mais importantes para a verdadeira compreensão da vida do Padre Pio: a presença das forças do Mal, de Satanás.

Só hoje, estando a Igreja prestes a elevá-lo à glória dos altares, nos damos conta da grande missão que ele fora chamado a desempenhar neste mundo. Mas Satanás, espírito puríssimo e inteligentíssimo, capaz de conhecer o próprio futuro, sabia-o desde que o Padre Pio usava fraldas. Começou por isso a atormentá-lo, fazendo tudo para impedir que Francesco Forgione viesse a ser o Padre Pio, e se realizasse assim aquele grande desígnio que Deus tinha para ele. Por isso chegou mesmo a tentar matá-lo, segundo palavras do próprio Padre.

Muitos biógrafos abordam ao de leve o tema da presença das forças do mal na vida do Padre Pio. Os próprios biógrafos religiosos recusam-se a aprofundar este assunto por ser «inquietante» e porque, segundo eles, poderia não agradar ao cristão de hoje, que tem dificuldade em acreditar em Satanás.

É um erro. Se nos recusamos a tocar este tema, grande parte da vida do Padre Pio continua a não se compreender. Inúmeros episódios, factos narrados nas crónicas, uma quantidade imensa das suas palavras nunca teriam explicação. Enquanto o Padre era uma figura polémica, poder-se-ia pensar também que tudo aquilo que se referia a Satanás era fruto de uma fantasia propensa a dramatizar conceitos religiosos mal interpretados, «coisas da Idade Média», como muitos escreveram. Mas agora, que a santidade do Padre é oficialmente reco-

nhecida pela Igreja, essas explicações perdem todo o valor. Agora é necessário acreditar naquilo que o Padre deixou escrito sobre este assunto, naquilo que ele contou sobre as suas lutas renhidas, até mesmo físicas, como veremos, com Satanás; lutas que o deixavam exausto, ensanguentado e cheio de equimoses. Este tema toca verdades espiri-tuais terríveis, mas também importantíssimas, que devem ser encaradas de frente, para podermos compreender o Padre Pio e a sua missão.

O que ele disse

Em 1960, disse a uma sua conterrânea e filha espiritual, Lucia Iadanza: «Minha filha, eu lembro-me de Pietrelcina, pedra por pedra.»

Repetia com frequência: «Eu valorizei San Giovanni em vida; Pietrelcina... valorizá-la-ei depois da morte.»

O pintor Lino Farnesi ofereceu-lhe um conjunto de quadros que retratavam as casas de Pietrelcina e o Padre disse: «Devolveste-me quarenta anos de vida.»

Alguns anos antes da morte do Padre Pio, Adolfo Affatato, de Foggia, foi visitá-lo e levou-lhe um pequeno filme sobre Pietrelcina. Vendo os lugares da sua infância, o Padre chorou de comoção. Aproveitando a ocasião, Adolfo pediu-lhe que abençoasse o seu casamento, já próximo, e o Padre retorquiu: «Fá-lo-ei, sim, nem que seja à meia-noite. Aquilo que me deste hoje não tem preço; estou-te grato, meu filho.»

O que disseram acerca dele

A parteira, Grazia Formichelli, imediatamente depois do parto, disse à mãe Peppa: «Giuseppa, o bebé nasceu envolvido num véu branco, e isso é bom sinal: ele será grande e afortunado.»

Uma prima de Francesco que, ainda nova, lhe pegava muitas vezes ao colo, atraída pela sua beleza, repetia: «Era lindo, tinha um rosto lindo, cheio, escorreito; era lindo em tudo.»

2

O mistério de uma chamada

(1892-1897)

O arco de tempo que decorre dos cinco aos dez anos é fundamental para a formação de uma pessoa.

De um modo geral, nesse período, a criança enfrenta as escolas da obrigação, que lhe fornecem as bases da sua futura cultura, convive com os da sua idade e com o mundo exterior, assimilando esquemas de comportamento com os outros, e na sua mente começam a levantar-se as primeiras questões sobre os mistérios da existência.

Também a realidade religiosa tem grande importância nessa idade.

A forma como a criança se aproxima das presenças invisíveis de que ouve falar é misteriosa mas muito sentida. Muitas vezes a criança tem o seu próprio ritmo autónomo de desenvolvimento e, por vezes, a intervenção dos adultos só serve para destruir um encanto e um entendimento maravilhosos.

São muitas as pessoas que, ao recordar a sua infância, têm reminiscências de visões, aparições e experiências fantásticas. O Padre Pio teve-as e viveu-as.

Os factos

Por volta dos cinco anos o futuro Padre Pio começou a passar por experiências que ultrapassavam os limites das experiências humanas normais.

Sabemo-lo pelo próprio religioso. A dado momento da sua vida, quando já era sacerdote, os seus superiores, descobrindo que nele se verificavam acontecimentos misteriosos, obrigando-o a pôr por escrito todos os factos particulares que tinham

ocorrido na sua vida. Como lhe repugnasse fazê-lo, o Padre Benedetto, seu director espiritual, e o Padre Agostino, seu confessor, apresentaram-lhe uma série de perguntas por escrito, pedindo-lhe respostas precisas. Deste modo, o Padre Pio viu-se constrangido a revelar os segredos da sua alma.

Assim, estamos em condições de saber que, aos cinco anos, a sua vida espiritual era viva e intensa. Era alimentada pelos ensinamentos de sua mãe e do pároco, mas, sobretudo, por sugestões de outros seres espirituais misteriosos, com os quais já tinha uma grande familiaridade.

O Padre Agostino, seu confessor, escreveu: «Os êxtases e as aparições, no Padre Pio, começaram durante o quinto ano da sua vida... e foram contínuos. Interrogado sobre como tinha conseguido ocultá-los durante tanto tempo, respondeu com candura que não os tinha manifestado pois julgava que eram coisas vulgares, que sucediam a todas as almas. Com efeito, certo dia perguntou-me com ingenuidade: "E o senhor não vê a Nossa Senhora?" Frente à minha resposta negativa, replicou: "O senhor não o diz por santa humildade".»

O Padre Benedetto, seu director espiritual, dá-nos a saber que, aos cinco anos, Francesco consagrou a sua vida ao Sagrado Coração de Jesus. Fê-lo certo dia, quando se encontrava sozinho na igreja. Jesus apareceu-lhe em seguida, no altar-mor, fez-lhe sinal para se aproximar e pousou-lhe a mão na cabeça, em sinal de afecto e de agrado pela consagração que o pequeno Francesco fizera.

Um dos seres que lhe apareciam com maior frequência era o Anjo da Guarda, que ele passará a chamar desde então, em várias cartas, «o doce companheiro da minha infância».

O Padre Agostino, seu confessor, refere que, a par das aparições e dos êxtases, a partir dos cinco anos de idade, Francesco começou a ser atormentado pelo demónio, que lhe aparecia vestido de homem ou de besta, «sob formas altamente obscenas», assumindo muitas vezes a aparência de pessoas que lhe eram queridas.

Chegado à idade de ir para a escola, Francesco não é enviado para lá. Grazio tinha tido uma experiência frustrante com o seu primogénito, Michele. Tinha-o feito frequentar a escola durante três anos, privando-se da sua ajuda no tra-

balho dos campos, mas, segundo ele, Michele não tinha tirado qualquer proveito da experiência. Por isso considerava oportuno não repetir a experiência com Francesco.

Aos seis anos, o petiz começou a tornar-se útil em casa. Grazio confiou-lhe o cuidado das ovelhas. Eram umas seis ou sete, e Francesco foi incumbido de as levar a pastar em Piana Romana, onde a família Forgione possuía os campos e a quinta.

Francesco entregava-se de boa vontade a essa tarefa. A terra da sua família, em Piana Romana, confinava com a de outras famílias amigas, que tinham filhos mais ou menos da sua idade, e por isso apascentava as ovelhas na sua companhia.

Contudo, Francesco revelava exigências insólitas na escolha das amizades. Era uma criança com uma sensibilidade e uma graça particulares. Ia recebendo, de mestres invisíveis, uma educação mais refinada e mais elevada do que aquela que lhe podiam oferecer os seus pais camponeses.

Os testemunhos precisos das pessoas do seu tempo, dão-nos a saber que tinha escolhido poucos amigos, tendo-o feito entre aqueles que «não falavam com maldade». Gostava muito da companhia dos filhos da família Scocca, que também eram seus primos: Maria, Cosmo e, sobretudo, Mercúrio. Gostava também dos filhos da família Orlando: Nicola, Luigi e Giuseppe. Outro seu amigo querido era Ubaldo Vecchiarino, dois anos mais velho do que ele.

«Enquanto as ovelhas tasquinhavam a erva», contaria mais tarde Luigi Orlando, «nós brincávamos e também lutávamos. Francesco vencia-me quase sempre, pois era maior do que eu. Uma vez, enquanto lutávamos, caímos, e ele empurrou-me as costas contra o chão. Tentei deitá-lo abaixo, com todas as minhas forças, invertendo assim a situação, mas debalde, e então soltei um palavrão forte. A reacção de Francesco foi imediata: largou-me, ergueu-se e fugiu num abrir e fechar de olhos. Ele nunca dizia palavrões nem queria ouvi-los dizer. Por isso evitava os companheiros "de olhar falso", ou seja, acostumados à palavra fácil, desprovidos de sinceridade, que não eram bons nem simpáticos.»

«Connosco era um rapaz como todos os outros, mas educado, e bastante reservado. Sempre foi "como um lobo surdo", isto é, de poucas falas, e nunca falava da sua vida.»

Enquanto estava com os amigos, brincava, mas, mal ficava

sozinho, entregava-se à oração. A oração era para ele uma actividade gratificante, tal como a brincadeira. Para isso contribuía o facto de não consistir em repetições de fórmulas abstractas, mas por «conversas» com seres que ele bem conhecia e que, como já vimos, eram os seus amigos invisíveis.

«Eu passava e via aquele rapaz que tinha o terço na mão e o recitava», contava um camponês. «Chamei o pai dele e disse-lhe: "Grazio, tens um santinho a apascentar as ovelhas". O padre sorriu e não respondeu nada.»

Por vezes, quando a família estava na casa de Pietrelcina, ao ver que Francesco estava sozinho em casa, e pensando que ele sentisse tristeza ou melancolia, a mãe insistia para que fosse brincar com os rapazes da sua idade, que ouvia na rua, a rir; mas o filho esquivava-se e dizia: «Não quero ir, porque eles dizem asneiras.»

D. Giuseppe Orlando, então jovem sacerdote, referiu que, embora a mãe Peppa preparasse com muito cuidado uma cama cómoda e macia para Francesco, este, desde pequenino, preferia dormir no chão, com uma pedra por travesseiro.

Quando estava em Piana Romana, mal podia fazê-lo sem dar nas vistas, por isso Francesco retirava-se para uma cabana de palha, da propriedade da família Scocca, que estava situada num lugar solitário. Aí rezava e meditava. Talvez até se encontrasse com os seus «amigos invisíveis».

Quando estava em Pietrelcina, preferia um pequeno quarto, propriedade da família, mas isolado do resto da casa. Estava encostado a um penhasco, contra as muralhas da cidade, e para chegar lá era necessário subir uma escada muito íngreme: tinha o aspecto de uma pequena torre, e era assim que os Forgione lhe chamavam: «a torrinha.»

A mamã Peppa contava que, durante aqueles anos, Francesco tinha contraído o hábito de se fustigar com uma pequena corrente de ferro. Certo dia ouviu ruídos estranhos por detrás da cama do seu quarto, aproximou-se e viu Francesco a flagelar-se. Preocupada, fê-lo parar, mas ele repetia o rito com frequência. «Mas porque te flagelas assim, meu filho?», perguntou-lhe certo dia a mãe. «A corrente de ferro magoa.» E Francesco respondeu-lhe: «Devo flagelar-me como os judeus fizeram a Jesus, e mandaram-no matar, com as costas cheias de sangue.» Peppa dizia que tinha ficado abalada com

aquelas palavras e que, quando ouvia Francesco a flagelar-se, se afastava com lágrimas nos olhos.

Ubaldo Vecchiarino contava que ele e outros rapazes do grupo tinham compreendido que Francesco, no segredo da sua casa, tinha um comportamento bastante estranho para a mentalidade deles. Não lhe chamavam nomes, porque gostavam do seu amiguinho, mas tinham muita curiosidade e, nos longos serões de Inverno, com a sua comitiva de amigos, decidiam por vezes tentar descobrir o que estaria ele a fazer.

«Aproximávamo-nos da casa Forgione, com pezinhos de lã», contava ele, «e, depois de termos colocado pedras, umas sobre as outras, debaixo da janelinha baixa, protegida por uma grade de ferro, subíamos para espiar. A divisão estava às escuras, mas ouvíamos os golpes de alguém que batia no seu próprio corpo, com uma corda de cânhamo».

Frei Luca, um frade capuchinho, sobrinho de Michele, sacristão da igreja de Pietrelcina, recordava que Francesco, quando tinha cerca de nove anos, deixava-se fechar muitas vezes na igreja, para ficar sozinho a rezar, e marcava as horas a que o seu tio devia ir abrir-lhe a porta. Tinha sempre a preocupação de recomendar ao bom Michele que não contasse a ninguém aqueles seus pedidos.

Mercurio Scocca contava que, quando apascentavam as ovelhas, Francesco gostava de brincar «às procissões». Modelavam pessoas e carros com lama. Em seguida traçavam na terra um percurso, com caminhos que saíam e desciam de pequenos montículos, feitos de terra batida. Depois, enquanto faziam os carros e as pessoas percorrer os caminhos, empurrando-os à mão, Francesco cantava a plenos pulmões, enquanto Mercurio, que era desafinado, o acompanhava como podia.

Entretanto, porém, as ovelhas, deixadas à sua vontade, aproveitavam para desfolhar as culturas, provocando estragos. Os camponeses desatavam a gritar e, no fim, as procissões acabavam sempre com a pancada que os dois rapazes distraídos recebiam dos lesados. Mercurio lamentava-se: «Andávamos sempre a fazer procissões!»

Luigi Orlando contava que Francesco, todos os anos, em Dezembro, gostava de preparar o presépio e o construía pessoalmente, modelando os pastores e as várias personagens com argila.

Dedicava um cuidado especial ao Menino Jesus. «Fazia e refazia continuamente o Menino, contava Luigi. Quando acabava de fazer um, colocava-o na palma da mão, fixava-o durante muito tempo e depois dizia: "Não saiu como eu queria"; voltava então a amassar a argila, para fazer outro mais bonito.»

Um episódio importante, que ficou gravado na mente de Francesco, ocorreu quando ele tinha cerca de nove anos. Até na velhice, recordava-o ainda muitas vezes com emoção.

Grazio decidiu ir a São Pellegrino, um santuário bastante conhecido no Irpinia, e quis levar consigo Francesco.

San Pellegrino tinha fama de ser generoso na escuta das orações do povo, por isso o santuário era sempre frequentado por muitos devotos vindos de todas as partes do Sul da Itália.

Grazio dirigiu-se para lá de carroça, com uma comitiva de conterrâneos. Partiram de madrugada e a viagem durou várias horas.

O santuário, como sempre, estava cheio de devotos.

Frente ao altar de São Pellegrino havia muitos doentes. Entre eles destacava-se uma mulher que tinha nos braços uma criança disforme. Esta era esquelética, com uma cabeçorra enorme e, de vez em quando, emitia um som rouco, semelhante ao grito da gralha.

Aquela mulher murmurava orações, mantendo os olhos fixos na estátua do santo. O seu rosto estava marcado por um sofrimento profundo, como se a desgraça tivesse destruído toda a energia dentro de si. Quase parecia não ouvir os sons inarticulados que o seu filho emitia.

Francesco não tirava os olhos da mulher e da criança. Parecia fascinado por aquela cena piedosa. Certamente também se sentia tocado, comovido, envolvido por tanto sofrimento.

Entretanto, o pequeno tinha adormecido e deixara de emitir aqueles sons roucos. A mãe continuava a rezar. Depois, inesperadamente, a criança despertou e retomou aquele grito selvagem, de forma ainda mais enervante. Então a mulher, estremecendo de desespero, lançou o pequeno para cima do altar do santo, gritando: «Se não queres curá-lo, ao menos recebe-o de volta.»

Mas eis que aconteceu o incrível. A criança, caindo com es-

trondo no altar, deixou de grasnar e começou a gritar como um ser humano. Além disso, o seu choro era entrecortado por uma invocação magoada mas clara: «mamã, mamã», repetia ela.

Instalou-se a confusão. A mulher, que nunca tinha ouvido o filho pronunciar palavras de forma tão precisa, gritava que tinha sido milagre. Os peregrinos juntaram-se à sua volta, repletos de emoção. Aproximou-se também um padre que, tendo constatado o ocorrido, mandou tocar o sino grande, que anunciava ao povo um prodígio realizado por São Pellegrino.

A Francisco não tinha escapado o mínimo pormenor daquela cena. Continuava a fixar a criança curada, a mãe e a multidão comovida, como se estivesse enfeitiçado. Foi sacudido pela voz do pai: «Francì, vamos embora».

«Só mais um bocadinho», respondeu.

Não queria perder nada. A notícia do milagre tinha dado volta à praça. O repicar do sino grande tinha informado toda a aldeia do acontecido, e à igreja continuava a chegar cada vez mais gente.

Grazio deu outro abanão ao filho. «Vamos», ordenou, peremptório. Mas o rapaz parecia pregado no chão.

Ao fim de inúmeras chamadas do pai, acabou por se mover, mas já era tarde. A igreja estava agora apinhada de gente, e era impossível abrir caminho para sair. Assim, tiveram de ficar no meio da multidão até esta começar a dispersar-se. E Grazio, uma vez chegados ao exterior, não poupou uma reprimenda ao filho, por este não lhe ter dado ouvidos.

Como já dissemos, Francesco não ia à escola e passava a maior parte do tempo nos campos, com as ovelhas; mas o seu comportamento era delicado, exemplar, quase requintado. Parecia uma criança saída de um colégio suíço, e não um filho de pobres camponeses. Até os seus pais ficavam estupefactos com a maturidade que demonstrava. «À medida que ia crescendo», contaria mais tarde a mãe Peppa, «não cometia falta alguma, não tinha caprichos, obedecia-nos sempre, tanto a mim como a Grazio.»

É evidente que os «seres invisíveis», com os quais mantinha contínuos e misteriosos contactos, deixavam nele uma marca profunda. As palavras e os ensinamentos de tais seres iam modelando o seu espírito e inspirando a sua conduta.

Para a sua formação contribuíam certamente as recomendações dos pais e do pároco, mas muito mais ainda a acção dos «mestres invisíveis».

Nas pastagens não imitava o comportamento dos seus amigos, contrariamente ao que seria lógico. Seguia uma linha de conduta própria e precisa, que denotava uma forte dignidade interior, uma grande sensibilidade e uma graça especial.

As mães preparavam, todos os dias, o almoço, num saco, para os pastorinhos, que o metiam nos bolsos do casaco. Mas Francesco comportava-se de forma diversa. «Nós metíamos a mão no bolso e levávamos imediatamente o pão à boca», contava Vecchiarino. «Para Francesco, pelo contrário, o almoço desenrolava-se segundo uma cerimónia precisa. Sentava-se no chão, desatava as pontas do guardanapo, abria-o sobre os joelhos, olhava à sua volta, depois para o alto, e só então começava a comer com compostura. Se alguma migalha caía por terra, apanhava-a, beijava-a e depois comia-a. Nós, ao ver Francesco comer com o guardanapo branco, chamávamos-lhe "o *senhori*".»

O rapaz demonstrava ainda uma particular sensibilidade para com os animais. Embora se adaptasse à mentalidade do tempo e do ambiente em que crescia, revelava-se capaz de julgar a realidade segundo critérios diversos.

Um dos passatempos dos pastorinhos de Pietrelcina era «ir aos ninhos». A certa altura, todos os rapazes do campo o faziam, não só por curiosidade instintiva, mas também por necessidade alimentar. Era uma forma de «caça», destinada a procurar alimento para a família. Nessa época ninguém se admirava ou condenava aquela actividade como acção imprópria, tal como hoje ninguém condena as pessoas que criam galinhas para depois as comerem.

Francesco crescia como os outros rapazes da sua idade e não se diferenciava dos seus hábitos, a não ser quando lhe pareciam moralmente maus. Assim, também ele subia às árvores e «ia aos ninhos». Mas não tinha coragem para os apanhar. Os seus companheiros referiram mais tarde que ele se limitava a indicar onde tinha visto os ninhos, mas nunca os apanhava. Sentia que não era «coisa boa» fazê-lo.

Como já dissemos, no Natal, Francesco gostava muito de

preparar o presépio. Naquele tempo não se ia ao supermercado para comprar as figurinhas, as luzes às cores, as casinhas, etc. Quem quisesse ter o presépio, era obrigado a criá-lo. De um modo geral, os pais construíam-no para os filhos, mas Grazio tinha mais em que pensar. Então Francesco desenvencilhava-se sozinho.

Com a argila, modelava os pastores, as ovelhas, os anjos, São José, Nossa Senhora, o Menino Jesus e as casinhas. Mas também era necessário pensar nas luzes, que confeririam ao presépio o seu carácter sugestivo e encantador.

Em Pietrelcina não havia corrente eléctrica, sendo por isso necessário recorrer a candeeiros a óleo. Tinham de ser muito pequenos, para poder introduzi-los por entre o musgo, perto das casinhas minúsculas, junto aos grupos de ovelhas.

A habilidade dos rapazes de Pietrelcina daquela época era notável. Tinham aprendido a construir os candeeiros para introduzir no presépio com cascas de caracóis. Procuravam nos campos caracóis com a casca intacta. Depois removiam os inquilinos, limpavam bem a casca, enchiam-na de óleo, colocavam lá dentro um pequeno pavio e assim obtinham uma lanterninha magnífica.

Contudo, desalojar o inquilino da casca significava matar o pobre caracol. Disto se apercebia o futuro Padre Pio. E, enquanto os seus companheiros nem sequer pensavam nisso, ele pensava e sofria. Todavia, não havia soluções alternativas para iluminar o presépio.

Via-se por isso constrangido a adaptar-se, mas fazia-o com desagrado e sofrimento. Os seus companheiros de infância, que o ajudavam a construir o presépio, referiram que ele participava na apanha dos caracóis mas não na operação do seu esvaziamento. Confiava essa tarefa ao seu amigo Luigi Orlando, e nem sequer queria assistir.

Luigi Orlando contou ainda que Francesco nunca matava as lagartixas, como ele próprio e todos os outros faziam, curiosos de ver a cauda do animalzinho, que continuava a agitar-se sozinha.

O doutor Andrea Cardona, médico da família Forgione, recordava que Francesco tinha o costume de apanhar as migalhas de pão caídas na mesa, a fim de as recolher num prato e depois as dar aos animais domésticos.

Também se distinguia por um profundo sentido de pudor. Já idoso, o Padre Pio contava que, quando era criança, o seu pai, durante os meses quentes, acompanhava por vezes os filhos ao rio para tomar banho. Enquanto os outros se despiam e, gritando de alegria, chapinhavam na água, ele mantinha-se à parte; tirava os sapatos, arregaçava as calças, lavava os pés e depois dizia: «Eu também tomei banho.»

Durante os trabalhos de Verão, a família mudava-se para Piana Romana, onde ficava toda a semana. À noite dormiam na quinta, todos juntos, irmãos, irmãs e pais. Francesco, sempre que podia, tentava ficar sozinho, e dormia ao ar livre, ou na cabana de Mercurio, ou ainda num carro de feno. Se havia temporal, instalava-se em casa da tia Daria, que gostava muito dele, e lhe reservava um quarto individual.

Todos estes episódios mostram de forma evidente que Francesco tinha uma sensibilidade de espírito particular, que não o impedia, porém, de ser uma criança normal, viva e curiosa, uma criança como todas as outras.

O seu carácter expansivo e alegre, e a sua instintiva vivacidade também o levavam a cometer alguns excessos.

Recordando a sua própria infância, o Padre Pio dizia que os pais nunca lhe tinham batido, mas que também ele tinha recebido algumas repreensões.

Tais repreensões deviam-se, sobretudo, às suas implicações com as irmãs, em particular com Felicita, que era muito boa, e de quem Francesco gostava muito. Já velho, costumava contar: «Quando a Felicita se lavava (ainda não havia lavatórios de parede, eram lavatórios soltos), ia por detrás, dobrava-lhe a cabeça e metia-lha na água. E ela nem uma única vez me respondia mal. Dizia apenas: "Eh, Franci, nunca mais deixas de te meter comigo, pois não?" e sorria.»

Mas Peppa, pelo seu lado, zangava-se muito: «Anda cá, meu desavergonhado», exclamava, fazendo o gesto de lhe dar uma bofetada; mas as palavras nunca se transformavam em actos.

A mãe também se zangava porque muitas vezes Francesco voltava a casa com os calções rotos, à custa de subir às árvores para comer a fruta.

À mesa informava o marido das diabruras dos filhos, in-

cluindo as de Francesco. Grazio escutava em silêncio, rindo por detrás dos bigodes.

Certa vez quis mostrar-se severo e levantou-se da mesa, fingindo que ia bater em Francesco. Então Peppa meteu-se no meio, com autoridade, dizendo ao marido: «Os filhos são meus!»

Com os amigos, Francesco também era muito vivaço. Já vimos que com Mercurio brincava a «fazer procissões», mas divertia-se ainda de outras formas. Gostava das brincadeiras e das surpresas e era irresistivelmente curioso.

Certa noite, em Piana Romana, enquanto dormia num carro de feno, caiu vítima de uma partida do seu amigo Mercurio. Com efeito, este pegou no carro em que Francesco tinha adormecido e, devagarinho, puxou-o para longe, para campo aberto. Quando Francesco acordou, não conseguia orientar-se, nem compreendia onde se encontrava; o seu amigo, observando-o à distância, ria-se dele.

Depois acabou finalmente por compreender que se tratara de uma partida do seu amigo, e esperou pelo momento propício para se desforrar.

Passados vários dias surpreendeu Mercurio adormecido na sua cabana. Pegou então num grande saco de palha e encaixou-o com força na porta, prendendo o amigo que, ao despertar, não conseguiu sair lá de dentro.

Francesco tinha muito medo de ratos e de serpentes, e era louco por espargos. Certo dia, Mercurio matou uma serpente e escondeu-a muito bem numa moita de espargos. Em seguida foi ter com Francesco a correr e disse-lhe que tinha encontrado, logo ali ao lado, uma moita de espargos fantástica. Francesco caiu na esparrela. Começou a colher os espargos e, a certa altura, deu consigo a segurar a serpente que, embora morta, em contacto com a mão ainda se debatia. Francesco soltou um grito e correu para longe, prometendo ao amigo que ele havia de pagar caro pela brincadeira.

Aos dez anos estava nos campos com o seu irmão mais velho, Michele, que andava a ceifar favas. Francesco sentia-se fascinado com a foice, e pediu para experimentar. Michele não queria, por medo que ele se magoasse, mas acabou por ceder. Daí a pouco, Francesco deu um urro: tinha-se ferido num dedo e da ferida brotava muito sangue. Michele assustou-se,

pensando nas repreensões dos pais. Procurou estancar o sangue com o lenço, mas a ferida era profunda, e Francesco chorava desesperadamente. Michele levou-o então para junto de um ulmeiro jovem e, servindo-se dos dentes, arrancou de um ramo novo uma tira de casca e enrolou-a com força à volta da ferida. Em seguida convenceu o irmãozinho a não contar nada em casa. Quando contava o episódio, o Padre Pio mostrava a cicatriz, que nunca desaparecera das suas mãos.

Ainda durante aquele período, ou seja, por volta dos dez anos, adoeceu gravemente. Ficou de cama durante mais de um mês, quase sem comer. Tomava apenas algumas colheres de leite, para agradar à mãe. A febre era sempre muito alta e o definhamento parecia irreprimível.

Ao fim de quarenta dias de febre, o médico disse que a criança estava muito mal e que já não esperava conseguir salvá-lo. Foi um golpe para a família. Todos choravam, incluindo os parentes e vizinhos, porque todos gostavam muito do pequeno Francesco.

Numa tentativa desesperada, o médico receitou alguns comprimidos, recomendando à mãe Peppa que os administrasse ao filho com muito cuidado, não mais de um por dia.

Peppa colocou a caixa de comprimidos numa mesinha-de-cabeceira de parede, ao lado da cama, onde costumava colocar o candeeiro a óleo.

Francesco, porém, recusava-se a tomar o medicamento. A mãe não insistia. Preocupadíssima, rezava e dizia que só a Senhora do Livramento poderia salvar o seu menino.

Era Verão e toda a família estava ocupada nos campos, nos trabalhos da ceifa. Os Forgione tinham contratado alguns assalariados e era preciso alimentá-los também a eles. Peppa preparou uma travessa enorme de pimentos fritos. Recordando o episódio, o Padre Pio comentava: «Enquanto a mãe os cozinhava, eu estava na divisão contígua e sentia-me inebriado pelo seu perfume, mas não tinha coragem para pedir para os provar. Terminada a fritura, a mãe pegou numa boa metade dos pimentos e preparou-os a fim de os levar para Piana Romana, ao mesmo tempo que guardava a outra metade na despensa.»

Antes de sair de casa, Peppa, aflita e preocupada, disse ao filho: «Francesco, porta-te bem; eu tenho de ir ter com os tra-

balhadores a Piana Romana, mas volto logo. Não te mexas...; que a bela Senhora do Livramento te ajude.»

Francesco estava na cama, mais morto do que vivo, mas aquele perfume de pimentos não o deixava em paz. Passado pouco tempo, assegurando-se de que a mãe já estava longe, levantou-se devagarinho e, apoiando-se com as mãos na parede, por causa da fraqueza, arrastou-se até à despensa, abriu a porta e banqueteou-se com pimentos fritos. Depois, já saciado, voltou para a cama e adormeceu.

Depois do almoço, Peppa voltou para casa. «Francesco, meu filho, como te sentes?», perguntou ansiosa, mal acabou de entrar. E dirigiu-se imediatamente ao quarto. Mas Francesco dormia. Estava todo transpirado e tinha o rosto vermelho como sangue. Peppa assustou-se e correu a chamar o médico.

«Ter-lhe-ás dado, porventura, todos os comprimidos?», perguntou este, preocupado.

«Não tomou um sequer», ripostou Peppa.

O médico acompanhou-a até junto do menino. E também ele ficou perplexo. Tomou o pulso de Francesco e auscultou-lhe o coração. Estava tudo normal, ou antes, o estado de saúde da criança parecia perfeito. A febre tinha baixado para 36 graus, a língua estava limpa. Mas o menino continuava a apresentar um aspecto preocupante, pois estava vermelho como o fogo.

O médico não sabia como explicar aquela situação. Disse a Peppa que mantivesse o filho sob vigilância, que não lhe desse mais comprimidos e que o chamasse imediatamente se, durante a noite, houvesse algo de novo. Temia um colapso. Ele, de qualquer forma, voltaria na manhã seguinte.

A família Forgione passou uma noite em grande ansiedade. Peppa não pregou olho. Francesco, pelo contrário, dormia como uma pedra. De manhã sentia-se melhor. Quis levantar-se e pediu se podia ir até Piana Romana, mas a mãe opôs-se.

Como tinha de sair de casa, Peppa pediu a uma vizinha que desse uma olhadela ao filho, caso chegasse o médico. Francesco, aproveitando a ausência da mãe, levantou-se da cama, vestiu-se e dirigiu-se a Piana Romana. A vizinha só se apercebeu do facto quando já era tarde demais.

Peppa não pôde fazer mais nada senão pôr-se a caminho, para ir ter com o filho, ao campo. Tinha uma grande vontade

de o repreender, mas não ousou fazê-lo, pois via que ele, ao fim de tanto tempo, estava finalmente a recuperar as forças. Francesco ficou no campo durante vários dias, e o ar saudável contribuiu para a sua cura definitiva. Ao fim de uma semana estava esperto como antes da doença.

Um episódio que demonstra como ele era curioso e travesso, diz respeito à sua experiência com o fumo. O Padre Pio contava-o muitas vezes, e sempre com um meio sorriso nos lábios.

«Devia ter aí uns dez anos,» dizia ele em tom pomposo, pois era um hábil narrador, «quando, certo dia, em Piana Romana, o tio Pellegrino me chamou e me disse: "Franci, tu tens o pé ligeiro, aqui está o dinheiro; vai à aldeia comprar-me um charuto *toscano* e uma caixa de fósforos. Imediatamente, estás a ouvir?!..."».

Francesco foi mas, no regresso, chegado à torrente Pantaniello, estacou e, sentando-se numa pedra, disse para consigo: «Vamos lá ver a que sabe este fumo.» Pegou num fósforo, acendeu o charuto e, mal aspirou a primeira baforada, sentiu revolver-se-lhe o estômago e caiu por terra. Parecia-lhe que a terra girava num turbilhão. Passado pouco tempo recompôs-se e, andando devagarinho, voltou para a quinta. Cheio de ingenuidade contou tudo ao tio Pellegrino, que desatou a rir com o incidente. Mas Francesco manteve-se muito sério, pois ainda sentia a cabeça a andar à roda.

Certo dia viu um frade mendicante montar o próprio cavalo de um salto, com grande agilidade. Ficou fascinado e sentiu vontade de tentar fazer o mesmo. Pegou no seu burro, conduziu-o para fora do estábulo, aparelhou-o na eira e, após um longo arranque, saltou para cima dele, como tinha visto o frade fazer. Contudo, falhou o cálculo das distâncias e caiu do outro lado, batendo com a cabeça no chão.

Para compreender melhor

Os numerosos factos referidos apresentam-nos um quadro bastante significativo de como ia crescendo o futuro Padre

Pio. Era uma criança inteligente, viva e serena, na qual também se notavam fortes predisposições para a oração.

Este último dado, porém, não é de forma alguma anómalo ou especial, ou seja, reservado a poucas pessoas destinadas a uma «vocação» religiosa particular, como quase todos afirmam quando referem episódios semelhantes da vida dos santos.

É uma atitude normal. Segundo o Catecismo da Igreja Católica, «o homem é, por sua natureza e vocação, um ser religioso. Como vem de Deus e vai para Deus, não vive uma vida plenamente humana; pelo contrário, vive a sua relação com Deus, em liberdade.»

Escreveu Santo Agostinho: «Desde o seu nascimento o homem é convidado a dialogar com Deus: com efeito, o homem só existe porque, tendo sido criado por Deus, por amor, por Ele é conservado, também por amor.»

Trata-se de afirmações importantes que, outrora, na vida cristã, tinham um profundo significado real. Na nossa cultura, porém, perderam-no.

Para Francesco Forgione e, no fim do século passado, numa comunidade bastante isolada como era Pietrelcina, esta realidade ainda tinha significado. O «diálogo» inevitável entre a criação e Deus pôde assim nascer e desenvolver-se de forma serena, tornando-se imediatamente um milagre de entendimento, com todas as consequências daí decorrentes, ou seja, as evoluções que semelhante «relação» e semelhante «entendimento» podem produzir.

É evidente que Francesco nasceu com uma vocação especial. As pessoas que o conheceram naquele período, sobretudo os seus pais e parentes, foram mais tarde unânimes em referir que tinham compreendido como nele se manifestavam fenómenos misteriosos. Isso acontecia especialmente quando ele se isolava, quando se retirava para aquela pequena divisão a que chamavam «a torrinha». Aí Francesco entrava em contacto com seres de cuja presença mais ninguém se apercebia e, de algum modo, «falava» certamente com alguém.

Assim, no seu crescimento, era mais orientado por esses seres, do que pelos próprios pais e parentes, e pelo pároco. Recebia informações e conselhos a que os outros não tinham acesso. Por isso, a sua existência seguia um trilho privilegiado.

Além disso, este dado confirma aquilo que já dissemos, ou seja, que se tratava de um ser particular, um predilecto de Deus, uma pessoa dotada de carismas especiais, desde os seus primeiros anos de vida.

Tal diversidade, porém, entra numa lógica compreensível. Para dar um exemplo, podemos recordar aquilo que o Catecismo da Igreja diz a propósito de Nossa Senhora: «Para ser Mãe do Salvador, Maria foi enriquecida por Deus com dons dignos de tão grande missão». Conceito amplamente desenvolvido ao longo do Concílio Vaticano II, e expresso no documento conciliar *Lumen Gentium.*

Deus concede dons dignos da vocação para a qual uma pessoa é chamada. O Padre Pio era chamado a ser «outro Cristo». Tinha começado a responder a essa chamada de forma positiva desde o início da sua vida, e desde esse início fora cumulado por Deus com graças especiais.

Brota espontaneamente uma interrogação: Será que Deus tem preferências? Haverá também na vida espiritual pessoas de categoria A, B ou C, ou seja, categorias mais favorecidas, mais queridas pelo céu?

Isso não é verdade. A teologia ensina que todos os seres humanos são filhos de Deus. Ele tem certamente preferências, mas «como pai», por cada um dos seus filhos. Deus trata cada um como se fosse único, o único, o Unigénito.

Entramos assim no mistério da «chamada». Todos os homens são «chamados». Ao entrar na vida, trazem em si mesmos uma «chamada», ou seja, uma vocação, a razão da sua existência, a razão suprema: aquela pela qual Deus os amou.

A fé cristã ensina que cada ser humano é único e irrepetível. Isto significa que na história da criação nunca mais haverá outro ser semelhante ou igual a ele, não por impossibilidade da parte de Deus, mas pelo seu amor infinito.

Cada ser humano é explicitamente querido por Deus para um fim preciso, com características únicas, que não são inculcadas a mais ninguém. Realizar esta unicidade quer dizer realizar o desígnio de Deus e alcançar a própria perfeição. Quer dizer responder à vocação primária que está inscrita no DNA do próprio ser, por assim dizer.

A relação de cada ser humano com Deus é uma relação en-

tre pai e filho, portanto, uma relação de amor, de ternura, de atenções, de solicitude e de compreensão. Deus não é um pai distraído, ausente e desinteressado. A atenção que ele presta ao filho só pode ser imensa, contínua e protectora.

Por isso, os sinais especiais que se notam na vida dos santos não são «privilégios», mas elementos de um diálogo. São atenções divinas destinadas a ajudar ao desenvolvimento de uma «chamada», e prestadas na medida adequada, segundo a resposta proveniente do interessado.

Ao ler a vida dos santos, ficamos a saber que estes, quando eram crianças, tinham muitas vezes contactos misteriosos com o divino, com o mundo invisível. Tal facto deixa-nos maravilhados. É muito provável, porém, que, se procurarmos bem, esses contactos misteriosos estejam presentes na vida de todos os homens.

No princípio talvez se tratasse de uma intuição, de um sopro interior, de uma inspiração. O ambiente favorável, formado pelas pessoas que rodeavam a nova vida, terá ajudado e favorecido a evolução.

O futuro Padre Pio, na sua simplicidade de criança campesina, na sua transparência inocente, entrou imediatamente em sintonia com aquelas vozes. A mãe, a família e o ambiente não eram tão dispersivos que conseguissem destruir, impedir ou quebrar o encanto. E Deus, sendo pai daquela criança, cuidava dela com amor infinito, através de todo aquele mundo espiritual que escapa ao nosso olhar de seres mortais. Se o primeiro passo foi uma graça de Deus, os seguintes foram resultado da resposta a essa graça.

Entremos, raciocinando assim, no mundo da vida espiritual, que, como todas as coisas, tem um início, um desenvolvimento e uma maturação. É uma semente que depois germina, cresce, se fortalece, tornando-se adulta e passando a ser, por sua vez, vital.

Foi isto que aconteceu em Francesco criança. Simplesmente o início de um diálogo entre ele e Deus, o Pai.

Qual era o teor desse diálogo? A realização da unicidade daquele ser, ou seja, a vocação, a chamada.

Ao constatar aquilo que o Padre Pio fez no decorrer da sua vida, ficamos assombrados. Mas sentimos o mesmo ao observar as criações de um génio, de um artista, de um cientista.

Todas essas pessoas extraordinárias realizaram qualquer coisa de clamoroso. Na realidade, realizaram aquilo que lhes foi concedido, que era inerente à sua chamada, e que não é, de modo algum, melhor ou mais importante do que a humilde e aparentemente insignificante acção de qualquer outro mortal. Precisamente porque cada ser vivo é único e, quando se fala de unicidade, não existem comparações entre o pior ou o menos. O único é único. Cada uma das suas acções tem um valor infinito.

Ao longo daqueles anos, Deus colocou no coração do pequeno Francesco o germe daquilo que ele poderia vir a fazer, do papel que poderia vir a desempenhar, no desígnio da realidade criada, um papel que, como veremos, faz parte do mistério da Redenção. O pequeno Francesco, por quanto então podia intuir, deu uma resposta instintiva de generosidade total, e assim começou a aventura de entendimento entre ele e o Invisível.

O que ele disse

Falando com alguns conterrâneos: «Saudai por mim a Morgia. É possível que nunca mais volte a haver gente simpática e simples como naquele tempo.»

Durante a última guerra, Pietrelcina foi invadida pelos alemães. Alguns pietrelcinenses, preocupados com a sua terra, recomendaram-se ao Padre Pio, que lhes assegurou: «Ficai tranquilos, Pietrelcina será guardada como a pupila dos meus olhos.»

«Eu nunca disse que em rapaz era um pãozinho sem sal. Gostava de brincar, mas gostava ainda mais de observar as brincadeiras, porque isso também me divertia.»

O que disseram acerca dele

Sua Eminência, o cardeal Corrado Ursi: «Deus envia, ao longo dos séculos, homens que encarnem o rosto social de

Cristo Redentor e renovador do mundo, e que são como que uma chamada veemente ao povo de Deus. No nosso tempo, enviou o Padre Pio, plasmou-o para nós, para o mundo de hoje, que, na verdade, foi sacudido, durante cinquenta anos, pela sua voz silenciosa mas clamorosa, pelo seu testemunho, que ressoou, de forma irresistível, em todos os países do mundo, e que agora, após a sua morte, penetra e se dilata cada vez mais nos espíritos.»

Giovanni Battista Angioletti, escritor: «O Padre Pio não é maçador, retrógrado ou moralista, nem sequer utópico. Basta-lhe que os homens, em vez de procurarem uma perfeição impossível na terra, se abstenham de fazer o mal, sobretudo o mal ditado por ideologias abstractas ou pela cobiça desenfreada da prepotência. É inútil acrescentar que nisto consistem também as suas opiniões políticas, as mesmas que ele nunca se abstém de proclamar, se necessário, contra tudo e contra todos.»

3

Uma escolha difícil

(1898-1902)

O período dos onze aos quinze anos é o tempo das opções. O jovem não só olha à sua volta tentando identificar uma possível orientação profissional, mas a própria natureza o impele a opções interiores, de comportamento, de construção da própria personalidade.

Francesco Forgione viera ao mundo com uma vocação precisa. Diversos factos ocultos, presentes na sua infância, davam a entender que Deus tinha para ele desígnios especiais. Mas Deus não impõe a sua vontade. Sugere e assiste à livre adesão do homem. A grandeza do homem reside, precisamente, na sua liberdade, e Francesco tinha de fazer a sua escolha.

Aos quinze anos a vida também requer coragem e ousadia. Os ideais devem ser conquistados. Francesco era apenas um rapaz, um adolescente, mas não podia perder tempo. Tinha de chegar depressa a adulto, e lançar-se na luta que, como lhe seria desde logo indicado, viria a ser «terrível e sangrenta».

Os factos

Por volta dos dez anos de idade, Francesco anunciou aos pais que queria tornar-se frade Capuchinho. Desejava dedicar a própria vida a Deus, servindo-o na Ordem dos Franciscanos Capuchinhos.

Naquele período tinha conhecido um jovem religioso mendicante. Tinha-o visto pela primeira vez em Piana Romana, durante o Verão, enquanto a família estava entregue ao trabalho febril da colheita do trigo.

Sentira-se tocado pela compostura, pelos modos afáveis e pelo sorriso daquele irmãozinho, que suscitavam simpatia e um respeito natural, mas também pela sua característica barba negra e espessa.

O frade mendicante chamava-se Frei Camillo, tinha vinte e sete anos e recebera há um ano e meio o hábito franciscano no convento de Morcone, aldeia que dista cerca de trinta quilómetros de Pietrelcina.

A figura de Frei Camillo ficara gravada de forma incisiva na mente de Francesco, e o rapaz decidira tornar-se frade Capuchinho, como ele. Ao evocar aquele encontro, o Padre Pio repetia sempre: «A barba de Frei Camillo tinha-se fixado na minha cabeça, e ninguém podia arrancar-ma de lá.»

Já há tempos que Grazio e Giuseppa se tinham apercebido de uma acentuada predisposição para a vida espiritual naquele seu filho.

Tinham intuído que o seu comportamento encerrava qualquer coisa de misterioso e inexplicável. Assim, não ficaram surpreendidos ao escutar o seu desejo. Em certo sentido, já estavam à espera daquele pedido, e tomaram-no imediatamente em séria consideração.

Deram-se conta de que constituía para eles um problema bastante grande. Como já dissemos, Francesco não tinha frequentado a escola primária. Aos dez anos, não sabia ler nem escrever. Entrando no convento em tais condições, poderia aspirar apenas ao estado de «irmão leigo». Contudo, Grazio e Peppa sabiam que o rapaz era muito inteligente e «sentiam» que ele poderia vir a ser um sacerdote importante.

Era necessário, portanto, mandá-lo à escola, recuperar o tempo perdido, prepará-lo rapidamente, de modo que pudesse apresentar-se no convento com o nível de instrução requerido para empreender os estudos conducentes ao sacerdócio.

Depois de uma longa reflexão e de ter consultado a mulher, Grazio fez uma rápida avaliação «económica» do problema e chegou à conclusão que os estudos do rapaz, estudos particulares, pois já não era possível usufruir da escola pública, lhe custariam muito caro: uma soma choruda por ano, soma que ele não tinha e que os seus campos, dos quais retirava o sustento, nunca lhe poderiam render.

Mas Grazio não desanimou. Era um homem de coração

arrojado e sabia, embora talvez por instinto, que Deus nunca abandona quem procura o bem. Com uma extraordinária força de ânimo, que demonstra quanta consideração sentia pelo pedido do filho, decidiu arrostar com todos os sacrifícios necessários.

Enquanto trabalhava a terra, pensava e repensava em quanto Francesco dissera acerca de querer seguir a própria vida. Estudava todas as soluções possíveis para o ajudar. Apercebia-se de como se tinha enganado, não o enviando à escola na altura devida. Agora sentia-se obrigado a reparar o erro cometido.

Foi ele próprio que revelou, quando o seu filho já era famoso, como acabara por tomar a decisão.

«Eu tinha cinco ou seis ovelhinhas para uso da família», contou ele, «e certo dia, enquanto o rapaz estava a apascentá-las, detive-me a observá-lo e disse para comigo: "Vejam só, por uma mão-cheia de ovelhas, este filho perde a escola." Dirigindo-me ao meu filho, perguntei-lhe: "Franci, queres ir para a escola?" "Claro que quero ir para a escola", respondeu o miúdo. E eu prossegui: "Ah, tu queres ir? Se aprenderes e não fizeres como o teu irmão Michele, verás que ainda te faço monge".»

«Uma segunda vez, observando-o de novo a apascentar as ovelhas, fiz-lhe a mesma pergunta: "Franci, queres mesmo ir para a escola? Se aprenderes e não fizeres como o teu irmão, faço-te monge." De novo Francesco asseverou que queria ir para a escola, para aprender.»

«Outro dia foi Francesco que me perguntou: "Afinal, quando me mandas para a escola?" "Ah, tu queres ir? Então vais já, já para a escola." À noite falei com a minha mulher e decidimos mandá-lo para a escola particular, porque o rapaz tinha ultrapassado há muito a idade de ensino escolar obrigatório.»

Assim começou a aventura escolástica do futuro Padre Pio. O seu primeiro professor foi um certo Mandato Saginario, a quem os conterrâneos chamavam «Pettenacanne» (Penteia-canas), pois penteava o cânhamo para fazer sacos e toldos. Era um artesão com um certo grau de instrução e, por meia lira ao mês, ensinava os filhos dos vizinhos a ler, ao serão.

Ao mesmo tempo, Francesco usufruía da ajuda de Cosimo

Scocca, irmão do seu amigo Mercurio, que tinha dezassete anos e que frequentara os cinco anos da escola elementar.

Ao fim de aproximadamente um ano, porém, passou para a escola de um verdadeiro mestre, D. Domenico Tizzani. Este queria cinco liras por mês, soma que naquela época era muito avultada. Grazio recordava, já velho: «Eu pagava ao mestre cinco liras por mês, ou seja, meio *tomolo* de trigo (o tomolo correspondia a um volume de cerca de 55 litros). Depois o rapaz comia outro meio *tomolo.* Exigiam-me, portanto, um *tomolo* de trigo por mês para o sustentar».

D. Domenico foi incumbido por Grazio de completar o ensino elementar de Francesco e de o preparar para os estudos liceais. Devia iniciá-lo no Latim, na Literatura e na Matemática.

Em 1899 a família Forgione passou por graves dificuldades económicas. Grazio precisou de contrair um empréstimo de cem liras, quantia equivalente a 550 litros de trigo, aproximadamente. Não sabia a quem devia dirigir-se, pois não estava habituado a contrair dívidas nem a pedir dinheiro.

Pensou recorrer ao filho Francesco, encarregando-o de pedir um empréstimo ao mestre Tizzani que, se quisesse, estaria certamente em condições de arriscar essa soma.

Chamou Francesco e, com o coração a bater de nervosismo, confiou-lhe essa missão. Francesco, por sua vez, sentiu-se morrer de vergonha. Mas fez-se forte, para não desagradar ao pai.

No fim da lição, em vez de sair da aula, ficou ali sentado, pregado ao banco, de cabeça baixa. O mestre percebeu que ele queria dizer-lhe qualquer coisa.

«Enchi-me de coragem», contará mais tarde o Padre Pio, «para tirar o meu pai daquele apuro. "O meu pai pede se podia emprestar-lhe cem liras", disse eu. O mestre respondeu: "E por tão pouco, são precisas todas estas histórias?"»

D. Tizzani não quis recibo nenhum de Grazio a troco do empréstimo, demonstrando assim que o estimava e que tinha um espírito de verdadeiro senhor. Na aldeia não era bem visto. No passado fora sacerdote, mas depois abandonara o hábito, casara e tivera uma filha. As pessoas discriminavam-no, evitavam-no. Tizzani provia ao seu sustento dando lições particulares. Naquele dia Francesco percebeu que aquele ho-

mem era bom. Tornou-se seu amigo e, mesmo mais tarde, quando voltava à aldeia, pedia sempre notícias dele e enviava-lhe cumprimentos.

O empréstimo de D. Tizzani permitiu a Grazio comprar ainda mais terra em Piana Romana e continuar a pagar as lições de Francesco. Mas precisava de pagar a dívida. Tendo isso em mente, e com uma coragem extraordinária, decidiu emigrar para a América em busca de fortuna.

Tinha ouvido dizer a alguns conterrâneos que na América era possível ganhar muito dinheiro em pouco tempo. Sugestionado por tal perspectiva, partiu, acompanhado de um dos seus irmãos e de vários amigos.

Não é possível estabelecer com exactidão a data desta sua viagem. Deve ter ocorrido entre 1900 e 1903. Primeiro Grazio foi para o Brasil, mas não conseguiu encontrar trabalho e então mudou-se para os Estados Unidos, Pensilvânia; contudo, durante o Verão de 1903, regressou a casa.

Entretanto, em Pietrelcina, Francesco ia estudando. Depois de ter seguido as lições de D. Tizzani, passou para a escola do mestre Angelo Caccavo, mais adequada para o curso liceal. Empenhava-se muito nos estudos e os resultados eram bons.

Tinha demonstrado imediatamente grande interesse pelo estudo, desde que frequentava as lições nocturnas do professor «Pettenacanne».

Ubaldo Vecchiarino, seu amigo, que também era discípulo do mesmo mestre, costumava contar: «À noite íamos para a escola. Durante o dia, Francesco estudava e nós metíamo-nos com ele, atirando-lhe terra para cima do silabário ou aproximávamo-nos dele por detrás, pé ante pé, e empurrávamos-lhe o chapéu para os olhos. Ele aguentava tudo, não reagia nem dizia palavras incorrectas. Contudo, na escola, só Francesco respondia às perguntas do mestre. Por isso ele prosseguiu os estudos e transformou-se no Padre Pio, e nós continuámos a apascentar ovelhas, e nunca passámos de cavadores».

O empenhamento de Francesco aumentou quando passou para a escola de D. Tizzani e de Caccavo. Vincenzo Salomone, que estudou com Francesco, recordava: «Quantas vezes o vi sentado frente à sua mesinha, curvado sobre os livros. Eu ia chamá-lo: "Franci, queres vir jogar aos botões?" Ele levantava

a cabeça, sorria-me e fazia-me sinal, como quem diz: "mais tarde, mais tarde." Eu voltava a chamá-lo e ele repetia o mesmo sinal. Eu voltava ainda mais vezes, até ao anoitecer.»

Francesco tinha deixado de levar as ovelhas às pastagens. Também já não ia ajudar no campo. Ficava em casa, a estudar.

A família, porém, tinha de tratar da colheita. Durante os meses de Verão, mudava-se para a quinta de Piana Romana, e Francesco ficava sozinho em Pietrelcina. Tinha de cozinhar, de lavar a loiça, de limpar a casa e de fazer a cama.

Ao que parece, era muito diligente em todas essas tarefas. A senhora Virginia Faella, coetânea do Padre Pio, cuja casa ficava em frente à dos Forgione, contava que o via «regressar com os livros debaixo do braço, sério e composto. Francesco detinha-se diante de uma imagem da Virgem, que se erguia num capitel próximo, para recitar uma breve oração; entrava em casa, pousava os livros e descia para ir buscar lenha, a fim de acender a lareira e fazer a comida».

Geralmente aquecia, ao lume, os pratos que a mãe já lhe tinha preparado antes de ir para Piana Romana, mas às vezes ele próprio cozinhava batatas ou grão-de-bico. Às vezes também usava o forno que havia próximo de casa, quando queria variar o tipo de cozedura das batatas, assando-as debaixo das cinzas, especialidade que muito lhe agradava.

Era um rapaz de catorze anos, muito sensível e conscencioso. Sentia a responsabilidade daquilo que fazia. É provável que se cansasse de estudar, mas não afrouxava. Teria, provavelmente, vontade de sair um pouco, de ir brincar com os amigos, ou de passear ao ar livre, mas não saía.

Peppa sofria por deixar o filho sozinho, em casa, mas não podia fazer outra coisa. Desde que o marido tinha emigrado para a América, cabia-lhe a ela continuar com os trabalhos da lavoura.

Para estar mais perto do filho, sujeitava-se por vezes a grandes sacrifícios. Ao fim de um longo dia de trabalho, preparava o jantar para a família, em Piana Romana, e depois partia, já escuro; ao fim de uma hora de caminho chegava à casa de Pietrelcina.

Receava que o filho tivesse fome e levava consigo alimentos já preparados no campo, ou roubava horas ao sono para

lhos preparar, de modo a estar pronta na manhã seguinte, ao alvorecer, para retomar o caminho de Piana Romana e estar nos campos ao lado dos outros, quando começassem a trabalhar.

Estas idas e vindas eram pesadas para ela, mas sujeitava-se de boa vontade porque amava ternamente os seus filhos. Francesco via, compreendia e retribuía à mãe, com o seu grande afecto.

Às vezes, porém, surgiam incompreensões e equívocos involuntários, que causavam sofrimento aos dois, mas que contribuíam para fazer crescer a sua ligação.

Certo dia ocorreu um facto que o Padre Pio, já idoso, contava com frequência.

A mãe Peppa nunca se tinha apercebido de que Francesco detestava aboborinhas. Uma vez chegou de Piana Romana enquanto o seu filho ainda estava na escola. Quis fazer-lhe uma surpresa. Preparou-lhe então um belo prato de aboborinhas *alla parmigiana*, e colocou-o na mesa acompanhado por um belo cacho de uvas.

Quando Francesco chegou a casa, ficou felicíssimo por encontrar a mãe. Fez-lhe uma grande festa e depois sentou-se à mesa.

Peppa olhava-o de soslaio para ver a reacção dele àquele magnífico prato. Mas ficou desiludida, pois Francesco, depois de ter observado o prato de aboborinhas, o afastou com delicadeza e começou a comer as uvas. A mãe ficou tão triste que não conseguiu conter as lágrimas. «Se eu soubesse que a minha mãe ia ficar tão amargurada», comentava o Padre Pio, «teria comido todas as aboborinhas de um trago; infelizmente, só me apercebi quando ela desatou a chorar.»

Durante o Verão de 1901, o mestre Caccavo organizou uma viagem de carroça para levar os seus alunos em peregrinação a Pompeia. A cada paragem da carroça nas aldeias percorridas, Francesco aproveitava para visitar as igrejas e para se ajoelhar nos degraus dos respectivos altares.

Grazio, na América, veio a saber da viagem e queixou-se à mulher porque, «enquanto ele estava ali, a esforçar-se, Francesco gastava dinheiro em peregrinações».

A 5 de Outubro de 1901, Francesco escreveu ao pai: «...Acerca das queixas que fez à mãe pela minha ida a Pom-

peia, tem toda a razão. Mas o pai deve pensar que, para o ano que vem, se Deus quiser, acabarão todas as festas e divertimentos para mim, porque abandonarei esta vida para abraçar outra melhor. É verdade que desperdicei algumas liras, mas prometo ganhá-las através do estudo.»

A Grazio não escapava nada, embora estivesse longe. Francesco portava-se bem, estudava e sabia que, com a entrada no convento, «acabariam para ele as festas e os divertimentos». Dita assim, neste tom, a frase parece encerrar um sentimento de amargura. Com efeito, o rapaz estava bem consciente de que a vida por ele escolhida seria dura e cheia de sacrifícios.

Sob a alçada do mestre Caccavo, Francesco progredia bem nos estudos. O mestre estava ao corrente da sua vocação. Era uma pessoa muito religiosa e também se preocupava com a vida espiritual do seu aluno. Por isso teve uma reacção muito dura e quase violenta quando, certo dia, os companheiros de escola resolveram fazer uma partida àquele estudante.

Francesco era um belo rapaz, prestável, cordial, jovial e educado, e não podia passar despercebido às raparigas de Pietrelcina. Como foi possível documentar, entrevistando as suas coetâneas – quando já eram idosas e ele já tinha alcançado fama –, foram várias as que se apaixonaram por ele.

Talvez por saberem que Francesco queria entrar para o convento, os seus companheiros teceram um plano para se divertirem. Convenceram uma rapariga da escola a escrever bilhetes de amor a Francesco, e depois meteram-lhos nos bolsos do casaco. O mestre apercebeu-se que os seus alunos cochichavam entre si de forma suspeita, e perguntou-lhes o que se passava. Um deles respondeu: «Senhor mestre, Francesco anda a namorar...»

«Que anda ele a fazer?...», perguntou o mestre Caccavo, embaraçado.

«Francesco anda a namorar», repetiu o aluno.

«Isso é verdade?», perguntou Caccavo, dirigindo-se com severidade a Francesco.

«Não é verdade, senhor mestre», replicou com candura o aluno Forgione. Os companheiros, porém, apontavam o bolso do seu casaco. Caccavo meteu a mão no bolso do rapaz, sem hesitações, e encontrou o corpo do delito. Alguns bilhetinhos

amorosos, de conteúdo inequívoco. Caccavo teve um fortíssimo ataque de fúria. Sentindo-se traído pelo seu aluno, pelo qual nutria uma certa predilecção desatou a gritar:

«Fazes isto por teres de ir para monge e ainda por cima és mentiroso.»

Levado pela cólera e pela desilusão, Caccavo perdeu a cabeça e começou a esbofetear o pobre Francesco, que o fitava, confuso e magoado, continuando a repetir: «Senhor mestre, isso não é verdade, não é verdade.»

No dia seguinte, a rapariga, arrependida pelo sucedido, confessou a verdade. Disse ao mestre que ela e os outros alunos só queriam pregar uma partida. O mestre perdoou-lhe, dando-lhe um pontapé no traseiro, e depois pediu desculpa a Francesco. Quando este, já velho, contava divertido este episódio, concluía assim: «Pobre Caccavo, como ficou triste, no fim...» E depois de uma pausa em silêncio, acrescentava: «Mas das bofetadas ninguém me livrou!»

Falar de raparigas e de namoros era um assunto corrente nas conversas dos companheiros de Francesco. Como todos os adolescentes do mundo, impelidos pela tempestade hormonal que se desencadeara no seu físico em maturação, viviam obcecados por esse tema, que abordavam com ousadia e frontalidade.

Uma coetânea de Francesco, já idosa, contou que, ao longo daqueles anos, lhe tinha escrito vários bilhetinhos porque estava apaixonada por ele, mas ele nunca lhe respondeu. Outra contou que pediu a uma rapariga, vizinha de Francesco: «Pergunta-lhe se quer namorar comigo.»

Certo amigo, ao ver Francesco cansado e de cor macilenta, aconselhou-o a namoriscar com alguém, a ver se melhorava.

Francesco não era insensível à sedução dos sentidos. Sentia com a mesma força aquilo que os outros sentiam. No entanto, tinha outros princípios, outros ideais. Por isso controlava-se e reagia de maneira diferente. Mas com muito esforço.

É importante o facto de os seus companheiros falarem abertamente destes assuntos com ele. Quer dizer que o consideravam um deles, uma pessoa com quem se podia falar, a quem se podia fazer confidências, até sobre esse tema. Isto deita por terra a imagem de um rapazinho doente, enfastiado

e misógino, como pretendiam certas biografias. Francesco era são e equilibrado e, seguindo as sugestões da graça divina, fazia com lucidez certas opções de vida e de comportamento. Contudo, fazia-as também com sofrimento, consciente de que equivaliam a sacrifícios pesados.

Além disso, o Espírito do Mal tornava-os ainda mais pesados. Como já dissemos, Satanás conhecia perfeitamente a «missão importantíssima» confiada àquele rapaz, e tentava fazê-la fracassar a todo o custo. Por isso o submetia a tantas tentações.

Francesco ia crescendo, como ele próprio escreveu mais tarde, bebendo «em grandes goles a vaidade deste mundo». O seu coração, «sempre ardente de amor pelo Todo e por todos», impelia-o «para criaturas agradáveis e simpáticas».

«Sentia duas forças em mim que se chocavam entre si e me dilaceravam o coração. O mal, que me queria para si, e Deus, que me chamava a uma nova vida.»

Francesco optava, naturalmente, pelo lado de Deus. «Mas os meus inimigos tratavam-me com tirania, deslocavam-me os ossos, troçavam de mim e contorciam-me as vísceras.»

Satanás também procurava assustá-lo. Aquele tipo de realidade misteriosa, de que falámos no capítulo anterior, formado por visões e seres pertencentes a outra dimensão, continuava actuante. Eram visões celestes e visões satânicas.

D. Nicola Caruso, então jovem sacerdote em Pietrelcina, contou: «Por mais de uma vez Francesco me referiu que, ao regressar da escola, encontrava um homem vestido de padre, no patamar da porta, que lhe impedia a passagem. Então Francesco parava, esperava e rezava. Aparecia então, de repente, um rapazinho descalço, que fazia o sinal da cruz, e o padre desaparecia. Francesco entrava em casa, tranquilo.»

Por volta dos quinze anos, começou a falar mais vezes à mãe, ao arcipreste e ao tio Pellegrino (que fazia as vezes de Grazio, emigrante na América), do seu vivo desejo de se tornar religioso.

Em termos de escola já estava preparado. Tendo-se informado, constatara que já atingira o nível de estudos exigido

para entrar no noviciado dos Frades Capuchinhos, que era em Morcone. Urgia agora preparar os documentos necessários.

Reuniu-se um conselho de família. O tio Pellegrino foi encarregado de fazer os contactos pertinentes para conhecer os trâmites burocráticos a seguir. O tio Pellegrino dirigiu-se a D. Salvatore Pannullo, que escreveu ao superior provincial dos Capuchinhos. A resposta foi a seguinte: «Ele tem de esperar; o noviciado de Morcone está cheio e, de momento, não há lugar.»

Tal resposta não agradou aos Forgione. A decisão de Francesco tinha entusiasmado a família. Agora já todos esperavam a partida do rapaz como um verdadeiro acontecimento, acontecimento doloroso, mas importante; por isso a espera não foi bem recebida.

O tio Pellegrino tentou convencer o sobrinho a escolher outra ordem religiosa, dentre as que tinham conventos na vizinhança. Propôs-lhe os Beneditinos de Montevergine; os Liguorinos, os Filhos de Santo Afonso, em Sant'Angelo de Cupolo; finalmente, os Frades Menores de Benevento. Frente a todas as propostas, Francesco perguntava: «têm *varva*?» (Têm barba?)

O tio replicava: «Que importa a barba? Será que vais comer a barba? Deves pensar é no teu bem-estar.»

Mas Francesco tinha ideias precisas. «Quero ir viver com monges que tenham barba.»

Passados uns dois meses chegou a resposta do Padre provincial dos Capuchinhos, fixando a data da partida para Morcone a 6 de Janeiro de 1903.

Entretanto Francesco tinha entrado oficialmente para o grupo restrito de pessoas que colaboravam na vida espiritual da paróquia. D. Salvatore Pannullo, pároco de Pietrelcina, tinha-o admitido no «pequeno clero», tendo-se tornado, por isso, «colaborador habitual» das funções religiosas, um pouco mais importante do que um menino do coro normal.

Passado pouco tempo, toda a aldeia estava ao corrente de que aquele rapaz deixaria o mundo para se dedicar à vida religiosa. Tal escolha, naquela época, era um título de mérito, que atraía respeito e estima.

Um rapaz com essa vocação devia portar-se bem, dar bom exemplo. Francesco ia todas as manhãs à igreja, para assistir à

Missa. Ao domingo ajudava no altar, ficando ao lado dos sacerdotes, vestido com uma batina.

Recebera, de facto, uma espécie de investidura oficial, frente à comunidade paroquial, uma investidura séria, importante, porque já tinha quinze anos. A mãe Peppa sentia-se orgulhosa. As outras mães da aldeia falavam dele aos filhos, como um exemplo a imitar, e os seus companheiros olhavam-no com admiração.

Mas nem todos. Um deles tinha inveja, desejando para si a atenção dos conterrâneos. Pensou mesmo em vingar-se. Dele certamente se terá servido Satanás, que não perdia a ocasião de montar ciladas a Francesco, com o objectivo de «bloquear» a missão extraordinária a que fora chamado.

Chegaram aos ouvidos do pároco «boatos» caluniosos sobre o comportamento do rapaz. Em seguida recebeu também uma carta anónima com acusações graves. A carta dizia que Francesco estava apaixonado por uma rapariga e que se encontrava com ela em segredo, para namorar.

Por aqueles dias ocorreu ainda um episódio que, aparentemente, vinha confirmar o conteúdo de tal carta.

Certa madrugada, antes das cinco horas, Francesco já estava em frente à igreja, ainda fechada. Fazia muito frio. De uma casa situada em frente, onde morava uma família que Francesco conhecia bem, alguém o chamou e convidou a entrar, para se proteger do gelo, enquanto esperava que o sacristão viesse abrir as portas da igreja. Francesco aceitou o convite, e um vizinho viu-o entrar. Naquela família também havia duas raparigas jovens, e assim começaram os mexericos. O facto correu a aldeia toda e foi contado ao pároco. Este associou-o à carta anónima e ficou furibundo.

D. Pannullo estava preocupado com a má figura que faria frente aos paroquianos e com o escândalo que atingiria a aldeia. Reuniu os seus colaboradores e contou tudo o que sabia e que era necessário esclarecer, para ficar a conhecer a fundo a verdade. Entretanto suspendeu Francesco de todas as funções de que o incumbira, e ordenou que se mantivesse afastado das funções religiosas.

Francesco não entendia nada. Via-se envolto em suspeitas e desconfianças: não conseguia falar com o pároco, não

podia ajudar à Missa nem participar noutras funções eclesiais. As pessoas deram-se conta de tudo e murmuravam, enquanto a mãe Peppa sofria e chorava, e toda a família estava envergonhada.

Foi um momento difícil, crítico mesmo. Francesco, porém, não se queixava. Fechado em si mesmo, continuou a rezar e a frequentar a igreja, mantendo-se humildemente entre a gente vulgar, no meio dos camponeses.

As suas convicções eram fortes e claras. Os seus pontos de referência não eram o orgulho nem a aparência, mas sim a consciência, a verdade e a honestidade. Estes valores faziam-no sentir em paz e harmonia. Sofria, como era natural. No entanto, o sofrimento não tinha o poder de o transtornar, de nublar a visão dos ideais que ele impusera a si próprio. No fundo da sua alma reinava a tranquilidade.

Continuou a comportar-se como sempre fizera. As pessoas incumbidas de «indagar» sobre a sua conduta não conseguiam encontrar nada de suspeito ou de pouco claro.

Certo dia, um sacerdote, ao examinar a caligrafia da carta anónima que acusava Francesco, teve a impressão de a reconhecer. Aquele rapaz, coetâneo de Francesco, e seu amigo, tinha inventado tudo por inveja.

O pároco quis reparar o erro. Chamou Francesco e, na presença de todos os seus colaboradores, disse-lhe: «Querido Francesco, tínhamos-te castigado, mas agora sabemos que estás inocente. Retoma imediatamente o serviço na Igreja, tal como antes. Como prémio, vamos arranjar-te de graça, todos os documentos necessários para a tua entrada no convento.»

A vida retomou o seu curso. As calúnias e mexericos foram esquecidos. Contudo, na memória de Francesco, aqueles dias ficaram gravados como momentos muito difíceis e amargos.

Ele já estava a pensar na sua próxima partida. A cada dia que passava, a data fatídica de 6 de Janeiro ia-se aproximando mais. Francesco reflectia sobre a decisão tomada. Tinha a certeza de querer consagrar a própria existência a Deus, tornando-se religioso, e mais tarde sacerdote. Mas esse seu vivo desejo não tornaria menos atroz a separação da família que tanto amava. O pensamento de deixar a mãe fazia-lhe sangrar o coração.

Rezava. Pedia ajuda às presenças invisíveis com quem estava em contacto. E estas vinham confortá-lo. Como ele próprio referiu mais tarde, num escrito muito significativo para compreender o seu estado de espírito naqueles dias, Jesus respondia às suas incertezas apresentando-lhe um quadro muito preciso daquilo que viria a ser a sua futura existência. Um combate, por vezes aterrador, mas com a vitória final e um prémio magnífico.

«A minha alma», escreveria o Padre, evocando as experiências místicas vividas durante aqueles dias, «foi subitamente arrebatada e levada a fitar, com o olhar da inteligência, objectivos diferentes daqueles que se vêem com os olhos do corpo». Viu ao seu lado um homem majestoso, de rara beleza, resplandecente como o sol. Este pegou-lhe na mão e disse-lhe: "Vem comigo porque precisas de combater como um valoroso guerreiro." Conduziu-o até um campo vastíssimo, onde se encontrava uma grande multidão de homens. Estes estavam divididos em dois grupos.»

A alma, ou seja, o jovem Francesco, que mais tarde viria a ser o Padre Pio, viu-se situado entre dois exércitos: homens lindíssimos e vestidos de branco, de um lado, e homens horrendos, com vestes negras, do outro.

Foi convidado a bater-se com um indivíduo de estatura desmesurada e rosto assustador. Aterrorizado, pretende fugir, mas ouve o seu guia responder: «Toda a tua resistência é vã. Tens de combater. Tem coragem, entra confiante na batalha, avança corajosamente; Eu estarei ao teu lado, ajudar-te-ei e não permitirei que ele te abata. Como prémio pela vitória que obterás, oferecer-te-ei uma coroa magnífica.»

A alma, ou seja, Francesco, combate. O recontro é violento, mas ele acaba por vencer. O homem majestoso, de rara beleza, retira de sob as suas vestes uma coroa maravilhosa e coloca-lha na cabeça. De repente, porém, retira-a, dizendo: «Tenho reservada para ti outra mais bela, se continuares a lutar bem com aquele que defrontaste agora. Ele voltará sempre a assaltar-te, para recuperar a honra perdida. Combate com valentia e não duvides da minha ajuda. Mantém os olhos bem abertos, porque aquela personagem misteriosa vai fazer tudo para te atacar de surpresa. Não te assustes com a força da sua presença; pelo contrário, lembra-te de quanto te prometi. Eu es-

tarei sempre perto de ti, ajudar-te-ei sempre, para que consigas sempre derrubá-lo.»

A visão termina com a derrota do homem mau, que foge seguido pelo seu exército, por entre os gritos de alegria dos homens vestidos de branco.

Foi uma «visão» simbólica e profética, que o jovem Francesco Forgione viveu de forma espiritual e mística, na véspera da sua partida para o convento, quando sentia mais fortemente o peso da mudança que estava prestes a operar-se na sua vida. Foi uma visão que lhe fez compreender o significado da sua escolha, mas que também o fez antever, com honestidade, o conteúdo da sua vida: a luta contínua contra aquela personagem aterradora. Havia ainda a promessa de ajuda, por parte de Jesus, e da vitória final. Mas esta devia ser conquistada em campo.

Francesco era estimulado e confortado por aquelas experiências espirituais, que ainda não conseguiam dissipar todos os seus temores. De facto, como ele próprio referiu mais tarde, as visões repetiram-se. Por três vezes Jesus viria confortá-lo e garantir-lhe a sua protecção contínua.

Na noite de 1 de Janeiro de 1903, cinco dias antes da sua partida para o noviciado de Morcone, Francesco teve a segunda visão. Jesus disse-lhe que teria de enfrentar muitas lutas terríveis com aquela personagem pavorosa e que seriam combates fortíssimos, mas que poderia contar sempre com a sua ajuda e com a ajuda dos seus Anjos da Guarda.

Na noite de 5 de Janeiro, véspera da sua partida, Francesco teve a terceira visão. Viu Jesus e Nossa Senhora que o encorajavam e lhe garantiam a sua predilecção. Finalmente Jesus pousou a mão sobre a sua cabeça e «isso bastou», como escreveu o Padre Pio, «para me tornar forte na região superior da alma e para não me deixar derramar uma lágrima sequer, no dia seguinte, no momento da separação de minha mãe».

Para compreender melhor

Os factos referidos neste capítulo mostram o empenho com que Francesco acolheu a chamada de Deus.

E não foi só Francesco, mas toda a família. Grazio arrostou

com pesados sacrifícios para pôr o filho a estudar, chegando mesmo a emigrar para a América. A mãe substituiu-o no duro trabalho dos campos. A pequena sociedade familiar colaborou na construção do Padre Pio.

Pelo comportamento de Francesco notava-se que ele estava muito ligado à família, aos pais e irmãos e à vida tranquila e agradável na sua aldeia. Compreendia plenamente a importância e a grandeza da chamada de Deus, mas também o peso e a dureza da vida que o esperava. Na carta dirigida ao pai, ainda na América, diz: «No ano que vem acabarão todas as festas e divertimentos para mim...» Está consciente das dificuldades que o esperam, mas não recusa o convite. Poderia fazê-lo, sabe muito bem que é livre. Jesus, que nas suas experiências místicas lhe aparece e lhe fala, não lhe oculta nada do futuro que o espera. Francesco reflecte, medita, tem medo, desanima, mas por fim decide-se e parte.

Foi uma decisão meditada. Tinha quinze anos e meio, já não era uma criança. As experiências interiores tinham-no amadurecido. A sua escolha foi difícil, implicou um combate, mas também foi livre e forte.

E é precisamente aí, nessa liberdade, nessa escolha feita aos quinze anos, que reside o segredo de muitas coisas que se seguirão.

O que ele disse

«Tristeza e melancolia fora da minha casa.»

«Amor significa amargo, ou seja, sofrimento: se queremos verdadeiramente amar, temos de sofrer.»

Costumava repetir a Cleonice Morcaldi: «O amor não se deve deter em Deus, mas abranger toda a família: Deus, Nossa Senhora, o Filho, os santos, todos os filhos do Pai.»

«Os pais não devem abusar da sua autoridade. A autoridade foi-lhes conferida por Deus, não para destruir os direitos, mas para conservá-los.»

O que disseram acerca dele

Beniamino Gigli, o famoso tenor: «Encontrei-me muitas vezes frente aos mais poderosos do mundo: monarcas reinantes, presidentes de nações, ditadores, magnatas da indústria, os homens mais célebres e mais ilustres da terra. Cantei para eles em salões dourados, em praças imensas, apinhadas de gente, mas nunca experimentei a emoção profunda e consciente que me invade sempre que estou na presença do Padre Pio, a um canto da horta do seu convento.»

Giovanni Gigliozzi, escritor e jornalista da RAI: «O Padre Pio é demasiado grande para um mundo tão pequeno.»

4

O encontro

(1903)

O futuro Padre Pio deixa a família para passar o ano de noviciado na Ordem dos frades Capuchinhos.

Segundo a tradição monástica, trata-se de um ano de «prova» durante o qual a Ordem verifica se o candidato é idóneo para a vida religiosa, e em que o próprio sujeito constata se está em condições de respeitar a Regra.

Para Francesco, pelo contrário, é o ano do encontro. Enquanto estava em casa, no mundo, gozava de atenções particulares por parte de seres espirituais, que de vez em quando se manifestavam, comunicando com ele. Mas eram contactos apressados, perturbados por uma existência cheia de pequenos deveres e distracções.

O ano do noviciado, que deve ser vivido em silêncio e recolhimento, transforma-se para ele num longo período de concentração, quase absoluta e contínua, no mundo do espírito. A oração prolonga-se ao longo das vinte e quatro horas, transformando-se num diálogo directo e ininterrupto com Jesus, com Nossa Senhora e com os santos. Os seres celestes são os seus guias e os seus mestres. Podemos dizer que, durante 365 dias, o jovem religioso não teve outro objectivo senão viver intensamente este «encontro» maravilhoso com o sobrenatural.

Os factos

Na manhã do dia 6 de Janeiro de 1903, Francesco levantou-se muito cedo e foi à Missa das sete. Quando regressou a casa, encontrou-a cheia de gente: parentes, amigos e vizinhos, que tinham vindo para se despedir.

Já estava tudo pronto para a partida. A separação da família, sobretudo da mãe, foi muito dolorosa, mas ele já tinha vivido, nos dias anteriores, os sofrimentos referidos, e conseguiu controlar as próprias emoções.

O mesmo não aconteceu à mãe Peppa. O Padre Pio recordava com frequência: «A minha mãe, no momento da despedida, pegou-me nas mãos e disse-me: "Meu filho, tu despedaças-me o coração... Mas, neste momento, não penses na dor da tua mãe: São Francisco chamou-te, por isso vai". O seu tormento era tão grande que, depois de ter pronunciado estas palavras, caiu por terra, desmaiada...»

A viagem de Pietrelcina a Morcone foi de comboio e durou cerca de uma hora. A comitiva era formada por cinco pessoas: D. Nicola Caruso, jovem sacerdote em representação do pároco, o mestre Angelo Caccavo, Francesco e mais dois rapazes de Pietrelcina, que queriam entrar com Francesco no noviciado dos Capuchinhos: Vincenzo Masone e Antonio Bonavita.

O grupinho percorreu alguns quilómetros a pé, até chegar à estação de caminho-de-ferro, e depois tomou o comboio. Chegado a Morcone, tomou o caminho que levava ao convento; era uma construção austera de 1600, afastada do povoado, situada nas faldas do monte, tendo a seu lado uma igrejinha, de pedra nua, dedicada aos Santos Filipe e Tiago. Antes de tocar à porta do convento, os cinco entraram na igreja para fazer uma breve oração.

Francesco estava taciturno. Pensava na mãe e ainda lhe ressoava aos ouvidos aquele grito de dor: «Tu despedaças-me o coração.» É provável que, na igreja, tenha rezado mais pela mãe do que por si próprio e pela nova vida que estava prestes a iniciar naquele lugar.

À porta do convento teve uma agradável surpresa. O frade que veio abrir, depois de terem tocado a sineta, era Frei Camillo, o irmãozinho mendicante que Francesco tinha conhecido em Piana Romana e que, de algum modo, tinha suscitado nele o desejo de se tornar Capuchinho. Saudaram-se cordialmente. Frei Camillo fez as honras da casa. Apresentou a comitiva ao Padre guardião, ao mestre dos noviços e aos outros religiosos da comunidade.

Os jovens aspirantes já eram esperados. Encontraram mais dois rapazes, Giovanni Di Carlo e Salvatore Pranzitella que,

tal como eles, teriam de passar pelo ano de noviciado. Foram conduzidos a uma grande divisão e submetidos a um exame sumário de cultura geral, para averiguar da sua preparação. Os quatro foram achados idóneos, mas um dos dois rapazes de Pietrelcina, Antonio Bonavita, ainda não tinha completado quinze anos, idade exigida pela Regra dos Capuchinhos para entrar no noviciado, e por isso foi enviado de volta para casa.

Aos outros foram atribuídos os respectivos quartos. A Francesco coube o número 28. Era uma típica cela franciscana, por isso pobre. O mobiliário era formado por uma cama de tábuas com colchão de folhas de milho, uma mesinha, uma cadeira e uma bacia com o jarro de água. A divisão tinha uma única janela, que dava para o claustro.

Durante duas semanas, os aspirantes a religiosos continuaram a vestir-se à paisana, e eram livres de participar ou não na vida da comunidade. Podiam andar à vontade pelo grande convento, a fim de o conhecerem.

Francesco detinha-se a olhar para os grandes quadros, para as austeras imagens sagradas, para os crucifixos estilizados. Também se sentiu tocado por alguns escritos, que se gravaram na sua mente e que, já velho, ainda recordava. Tinha lido, na parede da entrada, «Ou penitência, ou inferno». Noutra parede, dentro do convento, havia uma frase em latim: «Silentium quia locus novitiorum est» (Silêncio, porque aqui é o lugar dos noviços). No patamar de uma escada interior, por baixo de uma tela antiga, com a imagem de Nossa Senhora das Dores, mais uma frase em latim: «Hic transire cave nisi prius dixeris ave» (Não passeis adiante sem rezar uma Avé Maria). Sob a arquitrave, à entrada da sua cela, lia-se: «Vós estais mortos e a vossa vida está escondida, com Cristo, em Deus.»

Frases fortes, severas, sobretudo para a sensibilidade de um rapaz de quinze anos. Mas eficazes para dar a entender quais os objectivos da existência de quem escolhia a vida religiosa no convento.

Num daqueles dias, enquanto exploravam o coro, Francesco e Giovanni Di Carlo, encontraram nas gavetas dos frades as disciplinas, isto é, algumas cordas com nós apertados, que continham pequenos pedaços de ferro. Giovanni comentou: «Franci, os frades batem-se com estas cordas, à noite, quando nos mandam sair do coro. Vamos também nós

experimentar?» A proposta foi aceite, e os dois tiraram o casaco e começaram a bater-se.

Na manhã de 22 de Janeiro, na presença de toda a comunidade, reunida na igreja, Francesco, com os outros aspirantes, durante uma longa cerimónia cheia de simbolismo, foi «despojado» das vestes laicas que trajava e que representavam a vida passada, e «revestido» com o saio, símbolo da nova vida.

Segundo um hábito antiquíssimo, para tornar ainda mais clara a separação do mundo, também mudaram de nome: a partir daquele momento, Francesco Forgione passou a ser frei Pio de Pietrelcina.

Porque lhe terá sido dado o nome de Pio? Não se sabe. Alguém escreveu que o jovem escolheu esse nome por ser admirador do Papa Pio X, mas isto não pode ser verdade, porque Pio X só seria feito Papa oito meses mais tarde. Além disso, o novo nome não era escolhido pelo noviço, mas imposto pelo superior. É provável que tenha sido chamado Pio porque na igreja paroquial de Pietrelcina se veneram as relíquias de São Pio, mártir, ou por ser esse o nome do superior provincial, que presidia à cerimónia da vestidura.

Para o frei Pio iniciou-se então a vida normal do convento, uma vida bastante dura.

O dia começava praticamente à meia-noite. Os religiosos eram acordados por um confrade, que passava pelos corredores do convento agitando uma cítola. Era um engenho especial de madeira, que produzia um grande estrépito, um ruído estridente e desagradável, e que era usado em vez da sineta, precisamente para mortificar a audição dos religiosos.

Todos deviam levantar-se imediatamente, enfiar os pés nus em sandálias, sair da cela, esperar a chegada dos confrades e, em procissão, dirigir-se para o coro da igreja, para a recitação das «Matinas» e das «Laudes», duas partes do «Ofício Divino» (a oração litúrgica dos religiosos), que podia durar cerca de hora e meia.

O levantar a meio da noite, quando o sono tinha entrado havia pouco na sua fase mais profunda, era um verdadeiro tormento. Então no Inverno, os horrores do levantar eram acrescidos pelos rigores do frio, que penetrava nos ossos como

a lâmina de uma faca. Quando, terminado o ofício, os religiosos voltavam para a cama, o sono custava a regressar.

Só ao domingo eram poupados a tal suplício.

O despertar definitivo da segunda parte da noite era feito pelo sistema habitual, às cinco horas. O noviço tinha de fazer a cama, colocar sobre ela um grande crucifixo de ferro, lavar-se e descer de novo à igreja, onde se mantinha até às oito, para a meditação, a Missa e a recitação de outras partes do «Ofício Divino».

Seguia-se uma breve refeição e depois, na cela, o estudo da Regra. O noviço tinha de ler as regras e as constituições da Ordem, que estavam contidas num pequeno fascículo de vinte páginas, aproximadamente. A leitura, portanto, requeria pouco tempo, mas quando o noviço chegava ao fim, tinha de recomeçar do princípio, pois não lhe era permitido ter mais nenhum livro.

Às 11 dedicava-se à limpeza do convento e da igreja. Ao meio-dia, almoço, ao qual se seguia um passeio pela horta, com todos os outros noviços, em fila, recitando orações. Às 14,30, novamente no coro e, depois, estudo até às 17. Em seguida, trabalho. Às 19, meditação e terço. Às 20, jantar, e, a seguir, meia hora de recreio, durante a qual era finalmente permitido falar. Às 21, repouso.

Antes de se deitar, o noviço tinha de recitar as orações e de fazer o exame de consciência. Depois, sem se despir, com o mesmo saio que usava durante o dia, deitava-se de costas na cama, tendo o cuidado de prender o hábito à frente, entre as pernas. Devia manter-se imóvel, com os braços em cruz, e o grande crucifixo de ferro, que durante o dia ficava pousado na cama, preso à cintura.

Também quando trabalhavam na horta e no jardim, durante a limpeza do convento ou enquanto lavavam a roupa, na cave, onde se encontravam os grandes tanques de pedra, os noviços deviam rezar em voz alta.

Três vezes por semana, à segunda, quarta e sexta-feira, depois do jantar, todos os religiosos da comunidade se dirigiam para o coro onde, com a luz apagada, flagelavam a carne nua, enquanto meditavam na Paixão de Jesus.

O instrumento disciplinar era formado por uma série de

correias toscas, munidas de chumbos nas extremidades. Por vezes o sangue corria pelo chão.

A indumentária pessoal estava reduzida ao mínimo essencial, sendo atribuída ao acaso, como no exército, entendendo-se assim por que razão uns tinham camisolas demasiado compridas ou curtas, demasiado apertadas ou largas.

A alimentação era sóbria, mas suficiente. Contrariamente ao que muitos escreveram, o Padre Pio não passou fome durante o noviciado. E isso porque o Padre provincial de então, Padre Pio da Benevento, tinha dado ordens precisas no sentido de que os noviços fossem alimentados de forma satisfatória. Lembrava-se que no seu noviciado, ainda muito novo, tinha passado fome «a ponto de chorar como uma criança que pede pão à mãe», e não queria que outros sofressem como ele tinha sofrido.

A alimentação, porém, não interessava muito a frei Pio, como de resto nunca lhe interessou ao longo da vida. A sua preocupação era, precisamente, desfazer-se dos alimentos... Acto difícil, por não ser permitido. Muitas vezes, com a cumplicidade do seu vizinho que, pelo contrário, tinha muita fome, trocava com ele a sua gamela.

Embora, de um modo geral, os alimentos fossem suficientes, era necessário ter em conta os jejuns impostos pela Regra que, no caso dos Frades Capuchinhos, eram numerosos e rígidos. No convento do noviciado, os religiosos jejuavam todas as sextas-feiras do ano. Depois havia o «jejum da Bendita», em honra de Nossa Senhora, que ia de 30 de Junho a 15 de Agosto. Em seguida, o jejum de preparação para o Natal, de 2 de Novembro a 25 de Dezembro. Finalmente, a grande Quaresma, ou Quaresma ordinária.

Além disso, na vigília das festas da Virgem e dos santos da Ordem, e nas sextas-feiras de Março, os noviços comiam ajoelhados no chão, em sinal de penitência.

Vida duríssima, como podemos imaginar. Ao fim de dois meses, dos quatro noviços, dois regressaram a casa. Com frei Pio só permaneceu o seu conterrâneo, Giovanni Di Carlo, que tomara o nome de frei Anastasio.

Frei Anastasio, porém, também se sentia desanimado. Certo dia, confessou a frei Pio: «Franci, esta vida é demasiado dura, aqui estão sempre a fazer penitência, já decidi ir-me embora.»

Frei Pio respondeu-lhe: «Giuvanniell', que estás tu a dizer? Fizemos tanto para chegar até aqui, e agora temos de voltar para casa? Que dirão os nossos pais e todos aqueles que nos mandaram para cá? Ah, não, isso nunca. Devagarinho, com a ajuda de Nossa Senhora e de São Francisco, também nós havemos de nos habituar como aconteceu com os outros. E quem te diz que todos estes que estão no convento, e ainda outros, não eram como nós? Ninguém nasceu já monge.»

Frei Pio observava todas as disposições com entusiasmo e minúcia. A regra recomendava o exercício do controlo dos sentidos; assim, ele mantinha sempre os olhos baixos, a ponto de mais tarde ter afirmado que nunca tinha visto a cornija nem o tecto do convento, e que deixara Morcone sem fazer a mínima ideia dos caminhos da aldeia que por vezes percorria, durante o passeio semanal fora do convento, sempre ao lado dos seus companheiros.

Contava o Padre Guglielmo, de San Giovanni Rotondo: «O frei Pio amava tanto o silêncio prescrito aos noviços, que não se ouvia uma única palavra da sua boca. E se, de vez em quando, tinha de transmitir aos seus confrades noviços obrigações importantes, ou de lhes fazer notar os seus defeitos, comunicava o seu pensamento por meio de gestos, da expressão do olhar ou das suas atitudes.»

Era zeloso e exemplar. Aparentemente, tinha uma conduta semelhante à dos seus companheiros. Mas era durante a oração que se podia notar qualquer coisa diferente. Pequenos detalhes, que suscitavam curiosidade entre os outros noviços, mas que faziam intuir a existência de uma vida interior extremamente intensa.

A meditação da manhã e da noite, no coro, era quase sempre feita com base em textos relativos à Paixão de Cristo. Cada um dos noviços lia uma página sobre o assunto e depois, no mais absoluto silêncio, seguia-se uma meia hora de meditação do texto que fora lido.

Frei Pio escutava a leitura, depois cobria o rosto com as mãos e, mantendo-se sempre de joelhos, reflectia sobre quanto tinha escutado. Fazia-o com uma participação e concentração tão grandes que, ao fim de pouco tempo, já não conseguia reter as lágrimas.

Um seu companheiro, aquele que no coro ocupava o lugar

ao seu lado, deu o seguinte testemunho: «Quando frei Pio meditava, vertia grossas lágrimas, a ponto de o soalho de madeira ficar manchado.»

Outro companheiro metia-se com ele por encharcar o chão do coro, e então frei Pio começou a pôr o lenço no chão, a fim de absorver as lágrimas. Quando o superior dava sinal de que a meditação tinha terminado, frei Pio pegava no lenço, e no chão já não havia vestígio algum das suas lágrimas.

Tendo por objectivo intensificar e multiplicar as suas orações, pedia autorizações frequentes para ser dispensado do recreio, do passeio e, por vezes, até do próprio jantar.

Desprezando a alimentação, recusando por vezes o recreio e continuando a rezar quase continuamente ao longo do dia, o seu físico ressentia-se, e frei Pio começou a definhar a olhos vistos. A tal ponto que os superiores ficaram preocupados e lhe impuseram a obrigação de comer tudo.

Certo dia a mãe Peppa, tendo sabido que o filho não estava muito bem, foi visitá-lo, levando consigo um cesto de doçarias feitas por ela. Encontrou-se com o filho no locutório, mas ficou desconcertada porque frei Pio continuava a manter os olhos baixos, com um ar sério e ausente. A mãe oferecia-lhe amorosamente os doces que tinha preparado, mas ele não lhes tocava, permanecendo mudo. «Franci,» lamentou-se Peppa, com voz magoada, «vamos, alegra-te, eu vim cá para estar contigo, para saber se estás bem ou se tens algum problema.»

«Eu estou bem, mãe, e não preciso de nada», respondeu frei Pio com um fio de voz, mas continuando a manter os olhos baixos.

Giuseppa regressou a casa confusa e triste. Contou tudo ao marido, Grazio, acabado de regressar da América. Grazio pensou que o seu Francesco estava doente e dirigiu-se imediatamente a Morcone com o filho mais velho, Michele. Também ele se assustou, ao ver o filho com aquele comportamento ausente. Tendo um carácter impulsivo, começou a gritar e a invectivar os frades e o superior do convento. «Que fizeram ao meu filho? Já nem sequer o reconhecemos.»

O mestre dos noviços disse então a frei Pio: «Estás livre da obediência.» E frei Pio ergueu os olhos e abraçou o pai, que assim se acalmou.

Evocando aquele encontro, o Padre Pio recordaria mais tarde: «Era proibido falar e levantar os olhos sem a autorização do mestre. A apreensão dos meus aumentou quando constataram que, na sua presença, eu não falava nem os olhava. Ainda não tinha recebido autorização para o fazer. Pensavam que eu tinha ficado tonto, enquanto eu, pelo contrário, tinha vontade de me atirar ao seu pescoço, para os abraçar.»

Terminado o ano de noviciado, os religiosos anciãos do convento foram interpelados. Deviam exprimir um juízo sobre a idoneidade dos jovens para entrar definitivamente na comunidade. Os votos foram favoráveis e, assim, frei Pio começou a preparar-se para a profissão religiosa dos votos simples.

O dia estabelecido foi preparado com uma novena de orações intensas. Frei Pio passou a noite anterior à profissão, sem dormir, em meditação contínua.

O dia 22 de Janeiro de 1904 era uma sexta-feira. De Pietrelcina chegaram a mãe de frei Pio, o seu irmão Michele e o tio Angelantonio. A cerimónia foi celebrada ao fim da manhã. Nas mãos do Padre guardião, Francesco Maria de Sant'Elia de Pianisi, frei Pio prometeu viver em obediência, pobreza e castidade para o resto da sua vida. Tinha dezasseis anos, sete meses e vinte e sete dias.

Terminada a cerimónia, teve autorização para estar com a família. A mamã Peppa disse-lhe, abraçando-o: «Meu filho, agora sim, pertences todo a São Francisco; que ele te abençoe.» O Padre mestre, excepcionalmente, permitiu a frei Pio e a frei Anastasio que ficassem com os familiares também durante a refeição do meio-dia, e que comessem qualquer coisa com eles.

Para compreender melhor

O ano de noviciado é uma etapa de extrema importância na vida religiosa. Pode ser comparado aos sólidos fundamentos de uma grande construção, a um treino férreo para difíceis competições atléticas. Os fundamentos, construídos segundo critérios científicos, conferem segurança e estabilidade ao edifício. Os treinos permitem aos atletas arrostar com esforços que, de outro modo seriam impossíveis.

Na juventude do Padre Pio, este período de prova, situado no início da vida religiosa, baseava-se em normas antigas, fruto de experiências seculares. A existência quotidiana da comunidade era marcada por horários e hábitos drásticos, que impunham sacrifícios físicos e morais terríveis, os quais, prolongando-se por 365 dias, sem uma única interrupção, sem uma excepção, sem o mínimo abrandamento de tensão, se tornavam massacrantes.

Já vimos o horário de cada dia, a oração diurna e nocturna, o silêncio, os sacrifícios físicos, o frio, o trabalho manual, as humilhações e os jejuns. Juntando tudo isto, durante um ano inteiro, é fácil fazer uma ideia do resultado que dava. Quem resistia e assimilava aquele género de vida, transformava-se num colosso de energia psíquica e de vitalidade espiritual.

Hoje em dia está muito difundido o hábito de frequentar ginásios. Os jovens frequentam-nos para modelar e fortalecer o físico; os adultos para o manter em forma; os anciãos, para travar o envelhecimento. Todos eles sabem bem que um exercício, repetido com regularidade, pode produzir resultados extraordinários.

O noviciado pode ser comparado a um ginásio para o espírito. Mas, enquanto os ginásios do corpo ocupam uma ou várias horas, duas ou três vezes por semana, o noviciado de frei Pio era uma ocupação contínua, um tirocínio de 365 dias, vinte e quatro horas por dia.

Também não devemos esquecer que, da vida de um noviço religioso, faz parte uma componente particular, que tem grande influência e uma enorme importância: a ajuda vinda do alto. O silêncio, a oração e a meditação são vários meios para dialogar com Deus. E Deus responde sempre.

Abandonando-se às sugestões do interlocutor sobrenatural, o noviço é encaminhado através de experiências que superam as da vida normal, e penetra nos meandros da ascética e da mística. O seu conhecimento da vida e da realidade terrena aumenta e enriquece-se com novos e vastos parâmetros. A sua sensibilidade torna-se mais aguda e fina. Nasce um homem novo, com novas visões da realidade, visões ilimitadas.

Tudo isto se verifica em frei Pio. O ano de noviciado foi para ele não tanto um «ano de prova», mas, como já dissemos, um ano de diálogos, de «encontros» com o sobrenatural. En-

contros dos quais nunca se soube quase nada, porque ele só rarissimamente se lhes referia, mas os resultados eram visíveis: uma mudança radical de vida e de comportamento.

Contudo, tal mudança não destruiu a sua personalidade nem a sua independência. Francesco continuou a ser uma pessoa com os pés bem assentes na terra, capaz, portanto, de avaliar e de ajuizar. Nunca foi escravo das práticas exteriores. Nunca renunciou ao seu próprio modo de pensar e de analisar as coisas. Conservou a mente lúcida e a sabedoria campesina que sempre o levaram a fazer escolhas concretas e práticas. Aceitou tudo o que fazia parte do noviciado, mesmo sem o aprovar. Não concordava com muitas coisas, mas executava-as igualmente, sem criticar, demonstrando ser uma pessoa livre, capaz de escolhas conscientes.

Só mais tarde, já idoso, exprimiu em várias ocasiões os seus pontos de vista sobre o noviciado, manifestando as críticas que tinha conservado dentro de si próprio sem nunca as exteriorizar.

Criticava o facto de a roupa interior ser distribuída sem ter em conta o tamanho do indivíduo. «Quanta roupa estragada quando nos vestíamos», contava ele. «Era tudo em comum. Quando o mestre nos dava as camisolas para a muda, acontecia como no exército: ou compridas, ou curtas, apertadas ou largas. Muitas vezes, as que eram apertadas rasgavam-se imediatamente.»

Também não apoiava certos castigos. Por vezes os noviços tinham de se ajoelhar no meio do refeitório e de pedir ao seu educador que abençoasse os alimentos para poderem comer. Se o mestre dava a bênção, podiam ir para os seus lugares e comer; caso contrário, deviam manter-se naquela posição. Acontecia, de vez em quando, que o mestre, para lhes impor um sacrifício, ficava calado; almoçava e depois saía do refeitório, obrigando-os assim a ficar ali de joelhos durante várias horas.

Outro facto que não aceitava era que, durante um ano inteiro, não se pudesse estudar nem ler livros, mesmo que fossem de carácter ascético. «Depois do noviciado», contava ele, «tive de começar do princípio. Tinha-me esquecido de tudo. Nem sequer podia ser de outro modo, se pensarmos no sistema educacional vigente naquela época. Não havia livro nenhum, nem sagrado nem profano. Aos noviços só era permitida, ou antes, imposta, a leitura de cerca de quinze páginas,

terminadas as quais se recomeçava do princípio. Imaginai o que significava fazer isto durante um ano inteiro! Era preciso ter uma verdadeira vocação para aguentar.»

Era um religioso obediente, humilde, mas sábio, com a mente sempre alerta, pronta a analisar, também do ponto de vista humano, as coisas que lhe eram pedidas. Cumpria-as, embora pensando como se poderia fazer melhor, evitando desperdícios e frustrações interiores desnecessárias.

O que ele disse

«O trabalho é tão sagrado como a oração. Só que a oração não custa suor e sacrifício, ao passo que o trabalho implica suor e alguns riscos.»

«Alguns chegam ao paraíso de comboio, outros de carroça, outros ainda a pé. Estes últimos, porém, têm mais mérito do que os outros, e um lugar de maior glória no paraíso.»

«A cruz é o estandarte dos eleitos. Quando o Senhor nos põe uma cruz às costas, fortalece-nos de tal forma que, suportando o seu peso, sejamos elevados com ela.»

O que disseram acerca dele

Engenheiro Luigi Ghisleri: «Nunca deixarei de agradecer à Providência por me ter dado a possibilidade de viver horas inesquecíveis ao lado do Padre Pio, escutando os seus ensinamentos e conselhos. Certa noite de Inverno, tinha-me demorado mais do que o costume na cela, a conversar com o Padre Pio. No fim do colóquio, ele acompanhou-me à porta. De repente, desatando a soluçar, perguntou-me: "Sabe que dia é amanhã?" "Sei, Padre, é o aniversário da vossa vestidura religiosa." Fiquei desconcertado com a comoção do Padre, e disse-lhe: "Se vós, Padre, ficais assim, como devemos ficar nós, pobres pecadores?" E o Padre retorquiu, por entre soluços: "Ah, meu caro, não é a justiça de Deus que eu temo, porque dessa posso defender-me. O que me aterroriza é a sua misericórdia".»

5

Lições particulares

(1904-1908)

O período que se segue ao noviciado, nas várias ordens religiosas, costuma ser, de um modo geral, dedicado aos estudos de preparação para o sacerdócio.

Primeiro os cursos filosóficos, para completar uma formação cultural de base, depois os cursos específicos, com as disciplinas teológicas. Tudo isto abrange um espaço de tempo de sete ou oito anos, aproximadamente. Pelo menos era assim no tempo do Padre Pio.

Simultaneamente, os jovens religiosos põem em prática aquilo que aprenderam ao longo do ano de prova. Mas a sua existência assume um ritmo mais calmo, mais relaxado. Os dias não são tão marcados por normas de uma rigidez imensa, como no noviciado. Os sacrifícios, as mortificações, as penitências, o silêncio, a oração, embora mantendo-se na base da sua existência quotidiana, como a Regra prevê, têm uma expressão prática mais moderada, mais suave.

No caso de frei Pio, as coisas não correram exactamente assim. Ao que parecia, também ele se lançara de cabeça nos estudos, tal como os seus companheiros, para recuperar aquela familiaridade com os livros que perdera, por ter passado 365 dias sem poder pegar num único, como já vimos. Na realidade, porém, no seu íntimo, nas suas aspirações, na sua prática quotidiana, ele continuou a dar prioridade a uma conduta fortemente ascética, em perfeita sintonia com a vida do noviciado.

Aquele ano fora para ele «o ano do encontro», da clarificação interior, do entendimento perfeito com os seus guias espirituais invisíveis. O diálogo entabulado com eles não foi interrompido, mas intensificado. Dos professores de filosofia, Frei Pio recebia

lições de saber humano; dos seus guias invisíveis, recebia lições particulares contínuas de sabedoria espiritual, continuando assim a preparação para a sua extraordinária missão.

Os factos

A 25 de Janeiro de 1904, frei Pio e os seus outros companheiros recém-professos mudaram-se do convento de Morcone para o de Sant'Elia, em Pianisi, na província de Campobasso. Aqui o plano de estudos previa a conclusão do curso liceal e o início do então chamado «Curso de Retórica».

Frei Pio ficou em Sant'Elia de Pianisi até meados de Outubro de 1905, ou seja, um ano e meio. Tendo sido aprovado no curso de Filosofia, foi transferido para o convento de San Marco La Catola, na província de Foggia, onde conheceu o Padre Benedetto de San Marco in Lamis, que passou a ser o seu director espiritual fixo.

Em meados de Abril de 1906 regressou a Sant'Elia de Pianisi, sempre com os seus companheiros, a fim de terminar o curso de Filosofia.

A 27 de Janeiro de 1907 fez a profissão solene. Em Outubro, fez uma breve estadia em San Marco La Catola, para se submeter aos exames de idoneidade para passar do curso de Filosofia para o de Teologia. Em finais de Outubro é enviado para o convento de Serracapriola, na província de Foggia, a fim de dar início ao estudo da Teologia, e aí encontra o Padre Agostino de San Marco in Lamis, que se tornou seu confessor.

Ficou um ano nesse convento. Em fins de Novembro de 1908, os cursos de Teologia foram transferidos para Montefusco, na província de Avellino. A 19 de Dezembro, frei Pio recebeu as Ordens menores em Benevento, das mãos de monsenhor Benedetto Bonazzi. A 21 de Dezembro, ainda em Benevento, recebeu o subdiaconado, das mãos de monsenhor Paolo Schinosi, arcebispo de Marcianopoli.

São anos aparentemente tranquilos. O jovem frei Pio estuda como os seus outros companheiros. É um aluno trabalhador. O seu comportamento parece ser completamente normal, sem factos estranhos ou que, de algum modo, possam chamar a atenção.

Contudo, isso é só aparente. Na realidade, como já dissemos no início deste capítulo, a sua verdadeira existência espiritual continua a desenvolver-se sob a orientação de entidades invisíveis, que são os seus verdadeiros professores.

De facto, o estudo com base nos livros não é o seu objectivo principal. Empenha-se a estudar Filosofia e Teologia, mas não mais do que muitos outros. Com efeito, neste campo em nada se destaca dos seus companheiros.

O Padre Bernardino de San Giovanni Rotondo, seu professor de Teologia em Montefusco, afirmou: «Não se distinguia ao nível da inteligência. Tinha uma inteligência vulgar.»

Esta opinião é partilhada por todos aqueles que o conheceram durante esses anos. No entanto, todos reparavam no seu comportamento.

Frei Pio era diferente dos seus companheiros. Havia nele qualquer coisa de particular, mas nada que fosse capaz de polarizar as atenções: apenas uma certa atitude geral, uns ligeiros sinais, um estilo de vida, uma forma de enfrentar as situações, de conversar, de apreciar, de olhar e de andar. Mas tudo muito leve, harmonioso, passando quase despercebido.

Só mais tarde, reflectindo talvez à luz daquilo que viria a acontecer, as pessoas que durante aquele período tinham estado perto de frei Pio recordaram ter tido a impressão desse seu «carácter diferente».

«Distinguia-se pela sua atitude», referiu o Padre Bernardino, seu professor de Teologia. «No meio dos seus condiscípulos, alegres e turbulentos, ele era calado e calmo, mesmo durante o recreio. Sempre humilde, afável e obediente.»

Esta diferença era notada sobretudo pelos jovens. No convento de Sant'Elia de Pianisi, para onde frei Pio se dirigiu logo após o noviciado, havia alguns rapazes de catorze ou quinze anos, aspirantes a entrar na Ordem dos Capuchinhos, que frequentavam o convento a fim de receber lições de Latim. Na sua instintiva simplicidade, compreenderam imediatamente que aquele irmãozinho tinha qualquer coisa de especial.

«Desde aquele primeiro encontro», contou um deles, que mais tarde viria a ser o Padre Raffaele de Sant'Elia de Pianisi, «o frei Pio despertou em mim, de forma muito especial, um sentimento de viva admiração, pelo seu comportamento exemplar. Novo como eu era, não percebia nada de virtude,

mas notava nele qualquer coisa que o distinguia dos outros clérigos. Apresentava sempre um ar mortificado, recolhido e silencioso. Não havia o perigo de ele dizer alguma palavra desnecessária.»

«No Verão de 1905, foi preciso transportar pedras para um vespeiro, porque o pavimento estava húmido. Também eu ajudava os clérigos. Havia um ou outro espertinho que pegava sempre na pedra mais pequena. Frei Pio, pelo contrário, pegava sem malícia na maior. Eu estava perto dele e, ao ver que isso lhe custava, e que a erguia com muito esforço, ajudava-o a pô-la às costas. Em seguida pegava também eu numa, mais pequena, e lá seguíamos juntos, mas sempre em silêncio, enquanto os outros brincavam ou troçavam, alternadamente.»

«Também aos meus olhos de rapaz, o frei Pio parecia uma pessoa um pouco diferente dos outros», contou aquele que viria a ser o Padre Damaso. «Era mais amável, sabia-nos dizer sempre alguma palavra mais bondosa e dava-nos alguns conselhos com uns modos muito suaves; nós escutávamo-lo com muito boa vontade. Além disso, em minha opinião, também se destacava dos outros, embora não se notasse nele nada de extraordinário. No recreio, os outros companheiros iam apanhar favas frescas à horta, sem autorização, e comiam-nas. Depois também as ofereciam a frei Pio, mas este esquivava-se com tanta graça, que suscitava em nós admiração e simpatia.»

«O seu comportamento, diferente dos outros, era admirado, tanto por nós, aspirantes religiosos, como pelo povo», contou o rapaz que depois viria a ser o Padre Arcangelo. «No trato connosco, notava-se a sua compostura, bem como a sua reserva e religiosidade. Não tinha um carácter esquivo, mas sociável, muito acessível. Não provocava acanhamento nos outros, e todos os companheiros nutriam por ele uma estima sincera. Da sua pessoa desprendia-se uma verdadeira beleza, tanto de rosto, como de compostura.»

Era, portanto, como diz esta testemunha, «afável e muito acessível».

Participava com naturalidade em todas as actividades normais dos seus companheiros, incluindo jogos e brincadeiras, e também nos passeios semanais para fora do convento, e nas

excursões que eram organizadas ocasionalmente, e que duravam vários dias. Contudo, o seu comportamento era diferente do dos outros, revelando um entusiasmo pacato e reservado.

As excursões eram um divertimento muito apreciado pelos jovens estudantes Capuchinhos. Em Maio de 1906, frei Pio foi dar um passeio na companhia de mais dez confrades, até Macchia Valfortore, aldeia bastante próxima de Sant'Elia de Pianisi.

Junto à estrada, depararam com um campo de cerejeiras carregadas de frutos.

O dono do terreno, ao ver aqueles dez jovens frades encantados com as cerejeiras, convidou-os a subir às árvores e a comer até à saciedade. Mal tinha acabado de falar, nove já estavam no alto das ramadas. Em terra só tinha ficado frei Pio.

A alegria do camponês em breve transformou-se em apreensão. Inexperientes, os frades puxavam os ramos com força para chegar às cerejas, partindo-os. A cada estalido, o camponês levava as mãos à cabeça e pensava que as suas pobres árvores estavam arruinadas e que, no ano seguinte, já não dariam fruto. A dado momento, intervém, dizendo: «Eh, rapazinhos, podeis comer, mas pelo menos deixai-me as árvores.»

O Padre Pio, de origem campesina, compreendia muito bem a situação, e também ele estava preocupado. Exortou os companheiros a ter cuidado. Quando mais tarde, já velho, contava este episódio, sublinhava que, no ano seguinte, contrariamente a todas as expectativas, aquelas árvores tinham dado fruto a dobrar.

Em Setembro do mesmo ano foi organizada uma excursão de vários dias. Os estudantes partiram de Sant'Elia de Pianisi, fizeram uma paragem junto à quinta do pai de um deles, e depois retomaram viagem até Santa Croce di Magliano; pelo caminho, porém, foram surpreendidos por um temporal. Chegaram a casa do pároco completamente encharcados. Secaram-se à lareira mas o superior que os acompanhava impôs a frei Pio, que tinha uma saúde delicada, que mudasse de roupa e assim, no meio das gargalhadas de todos, ele viu-se obrigado a vestir a sotaina do pároco.

Nas semanas seguintes, houve outra excursão de Sant'Elia ao convento de Sant'Onofrio dos frades Menores, em Casa-

fesa. Ao longo desse trajecto também foram surpreendidos por outro temporal, ficando muito ensopados. E, desta vez, frei Pio foi obrigado a vestir o saio dos frades Menores. Com o seu habitual bom-humor, costumava ele dizer, ao contar estas aventuras, que lhe tinha cabido em sorte «fazer todo o tipo de figuras, menos a de Polichinelo».

As excursões à chuva prejudicaram a sua saúde delicada, e ele começou a acusar resfriados e tosse cada vez mais fortes, provocando-lhe grandes dificuldades respiratórias.

Era este o aspecto exterior de frei Pio durante os anos de estudo de preparação para o sacerdócio.

Do que se passava no seu íntimo sabemos muito pouco. Era reservado. Ainda não tinha director espiritual fixo, que lhe impusesse escrever tudo o que ocorria no seu espírito. Frei Pio não fazia confidências a ninguém, pelo menos sobre os factos inexplicáveis e extraordinários que aconteciam na sua vida.

No entanto, há alguns testemunhos bem precisos que deixam entrever situações fantásticas, destacando-se dentre eles sobretudo dois, ambos provenientes do próprio Padre Pio.

Um deles data de 1915 e foi solicitado pelo Padre Agostino de San Marco in Lamis, que se tinha tornado seu confessor. Através de uma série de perguntas, o Padre Agostino desejava ser informado, pelo Padre Pio, sobre o início das suas experiências místicas.

Perguntava ele: «Quando começou Jesus a favorecer-te com as suas visões celestiais?» E o Padre Pio respondeu, de forma lacónica mas precisa: «Se bem me recordo, estas devem ter começado pouco depois do noviciado.»

Fora, portanto, durante o período em que se encontrava nos conventos de Sant'Elia de Pianisi e de San Marco La Catola, como estudante. Assim, aquele seu comportamento tão suave, doce e reservado, ocultava um grande segredo: a misteriosa familiaridade com seres invisíveis, sobretudo com Jesus.

Como sabemos por outro testemunho do Padre Agostino, o futuro Padre Pio tinha começado a gozar de visões celestes aos cinco anos de idade. No entanto, é provável que o Padre Pio não lhes desse grande importância. Talvez as considerasse como fantasias de criança. Aqui fala de «visitas» de Jesus. Visi-

tas no plural, significando por isso que se repetiram, talvez a intervalos regulares, com um objectivo bem preciso.

O outro testemunho provém de um escrito do Padre. Trata-se de uma página de caderno, que remonta a Fevereiro de 1905, quando estudava Filosofia, em Sant'Elia de Pianisi. Apesar de ainda não ter dezoito anos, aquela página documenta uma experiência das mais fantásticas, mas também das mais perturbadoras que possamos imaginar.

Só por si, o conteúdo daquela pequena página manuscrita não diz muito. Regista um facto, uma situação ocorrida havia cerca de um mês.

Eis o que escreve o Padre Pio: «Há alguns dias aconteceu-me um facto insólito. Por volta das 23 horas do dia 28 do mês passado, e enquanto eu me encontrava no coro com frei Anastasio, dei comigo a grande distância, numa casa senhorial, onde o pai morria, ao mesmo tempo que uma menina nascia. Apareceu-me então Maria Santíssima, que me disse: "Confio-te esta criatura. É uma pedra preciosa em estado bruto: trabalha-a, torna-a o mais reluzente possível, para que um dia possa adornar-me. Não duvides, ela própria virá ter contigo, mas primeiro encontrá-la-ás em São Pedro." Depois disso dei comigo novamente no coro.»

Eram palavras desprovidas de ênfase ou de assombro, que poderiam ter passado despercebidas. Frei Pio refere que, de repente, enquanto estava a rezar, deu consigo longe do coro da igreja de Sant'Elia de Pianisi. Precisa que «era por volta das 23 horas do mês passado», 18 de Janeiro, portanto, porquanto o escrito é de Fevereiro de 1905. Viu uma cena precisa e estranha: «num palácio senhorial, o pai da família morria ao mesmo tempo que uma menina nascia.»

Coincidência absolutamente insólita. Geralmente, verifica-se a morte da mãe provocada pelo parto. Aqui, pelo contrário, é o «pai» que morre, enquanto a menina nasce.

Frei Pio prossegue dizendo que lhe apareceu Nossa Senhora e lhe recomendou que tomasse a seu cargo a recém-nascida, uma criatura da sua predilecção. Depois, como talvez frei Pio tivesse manifestado perplexidade por não saber «como» poderia satisfazer o desejo da Virgem, esta disse-lhe: «Não te preocupes, ela própria virá ter contigo, mas primeiro encontrá-la-ás em São Pedro.»

Esta última frase também parece deslocada, sem significado; no entanto, encerra duas circunstâncias bastante precisas: ela própria procurará o Padre Pio mas, antes disso, os dois encontrar-se-ão em São Pedro, ou seja, em Roma.

A leitura pura e simples desta pequena página não suscita qualquer emoção. Poderíamos pensar que frei Pio tinha tido um sonho, tinha imaginado uma experiência fantástica, tinha tido uma sugestão interior de tipo simbólico. No entanto, ao sabermos que a história se viria a realizar tal como é descrita, até nos mínimos detalhes, ficamos muito admirados.

Foi isso que me aconteceu a mim, quando me encontrei frente à protagonista daquela experiência, a «menina nascida enquanto o pai morria», numa casa senhorial, e que mais tarde iria ter com o Padre Pio depois de se ter encontrado com ele em São Pedro, em Roma.

Essa senhora chamava-se Giovanna Rizzani Boschi. Digo que se chamava, porque já morreu. Conheci-a em 1982, quando ela tinha setenta e sete anos e vivia em Trevi Umbro, perto de Foligno. Era uma mulher extraordinária, de um espírito tão fascinante e vivo, que me lembro daquele encontro na sua bela casa como se tivesse ocorrido há poucos dias.

Giovanna, proveniente de uma nobre família friulana, tinha nascido em Udine, precisamente por volta das 23 horas do dia 18 de Janeiro de 1905. Enquanto nascia, o seu pai, atingido há alguns dias por enfarte, morria.

Tudo como frei Pio tinha visto e depois anotado no seu caderno.

Em seguida, Giovanna fora levada por sua mãe, agora viúva, para Roma, onde crescera. Certo dia de 1922, aos dezassete anos de idade, atormentada por problemas de fé, tinha ido visitar a Basílica de São Pedro acompanhada de uma amiga. Enquanto caminhava sob a abóbada daquela grande igreja, viu um jovem frade capuchinho e sentiu um desejo intenso de se confessar, de confiar ao sacerdote as suas dúvidas. Pediu ao frade se teria a gentileza de escutar a sua confissão, ao que ele assentiu, enquanto entrava num dos muitos confessionários ali existentes. Giovanna confessou-se e recebeu daquele religioso palavras tão reconfortantes que a levaram a permanecer ali, no fim da confissão, e a esperar que o irmãozinho saísse para tomar nota do seu nome e da sua morada, e

para voltar a falar com ele. Mas o frade nunca mais saía. Tinha-se volatilizado. Com efeito, quando chegou a hora de fechar a igreja, Giovanna procurou dentro do confessionário, com a ajuda de um sacristão, e não encontrou nenhum sacerdote.

No ano seguinte, ouviu falar de um certo frade carismático, chamado Padre Pio, que vivia em San Giovanni Rotondo, tinha estigmas e operava prodígios extraordinários. Sentiu o desejo de o visitar.

«Em San Giovanni Rotondo encontrei muita gente, e todos queriam falar com o Padre Pio», contou-me Giovanna Rizzani. «O corredor que ligava a sacristia ao convento, e por onde ele deveria passar, estava apinhado. Consegui encontrar um lugar na primeira fila. Enquanto passava, o Padre Pio deteve-se à minha frente, olhou-me nos olhos e, sorrindo, disse-me: "Giovanna, eu conheço-te: tu nasceste no mesmo dia em que o teu pai morreu."

«Na manhã seguinte fui-me confessar. Depois de me ter abençoado, o Padre Pio disse-me: "Minha filha, finalmente vieste. Há muitos anos que te esperava."

«"Padre," respondi, "talvez me esteja a confundir com outra pessoa."

«"Não, não estou enganado, também tu me conheces", acrescentou ele.

«"É impossível, é a primeira vez que venho a San Giovanni Rotondo. Até há poucos dias nem sequer sabia da vossa existência."

«"O ano passado," prosseguiu o Padre, "numa tarde de verão, foste com uma amiga à Basílica de São Pedro, em busca de um sacerdote que pudesse iluminar as tuas dúvidas sobre a fé. Encontraste um capuchinho e falaste longamente com ele. Esse capuchinho era eu."

«Após uma breve pausa, o Padre Pio continuou: "Quando tu estavas prestes a nascer, a Virgem levou-me até ao teu palácio, em Udine, fez-me assistir à morte de teu pai e depois recomendou-me que te tomasse ao meu cuidado. Foste-me confiada pela Virgem e tenho obrigação de pensar na tua alma."

«Ao ouvir aquelas palavras, desatei a chorar e, a partir daquele momento, o Padre Pio passou a ser o meu confessor, o meu director espiritual: passou a ser tudo para mim.»

Só mais tarde, passados muitos anos, Giovanna teve a feli-

cidade de receber, das mãos de um confrade do Padre Pio, a folha de caderno em que o religioso tinha escrito pelo seu punho, em 1905, os factos misteriosos relacionados com o seu nascimento. Foi um entrelaçar de experiências extremamente sugestivo.

Estes dois testemunhos revelam dados ocultos importantes sobre aquilo que então devia ser a vida espiritual de frei Pio. As visões de Jesus e estas experiências de tipo bilocativo devem ter desconcertado o próprio religioso. No fundo, como já dissemos, era pouco mais do que um adolescente, pois ainda não tinha dezoito anos. Vemos assim que, para ele, o estudo não constituía o pensamento dominante dos seus dias.

«Muitas vezes, quando ia chamá-lo à cela,» contará o Padre Leone de San Giovanni Rotondo, «encontrava-o ajoelhado aos pés da cama, ou com o rosto entre as mãos, apoiado sobre os livros. Por vezes, frei Pio não se apresentava no coro para o Ofício nocturno. Quando o ia avisar, via-o ajoelhado na cama, com um cobertor aos ombros, mergulhado na oração. Não me lembro de lhe ter ouvido um único lamento... Nunca criticava as acções dos superiores. Quando os outros o faziam, repreendia-os ou punha-se à parte. Nunca se queixava do frio rigorosíssimo nem da escassez de cobertores.»

«Certo dia de Verão, estávamos a partir maçãs para secá-las ao sol e depois fazer conserva», contou o Padre Agatangelo. «Frei Pio estava connosco, mas, a dado momento desapareceu. Frei Placido apercebeu-se disso e mandou chamá-lo. Quando voltou, perguntei-lhe onde tinha ido e ele respondeu que tinha ido para o seu quarto, a fim de rever as lições. Poderia ser verdade. Mas o seu rosto, completamente iluminado, mostrava que ele tinha estado a rezar intensamente. Lembro-me daquele rosto como se fosse hoje, bem como da suavidade dos seus modos e da voz com que respondeu ao decano do estudo.»

«Nós, os seus companheiros de classe», contou o Padre Leone, «tínhamos a impressão que ele estudava pouco, embora na escola soubesse sempre a lição. Eu, como bedel do estudo, entrava muitas vezes na sua cela, com uma outra desculpa, e encontrava-o quase sempre a rezar de joelhos, e com os olhos rasos de lágrimas. Posso dizer que ele era um estudante de oração contínua, feita de lágrimas, pois bastava observar-

-lhe os olhos para compreender que aquelas lágrimas eram uma ocorrência vulgar.»

As lágrimas... Dom e carisma. Já vimos que, durante o noviciado, quando meditava na Paixão de Cristo, se desfazia em lágrimas. Este carisma acompanhá-lo-ia também nos anos seguintes.

«Durante a meditação, e sobretudo depois da Comunhão» – contou o Padre Antonino –, «frei Pio derramava muitas lágrimas, a ponto de formar uma poça no chão. Quando o interrogavam sobre a razão de tantas lágrimas, esquivava-se e emudecia. Certo dia insisti e então respondeu-me: "Choro os meus pecados e os pecados de todos os homens".»

«Quando estávamos no convento de La Catola, no coro eu ficava perto dele, à sua direita», contou o Padre Damaso. «Sabia que, durante a meditação, ele costumava chorar e que, para impedir que as lágrimas caíssem no chão, cobria-o com um lenço. Certa noite, levado pela curiosidade, pus sorrateiramente o meu dedo sobre o seu grande lenço branco; quando o retirei, estava completamente encharcado, porque o lenço estava ensopado em lágrimas. Com efeito, até diziam que frei Pio tinha uma doença nos olhos, por causa das lágrimas excessivas que vertia ao rezar.»

Essas lágrimas fazem lembrar São Francisco de Assis. Os seus biógrafos contam que o «poverello», com o coração incendiado de amor pelo seu Deus, deambulava pelos bosques e pelos campos, chorando e gritando: «O amor crucificado não é amado.»

O amor dos santos é um amor ardente, que os leva a praticar actos heróicos a fim de o testemunhar. São Francisco, delicado e doente, desejava partir para as missões. Frei Pio, jovem clérigo, sonhava fazer o mesmo. «Também eu», contava ele, «quando era estudante em Sant'Elia de Pianisi, pedi para ser enviado para as missões. Apresentei o pedido ao reverendíssimo Padre Bernardo d'Andermatt, ministro geral, quando ele visitou a nossa Província, mas ele não o aceitou, porque Deus me reservava para trabalhos mais pesados.»

Terá apresentado, portanto, um pedido oficial, o que significa que a sua decisão era fruto de longa reflexão e de uma análise precisa. Contudo, a Providência tinha outros desígnios.

O jovem religioso ia crescendo por entre experiências misteriosas, rodeado por presenças invisíveis para as outras pessoas, mas que ele tratava com familiaridade. Estas presenças instruíam-no, guiavam-no e eram os seus verdadeiros mestres.

No entanto, não faltavam também as presenças demoníacas. Satanás ia seguindo o crescimento espiritual de frei Pio. Via que este jovem respondia com ardor às solicitações divinas e caminhava com galhardia para a sua grande missão. Desejaria destruí-lo, mas não podia fazê-lo. Frei Pio estava protegido. Tinha de se contentar com assustá-lo, com perturbá-lo.

Tal como no caso das visões celestes, também no das satânicas não temos muitos testemunhos ligados a este período. Há um facto, confirmado pelo próprio Padre Pio, ocorrido em Setembro de 1905, quando ele se encontrava em Sant'Elia de Pianisi.

Era de noite. Frei Pio estava em oração na sua pequena cela. Devido ao calor tórrido, mantinha a janela aberta e a porta entreaberta.

Na cela ao lado ouviam-se os passos de alguém que andava de um lado para o outro, sem parar. Frei Pio pensou: «Esta noite Frei Anastasio não consegue dormir, tal como eu.» Aproximou-se da janela do seu companheiro e chamou, em voz baixa: «frei Anastasio...», mas a voz ficou-lhe estrangulada na garganta. Sobre o parapeito da janela vizinha, com metade do corpo de fora, estava um monstruoso cão preto voltado na direcção de frei Pio, com uma cabeça enorme e olhos fosforescentes. Antes de frei Pio ter tempo de dar um grito, o estranho animal, com um salto gigantesco, foi parar ao telhado em frente, desaparecendo em seguida. Frei Pio, aterrado, caiu em cima da cama.

No dia seguinte veio a saber que a cela ao lado da sua estava desabitada há mais de um mês, pois frei Anastasio tinha-se mudado para outra.

Para compreender melhor

O homem nunca está só, em momento algum.

Para o cristão, a existência terrena é o período «espacio-temporal» que lhe é concedido para construir a sua própria

personalidade, para esclarecer a sua própria identidade, que é a de «filho de Deus».

À medida que vai crescendo, o homem procura-se a si próprio e o seu próprio fim. Nessa busca, porém, não está sozinho. É continuamente assistido e ajudado por Deus, que é seu Pai.

Deus fala e sugere, manifestando-se no fundo da consciência. Então, se o indivíduo se entrega à escuta, nasce o diálogo, o diálogo da vida, aquilo que favorece as intuições, as orientações infalíveis em direcção à meta.

Nestas considerações está contida uma verdade fundamental: a da presença real e actuante de Deus na vida de cada ser humano. A Providência... Realidade infelizmente negligenciada até mesmo pelos crentes. Só os santos a compreendem e a apreciam, ou antes, tornam-se santos precisamente porque, depois de a terem descoberto, conformam com ela a sua própria conduta e vão-se encaminhando, passo a passo, para a perfeição.

Durante o ano de noviciado, no espírito do jovem frei Pio tinha-se dado o encontro com Deus. Fora um encontro claro, forte e determinado. O ano inteiro tinha sido passado na alegria e na tomada de consciência dessa realidade tão sublime.

Durante os anos seguintes, o religioso não se deixou distrair pelas ocupações exteriores nem pelos estudos. Continuou a dar prioridade ao entendimento interior com o seu Deus, desenvolvendo um diálogo cada vez mais notório. Torna-se um aluno atento e diligente do sobrenatural, favorecendo assim o «milagre» da graça. Este traduz-se pela bondade de espírito, pela doçura, pela compreensão, pela suavidade e também pelas experiências extraordinárias, pelas visões, pelos colóquios interiores e por aquele incrível facto da bilocação, que viria a repetir-se vários anos mais tarde.

É o percurso ascético, com os seus imprevistos «naturais», que estão sempre presentes. Não se pode entrar em contacto com Deus sem receber os seus dons.

Além disso, é um percurso acessível a qualquer um, indispensável para a realização da própria realidade absoluta, mas que é fortemente contrariado pelas forças do Mal, inimigas do homem, e por isso só raramente encontrado.

Satanás, o Mal, não pode fazer mal a Deus nem ao reino do

mundo celeste. Basta a sua acção sobre o homem para provocar perturbação à harmonia do desígnio divino.

É um estado de prova, em que cada um é livre de se orientar para o Bem, que é Deus, seu Criador, realizando-se assim a si próprio; ou então para o Mal, para Satanás, o inimigo de Deus, destruindo assim a própria identidade. Deus fala ao homem; Satanás tenta perturbar o diálogo e até interrompê-lo. O homem deve estar atento e fazer a sua escolha.

É a trama da vida, o guião da existência de cada um.

Mas há certos campeões, certos líderes, que são chamados não só a resolver o próprio destino, mas a tornar-se faróis para o destino dos outros. São os grandes santos.

Ao Padre Pio foi indicado este caminho, desde o início. Ele para lá orientou os seus passos e Deus conduziu-o para o Calvário, para se encontrar com Jesus, Salvador do mundo.

O que ele disse

À sua filha espiritual, Cleonice Morcaldi: «Como é que o paraíso seria um lugar de perfeita e total felicidade, se os meus filhos não estivessem perto de mim? Estaremos próximos como sobre uma ponta de agulha, e ninguém no-lo poderá impedir.»

«O Pai Celeste confiou-me as vossas almas. Ficai gratos a essa infinita bondade. Eu tenho a santa ambição de vos apresentar cheios de beleza ao seu coração paterno: não me obrigueis a fazer má figura.»

«Nós temos facilidade em estar sempre a pedir graças ao Senhor, mas nunca Lhe agradecemos. Por isso, muitas vezes o Senhor não nos escuta, precisamente para não nos tornar ainda mais ingratos.»

O que disseram acerca dele

Giovanni Battista Angioletti, escritor que foi director do *Italia Letteraria*: «Julgava encontrar-me na presença do irmão-

zinho de quem tantos já falaram, e vi aproximar-se de mim um antigo guerreiro de hábito escuro, aberto no pescoço. Um guerreiro que erguia o braço como se estendesse uma espada contra um de nós, acometido no mesmo instante por poderosas invectivas. Fiquei atónito ao ver aquele homem tão inesperado, tão imprevisto, cheio de energia e de vigor e que, em vez de coisas sacras, falava de experiências terrenas, da política de hoje e da reforma agrária, atacando os fracos e os medrosos, fustigando com as suas palavras aquele nosso amigo estupefacto, só por não se ter mostrado tão audaz e inflexível como ele.»

Giacomo Lercaro, cardeal: «Muito se falou e escreveu acerca dele. Embora condenado e posto a ridículo, calava-se.»

6

Com o físico completamente perturbado

As doenças físicas são muitas vezes companheiras inseparáveis dos santos. Na história da hagiografia, é difícil encontrar um asceta, um místico, um verdadeiro homem de Deus que, no decurso da sua existência terrena, tenha sido são como um pêro.

A doença é sinal de contingência e de imperfeição. Representa a dor que, na ascese cristã, tem um grande significado e uma grande importância salvífica.

O santo adoece facilmente porque cuida pouco do próprio corpo. Prefere e privilegia o espírito. Considera o corpo um obstáculo na corrida para a perfeição. Mortifica-o a fim de dominar os seus instintos, castiga-o, a fim de o submeter à própria vontade, não perde tempo a dar-lhe repouso.

Contudo, é frequente serem as emoções excepcionais que experimenta que o levam a um forte desequilíbrio físico.

Isto verifica-se sobretudo nos místicos. Estes passam, com perigosa frequência, por experiências espirituais tão fortes, que são capazes de entrar em verdadeiro estado de choque. Uma visão celeste, um estado de êxtase, uma oração intensa, que leva à união com Deus, podem ser comparados a um choque eléctrico de altíssima voltagem. A alma fica inebriada, mas o físico sofre muitíssimo.

É por isso que, muitas vezes, as doenças dos santos, ou dos grandes espíritos, em geral, também são inexplicáveis. Não entram nos parâmetros normais estabelecidos pela medicina, nem reagem aos medicamentos. É essa a razão pela qual muitos deles, embora continuando doentes, e por vezes gravemente enfermos durante anos e anos, acabam por morrer muito velhos.

Foi o que aconteceu ao Padre Pio. Dezenas de vezes, ao longo da sua existência, foi declarado pelos médicos no fim da vida, acabando sempre por recuperar de forma misteriosa, de tal modo que chegou à velhice e só deixou este mundo depois de ter completado oitenta e um anos.

Os factos

Os primeiros sintomas de estranhos mal-estares manifestaram-se no futuro Padre Pio durante o ano de noviciado, ou seja, em 1903.

Na sua infância e adolescência, quando ainda vivia com a família, não se tinham verificado situações preocupantes, à excepção de uma doença intestinal, por volta dos dez anos, que o manteve um mês de cama, e que o médico julgara incurável, mas que, entretanto, se resolveu com uma barrigada de pimentos fritos.

Ao longo do ano de noviciado, frei Pio começou a emagrecer, e o seu definhar tornou-se rapidamente visível, a ponto de preocupar os superiores.

No ano seguinte, quando se encontrava no convento de Sant'Elia de Pianisi, ao definhamento vieram juntar-se resfriados frequentes e uma tosse desgastante. Entre os confrades, e também entre os leigos que frequentavam a igreja do convento, espalhou-se a suspeita de que o clérigo estava tísico, pelo que ninguém se queria aproximar dele, nem sequer na igreja.

Durante esse período, frei Pio foi visto pelo doutor Francesco Nardacchione, que diagnosticou «bronco-alveolite no ápice esquerdo», e lhe aconselhou vida ao ar livre, de preferência na sua terra natal.

A Regra dos Frades Capuchinhos proibia, da forma mais absoluta, que um religioso vivesse fora do convento. Nessa altura, em Pietrelcina, também não havia conventos, pelo que frei Pio não podia regressar a casa, para poder gozar os benefícios do ar da sua terra natal, como dizia o médico.

Com o passar do tempo, o seu estado agravou-se. Outros médicos examinaram frei Pio e todos eles insistiam em doença pulmonar, aconselhando vida ao ar livre, no campo e, se pos-

sível, na terra natal. Quase no fim de 1906, frei Pio é enviado para casa, como medida absolutamente excepcional, na esperança de que o ar da sua terra pudesse ajudá-lo a restabelecer-se.

Os períodos de permanência em casa repetem-se também ao longo dos anos seguintes. Em casa, o jovem melhorava. Então os superiores voltavam a chamá-lo para o convento e imediatamente recomeçavam os distúrbios.

Foi visitado ainda por especialistas célebres, como o professor Ernesto Bruschini, de Nápoles, que diagnosticou: «Infiltração específica de ambos os ápices». Também ele aconselhou a frei Pio o ar da sua aldeia de origem.

Quais eram as perturbações que frei Pio acusava?

É difícil dizê-lo. Dos vários documentos existentes podemos concluir que se tratava de um conjunto de males: febres altíssimas, afecções pulmonares, dores no peito, reumático paralisante, enxaquecas fortíssimas e distúrbios de estômago acompanhados de vómitos. Não retinha os alimentos.

O aspecto misterioso destes males era conferido pelo facto de se manifestarem e desaparecerem de repente, sem razão aparente.

Há um facto emblemático, ocorrido no Outono de 1907, que dá uma ideia muito precisa – e ao mesmo tempo desconcertante – da situação.

Contava-o o ti'Grazio: «Certa vez os frades mandaram chamar-me. Mal lá cheguei, perguntei a um monge: "Que anda frei Pio a fazer?".»

«"Oh, ti'Grazio, há quinze dias que não come nada. Nós choramos por ele, pois duvidamos que ele possa voltar a pôr os pés no chão. Se quiseres levá-lo para casa, leva, mas põe de parte os seus pratos e talheres, sobretudo se houver crianças."»

«De facto, julgávamos que estava tuberculoso. "Se tem de morrer", respondi, "deve morrer em casa".»

«Foi expedido então um telegrama para o superior provincial, que nos autorizou a levá-lo para Pietrelcina. Frei Pio estava tão débil, que foram necessárias duas pessoas para vesti-lo e ajudá-lo a andar.»

«Eu estava muito preocupado e pensava: "Que hei-de fazer? E se ele me morre pelo caminho?".»

«Tomámos uma carroça e um monge acompanhou-nos até à estação. Partimos de comboio, em primeira classe. Quando descemos, em Pietrelcina, detive-me no bar da estação. Disse à proprietária: "Você tem uma carroça; atrele um cavalo e leve-nos a casa".»

«Chegados à aldeia, frente à casa da irmã, frei Pio exclamou: "Avisem o *tatá* [papá] que vou visitar a Felicita".»

«Quando cheguei a casa, a minha mulher perguntou-me: "Então, não trouxeste frei Pio?". "Ele vem já", respondi, e passado pouco tempo ele entrou. "Que tens para o jantar, mãezinha?", perguntou. "Vou fazer nabos", respondeu a mãe. "Então esta noite faz esse petisco a contar comigo. Há quinze dias que não como." Já à mesa, comeu a quantidade de nabos que era para os três, bem temperada com azeite; e depois disse: "Hoje desforrei-me do que não comi, nos quinze dias anteriores". Estava curado.»

Estes episódios põem claramente em evidência uma situação que, mais tarde, se verificará continuamente, pelo menos até 1916: em casa, ou antes, mal chegava à sua Pietrelcina, o religioso sentia-se bem, as suas doenças e graves perturbações desapareciam, como que por encanto. Porém, mal regressava ao convento, voltava tudo a ser como antes.

Além disso, a recuperação física, em casa, não era lenta e progressiva, como seria natural esperar. Era imediata, automática, como vimos através da narração do ti' Grazio. De manhã frei Pio estava a morrer, incapaz de se aguentar de pé; à noite banqueteou-se com nabos.

Tudo isto poderia levar as pessoas a pensar que os problemas de saúde de frei Pio eram de foro psicológico, praticamente inexistentes. Mas isso não era verdade, pois ele foi visto por muitos médicos, em várias cidades e em períodos diferentes, e todos concluíam que ele estava, de facto, «muito doente».

Nos primeiros três anos após o noviciado, o seu aspecto era macilento, o que contribuía para dar crédito às suas queixas. Contudo, lá para fins de 1908, frei Pio tinha recuperado, pelo menos exteriormente.

Há um testemunho do Padre Paolino da Casacalenda que o descreve deste modo: «Era um belo jovem, roliço, de rosto rosado, que não deixava transparecer nada da doença que o afec-

tava. Trazia um lenço de seda ao pescoço, que lhe protegia a garganta, e toda a sua pessoa emanava bondade e simpatia.

Outro confrade recordava-o assim: «De físico delicado e enfermiço, mas de saúde aparentemente robusta, pois era o mais bem parecido de todos nós.»

O próprio Padre Pio comentava, ao recordar aqueles anos: «O principal problema da minha doença era o facto de, aparentemente, eu não revelar qualquer mal, por isso muitos poderiam duvidar da veracidade do meu sofrimento.»

As crises físicas, no convento, iam aumentando cada vez mais. Tornaram-se muito fortes, a ponto de assustar os seus confrades e superiores. Destacavam-se sobretudo os estados febris, as enxaquecas, que o retinham dias a fio na cama, e os vómitos. Vomitava tudo o que comia e ninguém conseguia compreender a causa.

Durante o ano lectivo 1907-1908, frei Pio passou vários meses em Serracapriola, sendo aluno do Padre Agostino de San Marco in Lamis, professor de Teologia. Este foi o primeiro a aperceber-se de que qualquer coisa de especial ia evoluindo no segredo daquela alma.

Tornou-se amigo de frei Pio, que começou a fazer-lhe confidências, escolhendo-o para seu confessor. De início, porém, o próprio Padre Agostino não conseguia situar nem perceber o sentido das estranhas doenças do seu aluno.

Infelizmente, tendo passado apenas dois meses de frequência do curso, frei Pio teve de ser enviado novamente para a sua aldeia, por motivos de saúde. No entanto, já se estabelecera entre os dois uma capacidade de entendimento que havia de durar para sempre. O Padre Agostino era o «queridíssimo papá» de frei Pio. «Quando foi meu aluno em Serracapriola – escreverá o Padre Agostino – frei Pio era bom, obediente e estudioso, embora enfermiço. Mas eu ainda não notava nele nada de extraordinário nem de sobrenatural.»

Foi o próprio Padre Agostino que acompanhou frei Pio a Pietrelcina nos primeiros meses de 1909, pois as condições de saúde do jovem religioso tinham-se agravado a olhos vistos. Desta vez foi uma viagem quase definitiva. Com efeito, enquanto até então frei Pio costumava regressar a casa por

breves períodos de tempo, a partir de 1909 Pietrelcina passa a ser a sua morada quase permanente.

Desde então intensificaram-se também os exames de controlo médico às doenças de frei Pio. Os superiores estavam decididos a encontrar respostas conclusivas.

Agora o próprio frei Pio começava a sentir-se preocupado com as suas dores e perturbações. De casa, onde tinha recuperado ligeiramente, escrevia ao seu confessor: «Também sinto que algumas forças me voltaram, a ponto de conseguir andar um pouco sem que isso me provoque um grande mal-estar. No entanto, a febre não quer abandonar-me e quase todos os dias me visita, ao anoitecer, seguida de muita transpiração. Além disso, a tosse e as dores no tórax e nas costas martirizam-me continuamente, mais do que todas as outras misérias.»

Por vezes a dor no pulmão esquerdo é tão aguda, que o torna incapaz de qualquer movimento, e só a custo consegue falar.

Escreve ao Padre provincial, dizendo-lhe que, a par dos tormentos espirituais, também aumentam as dores físicas. Comenta que é como se os medicamentos tomados sejam deitados a um poço. Confessa com sinceridade que sofre bastante e pede-lhe ajuda, pois já não aguenta mais. Anseia pela visita de algum especialista, mas refere, por outro lado, as dificuldades financeiras da família, que não está em condições de arcar com as despesas. «Em todo o caso,» conclui, «que se faça a vontade de Deus.»

Frei Pio continua a ser visitado por médicos e todos eles falam de doença pulmonar. A doença parece tão grave, que se receia a sua morte e, por isso, como veremos, é apressada a sua ordenação sacerdotal.

Em Setembro de 1911 é o próprio Provincial, o Padre Benedetto, que passa a interessar-se pessoalmente pela situação de saúde do jovem religioso, ordenado sacerdote poucos meses antes.

Decide levá-lo ao melhor especialista da época, o professor Antonio Cardarelli de Nápoles. Era uma sumidade tão famosa, que viria a ser mais tarde escolhido para dar nome ao maior hospital napolitano: o «Cardarelli», precisamente.

A consulta deve ter tido lugar por volta de 20 de Outubro de 1911. O professor foi drástico. Afirmou que o Padre Pio ti-

nha um mês de vida, e aconselhou o Padre provincial a acompanhar o doente até ao convento mais próximo, porque uma viagem longa poderia ser fatal.

Antes de deixar Nápoles, e pensando que o Padre Pio devia ter poucas semanas de vida, o Padre Benedetto quis levá-lo ao fotógrafo Nicola Germoglio, na via Monte-Oliveto 40, para lhe mandar tirar uma fotografia. Estava muito afeiçoado àquele seu jovem religioso, e desejava conservar uma recordação dele.

O convento mais próximo de Nápoles era o de Venafro. O Padre Pio foi conduzido para lá, e ali permaneceu cerca de quarenta dias, grande parte dos quais foi passada na cama, entre a vida e a morte. Naquele convento estava também o Padre Agostino, seu confessor, e outros jovens sacerdotes, seus companheiros, que frequentavam um curso de Teologia. No meio deles pôde encontrar o conforto psicológico necessário para morrer em paz.

A saúde dele ia piorando de dia para dia. A dado momento, o Guardião de Venafro, Padre Evangelista de San Marco in Lamis, acompanhou de novo o Padre Pio a Nápoles, para nova consulta a outros especialistas. Contudo os médicos não percebiam nada.

De regresso a Venafro, o Padre Pio meteu-se na cama e, durante duas semanas, não tocou em alimento algum, a não ser na Comunhão, que recebia de manhã. Todos os religiosos do convento viviam horas de angústia à sua volta. Gostavam muito dele e sofriam ao vê-lo naquela situação.

Entretanto foi visitado por novos médicos: o doutor Giuseppe De Vincenzi, sobrinho do professor Cardarelli, e o doutor Nicola Lombardi. De Vincenzi detectou uma doença de origem tuberculosa, e aconselhou-o a regressar à sua terra natal. Lombardi, diagnosticou «uma ligeira debilidade nos murmúrios vesiculares dos ápices pulmonares, tosse, sobretudo depois das refeições, tosse de timbre laríngeo.» Aconselhou uma consulta a um otorrinolaringologista, e também este foi de opinião que poderia ser vantajoso passar uma temporada na aldeia natal.

O superior, Padre Evangelista, escreveu ao Provincial, pedindo-lhe autorização para acompanhar o Padre Pio de re-

gresso a Pietrelcina. Como não recebeu resposta, escreveu directamente ao Padre Geral.

Finamente acabou por chegar a autorização do Padre Provincial. Na manhã de 7 de Dezembro de 1912, o Padre Agostino acompanhou o Padre Pio a Pietrelcina.

Repete-se então aquele fenómeno inexplicável e incrível, já constatado noutras vezes. O Padre Pio, que há várias semanas estava praticamente às portas da morte, sem comer, com a febre sempre alta, completamente prostrado, mal chega a Pietrelcina, não só se sente melhor, como recupera imediatamente as forças, a ponto de poder celebrar, no dia seguinte, festa da Imaculada, a Missa solene, cantada, e por isso mais demorada e fatigante.

O Padre Agostino ficou quatro dias em Pietrelcina, constatando, assombrado, que o Padre Pio parecia outra pessoa. Nele já não se via vestígio algum de quanto tinha sofrido em Venafro.

Tudo se tornava claro. As doenças do Padre Pio não eram de foro patológico. As próprias infiltrações dos ápices pulmonares, que todos os médicos diagnosticavam, até os da região militar, deviam ser postas em questão.

À força de lho ouvir repetir, o próprio Padre Pio tinha-se convencido de que tinha essa doença. Contará mais tarde que, durante esse período, era «um tuberculoso sem cura». Contudo, o seu médico de família, doutor Andrea Cardona, que o seguia quando ele regressava a Pietrelcina, excluiu sempre a hipótese de o Padre Pio ser tísico.

«Tinham-lhe detectado», declarou, «uma tuberculose pulmonar e davam-lhe poucos meses de vida, ou nem tanto. Mas quando o fui ver, mudei de opinião, e com razão. Frágil, é verdade que o era. Revelava um enfraquecimento significativo, devido a jejuns, vigílias, práticas ascéticas e de penitência. Tinha certamente uma bronquite adiantada, contraída no campo, naquele tugúrio de Piana Romana, onde se refugiava para rezar. Mas isso é outra coisa, que não tem nada a ver com a tuberculose. Tanto assim que, após as injecções de tuberculina, administradas como teste, as reacções eram sempre negativas. Para tratá-lo bastavam as poções habituais e as velhas decocções.

«Acompanhei-o, com um seu tio, a uma consulta em Nápoles, ao professor Castellino, uma sumidade da época, docente

na Universidade de Nápoles, e também ele excluiu a natureza tuberculosa do mal... O Padre Pio chegava a Pietrelcina muito depauperado, eu tratava-o e ele recuperava a saúde. Parecia-me um homem normal, como todos os outros frades, sem qualquer particularidade que o distinguisse.»

É provável que o bom médico municipal, doutor Cardona, tivesse ajuizado bem da situação. Quando o Padre Pio estava em Pietrelcina, tinha um físico normal, um pouco depauperado, mas nada mais. Só quando não estava em Pietrelcina lhe eram diagnosticadas doenças de todos os tipos, algumas delas gravíssimas, a ponto de ser declarado quase às portas da morte. No entanto, eram doenças que desapareciam, mal ele chegava a casa.

Há ainda outro dado desconcertante a tomar em consideração, um dado absolutamente inconcebível do ponto de vista científico, mas extremamente significativo para ajudar a compreender a situação: as suas febres.

Tão depressa vinham como, de repente, desapareciam. Atingiam temperaturas elevadíssimas, tão elevadas que não havia memória de tais valores na história da medicina. Se não fossem detectadas e controladas por médicos, pensar-se-ia que os dados transmitidos tinham sido inventados.

O Padre Pio começou a acusar este tipo de febres precisamente nos anos em que era forçado a abandonar periodicamente o convento para tratar da sua saúde em casa.

Os médicos constatavam que a fronte do jovem religioso ardia, que os seus olhos brilhavam e que tinha o pulso galopante. Colocavam-lhe o termómetro debaixo das axilas e a coluna de mercúrio subia com rapidez e violência dentro do tubo de vidro, a ponto de fazê-lo rebentar. A febre ultrapassava, portanto, os 42 graus centígrados, limite máximo previsto num termómetro normal.

Certo dia um médico teve a ideia de utilizar um termómetro daqueles que são utilizados para medir a temperatura da água, o «termómetro de banho». Mediu a febre ao Padre e a pequena coluna de mercúrio deteve-se nos 48 graus. O médico não queria acreditar no que estava a ver. Experimentou de novo, e obteve o mesmo resultado.

Este dado foi mais tarde confirmado por médicos militares,

quando o Padre Pio estava na tropa, e depois pelo doutor Giorgio Festa, que estudou longa e meticulosamente o físico do Padre Pio. «Eu já tinha ouvido falar daquela anomalia», escreveu o Doutor Festa, num dos seus relatórios. «Julgava-a impossível e, para poder avaliá-la com exactidão, levei comigo um termómetro especial, que serve para as experiências científicas e que é de uma precisão absoluta.»

O Doutor Festa mediu metodicamente a temperatura do Padre Pio, duas vezes por dia, durante várias semanas. Os resultados foram incríveis. Havia dias em que a temperatura era de 36,2-36,5 graus, mas noutros subia a 48-48,5 graus.

«Quando era atingido por temperaturas tão elevadas», escreveu o Doutor Festa, «o Padre Pio parecia sofrer muito, sendo tomado por grande agitação na cama, mas sem delirar e sem as perturbações comuns que habitualmente acompanham alterações febris significativas. Ao fim de um ou dois dias, tudo regressava ao seu estado normal.»

O próprio Padre Pio deixou um testemunho deste facto em várias cartas. A 9 de Fevereiro de 1917, escreveu o seguinte a Erminia Gargani, sua filha espiritual: «Sinto que melhorei. A febre tão alta, que não havia termómetro capaz de medi-la, deixou-me há já alguns dias.»

Passados vários dias, escrevendo a Maria, irmã de Erminia, acrescentava: «O calor da febre era tão excessivo, que fazia rebentar o termómetro.»

O Padre Paolino de Casacalenda, que nessa altura era Guardião do convento de San Giovanni Rotondo, escreveu assim nas suas memórias: «Estávamos a 17 ou 18 de Janeiro de 1917, quando o Padre Pio caiu de cama. Era a primeira vez que eu me encontrava com ele. Ao vê-lo estendido no leito, com o rosto afogueado e a respiração um pouco difícil, tínhamos a sensação súbita de um grande sofrimento...

«Antes de chamar o médico, decidi tirar-lhe a febre. Qual não foi o meu espanto quando, ao retirar o termómetro, me apercebi que o mercúrio, chegado aos 42 graus e meio, ou seja, ao ponto extremo dos termómetros vulgares, tinha feito pressão e, não podendo sair, tinha quebrado o reservatório onde estava encerrado. Ainda hoje conservo aquele termómetro especial, que nunca quis entregar a ninguém, sendo esta a prova mais autêntica daquilo que digo...»

«Entretanto, embora soubesse que uma febre de 42,5 graus é sinal de doença grave, não me assustei, persuadido de que me encontrava frente a um indivíduo fora do vulgar, e por isso nem sequer me apressei a chamar o médico.»

«Pelo contrário, cheio de curiosidade por ver até onde chegaria a febre do Padre, peguei num termómetro de banho, que tinha no meu quarto e, depois de o ter libertado do estojo de madeira em que estava encerrado, aproximei-me do doente, a fim de lhe medir novamente a febre. O meu assombro aumentou extraordinariamente ao verificar o termómetro, depois de o ter retirado da axila do Padre. Vi na coluna que o mercúrio tinha atingido os 52 graus. Observei imediatamente o doente, com grande preocupação, mas ele revelava apenas uma grande depressão. Pus-lhe a mão na fronte; estava fresca como a de quem não tem febre...»

O Padre Raffaele de Sant'Elia de Pianisi, que viveu muitos anos com o Padre Pio, e foi Guardião do convento de San Giovanni Rotondo, deixou o seguinte testemunho: «Durante os anos em que vivi com o Padre Pio, ele era muitas vezes atacado por gripes e febres reumáticas e lembro-me que, um ano, também por malária, de tal modo que cheguei a dar-lhe injecções de quinino, receitadas pelo doutor Di Giacomo.»

«Quando tinha estes acessos de febre, o termómetro ultrapassava sempre os 46 graus, e também me recordo que, um ano, no dia de Pentecostes, quando D. Bosco foi canonizado, subiu a 53 graus. Vi-o com os meus próprios olhos. O Padre, na sua cama, parecia autêntico fogo, devido ao calor. Para lhe tirar a febre, tínhamos utilizado o termómetro de banho.

Alguns revelaram que naquele dia tinham visto o Padre Pio em Roma, a assistir à canonização de D. Bosco, ao lado de D. Orione. Eu sei muito bem que naquele dia o Padre Pio estava de cama, e não posso dizer até que ponto tais afirmações eram verdadeiras. De resto, tudo era possível ao Padre Pio, de quem se contavam tantos casos de bilocação.»

Outro testemunho significativo, que revela como o fenómeno se repetiu ao longo do tempo, remonta aos anos 1941--1944, e é dado pelo doutor Giuseppe Avenia, médico cirurgião de Agropoli, na província de Salerno, que visitou o Padre Pio durante esse período. Ele conservava ainda o termómetro com que, então, tinha tirado a febre ao Padre e que se tinha

quebrado, na axila do paciente, devido ao facto de a coluna de mercúrio ter ultrapassado os 42 graus.

Como já disse, nenhum médico, que não tenha sido testemunha directa, aceita como verdadeiros os factos referidos, pois não têm equivalente na história da medicina.

O doutor Giorgio Festa que, ao estudar os estigmas do Padre Pio, também se interessou pelos seus febrões, procedeu a investigações específicas. Descobriu que Julius Friedrich Cohnheim, no seu *Tratado de Patologia Geral*, recordava que, no ataque epiléptico e urémico, nomeadamente em casos de tétano, numerosos observadores tinham registado temperaturas absolutamente extraordinárias: 42,5-43, e até 44 graus. Eram temperaturas sempre fatais que, por vezes, depois da morte, sofriam ainda um aumento.

Baumler, referindo-se à patologia da insolação, falava de um caso, seguido de morte, em que o doente, uma hora após o seu internamento no hospital, apresentava uma temperatura de 42,9 graus.

Wunderlich, na Alemanha, tinha chamado a atenção dos médicos para a circunstância de que, nas mais variadas doenças do sistema nervoso central, quase no fim da vida, a temperatura do corpo podia subir de forma considerável, chegando a atingir 42 e, às vezes, 43 e 44 graus.

O que ele pensava sobre o assunto fora confirmado por todos os observadores que o tinham seguido, e as temperaturas tão elevadas por ele descritas tinham recebido o nome de «agónicas ou pré-agónicas», precisamente como expressão da tragédia que prenunciavam.

Contudo, em todos estes casos extremos, investigados pelo doutor Festa, estamos sempre muito longe daquilo que acontecia ao Padre Pio, cuja febre alcançava os 48 e até os 53 graus centígrados.

Para compreender melhor

Dum ponto de vista científico, a doença e as febres excepcionais presentes no caso do Padre Pio não tinham qualquer explicação. Eram e continuavam a ser um enigma.

O fenómeno, pelo contrário, é conhecido no campo místi-

co. Os estudiosos da matéria afirmam que as «super febres» de certos santos são o efeito da veemência do seu amor por Deus, amor esse que abrasa e queima, como fogo. São picos de febre «incríveis» em pessoas que passam por experiências igualmente «incríveis».

O fenómeno foi detectado em muitos santos, entre os quais São João da Cruz, Santa Teresa d'Ávila, Santa Margarida Alacoque, definida por «a santa de fogo».

Também o Padre Pio ardia com «esse» fogo. A 6 de Maio de 1913, escrevia ele ao seu confessor, Padre Agostino: «Sinto-me todo a arder, sem fogo. Mil chamas me consomem; sinto-me continuamente a morrer, embora sempre vivo. Em certos momentos é tal o fogo que me devora por dentro, que me esforço o mais possível por me afastar de Jesus e Maria, e por partir em busca de água gelada, a fim de nela mergulhar.»

Assim, o amor que os santos, sobretudo o místicos, sentem em relação a Deus, é tal, ou seja, tão intenso, que lhes afecta profundamente o físico. O objecto do amor é infinito e, por isso, a reacção física provocada por esse sentimento é imensa. O seu coração bate com força e a temperatura do seu corpo sobe como se tivessem uma febre mortal. A pessoa acaba por se encontrar num estado anormal. O corpo e a psique só resistem por milagre.

É esta, portanto, a verdadeira causa de tantas dores físicas inexplicáveis, de tantos sofrimentos, de tantas doenças misteriosas, que se verificavam no Padre Pio. Os médicos não estavam à altura de compreender. Constatavam os factos, sentindo-se transtornados, tentavam formular hipóteses, mas nada mais.

Aquelas anomalias inacreditáveis eram consequência de experiências místicas extraordinárias. A dado momento, os directores espirituais do Padre aperceberam-se da realidade. O Padre Benedetto, que também era superior provincial do Padre Pio, escreveu-lhe o seguinte: «Como superior e director espiritual, declarei que o vosso mal não tem necessidade de médicos, sendo especialmente permitido por Deus; tratando-se de uma cruz sobrenatural de características particulares, sempre considerei inúteis, neste caso, os fármacos e o ar da terra natal.»

O Padre Pio respondeu-lhe: «Estou plenamente convenci-

do, depois disso me ter sido garantido, que a minha doença é especialmente permitida por Deus e que, por isso, não tenho necessidade de médicos.»

O que ele disse

«O amor, sem dor, é fogo de palha. Todos sofrem, mas poucos são aqueles que sabem sofrer bem.»

Aos seus filhos espirituais: «Gerei-vos de novo, para Jesus, nas dores e no amor da sua própria Paixão. Sede constantes e perseverantes, caminhai pela via em que vos coloquei e – viva Jesus! –, não perecereis, chegareis ao porto santo.»

«O sofrimento é o meu pão de cada dia, a minha delícia. Desejo a morte para me unir de forma indissolúvel ao esposo divino; desejo a vida para padecer cada vez mais, porque a prova mais segura do amor é a dor.»

O que disseram acerca dele

O professor Pietro Valdoni, célebre cirurgião e docente na Universidade de Roma, quando lhe perguntaram: «Quem dizeis vós, os cientistas, que é o Padre Pio?», respondeu: «Uma criatura que não come, não dorme, vive da Sagrada Comunhão, derrama uma chávena de sangue por dia, tem febres que ultrapassam os 48 graus centígrados: avaliai vós quem será o Padre Pio.»

Enrico Medi, ilustre cientista e homem político: «Parece-me que nunca houve, na vida e na história da Igreja, nenhum santo a quem Cristo tenha pedido tanto sangue como ao Padre Pio.»

7

O exílio do escândalo

(1909-1916)

O Código de Direito Canónico estabelece que um religioso, depois de ter feito os seus votos, deve viver no convento.

Só por razões graves, e por breves períodos de tempo, pode passar alguns dias fora da clausura. Se a necessidade exigir que tais temporadas se prolonguem, deve-se pedir uma autorização especial à Santa Sé, que poderá intervir de duas formas: através da «secularização» ou da «exclaustração».

No primeiro caso, o interessado é excluído da Ordem religiosa; no segundo, recebe uma autorização especial para se manter, durante determinado período de tempo, fora da clausura. O Padre Pio, pelo contrário, viveu em sua casa durante vários anos, sem qualquer autorização, suscitando polémica e escândalo junto dos seus confrades que, a dado momento, pretenderam expulsá-lo da Ordem, mas sem êxito algum.

Os factos

As estadias do Padre Pio em Pietrelcina, junto dos pais, por razões de saúde, tiveram início em 1906. As primeiras foram de várias semanas. Foram-se tornando cada vez mais frequentes e mais prolongadas, até passarem a ser «permanentes».

Com efeito, desde Maio de 1909 a Fevereiro de 1916, o religioso viveu praticamente sempre em casa. Foram sete anos fora do convento.

Era uma situação completamente ilegal, e também muito estranha, porque a razão que motivava ausências tão prolongadas do convento se devia a graves necessidades de saúde, mas, como já vimos, tais razões dissipavam-se mal o Padre Pio

chegava a casa. No convento estava às portas da morte; transposto o limiar da porta de casa, recuperava a saúde.

Tal facto era fonte de dúvidas, suspeitas e mexericos. Nem todos acreditavam na consistência real das doenças do Padre Pio. Alguns julgavam-nas fruto de invenções, fantasias ou de autolesionismo, embora involuntário.

Por isso, com o passar do tempo, aquelas temporadas em casa passaram a ser um problema e também um escândalo. A dado momento, os superiores intervieram de forma decidida, tentando obrigar o religioso a regressar ao convento, mas sem o conseguir.

De início, depois de recuperar a saúde, em casa, e de os superiores o chamarem de volta para a comunidade, o Padre Pio obedecia imediatamente. Contudo, a partir de determinada altura, como ele próprio revelou, já não «conseguia» obedecer. Quando recebia a ordem de regressar, sentia-se quase «vítima de uma paralisia física, que o impedia de se mover».

Escrevia cartas aos superiores a fim de explicar, advogar, defender a sua posição. Na realidade, recusava-se a obedecer. E esta atitude suscitava grande surpresa nos superiores, que estavam habituados a vê-lo sempre pronto para a obediência cega, como ordenava a Regra.

As suas recusas, as suas longas cartas, com que pretendia explicar que não podia regressar ao convento, além de suscitarem perplexidade, provocavam polémicas e incompreensões que o levaram, como veremos, à beira de uma ruptura definitiva com a Ordem religiosa.

Em suma, às pressões do seu Provincial, Padre Benedetto, que também era o seu director espiritual, e do seu confessor, Padre Agostino, a quem o Provincial recorria com frequência para pedir ajuda, frei Pio respondia que «não podia obedecer» pois «era Jesus que lho impedia».

O confessor e o director espiritual, sabendo que naquela alma se manifestavam tantas experiências de tipo místico, acreditavam nele. No entanto, interrogavam-se sobre o significado daquele «sinal», daquela «ordem». Porque seria que Deus, depois de ter chamado o jovem a viver no convento, levanta tantos obstáculos à sua permanência em clausura?

A mesma interrogação fazia frei Pio a si próprio. Escreveu

ele ao seu director espiritual: «Diga-me que quer Deus de mim, ingrata criatura.»

O Padre Benedetto respondeu-lhe: «Queres saber que quer Jesus de ti? A resposta é fácil: quer sacudir-te, abanar-te, bater-te e joeirar-te como o trigo, para que o teu espírito chegue àquela transparência e pureza que Ele deseja.»

Considerava, portanto, uma prova, a necessidade de se ver obrigado a viver fora do convento, uma prova que ele aceitava com confiança. De facto, a 2 de Janeiro de 1910, escreveu a frei Pio: «Se experimentas significativas melhoras de saúde respirando o ar da tua terra natal, mantém-te aí... Quais são os desígnios divinos, querendo-te à força junto da família, isso ignoro; no entanto, aceito-os com adoração, esperando, quase confiante, que a crise se resolverá.»

Com o passar do tempo, porém, constatando que aquela prova se estava a prolongar demasiado, por um tempo que, no seu entender, era excessivo, o Padre Benedetto começou a mudar de opinião.

Ele não era apenas o director espiritual daquele jovem, mas também o superior provincial de muitos outros religiosos, os quais olhavam frei Pio[1] com aparente ironia, murmurando e criticando-o. Ele não podia ter preferências, sobretudo quando estas pareciam totalmente irrazoáveis e quase absurdas.

O Padre Pio passara a ser um problema. As explicações que dava para se manter em casa já não eram aceites pelo Provincial, que lhe escrevia: «Como pode o Senhor retirar uma alma do convento, e colocá-la no meio do século para sua maior perfeição, é algo que não me é dado entender.»

Vai-se consolidando a suspeita de que a situação não passava de um engano de Satanás. O próprio confessor, Padre Agostino, preocupa-se e pede para ser esclarecido, escrevendo ao Padre Pio: «Dissestes-me em tempos que o Senhor vos tinha revelado porque vos quer aí e que estáveis fisicamente impedido de o manifestar, por obediência. Ora, porque não haveis de insistir junto do Senhor, e de não fazer uma doce

[1] Depois de 10 de Agosto de 1910, data da sua ordenação sacerdotal, frei Pio será sempre designado por Padre Pio.

violência ao seu coração, para que ele vos permita dizer tudo aos superiores, da obediência aos quais Deus não dispensa? Assim, deveis contar-nos tudo, e então até o Padre provincial ficará completamente convencido.»

O Padre Pio escuta os conselhos do seu confessor. Reza, suplicando a Jesus que lhe dê autorização para regressar ao convento, mas o Senhor não o escuta; pelo contrário, zanga-Se muito.

Então o Padre Pio volta-se para Nossa Senhora, dirigindo-lhe a mesma súplica, e também esta, sempre maternal e afectuosa com ele, tem uma reacção brusca. «Esta santa Mãe», escreve o Padre Pio, «teve um acesso de fúria pela ousadia que tive ao pedir de novo esta graça, que já me tinha sido severamente proibida».

Como castigo, por não ter querido ajustar-se às suas disposições precisas, a partir daquele dia Jesus, Maria e as personagens divinas deixaram de lhe aparecer por um longo período de tempo, aumentando, pelo contrário, a luta com Satanás, que o Padre Pio terá de combater sozinho, sem o apoio celeste.

O confessor insiste: «Ouve, meu filho, é princípio indiscutível, na economia da nossa salvação, que a obediência deve prevalecer sobre todas as razões do mundo. Pois bem, a autoridade falou claramente acerca do teu regresso ao convento. A autoridade pode-se enganar, mas a obediência nunca se engana. O próprio Deus nunca dispensou nenhum santo de obedecer à autoridade. O provincial, no teu caso, chega a dizer que o teu espírito caiu vítima de uma ilusão diabólica, e que tu deverias vencê-la.»

O Padre Pio vê-se metido num grande sarilho. Por um lado, Jesus, por outro, os superiores. Que fazer? A quem obedecer? Mas porque será que Jesus e Nossa Senhora não querem que ele regresse ao convento?

O Padre Agostino gostaria de o saber. Sente curiosidade. Quando se encontra com o Padre Pio, pede que lho revele, como confidência, e a resposta, lacónica, não esclarece nada, como se deduz pelo *Diário* do Padre Agostino: «Certo dia, tendo sido interrogado por mim, a propósito da sua permanência em Pietrelcina, respondeu: "Padre, não posso revelar a razão pela qual o Senhor me quis em Pietrelcina; faltaria à caridade".» Anota o Padre Agostino: «E, a partir daquele dia, nunca mais o interroguei sobre tal assunto.»

O mesmo não pode fazer o Padre Benedetto, que é superior provincial, responsável, portanto, pelo bom funcionamento de toda a província religiosa. Ele deve fazer respeitar as leis, que são iguais para todos.

Em Setembro de 1911, o Padre Benedetto faz uma espécie de ultimato ao Padre Pio: se a permanência em casa não o curar, chamá-lo-á em nome de São Francisco.

«No convento sinto-me a morrer», responde-lhe o Padre Pio. E ele replica: «Se o Senhor te quiser na glória do céu, é melhor que morras no convento, para onde Ele te chamou.»

O Padre Pio insiste na sua recusa. Escreve uma carta que surpreende muito o seu superior provincial. Diz que está pronto a obedecer, mas também reivindica o seu direito à vida e a não ser pesado a ninguém. Diz que, em casa, embora sofrendo, cumpre o seu dever, isto é, reza e sobrevive sem ser pesado a ninguém, o que, pelo contrário, no convento nunca seria possível.

«Não acredito – escreve o Padre Pio ao próprio Provincial, – que V.ª Rev.ª queira de modo algum que eu morra. É verdade que, em casa, eu tenho sofrido e continuo a sofrer, mas nunca fiquei impossibilitado de desempenhar o meu ofício, ao contrário do que acontecia no convento. Se se tratasse de sofrer sozinho, tudo bem. Mas ser pesado e incómodo para os outros, sem outro resultado que não seja a morte, não sei que responder. De resto, parece-me que também eu tenho todo o direito de não me privar directamente da vida, aos vinte e quatro anos. Aparentemente, o Senhor quer que seja assim. Considere V.ª Rev.ª que estou mais morto do que vivo, e depois faça como julgar melhor. Estou disposto a qualquer sacrifício, quando se trata de obedecer.»

Em suma, manifesta o seu desejo de ficar em casa. Contudo, desta vez o Padre provincial não cede e ordena-lhe que, por santa obediência, regresse ao convento. O Padre Pio obedece, mas as crises físicas tornam-se imediatamente tão graves, que são os próprios superiores do convento onde ele se encontra a assumir a responsabilidade do seu regresso a casa.

Entre 1911 e 1912, o Padre Benedetto enviou por cinco vezes ao Padre Pio a ordem de regressar ao convento. Mas, passados poucos dias sobre o seu regresso, acontecia sempre alguma coisa grave, pelo que ele era enviado de novo para casa.

O Provincial fica exasperado. «A tua permanência junto da família entristece-me bastante», escreve ele. Está convencido que não serve de nada continuar fora do convento, porque a doença é querida por Deus. Se não fosse assim, a permanência em casa teria feito bem ao religioso, o que não acontecera. Portanto, a sua doença é um sinal de Deus, e não se deve tentar curá-la, vivendo fora do convento. Diz estar seguro de tal asserção, depois de se ter aconselhado com outros confrades e também com o Padre Geral.

«Se o teu mal é uma vontade expressa por Deus, e não um facto natural,» escreve ele ao Padre Pio, «é melhor que regresses para o seio da santa religião. O ar da tua aldeia não pode curar uma criatura visitada pelo Altíssimo, e essa mesma criatura não pode temer a morte, só por regressar ao convento. Quer em casa, quer na religião, a tua saúde será sempre aquela que Deus quiser. Antes de fazer esta longa análise sobre a tua enfermidade, teria tido escrúpulos de te obrigar a regressar para o meio de nós. Mas agora, que vi as coisas seguirem o mesmo curso, embora continues a respirar o ar da tua aldeia, sinto escrúpulos em não insistir no teu regresso. Este meu pensamento é partilhado ainda pelo Padre Giustino, pelo Padre Agostino e também pelo reverendíssimo Padre Geral, ao qual escrevi de propósito. Dispõe-te, portanto, a obedecer, e Deus acumulará as suas bênçãos sobre a tua cabeça.»

A referência ao Padre Geral mostra quão grave se tornara a situação. Não se recorre ao superior geral de uma grande Ordem monástica para resolver pequenas questões disciplinares, relativas a um jovem religioso.

A longa permanência do Padre Pio fora do convento tinha-se tornado, portanto, um problema moral e jurídico. Os frades teciam comentários sobre ela. Criticavam o Padre Pio e o Provincial, que nunca mais resolvia a questão. Frente aos confrades, ele não pode fingir que ignora situação tão irregular. Apresenta o caso ao Padre Geral, em termos jurídicos, ou seja, pedindo que se sigam os procedimentos necessários para o resolver segundo a lei eclesiástica, pedindo, portanto, à Santa Sé, o indulto de secularização.

Na prática, o Provincial propõe-se expulsar o Padre Pio da Ordem dos Capuchinhos. Não porque ele seja um frade indigno, culpado de escândalos ou de coisas do género, mas

porque, vivendo no convento, não está em condições de observar a Regra, por motivos de saúde. Assim, como se trata de um jovem piedoso e bom, pede que ele seja feito sacerdote secular, isto é, padre, como aqueles que vivem na paróquia ou até em casa própria.

Decisão gravíssima, que vai afectar a essência da vocação religiosa do Padre Pio. No entanto, chegou-se a um ponto em que é considerada necessária.

O Padre Benedetto é o instrutor do processo. Contudo, não parece que seja esta a decisão justa, aprovada pelo Alto, pelos guias invisíveis, verdadeiros mestres espirituais do Padre Pio. Eles deixam que o superior provincial tome todas as iniciativas por ele consideradas oportunas, mas dizem ao Padre Pio que fique tranquilo, porque não acontecerá nada, na sua vida nada mudará.

Na verdade, não acontece mesmo nada. Não se sabe porquê, o processo iniciado em 1913 não avança. Parece que a carta de pedido de secularização expedida pelo Padre Benedetto levou mais de dois anos a chegar a Roma e, depois da sua chegada, e de ter sido examinada pelas autoridades competentes, não obtém nada daquilo que nela se pedia.

Os superiores do Padre Pio tinham pedido a sua secularização, ou seja, a sua expulsão da Ordem. A Santa Sé, porém, por sua própria iniciativa, propõe antes a «exclaustração». Decide, portanto, que o Padre Pio deve continuar a ser religioso capuchinho, vestindo o saio franciscano, embora vivendo em casa, fora do convento.

O «rescrito», documento assinado pelo Papa, pelo qual era concedida ao Padre Pio a faculdade de permanecer fora do convento, envergando o hábito religioso, tem a data de 25 de Fevereiro de 1915. Nele se diz: esta faculdade é válida «enquanto perdurar o estado de necessidade». Na prática, enquanto a saúde do frade não melhorar.

Foi uma solução favorável para o Padre Pio, que caiu mal aos seus superiores, calando-os e frustrando as suas propostas: uma solução completamente inexplicável. De um modo geral, a Congregação dos religiosos não entra em julgamento contra ninguém, limitando-se apenas a acolher as propostas do superior geral. No caso do Padre Pio fez o contrário. E o Padre Geral, que até àquele momento tinha sido tão severo

com o Padre Pio, mudou de atitude e escreveu: «Já que é essa a vontade de Deus, que ela seja feita... E o bom Padre rezará sempre pela Ordem a que continua a pertencer...»

Para compreender melhor

Esta é uma página muito obscura da vida do Padre Pio. Uma página difícil de interpretar. Tão difícil, que até os seus amigos e directores espirituais não sabiam que conclusões tirar.

O Padre Benedetto e o Padre Agostino tinham sido os únicos, até à data, a ter o privilégio de «olhar» para dentro da alma do Padre Pio, onde ocorriam coisas extraordinárias. E aquela experiência terrível estava a ponto de deitar tudo a perder. Tinha minado a confiança e as relações, tinha provocado tensões.

Chegou-se ao ponto de levantar um processo jurídico que poderia ter mandado o Padre Pio para fora da Ordem dos Capuchinhos. Contudo, a prática jurídica da secularização, devido a causas misteriosas, revelou-se interminável; as cartas nunca chegavam ao seu destino e, por fim, a solução dada ao caso foi completamente diferente daquela que se esperava.

O único sinal que nos permite tentar uma interpretação consiste em recordar mais uma vez a «missão especial reservada ao Padre Pio», ou seja, em considerar que os verdadeiros educadores do Padre para essa missão não eram os homens, mas o próprio Deus, através dos seus mensageiros invisíveis.

Como já vimos, o Padre Pio ia passando por muitas experiências estranhas. Estava sujeito a doenças, febres, enxaquecas, prostrações mortais, que tão depressa vinham como, logo depois, desapareciam. E tudo isto estava ligado à sua tensão amorosa frente a Deus e a Jesus, às preocupações pelos irmãos que sofriam, ao desejo de participar nas dores alheias, às macerações, às penitências, às vigílias, aos jejuns, às lutas durríssimas com o demónio, às visões celestes. Em suma, àquele tirocínio que o conduziria ao mistério do Calvário, dos estigmas visíveis.

Experiências delicadíssimas, totalmente alheias à esfera da racionalidade. Os julgamentos daqueles que rodeavam o Padre Pio nunca poderiam ser compreensivos. As suas reacções

teriam certamente «perturbado» o trabalho espiritual num indivíduo ainda tão jovem.

Por isso, os amigos invisíveis do Padre, aqueles que conduziam a sua verdadeira existência, tinham decidido que tudo deveria ocorrer longe de olhares indiscretos. Escolheram, como «ginásio» para este treino especial, a tranquila Pietrelcina, onde a gente simples nutria grande respeito pelo próximo, não se metia na vida alheia e não se admirava com a presença do mistério.

É, por isso, muito provável, que o Padre Pio tenha sido afastado à força do convento, e obrigado a viver, durante sete anos, em casa. Obrigado também a desobedecer aos seus próprios superiores, até ao ponto de estes terem considerado a hipótese de o expulsar da Ordem. Contudo, não conseguiram fazer nada. Quando Deus quer uma coisa, é inútil tentar contrariá-lo.

O que ele disse

«Tenho trabalhado e quero trabalhar, tenho rezado e quero rezar, tenho vigiado e quero vigiar, tenho chorado e quero chorar, pelos meus irmãos de exílio. Sou levado a viver para os irmãos de forma vertiginosa, a inebriar-me de dores pela sua salvação eterna.»

A Cleonice Morcaldi: «Ainda não te apercebeste que quem me vê, vê Jesus? Não sou eu que vivo, é Ele, Jesus, que vive em mim e acima de mim.»

«Hoje é a festa da nossa avó, Sant'Ana. Digo avó, porque, se Maria é nossa mãe, por disposição divina, Sant'Ana é nossa avó, pois também é avó de Jesus.»

O que disseram acerca dele

O Cardeal Agostino Casaroli, quando era secretário de Estado do Vaticano: «Há vidas em que a vocação para o sofrimento constitui o motivo dominante, e quase a filigrana sobre

a qual se dispõem de forma misteriosa as experiências da pessoa, com uma lógica que nos surpreende.

A vida do Padre Pio é uma dessas vidas "predestinadas", em que o sofrimento, por assim dizer, se alastra e transborda.

Não só e não tanto o sofrimento físico, que nele também foi intenso e quase contínuo, mas sobretudo o sofrimento interior, do qual o seu epistolário dá um testemunho impressionante. Podemos dizer que não há uma página dos seus escritos em que este tema não aflore, com palavras que revelam, por vezes, tenebrosos abismos de dor, qual relâmpago no meio da noite.»

8

Off-limits
(1909-1916)

Antes de iniciar a sua vida pública, Jesus passou quarenta dias no deserto.

Desse período não sabemos nada. Os textos sagrados limitam-se a referir que Ele rezava e jejuava e que depois foi tentado por Satanás.

Na vida de todos os grandes guias espirituais encontra-se a experiência do deserto: um período de solidão, de sofrimento, de oração e de tentação.

Para o Padre Pio, esta experiência foi longa. Durou pelo menos sete anos: de 1909 a 1916, precisamente os anos que ele passou fora do convento.

Como vimos no capítulo anterior, por uma série de causas estranhas, foi obrigado a deixar o convento e a regressar a casa. Mas o objectivo não era trocar a vida de oração do religioso pela dos outros interesses materiais do leigo.

Tratava-se de um caso de emergência. Os seus mestres invisíveis, aqueles que o estavam a preparar para a grande missão, queriam actuar com tranquilidade. A formação do seu aluno tinha chegado a um ponto delicado. Agora tinha de enfrentar provas terríveis, que teriam provocado curiosidade, assombro, talvez até escândalo. No convento, aqueles factos seriam capazes de perturbar o ambiente. Por isso, os educadores invisíveis o retiraram da vida em clausura e o levaram para a tranquilidade de Pietrelcina, onde o mantiveram durante sete anos.

Esse período é pouco conhecido. Quase parece que sobre ele tenha sido escrito «Off-limits», «reservado», «segregado», uma daquelas frases que, de um modo geral, se carimbam nos

documentos que não devem circular, que não devem ser divulgados, que não devem ser conhecidos. Documentos militares, dos serviços secretos, da segurança de Estado.

Contudo, recolhendo bocadinhos de informação provenientes de todas as fontes possíveis, é possível compor um quadro bastante significativo.

Ficamos assim a saber que aqueles sete anos constituem o período mais importante da vida do Padre Pio, no qual chegou à maturidade da própria experiência mística, tornando-se aquilo que Deus queria que ele fosse.

As fontes que nos permitem investigar este período são os escritos do Padre Pio ao seu confessor e ao seu director espiritual, e os testemunhos de várias pessoas que, durante aqueles anos, viveram a seu lado.

Os factos

Frei Pio regressou para junto da família, em Pietrelcina, durante os primeiros meses de 1909. O seu pai e o seu irmão mais velho, Michele, tinham partido havia pouco tempo para a América. Vivia por isso com a mãe e as irmãs.

Viu-se livre de regras e horários. Os seus dias já não eram marcados pela sequência metódica das obrigações conventuais. Agora tinha de organizar a própria vida como melhor lhe parecesse.

Estava em casa por questões de saúde. O seu principal dever era tratar-se, portanto, e viver ao ar livre. Como continuava a ser um religioso, devia cumprir os deveres de oração previstos para os religiosos: Missa de manhã, recitação do Ofício Divino, terço, etc.

Aparentemente a sua vida desenrolava-se dentro da maior normalidade. As pessoas viam-no passar na aldeia, sempre recolhido e silencioso. No entanto, era afável e cordial para com todos.

«Quando regressava de Piana Romana para a função da noite – contou Lucia Iadanza, sua conterrânea – detinha-se todo transpirado em frente à minha casa. A minha avó dizia-me: "Vai ao poço buscar um pouco de água fresca para o

Padre Pio." Ele dessedentava-se e retomava fôlego. Pedia notcias do meu pai, que estava na América, tal como o dele. A água servia para refrescar o vinho branco em que eram embebidos os biscoitos que o Padre Pio tanto apreciava.»

Durante as noites de Verão, também ele se sentava à entrada das casas a conversar. Detinha-se todos os dias junto ao carteiro, para ler o jornal.

Depois do jantar, dava um passeio com o arcipreste, D. Salvatore Pannullo, e com outros sacerdotes da paróquia, entre os quais se contava D. Giuseppe Orlando, dez anos mais velho do que ele e seu grande amigo.

«Uma noite – contou D. Orlando – o arcipreste, chegado a certo ponto da aldeia, fez-nos parar e convidou-nos a escutar o que dizia Forgione. Este afirmou que, ao passar por aquele caminho, ouvia sempre um coro de Anjos a cantar e sinos a tocar à distância. "Calai-vos e escutai", disse, pondo-se de ouvido à escuta. Nenhum de nós ouvia nada e o silêncio foi quebrado pelo estrépito das nossas gargalhadas. No entanto, no lugar indicado pelo Padre Pio, viria a surgir, quarenta anos mais tarde, o convento e a nova igreja dos Capuchinhos.»

As pessoas estimavam-no muito. Tinham intuído que naquele jovem religioso se davam factos misteriosos. Sentiam nele o fascínio do céu. Muitos consideravam-no santo e recorriam a ele pedindo-lhe orações.

Em Abril de 1913, os piolhos infestaram as favas em plena floração. Cada plantinha estava infestada daqueles insectos que, interrompendo o desenvolvimento do fruto, arruinavam a colheita.

Certo camponês pensou recorrer ao Padre Pio, e pediu-lhe que fosse à sua propriedade para abençoar a plantação. O Padre assim fez e, enquanto caminhava, rezando e abençoando, os piolhos caíam das favas, fulminados. Outros camponeses recorreram a ele e, por toda a parte, as orações do Padre destruíam os insectos. Numa semana todas as plantações de favas foram libertadas e a colheita foi abundante.

Também ocorriam factos estranhos quando o Padre Pio estava na igreja.

Depois da celebração da Missa, ele prolongava muito a acção de graças, caindo com frequência numa espécie de transe, que o alheava completamente do que estava a aconte-

cer à sua volta. Por vezes o seu corpo perdia o equilíbrio e caía por terra, sem sentidos.

Das primeiras vezes, o sacristão, Michele Pilla, assustava-se, mas depois habituou-se. Saía, deixando as chaves na porta, de tal modo que o Padre, quando recuperasse os sentidos, pudesse fechar de novo a igreja.

Uma vez, tendo regressado para tocar sino ao meio-dia, encontrou o Padre Pio ainda desfalecido. Julgando que estivesse morto, correu a chamar o arcipreste, gritando: «O monge morreu.» O arcipreste, que conhecia a origem daqueles desfalecimentos, respondeu-lhe: «Não te preocupes, ele há-de ressuscitar.»

Durante os meses quentes, o Padre Pio mudava-se para Piana Romana, refugiando-se na quinta da família. Tinham-lhe construído uma cabana com ramos, à sombra de um grande ulmeiro. «Ali passava o dia e a noite, ao fresco, para respirar ar puro e saudável», contava o Padre Pio. «Naquela cabana, para mim transformada numa verdadeira igrejinha, eu fazia todas as práticas de piedade e as minhas orações.»

Naquela cabana, perdida na solidão dos campos, aconteceu de tudo. Sobre ela por vezes descia o paraíso, e de outras vezes abatia-se o inferno. Em 1951, apontando aquela cabana, o Padre Pio confessou: «Ninguém sabe o que acontecia ali durante a noite» e, com a mão, imitava o gesto de cajadadas.

Os estigmas foram o fenómeno místico mais estrondoso que atingiu o Padre Pio, aquele que o caracterizou e deu a conhecer ao mundo. Ele é o único sacerdote estigmatizado que se conhece na história da Igreja.

Pois bem, o Padre Pio recebeu o dom dos estigmas, não em San Giovanni Rotondo, em Setembro de 1918, como oficialmente se pensa, mas em Pietrelcina, em 1910.

É o que se deduz de vários testemunhos. Um deles é de monsenhor Pannullo, arcipreste de Pietrelcina. Quando, em 1918, lhe contaram que nas mãos do Padre Pio tinham aparecido estigmas, ele replicou: «Vós estais a vê-las agora; eu vi-as em 1910.»

Mais tarde contou que o misterioso fenómeno se tinha verificado no dia 7 de Setembro de 1910, à tarde. O Padre Pio es-

tava a rezar em Piana Romana. Apareceu-lhe Jesus e Nossa Senhora, que lhe entregaram os estigmas.

De regresso a casa, o Padre contou tudo a monsenhor Pannullo, acrescentando: «Ti'Tore, por caridade, peçamos a Jesus que me liberte desta confusão. Desejo sofrer, morrer de sofrimento, mas tudo às ocultas». Rezaram juntos e Deus escutou-os. Os sinais visíveis dos estigmas desapareceram, mas os sofrimentos fortíssimos continuaram.

Dispomos também do testemunho preciso e repetido do próprio Padre Pio. Numa carta de Setembro 1911, escreveu ao seu director espiritual: «Ontem à noite aconteceu-me uma coisa que não sei como explicar nem entender. No meio da palma das mãos apareceu-me uma mancha vermelha, do tamanho de um cêntimo, acompanhada por uma dor forte e aguda no meio da mesma. Essa dor era mais intensa na mão esquerda, a ponto de ainda hoje perdurar. Também senti uma certa dor na sola dos pés. Há já quase um ano que este fenómeno se tem vindo a repetir. Contudo, durante algum tempo deixei de o sentir. Não se inquiete por eu só agora lho contar, pois tenho-me deixado vencer sempre por aquela maldita vergonha. E mesmo agora, se soubesse a violência que tive de fazer sobre mim próprio para lho contar...»

Noutra carta, dirigida ao Padre Agostino, durante o mesmo período, escreveu: «Desde quinta-feira à noite até sábado, sofre-se e sofre-se bem. É-me oferecido todo o espectáculo da Paixão, constituindo para mim uma tragédia dolorosa. Parece que o meu coração, as minhas mãos e os meus pés foram trespassados por uma espada, tal é a dor que neles sinto.»

Vários anos mais tarde, o seu confessor fez-lhe perguntas precisas a esse propósito, e o Padre Pio viu-se obrigado a responder. É tão grande o seu pudor e a sua confusão por ter de abordar assuntos do género, que se lhes refere como se se tratasse de experiências vividas por outra pessoa.

«A vossa segunda pergunta – escreveu ele ao seu confessor, – é se Deus concedeu, a esta pobre alma, o dom inefável dos seus santos estigmas. Devo responder afirmativamente. A primeira vez que Jesus quis honrá-la com esse seu favor, os estigmas tornaram-se visíveis, sobretudo numa das mãos. E como esta alma, frente a tal fenómeno, ficou bastante aterrorizada, suplicou ao Senhor que a libertasse de fenómeno tão visível.

Desde então as marcas desapareceram, mas o desaparecimento das feridas não se fez acompanhar do desaparecimento da dor, que se faz sentir sobretudo em certas circunstâncias particulares, e em dias determinados.»

O fenómeno dos estigmas teve portanto início em 1910, em Pietrelcina, precisamente na cabana de Piana Romana. Em 1918, em San Giovanni Rotondo, os estigmas tornaram-se «visíveis».

O Padre Pio lembrava-se bem de tais datas. Em Setembro de 1968, os seus filhos espirituais organizaram uma grande festa para recordar os cinquenta anos da impressão dos estigmas. Ele deixou que o fizessem. No entanto, à sua filha espiritual predilecta, Cleonice Morcaldi, que lhe foi dar os parabéns, disse: «Não é há cinquenta anos, mas há cinquenta e oito, que trago no corpo estas chagas.»

Todas as experiências extraordinárias pelas quais o Padre Pio passava durante aqueles anos de exílio em Pietrelcina levavam-no a «familiarizar-se» com o além. Para ele, a grande barreira que separa a realidade deste mundo da realidade do mundo dos espíritos ia-se dissolvendo pouco a pouco. Era diariamente invadido por realidades sobre-humanas e celestes, que nem a fantasia mais exuberante pode imaginar. É essa a razão pela qual, como já vimos, o seu físico se ia deteriorando e a febre subia aos 48 e até aos 53 graus.

As personagens celestes que a Fé nos diz existirem no além, e que para nós são apenas figuras hipotéticas, para o Padre Pio tornavam-se interlocutores reais. Via-os, conversava com eles, recebia conselhos, confidências, revelações, informações e intuições. Jesus, Nossa Senhora, São José, São Francisco, os anjos, o próprio Anjo da Guarda, viviam com ele como se formassem todos uma só família.

Em finais de 1912, durante uma das inúmeras tentativas promovidas pelos seus superiores para obrigá-lo a regressar ao convento, passou quarenta dias no convento de Venafro. Durante esses quarenta dias, várias religiosos puderam testemunhar as experiências por que ele estava a passar.

Entre os religiosos que então viviam em Venafro contava-se também o Padre Agostino, confessor do Padre Pio, que deixou testemunhos importantes. Segundo o Padre Agostino,

os êxtases do Padre Pio, durante aquele período, eram «quase contínuos, verificando-se duas e três vezes por dia, e duravam entre uma e duas horas e meia».

O próprio Padre Agostino assistiu a vários desses êxtases. Contou ele que o Padre Pio falava em voz alta com as personagens invisíveis. Ele registava as suas palavras e depois transcrevia-as para o seu diário. Não ouvia os discursos dos interlocutores, mas pelas palavras do Padre Pio fazia uma ideia do tema da conversa.

O Padre Agostino sentia vontade de medir os batimentos cardíacos e as pulsações do Padre Pio, quando em êxtase. Escreveu o seguinte: «Não havia correspondência entre eles. As pulsações eram aceleradas e fortes; os batimentos, aceleradíssimos e fortíssimos.»

Quando o superior chamava o Padre Pio arrebatado em êxtase, este não ouvia directamente as suas palavras, mas o seu Anjo da Guarda transmitia-lhas imediatamente. Outras vezes, o Anjo da Guarda sacudia o Padre Pio de maneira a fazê-lo regressar do estado de êxtase. Ouvia-se então o Padre Pio exclamar: «Ah, quem me chama? Quem me chamou foi o Anjo ou o Padre guardião.» Às vezes, porém, o Padre lamentava-se assim: «Ó meu Anjo, deixa-me estar com Jesus...»

Nossa Senhora era para ele de uma beleza deslumbrante. O Padre Pio ficava encantado. Ouviam-no dizer: «Ó mãezinha querida... tu és linda... és lindíssima, querida mãezinha. Esses cabelos são magníficos... Eu glorio-me por ter uma mãezinha tão maravilhosa...»

Segundo o ensinamento da Fé cristã, enquanto faz parte deste mundo terreno, o homem está rodeado por duas realidades invisíveis: a dos espíritos celestes e a dos espíritos infernais.

Os espíritos celestes procuram ajudar o homem, ao longo da sua vida no tempo, a encaminhar-se para o Bem; os infernais impelem-no para o Mal. É o mistério da vida, o mistério da Redenção de Cristo, o fulcro à volta do qual gira toda a doutrina religiosa do Antigo e do Novo Testamento. Trata-se, no fundo, do mistério do homem, da sua consciência, do seu fim último.

O Padre Pio, na sua experiência mística, entra em contacto com os espíritos celestes, mas também com os espíritos infernais.

Os espíritos celestes iluminavam-no para que seguisse a sua grande missão que o conduzia ao Bem, e o levava a ajudar os outros homens a alcançar o Bem. Os infernais impeliam-no para o Mal e queriam destruir a missão que Deus lhe tinha confiado.

O confronto era diário, por vezes de uma violência sem par. Se as visões celestes levavam o Padre Pio ao sétimo céu, as infernais aniquilavam-no e massacravam-no.

Satanás conhecia o valor espiritual do caminho do Padre Pio em direcção ao Calvário. Sabia que aqueles sofrimentos, incluindo a impressão dos estigmas, eram a resposta de Deus a um pedido preciso do Padre, relacionado com o seu desejo de sofrer pela redenção dos pecadores. Tinha-se oferecido, desde criança, como vítima pelos pecadores e pelas almas do Purgatório, e depois continuara a fazê-lo. «Peço a Jesus que Se digne fazer recair sobre mim os castigos que estão preparados para os pecadores e para as almas do Purgatório, mesmo que os centuplique, contanto que converta e salve os pecadores e acolha rapidamente no paraíso as almas do Purgatório.»

Jesus tinha aceitado a oferta e a sua mão pesava sobre o Padre Pio através de muitos sofrimentos. O Padre contava tudo ao seu director espiritual, que lhe respondia: «Alegra-te, meu filho, nunca durante a tua vida estiveste tão bem de espírito como agora. Se te ofereceste com Jesus como vítima pelos pecadores do mundo, que outro destino te pode esperar senão o mesmo que teve Jesus? Porém, depois do Calvário, vem a glória do Tabor.»

Satanás ia-se vingando. «Em certos momentos – escrevia o Padre Pio –, pouco falta para eu ficar louco, tal é a violência contínua que tenho de fazer para não ceder ao demónio, que se esforça por me arrancar dos braços de Jesus.»

«Mais do que nunca, nestes últimos dias – escreveu ele em 1912, o nosso inimigo comum esforça-se o mais possível por me perder e destruir, como me vai sempre repetindo... Não pára de me aparecer sob as suas formas horrendas e de me espancar de uma maneira verdadeiramente pavorosa.»

Como é natural, aumentam ainda as doenças e os vários distúrbios físicos, por intervenção de Satanás.

Uma forma de conjuntivite, extremamente incómoda, leva

o Padre quase à cegueira: «A vista abandonou-me. Muitas vezes sou obrigado a servir-me de uma luz, para poder ler a Missa. De há vários dias para cá, às moléstias habituais veio juntar-se a de sentir todo o meu corpo cheio de dores reumáticas e é com dificuldade que me arrasto até ao altar. Sinto ainda fortíssimas dores de cabeça, que me incapacitam para qualquer actividade.»

A luta é cruel. O demónio está decidido a derrubar o Padre Pio. As moléstias satânicas passam do plano espiritual para o físico. As tentações transformam-se em maus tratos e possessões. Chega-se a um combate corpo-a-corpo, onde não faltam as pancadas. Quem conhece a fundo estes fenómenos, sabe que, quando Satanás se enfurece, torna-se aterrador.

«O demónio quer-me para ele a todo o custo», escreve o Padre Pio. «Por tudo aquilo que estou a sofrer, se não fosse cristão, julgaria certamente que estava possesso. Não sei por que razão, até agora Deus ainda não se compadeceu de mim, libertando-me. Uma coisa sei, porém, é que Ele nunca actua sem ter fins santíssimos, úteis a todos nós.»

«As tentações – prossegue ele – ofuscam-me a mente, provocam-me suores frios e posso dizer que me fazem tremer da cabeça aos pés. Nesses momentos só me restam os olhos para chorar. Belzebu não quer dar-se por vencido. Há vários dias que me vem visitar com outros dos seus satélites, armados com bastões e engenhos de ferro e, pior ainda, sob as suas próprias formas. Quem sabe quantas vezes me atirou abaixo da cama e me arrastou pelo quarto... À excepção de quarta-feira, não pára de bater-me, num combate que eu diria mortal, acompanhado de muitos dos seus pares... Insiste em aterrar-me. Na outra noite passei muito mal. Desde que me deitei, por volta das dez, até às cinco da manhã, aquele patife não fez outra coisa senão espancar-me continuamente. Muitas foram as sugestões diabólicas que me apresentou mentalmente, pensamentos de desespero e de desconfiança em Deus; parecia-me que ia perder a razão. Não deixam de me perseguir, chegando mesmo a tirar-me a camisa e a bater-me directamente no corpo. Densas trevas envolvem o meu espírito.»

Satanás tenta tudo para conseguir perturbar o entendi-

mento existente entre o Padre Pio e o Senhor. Parece que o inferno inteiro se mobilizou nessa tarefa.

O Maligno quer isolar o Padre Pio. Sabe que as cartas do confessor e do director espiritual, duas pessoas a quem o Padre está muito afeiçoado, lhe trazem conforto e esperança. E também sabe que as cartas que o Padre Pio lhes escreve constituem um desabafo benéfico. Deseja então destruir essa ligação.

Escreve o Padre Pio ao seu confessor: «Aqueles malandros, antes de eu abrir a carta, disseram-me que a rasgasse ou atirasse ao fogo. Fiquei mudo, embora desprezando-os no meu coração. Lançaram-se sobre as minhas costas, qual bando de tigres esfaimados, amaldiçoando-me e ameaçando-me de que me fariam pagar. Desde então, têm-me perseguido diariamente, durante vinte e dois dias seguidos.»

Diz ainda noutra carta: «O demónio está ansioso por que acabe toda a minha relação e comunicação convosco e ameaça-me que, se eu me obstinar em não lhe dar ouvidos, fará coisas contra mim que a mente humana jamais poderá imaginar».

E depois: «Sabeis a que se agarrou o demónio? Ele não queria de maneira nenhuma que na última carta eu vos tivesse informado da guerra que me move e, visto que eu, como de costume, não quis escutá-lo, começou a sugerir-me: "Como agradarias mais a Jesus se quebrasses toda a relação com o teu Padre. Ele é para ti um ser bastante perigoso, objecto de grande distracção. O tempo é muito valioso, não o desperdices nessa perigosa correspondência com o teu Padre. Utiliza-o na oração pela tua saúde, que corre perigo. Se continuas nesse estado, fica a saber que o inferno está sempre aberto para ti".»

Para impedir que o Padre escrevesse aos seus directores espirituais, Satanás fez-lhe sobrevir uma agudíssima dor no braço. Provocava tumultos e algazarras, com estrondos violentíssimos, a fim de o transtornar e de o fazer perder a razão. Fazia-lhe desaparecer as cartas, ou então rasgava-as.

O arcipreste de Pietrelcina, D. Salvatore, recebeu uma carta da parte do Padre Benedetto, director espiritual do Padre Pio. As passagens relativas ao Padre Pio não passavam de uma mancha negra e ilegível. Então o pároco abençoou a carta com água benta, e a mancha desapareceu.

Outra carta, escrita pelo Padre Agostino ao mesmo pároco, chegou completamente em branco. D. Salvatore referiu o facto ao Padre Pio, pensando que o confessor se tinha enganado, mas o Padre Pio disse-lhe exactamente o que estava escrito nessa carta, que fora apagada por Satanás.

Para tentar deitar abaixo o Padre Pio, o demónio recorria ainda, como é natural, às tentações dos sentidos. Também neste contexto a luta foi renhida.

«A aparição dos demónios sob forma de rapariguinhas nuas, que dançavam de forma lasciva, era uma das mais dolorosas», escreve o Padre Pio. «Certa noite, os demónios, depois de se me terem apresentado sob as formas mais abomináveis, ao verem esfumar-se os seus esforços, lançaram-se sobre mim por detrás, atiraram-me por terra e sovaram-me com toda a força, atirando ao ar a almofada, os livros e a cadeira, emitindo urros desesperados e pronunciando palavras extremamente grosseiras. Encontro-me nas mãos do demónio, que se esforça por me arrancar dos braços de Jesus. Quanta guerra ele move contra mim, Deus meu! Gostaria de ter, querido Padre, não digo bastante tempo, mas pelo menos uma hora de repouso por dia.»

É um tormento contínuo, incessante. E o Padre Pio, de temperamento sanguíneo, perde um pouco a paciência. Irrita-se com aqueles que deveriam estar do seu lado e ajudá-lo nessa luta sem igual, e em vez disso andam fugidos. Irrita-se sobretudo com o seu Anjo da Guarda.

Lidar com o sobrenatural já se tornou um hábito para ele. Comporta-se, por isso, com os seres celestes, como se fossem seus companheiros de viagem.

Repreende o Anjo da Guarda por este não intervir prontamente em sua ajuda. Escreve ao confessor: «Por vezes dirijo-me ao meu Anjo. Depois de me ter feito esperar algum tempo, ei-lo finalmente a esvoaçar à minha volta. Repreendi-o asperamente por me ter feito esperar tanto tempo, embora eu não tivesse parado de lhe pedir socorro. Para o castigar, não queria olhá-lo de frente. Queria afastar-me, fugir-lhe, mas ele, coitadinho, veio ter comigo quase a chorar e agarrou-se a mim, até que o olhei no rosto e o vi muito pesaroso. "Estou sempre perto de ti, meu querido jovem, ando sempre à tua

volta, com aquele afecto que suscitou o teu reconhecimento para com o dilecto do teu coração. Este afecto que sinto por ti nem com a tua morte se extinguirá".»

Por vezes o demónio aparecia ao Padre Pio sob a forma de vários santos: São Francisco de Assis, Santo António, o Papa Pio X, o Anjo da Guarda e até assumindo o aspecto de Nossa Senhora. Certo dia, desejando confessar-se, o demónio apareceu-lhe sob a forma do seu confessor, Padre Agostino.

O Padre Pio explicou que Satanás nunca o atormentava à quarta-feira porque esse dia é dedicado a São José que, segundo a tradição cristã, é apontado como «terror dos demónios». O Padre tinha uma enorme devoção ao pai adoptivo de Jesus, e recomendava a todos que rezassem muito a este santo, garantindo que ele é um protector fortíssimo, sobretudo no momento da morte, ou seja, da separação desta terra.

Muitos de tais acontecimentos, que envolviam o céu e a terra, tinham lugar na torrinha, a pequena divisão situada contra as muralhas do bairro Castello, que era o quarto do Padre Pio. Por vezes o estrépito provocado pelo que se passava lá dentro era tão forte, que era ouvido a grande distância. A altas horas da noite, os vizinhos viam-se obrigados a sair de casa, assustados com tudo o que estava a acontecer. De manhã, a mãe do Padre Pio deparava com o quarto do filho de pernas para o ar: o colchão, as cadeiras e a cama, tudo revolvido, e o Padre tinha muitas vezes o corpo cheio de nódoas negras, devido às pancadas recebidas.

Aquele quarto continuou a ser alvo dos ataques de Satanás, mesmo depois da partida definitiva do Padre Pio. Durante vários meses, continuaram a ouvir-se estrondos e pancadas nas paredes. As cadeiras partiam-se sem que ninguém lhes tocasse. Michele, irmão mais velho do Padre Pio, viu-se obrigado a chamar um sacerdote para abençoar a casa. Só depois do exorcismo os rumores desapareceram definitivamente.

Para compreender melhor

Os factos referidos nas páginas deste capítulo abordam os temas fundamentais da vida terrena do Padre Pio. Estão relacionadas com algumas verdades espirituais, que fazem parte

do património da fé, mas que, na prática, são ignoradas ou até postas em questão.

Em tempos, muitos consideravam que factos semelhantes (visões, colóquios com seres espirituais, lutas com os demónios) faziam parte de uma fenomenologia religiosa de tipo fantástico, com origem histérica. Não deviam, portando, ser tomados em consideração. Ou então admitia-se plenamente que fossem expressão simbólica e sublimada de uma forma de «representar» o mundo espiritual.

Contudo, ao apontar o Padre Pio como campeão de santidade, e por isso exemplo a imitar, a Igreja chama a atenção do crente também para estas realidades que caracterizaram com muita força a existência do religioso de Pietrelcina.

As suas cartas ao confessor e ao director espiritual estão cheias de narrações de visões celestes e satânicas. Podemos dizer que, pelo menos nos anos da sua juventude, quando escrevia tais cartas, o Padre Pio tinha encontros diários, e até várias vezes ao dia, com anjos ou demónios.

Além disso, tais «encontros» eram reais e não fantasiosos, pois deixavam quase sempre sinais bastante concretos. Os demónios, por exemplo, agrediam e espancavam o Padre Pio, deixando o seu corpo coberto de sangue.

Semelhantes episódios misteriosos repetiram-se ao longo de toda a sua existência, mesmo durante a velhice. Verificavam-se, sobretudo, nas noites que precediam a chegada de algum pecador, que depois viria a converter-se, ou a chegada de algum endemoninhado.

Em 1964, foi levada ao Padre Pio uma endemoninhada de dezoito anos. Há já algum tempo que o demónio se tinha apossado do seu corpo, obrigando-a a fazer acções horríveis. Os seus familiares estavam desesperados. Tinham-na levado a vários exorcistas, mas nenhum deles conseguira libertá-la. Decidiram então recorrer ao Padre Pio.

Na noite anterior à chegada da rapariga a San Giovanni Rotondo, o inferno abateu-se sobre a cela do Padre. Os frades ouviram ruídos assustadores. A dado momento, foram obrigados a intervir, porque o Padre soltou um forte grito de dor.

Encontraram-no caído por terra, com o rosto tumefacto e uma grande ferida na testa, de onde jorrava muito sangue.

Aterrados, chamaram o médico, que desinfectou as feridas e se viu obrigado a colocar-lhe um enorme penso.

De manhã, o Padre Pio estava tão prostrado que não teve forças para se levantar e ir celebrar Missa.

Entretanto, como sempre, desde as primeiras horas do dia, o adro da igreja estava apinhado de fiéis. Esperavam a abertura das portas para entrar e assistir à Missa do Padre Pio. Entre a multidão contava-se também a rapariga endemoninhada, que continuava a gritar: «Esta noite espanquei aquele velho; vereis que não virá dizer Missa.»

Ninguém acreditava nas suas palavras. No entanto, quando o Padre superior do convento anunciou à multidão a indisposição do Padre Pio, todos compreenderam. A jovem endemoninhada, gritando, repetia: «Ouvistes? O velho não vem dizer Missa. Fui eu que o espanquei esta noite.»

O padre Pio confirmou aos seus confrades que aquela ferida lhe tinha sido feita por Satanás. Ficou três dias doente. Depois retiraram-lhe as ligaduras e voltou a celebrar a Missa. Na igreja estavam também a jovem possessa que, mal o viu, soltou um grito terrível e desmaiou. Foi levada para junto do Padre, que a abençoou. Quando recuperou os sentidos, estava serena e tranquila. Tinha sido libertada e não teve mais distúrbios.

Factos como este «documentam» de forma desconcertante a presença contínua e real, embora normalmente invisível, dos seres espirituais que cercam o homem, e da sua capacidade de intervenção. É frequente o facto de doenças, desgraças e incidentes serem provocados por espíritos do mal. Quem não sabe ou não quer proteger-se contra os seus ataques, é gravemente atingido.

O que ele disse

Cleonice Morcaldi, perguntou-lhe certo dia: «Os demónios também arrancam os cabelos de noite?» Ele respondeu: «Minha filha, eles até os ossos me "esfacelam", mas não tenhas medo.» Cleonice: «Padre, Satanás tortura-me com as suas tentações.» Padre Pio: «Deixa-o torturar: nós havemos de o tortu-

rar a ele, não lhe dês tanta importância, nem sequer o menciones. Quem lhe foge sai vencedor.»

O que disseram acerca dele

Monsenhor Paolo Babini, em 1960, quando era bispo de Forlì afirmou: «Para mim, o Padre Pio é sobretudo um incomparável mestre de cristianismo. É possível aproximarmo-nos dele por muitos motivos, todos eles louváveis e santos: mas eu gostaria que, quem dele se aproxima, tivesse principalmente esta intenção: ver a verdadeira doutrina de Jesus em acção, para depois a viver. Tal doutrina tem duas vertentes: adesão à vontade de Deus e aceitação da própria cruz. Duas coisas que no Padre Pio são tão evidentes, que quase se podem tocar com a mão. É precisamente por isso, porque o Padre Pio vive de forma tão exemplar a vida que, por vontade de Jesus, deveria ser a vida de todos – mas que, hoje em dia, é assustadoramente rara –, que ele anda sempre tão alegre. A sua companhia é agradabilíssima.»

9

Sacerdote... a meias

(10 de Agosto de 1910)

No meio do turbilhão das experiências e vicissitudes que envolveram o Padre Pio nos anos do exílio «forçado», decorreu também a etapa mais significativa da sua vida: o sacerdócio.

Decidindo dedicar a própria existência a Deus, tinha como objectivo tornar-se sacerdote para ser um instrumento de graça ao serviço dos homens. Como Jesus, queria tornar-se «intermediário» entre Deus e o mundo, guia para os irmãos a caminho, testemunha viva da Redenção que se perpetua no tempo.

Alcançou a meta, mas com grandes dificuldades. As forças do mal sabiam até que ponto a sua acção seria eficaz nesse papel, sobretudo como sacerdote confessor. Com efeito, o Padre Pio não foi um pregador, nem um intelectual, nem um escritor, nem um didacta: foi um confessor. Foi o grande confessor do nosso século. E é, precisamente, esta sua missão, que é hostilizada e contrariada desde o seu nascimento.

Os factos

Em 1908, a saúde de Frei Pio tinha piorado muito. As febres e, sobretudo, as crises de vómitos, eram quase contínuas. Os médicos aconselhavam o ar da terra natal, e os superiores do religioso, embora contra vontade, porque tal não era permitido pelas regras, decidiram enviá-lo por algum tempo para junto da família.

Frei Pio encontrava-se em Montefusco para seguir os cur-

sos de Teologia. Não era a primeira vez que regressava a casa por motivos de saúde. Contudo, devido ao seu estado, sabia-se que desta vez a sua permanência fora do convento poderia ser bastante prolongada.

Acompanhado pelo Padre Agostino de San Marco in Lamis, seu confessor, regressou ao seio da família nos primeiros meses de 1909.

Abandonar os cursos regulares de Teologia podia significar para ele o retardar da sua ordenação sacerdotal. Este pensamento preocupava-o muito. A meta já estava próxima. A 19 de Dezembro de 1908, tinha recebido, em Benevento, as ordens menores; a 21 de Dezembro, o subdiaconado. Mas agora, enquanto os seus companheiros deveriam prosseguir nos estudos e nas etapas de preparação para o grande dia, ele era posto de parte.

Era um rapaz teimoso. Não se rendia facilmente frente às dificuldades. Não podendo estudar com os seus companheiros, procurava fazê-lo sozinho, com a ajuda do pároco de Pietrelcina.

Tinha sido informado de que, em determinadas circunstâncias, os estudos eclesiásticos, seguidos particularmente, podiam ser reconhecidos como válidos pelas autoridades competentes, e por isso se esforçava o mais possível. Se fosse chamado a exame para dar conhecimento do grau da sua preparação teológica, era absolutamente necessário fazer boa figura.

Também o superior provincial, Padre Benedetto, que era o seu director espiritual e gostava muito dele, o exortava a isso. Aconselhava-o a rezar ao Senhor para que, pelo menos, o tornasse idóneo para «estudar um pouco e fazer o que fosse necessário para ser promovido ao sacerdócio». Assim, e apesar de viver afastado do convento, em Julho consegue receber o diaconado na igreja de Morcone, onde seis anos antes tinha feito o noviciado.

Frei Pio estava no auge da felicidade. Como diácono, podia começar, desde já, a desempenhar funções de tipo ministerial na igreja. Quando se lhe apresentou a primeira ocasião de o fazer, estava tão emocionado que quase provocou uma verdadeira tragédia.

Um paroquiano de Pietrelcina, que frei Pio conhecia bem, tinha um filho de cinco meses que ainda não tinha sido baptizado. A razão do atraso residia no facto de aquele homem ter tido um litígio com o padre, e não querer mais nada com ele. Frei Pio tinha-se oferecido como intermediário, tendo conseguido levar aquele homem a ponderar melhor. O seu filho não tinha nada que sofrer um dano espiritual devido a vicissitudes a que era completamente alheio. Após longas conversas, o paroquiano cedeu, aceitando baptizar o filho, na condição de que a cerimónia fosse celebrada, precisamente, por frei Pio.

O arcipreste consentiu. Frei Pio preparou-se com grande fervor. Meditou longamente no significado do que estava prestes a fazer. Em nome da Igreja, através daquele rito sacramental, e por seu intermédio, aquela criança viria a tornar-se um verdadeiro filho de Deus.

No dia da cerimónia estava emocionado. À medida que o rito ia prosseguindo, a sua emoção aumentava, e foi precisamente esta que o traiu. Chegado ao momento de colocar o sal na boca da criança, por medo de não o «salgar» o suficiente, exagerou, e o bebé, sentindo aquele sabor acre, desatou a chorar desesperadamente. Frei Pio apercebeu-se que não tinha abençoado o sal, antes de o administrar. Devia por isso repetir a operação. Abençoou o sal e voltou a encher a boca da criança que, desta vez, foi acometida por acessos de vómito e sinais de asfixia. Parecia não conseguir respirar e os seus olhos começaram a ficar vidrados. Aterrorizado, frei Pio correu para o pároco, gritando: «Matei o bebé.» O pároco, por sua vez, correu para a igreja, mas a crise de asfixia tinha sido superada, e assim foi possível terminar o rito. Mais tarde aquele bebé viria a ingressar na vida religiosa.

Em finais de 1909, a saúde de frei Pio piorou ainda mais. Os médicos estavam preocupados. Temiam que o jovem morresse.

Frei Pio tinha plena consciência das suas próprias condições. Rezava ao Senhor, pedindo que lhe concedesse a graça de se tornar sacerdote, nem que fosse por poucos dias. Dirigiu-se ao superior provincial, suplicando-lhe que pedisse a

Roma a dispensa para poder ser ordenado, mesmo sem ter terminado os estudos.

«Muitas pessoas – escreveu ele –, que julgo conhecerem as últimas decisões da Santa Sé, garantiram-me que, se V.ª Rev.ª pedisse dispensa para a minha ordenação, expondo o meu actual estado de saúde, tudo se conseguiria.

Se, portanto, ó Padre, tudo depende de si, não me deixe continuar a ansiar por esse dia! Assim, se o Sumo Deus, por sua misericórdia, decidiu perdoar os sofrimentos ao meu corpo, mediante a abreviação do meu exílio na terra, como espero, morrerei contentíssimo, pois não me resta outro desejo aqui na terra.

Espero que as minhas súplicas, dirigidas directamente a um pai que consola, não fiquem sem efeito. Entretanto, V.ª Rev.ª compadecer-se-á da minha indiscreta modéstia.»

Carta premente, à qual seria difícil resistir. O Padre Benedetto tinha uma predilecção por aquele jovem, e fez tudo para satisfazê-lo. Eis então que, em finais de Julho, chega a dispensa, que abrangia não só os estudos, mas também a idade. Segundo a lei canónica, para se ser ordenado sacerdote, era necessário ter vinte e quatro anos completos. Frei Pio tinha apenas vinte e três.

O Padre provincial determinou que a ordenação sacerdotal teria lugar a 10 de Agosto. Entretanto, ordenou a frei Pio que se mudasse para o convento de Morcone, a fim de aprender a presidir à Missa. Frei Pio obedeceu mas, como sempre, mal chegou ao convento, foi acometido por crises violentas, e o superior mandou-o de volta para casa. Assim praticou os ritos da Missa com o seu pároco, monsenhor Pannullo.

A 30 de Julho, dirigiu-se a Benevento com o pároco, a fim de se submeter aos exames exigidos antes da ordenação sacerdotal; os examinadores ficaram satisfeitos.

A 10 de Agosto, festa de São Lourenço, chegou finalmente o suspirado dia da ordenação sacerdotal.

O rito teve lugar na Capela dos Cónegos, na Basílica de Benevento. Foi presidido por monsenhor Paolo Schinosi. Estavam presentes amigos e parentes. A mãe de frei Pio, com as irmãs, chegou de Pietrelcina, fazendo o percurso a pé. O seu pai e o seu irmão mais velho, Michele, estavam na América, como emigrantes.

Não existem escritos do Padre Pio redigidos naquele dia, sob o influxo das emoções. Talvez estivesse completamente empenhado em «viver» aqueles momentos e não quisesse comunicá-los a ninguém.

A primeira carta como sacerdote foi escrita a 17 de Agosto, ao seu director espiritual, Padre Benedetto, e por ela compreendemos a intensidade do quanto tinha experimentado. «Estive um pouco pior durante vários dias», escreveu ele. «Talvez a causa principal fosse a comoção excessiva a que o meu espírito tem sido submetido, nestes últimos dias.»

«Comoção excessiva.» Uma comoção que o Padre Pio nunca esqueceu e que se renovava no dia 10 de Agosto de cada ano. «Amanhã, festa de São Lourenço, também é o dia da minha festa», escreverá dois anos mais tarde ao seu confessor. «Já comecei a sentir de novo o júbilo daquele dia sagrado para mim. Desde esta manhã comecei a experimentar o paraíso. E como será, quando o gozarmos eternamente? Vou comparando a paz de coração, que senti naquele dia, com a paz de coração que começo a sentir desde a vigília, e não lhes encontro nada de diferente. O dia de São Lourenço foi o dia em que senti o meu coração mais abrasado pelo amor de Jesus. Que felicidade, como desfrutei daquele dia!»

Em Pietrelcina o Padre Pio celebrava a Missa na igrejinha de Sant'Ana e, por vezes, na paróquia de Santa Maria dos Anjos. Todas as manhãs, quando subia ao altar, era como se fosse a primeira vez. As mesmas emoções, a mesma participação total.

Já nessa altura as suas Missas eram intermináveis. D. Giuseppe Orlando, que naquele período vivia em Pietrelcina, escreveu o seguinte: «A sua Santa Missa era um mistério incompreensível. O Padre Pio, no *Memento*, ficava de tal modo absorvido na oração, que passava mais de uma hora sem prosseguir. A sua Missa era tão longa que as pessoas a evitavam porque, como tinham de ir trabalhar para o campo, não podiam ficar horas e horas na igreja a rezar com ele.»

Fora ordenado sacerdote «com a faculdade de confessar», mas o seu superior provincial não o autoriza a utilizar essa faculdade.

Assim, o Padre Pio era, por assim dizer, um sacerdote «a meias». Dizia a Missa mas não confessava. Era uma «limitação» que muito lhe pesava. Ele sentia o forte desejo de escutar as penas das almas e de lhes transmitir a experiência acumulada ao longo de anos de oração e de familiaridade com o sobrenatural. Tinha-se oferecido como vítima pela salvação das almas. Sentia que poderia ser de grande utilidade aos outros no segredo do confessionário, mas não podia fazê-lo.

Na aldeia comentava-se o facto. As pessoas estavam habituadas a ver todos os sacerdotes confessar. O Padre Pio, pelo contrário, não podia fazê-lo. As pessoas interrogavam-se sobre a possível razão. Sabiam que ele era um santo religioso, mas eram levadas a pensar na existência de algum impedimento.

Uma das razões óbvias para que tal autorização não lhe tivesse sido concedida era a sua saúde. Confessar é cansativo. O Padre Pio encontrava-se no seio da família por gravíssimas questões de saúde; não se devia, portanto, esgotá-lo ainda mais. Além disso, devemos ter presente que os médicos diziam que ele estava doente dos pulmões, sendo prudente evitar o contacto directo com as pessoas.

No entanto, a verdadeira razão da falta de autorização era outra. O Padre Benedetto nutria uma grande estima pelo seu protegido, mas também era um homem justo e rígido. O Padre Pio não frequentara cursos regulares de Teologia; fora ordenado sacerdote graças a uma dispensa especial da Santa Sé; não havia, por isso, a certeza de que estivesse suficientemente preparado no plano doutrinal. Assim, o Padre Benedetto, como superior responsável, achava por bem não lhe permitir confessar.

Naturalmente, não revelou ao Padre Pio estas suas reservas. Pelo menos não o fez imediatamente e, entretanto, o Padre Pio continuava à espera.

À medida que o tempo passava, sentia aumentar cada vez mais o peso daquela situação. Insistia em que lhe fosse concedida aquela faculdade, mas o Padre Benedetto mantinha-se inamovível.

A situação arrastou-se ao longo de quase quatro anos. Durante a Semana Santa e, sobretudo, na vigília pascal, a paró-

quia era tomada de assalto pelas pessoas que se queriam confessar. Os sacerdotes eram insuficientes para fazer frente às necessidades. O Padre Pio sentia-se frustrado por não poder dar-lhes ajuda.

Todos os anos, já perto da Páscoa, voltava a suplicar ao seu Provincial que lhe desse a autorização necessária para confessar.

Em 1913, já experiente como coleccionador de recusas, procurou a ajuda do Padre Agostino, seu confessor. Começou a apresentar o seu pedido com uma grande antecipação. A 13 de Fevereiro escreveu-lhe: «Quando vos dirigirdes a São Marcos, peço-vos que cumprimenteis por mim o Padre provincial. Desejo também que lhe pergunteis se quer autorizar-me a exercer a faculdade da confissão. Estou quase certo que não vou conseguir nada, mas não posso sufocar em mim esta voz misteriosa. Estou disposto a acatar todas as decisões do superior, e mais uma recusa equivale, para mim, a uma maior resignação.»

Um mês mais tarde, volta a escrever uma longa carta ao Padre Agostino. Junta ainda, no mesmo envelope, um bilhetinho à parte, recordando-lhe quanto já lhe pedira anteriormente: «Quando vos encontrardes com o Provincial, se assim vos aprouver, pedi-lhe que me autorize a confessar, pelo menos os doentes.»

Esta referência «aos doentes» dá-nos a entender que, durante a sua estadia em Pietrelcina, embora enfermo, não estava inactivo. Sempre que podia, visitava os anciãos ou pessoas acamadas devido a doenças graves. Levava-lhes o conforto da sua palavra de sacerdote, e também gostaria de poder confessá-las.

O seu desejo de confessar era agora tão forte que nem sequer esperou para saber se o Padre Agostino conseguiria obter alguma coisa do Provincial. Três dias depois de ter escrito ao seu confessor, precisamente a 15 de Março, escreve directamente ao Provincial uma carta longa e afectuosa. Termina, dizendo: «Venho, finalmente, pedir-vos autorização para escutar as confissões, pelo menos dos doentes. Não vos preocupeis, pois nenhum mal porá em risco a minha saúde. Durante muitos e muitos dias senti-me bastante mal, mas agora, graças a Deus, sinto-me um bocadinho melhor.»

Entretanto, no mesmo dia, recebe uma primeira resposta negativa, através do Padre Agostino: «Jesus não te deu a conhecer a resposta negativa? Depois da Páscoa voltarei a tentar junto do Provincial, mas será impossível. Creio que Jesus quer de ti este sacrifício.» A 16 de Março, instado por pedidos frequentes, o Padre Benedetto escreve-lhe, revelando-lhe finalmente, com toda a clareza, a razão pela qual não quer autorizá-lo a confessar: «Eu não posso conceder-te a faculdade de confessar, pois ignoro a tua capacidade científica no campo da teologia moral. Tenta sujeitar-te a algum exame na Cúria, e depois verei o que será melhor, no Senhor. Outra razão da minha renitência reside no facto de eu temer que este ministério te faça mal à saúde, visto que sofres do peito. No entanto, se receber alguma prova da tua idoneidade doutrinal, autorizar-te-ei a fazer o que me pedes, pelo menos junto dos enfermos.»

Agora está tudo esclarecido. O seu superior provincial considera-o «impreparado» no plano doutrinal. Tal constatação magoou muito o Padre Pio, que neste ponto sempre fora muito escrupuloso, mas foi obrigado a resignar-se.

O Padre Agostino que, como é evidente, não partilhava o julgamento do Provincial, continuou a tecer as suas tramas em favor do Padre Pio. A 9 de Abril de 1913, escreveu-lhe o seguinte: «O Provincial gostaria de ter provas da tua ciência no campo da moral. Propus-lhe que viesse visitar-te quando quiser, acompanhado de outro, para te examinar. Ou então, se Jesus quisesse dar ao Provincial um sinal seguro da tua ciência infusa (e a Deus nada é impossível), o caso ficaria definido.»

A última sugestão do Padre Agostino, fazer Jesus intervir, poderia parecer absurda, mas é ditada pelas já repetidas experiências que ele tem tido com o Padre Pio. Sabe, com efeito, que isso não é impossível, razão pela qual lho sugere. E será este o caminho que, por fim, levará o problema a bom termo.

O Padre Benedetto tinha vários casos morais difíceis para resolver. Para avaliar como agiria o Padre Pio, aconselhou-se com ele. Este deu-lhe respostas tais, que manifestaram claramente que Jesus o assistia de verdade.

A 2 de Agosto, o Padre Benedetto escreveu-lhe: «Agradeço à Divina Piedade por me ter feito compreender tudo quanto eu precisava para dissipar da alma estas sombras... Volto por

isso a garantir-vos que é a graça a autora de quanto vos acontece de maravilhoso e de sobre-humano.»

Através de cartas sucessivas do Padre Pio, sabemos que, no princípio de 1914, ele já confessava, sinal de que o Padre Benedetto já lhe concedera autorização para tal.

Para compreender melhor

O sacerdócio é a etapa suprema da vida do Padre Pio. Esse sacramento vai tocar o seu espírito e a sua personalidade. Marca, para sempre, a sua identidade. Configura-o com Cristo de maneira muito mais forte e concreta do que os estigmas, que são apenas um sinal exterior.

O Padre Pio que, durante os anos de exílio «forçado» em Pietrelcina, sob a orientação dos seus mestres invisíveis, se tinha habituado a meditar dia e noite, e a aprofundar quase com violência o significado último de cada acção ou acontecimento relativo às realidades sobrenaturais, reflectira longamente sobre aquilo que estava a acontecer dentro de si. Tinha «demonstrado», frente a si próprio, à própria mente e à própria consciência, toda a grandeza e alcance daquele estado do qual se estava a aproximar. Sabia que, através do sacramento da Ordem, se tornaria outro Cristo, frente a Deus e frente aos homens. Receberia de Deus o mandato de prosseguir entre os homens a missão do Unigénito, ou seja, «salvar», ser «salvador». Além disso, desejava cumprir essa missão com toda a dedicação. É o que se lê nas palavras por ele escolhidas para a pagela-recordação daquele dia: «...Que contigo eu seja para o mundo / Caminho, Verdade e Vida / E para Ti, Sacerdote Santo / Vítima perfeita.»

O Padre Pio propunha-se, portanto, ser sobretudo vítima, com Cristo, sobre o altar, e guia e médico das almas, no confessionário. A Missa e a Confissão foram os dois pólos da sua missão, as duas funções sagradas às quais dedicou toda a sua pessoa. A sua Missa, que durava horas, tornava-se inesquecível para todos aqueles que a ela assistissem, nem que fosse uma única vez. A confissão, feita a ele, passava a ser o ponto de partida para uma nova vida espiritual.

Eram duas intervenções que deixavam uma marca indelé-

vel, um sinal que revolucionava as consciências e as existências, que salvava as almas, arrancando-as ao reino do Mal. E Satanás fez-lhe uma guerra implacável.

Parece incrível mas, como veremos, o Padre Pio foi impedido, em várias ocasiões, pela própria Igreja, de exercer essas duas actividades, Missa e Confissão.

Os obstáculos, no que se refere à Confissão, começaram desde o princípio, desde que foi ordenado sacerdote, quase como se o Maligno o quisesse impedir de «começar» a exercer esse ministério, cuja importância o Padre conhecia, e pelo qual ansiava com todo o seu ser. Basta pensar que, sempre que podia e tinha saúde, chegava a confessar dezoito horas por dia.

Nos documentos da sua ordenação sacerdotal lê-se que foi ordenado «com a faculdade de confessar». Esta faculdade está intimamente ligada ao carácter presbiterial. Com efeito, ninguém que não tenha sido ordenado sacerdote pode exercê-la. Na prática, porém, de um ponto de vista jurídico, o exercício é subordinado a uma autorização explícita por parte dos superiores: do bispo, para os sacerdotes seculares, do superior provincial para os religiosos.

Eis que, no caso do Padre Pio, o seu próprio Provincial lhe negou desde logo tal autorização. Considerava ele que o jovem sacerdote, não tendo frequentado cursos regulares de Teologia, por causa da sua pouca saúde, não estivesse suficientemente preparado.

O Padre Benedetto, porém, em 1910, além de ser superior provincial do Padre Pio, era também o seu director espiritual. Estava ao corrente dos mistérios místicos que iam acontecendo naquela alma, devendo por isso ser a pessoa mais indicada para determinar que talvez nenhum outro sacerdote, além do Padre Pio, estivesse em condições de exercer na perfeição aquele ministério da confissão.

É difícil imaginar o sofrimento e a dilaceração interior do jovem Padre Pio. Tinha-se preparado com um entusiasmo inigualável, e via-se agora como sacerdote a meias. As pessoas gostavam dele, aconselhavam-se com ele, confiavam-lhe as suas mágoas, mas ele estava impossibilitado de «cuidar» das almas. Escutava as dores e as confidências, mas depois era obrigado a dizer: «Ide confessar-vos, eu não posso dar-vos a absolvição.»

Em Pietrelcina, onde se encontrava por motivos de doença, não tinha muitas possibilidades de exercer a actividade ministerial, mas aproximava-se sobretudo dos anciãos e dos doentes e teria podido ajudá-los e abrir a muitos as portas do paraíso; esse dom, porém, estava-lhe vedado.

Nada disto se devia a incapacidade, castigo ou perseguição, mas à decisão amorosa de um seu amigo, do seu director espiritual, que no entanto, talvez conhecesse, mais do que qualquer outro, a sua preparação específica para aquele ministério.

Como já disse, é um facto que se repetirá mais vezes durante a vida do Padre Pio. E é também, certamente, um «sinal», difícil de explicar e de compreender, mas constante no Padre Pio. Alcançar uma meta, estar completamente preparado para exercer plenamente determinada actividade, e não poder fazê-lo por causa daquelas pessoas que, na realidade, deveriam desejar que ele a exercesse. Isto significa, em certo sentido, que o sacrifício e o sofrimento da renúncia são, provavelmente, mais úteis do que a própria acção.

Continuamos a abordar o tema central da interpretação cristã da realidade. O Padre Pio quer seguir Cristo, ou seja, quer um salvador que teria podido conquistar o universo através da glória e do êxito e que, pelo contrário, o fez através da cruz, como um derrotado.

Este é um dos temas que nunca devemos perder de vista, se quisermos compreender um pouco da vida do Padre Pio.

O que ele disse

A Cleonice Morcaldi, que lhe perguntara a razão pela qual tremia, quando se aproximava do altar, respondeu: «Não é pelo que devo sofrer, mas pelo que devo oferecer: nós, os sacerdotes, somos os carniceiros da vítima divina.»

«A maior alegria de um pai é que os filhos se amem, formem um só coração e uma só alma. Não fostes vós que me escolhestes, mas o Pai celeste que, na minha primeira Missa, me fez ver todos os filhos que me confiava.»

A uma filha espiritual, que lhe perguntara: «Quem sois vós para nós?», respondeu: «No meio de vós, sou irmão, sobre o altar, vítima, no confessionário, juiz.»

O que disseram acerca dele

Paulo VI, a 20 de Fevereiro de 1971: «Olhai a fama que ele teve! Quantos visitantes mundiais reuniu à sua volta! Mas porquê? Porventura porque era um filósofo, porque era um sábio, porque dispunha de determinados meios? Porque dizia a Missa com humildade, confessava desde manhã até à noite e era – não sei como dizer –, um representante marcado pelos estigmas de Nosso Senhor.»

O cardeal Stefan Wisynski, primaz da Polónia: «O Padre Pio, homem tornado oração, e homem de inenarrável sofrimento, pago pelo pecado; sofrimento decorrente do seu recto conhecimento da missão sacerdotal: cooperar com Cristo na obra da Redenção, completando, na própria carne, aquilo que falta às tribulações de Cristo, em favor do seu Corpo, que é a Igreja.»

10

O grande medo

(1914-1916)

Segundo uma inexplicável e incompreensível tradição, o serviço militar costuma pôr em destaque os aspectos mais vulgares e mais egoístas das pessoas.

Sob uma disciplina rígida e férrea, que dá a impressão aparente de justiça e regularidade, dá-se livre curso, de forma irracional, aos instintos mais baixos, às formas de comportamento mais brutais e, por vezes, também aos actos de violência mais absurdos.

Pessoas que, na vida normal, entre a família, são polidas, educadas e pacíficas, na tropa revelam muitas vezes comportamentos abjectos, contribuindo para transformar o ambiente num covil de vulgaridades e de obscenidades repugnantes.

Tem acontecido, desde sempre, que jovens de particular sensibilidade se sentem muito mal durante o serviço militar, a ponto de adoecerem e, pior ainda, no caso de alguns, chegando mesmo ao suicídio.

O Padre Pio, embora não tivesse experiência directa do serviço militar, intuía tudo isto. Assim, quando se apresentou a perspectiva de ter de partir, começou a sentir um grande medo.

Era um medo tremendo, que o levava a escrever continuamente, pedindo a todos ajuda, recomendações, orações e apoio.

Os factos

A 16 de Abril de 1907, quando era estudante de Filosofia em Sant'Elia de Pianisi, frei Pio foi chamado à Região Militar de Benevento para tratar do seu recrutamento. Foi declarado

apto, registado com o número 12 094 e enviado para casa com licença ilimitada, ficando à espera da chamada para a tropa. Contudo, pela folha de registo, deduzia-se que, a 26 de Abril de 1907, foi exonerado do serviço militar, por lhe ter sido atribuída a terceira categoria, nos termos do artigo 87 da Lei do Recrutamento. Os médicos militares não tinham detectado nele nenhuma enfermidade física, mas tiveram em conta o seu gravíssimo enfraquecimento orgânico, tendo-o passado, por isso, para a categoria de reserva.

Frei Pio podia ficar tranquilo, pelo menos de momento.

Entretanto, como já vimos nos capítulos anteriores, as vicissitudes da sua vida prosseguiram o seu curso. Estudos, doenças, estadias em casa, experiências místicas, lutas terríveis com Satanás, ordenação sacerdotal, etc.

Em 1914 deflagrou na Europa o fogo da Primeira Guerra Mundial. O Padre Benedetto, preocupado, escreveu uma carta ao Padre Pio, pedindo-lhe informações, ou seja, se conseguia prever como viria a desenrolar-se a situação. A resposta do Padre Pio, embora não explícita, era bastante preocupante. «Rezemos com confiança ao Pai celeste», respondeu ele, «pelo bom êxito, porque a situação está-se a agravar bastante e, se Ele não lhe der remédio, a evolução será terrível.»

O Padre Benedetto e o Padre Agostino continuaram a abordar este assunto nas suas cartas, e o Padre Pio respondia, demonstrando assim que o seu coração estava muito preocupado com aquilo que estava a acontecer.

«... Os horrores da guerra quase me dão volta ao cérebro», escrevia ele a 27 de Maio de 1915 ao Padre Benedetto. «A minha alma é assaltada por uma extrema desolação. Embora eu me tenha vindo a preparar, isso não impediu a minha alma de ser devorada pelo terror e pela desolação. É verdade que esta guerra bendita constituirá para a nossa Itália e para a Igreja de Deus uma salutar purificação. Despertará no coração italiano a fé que nele estava oculta e como que adormecida e sufocada pelas vontades enfermas. Fará brotar na Igreja de Deus, de um terreno quase desértico e seco, flores maravilhosas. Mas, Deus meu, antes que isso aconteça, que dura prova nos está reservada! Temos de atravessar uma noite inteira,

envolta nas mais densas trevas; nunca a nossa pátria assistiu, até hoje, a noite semelhante...»

Quatro dias mais tarde, a 31 de Maio, envia uma carta patriótica ao Padre Agostino, em que afirma estar pronto a partir, se for chamado: «A hora que todos nós estamos a atravessar é solene. Até agora temos permanecido alheios à dolorosa guerra que se tem vindo a combater há já quase um ano. Somos todos chamados a cumprir o penoso dever, representado pela guerra, por quem, nestes graves momentos, representa a autoridade constituída e rege a sorte da nossa pátria. Todos devemos cumprir o nosso dever segundo as nossas forças. Aceitaremos com serenidade e coragem a ordem que nos vem do alto. Se a pátria nos chamar, devemos obedecer à sua voz. Se essa chamada nos impuser duras provas, aceitemo-las com resignação e coragem.»

Tem vindo a atravessar um período de aridez espiritual mas não se lamenta. Pelo contrário, suporta tudo, precisamente por estar em sintonia com a dramática situação da guerra. Escreve ao Padre Agostino, a 20 de Junho: «Jesus não me permite que, nesta hora solene para a nossa Itália e para o mundo inteiro, eu tenha de sentir qualquer refrigério espiritual. Não é justo que num período de luto, não tanto nacional, mas sobretudo mundial, haja uma alma que, por não se encontrar no campo de batalha, ao lado dos seus irmãos, possa viver um único instante de alegria.»

Trata-se, sem dúvida, de palavras admiráveis, de nobres sentimentos, mas a realidade é diferente, e o Padre Pio sabe-o bem. Para ele, nas condições físicas e espirituais em que se encontra, a vida na tropa, ainda por cima em tempo de guerra, tornar-se-ia um inferno. Por isso quer evitar a todo o custo esse perigo, cuja iminência pressente.

A 28 de Julho, escreve ao Padre Agostino: «... Por isso gostaria de ir a Nápoles para uma consulta médica. Não é que espere melhoras de saúde, mas queria munir-me de uma declaração de algum especialista, que possa apresentar, caso seja chamado para o serviço militar; de outro modo, não sei que me estará reservado.»

O Padre Agostino responde-lhe: «Creio que a tua ida a Nápoles será inútil. Tu não serás visto de novo e, se o fores, serás certamente dispensado.»

Aquilo que ele receava começou precisamente a delinear-se no horizonte.

Na manhã de 1 de Novembro de 1915, enquanto atravessava Pietrelcina, viu afixado na parede um manifesto que chamava às armas os jovens dos anos de 1886 e 1887.

O Padre Pio compreendeu que a situação estava a agravar-se muito para ele. Começou a andar muito agitado, embora estivesse pronto a recorrer a todos os meios para evitar partir, se corresse o risco de ir para a guerra.

Correu para casa, pegou na caneta e informou o Padre Agostinho: «Através da presente venho dar-vos uma nova notícia que certamente não poderá ser-vos muito agradável. Foi hoje publicado um manifesto militar em que são chamados às armas dois anos de terceira categoria, 1886 e 1887 e eu, que pertenço a este último, estou sem dúvida incluído. A apresentação terá lugar a 6 do corrente. Deus meu, que me estará reservado? Todos, ou quase todos, me garantem que serei dispensado, por razões bastante claras. Só o mais interessado espera pouco ou nada de tal isenção...

O meu temor parece-me bastante fundamentado. Há algum tempo, aqui, em Benevento, houve um inquérito sobre o capitão médico do Distrito, que tinha sido denunciado por se mostrar demasiado humano nas sentenças sobre doenças dos que deviam alistar-se no exército real. Para dizer a verdade, parece ter havido muitas fraudes a deplorar. O facto, porém, é que o tal capitão médico foi transferido e, em seu lugar veio outro, que, pelo que se diz (já confirmado por alguns factos), não se mostra nada humano para com os pobres doentes.»

Como se vê, o Padre Pio estava informado de tudo, o que confirma o seu grande medo.

A sua extraordinária sensibilidade e as intuições provenientes das experiências místicas por que estava a passar, davam-lhe a entender que se aproximava para ele um momento muito desagradável, muito difícil, frente ao qual sentia uma forte repulsa. Mas tinha de o enfrentar, o que fez, embora sofrendo muitíssimo.

Desse período conservamos ainda uma documentação detalhada, deixada pelo próprio Padre Pio. Através da correspondência abundante com o seu confessor, com o seu director espiritual e com várias filhas espirituais, faz uma espécie de

diário daqueles anos terríveis, manifestando as suas experiências, os seus medos e os seus sofrimentos.

Visto que, como já referi, intuía os dissabores que estava para enfrentar, começou logo a estudar a situação, informando-se sobre os homens do Distrito, tentando compreender quais as medidas que se poderiam tomar a fim de os evitar. Sentia-se preocupado porque o homem tolerante, sempre pronto a fechar os olhos, que chefiava o Distrito Militar de Benevento, fora acusado de corrupção e transferido. Ele, sempre rígido e respeitador das leis, neste caso parece amargurado pelo facto de o superior tolerante e corrupto ter sido punido.

A 6 de Novembro apresentou-se no Distrito Militar de Benevento. Foi visto pelo médico, foi-lhe diagnosticada tuberculose e enviaram-no em seguida para uma segunda observação no hospital militar de Caserta.

A 10 de Novembro foi transferido para Caserta, onde foi visto por um coronel médico. Contudo, neste hospital ninguém tinha pressa, e o Padre Pio ia sofrendo.

A 18 de Novembro escreveu ao Padre Agostino: «Há já oito dias que estou neste hospital militar, enviado pelo meu Distrito de Benevento, a fim de ser observado. O feroz capitão médico de Benevento, quando me viu, detectou em mim a tão temida doença, ou seja, precisamente a tuberculose. Por isso mesmo me colocou sob observação, enviando-me para aqui. Em minha opinião, o seu diagnóstico é muito exacto e escrupuloso. Refira-se também que o tal capitão é competente, sendo professor na Universidade de Nápoles.

«No entanto, é deste grosseiro coronel médico – se me permite a expressão – que eu estou à espera de uma boa partida. Ele já me viu, mas a sua visita foi de mera formalidade. Do que me disse deixa-me pouco a esperar. Nem sequer me permitiu referir-lhe os sofrimentos que sinto. Cortou-me imediatamente a palavra, dizendo-me: "Está bem, no regimento logo vos entendereis com os vossos novos superiores." Por esta frase brevíssima parece-me bastante claro que Jesus requer do seu pobre servo uma prova enorme.

«Sinto-me bastante mal. O estômago começa com as suas brincadeiras habituais e tenho fortes dores no peito.

«Estou, portanto, absolutamente decidido a não falar sobre

isto com ninguém enquanto estiver neste hospital, pela simples razão de que falar não levaria a nada.»

Esperava ter baixa e afinal é alistado na Décima Companhia Sanitária de Nápoles; enquanto aguardava a ordem de marcha, regressou a Pietrelcina.

A 30 de Novembro foi urgentemente convocado para Benevento, mas não lhe entregaram a dita folha. Voltou a ser convocado a 4 de Dezembro e, desta vez, entregaram-lhe a ordem de marcha, dizendo-lhe que podia apresentar-se em Nápoles, segunda-feira de manhã.

No domingo, 5 de Dezembro, escreveu ao Padre Agostino: «Amanhã, segunda-feira, de manhã, se Deus quiser, partirei para Nápoles, tendo sido alistado na Décima Companhia Sanitária...»

Na cidade napolitana ficou dez dias, cheios de ansiedade. No dia 12, escreve ao Padre Agostino, relatando-lhe os acontecimentos: «Encontro-me aqui em Nápoles. Desde o primeiro dia fui obrigado a manifestar a estes superiores o desejo vivíssimo de ser visto pelo médico, porque me sentia bastante mal... Não me tenho em pé, o estômago, como de costume, continua sempre obstinado em não reter os alimentos. O único alimento que retém é a Eucaristia.

A consulta foi-me concedida no dia da Imaculada. Foi feita pelo senhor comandante da companhia, que é um simples tenente. Ele compadeceu-se do meu mísero estado, mas como não podia fazer-me nada, e talvez também para não assumir responsabilidades, enviou-me de novo ao senhor capitão. Este, como anda ocupadíssimo, vai adiando de dia para dia e, até ao presente, ainda não fui visto; quem sabe quanto tempo ainda terei de esperar... O coração diz-me que me vai acontecer o mesmo que em Caserta, ou seja, a minha doença será reconhecida na primeira consulta, mas não na segunda...

Devo dizer-vos que, até agora, ainda não me deram o uniforme militar. Vou dormir por minha conta ao albergue, e o mesmo acontece no que se refere à comida. Em Nápoles, mais do que nunca, não há dinheiro que chegue para as despesas... Peço que envieis a minha correspondência para o seguinte endereço, e não para o hospital, pois não sei qual será o meu

próximo destino: Via Cappuccinelle 18, ao cuidado da senhora Maria Valillo.»

Cinco dias mais tarde, a situação resolve-se. A 17 de Dezembro, escreve de novo ao Padre Agostino: «Deo gratias. Tive há pouco a visita dos médicos e foi-me concedido um ano de convalescença por causa da doença declarada: infiltrações nos pulmões.»

Está doente mas contente por poder voltar para casa.

Nos dias da sua estadia em Nápoles tinha tentado tudo para obter recomendações. Tinha-se dirigido a uma sua filha espiritual de Foggia, Raffaelina Cerase, pertencente a uma família nobre e rica, com importantes conhecimentos em Nápoles. Esta apresentara o caso a Giuseppina Morgera, também ela nobre e rica, pedindo-lhe que procurasse apoio para dispensar o Padre Pio do serviço militar. Giuseppina estava disposta a fazê-lo. A 17 de Dezembro fora ter com o Padre, a fim de acordar com ele um plano de acção, mas não o encontrara na pensão. Tinha-lhe deixado recado, mas este não fora correctamente registado.

Quando o Padre Pio regressou da consulta médica, encontrou a mensagem. Deu-se conta da sua importância e, antes de deixar a cidade, foi à procura de Giuseppina. A busca foi difícil, mas por fim encontrou-a, travando assim conhecimento com mais uma grande alma, que passará a ser sua filha espiritual e mais tarde morrerá com fama de santidade.

De tudo isto informou Raffaelina Cerase, através de carta de 31 de Dezembro: «A morada que Giuseppina tinha dado oralmente à dona da pensão não era muito precisa, mas a consciência aconselhava-me a não partir sem levar àquela alma algum alívio. Levei então comigo um guia e, depois de longas buscas e de interrogar muita gente, graças ao céu, foi-me possível voltar a vê-la. Que alma tão pura! Entretivemo-nos durante largo tempo a falar de coisas do espírito, e foi contra vontade que me despedi, pois tinha de apanhar o comboio. No entanto, parti contente por tê-la deixado com o espírito muito aliviado.»

Encontrou Giuseppina junto de sua tia, em Vico a San Nicola a Nilo. A partir desse momento, Giuseppina passa a ser devota filha espiritual do Padre Pio, que lhe escreveu várias

cartas. Cerca de quarenta foram recentemente reencontradas e reunidas num livro intitulado *Dulcíssimo Deus.*

Resolvido o problema do serviço militar, o Padre Pio regressou a Pietrelcina. Tinha um ano de tranquilidade à sua frente, enquanto esperava o desenrolar dos acontecimentos. Aqueles quarenta dias de tensão e ansiedade, vividos em contacto directo com Deus, como ele sempre fazia, tinham-lhe feito bem. Ele próprio o disse em carta enviada ao Padre Benedetto, a 18 de Dezembro, ou seja, no dia seguinte ao seu regresso a Pietrelcina: «Seja dito, para glória de Deus, que estou certo de ter extraído mais fruto espiritual desta prova do que se tivesse feito um curso de santos exercícios espirituais...»

Por outro lado, escrevendo ao Padre Agostino, agradece a Deus pelo perigo a que escapou: «Agradeçamos ao terno Pai pelo bom êxito da consulta e demos-Lhe graças, também, pela grande condescendência de não ter permitido que o seu servo tivesse de vestir o uniforme militar, depois de ter estado inscrito no Exército durante cerca de dois meses».

Quando lhe responde, o Padre Agostino aproveita para chamar a sua atenção para outro espinhoso problema, o da sua permanência fora do convento, que tanto fazia sofrer aqueles que o amavam: «Podes compreender quão grato fiquei ao receber o teu bilhete-postal, através do qual percebi que Jesus nos agraciou... Não sei se Jesus te revelou como o meu coração tem sofrido por ti. Não por tua culpa, mas devido à tua permanência por prazo indefinido com a família. Ignoro se Jesus te revelou aquilo que sinto, e quantas e quão grandes lutas tenho tido de sustentar. O Provincial continua a querer com todas as forças que regresses ao convento. Eu, por mim, não me atrevo a condenar a sua opinião, embora a minha seja contrária à sua. Eu e vários outros irmãos julgamos que o teu caso é vontade do Senhor, ao passo que em toda a província há quem diga que se trata de um engano diabólico, provocado pelo teu afecto ao solo natal... Creio que a graça, que Jesus nos concedeu ultimamente, libertando-te da última prova, ainda não está completa. Essa graça só estará completa quando Ele te permitir regressar para junto de nós.»

Palavras fortes, que reproduzem claramente a situação. Mas as razões pelas quais Deus tinha querido o Padre Pio em

Pietrelcina já tinham desaparecido. Ao fim de quase sete anos de «treino especial», sob a orientação dos mestres invisíveis, o Padre Pio alcançara a maturidade. Estava preparado para novas batalhas. Com o serviço militar, e os problemas a ele associados, começava um novo período da vida do Padre Pio. Agora já podia regressar ao convento.

Entretanto, em Foggia, Raffaelina Cerase, que tinha oferecido a própria vida a Deus, para que o Padre Pio regressasse ao convento, estava muito mal e tinha exprimido o desejo de se encontrar com o seu director espiritual, que até então nunca tinha visto em pessoa. O Padre Agostino e o Padre Benedetto aproveitam a situação para tentar, mais uma vez, levar o seu protegido para o convento de Sant'Anna. Aconselham-no a mudar-se para Foggia, de modo a poder assistir a Raffaelina, que está às portas da morte, e o Padre Pio aceita.

O dia 16 de Fevereiro de 1916 é o último da sua permanência em Pietrelcina. No dia seguinte chegou a Foggia, onde permaneceu cerca de cinco meses.

O convento de Sant'Anna era uma construção austera, do século XVII, que então se encontrava na periferia da cidade. O Padre Pio tinha vinte e nove anos, mas já era conhecido. Muitos tinham ouvido falar do seu carisma espiritual. Começaram a chegar ao convento pessoas que pediam para se confessarem a ele. Nas crónicas conventuais da época está escrito que «o Padre Pio era assaltado por uma multidão de pessoas que se queriam confessar a ele e que procuravam os seus conselhos espirituais».

A crónica conventual estava a cargo do Padre Nazareno d'Arpaise, Guardião do convento de Sant'Anna. Ele apercebera-se de que aquele jovem frade era especial. Por isso tomava nota de tudo o que lhe dizia respeito.

Anotou que «o Padre Pio, muito contente, ocupou o lugar de religioso entre os seus confrades, com os quais se mostrava sempre alegre e brincalhão».

Registou ainda que as pessoas, que moravam à volta do convento, achavam que o Padre Pio prolongava excessivamente a Missa e que a sua saúde era sempre precária.

O que mais impressionava era a temperatura do seu corpo, sempre elevadíssima. O Padre d'Arpaise escreveu na crónica

do convento: «Tinha um febrão de 41 graus, ou mais. Chamou-se o doutor Del Prete, médico do convento. Examinou-o cuidadosamente e detectou-lhe focos de micróbios no ápice direito, com sopros ligeiros no esquerdo. Ordenou isolamento absoluto e receitou alguns medicamentos. Paliativos, entenda-se, pois os médicos sabem que, para certas doenças, não há remédio. Todas as noites vinha ver o doente, visita que se limitava a pôr o termómetro.»

O Padre Pio também foi visto em Foggia por outro médico, o doutor Tarallo, o qual confirmou que ele «estava afectado por uma doença especial, que aparecia e desaparecia. Sopros, sim, tuberculose, não».

O Padre Nazareno anotou ainda: «Como o Padre Pio estava doente, à mesa eu servia-lhe sempre algum petisco especial, petisco que ele se limitava a provar, e depois oferecia aos confrades mais próximos.» Por causa deste oferecimento de petiscos aos seus confrades, o Padre Pio foi chamado pelo superior, que lho proibiu, por razões de ordem higieno-sanitárias.

Ao que parece, com a chegada do Padre Pio a Sant'Anna, chegou também o diabo. Este, quando tentava o monge doente, sobretudo à noite, provocava detonações e estrondos tão fortes, que aterrorizavam todos os frades. Assim, por exigências de tranquilidade comunitária, o superior proibiu-lhe as estranhas detonações.

O Padre d'Arpaise pediu ao Padre Pio que lhe explicasse aqueles estrondos. «Contou-me que o demónio o tentava com todas as forças, travando-se entre eles um forte combate. E prosseguia: "E eu, por graça de Deus, venço sempre." Depois explicava que "Satanás enche-se de fúria", ou seja, espanca-o. Após a detonação, que indicava o fim da luta corpo-a-corpo entre o Maligno e o frade, iam dar com o Padre Pio encharcado em suor, vendo-se obrigados a mudá-lo da cabeça aos pés.» O Padre d'Arpaise, como superior, suplicou ao Padre Pio que não permitisse mais estrondos, para tranquilidade de todos. O Padre rezou e a calma instalou-se de novo no convento.

Aparte estes fenómenos, o Padre Pio era um religioso normal e sereno. Diz o Padre Nazareno: «Dava-se muito bem connosco. Nunca deixava de dar a sua nota de alegria. Além disso,

quando contava alguma história, sentia-se tão feliz que nunca nos cansava, pelo contrário, sentíamos gosto em escutá-lo.»

Como é natural, muitos não acreditavam nas lutas furiosas do Padre Pio com o demónio, e consequentes estrondos. Um dos incrédulos era monsenhor Andrea D'Agostino, bispo de Ariano Irpino, o qual, certa noite, se dirigiu ao convento de Sant'Anna, com o propósito de aí pernoitar, a fim de se aperceber, pessoalmente, dos fenómenos de que tanto se falava.

Como tantas vezes acontecia, naquela noite o Padre Pio não se sentia bem e não desceu para o jantar. A dado momento, começaram a desencadear-se as forças diabólicas, acompanhadas de estrondos e explosões pavorosas. O criado do bispo, que jantava no quarto de hóspedes, fugiu e foi ter com os frades ao refeitório. Estava pálido e tinha os capelos eriçados de susto. O bispo tentava manter-se calmo, mas também estava aterrorizado. Com efeito, naquela noite, como refere o cronista, o bispo não quis dormir sozinho e, na manhã seguinte, abandonou rapidamente o convento.

Que o Padre Pio já era considerado um personagem carismático, demonstra-o o facto de a cela por ele habitada, onde ocorreram tantos fenómenos inexplicáveis, ter sido sempre conservada com respeito e veneração pelos seus confrades religiosos.

O clima de Foggia não era favorável para a saúde do Padre Pio. O calor impedia-lhe a respiração e o ar pesado oprimia-o.

A 28 de Julho de 1916, um confrade convidou-o a ir passar alguns dias a San Giovanni Rotondo, situado a cerca de trinta quilómetros de Foggia, e 600 metros acima do nível do mar. O Padre Pio aceitou, na esperança de encontrar um certo alívio.

A frescura daquela povoação fez-lhe bem. Contudo, quando regressou a Foggia, passou a sofrer ainda mais com o calor. Foi ele próprio que se dirigiu então ao Padre Provincial, pedindo-lhe para ser transferido para San Giovanni Rotondo; o Provincial deu-lhe autorização para tal. O Padre Pio subiu ao monte e lá permaneceu.

A vida em San Giovanni Rotondo era tranquila. O convento encontrava-se então fora do centro habitado, num lugar solitário. Para lá chegar havia uma senda aberta por entre as rochas.

A comunidade era formada por alguns rapazinhos que estudavam com o objectivo de abraçar a vida religiosa. Com eles viviam os professores e os religiosos da comunidade. Eram poucos, e durante aquele período ainda menos, por causa da guerra.

Os dias do Padre Pio em San Giovanni Rotondo eram cheios de serenidade. Podia dedicar-se à oração, à direcção espiritual dos rapazes e ao apostolado da direcção espiritual, através das suas cartas. Escrevia muitíssimo, tanto de dia como de noite. As pessoas, sobretudo jovens almas que desejavam consagrar-se a Deus, tinham sede das suas palavras. As suas cartas, longas, densas, cheias de conselhos e apaixonadas, constituem hoje um exemplo de extraordinária sabedoria espiritual.

Entretanto, o ano de convalescença concedido pelos médicos militares de Nápoles estava prestes a terminar. Delineava-se já o espectro do regresso à caserna. O Padre Pio temia a sua chegada.

A 27 de Outubro, escreveu a Lucia Fiorentino, sua filha espiritual: «Dentro de pouco tempo terei de partir para me apresentar na tropa... Faremos a vontade de Deus. Frente a estoutra prova que terei de enfrentar, sinto o sangue gelar-se-me nas veias. Quem sabe o que me estará reservado... Suplica ao nosso dulcíssimo Senhor, que me livre depressa desta nova prova, antes do Natal.»

A 19 de Novembro, comunica ainda ao Padre Agostino as suas ansiedades, sobretudo no que se refere à passagem do Natal: «...Por esses dias estarei em Nápoles, onde terei de me apresentar por motivos de vós bem conhecidos. Quem sabe onde nascerá para mim o Santo Menino este ano. Quem sabe o que me estará reservado. O Padre provincial disse-me, quando vim para cá, que o Menino nasceria para mim à sombra do sagrado recinto. Quero esperar que desta vez ele seja um bom profeta. De resto, as minhas condições de saúde não melhoraram absolutamente nada em relação ao ano passado.»

Volta a pensar em utilizar a sua pouca saúde como arma para escapar à caserna.

A 28 de Novembro, dirige-se a Pietrelcina, onde pensa aguardar o dia estabelecido para regressar a Nápoles.

Contudo, as informações esperadas nunca mais chegam a Pietrelcina. O Padre Pio começa a ficar agitado. Escreve a 4 de Dezembro de 1916 ao Padre Benedetto: «Ignoro o dia preciso em que me será dado ser visto pelo médico. Talvez o marechal ainda não tenha mandado a licença para o Distrito, para lhe ser posto o visto. Não percebo nada. Que Deus me ajude! Vivo em permanente agitação e temor.»

Durante aqueles dias, nas várias cartas endereçadas às suas filhas espirituais, continuava a pedir orações.

A 11 de Dezembro de 1916, à irmã Ventrella: «A minha apresentação em Nápoles foi fixada para o próximo sábado. Creio, porém, que só poderei ser visto pelo médico segunda ou terça-feira. Nesses dias, ajuda-me junto de Jesus e da Virgem, sua mãe, através da oração mais ardente e mais prolongada.»

No *post-scriptum*, acrescenta: «Terei sempre em mente que me enviaste um cartão de recomendação, a fim de poder apresentá-lo, se Jesus quiser, quando for a Nápoles, ao professor Mauro Serrano, por vós indicado.»

Teme a caserna, pede que rezem para que possa evitá-la, mas é um homem prático, sabe como este mundo funciona e também faz tudo o que pode para obter qualquer tipo de recomendações.

A 16 de Dezembro chega a Nápoles. Dirigiu-se imediatamente a casa do professor Serrano e escreveu à irmã Ventrella: «Sábado fui ter com o professor, que me acolheu com um afecto mais do que paterno.»

Em Nápoles tinha-se alojado em casa de Carolina Montanile, originária de Pietrelcina, que tinha uma pensão e recebia todos os seus conterrâneos que se dirigiam para aquela cidade.

Escreveu a seu pai, pedindo que quando fosse visitá-lo, lhe levasse queijo de ovelha e um pouco de azeite. Grazio, tendo recebido a carta, partiu imediatamente de Pietrelcina, levando consigo uvas, queijo, azeite e outros víveres. Chegado à estação de Nápoles, pediu a um cocheiro que o levasse a casa da senhora Carolina. O cocheiro obrigou Grazio a percorrer toda a cidade e depois confessou que não conhecia nenhuma se-

nhora Carolina. Grazio enfureceu-se. «Quiseste enganar-me», exclamou. «Eu, que não sou de Nápoles, sei orientar-me melhor do que tu pela tua cidade.» Apontou então a rua que procuravam, chegando misteriosamente ao seu destino.

Quando Grazio chegou a casa da senhora Carolina, o Padre não estava. Chegou pouco depois, de carruagem, e Grazio, que quase não tivera dinheiro para pagar a corrida ao cocheiro, disse ao filho, estupefacto: «Que te resta dos 75 cêntimos que recebes por dizer Missa, se gastas 50 na carruagem e 25 devem ser para o sacristão?» Mas o Padre Pio respondeu que podia dar-se ao luxo de andar de carruagem, porque dizia Missa numa capela privada, recebendo por isso umas boas 15 liras.

A 21 de Dezembro, escreveu ao Padre Paolino, Guardião do Convento de San Giovanni Rotondo: «A 18 do corrente fui à primeira consulta e, graças ao céu, a minha doença foi reconhecida. Passaram-me a credencial para eu dar entrada no serviço de observação. Fui observado precisamente esta manhã, mas ignoro o êxito desta consulta. Muitos dos que foram vistos ao mesmo tempo que eu tiveram alta. Qual será a minha sorte?»

A 26 de Dezembro, escreve a Vittorina Ventrella: «Tive duas consultas nestes últimos dias e de ambas as vezes fui declarado doente. Estou à espera de uma terceira consulta e, para vos dizer a verdade, duvido que o mesmo aconteça nesta. Sinto-me muito mal. Que seja feita a vontade de Deus.»

Mas também desta vez ultrapassou o perigo e, a 30 de Dezembro, dá a notícia ao Padre Paolino: «Deo gratias. Esta manhã tive a última consulta e agora vim a saber que me deram uma licença de convalescença de seis meses. Graças sejam dadas a Jesus.»

Ainda a 30 de Dezembro, o Padre Agostino informa: «Só esta manhã tive a última consulta. Embora reconheçam e vejam o estado do meu físico, completamente desfeito, concedem-me apenas seis meses de convalescença. Mas alegro-me à mesma... Regressarei a San Giovanni após uma brevíssima visita a Pietrelcina.»

Passa as festas de Ano Novo em Nápoles. A 2 de Janeiro, ainda dessa cidade, escreve ao Padre Benedetto: «Já fui à consulta. Escreveram na credencial: "Infiltração pulmonar de am-

bos os ápices e catarro brônquico crónico muito difundido." Limitam-se a conceder-me seis meses de convalescença. Paciência, é melhor do que nada. Esta noite espera-se que me dêem alta e amanhã de manhã, se Deus quiser, irei visitar Nossa Senhora de Pompeia e, após uma breve visita a Pietrelcina, regressarei imediatamente ao convento.»

A 6 de Janeiro está em Foggia e escreve ao Padre Benedetto: «Ignoro, portanto, se me reformaram ou se fui apenas enviado em licença de convalescença. Disseram-me que me mandavam para casa com licença de convalescença de seis meses, mas na licença que me deram não está nada determinado, nem vem marcada a data em que terei de me apresentar. Lê-se na folha que me enviaram com licença extraordinária ilimitada, devendo ficar à espera da folha de inspecção.»

Na mesma carta pede ao seu Provincial se pode jejuar duas vezes por mês: uma em honra de Nossa Senhora, outra em honra de Santo António. «Foi uma promessa que fiz», explica ele, «para sempre que me fosse concedida uma graça. E essa graça foi-me concedida.»

Que graça? Provavelmente a do regresso a casa.

A 16 de Janeiro de 1917 está novamente em San Giovanni Rotondo e retoma a sua vida solitária, feita sobretudo de oração e de meditação. Não há factos importantes que possam distraí-lo, aparte uma viagem a Roma, em meados de Maio, para acompanhar a irmã Graziella, que ia entrar no mosteiro das Brigidinas, abraçando a vida religiosa com o nome de Irmã Pia dell'Addolorata.

Mas também esta licença passou depressa e, em finais de Junho, o Padre Pio recomeçou a viver, pela terceira vez, as horas angustiantes da partida para o serviço militar.

Na sua folha de registo, com data de 30 de Junho de 1917, lê-se: «reintegrado no Exército.» Depois de ter dado os elementos da sua nova residência, regressa a San Giovanni Rotondo, ficando à espera de ordens, que viria a receber a 18 de Agosto de 1917.

Escreveu nesse mesmo dia ao Padre Benedetto: «Fui chamado por meio de telégrafo para ingressar na milícia. Devo por isso partir imediatamente, amanhã de manhã. Queira o

Senhor assistir-me nesta dura prova, e libertar-me o mais depressa possível.»

Volta a partir de San Giovanni Rotondo, desta vez com destino a Nápoles, na manhã de 19 de Agosto. No dia seguinte já estava no hospital da Trindade, onde se submeteu a duas consultas médicas: uma com o comandante da companhia e outra com o ajudante-mor. Ambos lhe diagnosticaram infiltrações dos ápices pulmonares.

Informa imediatamente o Padre Benedetto: «Esta manhã estive no hospital, onde fui visto por dois médicos: o comandante da companhia, que é tenente, e o ajudante-mor, que é capitão. Apesar da severidade que ali reina, ambos qualificaram a doença como aquilo que já conheceis, ou seja, infiltração dos ápices pulmonares. Ambos me enviaram para ser observado em consulta superior. De momento, portanto, vou dar entrada no serviço de observação.»

Neste serviço, o tratamento era mau, a alimentação insuficiente. O estado de saúde do Padre Pio piorou. Disso se apercebeu Antonietta Vona, filha espiritual do Padre Pio, pertencente a uma família abastada, que tinha ido visitá-lo com sua irmã, Giuseppina. Antonietta falou à família sobre o Padre Pio, sobre a sua situação particular, sobre o seu mal, que, entre outras coisas, requeria uma alimentação especial. Para os Vona foi uma honra e um prazer enviar todos os dias ao Padre Pio um prato de nabos cozidos, através de Enrico, um dos irmãos de Antonietta, que também estava a cumprir o serviço militar em Nápoles.

A 26 de Agosto, o Padre Pio escreveu ao Padre Benedetto, informando-o que tinha tido mais duas consultas: «Ontem de manhã fui visto duas vezes, por um capitão e um major. Ambos confirmaram o diagnóstico feito pelos outros. Passaram-me a credencial e enviaram-me para novas observações na primeira clínica médica, por onde passei ontem à noite. Aqui vou ficar pelo menos mais dez dias. Estou extremamente desanimado pela única razão de me ser impossível celebrar, pois não há capela, e de não poder sair para o exterior. Praza a Deus arrancar-me depressa deste cárcere tenebroso.»

A primeira clínica médica era uma secção da Policlínica da Universidade Régia. O Padre Pio ali esteve internado até 4 de

Setembro de 1917. A 2 de Setembro, escreveu ao Padre Benedetto: «Ainda me encontro nesta prisão, aflito, mas resignado. Já estou certo que Jesus quer de mim esta última prova, ou seja, Deus meu, que também eu tenha a mesma sorte que tantos outros dos nossos irmãos: é necessário que também eu cumpra o serviço militar. Gostaria de me enganar, desta vez, mas não é possível. Recomendai-me a Deus, para que também nisto me leve a fazer a sua santa vontade.»

A 4 de Setembro, é chamado para uma consulta pelo coronel médico, e considerado apto para os serviços internos.

Escreve ao Padre Benedetto: «Aquilo que ontem vos apontei como previsão, hoje passou a ser triste realidade... A última consulta foi esta manhã, com o coronel, que se limitou a um simples olhar, sem mais observações. A sentença dele foi, portanto, condenar-me como idóneo para os serviços internos. Paciência, meu querido Padre. Jesus quer mortificar-me. Seja feita a sua santa vontade. Contudo, gostaria de vos dar a conhecer os diagnósticos feitos após a observação da primeira clínica. Todo o meu corpo está em estado patológico. Catarro brônquico difuso, aspecto esquelético, subnutrição e tudo o mais. Meu Deus, quantas injustiças se cometem.»

O Padre Bonaventura de Pavullo, num seu manuscrito, refere um episódio que demonstra como o Padre Pio, quando queria, também era duro e sabia fazer-se respeitar. Depois de ter sido declarado apto, é mandado para Infantaria. Contudo, como era sacerdote, cabia-lhe o Serviço de Saúde, e por isso se recusou a partir. Sentou-se e nem sequer se moveu quando ouviu dizer que seria declarado desertor.

Observou que não era desertor, visto que se encontrava ali. «O mais que podeis fazer», acrescentou, «é meter-me na prisão. Isso tanto me faz, é como estar aqui, entre estas paredes».

Um soldado dos serviços administrativos disse ao colega: «Se este fradeco não partir, obriga-nos a dar-lhe um castigo.» O companheiro de armas respondeu: «Não. Se ele meter um recurso, pior ficaremos nós. Ele é sacerdote e tem direito à Saúde.» Assim, os documentos foram trocados e o soldado Forgione foi mandado para a Décima Companhia de Saúde, e agregado ao quarto pelotão, com praça no Quartel Sales, em Nápoles.

Mudou-se imediatamente para a nova sede. Algumas horas mais tarde envergava pela primeira vez o uniforme militar. Quando despiu o saio, ficou com os olhos rasos de lágrimas.

O Padre Pio reparou que naquele quartel todos tinham pressa. Não se preocupavam com nada. As ordens eram seguidas por palavrões que feriam a sua sensibilidade, abundavam as obscenidades, com discursos devassos, intercalados por blasfémias horríveis. Imperavam o egoísmo, a vulgaridade e a obscenidade. O Padre Pio sentia náuseas e desgosto. Sabia que tudo acabaria assim, por isso tentara todos os meios para se livrar do serviço militar.

Incómodo no seu uniforme, foi encarregado de servir de tapa-buracos, como sentinela, carregador e varredor. Com as mãos trespassadas pelos estigmas invisíveis, e por isso muito doridas, nem sempre conseguia desempenhar as pesadas funções que lhe eram atribuídas. Certo dia, enquanto limpava as latrinas, apercebeu-se que estava a ser alvo de gargalhadas e graçolas por parte de outros soldados. Sentiu-se mortificado e humilhado, mas permaneceu em silêncio, oferecendo a sua amargura a Deus.

Naquele quartel conheceu outros sacerdotes militares, como ele. Contava-se entre estes D. Giustino Russolillo, que recordará mais tarde: «Um dos doze sacerdotes que prestavam serviço comigo, no Quartel Sales, quando celebrava a Santa Missa, prolongava-a de forma exasperante. Quase chegava às três horas, e por vezes até as ultrapassava. Por isso o acólito respondia-lhe deitado no chão e, às vezes, acabava por adormecer.»

O Padre Pio não tinha conseguido evitar o serviço militar, mas continuava a procurar protectores e recomendações, para, pelo menos, não acabar na frente de batalha. Já velho, costumava contar: «Eu envergara havia pouco o uniforme militar. A nova vida era dura e enervante, mas conseguira adaptar-me às exigências da minha nova condição. Por aqueles dias tinha-se reunido a comissão para enviar os recrutas para a frente. Eu fiquei no quartel por ter pouca saúde, e graças também à intervenção de alguns amigos vindos de Nápoles, que tinham defendido os meus interesses junto do comando geral.

«Certo dia quis ir agradecer a estes amigos, que se encon-

travam em determinado ponto da cidade, afastado do quartel. De regresso caiu um aguaceiro, pelo que fui obrigado a abrir o guarda-chuva. Eu sabia muito bem que o regulamento proibia radicalmente o uso de guarda-chuva aos militares. O medo de encontrar algum oficial fez-me escolher as vielas mais remotas e desertas.

Para encurtar o trajecto, fui obrigado a atravessar a Piazza Dante, e baixei o guarda-chuva, para não ser reconhecido. Apercebi-me, porém, que a banda da perna direita estava caída. Na ânsia de me despachar, não tive o cuidado de a puxar para cima. De um ângulo da praça, um oficial observava-me atentamente. Percebeu imediatamente que eu era um soldado. "Militar, sois militar?" "Sim, senhor", respondi. "E andais com guarda-chuva?" "Major, quereis que vo-lo empreste? Se o quiserdes, ceder-vo-lo-ei de boa vontade." "Não, não sabeis que aos militares é severamente proibido o uso de guarda-chuva?" "Sim, bem sei. O problema é que eu não tenho outro uniforme para me mudar quando regresso ao quartel." Fixei com olhos lânguidos o rosto severo do major. Apercebi-me então que o seu rosto ia assumindo lentamente uma expressão paternal. Olhou-me com benevolência e, esboçando um sorriso, disse-me: "Apanhai aquele carro-eléctrico, que vos levará directamente ao quartel." Contente por ter conseguido evitar o castigo, corri para o eléctrico, mas com o guarda-chuva sempre aberto.»

O seu estado de saúde ia piorando. Ia perdendo as forças e tinha um aspecto agastadíssimo.

Certo dia foi enviado à estação para ir buscar alguns soldados doentes. Deviam ser uns doze. Chegados ao quartel, o capitão contou-os e disse que eram treze. «Senhor capitão, são doze», emendou o Padre Pio. «E vós que sois? São ou doente? Não sereis, porventura, o mais doente de todos?»

Além do físico, também o seu moral estava de rastos. Pedia ajuda a Deus através da oração, mas intensificou também o pedido de ajuda aos homens. Tinha-se dado conta que, sem recomendações, não se conseguia obter nada.

A 10 de Setembro de 1917 escreveu ao seu confessor, Padre Agostino: «...Venho portanto pedir-vos um favor. Gostaria que escrevêsseis à Sr.ª D. Giovina, para que ela me recomendasse a estes carrascos que tenho por superiores, através de um seu

parente, residente aqui em Nápoles, e que deve ocupar um cargo importantíssimo. Sei isto porque, da primeira vez que estive aqui em Nápoles, a D. Raffaelina falou-me desse seu parente.»

«Caro Padre, é necessário persuadirmo-nos que hoje em dia os nossos direitos não prevalecerão se não tivermos quem nos recomende. Gostaria de ser eu próprio a escrever a D. Giovina, mas nem as minhas forças, nem o resto, mo permitem. Enviai também a D. Giovina o meu endereço actual. Perdoai, Padre, a arrogância do vosso filho e os incómodos que sempre vos traz.»

Alguns dias mais tarde, escreveu à irmã Ventrella: «...Esperemos que a vinda do professor faça dissipar estas nuvens densas que envolvem o céu da minha alma. Mal recebi a vossa carta, em que me aconselháveis a escrever ao professor para lhe recomendar a minha causa, escrevi-lhe imediatamente, expondo-lhe claramente as minhas necessidades... Não tenho palavras para exprimir o sofrimento decorrente do meu estado actual... A injustiça não poderá triunfar e a injustiça dos homens servirá para fazer triunfar a justiça de Deus. Jesus, depois de tantas e tão variadas provas e sofrimentos, quis submeter-me também a esta, que torna a minha vida impossível de aguentar...»

A 17 de Setembro, escreve a Assunta Di Tommaso: «...Esta prova é superior às minhas forças e sinto que a minha vida parou. Suplica, implora e importuna também o Divino Coração e a Virgem Bendita, para que afastem rapidamente de mim esta prova, ou que ma troquem por outra, mesmo que seja duplicada, mas que seja lá, à sombra do sagrado convento.»

Na noite de 19 de Setembro sentiu-se mal. Escreveria mais tarde ao Padre Benedetto: «É inútil dizer-vos como me sinto fisicamente. Sinto-me muito abatido e, se Jesus não me sustiver e não vier em minha ajuda, certamente sucumbirei. Desagradar-me-ia sobremaneira partir deste mundo sem estar no convento, mas no quartel, com estes andrajos malditos. Só de pensar nisso sinto calafrios, e caio numa tristeza mortal. O estômago cada vez se obstina mais em não aguentar qualquer alimento, e há dias também tive uma hemoptise de sangue. Amanhã, se Deus quiser, vou apresentar-me à consulta deste capitão médico, e espero, embora pouco, que ele se mostre

mais humano. Mete medo, só de olharmos para ele. É extremamente neurasténico. Se pudesse, preferia não ter de ir à sua presença.»

São cartas angustiadas, em que o Padre Pio parece mais sofredor no físico do que de costume, mas sobretudo deprimido e interiormente exausto. Isto significa que a vida no quartel era duríssima e lhe provocava sofrimentos horríveis. Devemos ter presente que ele não era do género de se lamentar por tudo e por nada.

A 21 de Setembro recebeu uma carta de Antonietta Vona, que lhe reacendeu a esperança. Respondeu imediatamente. «A vossa carta abre-me o coração fazendo-o palpitar, mais do que nunca, de desejo e confiança pela minha já próxima libertação do local de exílio, para regressar à quietude dos claustros sagrados.

Minha filha, permiti-me que assim vos chame, não tardeis a estender a mão a um pobre filho de São Francisco, que está prestes a sucumbir sob o peso da cruz e sob a injustiça dos homens. Recorro à vossa caridade. O comandante do meu pelotão é o senhor tenente Gargani e o capitão médico que nos visita chama-se Giannattasio. O primeiro é o verdadeiro tipo de cavalheiro, o que já não acontece com o segundo. Este é um neurasténico de primeira ordem. Agora já não desejo outra coisa senão que aquele general de quem me falastes interceda junto deste capitão médico, para que este me envie para observação.»

No dia seguinte chegou-lhe uma carta com boas notícias, desta vez do Padre Benedetto. Comunicava-lhe este que sua Ex.ª o monsenhor Lorenzo Chieppa, bispo de Lucera, o tinha recomendado à sua irmã, madre superiora das Irmãs Filhas da Caridade, que prestavam serviço no Hospital da Trindade. Convidava-o a ir ter com ela e a explicar-lhe a situação.

Entretanto, o capitão por quem devia ser visto andava indisposto e não aparecia no quartel. A 24 de Setembro, o Padre Pio escreveu ao superior do Convento de San Giovanni Rotondo: «Tinha decidido há vários dias apresentar-me ao capitão médico para a consulta mas, infelizmente, há já algum tempo que ele não aparece no quartel. Dizem que não anda bem de saúde. Paciência. O bom Deus quer aceitar o meu martírio... É pena que

o professor não conheça o capitão médico. Este capitão é impossível de abordar e não quer ouvir razões nenhumas.»

Na manhã de 27 de Setembro é finalmente chamado para a terceira consulta de controlo. Em parte pelo frio que a febre lhe provocava e em parte para evitar que os seus companheiros de armas, sempre prontos a fazer partidas, lhe fizessem desaparecer as roupas, vestiu tudo o que tinha: duas camisolas de lã, duas camisas, dois coletes, um camisolão e dois casacos. Quando o oficial lhe ordenou que se despisse, ele começou a tirar um casaco, depois outro, uma camisola, depois outra, até que por fim o médico, estupefacto e divertido, exclamou: «Forgione, vós não vestistes roupa interior, vestistes um guarda-roupa inteiro.» O major sentiu tanta compaixão dele que, depois de ter comprovado todos os seus males, se limitou a declará-lo permanentemente inapto para os trabalhos da guerra. Disse-lhe que o poria de boa vontade em observação, mas que era necessário deixar passar alguns dias, pois saíra de lá havia pouco.

Nos primeiros dias de Outubro foi finalmente visto pelo capitão Giannattasio, que decidiu mandá-lo para o hospital militar. Nem sequer teve tempo para passar pelo professor Serrando. Escreveu às irmãs Ventrella, pedindo-lhes que interviessem: «Venho pedir-vos a caridade de escreverem ao professor, recomendando-lhe o meu caso.»

Dirige-se ao Padre Agostino, a 10 de Outubro, do Hospital Militar Principal da Trindade, secção mista, cama 53: «A minha doença tinha chegado ao ponto máximo, por isso decidiram mandar-me para aqui.»

A febre não o deixava, obrigando-o a ficar na cama. No hospital prestavam serviço as Irmãs Filhas da Caridade. Uma delas, severa e má, pretendeu que o Padre Pio, apesar da febre, se pusesse a rachar lenha. Um confrade do Padre, também militar, ofereceu-se para o substituir, mas a religiosa opôs-se, desatando a gritar. Gritava com tanta força que um tenente acorreu, perguntando qual a razão de tanto barulho. Quando foi informado, e vendo que o soldado Forgione tinha dificuldade em manter-se de pé, interveio com autoridade e dispensou-o daquela tarefa.

As numerosas pessoas a quem tinha sido recomendado iam trabalhando na sombra, e já tinham conseguido alguma

coisa. A 15 de Outubro, o Padre Pio escreveu ao seu confessor: «Soube por vias indirectas, e quero esperar que assim seja, que os superiores tomaram providências a meu respeito. Supliquemos à Divina Piedade que isso aconteça rapidamente.»

A 3 de Novembro, escreve novamente ao seu confessor, Padre Agostino: «Acabo de receber a vossa carta e, ao mesmo tempo, sou visto pelo senhor coronel. Graças às relações verdadeiramente boas com o chefe de repartição, este manda-me de licença por quatro meses. É pouco, dado o meu estado de saúde, mas, para os tempos que correm, podemos e devemos dar-nos por satisfeitos.»

Escreve no mesmo dia ao Padre Paolino, superior de San Giovanni Rotondo: «Não sei quando me darão alta, quantos dias faltam, pois ainda não estou em condições de viajar. Espero que, para o fim da semana que vem estarei aí, para retomar o hábito, não sem antes ter ido passar alguns dias com a família.»

É acompanhado ao Quartel Sales onde tira o bilhete de comboio, que lhe permitirá viajar de graça de Nápoles a Benevento. Dão-lhe ainda uma lira para despesas de deslocação, e lá parte ele para a estação.

Durante o percurso teve uma experiência singular que contava muitas vezes. Na estação, enquanto esperava o comboio para Benevento, parou a olhar para as mercadorias à venda na praça: gostaria de levar qualquer coisa aos seus sobrinhos de Pietrelcina, mas só tinha uma lira. Um vendedor de sombrinhas pediu-lhe que comprasse uma, mas ele recusou. Aquele insistiu: «Suplico-vos, tenho muitos filhos a alimentar,» Esta frase comoveu o Padre Pio, que lhe ofereceu meia lira.

Ficou metido em apuros, pois o dinheiro que lhe sobrava não seria suficiente para pagar o bilhete de Benevento para Pietrelcina.

Além disso, em Benevento perdeu a correspondência com a camioneta. Teve de pernoitar na estação, enquanto esperava o autocarro da manhã seguinte. Estava frio e as salas estavam cheias. Não tinha dinheiro para se dar ao luxo de jantar. Viu-se portanto obrigado a andar para a frente e para trás, a fim de lutar contra o cansaço e a fome.

A dado momento, foi constrangido pelos rigores do frio a entrar no bar. Gostaria de se sentar, mas as cadeiras estavam todas ocupadas e, quando uma ficava livre, ele, tão tímido e reservado, era o último a tentar ocupá-la. De qualquer forma, acabou por conseguir sentar-se a uma mesa de canto. Apresentou-se-lhe imediatamente um criado para tomar nota do seu pedido. O Padre, que só tinha meia lira, mandou vir um café, e pensou em saboreá-lo demoradamente, como desculpa para ficar ali sentado a descansar. Estava febril e o calor do local e do café devolveram-lhe algumas forças. Quando ia pagar o preço do consumo, disseram-lhe que um oficial, sentado na mesa vizinha à sua, já tinha providenciado nesse sentido.

A camioneta chegou, e o Padre Pio tomou lugar ao fundo da mesma. Sentou-se ali para poder falar particularmente ao cobrador, dizendo-lhe que não tinha dinheiro para a viagem, mas que lhe pagaria mal chegasse a Pietrelcina. Ao seu lado ia um senhor de porte distinto. Abriu uma mala, extraiu um termo e ofereceu-lhe um copo de leite quente: «É para vós, jovenzinho», exclamou, com um belo sorriso. Entretanto chegou o cobrador e, antes de o Padre ter aberto a boca, disse-lhe: «O seu bilhete já foi pago.»

Ficou alguns dias em Pietrelcina e depois regressou a San Giovanni Rotondo. O convento estava quase deserto. Vários religiosos estavam a cumprir o serviço militar. Durante aqueles meses de licença, além dos seus deveres de director espiritual dos jovens aspirantes, também servia como porteiro.

A 5 de Março de 1918, terminada a licença, regressou ao hospital militar de Nápoles. Mas o serviço militar também já era um capítulo encerrado. A 15 do mesmo mês, após nova consulta médica, é definitivamente dispensado. Escreveu ao Padre Agostino: «Partirei esta mesma noite e sinto urgência em chegar depressa, pois estou cheio de parasitas até aos cabelos.»

Dirigiu-se a Pietrelcina, onde esteve dois dias, seguindo depois para San Giovanni Rotondo.

Em meados de Abril saiu pela última vez daquela terra, que viria a ser a sua morada até à morte. Foi a San Marco La Catola, a fim de se encontrar com o Provincial. Este, que também era seu director espiritual, queria vê-lo pessoalmente, a fim de conversar longamente com ele. Quando o convocara para este encontro, escrevera na carta, entre outras coisas:

«...Seja o que for que o tentador diga e faça, Deus vai operando em ti a sua obra admirável, que é completar a tua plena transfiguração nele... Conserva firmemente a verdade contida nesta declaração que eu te faço com plena autoridade e certeza de consciência.»

Uma declaração que via clara e profundamente o destino do Padre Pio.

Para compreender melhor

Este longo capítulo fala de um Padre Pio muito humano. Era um ser como todos os outros, que se preocupava frente às dificuldades, frente aos imprevistos, que tinha medo de enfrentar situações novas, de sair do ambiente seguro em que tinha crescido e em que estava a viver.

Esse medo provoca-lhe angústia, aumenta os seus males físicos, leva-o a emitir juízos pouco respeitosos em relação às pessoas que considera hostis. Leva-o a procurar freneticamente protectores, gente influente a quem se agarrar para conseguir ajuda, recomendações, alguma coisa que pudesse tirá-lo das suas dificuldades.

As preocupações do Padre Pio são largamente justificadas. Sabe-se que o ambiente militar, só por si, quase não é querido por ninguém.

É necessário, portanto, ter presente a situação física e espiritual concreta em que se encontrava então o Padre.

O seu corpo estava devastado por doenças misteriosas. Era acometido com frequência por febres altíssimas e inesperadas, que o confinavam ao leito, com crises de enxaquecas que o deixavam cego. Alimentava-se com grande dificuldade e o seu estômago quase não conseguia digerir qualquer alimento.

Além disso, o seu corpo tinha sido trespassado pelos estigmas, embora de forma invisível. Aquelas chagas, dolorosíssimas, tinham aparecido em 1910 e, segundo testemunhos directos do Padre, sabemos que nunca mais tinham desaparecido e que lhe provocavam dores indizíveis, sobretudo em certos períodos do ano.

Havia depois todas aquelas suas experiências místicas particulares, com visões de seres celestes, lutas contra o demónio,

conversas interiores, iluminações espirituais. Era todo um conjunto de experiências que contribuíam para excitar, de forma convulsiva, a sua sensibilidade, para manter alta a tensão interior, os impulsos afectivos e o interesse pelos valores do espírito.

Enfrentar o ambiente do serviço militar em tais condições físicas e psicológicas era de uma dureza terrível. O Padre Pio, reflectindo sobre relatos que certamente teria ouvido aos confrades e a outras pessoas que já tinham feito o serviço militar, ou sobre as suas confidências, recebidas em confissão, e com base na sua fortíssima intuição, tinha formado uma ideia muito precisa e concreta acerca daquela vida, e tinha percebido que nunca conseguiria adaptar-se a ela. Por isso as suas preocupações tinham-se transformado em medo, num grande medo, acompanhado do desejo e do propósito preciso de escapar a todo o custo àquele inferno.

Era um inferno feito de homens que lhe causava mais medo que os próprios demónios. Ao entrar naquela desolação formada pelo abatimento mais absoluto dos valores do espírito, dos valores humanos, de gente que blasfemava, indiferente a tudo, de vulgaridade, de linguagem obscena, sentia-se morrer.

Eis, portanto, que deparamos com um Padre Pio particularmente activo. Começa a tomar precauções com muito tempo de antecedência, e não despreza meio algum para alcançar o seu objectivo. Antes de mais, recorre naturalmente à ajuda de Deus. Reza e faz rezar em seguida as pessoas que lhe querem bem. Mas depois também começa a procurar a ajuda terrena, e fá-lo de forma premente e afadigada. Qualquer ajuda, até aquela menos nobre da recomendação – ou cunha –, da intervenção exterior por parte de alguém influente que, passando por cima de todas as regras, servindo-se de meios – mesmo que indirectos – de intimidação ou corrupção, liberta de dificuldades a pessoa recomendada, embora deixando todos os outros em apuros.

A permanência do Padre Pio no ambiente do serviço militar foi breve. Três períodos insignificantes. Nada, no seu conjunto. No entanto, provocaram por parte do Padre, como já vimos, quase uma avalancha de cartas, ao confessor, ao director espiritual, às filhas espirituais, e todas elas cheias de

angústia, de preocupações, de sofrimento: numa palavra, cheias de medo.

Sabendo que o Padre Pio não era medroso e estava habituado até ao sofrimento mais atroz e que tinha um perfil psicológico marcado pela disciplina e pelo acolhimento do imprevisto como expressão da vontade de Deus, devemos deduzir que aquele tipo de existência era para ele verdadeiramente insuportável.

Ficámos também a saber que, nesta experiência, ele está só. Não recebe qualquer ajuda por parte dos seus amigos invisíveis. Ele, já famoso como pessoa carismática, alma que recebe as confidências de Jesus e de Nossa Senhora, a ponto de o próprio superior provincial o interrogar a fim de obter informações sobre a guerra que tem vindo a assolar a Europa, não recebe quaisquer informações sobre a sua própria vida militar... Nem sequer um pequeno detalhe sobre como aquela experiência viria a terminar. Consome-se a pensar, a fazer conjecturas, a pedir ajuda a todos, mas os seus amigos, os seus guias, o seu Anjo da Guarda, sob este aspecto, estão completamente ausentes. Não lhe dizem nada. É como se não soubessem, ou como se fossem situações pelas quais não se interessavam.

Tudo isto é importante, revelando uma verdade fundamental. Os carismáticos, os grandes santos, não têm nada para si. Na vida de todos os dias, eles, iluminados para os outros, estão no mesmo plano que qualquer outro mortal. Não podem retirar vantagem nenhuma para si próprios; se alguma coisa tiverem a mais, serão apenas dificuldades. Os seus carismas e as suas intuições são para proveito dos outros, nunca de si próprios.

Tal facto demonstra como a justiça do espírito é pura, elevada e livre.

O que ele disse

Quando voltava do serviço militar, nunca queria que o vissem de uniforme, na sua aldeia. Certo dia, os vizinhos pediram que se fardasse. Ele satisfez o seu desejo e, ao sair do quarto, perguntou: «Estais contentes? Agora já vistes o palhaço.»

O que disseram acerca dele

Antonino Zichichi, ilustre cientista: «O Padre Pio fez muito bem a milhares e milhares de pessoas. Acreditar nos milagres não está em contradição com a verdade científica. Quem ouse dizer que a ciência nega a existência de milagres fala de má-fé e não conhece a ciência. O Padre Pio é para mim um exemplo magnífico do bem que pode fazer o acto de fé à nossa vida.»

11

O segredo

(1918)

Com o serviço militar encerra-se outro ciclo da vida do Padre Pio: o ciclo dos treinos, das lições particulares, dadas em lugar solitário pelos seus guias invisíveis, em suma, da preparação para a sua grande missão.

O ano de 1918 marca a chegada a uma meta excelsa, da qual parte o resto da sua vida. Todas as experiências, tão estranhas como estrondosas, como as febres, as doenças, a vida fora do convento, as visões, os dias de espera no hospital militar, o contacto com os doentes, os feridos, os mortos, a loucura da guerra, serviram para amadurecer o seu espírito, preparando-o para o encontro com as multidões, a fim de lhes dar testemunho e ensinar.

No entanto, antes de começar o caminho, que constituirá a sua vida, é «investido» do seu próprio papel, também exteriormente. Recebe o diploma, a licenciatura; este apresenta-se timbrado, marcado de forma indelével, para a eternidade.

Deus manifesta-se e toca o seu eleito. Marca-o com sangue, símbolo da vida e da Redenção.

Os factos

Todos apontam a data de 20 de Setembro de 1918 como início do fenómeno da estigmatização do Padre Pio.

Isso não é correcto. Essa data é a conclusão de um longo processo, que durou vários anos. O aparecimento dos estigmas no corpo de uma pessoa constitui um acontecimento per-

turbador. Comporta implicações físicas e psicológicas de consequências imprevisíveis.

O indivíduo encontra-se, de repente, não só visivelmente marcado, e portanto de vários modos discriminado em relação ao resto da sociedade, mas com o físico tomado por contínuos sofrimentos atrozes, com complicações espirituais inimagináveis. Tudo isto se transforma numa mistura explosiva, mais do que suficiente para arrasar a vida, ou para levar uma pessoa à loucura.

Ninguém, por muito forte que seja, está em condições de passar impunemente por experiências do género. É por isso que estes acontecimentos místicos nunca acontecem de repente, mas são sempre longamente preparados.

Os capítulos anteriores deste livro constituem a crónica do itinerário que levou o Padre Pio ao episódio dos estigmas visíveis. Recordando quanto já lemos, compreendemos que esse caminho vem de muito longe, provavelmente de quando o futuro Padre Pio tinha cinco anos e começou a experimentar os primeiros contactos directos com o mundo invisível.

Existem testemunhos explícitos e directos do próprio Padre Pio, que indicam os momentos de maior destaque desse itinerário. Como já vimos no capítulo oitavo, ele fala do fenómeno em carta de Setembro 1911, e diz que já está activo desde há pelo menos um ano. Assim, os estigmas manifestaram-se nele pouco depois da sua ordenação sacerdotal, que ocorreu a 10 de Agosto de 1910. Vem, depois, o testemunho do pároco de Pietrelcina, que afirma ter visto os estigmas em Setembro de 1910.

A 26 de Agosto de 1912, fala também ao confessor de uma ferida no coração: «...Ouvi então o que me aconteceu na sexta-feira passada. Estava eu na igreja a fazer a acção de graças da Missa, quando de repente senti o meu coração ser ferido por um dardo de fogo tão vivo e ardente, que julguei que morria.»

A 18 de Janeiro de 1913, o Padre Pio, escrevendo ao seu confessor, refere algumas frases que lhe tinham sido ditas por Jesus, as quais revelam claramente o método utilizado nesta sua transformação: «Jesus vai-me repetindo estas palavras de cada vez que me oferece novas cruzes: "Com repetidos golpes de salutar cinzel, e com diligente limpeza, costumo preparar as pedras que deverão entrar na composição do edifício eterno".»

Frase chave, a não esquecer, que ilumina o próprio Padre, que acrescenta ainda: «Agora sim, parece-me que as palavras de Nosso Senhor, anteriormente tão obscuras, ou seja "o amor conhece-se na dor; sentirás isto de forma penetrante no espírito e ainda mais penetrante no corpo", se vão tornando claras no meu intelecto.»

Em 1915, o Padre Agostino já tem uma visão clara do que está a acontecer no espírito do Padre Pio. Apercebe-se que naquele jovem se repetem os mesmos fenómenos místicos verificados em alguns grandes santos do passado, entre os quais São João da Cruz e Santa Teresa d'Ávila. Como seu confessor, quer ter certezas e, a 20 de Setembro de 1915, faz ao aluno três perguntas precisas, convidando-o a responder com toda a franqueza. Uma delas é a seguinte: «Jesus concedeu-te o dom inefável dos seus santos estigmas, embora invisíveis?»

O Padre Pio, sempre extremamente reservado sobre tais assuntos, responde ao confessor a 4 de Outubro, através de uma longa carta em que lhe confia muitas coisas; no entanto, acaba por não responder àquelas três perguntas. «Perdoai-me, se não dou resposta às interrogações que me fizestes através da vossa última carta. Para vos dizer a verdade, sinto uma grande repugnância em escrever sobre isso. Não seria possível, ó Padre, adiar de momento a resposta a essas vossas perguntas?»

O Padre Agostino não cede, e a 7 de Outubro volta ao ataque: «...pedes-me para adiar as respostas às minhas perguntas. Na verdade, sinto do fundo do coração que devo insistir.» Em seguida explica as razões.

A 10 de Outubro, o Padre Pio dá finalmente a resposta: «Perguntais-me se me foi concedido o dom inefável dos santos estigmas. Devo responder afirmativamente. Da primeira vez que Jesus quis dignar-se conceder-me este seu favor, eram visíveis, sobretudo numa das mãos. E como esta alma ficou aterrada com tal fenómeno, suplicou ao Senhor que fizesse desaparecer a visibilidade desse fenómeno. Desde então não voltaram a aparecer, mas, embora tenham desaparecido as feridas, não desapareceu a dor agudíssima, que se faz sentir sobretudo em certas circunstâncias e em dias determinados.»

Assim, o Padre Pio começou a sentir a dor dos estigmas no

seu corpo em 1910, dor que ia aumentando cada vez mais, até se tornar fortíssima em certos dias. Portanto, quando cumpriu o serviço militar, as suas mãos e os seus pés já estavam estigmatizados. Eram feridas invisíveis, caso contrário, não teria podido certamente andar à vontade pelo mundo.

Aquelas feridas tornaram-se visíveis em San Giovanni Rotondo, no ano de 1918. O acontecimento teve três momentos distintos, que foram descritos pelo próprio Padre Pio ao seu confessor.

Como sabemos, o Convento de San Giovanni Rotondo era quase um ermo, dada a sua situação, em local afastado do centro habitacional. Em 1918, por causa da guerra, viviam nele apenas três frades: o superior, Padre Paolino de Casacalenda, o Padre Pio e Frei Nicola de Roccabascerana, irmão leigo encarregado da colecta. Estes conduziam o pequeno colégio onde estavam hospedados alguns rapazes, que estudavam com o propósito de vir a ser religiosos.

O Padre Pio passava os seus dias em oração e acompanhando os rapazes, como director espiritual. Em Agosto verificou-se o primeiro dos três acontecimentos místicos ligados à «revelação visível definitiva» dos estigmas. O facto ocorreu no dia 5 à noite. O Padre Pio só dezasseis dias mais tarde, a 21 de Agosto, o revelou ao seu próprio director espiritual e ao seu confessor. Escreveu uma longa carta ao Padre Benedetto. Como sempre, relegou o facto, que era a notícia principal, para o fim, sinal evidente de que dele falou apenas por se sentir obrigado a revelar tudo, por obediência.

Conta o Padre Pio: «Estava eu a confessar os nossos rapazes no dia 5 à noite, quando, de repente, fui acometido por extremo terror ao ver uma personagem celeste que se me apresentou ao olhar da inteligência. Tinha na mão uma espécie de arma semelhante a uma longuíssima lâmina de ferro, com a ponta bem afilada, da qual parecia sair fogo.

«Ver tudo isto e observar a tal personagem a penetrar-me com toda a violência a alma com essa arma, foi obra de um momento. Mal consegui soltar um lamento, sentindo-me morrer. Disse ao rapaz que se retirasse, pois me sentia mal e já não tinha forças para continuar.

«Este martírio prolongou-se, sem interrupção, até à manhã

do dia 7. Não sei exprimir o que sofri durante esse período tão doloroso. Até me parecia que as vísceras me eram arrancadas e estraçalhadas por detrás daquela arma. Todo o meu ser estava a ferro e fogo. De então para cá, fui ferido de morte. Sinto no mais íntimo da alma uma ferida que está sempre aberta e que me provoca sofrimentos quase constantes. Não será um novo castigo infligido pela justiça divina?...»

Os estudiosos da mística chamam a este fenómeno «transverberação», do Latim *transverberare*, que significa «trespassar», «atravessar», «passar de um lado ao outro».

«É um dos fenómenos mais maravilhosos de toda a mística cristã, sendo chamado também o "assalto do Serafim"», explica o Padre Gerardo di Flumeri, vice-postulador da causa da beatificação do Padre Pio, num seu estudo aprofundado do tema. «Fruto do amor, tenda de amor. Trespassa a alma e, por vezes, também o coração e o lado, inflamando de maior amor o protagonista, fazendo-o passar por delícias e penas indescritíveis.»

A transverberação implica, portanto, a ferida da alma, do lado e, às vezes, também do coração. O fenómeno verifica-se durante uma visão, por obra de uma personagem celeste, que pode actuar mediante vários métodos: raios, dardos, espada ou fogo.

O caso de transverberação mais conhecido da história da mística, antes do Padre Pio, remonta ao século XVI e está ligado a Santa Teresa d'Ávila. Caso clássico, codificado nos tratados de teologia mística por São João da Cruz, discípulo de Santa Teresa.

Voltando ao caso do Padre Pio, os estudiosos, depois de terem examinado atentamente o seu relato ao confessor, e de terem confrontado tal relato com o de outros dois eventos de que falaremos em seguida, concluem que, a 5 de Agosto de 1918, o Padre sofreu a «transverberação da alma, acompanhada de ferida física no lado».

Tal ferida provocava muito sofrimento. Como sabemos por carta do Padre Pio ao seu director espiritual, Padre Benedetto, de 5 de Setembro: «...A agonia vai aumentando cada vez mais e só pretende deixar um ténue fio ao qual está ligada uma mísera existência... Vejo-me submerso num oceano de fogo. A fe-

rida que me foi aberta sangra sem parar. Só ela bastaria para me dar a morte mais de mil vezes. Ó meu Deus, porque não morro eu? Porventura não vês que a própria vida, para a alma que Tu chagaste, é um verdadeiro tormento?... A dor excessiva que me provoca a ferida, sempre aberta, deixa-me furibundo, contra minha vontade, deixa-me fora de mim e leva-me ao delírio; sinto-me impotente para resistir...»

Nestas condições, o Padre Pio chegou ao segundo episódio místico, que se verificou a 20 de Agosto. Trata-se da estigmatização visível, com feridas nas mãos, nos pés e no lado.

Nos dias anteriores, o Padre estivera de cama, atingido pela gripe espanhola, que grassava naquele período.

Tinha-se levantado a 17, para celebrar a festa litúrgica dos estigmas recebidos por São Francisco em 1224, a 14 de Setembro, dia da Exaltação da Santa Cruz.

Naquele dia 20 de Setembro, entre as nove e as dez, o convento estava mais deserto do que o habitual, porque o superior tinha ido a San Marco in Lamis e Frei Nicola tinha saído a fazer a colecta. Só restava o Padre Pio que, depois de terminada a Missa, enquanto os estudantes estavam no pátio de recreio, ficara na igrejinha, em oração.

O Padre estava de joelhos, no coro, situado acima da porta de entrada. Ocupava o lugar reservado ao vice-superior, a cadeira perto do centro, à esquerda, na terceira e última fila. Tinha à sua frente um crucifixo levantado sobre a balaustrada do coro. Era um crucifixo de madeira de cipreste, muito expressivo, de escultor desconhecido do século XVII, que ainda hoje se pode ver no local. Era sexta-feira, dia da Crucifixão de Jesus.

Não houve testemunhas do facto. O Padre Pio fez o seu relato ao director espiritual no mês seguinte, mais uma vez como acto de obediência.

Fê-la em duas ocasiões. Da primeira vez, através de simples e vagas referências, em carta de 17 de Outubro, vinte e sete dias depois do acontecimento, dirigindo-se ao seu director espiritual, Padre Benedetto: «...Será necessário que eu pronuncie o *fiat* ao olhar para aquela misteriosa personagem que feriu todo o meu ser e que não desiste da dura, amarga, aguda e penetrante operação, e que não dá tempo ao tempo para ci-

catrizar as antigas chagas, abrindo sobre estas outras novas, com tormento infinito da pobre vítima?... De todo o meu interior brota sangue e cada vez mais o meu olhar é obrigado a resignar-se que também os de fora o vejam escorrer.»

O Padre Benedetto intui que teria acontecido qualquer facto estrondoso e, dois dias mais tarde, a 19 de Outubro, escreve ao Padre Pio, pedindo-lhe um relato completo. A carta começa com um «queridíssimo Piozinho», expressão afectuosa que revela preocupação. Após várias frases formais, entrou imediatamente no assunto: «Meu filhinho, conta-me tudo claramente, e não através de vagas referências. Que operação é essa da tal personagem? De onde te escorre sangue? Quantas vezes por dia, ou por semana? Que te aconteceu às mãos e aos pés? Como foi isso? Quero saber "tudo" de fio a pavio, por santa obediência.»

O Padre Pio não tinha possibilidades de fuga, devia contar tudo e fê-lo três dias mais tarde, ou seja, a 22 de Outubro: «...Que posso dizer-vos a respeito do que me perguntastes, de como se deu a minha crucifixão?... Era dia 20 do mês passado, de manhã, depois da celebração da Santa Missa, quando fui surpreendido por um torpor, semelhante a um doce sono. Todos os meus sentidos, tanto internos como externos, e também as próprias faculdades da minha alma, foram acometidos por uma quietude indescritível. Tudo isto acompanhado de um silêncio total à minha volta e dentro de mim. Penetrou-me subitamente uma grande paz e abandono à completa privação de tudo, e houve tréguas na minha habitual devastação. Tudo isto se deu num abrir e fechar de olhos.

«Enquanto todos estes factos se desenrolavam, vi-me na presença de uma personagem misteriosa, semelhante à que vira na noite de 5 de Agosto, diferenciando-se desta apenas pelo facto de lhe jorrar sangue das mãos, dos pés e do lado.

Ao vê-la fiquei aterrado. Não sei exprimir o que senti naquele instante. Senti-me morrer e morto estaria se o Senhor não tivesse intervindo, fortalecendo o meu coração, que me parecia saltar do peito.

A visão daquela personagem desapareceu e apercebi-me que as minhas mãos, pés e lado estavam trespassados e jorravam sangue. Imaginai a minha aflição, que tenho continuado a experimentar a toda a hora, nestes últimos dias.

Da ferida do coração brota sangue com muita frequência, sobretudo entre sexta-feira à noite e sábado. Padre, morro de dor pela aflição e confusão subsequentes que sinto no íntimo da alma. Tenho medo de morrer exangue, se o Senhor não escutar os gemidos do meu pobre coração, retirando de mim as marcas desta sua actuação.

Jesus, que é tão bom, conceder-me-á esta graça? Pelo menos retirará de mim esta confusão que experimento por causa destes sinais exteriores? Elevarei com força a minha voz a Ele, e não desistirei de lhe implorar que, pela sua misericórdia, retire de mim – não a aflição, nem a dor, pois vejo que isso é impossível, e porque sinto o desejo de me inebriar de dor – mas estes sinais exteriores, que me provocam uma confusão e uma humilhação indescritíveis e insustentáveis.

A personagem da qual pretendia falar na minha carta anterior é a mesma de que vos falei na missiva de 5 de Agosto. Ele prossegue a sua operação sem descanso, para extrema aflição da minha alma. Sinto dentro de mim um contínuo rumorejar, semelhante a uma cascata, da qual brota sangue sem parar.»

Carta dramática, terrível, que descreve uma situação verdadeiramente desconcertante.

Este facto não podia passar despercebido aos confrades. Alguns contaram que o Padre Pio tinha sido encontrado no coro, desmaiado e coberto de sangue. A versão mais corrente é que ele, depois da estigmatização, se arrastou a custo do coro para a sua cela, deixando o corredor todo manchado de sangue.

Chegado ao seu quarto, tentara estancar a hemorragia, ligando as mãos e os pés, e cobrindo com um lenço a chaga do lado.

As ligaduras chamaram a atenção dos confrades. O superior quis saber, quis ver, e informou o Padre provincial, o qual deu ordem para que guardassem segredo total até à sua chegada.

A notícia, no entanto, difundiu-se. As ligaduras foram notadas pelo povo, quando o Padre regressou à igreja para presidir às funções religiosas. Começaram a falar, a murmurar.

Um dos primeiros que acorreu a ver aquelas feridas foi D. Giuseppe Orlando, conterrâneo e grande amigo do Padre

Pio. Referiu ele, num seu testemunho, o relato do Padre Pio, semelhante, na sua essência, àquele que o Padre fez na carta ao seu confessor, mas acompanhado de pequenos pormenores muito interessantes: «Eu estava no coro a fazer a acção de graças da Missa, quando senti que pouco a pouco era elevado a um estado de doçura cada vez maior, que me fazia sentir gozo na oração. Quanto mais rezava, mais aumentava o meu gozo. De repente, uma grande luz atingiu os meus olhos e, no meio de muita luz, apareceu-me Cristo com as suas chagas. Não me disse nada e depois desapareceu. Quando voltei a mim, estava deitado por terra, e o meu corpo ostentava chagas. As mãos, os pés e o coração sangravam e doíam-me a ponto de eu não ter forças para me levantar. Arrastei-me de gatas desde o coro até à cela, atravessando todo o corredor... Deitei-me na cama, rezei para voltar a ver Jesus, mas depois caí em mim, voltei a fixar as chagas e desatei a chorar...»

D. Orlando contou que, durante o seu relato, o Padre Pio tinha «o rosto transformado, os lábios trémulos, o peito arquejante, os olhos brilhantes pela luz e pelo pranto».

Como é óbvio, do ponto de vista da dor física, os dias e as semanas que se seguiram àquele 20 de Setembro foram aterradores para o Padre Pio. Cumprir os vários deveres da vida comunitária, com as suas deslocações até à igreja e ao refeitório, ou seja, fazendo a vida normal dos outros confrades, com aquele corpo cravejado de feridas mortais, requeria um esforço desmedido. E o Padre via-se obrigado a fazê-lo, até porque procurava manter o mais possível em segredo o que lhe tinha acontecido.

Em Novembro há mais duas passagens de cartas ao director espiritual, pelas quais podemos compreender como aquelas feridas lhe eram pesadas.

A 13 de Novembro, o Padre Pio escreveu: «...Sou incitado a cada momento, constrangido por mil instâncias, a procurar com afã e desespero aquele que me fere cruelmente e me continua a chagar, sem nunca se deixar ver... Sinto-me morrer. Já não sinto forças para viver. A minha crucifixão continua. Entrei há tempos em agonia, e esta vai-se tornando cada vez mais aflitiva.»

A 24 de Novembro, volta a escrever ao Padre Benedetto: «Ai de mim! que espinho agudo sinto no meio do meu espíri-

to, que me faz morrer de amor dia e noite. Que dor intensa experimento nas extremidades do corpo e do lado do coração. São dores que me mantêm em contínuo delírio, o qual, embora muito doce, é igualmente doloroso e agudo... Ó, doces feridas!, porque será que, sendo tão dolorosas, ao mesmo tempo embalsamais o espírito, preparando-o para voltar a sujeitar-se aos golpes de novas provas?»

Esta última frase parece conter o pressentimento de outros acontecimentos. O Padre intuia, ou sabia, que ainda estava para chegar a terceira fase da sua «transformação em Cristo», a fase conclusiva.

Os estudiosos chamam-lhe «transverberação da alma com ferida física do coração». Enquanto a primeira transverberação era acompanhada de «ferida física do lado», agora chega a «ferida física do coração». O Padre Gerardo di Flumeri, a propósito desta transverberação, diz o seguinte: «A ferida, que eu considero física, deveria partir o coração em dois, de lado a lado, começando pela esquerda (em baixo), e terminando à direita (no alto).»

A 20 de Dezembro, o Padre Pio descreve assim o episódio ao seu director espiritual, Padre Benedetto: «...Padre, quando chegará ao fim o sofrimento que sinto na alma e no corpo por causa das operações ocorridas, e que ainda hoje perduram? Meu Deus, meu Pai, já não posso mais. Sinto-me morrer de mil mortes a cada instante... Que será isto? Será culpável queixar-me a Deus de tamanha dureza?...

Desde há alguns dias sinto em mim uma coisa semelhante a uma lâmina de ferro que, da parte inferior do meu coração, se estende até abaixo do ombro esquerdo, em linha transversal. Provoca uma dor intensíssima, e não me deixa descansar um momento sequer. Que será isto?

Comecei a sentir este novo fenómeno após outra aparição daquela misteriosa personagem habitual de 5 e 6 de Agosto e de 20 de Outubro [ou seja, Setembro], de que já vos falei, se vos lembrais, noutras das minhas cartas.»

É tal a perturbação e o atordoamento físico provocados pela dor, que o Padre Pio se engana na data da estigmatização: diz «20 de Outubro» em vez de «20 de Setembro». Talvez se engane porque durante esses meses se deu uma série de fenó-

menos do género. Note-se, porém, um pequeno pormenor: comete o mesmo erro na carta enviada ao Padre Agostino, seu confessor. Nesta escreve primeiro «20 de Setembro», corrigindo em seguida para «20 de Outubro». Esta emenda poderia levar a pensar que a 20 de Outubro tivesse havido outra ocorrência, da qual, no entanto, não sabemos nada de concreto.

Da carta percebe-se claramente que estamos frente a um fenómeno «novo». Isto só será possível se se tratar de uma nova ferida, porquanto as dores espirituais ou místicas, durante esse período, eram ininterruptas, como já vimos. A personagem que actua é a mesma dos outros dois «encontros», e utiliza um instrumento semelhante ao que fora usado no início de Agosto, ou seja, «uma lâmina de ferro».

Segundo os peritos em mística, esta transverberação significa o «selo definitivo do amor». Representa a irrupção plena e definitiva do amor no coração do Padre Pio. Agora ele está completamente transformado em Cristo, e pode dar início à missão para a qual nasceu, e para a qual foi preparado, através de tantas intervenções divinas.

Para compreender melhor

O fenómeno dos estigmas é portentoso. Sempre impressionou muito a ciência e a teologia, e exerce um grande fascínio sobre as massas. Evoca Cristo, na sua expressão mais emblemática: a de Salvador, mediante o sofrimento mais total.

É um fenómeno polémico, também pelo facto de não se conseguir definir exactamente a sua natureza e origem. A Igreja sempre se mostrou muito prudente. Com efeito, embora tenha elevado à glória dos altares cerca de setenta santos que também receberam os estigmas, só no caso de São Francisco de Assis reconheceu a natureza sobrenatural do fenómeno.

O Padre Pio representa um caso muito próprio. Os seus estigmas mantiveram-se vivos e a sangrar durante mais de meio século. Durante a vida do Padre, e devido a uma situação particular, como veremos em seguida, aquelas chagas suscitaram polémicas ferozes. As Congregações eclesiásticas, chamadas a julgar o caso, sobretudo o Santo Ofício, deram sempre pareceres negativos, excluindo o carácter sobrenatural da sua origem.

Entretanto, as coisas mudaram. O processo de beatificação fez com que a verdade viesse ao de cima. Os estigmas são essenciais para a santidade do Padre Pio, constituindo um ponto fulcral da sua personalidade. São o sinal característico da sua missão de «corredentor». O Padre Pio é o primeiro sacerdote estigmatizado da história, estando destinado a guiar os crentes do Terceiro Milénio pelas sendas complicadas da teologia do sofrimento.

Os estigmas são um mistério, não só pela sua natureza, mas também pelo seu significado teológico. Para nós, pobres cronistas, é verdadeiramente impossível entrar em investigações tão delicadas. Para entender e fazer entender um pouco, recordo o que me disse certo dia uma eminente personalidade da Igreja, o cardeal Giuseppe Siri, então arcebispo de Génova.

Corriam os anos em que, para o Santo Ofício, o Padre Pio estava cercado por terra queimada. Nenhuma autoridade eclesiástica tinha a coragem de confessar publicamente que acreditava no Padre Pio. O cardeal Siri, homem de ferro, com vários outros expoentes de destaque, como o cardeal de Bolonha, Giacomo Lercaro, não tinham medo de ninguém e estavam orgulhosamente do lado do frade estigmatizado.

A sua visão estava certa. A história viria a dar-lhes razão. Falando-me dos estigmas do Padre Pio, o cardeal Siri desenvolveu um raciocínio que põe em evidência o altíssimo significado do fenómeno e a sua importância histórico-religiosa. É um discurso que ilumina muito bem o mistério cristão do sofrimento e oferece, portanto, a chave para compreender a verdadeira grandeza do Padre Pio.

«Com os estigmas com que viveu durante toda a vida, e com os outros sofrimentos morais – disse-me o cardeal Siri –, o Padre Pio chama a atenção dos homens para o Corpo de Cristo, como meio de salvação.

Cristo morreu na cruz pelos homens e, sobre esta verdade, uma das verdades principais da religião cristã, se apoia toda a teologia da Redenção. É uma verdade tão importante que, quando os homens, ao longo da história, a esqueceram ou tentaram deturpar, Deus interveio sempre através de acontecimentos, factos e milagres. A história da Igreja está cheia destas intervenções divinas, destinadas a chamar a atenção para o Corpo de Cristo.

No século XIII, por exemplo, século das grandes discussões teológicas, das primeiras universidades, em que os filósofos se interrogavam sobre os "universais", a Doutrina cristã estava prestes a ser contaminada por demasiados sofismas e intelectualismos, e a verdade sobre o Corpo de Cristo tinha sido esvaziada da sua objectividade. Eis então que surge São Francisco, propondo como ideal "viver o Evangelho à letra"; além disso, recebendo os estigmas, chama a atenção para o Corpo de Cristo.

Durante esse mesmo período, na Bélgica, a beata Giuliana Cotillon, irmã agostiniana, tornava-se promotora de uma festa para celebrar a Humanidade de Cristo.

Fora o próprio Jesus que, em diversas aparições, lhe pedira que o fizesse. Em 1247, a irmã Giuliana conseguiu obter, mas só para a diocese de Liège, a instituição do "Corpus Domini", uma festa que celebra o Corpo físico de Cristo.

Em Agosto de 1263, um sacerdote alemão, enquanto celebrava Missa numa pequena igreja sobre o lago de Bolsena, foi tomado pela dúvida de que, naquela hóstia consagrada, estivesse realmente presente o Corpo de Cristo.

No momento da Consagração, enquanto elevava a hóstia, brotaram dela rios de sangue, que encharcaram a toalha do altar.

O prodígio fez acorrer muita gente. O lugar foi imediatamente vedado, para que ninguém tocasse em nada, e foram chamar o Papa Urbano IV, que se encontrava em Orvieto, a cerca de trinta quilómetros de Bolsena. O Papa acorreu ao local, observou, interrogou as testemunhas, convenceu-se da autenticidade do fenómeno, associou-o às visões tidas pela sua penitente, irmã Giuliana, e compreendeu que se tratava de um novo sinal. No ano seguinte, através da bula *Transiturus*, estendeu a festa do "Corpus Domini" a toda a Igreja.

Na segunda metade do século XVII, em França, mas também no resto da Europa, tinha-se difundido o jansenismo que, com a sua teoria, atacava o valor universal da Redenção de Cristo. Então Jesus interveio através de várias aparições à mística francesa Margarida Maria Alacoque, à qual pediu que difundisse a devoção ao seu coração. É uma nova e forte chamada de atenção para o Corpo de Cristo, na sua parte mais

sensível, o coração, sede dos afectos. Após muitas lutas e peripécias, a Igreja instituiu a festa do Sagrado Coração.

No nosso tempo, a tentação de esquecer a realidade do Corpo de Cristo é enorme. Muitos teólogos modernos, sobretudo com mentalidade hegeliana, foram promotores de teorias enganosas e nocivas, e Deus interveio e continua a intervir mediante inúmeros sinais. Um destes, sem dúvida o mais evidente, foi o Padre Pio que, durante mais de meio século, trouxe no seu corpo os estigmas de Cristo, como significado de que o sofrimento não é uma coisa estéril e absurda, mas o meio de alcançar a Redenção.»

Com os seus estigmas, o Padre Pio recorda ao homem do Terceiro Milénio, transtornado pelas miragens do progresso científico e tecnológico, que o Calvário ainda continua a ser o único viático misterioso para alcançar a salvação total.

O que ele disse

A Angelo Battisti, administrador da Casa Alívio do Sofrimento que, a 20 de Setembro de 1968, lhe dava os parabéns pelo aniversário dos estigmas: «Não são medalhas nenhumas, meu filho. Tu és o primeiro a votar-lhes profundo respeito.»

Certo dia, um seu filho espiritual, homem forte e robusto, encontrando o Padre no corredor do convento, e vendo-o oprimido por terríveis sofrimentos, comoveu-se e não resistiu a aproximar-se e a dizer-lhe, num impulso de generosidade: «Padre Pio, dai-me os vossos sofrimentos. Eu sou forte e robusto, pelo menos resistirei por algum tempo...» O Padre respondeu: «Morrerias fulminado!»

O Padre Domenico Mondrone, jesuíta escritor: «Tinha-o visto de outras vezes, mas naquela noite causou-me grande impressão o cansaço que emanava do seu porte solene. Caminhava com dificuldade. Ofereci-lhe o braço para que nele se apoiasse, e fê-lo de muito boa vontade. "Padre Pio, pareceis-me um pouco cansado." O bom Padre fixou-me por um instante: «Só um pouco?" Depois, fazendo peso sobre o meu braço, e inclinando-se num gesto de confidencialidade: "Meu

irmão, já não posso mais" e, com tais palavras, o seu rosto assumiu uma expressão que nunca saberei descrever e que nunca mais esqueci.»

O que disseram acerca dele

Pio XII: «Eu represento Cristo. O Padre Pio vive Cristo.»

Giacomo Lercaro, cardeal: «O Padre Pio é como Jesus, o homem do diálogo com o Pai. Homem de oração, que se entregava com todo o ardor à oração, consagrando-lhe as horas do dia, amando de forma particular a oração em comum, mas apreciando também a oração individual que Jesus recomendou.»

Graham Greene, escritor: «O Padre Pio é um homem que reza, um homem que faz rezar.»

12

Começa a missão

(1919-1922)

Terminados os treinos, as lições particulares, as instruções, a superformação, colocados os selos em quanto fora feito, o Padre Pio estava preparado para a sua grande missão. A obra chegara ao seu termo, o atleta estava formado.

Agora sabemos que ele tinha sido longamente preparado para dar testemunho de Cristo. Para chamar a atenção do mundo para Cristo crucificado, o próprio Deus tinha querido «gravar» Jesus na sua pessoa. Paulo VI dirá um dia: «O Padre Pio é a gravura dos estigmas de Nosso Senhor.»

Agora devia mostrar-se, atrair as pessoas a si, a fim de colaborar na sua salvação, cumprindo a «missão de corredentor».

O mundo sempre tivera sede de Deus e, mal se espalhou a notícia de que em San Giovanni Rotondo havia um frade com as chagas de Cristo no próprio corpo, as pessoas começaram a afluir ao local de forma irreprimível.

Os factos

Por muito estranho que possa parecer, os estigmas não despertaram grande alvoroço no interior do convento de San Giovanni Rotondo.

Num primeiro momento, os três frades que viviam com o Padre Pio não se aperceberam do que tinha acontecido. Viram manchas de sangue, notaram as ligaduras nas mãos do seu confrade, repararam no seu sofrimento, mas tudo isto vinha juntar-se a um «hábito» já estabelecido de sofrimento e doenças estranhas, que desde há anos caracterizava a vida daquele

religioso. Por essa razão, cada um continuou a desenvolver a sua própria actividade, sem prestar atenção a mais um, dentre tantos e inumeráveis mistérios.

As primeiras pessoas a intuir a ocorrência foram algumas mulheres.

Desde a sua chegada a San Giovanni Rotondo, o Padre Pio tinha formado um grupo de raparigas que, sob a sua orientação, se dedicavam a uma profunda vida de oração. Todas as manhãs, ao alvorecer, iam ao convento para assistir à Missa do Padre, e depois ali ficavam para a meditação. Eram as suas primeiras «filhas espirituais» e também foram as primeiras a compreender.

Curiosa analogia com o que narra o Evangelho a propósito da Ressurreição de Jesus. As primeiras a ter conhecimento do facto e a encontrar Jesus ressuscitado foram as «santas mulheres».

O Padre Paolino de Casacalenda, superior do Convento de San Giovanni Rotondo, conta nas suas *Memórias* que ele, responsável da comunidade religiosa, e portanto também do Padre Pio, veio a saber dos estigmas através de uma dessas filhas espirituais.

Assustou-se. Compreendeu que era um facto delicado que poderia trazer problemas: «Não ignorava» escreveu ele, «que este acontecimento nos reservaria grandes surpresas quando o público dele viesse a tomar conhecimento, e por isso, sem querer, estávamos todos sujeitos à maior das responsabilidades».

Decidiu indagar. Quis saber, e o Padre Pio não pôde esquivar-se a revelar o que sucedera. No entanto, fê-lo com aquela relutância que lhe era congénita. Foi ainda constrangido a mostrar as suas chagas.

O Padre Paolino informou o superior provincial, mas este, em vez de acorrer ao convento, escreveu uma carta, recomendando o maior silêncio sobre o assunto. O Padre Paolino, porém, nas suas *Memórias*, faz notar, desapontado, que a recomendação de silêncio, por ele alargada imediatamente à jovem senhora que o informara dos estigmas, talvez já estivesse ultrapassada, «porque», como prosseguiu, «de um modo geral, nas mulheres não são feitas para guardar segredos...».

A senhora de que fala o Padre Paolino era Nina Campanile, a primeira das filhas espirituais do Padre Pio. Conhecera-o a 5

de Outubro de 1916, contando então vinte e três anos. Como ela própria contou, tinha-o procurado, atraída pelas notícias que corriam sobre ele, apelidando-o de «vidente». «O meu irmão tinha morrido na guerra e eu queria saber se a sua alma se tinha salvado», contou ela. «O Padre respondeu-me: *Se a misericórdia de Deus se avaliasse segundo o vosso pensamento, os homens estariam todos no inferno. Salvou-se, sim, e precisa de sufrágios.*» Nina foi conquistada pelas palavras precisas do Padre e tornou-se sua filha espiritual; foi a primeira, permanecendo-lhe fiel para toda a vida.

Nina foi certamente das primeiras pessoas a saber da existência dos estigmas. Pelo testemunho de outra filha espiritual, Cleonice Morcaldi, sabemos que todas as filhas espirituais do Padre Pio, então um pequeno grupinho, estavam ao corrente do facto. Também é provável que tenham sido elas a «tratar», em segredo, aquelas feridas. Se a dado momento Nina falou, não foi com certeza devido à incapacidade feminina de guardar segredos. Foi inspirada, ou por julgar que aquele facto «devia» ser conhecido.

O Provincial, como sabemos, era o Padre Benedetto de San Marco in Lamis, director espiritual do Padre Pio, e portanto alguém que conhecia bem quanto estava a acontecer na alma e na vida daquele jovem religioso. Não terá provavelmente ficado espantado com a notícia recebida, mas também compreendeu imediatamente que um facto daquele género poderia desencadear curiosidade e mexericos nocivos.

Mal teve possibilidades, o Padre Benedetto deslocou-se a San Giovanni Rotondo, para ver com os seus próprios olhos. A ocorrência era verdadeiramente séria. Aquele jovem frade fora atingido por qualquer coisa misteriosa e inexplicável. Escreveu ao Padre Geral da Ordem, a fim de o informar.

Mas que terão visto exactamente as pessoas que, naqueles dias de assombro, conseguiram observar directamente as mãos do Padre Pio?

Podemos deduzi-lo pelos seus próprios testemunhos que, na verdade, não são muitos. Temos, em seguida, as descrições detalhadas feitas pelos médicos mas, de momento, interessam-nos as declarações dos confrades. Estes põem em desta-

que alguns aspectos particulares, aqueles que mais impressionavam, ao primeiro impacto.

O Padre Benedetto, em carta de 5 de Março de 1919, dirigida ao Padre Agostino, fala assim dos estigmas que vira: «Nele não há manchas nem impressões, mas chagas autênticas, que lhe perfuram as mãos e os pés. Observei em seguida a chaga do lado: uma verdadeira ferida, da qual brota continuamente sangue ou aguadilha ensanguentada. À sexta-feira é sangue. Notei que mal se aguentava em pé... Quando diz Missa o dom fica exposto ao público, visto ter de manter as mãos elevadas e nuas.»

O Padre Paolino de Casacalenda ficou impressionado sobretudo pela chaga do lado. Em Maio de 1919, escreveu o seguinte: «A título de crónica, devo dizer que aquilo que mais me impressionou na visão das chagas foi a forma da chaga do lado, que se eleva precisamente do lado do coração, e não do outro lado do tórax, como tenho ouvido dizer a muitos. Tem quase a forma de um X, do que se deduz que há duas feridas. Embora nada possa provar, por falta de documentos seguros, isto condiz com um relato que ouvi, segundo o qual, muito antes dos estigmas, o Padre Pio foi ferido à espada, do lado do coração, por um anjo. Finalmente, outra coisa que me fez impressão, é que esta chaga tem o aspecto de uma forte queimadura que não é superficial, mas que penetra profundamente no lado.»

Outro testemunho precioso é dado pelo Padre Pietro de Ischitella que, como veremos, substituiu o Padre Benedetto como superior provincial. Ele comprova que as feridas das mãos não eram superficiais, mas profundas, a ponto de se poder ver de lado a lado. «Se eu fosse interrogado pelas autoridades superiores sobre este pormenor, deveria responder e confirmar, sob juramento, que, ao fixar o olhar sobre as feridas das regiões palmares das mãos do Padre Pio, seria fácil avistar, com todos os seus pormenores, um escrito ou outro objecto previamente colocado do lado oposto das mesmas. Trata-se, portanto, de feridas, através das quais também se pode ver, e das quais brota um fluxo de sangue tão forte que poderia provocar, em indivíduos comuns, a morte por hemorragia.»

Um facto tão estrondoso não podia manter-se oculto. Nina Campanile e as outras raparigas do grupo das filhas espiri-

tuais do Padre Pio terão certamente contado os factos à família e aos amigos, e estes, por sua vez, tê-los-ão revelado a parentes e amigos.

A notícia começou a espalhar-se entre os frequentadores do Convento de San Giovanni Rotondo, chegando às aldeias circundantes. O Padre Pio, como dissemos, já era conhecido. Tinha corrido a notícia de que ele era um santo. Este novo facto aguçou a curiosidade e a estima das pessoas. Aumentou o número das que recorriam a ele em busca de conselhos e orações. Começaram a chegar também os curiosos, vindos de Foggia e de outras povoações da região.

Durante os meses de Inverno, por causa do frio e da neve, o convento nunca era frequentado por estranhos. No entanto, com a chegada da Primavera, os peregrinos aumentavam, sobretudo ao domingo. Foi na Primavera de 1919 que rebentou a bomba.

O mérito, ou a culpa, conforme o ponto de vista, foram atribuídos aos jornais. A imprensa, com efeito, fez chegar a notícia a toda a Itália e ao estrangeiro.

O primeiro a publicá-la foi um sacerdote de San Giovanni Rotondo, que enviou uma breve nota para o jornal local. O objectivo deste sacerdote não era dar a conhecer o que acontecera ao Padre Pio, mas chamar a atenção das autoridades eclesiásticas para «qualquer coisa» que lhe parecia «perigosa». Era um «sinal de alarme» contra o Padre Pio. Contudo, obteve o efeito oposto. A sua informação foi lida por outros jornalistas, que se precipitaram, na intenção de exercer a sua profissão de informadores.

«Il Foglietto», semanário da província de Foggia, saiu a 25 de Maio com um artigo intitulado «O santo de San Giovanni Rotondo». Dizia que a pequena vila junto ao Gargano corria o risco de «se tornar famosa em toda a Itália. Até ontem começava a sê-lo, infelizmente, pelo banditismo que assolava os seus campos. Hoje passa a sê-lo pela existência de um humilde irmãozinho, considerado santo».

A notícia foi retomada por outros jornalistas, mas sem que lhe dessem particular importância. As pessoas, porém, sempre muito sensíveis a fenómenos espirituais, começaram a acorrer.

Em Maio de 1919, San Giovanni Rotondo já era inundado por uma verdadeira multidão.

Agora o Padre Pio nem sequer tinha tempo para continuar a sua correspondência com os directores espirituais. Em fins de Maio de 1919, o seu confessor, Padre Agostino, escreveu-lhe uma carta, lamentando-se por ter sido esquecido, e o Padre Pio respondeu-lhe, com data de 3 de Junho: «Não tenho um minuto livre: gasto todo o meu tempo a libertar os irmãos dos laços de Satanás. Bendito seja Deus. Peço-vos, portanto, que não me aflijais mais, a par dos outros, fazendo apelo à minha caridade, pois a maior caridade consiste em arrancar almas seduzidas das garras de Satanás, a fim de as ganhar para Cristo. É isto precisamente que eu faço a toda a hora, tanto de dia como de noite.»

O tom é expedito, diferente do das outras cartas escritas ao Padre Agostino. Sente-se que terminou o período das confidências e das análises interiores, e que agora o Padre Pio começa a actuar. São palavras que fazem lembrar as de Jesus, quando é encontrado pelos pais, no Templo: «Não sabeis que devo ocupar-me das coisas de meu Pai?» A missão urge, a missão do confessionário, e o Padre Pio mergulha nela.

O fluxo das pessoas é sempre significativo, sobretudo para os jornais. Compreendeu-o o director do «Mattino», prestigiado diário de Nápoles, que fora fundado por Edoardo Scarfoglio, célebre escritor e crítico literário, casado com Matilde Serao. Este decidiu dar espaço à experiência e mandou a San Giovanni Rotondo, não um correspondente, mas um enviado especial, como se faz com os grandes acontecimentos. Escolheu Renato Trevisani, um jornalista especializado na matéria.

Trevisani chegou a San Giovanni em meados de Junho e aí passou vários dias. Observou, falou com as pessoas, recolheu uma quantidade de dados. Tendo regressado ao jornal, referiu ao director o que vira e ouvira, e decidiram que o que estava a acontecer em San Giovanni Rotondo era algo de muito importante e que, por isso, tinha direito a muito espaço.

«Il Mattino», com data de 10-21 de Junho de 1919, dedicou ao Padre Pio uma página inteira. Um artigo de fundo, assinado por Renato Trevisani, intitulado «O fenómeno»; além disso, uma vasta crónica, em seis colunas, com a sigla de R. T.

(Renato Trevisani). O título desta longa crónica é solene: «Padre Pio, o "santo" de San Giovanni Rotondo, opera um milagre na pessoa do chanceler da região. Presente um enviado especial do "Mattino".»

No seu comentário, Trevisani demonstra ser um homem de experiência e de conhecimento profundo. Declara ter acorrido a San Giovanni Rotondo cheio de cepticismo, e de ter regressado transformado. Enfrenta de forma racional todas as dúvidas que os factos de San Giovanni Rotondo possam suscitar. Diz ter passado muito tempo naquele lugar para compreender bem o que lá se passava. Põe em destaque que o Padre Pio não tem nada a ver com os magos ou santinhos então famosos, como Lazzaretti e Rasputin. «Não há nada, absolutamente nada, que possa aproximá-lo minimamente deles.» «Nem se pode falar de auto-sugestão nas pessoas que são objecto dos seus "milagres". De quanto pude constatar, devemos pôr de parte, com toda a certeza, a existência de uma fraude.»

Trevisani afirma que, para se aproximar do Padre Pio, teve de manter oculta a sua profissão, de outro modo não teria sido recebido. Não é de excluir a hipótese de que o Padre Pio soubesse tudo acerca dele, mas sentia que se tratava de uma pessoa sincera. O jornalista fala do Padre com admiração e comoção. Põe em destaque a cordialidade do Padre Pio e a sua simplicidade. Define-o como «figura puríssima, feita de fé verdadeira e intensamente sentida». Também se apercebe que o acontecimento de que ele próprio é testemunho levantará problemas e interroga-se sobre se o Padre Pio conseguirá realizar «o grande milagre de não provocar polémicas à volta do seu nome».

Seria bom reproduzir todo o longo artigo deste enviado especial. Além do mais porque, a oitenta anos de distância, aquele enviado tinha tido uma visão correcta, tinha feito uma análise precisa da situação, que hoje a Igreja confirma plenamente, com a beatificação do Padre Pio. É justo sublinhar que aquela análise foi feita por um jornalista: um jornalista daqueles que defendem com toda a garra a honra da sua profissão.

Ao lado do comentário apaixonado, a crónica dos factos. Factos estrondosos, perturbadores, mas, como escreve Trevisani, «incontestavelmente verdadeiros e cuja autenticidade me foi confirmada por outros factos semelhantes, dentre os

quais, como contarei a seguir, fui testemunha directa a par de egrégios funcionários que até então tinham, tal como eu, o mesmo cepticismo com que eu tão bem me armara ao partir para San Giovanni Rotondo».

Renato Trevisani narra a cura de «Santarello»: «É um monstro humano: tem um pé cavalar e, aos setenta e cinco anos, é da altura de uma criança de cinco, seis anos... É quase completamente idiota: brinca com as crianças e passa horas seguidas deitado no meio da rua, nem que seja sobre um montão de imundícies.»

Refere o relato do homem miraculado. O Padre Pio disse-lhe por três vezes: «Levanta-te e caminha», e acrescenta que Santarello parece «não ter entendido nada da graça recebida. Ri sem parar, por hoje conseguir andar direito, como as crianças com quem brinca, ao passo que, durante toda a vida, o seu queixo se arrastara pelo chão». Não é possível, afirma Trevisani, que Santarello tenha sido curado por sugestão.

Conta em seguida a cura do chanceler da Prefeitura de San Giovanni Rotondo, Pasquale Di Chiara. «Deste milagre fui testemunha ocular, podendo confirmar aquilo que disse ao Procurador do Rei do Tribunal de Lucera, doutor Angelo Dello Russo, o doutor Giuda, o Vice-Juiz Nicola Siena e o Secretário da Procuradoria Régia, Luigi Trevisano.»

O doutor Di Chiara contava então trinta e seis anos. Ficara coxo, na sequência de uma queda, precisando de se apoiar numa bengala para andar. O Padre Pio viu-o naquele estado e disse-lhe: «Deita fora a bengala». Pasquale Di Chiara hesitou por um momento, depois deitou fora a bengala, mas agarrou-se à parede. O Padre Pio acrescentou: «Homem de pouca fé, vai-te embora e caminha.» Di Chiara moveu-se e já nenhum mal o afectava.

Mais estrondosa foi a cura de Antonio D'Onofrio. Aos quatro anos contraíra tifo, caindo vítima de uma forma de raquitismo que lhe deformara o corpo, provocando-lhe duas vistosas corcovas, uma nas costas e outra no peito. Era uma espécie de «mostrengo», conhecido por todos em San Giovanni Rotondo. Quando se dirigiu ao Padre Pio tinha sessenta e dois anos. Caíra de uma caleche e partira as duas pernas; para andar, precisava de duas bengalas. Ao vê-lo, o Padre Pio, disse-lhe: «Levanta-te, deita fora essas bengalas e vai-te embora.»

O homem obedeceu e, para assombro dos presentes, recomeçou a andar normalmente.

O artigo de Trevisani teve o efeito de uma bomba. Foi retomado por outros jornais, em Itália e também no estrangeiro, e o número das pessoas que acorriam a San Giovanni Rotondo aumentou ainda mais. O convento começou a ser invadido por multidões, sendo literalmente tomado de assalto. Todos perguntavam por ele, pelo Padre Pio, todos queriam falar-lhe, ou pelo menos vê-lo.

«Vinham profissionais de todos os tipos e de todas as partes – escreve o Padre Paolino nas suas *Memórias.* – Entre eles, contavam-se em maior número os médicos e jornalistas de vários diários. Vinham também muitos e muitos doentes, confiantes de que seriam curados. Acompanhavam-nos muitas pessoas que se julgavam endemoninhadas, possuídas por Satanás, e que queriam ser libertadas do demónio. Vinham muitíssimos impelidos pela curiosidade e pelo desejo de investigar, perguntando ora isto ora aquilo, para se certificarem da verdade. Como se pode deduzir através do registo das Missas, a partir de Julho de 1919, apareciam ainda em Gargano muitíssimos sacerdotes, tanto regulares como seculares. Havia também quem viesse do estrangeiro. Não faltavam ainda os carteiristas que, aproveitando-se da grande confusão reinante na igreja e no adro da mesma, desempenhavam o seu trabalho...»

Outro religioso, o Padre Placido de San Marco in Lamis, deixou escrito o seguinte: «A igreja estava apinhada de pessoas que andavam, iam, vinham, entravam e saíam sem parar. Também não faltavam as chamadas companhias de peregrinos, que, dirigindo-se aos santuários vizinhos da Coronata, San Marco in Lamis e São Miguel, paravam no nosso convento, aumentando assim o número de pessoas. Eram – e não exagero – milhares de pessoas que, só para ver o Padre, além do dinheiro gasto na viagem, se sujeitavam aos mais duros sacrifícios, numa aldeia onde faltavam alojamentos e outras facilidades do género, e aceitavam dormir na terra nua, ou sobre os penhascos da montanha.»

O Padre Pio já não tem o mínimo instante livre. A 27 de Julho, o Padre Benedetto escreveu uma carta a uma das filhas

espirituais do Padre Pio, Giuseppina Morgera, de Nápoles, com a qual, durante aqueles anos, trocava cartas frequentes, e pediu-lhe que interrompesse toda a correspondência. Nessa carta há um dado que permite avaliar a situação. «A 10 do corrente – escreve o Padre Benedetto – fui a San Giovanni e deparei com cerca de 6000 cartas no chão, e todos os dias chegava mais uma enorme quantidade. A multidão das confissões não lhe dá tempo para respirar, além dos contínuos pedidos de entrevistas.»

Tinha começado a «vida pública» do Padre Pio: era a missão, para que fora preparado. Referindo-se àqueles dias, escreveu com exactidão uma inteligente biógrafa do Padre Pio, a polaca Maria Winoska: «Deus sabe de que massa somos feitos, e também sabe como estamos ávidos de sinais e de testemunhos sensíveis. A este insigne pescador de homens, em que o Padre Pio se deve tornar, é necessária "uma propaganda". Não basta que o seu coração esteja inflamado de amor pelo seu Senhor crucificado. É necessário que este amor floresça na sua carne, em chagas visíveis. Este chamariz e este isco divino fará acorrer multidões inumeráveis de perto e de longe. Somos todos como aqueles burricos toscanos, teimosos e desconfiados, que se obriga a caminhar mantendo sob o seu focinho um molho de erva perfumada. Os dons sobrenaturais servem para isto. Fazem-nos caminhar. Se os homens estão ali, naquele deserto que é San Giovanni Rotondo, é por causa dos pés e das mãos do Padre Pio.»

Era este o significado dos carismas do Padre Pio e das curas que através dele ocorriam. Mas, se agora, à distância temporal, é fácil julgar, deve ter sido muito difícil fazê-lo naquela época.

Os frades de San Giovanni Rotondo e da província de Foggia viram-se, de repente, transformados em alvo de todas as críticas.

O Padre Paolino de Casacalenda escreveu nas suas *Memórias*: «Quando os jornais começaram a falar dos estigmas do Padre Pio, e esta notícia atraiu grandes multidões ao convento, muitíssimas pessoas, sem excluir alguns sacerdotes de San Giovanni Rotondo, comentaram que, se se criara aquela situação, era porque os frades do convento pretendiam exibir o

Padre Pio, como quem abre uma loja para fazer dinheiro. Posso garantir, com toda a consciência, que esta acusação – e o Senhor, que um dia me deverá julgar, sabe que eu não minto – é uma verdadeira calúnia.»

O Padre Paolino anuncia o tema de uma batalha feroz que de desencadeará à volta do Padre Pio: a da inveja, através da acusação feita aos frades de utilizarem o Padre Pio para fazer dinheiro; procura então defender-se.

Também o superior provincial, Padre Benedetto, intuíra imediatamente o perigo provocado pelo clamor à volta do Padre Pio, e ainda antes da chegada dos jornalistas, em princípios de Junho de 1919, tentara «conter» a situação. Escrevera uma carta ao Padre Paolino, desaprovando a fuga de notícias, «mesmo confidenciais, a seculares, sendo de temer possíveis indiscrições». Passara em seguida às imposições, feitas «*sub gravi*», isto, é, com o dever de obediência que um religioso não pode desrespeitar sem cometer uma falta moral muito grave.

«Proíbo, daqui por diante,» escreveu o Padre Benedetto, «*sub gravi*, que sejam comunicadas a quem quer que seja, e por que motivo for, notícias íntimas de factos ocorridos ou que venham a ocorrer, tendo por certo que será nociva para o decoro do hábito e para a causa do nosso querido Padre toda a divulgação por nós originada, ou na qual se possa detectar a nossa intervenção.»

Contudo, apesar das suas proibições, eis que a 21 de Junho sai o artigo-bomba do «Mattino». A reacção do Padre Benedetto é intempestiva: «Noto com aflição que as indiscrições ocorreram, não sem culpa desta comunidade. Sei que, directamente, não vos tereis prestado a satisfazer a curiosidade do correspondente, mas certos pormenores não se teriam sabido se não tivessem sido manifestados por religiosos aos seculares.»

Naqueles dias espalhou-se a notícia de que uma comissão de médicos militares estava para se deslocar a San Giovanni Rotondo, a fim de examinar as chagas do Padre Pio. O Provincial escreve ao Padre Paolino: «Ponde-os delicadamente na rua.»

O Padre Benedetto sentia que aquela situação escapava ao seu controlo, daí a sua agitação. Contudo, não podia fazer nada e acabou por ter de pagar tal incapacidade. A 5 de Julho,

na reunião dos vários superiores da província, foi destituído e, em seu lugar, foi eleito o Padre Pietro de Ischitella.

Poder-se-ia dizer que se tratou de uma substituição normal. Com efeito, os superiores das ordens religiosas são mudados com frequência. Neste caso, porém, é claro que o Padre Benedetto tinha de pagar por estar ligado ao Padre Pio. De facto, pouco depois ser-lhe-á retirada a função de director espiritual do Padre Pio, com a imposição de entregar o próprio diário em que tinha vindo a anotar a história do Padre, à medida que este lha ia contando.

O novo Padre Provincial, provavelmente também ele convencido de que as decisões tomadas em relação ao Padre Benedetto não eram completamente justas, fez uma longa declaração confirmando a seriedade de comportamento e de actuação do mesmo no «caso» Padre Pio. Já se transformara num «caso».

O Padre Benedetto, afirma o novo Provincial, nunca falou com ninguém dos fenómenos do Padre Pio. «A sua observância em relação ao segredo manifestou-se, mais do que nunca, quando, publicada a primeira notícia nos jornais sobre os fenómenos que são conhecidos, ele, então Provincial, envidou todos os esforços para evitar a publicidade que lhe parecia extremamente nefasta. Ordenou aos religiosos que, se fossem interrogados, não contassem nada a ninguém, sobretudo aos jornalistas. Além disso, proibiu severamente que fossem dadas entrevistas. Dispôs ainda que expulsassem do convento e evitassem todo o contacto com o correspondente local do "Mattino", se este tivesse enviado qualquer relatório para o seu jornal. Prova de que ele não queria contribuir para o entusiasmo público, nem para o fazer aumentar, depois da estrondosa revelação, foi o facto de não ceder a ninguém a única fotografia fiel existente, apesar das agradáveis ofertas ou dos pedidos insistentes por parte de pessoas importantes. Difundida a fama, viu-se obrigado a confirmar, a quem lhe pedia informações, os factos historicamente certos, como as chagas, a temperatura elevadíssima – chegando a atingir 48 graus –, duas perscrutações do coração, através das quais o Padre Pio salvou duas pobres almas duma situação de sacrilégio, etc. Mas ele referia tais factos de forma objectiva, sem se explicar, e

não se lembra de alguma vez ter confirmado as notícias de curas milagrosas, que não tivessem sido por ele pessoalmente constatadas.»

O Provincial, Padre Pietro de Ischitella, tentou tomar as rédeas da situação. Descobriu que o seu predecessor tinha recebido cartas anónimas que continham acusações à comunidade de San Giovanni Rotondo. Acusações graves, que insinuavam a existência de amizades pouco claras entre religiosos e leigos, e comércio ilícito de objectos pertencentes ao Padre Pio. O Provincial enviou uma carta severa ao Padre Paolino, cujo teor não conhecemos, mas que deve ter sido bem dura, a julgar pelo tom da resposta, com data de 8 de Agosto de 1919.

O Padre Paolino rebate tais acusações ponto por ponto.

«1.º Pode dar-se o facto de que alguma pessoa devota se tenha gabado da sua amizade com o Padre Pio, em particular, e com os monges, em geral. Mas que depõe tudo isto contra nós? Será por nossa culpa que um, ou muitos e "muitas" se gabam da nossa amizade? Não será talvez a eterna vaidade do mundo, que penetra em toda a parte?

Quanto aos paninhos ensopados em sangue, não me consta que tenham sido dados a guardar a essa pessoa devota. Pelo contrário, estou certo que o Padre Pio os lava ele próprio, pois nem sequer os dá a nenhum de nós para o fazer. Creio que, assim como as nossas roupas são lavadas fora do convento, nada mais fácil do que essas pessoas terem cortado de alguma camisa essa parte encharcada em sangue e a tenham conservado. Às vezes nem sequer são devolvidas as camisas velhas, sendo substituídas por outras novas. Tudo isto acontece sem qualquer intenção dos frades.

2.º Além disso, é falso que tenhamos feito circular pedaços de hábito, de cordão, de camisolas de malha, etc. A verdade é que a multidão que invadia o convento vinha fornecida de tesouras e cortava-nos casulas, camisas, cíngulos e até as cadeiras onde o Padre Pio se sentava, e enquanto este se afastava, acompanhado por guardas e carabineiros, não faltavam os mais audazes, que chegavam a cortar-lhe pedaços do hábito e da capa. Tais objectos terão sido feitos circular por outras pessoas exteriores ao convento? Não sei, mas uma coisa é certa, nós não tivemos nada a ver com isso...

Creio, essencialmente, que mais do que nos preocuparmos com estas ninharias, deveríamos antes ter em conta aquilo que acontece ao Padre Pio. Se nele se verificam sinais sobrenaturais, não devemos ficar surpreendidos com algum pequeno inconveniente que venha a ocorrer. Não lhe parece?»

O Padre Pietro reuniu os seus conselheiros e formulou, com eles, um plano de acção. A 30 de Setembro emitiu uma ordem com disposições que pretendiam conter o ímpeto da devoção popular, evitando assim as críticas.

«Às Avé-Marias seja fechada a igreja e a portaria. Fica absolutamente proibido que os jornalistas e fotógrafos se aproximem do Padre Pio. Os religiosos também devem usar de toda a delicadeza ao conversar com o Padre Pio, e nenhum se atreva a referir-lhe coisas que possam ofender a sua modéstia nem a fazer-lhe perguntas imprudentes. Que nenhum se aproprie de objectos que lhe pertençam e muito menos considere lícito dá-los a outros. Só é permitido satisfazer a devoção de pessoas piedosas com pequenas imagens em que o Padre Pio poderá escrever um pensamento.»

Contudo, também ele está profundamente convencido da seriedade de quanto está a acontecer ao Padre Pio. Provam-no as informações que envia a um célebre estudioso de fenómenos místicos, Padre Eduardo d'Alençon: «De todas as partes do mundo chegam pedidos de orações e, muitas vezes, agradecimentos por graças obtidas. Das regiões mais longínquas chegam visitantes guiados por verdadeiro espírito de devoção, e não por curiosidade doentia. O Padre Pio confessa, por vezes, até dezasseis horas seguidas por dia. Na estação alta tivemos milhares de comunhões diárias. Não faltaram visitas de pessoas distintas, regressos à prática religiosa e conversões à fé. Tudo isto constitui para mim um verdadeiro prodígio e atesta que o Senhor quis revelar este seu eleito para bem das almas e para glória do seu nome.»

A 10 de Outubro de 1919, escreve ao Padre Geral da Ordem dos Capuchinhos: «A graça do Senhor opera de forma extraordinária num sujeito humano, sendo difícil distinguir os actos inspirados por Deus daqueles que não procedem da divina inspiração. No entanto, mais do que exprimir convicções pessoais sobre matéria tão delicada, prefiro apresentar as im-

pressões de pessoas autorizadas, e começo por lhe enviar cópia de uma carta de Sua Excelência Monsenhor Costa, bispo de Melfi, ao qual sei que o arcebispo de Manfredonia também se dirigiu, pedindo informações a este respeito.»

Monsenhor Alberto Costa, bispo de Melfi e Rapolla, passou seis dias em San Giovanni Rotondo, em Agosto de 1919, e três em Setembro. Numa longa carta de 14 de Setembro de 1919, escreveu um autêntico panegírico do Padre Pio, referindo, entre outras coisas: «As minhas impressões reduzem-se a uma única: à de ter falado e conversado com um santo. Os estigmas, sobre os quais pude depor beijos ardentes e que, após exames feitos por pessoas competentes, não podem ser razoavelmente postos em dúvida, são feridas demasiado eloquentes, como as que representam o selo de amor que Deus grava naqueles que lhe são mais queridos e lhe estão mais intimamente ligados pela fé viva e pela caridade ardente.» Na sua carta, monsenhor Costa diz ainda que também o acompanhou a San Giovanni, durante três dias de Agosto, o bispo de Bovino, que de lá partiu com as mesmas impressões positivas.

Em fins de Novembro de 1919, o Padre Pietro voltou a escrever ao Padre Eduardo d'Alençon: «A imprensa católica italiana tem estado calada até agora, e eu quis que assim fosse, pois decidi não favorecer qualquer publicidade e não permitir que homens incompetentes ajuizassem deste facto, verdadeiramente extraordinário. A divulgação da notícia foi feita, no princípio, por jornais que não são de modo algum clericais... Talvez os relatos de jornais semelhantes impressionassem mais o público.»

Refere ainda os relatórios médicos feitos ao longo daqueles meses. «Há três relatórios minuciosos feitos por cientistas que são quase concordes na descrição das feridas, como aliás também são concordes em concluir que as várias hipóteses da ciência não bastam para explicar o fenómeno.»

A fama do Padre Pio também chegou ao Vaticano. A 19 de Novembro de 1919, o cardeal Pietro Gasparri, secretário de Estado do Papa Bento XV, escreve ao superior dos Capuchinhos de San Giovanni Rotondo, recomendando-lhe a família Rosi, que visitará o convento, «atraída pela fama de santidade do Padre Pio». Estava desejosa de «se confessar a ele» e de re-

ceber a Comunhão «das suas mãos». Além disso, o cardeal pede em nome do Papa e em seu próprio nome que o Padre Pio se lembre de ambos na sua oração, durante a Missa de cada dia, e que lhe dê qualquer «objecto pessoal» para a sua parente, Anna Peda, que já visitara o Capuchinho estigmatizado.

A 20 de Março de 1920, vestindo à paisana, mas por ordem expressa de Bento XV, chegou a San Giovanni Rotondo o arcebispo de Simla, nas índias Orientais, monsenhor Anselmo Eduardo J. Kenealy, eclesiástico normalmente desconfiado frente a todos os fenómenos místicos, mas homem sério e pragmático. O Papa fazia questão de ouvir o seu juízo. Aquela visita provocou a Monsenhor Kenealy uma óptima impressão e, antes de regressar à sua diocese, quis deixar escrito o seguinte testemunho: «Queria a todo o custo ver os estigmas do Padre, não porque duvidasse dos testemunhos de muitos outros homens que já os tinham visto, mas simplesmente porque, aparte os dogmas de fé, tardo a acreditar em histórias de factos extraordinários, sem os ter observado com os meus próprios olhos.

Fui a San Giovanni Rotondo, a 24 de Março de 1920, acompanhado por monsenhor Zucchetto, já então arcebispo de Esmirna e agora de Trebisonda, e também pelo reverendíssimo Padre Antonio de Tesson, definidor geral dos Capuchinhos para a língua inglesa, e pelo Padre Provincial Pietro.

Veni, vidi, victus sum! Vim, vi e fui vencido. Examinei bem e demoradamente os estigmas. Parto de San Giovanni Rotondo e de Foggia profundamente convencido daquilo que vi e ouvi, ou seja, de que ali, em San Giovanni, temos um verdadeiro santo, singularmente privilegiado pelo Senhor com as cinco chagas da Paixão, e com outros dons gratuitos, sobre os quais estamos habituados a ler na vida dos grandes santos.

Não se nota a mínima afectação no comportamento nem na conversa do Padre Pio. É obediente e trabalhador, recebeu grandes dons do Senhor e, apesar disso, tudo nele é natural, no sentido mais digno da palavra. Se é verdade que sabe sofrer, também é verdade que sabe sorrir. Estou convicto de que em breve a Santa Sé terá o feliz dom de examinar a vida, os dons e os milagres do Padre Pio, com o objectivo de escrever o seu querido nome entre o dos santos mais privilegiados da Igreja de Deus, e que a humilde Ordem dos Capuchinhos terá

a glória de contar entre os seus membros o humilde franciscano estigmatizado, depois do seráfico São Francisco. Foggia, 27 de Março de 1920.»

Ao partir de San Giovanni Rotondo, afirmou: «O cordeiro de San Giovanni venceu o leão de Simla.» A visita de Kenealy teve larga ressonância, sobretudo nos jornais ingleses, que publicaram na íntegra a sua declaração.

A 28 de Maio de 1920, chegou um enviado do Santo Ofício, monsenhor Bonaventura Cerretti, arcebispo titular de Corinto e secretário da Sagrada Congregação para os Assuntos Eclesiásticos Extraordinários. Era um eclesiástico culto, prudente e experiente, que, daí a quatro anos, seria feito cardeal.

Apresentou-se no convento como um sacerdote qualquer, e ninguém o reconheceu. Assistiu à Missa celebrada pelo Padre Pio e depois pediu ao superior se podia conversar a sós com o Padre, e examinar as suas chagas, mas o seu pedido não foi satisfeito. À noite apresentou-se em trajo oficial, deu-se a conhecer ao Superior e mostrou as credenciais de enviado do Santo Ofício. Foi acolhido, deram-lhe hospedagem e assim pôde falar com o Padre Pio. No dia seguinte, antes de abandonar o convento, escreveu no registo dos visitantes: «Recomendo-me vivamente às orações do Padre Pio.»

Nos primeiros dias de Julho, ainda de 1920, teve lugar a visita do Padre Luigi Besi, passionista, amigo do Papa e grande perito da teologia e fenomenologia místicas. Era o Postulador das Causas dos Santos. Naquele período tinha-se interessado pela causa da beatificação de Gabriele dell'Addolorata e de Gemma Galgani, duas almas cuja existência terrena fora cheia de fenómenos místicos semelhantes aos que estavam a acontecer ao Padre Pio. Era portanto um especialista, um «perito na matéria», e Bento XV tinha-o enviado para que examinasse a fundo a questão.

Tal como os outros, viajava incógnito. Em San Giovanni Rotondo ninguém estava ao corrente da sua visita. Contudo, tendo chegado à estação de Foggia, aproximou-se dele um padre Capuchinho que o convidou a tomar lugar numa carruagem mandada de propósito para ele de San Giovanni Rotondo. O Padre Besi ficou perplexo, pois não falara a ninguém da sua visita. O Capuchinho explicou-lhe, com grande simplicidade: «Foi o Padre Pio que nos anunciou a sua visita. Ontem à

noite disse ao Padre Guardião que hoje chegaria a Foggia um Padre passionista, enviado pelo Papa. Então o Padre Guardião mandou-me vir buscar-vos de caleche.»

O Padre Besi passou vários dias em San Giovanni Rotondo. Ficou com uma óptima impressão do Padre Pio, a quem se referiu dizendo que «era, antes de mais, um privilegiado de Deus, como Gemma Galgani».

A 25 de Outubro de 1921, também se dirigiu a San Giovanni Rotondo o Prefeito do Supremo Tribunal da Assinatura Apostólica e delegado pontifício para o Santuário de Pompeia, o cardeal Augusto Silj, que era acompanhado por monsenhor Giuseppe De Angelis. Ficou um dia em San Giovanni. Mais tarde, falando com o doutor Giorgio Festa, o médico que estudara os estigmas do Padre Pio, disse que o seu encontro com o Padre Pio lhe tinha «provocado uma impressão tão profunda, que o mínimo que poderia fazer era falar com o próprio Pontífice».

Os relatórios destes visitantes foram todos positivos. Bento XV tinha formado uma boa opinião do Padre Pio e, em certas ocasiões, manifestara-se sem temor. A 27 de Dezembro de 1921, declarou ao advogado genovês Cesare Festa, director do jornal «Il Caffaro», convertido pouco antes pelo Padre Pio e que, anteriormente, ocupava um alto cargo na Maçonaria da Ligúria: «Ó, sim, o Padre Pio é verdadeiramente um homem de Deus, e tu contribuirás para o dar a conhecer.»

Pouco depois escreveu a monsenhor Damiani, vigário geral da diocese de Salto, no Uruguai: «Na verdade, o Padre Pio é um homem extraordinário, daqueles que Deus envia de vez em quando à terra, para converter os homens.»

Certo dia, a um monsenhor que, além de se mostrar incrédulo, também falava mal do Padre Pio, disse: «Excelência reverendíssima, estais certamente mal informado. Por isso vos ordeno que visiteis o Padre Pio, a fim de vos convencerdes da vossa falta de caridade e do vosso engano.»

A um consultor do Santo Ofício, que manifestava reservas sobre o Padre Pio, respondeu: «Consta-me que o Padre Pio conduz almas para o Senhor. Sendo esta a sua missão, a minha deve ser manter-me ao seu lado.»

Dirigindo-se a outra personalidade eclesiástica: «O Padre Pio é verdadeiramente uma grande alma.»

Há alguns anos, a senhora D. Teresa Buttiglione, de Livorno, já com mais de oitenta anos, quis pôr por escrito um seu testemunho que se refere a factos então ocorridos, e que nos permite entender bem a personalidade do Padre Pio e a atmosfera de San Giovanni Rotondo.

«Eu era a última de quinze filhos e, imediatamente após o nascimento, fui atingida por uma grave forma de raquitismo. Aos seis anos de idade ainda não sabia andar. Arrastava-me servindo-me de um banco ou apoiando as mãos no chão.

«Estávamos em 1919, e um sacerdote aconselhou a minha mãe a levar-me ao Padre Pio, a San Giovanni Rotondo. Chegámos ao convento, batemos à porta e quem veio abrir foi um jovem frade, que nos perguntou qual era o motivo da nossa visita. A minha mãe disse que queríamos encontrar-nos com o Padre Pio, para que implorasse a Deus, através das suas orações, a graça da minha cura.

O frade mandou-nos sentar numa pequena sala anexa ao parlatório e percebemos que era precisamente ele, o Padre Pio. Informou-se sobre a minha história e sobre o meu mal e depois disse: "O Senhor conhece os seus desígnios." Pegou-me ao colo, abençoou-me e exclamou: "Santa e velha." Depois prometeu rezar por mim.

Encorajadas, regressámos a casa cheias de confiança. Passados poucos dias notou-se um melhoramento notável nas minhas condições físicas. Larguei o banco e comecei a andar a pé, dando os primeiros passos.

Agora, após uma vida de estudo e de trabalho, de fé e de graça, ainda recordo a minha extraordinária experiência e o prodígio da minha cura.»

Era esta a situação. Mas a história continua. A 22 de Janeiro de 1922, Bento XV morre inesperadamente. Foi então que se manifestaram outras forças, que até então tinham actuado ocultamente.

Para compreender melhor

A crónica dos factos ocorridos em San Giovanni Rotondo nos anos 1919 e 1920 é alegre e positiva. «Crónica branca», em calão jornalístico. Faz lembrar certas páginas do Evangelho,

onde se fala das multidões que acorriam a Jesus, atraídas pelos seus milagres.

Os relatos das testemunhas oculares revelam um ambiente de assombro e de festa, até mesmo nos procedimentos disciplinares adoptados para tentar refrear o entusiasmo das pessoas.

O próprio Padre Pio parece diferente. Já não tem tempo para escrever cartas aos seus directores espirituais, nem para lhes confiar as suas dores e sofrimentos. Vê-se obrigado a descurar a correspondência com as suas numerosas filhas espirituais, que a ele recorrem, pedindo conselhos. Não sente o peso das doenças. Sente-se completamente tomado pelos novos acontecimentos, e consegue ficar no confessionário até dezasseis horas seguidas, sem comer.

A sua missão começou. As multidões que chegam a San Giovanni Rotondo são formadas por aquelas almas, por aquelas pessoas pelas quais ele sofre e sangra já há anos. Todo o misterioso e estranho trajecto realizado, desde a sua infância, tinha aquele fim, devia levar àquela meta. Agora sente-se realizado. Descobriu «o objectivo» do seu padecimento, «a razão» específica da sua existência, e lançou-se de cabeça naquele trabalho plenamente gratificante.

Parece estar no início de um dia radioso. Percebe-se o fermento dos grandes acontecimentos, o assombro frente ao fantástico, a grandeza do sobrenatural, que se manifesta.

As personagens que giram à volta do Padre Pio e de tudo o que lhe diz respeito (confrades, superiores, autoridades eclesiásticas, autoridades laicas, jornalistas) mostram-se atentas, mas prudentes, abertas ao acolhimento do mistério. Até mesmo o Papa. Sente-se que tudo isto produz vida, esperança, expectativa. Sente-se, em suma, um festivo ar natalício, com os magos que vêm de longe.

Poderia parecer a atmosfera mais indicada para o significado dos factos que estão a acontecer em San Giovanni Rotondo, e é-o, sem dúvida. No entanto, como já referimos por várias vezes, o Padre Pio é seguidor de Jesus, o Homem morto na cruz. E aquele ar de êxito e de triunfo não condiz com a realidade cristã. Espreitam atrás da porta as forças do Mal, prontas para entrar em acção. Lá está Herodes, Caifás, a Sinagoga: a verdadeira história do Padre Pio ainda está para começar.

O que ele disse

Certo dia, a quem o interrogava sobre o destino eterno dos não-baptizados, respondeu: «Não penseis em quem não conheceu Jesus, pensai antes naqueles que O abandonaram.»

Saudando os peregrinos: «Bom dia a todos e bom apetite. Procuremos contudo, ao realizar esse acto puramente natural, necessário para a nossa existência, não abusar muito. Procuremos deixar um lugarzinho vazio para oferecer uma florinha a Jesus e à Virgem, sua mãe.»

Quando lhe agradeciam algum favor recebido, dizia: «Porque me agradeces a mim? Agradece antes ao Patrão.»

O que disseram acerca dele

Padre Alberto d'Appolito: «Tinha o esplendor e a grandeza da santidade, a força potente da caridade e do amor, o fascínio irresistível da bondade e da humanidade, a beleza e a atracção de Cristo crucificado.»

13

Enigma para a ciência

(1919-1920)

Os estigmas do corpo do Padre Pio eram verdadeiras feridas. Sangravam. O Padre procurava mantê-las ocultas, ligava-as, mas nem sempre conseguia estancar o sangue.

À medida que o tempo passava, aquelas feridas iam-se tornando um problema. Os superiores do Padre Pio, passado o primeiro impacto emotivo, aliás compreensível, fizeram a si próprios várias interrogações de tipo prático: qual seria a natureza de tais feridas? Que origem teriam? Entre o povo, muitos consideravam-nas um «sinal» sobrenatural: seria possível?

Os superiores do Padre Pio pensavam na saúde, tanto do religioso, como dos membros da comunidade em que ele vivia. Não devemos esquecer que o Padre Pio estava há anos gravemente doente, e que vários médicos o tinham declarado «tuberculoso». Por essa razão, os seus confrades aproximavam-se dele com prudência, a fim de evitar um possível contágio. Aquelas chagas, aquele sangue, constituiriam um perigo epidémico?

Mas havia ainda outro aspecto importante a tomar em consideração. A palavra «estigmas» já corria de boca em boca. A notícia dos acontecimentos já dera a volta ao mundo. Os peregrinos aumentavam de dia para dia. Os superiores do Padre Pio intuíram que aquela experiência podia ter uma evolução imprevisível, com consequências pouco agradáveis para eles, que eram responsáveis pelo religioso face à Igreja.

Aquelas feridas eram sem dúvida autênticas chagas sangrentas, e por isso só os médicos podiam avaliar a sua natureza e, se possível, tentar curá-las. Em todo o caso, era indispen-

sável o parecer da ciência. E este devia ser dado por profissionais competentes, para se poder obter declarações fortemente autorizadas, em caso de necessidade.

Decisão justa e sensata, que foi aplicada ao longo de várias fases, entre 1919 e 1920.

Os factos

Não se sabe se o Padre Pio, nos dias ou nas semanas que se seguiram à manifestação dos estigmas, recorreu aos tratamentos ou aos conselhos do médico que habitualmente tratava os frades do Convento de San Giovanni Rotondo, quando estes sofriam de alguma afecção.

O doutor Angelo Maria Merla era um médico à antiga, simpático e reservado, generoso e respeitador do segredo profissional. Já tinha tratado do Padre Pio, sobretudo durante a epidemia de gripe espanhola. Entre ambos tinha nascido uma estima recíproca, que durou para sempre.

O doutor Merla nunca se gabou de ter aquele ilustre paciente. Não gostava de falar de si próprio, nem do seu trabalho. Talvez tenha sido o primeiro a ver aquelas feridas e a dar ao Padre Pio algum conselho, mas não existem provas nem indiscrições sobre isso.

Sabe-se que o Padre, não estando de modo algum apetrechado com instrumentos de enfermagem, e não querendo pedir ajuda, tentava tratar aquelas feridas com tintura de iodo, único desinfectante que tinha à mão no convento.

O primeiro a aperceber-se que estava a ser feita uma análise médica aprofundada daquelas chagas, com relativo carácter científico, foi o Padre Benedetto, director espiritual do Padre Pio e seu superior provincial. Compreendeu que, de todos aqueles acontecimentos, podia desencadear-se o irreparável, de um momento para o outro, e ele seria chamado a dar explicações, não só aos próprios superiores, mas sobretudo às autoridades eclesiásticas. Era necessário, portanto, estar preparado, demonstrar que se tinham tomado todas as precauções possíveis.

Para qualquer explicação do fenómeno, era necessário

compreender a natureza exacta das feridas, e esse conhecimento só podia ser transmitido por médicos.

Escolheu por isso um profissional estimado e de prestígio, e pediu-lhe para ver as feridas do Padre Pio e depois redigir um relatório.

Foi incumbido o professor Luigi Romanelli, médico principal do Hospital Civil de Barletta. Este dirigiu-se a San Giovanni Rotondo, a 15 de Maio de 1919, e aí permaneceu também no dia seguinte. Como ele próprio escreveu, pôde «observar as chagas do Padre Pio em dias e horas diferentes».

O relatório do professor Romanelli é longo e detalhado. «As lesões que o Padre apresenta nas mãos – lê-se no mesmo, entre outras coisas –, estão cobertas por uma membrana de cor vermelho-acastanhada, sem qualquer ponto hemorrágico, sem edemas e sem reacções inflamatórias nos tecidos circunstantes. Tenho a convicção, ou antes, a certeza, de que tais feridas não são superficiais porque, colocando o polegar na palma da mão, e o indicador nas costas da mesma, e fazendo pressão, temos a percepção exacta do vazio existente.

As lesões nos pés apresentam características idênticas às das mãos. No lado observei um golpe nítido, paralelo às costelas, ao longo de sete ou oito centímetros, com corte das partes moles. Como em todas as feridas toráxicas, não é possível efectuar a sondagem da própria ferida, tornando-se por isso difícil avaliar até onde penetra e qual a direcção tomada dentro da cavidade. A ferida sangra muito e o sangue é de tipo arterial.

As lesões, desde Setembro de 1918 até hoje, conservam o mesmo aspecto e mantêm-se no mesmo estado. Além disso, o que é mais assombroso, não perturbam nem dificultam de modo algum a função dos membros, como acontece com as feridas vulgares.

Devemos excluir a hipótese de que a etiologia das lesões do Padre Pio seja de origem natural. O agente produtor deve ser procurado, sem perigo de erro, no sobrenatural, e este facto constitui, por si próprio, um fenómeno inexplicável através apenas da ciência humana.»

O professor Romanelli enviou o seu relatório ao Padre provincial, o qual, por sua vez, enviou uma cópia ao Padre Geral,

em Roma, sendo lógico pensar que este terá enviado outra cópia às autoridades vaticanas.

Entretanto, no mês de Junho, como já vimos, foi publicado o longo artigo de Trevisani no «Mattino» de Nápoles. O artigo foi retomado por muitos outros jornais, e o caso dos estigmas do Padre Pio passou a ser do domínio público, suscitando agitação, assombro e enorme interesse por toda a parte.

Tratando-se de um facto relacionado com um religioso, estava ligado a certas verdades da fé e envolvia também a atenção e o interesse de muitos católicos: as autoridades eclesiásticas não podiam ignorá-lo. É provável que o Santo Ofício se tenha interessado imediatamente, enquanto dicastério responsável pela Defesa da Doutrina e da Fé.

Contudo, também as autoridades eclesiásticas precisavam de uma peritagem médica, para poder ajuizar de um facto do género. Terão examinado certamente o relatório do professor Romanelli, mas este talvez lhes tenha parecido insuficiente, ou então quiseram juntar-lhe outro, mais aprofundado. Recorreram a uma celebridade médica de então, o professor Amico Bignami, professor efectivo de Patologia Médica da Universidade de Roma.

O professor Bignami era um profissional de grande fama, mas com uma formação materialista. Como muitos médicos da época, era um ateu convicto e declarado. As autoridades eclesiásticas conheciam-no bem e consideravam que, naquele caso, o seu desinteresse pelo sobrenatural poderia ser benéfico. Estavam certos de que não emitiria juízos tendenciosos.

O professor Bignami declarou-se lisonjeado pela confiança recebida do Vaticano. No entanto, considerava que tal tarefa não seria útil para a sua própria imagem, pelo que a aceitou, pondo como condição que nunca fosse citado o seu nome.

Dirigiu-se a San Giovanni Rotondo a 26 de Julho de 1919, e a sua visita prolongou-se por uma semana. De regresso a Roma, escreveu o seu relatório. O que viu e constatou corresponde de forma substancial a quanto já fora dito pelo professor Romanelli. As descrições médicas das chagas, feitas por ambos, são quase idênticas. O professor ficou impressionado com um detalhe curioso, que colocou em evidência no seu relatório, ou seja, que as lesões das mãos e dos pés eram «semelhantes e perfeitamente simétricas».

Também foram muito importantes as anotações tipo «crónica», por assim dizer, e as considerações de conjunto sobre o sujeito. «O Padre Pio – escreveu ele –, trinta e três anos e constituição graciosa, tem músculos pouco desenvolvidos, tez pálida, aspecto enfermiço e sofredor, e porte frágil. A sua atitude pessoal, modesta e compungida, a sua fronte alta e serena, o seu olhar vivo, doce e por vezes ausente, a expressão do seu rosto, que emana bondade e sinceridade, inspiram simpatia; no entanto, nada nos atrai particularmente no seu modo de falar...

Apesar da debilidade aparente, tem grande resistência ao cansaço: consegue, por exemplo, confessar durante quinze-dezasseis horas seguidas, sem tomar alimentos...»

Todavia, quando começa a analisar tudo o que tinha visto e constatado, exprime-se segundo as próprias convicções e, assim, nem sequer pensa em tomar em consideração pontos de vista que não sejam de origem materialístico-ateia.

«Sobre a natureza das lesões descritas – afirma ele –, podemos afirmar que representam um produto patológico, sobre cuja génese são possíveis as seguintes hipóteses: que tenham sido determinadas artificial e voluntariamente; que sejam manifestação de um estado doentio; que sejam parcialmente produto de um estado doentio e parcialmente artificiais.

Não creio que se possa admitir sem mais – e sobretudo na ausência de provas directas –, a primeira hipótese...

A segunda já é mais fidedigna, pelo menos em parte. Com efeito, é conhecida dos patologistas a chamada necrose neurótica múltipla da cútis, de que já muitos se ocuparam... Ora, as alterações detectadas nas mãos do Padre Pio são apenas o resultado de uma necrose da epiderme, e talvez das camadas exteriores da derme, podendo aproximar-se das necroses neuróticas supracitadas. Contudo, isso não pode explicar a localização perfeitamente simétrica das lesões descritas e a sua persistência, sem alterações.

Tais factos, no entanto, podem, em minha opinião, encontrar uma possível interpretação na terceira hipótese. Com efeito, podemos pensar que as lesões descritas tenham começado como produto patológico e depois tenham sido completadas na sua simetria e mantidas artificialmente – talvez de forma

inconsciente, e por um fenómeno de sugestão – através de um meio químico, como, por exemplo, a tintura de iodo.»

Falando claramente, o professor Bignami diz que as chagas do Padre Pio são de origem patológica e se mantêm vivas através de intervenção contínua, embora inconsciente, do próprio Padre. Assim, o religioso não passaria de um sujeito doente e maníaco.

Juízo gravíssimo, fortemente lesivo da honra do Padre Pio. Suscitou uma reacção imediata por parte do professor Luigi Romanelli. As deduções do professor Bignami eram completamente subjectivas, derivadas da própria formação ideológica. Ele não tinha o direito de tirar conclusões desse tipo, que envolviam, de forma negativa, toda a personalidade do Padre, só por ser ateu e, portanto, incapaz de conceber que tais fenómenos pudessem ter uma origem sobrenatural.

Para demonstrar o valor do seu diagnóstico, o professor Bignami, antes de abandonar San Giovanni Rotondo, receitou um tratamento que, segundo ele, numa semana levaria à cicatrização e depois à cura das feridas.

Ordenou que aquelas fossem ligadas diariamente com gazes limpas, mas que tal operação fosse levada a cabo por três religiosos de confiança, sob a supervisão do Padre Guardião. Depois de terem ligado as feridas, deviam selar as ligaduras de modo a que ninguém pudesse retirá-las a não ser eles próprios, no dia seguinte.

É evidente que o professor achava que as chagas se mantinham vivas e a sangrar graças à intervenção quotidiana do Padre Pio. Com tais disposições, ele dava a entender que o Padre continuava a irritar as feridas, às escondidas, no segredo da sua cela, através de processos mecânicos ou de substâncias químicas, de maneira a que se mantivessem sempre vivas e a sangrar. Se se conseguisse, porém, impedir a irritação durante pelo menos uma semana, as chagas acabariam por cicatrizar. Daí a necessidade de «selar» as ligaduras, para impedir que o Padre Pio as tirasse.

As indicações do professor Bignami foram seguidas à letra. Com grande sofrimento e extremo mal-estar psicológico do Padre Pio, que não só se sentia uma pobre cobaia, mas abertamente suspeito de ser um vulgar aldrabão.

Ao Padre Paolino que, no seu papel de superior do convento, executava a ordem de controlar diariamente a operação de ligar as feridas, segundo as disposições do professor Bignami, não passou despercebido o grande sofrimento do Padre, como se deduz pelas suas *Memórias*: «Eu ajudava todas as manhãs o Padre Pio a despir o hábito, a camisola de malha e as meias – escreveu ele. – Quem pudesse fixar naqueles momentos o rosto do Padre, nele teria lido claramente a grande repugnância e a mais viva confusão, pela palidez que dele se apossava, como pude constatar com os meus próprios olhos. Assim podíamos observar à vontade as feridas do corpo do Padre, que no entanto sofria imensamente no íntimo do seu coração, ao mostrar aquelas chagas, que sempre procurava manter ocultas aos olhos de todos.»

«O professor Bignami – escreveu ainda o Padre Paolino –, julgava que, por este meio, as feridas pudessem cicatrizar ou, pelo menos, melhorar. Que aconteceu em vez disso? Ao oitavo dia, em que foram definitivamente retiradas as ligaduras ao Padre Pio, enquanto ele celebrava a Missa, corria tanto sangue das suas mãos, que nos vimos obrigados a dar-lhe lenços para que pudesse limpá-lo.»

Já na velhice, o Padre Paolino recordava de vez em quando estes factos, e dizia: «Se o professor Bignami ainda fosse vivo, não sei que diria destas feridas que ainda hoje se mantêm, passados trinta e oito anos sobre a sua aparição.»

Num relatório, subscrito sob juramento por três dos quatro irmãos Capuchinhos encarregados de fazer aquele «tratamento» (Padre Paolino de Casacalenda, Padre Basilio de Mirabello Sannitico e Padre Ludovico de San Marco in Lamis), lê-se: «O estado das chagas durante os oito dias manteve-se sempre igual, excepto no último dia, em que tomaram uma cor vermelho-viva. Todos os dias, como se pode depreender pelas ligaduras que ainda conservamos, todas as chagas deitaram sangue; no último dia, a hemorragia foi mais abundante... Ao fazer aquelas ligaduras, não utilizávamos medicamentos e... para evitar qualquer suspeita, embora a nossa confiança no Padre Pio tivesse permanecido intacta, tínhamos tirado também o frasquinho de tintura de iodo que ele guardava no seu quarto.»

O Padre Placido de San Marco in Lamis, o quarto dos ir-

mãos «fiscalizadores», deixou escrito num seu testemunho que «nunca aquelas chagas deitaram tanto sangue como durante aqueles dias», contra as expectativas de Bignami, que se declarara «certo» que as chagas «desapareceriam ao fim de quinze dias».

Também esta experiência demonstrou que as teorias do professor Bignami não serviam, de facto, para explicar o que acontecera no corpo do Padre Pio.

Os Frades Capuchinhos, sobretudo aqueles que conheciam bem o Padre Pio, tinham ficado ofendidos com os juízos do professor Bignami e protestaram, além do mais, porque o tratamento do professor tinha falhado redondamente. Então o superior geral, Padre Venanzio de Lisle-en-Rigault, encarregou outro médico de proceder a nova análise aprofundada.

Foi escolhido o doutor Giorgio Festa, estimado profissional, estudioso equilibrado, que também estava atento aos fenómenos espirituais, e era bastante conhecido em Roma.

O doutor Festa dirigiu-se pela primeira vez a San Giovanni Rotondo no princípio de Outubro de 1919. O Padre Pio deu-lhe imediatamente a entender que não lhe agradava a sua visita, mas que se submetia à vontade dos superiores.

A desconfiança inicial, porém, transformou-se rapidamente em amizade. Desde os primeiros encontros, o Padre apercebeu-se que aquele médico estava animado por intenções sinceras. Começou a sentir estima por ele e, no fim, confiou-lhe o que lhe ia na alma como a nenhum outro.

O doutor Festa voltou a visitar o Padre Pio por várias vezes, também nos anos que se seguiram. Tornou-se o mais atento e documentado estudioso dos estigmas do Padre Pio. Em 1932, ofereceu à imprensa um livro intitulado *Tra i misteri della scienza e le luci della fede* (Entre os mistérios da ciência e as luzes da fé), onde apresenta os resultados das suas investigações científicas sobre todos os fenómenos que tinha estudado no Padre Pio, dedicando dois capítulos aos estigmas.

O doutor Festa fez a sua primeira visita ao Padre Pio entre o dia 8 e 10 de Outubro de 1919. De princípio fazia-se acompanhar também pelo professor Romanelli. Consultou demoradamente este profissional, que examinara o Padre cinco

meses antes. De regresso a Roma, preparou o seu relatório, do qual constavam as suas observações científicas.

Nesse relatório, lê-se, entre outras coisas: «Na palma da mão esquerda, mais ou menos a meio do terceiro metacarpo, o Padre Pio apresenta uma lesão em forma de crosta circular, com margens nítidas e diâmetro pouco superior a dois centímetros... De vez em quanto essa crosta solta-se, primeiro a toda a volta, depois pouco a pouco, em direcção ao centro, até acabar por cair completamente. Aparece então o fundo da lesão, de cor vermelho-escura e de superfície lisa. A sua profundidade não parece muito significativa, mas abrange, certamente, a espessura do tecido subcutâneo... Esta lesão tem forma circular, com contornos-limite de demarcação muito nítidos, de tal modo que a cútis circundante não apresenta edema nem vermelhidão ou infiltração, nem quaisquer outros vestígios de reacção flogística.

«Na região dorsal da mesma mão esquerda, correspondendo exactamente à palmar, apresenta outra lesão, análoga à primeira no que se refere à forma e características, mas com crosta mais superficial e contornos mais restritos. Com iguais características poderíamos descrever as lesões existentes nas costas e na palma da mão direita. Enquanto as examino, pequenas gotas de sangue brotam dos seus contornos.

Lesões nos pés – no peito de ambos os pés, e correspondendo precisamente ao meio do segundo metacarpo; também observo aqui uma lesão circular, de cor vermelho-acastanhada, coberta por fina escara bastante escura, que reproduz exactamente as características das descritas no caso das mãos. Talvez sejam um pouco mais pequenas e superficiais do que estas...

A pressão directa sobre todas as lesões, tanto das mãos como dos pés, embora feita com suavidade, revela-se dolorosíssima. Mais intenso ainda, embora ele se esforce por ocultá-lo, é o sofrimento provocado pelas lesões dos pés ao caminhar. Daí a dificuldade em permanecer muito tempo na posição vertical, daí o seu passo lento e por vezes incerto.

Lesão do lado – na região anterior esquerda do tórax, cerca de dois dedos, na transversal, abaixo da papila mamária, apresenta uma última lesão, mais interessante do que as primeiras, em forma de cruz invertida. O braço longitudinal desta mede

aproximadamente sete centímetros de comprimento. Parte da linha axilar anterior, ao nível do quinto espaço intervertebral, e desce na oblíqua, junto do bordo cartilagíneo das costelas, sulcando a cútis. O braço transversal da cruz mede cerca de quatro centímetros de comprimento. Intercepta, não em ângulo recto, mas na oblíqua, e a uns cinco centímetros do seu ponto de partida, o braço longitudinal, apresentando-se mais larga e arredondada na sua extremidade inferior. Esta figura de cruz é muito superficial: abrange apenas a epiderme e talvez a camada mais exterior da derme. Os dois braços que a compõem são em forma de fita e têm uma largura aproximada de meio centímetro, com margens e contornos muito nítidos.»

O doutor Festa contestou as hipóteses do professor Bignami, observando: «As lesões, de algum modo produzidas, deveriam ter evoluído, em seguida, por necessidade da natureza, para a cicatrização ou para aquela forma de necrose que não deixaria certamente de se produzir pela queda inevitável de alguns germes sobre elas.»

O mesmo Festa enviou o seu relatório ao Padre Geral dos Capuchinhos em Novembro de 1919. Este definiu-o como «erudito e convincente» e declarou: «O bom Padre Pio revelou-se-vos tal como é e foi valorosamente defendido de certas hipóteses que, em vez de explicarem os fenómenos maravilhosos que a Providência opera nele, os obscurecem.»

Assim, também o Padre Geral estava convencido que as chagas do Padre Pio eram de origem sobrenatural.

Em finais de 1919, os membros do Santo Ofício, que investigavam o «caso Padre Pio», tinham entre mãos três relatórios médicos: dois destes consideravam o fenómeno das chagas completamente inexplicável do ponto de vista médico, e admitiam a possibilidade da sua origem sobrenatural; um terceiro, pelo contrário, afirmava que se tratava apenas de um episódio patológico, mantido activo através de fraude do interessado.

Tendo em conta que este último diagnóstico provinha de um médico que se declarava materialista e ateu, e que o «tratamento» por ele sugerido para fechar as chagas tinha falhado redondamente, demonstrando assim que as suas convicções

eram infundadas; os juízes do Santo Ofício deveriam ter privilegiado os outros dois relatórios e seguido na direcção por eles indicada, ou seja, considerar a possibilidade de uma origem sobrenatural do fenómeno. Contudo, talvez considerassem improvável que Deus pudesse manifestar-se naquele humilde frade que vivia à beira do Gargano, e preferiram dar preferência ao juízo emitido por um ateu.

Entretanto o Padre Pio, cansado daquelas intromissões contínuas na sua vida íntima, tinha-se lamentado aos superiores, e estes tinham-lhe dado razão.

O próprio Santo Ofício mostrara-se receptivo ao seu mal-estar. Aquelas visitas médicas repetidas, para investigação e fiscalização, teriam humilhado qualquer pessoa. Ordenaram, por isso, ao Padre Pio, que não mostrasse as suas chagas a mais ninguém. Só deveria fazê-lo a quem se apresentasse munido de autorização escrita pelo próprio Santo Ofício.

Isto queria dizer que as investigações tinham praticamente chegado ao fim, e que, por isso, o deixariam em paz.

Eis senão quando, em Abril de 1920, outro médico se aventurou até San Giovanni Rotondo, a fim de estudar o caso do «frade com estigmas». Era um médico especial, pois também era religioso: o Padre Agostino Gemelli.

Filho de comerciante, nascera em Milão em 1878, e fora baptizado com o nome de Edoardo. Inteligência viva, genial, temperamento forte, personalidade poliédrica.

Estudara Medicina na Universidade de Pavia e licenciara-se em 1902, com a nota máxima, merecendo ainda que a sua tese de licenciatura fosse publicada. Fora aluno do professor Camillo Golgi, prestigiado cientista que o admitira no seu laboratório.

Desde os tempos de liceu, Gemelli sentira-se atraído pela ideologia marxista. Durante os anos da universidade, conhecera e convivera com Anna Kuliscioff, a *pasionaria* do socialismo, e Filippo Turati. Colaborara no jornal «La Plebe», órgão do Partido Socialista, e fora protagonista de manifestações estudantis por vezes violentas, a ponto de ter sido expulso do célebre colégio universitário «Ghislieri», de Pavia.

Em 1903, porém, enquanto o Padre Pio abandonava o mundo e ingressava no noviciado dos Capuchinhos, Gemelli

convertia-se, repudiava as suas ideias marxistas, abandonava por sua vez o mundo e ingressava no noviciado, a fim de se tornar franciscano na Ordem dos Frades Menores; escolhe o nome de Agostino, o grande santo de Hipona, que se convertera quando já era um famoso letrado.

A sua opção teve ressonâncias estrondosas. Os seus ex-amigos socialistas e maçons escreveram que ele era um pobre desequilibrado, e até os pais intervieram, tentando interná-lo num manicómio.

Já sacerdote, o Padre Agostino Gemelli prosseguira os seus estudos e as suas publicações científicas, sobretudo no sector da filosofia neoclássica e da psicologia experimental. Em 1909, participara na fundação da *Revista de Filosofia neo-escolástica* e, em 1919, fundara a Universidade do Sagrado Coração de Milão.

Em 1920, quando decidiu dirigir-se a San Giovanni Rotondo, para visitar o Padre Pio, era um luminar da ciência e uma das mais prestigiadas personalidades eclesiásticas.

Dada a sua particular preparação científica, era a pessoa mais indicada para estudar e compreender os fenómenos que se tinham verificado no Padre Pio. Com efeito, era médico, psicólogo e teólogo da máxima categoria. Conhecia, como poucos, as influências que a psique pode exercer sobre o físico, mas também conhecia os fenómenos místicos que, ao longo dos séculos, tinham sido verificados na vida de muitos santos.

Era ainda uma «potência» no seio da Igreja: consultor científico do Santo Ofício, presidente da Academia Pontifícia das Ciências, amigo e confidente do cardeal Achille Ratti, que dois anos mais tarde se tornaria Papa, com o nome de Pio XI.

Nunca se soube se o Padre Gemelli se dirigiu a San Giovanni Rotondo para ver o Padre Pio por curiosidade pessoal, ou se foi enviado oficialmente pelo Santo Ofício, ou ainda se essa missão lhe foi encomendada de forma confidencial pelo cardeal Merry Del Val, prefeito do Santo Ofício. De qualquer modo, ele tinha todos os requisitos para apresentar um juízo definitivo sobre aquele assunto, sendo por isso evidente que as autoridades eclesiásticas máximas tivessem interesse em ouvir a sua opinião acerca do Padre Pio.

O Padre Gemelli, porém, comportou-se de forma estranha.

Escreveu uma página horrível da sua própria vida. Tornou-se protagonista de um episódio que ainda hoje pesa de forma bastante negativa na sua história pessoal e na história da ciência, por ele representada.

É pena, pois Gemelli foi um grande homem e realizou grandes obras. É desagradável ter de lhe atribuir factos que não o honram. Contudo, exige-o a honestidade em relação ao Padre Pio. Calar ou ignorar tais factos significaria continuar a fazer injustiça contra o Padre Pio que, por causa dos mesmos, sofreria até ao fim da sua vida.

Que o Padre Gemelli tivesse decidido ir a San Giovanni Rotondo com o propósito explícito de «visitar» o Padre Pio, é comprovado pelo facto de que, pouco tempo antes, escrevera uma carta ao Provincial dos Frades Capuchinhos de Foggia, manifestando tal propósito. O Provincial respondera-lhe que não poderia fazê-lo sem autorização do Santo Ofício, por escrito, pois eram essas as disposições. Gemelli, porém, talvez por se considerar confrade do Padre Pio, membro do Santo Ofício e autoridade importante, nem sequer pensou em tentar obter tal autorização.

Como se comprova pela sua assinatura no registo de visitantes ilustres, o Padre Gemelli chegou a San Giovanni Rotondo a 18 de Abril de 1920. Ia acompanhado pela menina Armida Barelli, sua colaboradora e co-fundadora da Universidade Católica.

A menina Barelli pediu imediatamente para ter uma audiência com o Padre Pio, e perguntou-lhe se o Senhor tinha abençoado a obra há pouco criada, ou seja, a Universidade Católica. O Padre Pio respondeu com um monossílabo: «Sim.»

No dia seguinte, a menina Barelli começou a pedir ao superior do convento para autorizar o Padre Gemelli a observar as chagas do Padre Pio. A resposta foi negativa, porquanto ninguém podia dar tal autorização.

Gemelli pediu então para ter um encontro com o Padre Pio, que teve lugar de manhã, na sacristia, depois de o Padre Pio ter celebrado Missa, e que durou menos de um minuto. Os frades presentes a esse encontro referiram que o Padre Pio se mostrou seco e brusco com Gemelli. Parecia aborrecido, e Gemelli ficou estupefacto.

Passado algum tempo veio-se a saber que o Padre Gemelli

tinha feito um «relatório científico» sobre os estigmas do Padre Pio. O cardeal Michele Lega, bispo suburbicário de Frascati, depois de o ter lido, disse que era «terrível». Nele o Padre Gemelli afirmava que o Padre Pio era «soberbo, psicopata e autolesionista».

A notícia de tal relatório suscitou a indignação dos apoiantes do Padre Pio, em particular do doutor Giorgio Festa. Estes atacaram com violência o Padre Gemelli, que se entrincheirou por detrás de algumas declarações precisas, que, no entanto, só serviram para piorar a sua posição frente à história.

Gemelli fez por várias vezes as seguintes declarações, cujo conteúdo essencial era o seguinte: «Examinei cuidadosamente o Padre Pio e os seus estigmas.» «Fui incumbido pela autoridade eclesiástica, não interessa dizer por qual, de fazer um inquérito sobre o Padre Pio.» «Enviei por mais de uma vez a essa autoridade eclesiástica os meus relatórios.» «Como essa autoridade e eu estamos ligados pelo dever de segredo, ninguém sabe o que eu escrevi.»

Não existem documentos capazes de demonstrar que o Padre Gemelli fora incumbido pelas autoridades eclesiásticas de estudar o Padre Pio, mas existem documentos escritos por testemunhas oculares, que comprovam como ele nunca observou os estigmas do Padre Pio, e nem sequer os viu. Assim, as suas afirmações são falsas e os seus relatórios científicos sobre os estigmas do Padre Pio são apenas fruto de conjecturas e das suas fantasias pessoais.

Infelizmente, porém, dada a forte personalidade de Gemelli, a sua fama e a sua indiscutível autoridade, aquelas falsidades transformaram-se em evangelho. Os seus relatórios, como veremos, foram os únicos tomados em consideração pelo Santo Ofício que, com base em dados e avaliações neles contidos, emitiu juízos drásticos e condenações gravíssimas, e perseguiu encarniçadamente o Padre, até ao fim da sua vida.

Para compreender melhor

Estamos perante um facto histórico marcado por aspectos inacreditáveis.

O facto em questão, os estigmas do Padre Pio, era uma des-

sas realidades que, como hoje sabemos, passados tantos anos e após tantos processos, envolvia «o céu e a terra». Era qualquer coisa de extraordinário dada por Deus aos homens como ajuda para o caminho da salvação: uma coisa de valor extremo, incalculável.

Ora a Igreja, justamente, frente a acontecimentos deste tipo, deve ser sempre prudente, muito prudente. Um seu juízo errado poderia fazer um mal imenso a muitas pessoas. Por isso, quando a notícia dos estigmas do Padre Pio chegou ao Vaticano, as autoridades eclesiásticas agiram com circunspecção.

Alguns eclesiásticos intuíram imediatamente o carácter grandioso do prodígio e puseram-se do lado do Padre Pio. Tratava-se, porém, de uma atitude pessoal. As Congregações religiosas, incumbidas da avaliação oficial, em nome do Papa, revelaram por vezes uma certa desconfiança.

A sua prudência levou-as ao extremo de pedir um relatório científico a um ateu declarado, o professor Bignami. Mais tarde recorreram ao homem mais preparado, sob todos os pontos de vista, tanto nos relacionados com a ciência médica, como nos ligados à teologia mística: o Padre Gemelli. Óptima escolha. Gemelli, porém, subestimou o problema. Não respondeu ao apelo da história e fez um relatório falso. A Igreja adoptou esses julgamentos, convencida de que aquele homem não se podia enganar.

É fácil imaginar as consequências dramáticas de semelhante situação, consequências que veremos no próximo capítulo. Todavia, não é fácil julgar o comportamento de Gemelli.

Dizer que ele se enganou é uma conclusão demasiado simplista. Dizer que se deixou levar pelo seu próprio temperamento impulsivo e vingativo, que quis castigar o Padre Pio por este não ter aceitado mostrar-lhe os estigmas sem autorização, continua a ser uma constatação superficial.

Julgo que se devam tentar outras hipóteses. Como já repeti muitas vezes, o Padre Pio não é um santo «normal». A sua existência tinha significados universais, úteis para a humanidade. Atingir o Padre Pio significava atingir um grande desígnio de Deus em favor dos homens. Por isso, boicotar e fazer fracassar a missão do Padre Pio era sobretudo do interesse das forças do mal.

O Padre Gemelli não obtinha qualquer vantagem nem qualquer prestígio através da condenação do Padre Pio. Ele era uma das inteligências mais brilhantes do seu tempo e um filho devoto e fiel da Igreja. Para ele, era importante não cometer erros, seria certamente este o seu objectivo.

Talvez se tivesse deixado enganar pela presunção, talvez tivesse sobrevalorizado a própria experiência e se tivesse considerado capaz de julgar à toa, levado pela impressão que tivera ao aproximar-se do padre, recorrendo às observações de quem tinha de facto visto as chagas.

Além disso, era conduzido por uma sua teoria de fundo, muito precisa, sobre o problema dos estigmas em geral, e também esta o levou na direcção errada.

Com efeito, era de opinião que só deveriam ser considerados de «origem sobrenatural» os estigmas que apresentassem um carácter «neoformativo», ou seja, os que fossem constituídos por «novas formações carnosas», como, por exemplo, no caso de São Francisco de Assis. Os historiadores contam que nas mãos e nos pés do santo da Úmbria, depois da impressão dos estigmas, se notava a «formação carnosa» de cravos. Gemelli dizia que, nesse caso, se tinha verificado uma «excrescência» inexplicável e que só aquele tipo de estigmas podia ter origem sobrenatural. Assim, defendia São Francisco e rejeitava todos os outros estigmatizados.

«As lesões que têm um carácter destrutivo dos tecidos – afirmava o Padre Gemelli – podem muito bem ser derivadas de um estado doentio, de uma condição psicopática, ou podem ser o efeito de uma simulação.» As lesões que o Padre Pio tinha nas mãos e nos pés não eram «neoformativas», mas tinham forma destrutiva, e Gemelli considerava, por isso, que eram consequência de um estado patológico de uma pessoa histérica.

Se tivesse examinado os estigmas do Padre Pio, talvez não tivesse emitido os mesmos juízos. Enganou-se, portanto, ao julgar sem conhecimento de causa. O próprio Padre Pio o condenava. Quando o interrogavam acerca da visita do Padre Gemelli, repetia: «Falei pouco tempo com ele, mas ele nunca me observou e nem sequer viu os meus estigmas. Afirmar o contrário seria falso e corresponderia a desonestidade científica.» Assim, o comportamento do Padre Gemelli é imper-

doável, mas, para «compreendê-lo», para encontrar nem que seja uma pequena justificação plausível, devemos pensar na intervenção ardilosa de Satanás, das forças do Mal que queriam destruir aquilo que o Padre queria edificar.

O Padre Gemelli caiu na armadilha do maligno. Satanás «serviu-se» do seu desejo de defender a Igreja de possíveis superstições e, aproveitando-se do seu temperamento impulsivo, levou-o a tomar tal decisão. A visita do Padre Gemelli ao Padre Pio tinha sido muito rápida. Bastou um nada para fazer irromper na mente do grande cientista a convicção de que se encontrava frente a um caso clássico de histerismo. Com leviandade e presunção, tirou conclusões precipitadas, caindo na cilada armada por Satanás. Em seguida foi impossível voltar atrás.

Convencer o Padre Gemelli a fazer aquele relatório foi a obra-prima de Satanás. Se o plano divino era transformar o Padre Pio num «segundo Cristo» que, através dos sinais da Paixão impressos no seu corpo, chamasse a atenção das multidões para os mistérios da fé e da vida sobrenatural, com o relatório de Gemelli Satanás deitava tudo a perder. Com tal relatório, o Padre Pio foi definitivamente desqualificado. Gemelli considerava-o histérico e a Igreja começou a condená-lo.

O que ele disse

Certo dia, estando cercado por um pequeno grupo de pessoas e avistando dois médicos que se aproximavam, exclamou: «Sabeis a que se assemelha um doente entre dois médicos? A um rato entre dois gatos.»

A um místico que lhe abria o seu coração, dizendo que tinha estigmas, respondeu: «Esperemos que não, caso contrário começaria o teu martírio.»

A Orio Vergani, o famoso enviado do «Corriere della Sera», que fora de Milão a San Giovanni Rotondo, para o entrevistar, disse: «Uma viagem tão longa, só para me ver? Não tendes em casa um livro de orações? Teríeis poupado uma viagem. Vale mais uma Avé Maria do que uma viagem, meu filho.»

O que disseram acerca dele

O Cardeal Corrado Ursi: «Ninguém pode negar que este homem tinha os pés e as mãos trespassados e o lado aberto. Uma constatação física, que todos puderam fazer, mostrava este homem pregado à cruz para toda a vida. Aquelas chagas infligiam-lhe um sofrimento contínuo. Em certos momentos, a dor era lancinante, de enlouquecer. Ele tudo suportou sem um lamento, durante meio século. A este mártir não faltaram também as circunstâncias exteriores da Paixão.»

Professor Enrico Medi, cientista: «Qual é a herança do Padre Pio? Uma sementeira imensa de germes de caridade, de luzes de santidade, de sacrifício e de oração.»

Padre Domenico Mondrone, jesuíta: «Quando o Senhor nos dá homens como o Padre Pio, é sinal que, apesar de tudo, tem muita misericórdia de nós e continua a amar-nos.»

14

A crucifixão

(1922-1923)

Em finais de 1921, já muitos católicos italianos tinham ouvido falar dos factos ocorridos em San Giovanni Rotondo. O que tinha acontecido na pequena povoação à beira do Gargano deixava as pessoas assombradas, provocando discussões entre elas.

Ao convento dos Frades Capuchinhos chegavam diariamente centenas de cartas e pequenas multidões de peregrinos. Pobres, abandonados, doentes, pecadores, mas também personalidades eclesiásticas: sacerdotes, bispos e cardeais. Todos recorriam ao Padre Pio, em busca de um conselho ou de uma palavra.

Sobre aquele monte tinha sido levantado um sinal, e o mundo sentia-se atraído por aquele mistério.

O Padre Pio era feliz, embora os seus dias se tivessem tornado extremamente cansativos. Tinha mergulhado naquela missão com um entusiasmo total, e sentia dentro de si uma energia poderosa. Como constataram vários médicos, apesar da sua constituição delicada, conseguia confessar durante quinze ou dezasseis horas seguidas, sem comer.

Encontrava-se naquele estado de alma particular e invejável de quem sabe que cumpre a missão para a qual veio ao mundo. Não importa se o seu trabalho é massacrante. Oferecera-se desde pequeno como vítima a Deus, para salvação dos pecadores. Deus tinha-o crucificado, e os pecadores acorriam em massa. Ele escutava, consolava e, em nome de Deus, reconciliava.

O sonho da sua vida tornara-se realidade. A missão estava

em curso. Projectava continuar aquele trabalho por vários anos. Escrevia as últimas cartas, avisando as pessoas às quais costumava dar conselhos espirituais por correspondência, que não podia continuar a fazê-lo: agora a sua actividade devia desenvolver-se sobretudo no confessionário.

Contudo, o Padre Pio era seguidor de Jesus de Nazaré, o filho de Deus, que, na sua vida neste mundo, tinha sido um «fracassado». Com efeito, Jesus tinha terminado a própria existência morrendo na cruz, condenado como malfeitor naquele patíbulo da cruz, suplício apenas reservado aos escravos.

É possível que, na euforia do entusiasmo sentido no início da própria missão, o Padre Pio tivesse esquecido, por um momento, o verdadeiro final da história de Cristo. Aquele êxito, aquele acorrer das pessoas, tinha-o levado a pensar que se encontrava no caminho certo... Raciocínio puramente humano.

Segundo os desígnios de Deus, ele devia seguir Jesus, como se tinha proposto fazer. E Jesus, depois do banho de multidão que lhe cantava hossanas, no Domingo de Ramos, tinha acabado no Calvário. Aquela adesão unânime dos pobres não devia enganá-lo. Não fazia parte da verdadeira realidade da vida, que é uma luta desenfreada entre o Bem e o Mal. Para alcançar o seu êxito último, o êxito da Ressurreição, também o Padre Pio tinha de passar pelo Calvário. Foi o que aconteceu.

Os factos

Os episódios que, durante aqueles anos, se tinham vindo a desenrolar em San Giovanni Rotondo, e que chamavam a atenção sobre o Padre Pio, estavam relacionados com a Igreja católica, com a Fé.

Falava-se de estigmas, de milagres, de conversões e de visões. E a Igreja, mãe solícita dos crentes, não podia ficar quieta a olhar.

Era precisamente seu dever pensar no bem dos próprios filhos. Devia estabelecer a «bondade» dos acontecimentos em curso, constatar se aquele religioso estava animado por verdadeiro espírito de Deus ou se, pelo contrário, estava dominado pelo Maligno. Nesse caso, seria necessário intervir intempesti-

vamente, para impedir que muitas almas fossem enganadas, com grave dano para a sua saúde eterna.

Singularmente, a título pessoal, muitos sacerdotes, alguns bispos e também vários cardeais davam crédito ao Padre Pio. Como já vimos, até o Papa Bento XV, depois de ter enviado os seus próprios observadores de confiança, e de ter obtido destes opiniões favoráveis, se tinha expressado com frases lisonjeiras, de encorajamento. Para ele, o Padre Pio era «um homem enviado por Deus».

A Igreja, porém, é uma sociedade complexa. Está espalhada por todo o mundo. É responsável pela saúde eterna dos homens e pela verdade absoluta, e não pode dar-se ao luxo de cometer erros.

Ao longo dos séculos, à custa de mil experiências e mil batalhas, formou para si uma estrutura férrea. É conduzida pelo Papa, sucessor de Pedro, o qual é apoiado por colaboradores especializados, reunidos em dicastérios, cada um destes especializado em sectores particulares.

A missão de defender a Fé e a Doutrina foi confiada a uma congregação que se chama, precisamente, «Sagrada Congregação para a Doutrina da Fé». Outrora era designada pelo nome de «Santo Ofício», termo que evocava a intransigência e a severidade da Inquisição. O Santo Ofício era o dicastério vaticano máximo e mais poderoso, o «Tribunal supremo», como também lhe chamavam. A sua missão consistia em examinar tudo aquilo que estava relacionado com a Fé e a Doutrina da Igreja Católica, julgá-lo e emitir uma avaliação vinculativa para todos os fiéis.

Dado o carácter excepcional dos factos de San Giovanni Rotondo, o Santo Ofício entrou imediatamente em acção.

Os vários inquéritos médicos sobre os estigmas do Padre, que já referimos no capítulo anterior, destinavam-se, afinal de contas, aos membros do Santo Ofício.

Em 1921, havia quatro relatórios sobre as suas secretárias: o do professor Romanelli, o do doutor Festa, o do professor Bignami e o do Padre Gemelli. Dois deles, Romanelli e Festa, eram completamente positivos, no sentido de que afirmavam que o Padre Pio era um homem extraordinário, e que aquilo

que tinha acontecido nele só podia ser explicado através do sobrenatural. O professor Bignami, sendo ateu e materialista, não podia sugerir explicações sobrenaturais e, embora admitindo que o Padre Pio era uma pessoa excepcional, indicava, como origem das chagas, um agente patológico combinado com um desvio psicológico do indivíduo, de tipo maníaco.

O quarto relatório, feito pelo Padre Gemelli, seria, teoricamente, o mais autorizado. Gemelli, religioso, sacerdote, médico e grande cientista, reunia todas as condições para emitir o juízo mais competente. Por isso os membros do Santo Ofício deram preferência às suas avaliações e abraçaram a tese por ele defendida. Esta, porém, deixava o Padre Pio muito mal visto: com efeito, punha de parte qualquer intervenção sobrenatural, atribuindo a origem daquelas chagas a puro histerismo.

Contudo, como já vimos, aquela tese não era fruto de uma investigação científica. O Padre Gemelli não tinha examinado, nem sequer visto, as chagas do Padre Pio. Tinha feito um relatório falso, elaborado apenas com base nas suas suposições pessoais.

Os consultores do famoso dicastério não quiseram saber como era possível que sacerdotes, bispos, cardeais, médicos, cientistas, escritores, industriais, políticos e homens do espectáculo acorressem a San Giovanni Rotondo e demonstrassem estima e veneração pelo Padre Pio. Não se interrogaram por que razão ali ocorriam conversões e curas verdadeiramente inexplicáveis, que podiam ser sinal da presença e da aprovação de Deus. Não se deixaram impressionar pelo modo de vida do Padre, que todos achavam edificante e exemplar. Para eles, a autoridade do Padre Gemelli era indiscutível. Optaram pelas suas conclusões e apoiaram-no incondicionalmente.

Não puderam agir imediatamente contra o Padre Pio, mal receberam o relatório Gemelli. O Papa tinha-se comprometido em pessoa, exprimindo em público juízos altamente positivos em relação ao religioso. Se o Santo Ofício emitisse uma condenação, pareceria estar em clara contradição com o Chefe da Igreja, o que provocaria um escândalo. Assim, era necessário esperar.

Contudo, as notícias de uma hostilidade aberta por parte do Santo Ofício começaram a circular desde 1921. De facto,

em Junho desse ano tinha-se espalhado a notícia de que o Padre Pio teria sido transferido para outro convento, e o povo de San Giovanni Rotondo insurgira-se, invadindo o convento e ameaçando o superior; demonstrara assim quanta estima nutria por aquele religioso, uma estima talvez demonstrada de forma pouco ortodoxa, mas muito grande e incondicional.

Entretanto, a 22 de Janeiro de 1922, Bento XV, o Papa que apreciara e protegera o Padre Pio, morre inesperadamente. Foi eleito em seu lugar Achille Ratti, que tomou o nome de Pio XI. Este tinha como conselheiro pessoal o Padre Gemelli. A autoridade e o prestígio de Gemelli, no seio da Igreja, aumentaram.

O Padre Pio prosseguia com a sua actividade de sacerdote. Horas de oração, horas e horas no confessionário, a consolar e a confortar, a impelir as pessoas para o caminho do Bem, a perdoar em nome de Deus. Dos testemunhos que chegaram até nós, constatamos que as suas directivas espirituais eram modernas, situando-se na vanguarda da época. Brotavam da essência dos ensinamentos evangélicos. Ele fascinava e entusiasmava sobretudo a geração emergente: raparigas e rapazes que, depois da guerra, tentavam construir uma nova sociedade. O Padre Pio iluminava as suas esperanças e estimulava os seus sonhos.

Uma carta sua, escrita a 4 de Novembro de 1922, é típica. Nela o Padre trata um problema então escaldante: a liberdade dos jovens para escolher a companheira da sua vida.

Eram tempos em que a ingerência dos pais nos casamentos dos filhos era um hábito inveterado, sobretudo nas famílias abastadas, e nas católicas. Certa senhora, Giustina Bastiani Giannini, tinha um filho que queria casar com determinada rapariga, contra vontade da família. A senhora Giannini era uma católica muito conhecida. Também era mãe de Gemma Eufemia Giannini, fundadora da Congregação «Irmãs Missionárias de Santa Gemma». Dirigira-se ao Padre Pio, procurando ajuda, pedindo-lhe que convencesse o filho a respeitar a vontade dos pais. A resposta do Padre Pio, porém, foi «revolucionária» para a mentalidade daquele tempo: «...Deixe o seu filho livre quanto à escolha da companheira da sua vida», escreveu-lhe o Padre Pio. «Ele já não é criança e

sabe o que deve fazer. Nem a senhora nem os outros membros da sua família fazem bem se se opuserem. São pretensões que não podem, certamente, agradar ao Senhor. Nessa escolha, os pais não devem abusar da sua autoridade. A autoridade foi-lhes conferida por Deus, não para destruir os direitos dos filhos, mas para conservá-los.»

Mentalidade aberta, ou antes, muito aberta. O Padre Pio estava atento aos direitos fundamentais das pessoas e à liberdade de consciência. Era um homem iluminado. Por isso agradava aos jovens. Os seus juízes do Santo Ofício, porém, não eram da mesma opinião.

Estes já há tempos que tinham formado uma opinião negativa. E agora, com a morte de Bento XV, o Papa que «acreditava» no Padre Pio, esperavam a oportunidade para fazê-lo desaparecer.

Uma primeira intervenção «de peso» teve lugar a 2 de Junho desse ano. O Santo Ofício enviou ao Padre Geral dos Capuchinhos uma longa carta que continha uma série de restrições à actividade sacerdotal do Padre.

«...O referido Padre Pio – lê-se na carta do Santo Ofício – deve ser mantido sob observação. Evite-se a menção de qualquer facto singular ou rumor sobre a sua pessoa; celebre de preferência *summo mane* [ou seja, de madrugada], e em particular... De modo algum deve mostrar os chamados estigmas, falar deles ou dá-los a beijar...

Para que estas disposições obtenham o efeito desejado, insistir junto do Padre Pio para que conforme toda a sua conduta segundo as mesmas, declarando abertamente, através de palavras e de factos, tanto aos confrades como aos estranhos, a sua firme vontade de ser deixado em paz...

Deve, a partir de agora, ter outro director espiritual em vez do Padre Benedetto, com o qual deixará de manter qualquer comunicação, até mesmo epistolar; não faltará quem possa dirigi-lo espiritualmente, de forma segura e prudente.

Para executar quanto foi dito, seria necessário que o Padre Pio fosse afastado de San Giovanni Rotondo e colocado noutro lugar, fora daquela província religiosa, como, por exemplo, nalgum convento da Alta Itália. Os eminentíssimos Padres desejariam que se procedesse imediatamente a essa transferência...

Que vossa paternidade retire ao Padre Benedetto a crónica por ele escrita sobre o Padre Pio, enviando-a imediatamente ao Santo Ofício.»

O documento foi assinado pelo cardeal Merry Del Val, secretário do Santo Ofício. As disposições nele constantes são secas, frias e severas.

Tentam isolar o Padre Pio das pessoas, sugerindo que o obriguem a celebrar a Missa de madrugada e em particular... Tiram-lhe o director espiritual, ou seja, invade-se o campo íntimo da sua consciência, da sua vida espiritual. Apresenta-se a ideia de o afastar de San Giovanni Rotondo, e impõe-se ao seu director espiritual que entregue um diário onde tinha anotado todas as confidências do Padre. Violação de todos os princípios de reserva e privacidade.

Por estas disposições tão severas intuímos que o Santo Ofício tinha uma opinião totalmente negativa acerca daquele religioso, e também do ambiente em que ele vivia.

O mesmo se depreendia de outro documento, uma carta que o cardeal Merry Del Val enviou ao Geral dos Capuchinhos, a 21 de Julho. «Foi referido a esta Sacra Congregação Suprema que, por duas vezes, em data recente, os Padres Capuchinhos de San Giovanni Rotondo entraram em litígio e agrediram-se com armas brancas e de fogo... A causa deste litígio e das agressões parece ter sido a partilha das grandes somas de dinheiro acumuladas por Padre Pio e outros objectos preciosos que estavam na posse de mulheres piedosas, que frequentavam o convento como também os frades frequentavam a casa delas de noite...»

As acusações eram gravíssimas e projectavam uma sombra sinistra não só sobre o Padre Pio mas também sobre a inteira comunidade religiosa de San Giovanni Rotondo. Davam a entender que se estava a desenrolar uma batalha, sem excluir os actos de violência física. O convento de San Givoanni Rotondo estava muito distante de Roma. Como era possível que o Santo Ofício recebesse cartas sobre o mesmo?

O Padre Geral dos Capuchinhos, preocupado, enviou imediatamente um seu representante, na pessoa do Padre Celestino de Desio. Este escutou toda a gente: frades, leigos e as au-

toridades locais, e convenceu-se que se tratava apenas de uma montagem infame, destinada a caluniar os religiosos e o Padre Pio. Não havia verdade alguma naquelas afirmações, não se confirmavam as acusações enviadas ao Vaticano. Fez um relatório detalhado, defendendo aqueles religiosos, e enviou-a para o Vaticano. Os cardeais amigos do Padre Pio, como o cardeal Gaserai, por exemplo, exultaram, mas os membros do Santo Ofício não mudaram de opinião.

Que estava a acontecer? É simples. Como veremos em seguida, tinha-se desencadeado a armadilha diabólica das calúnias. O Padre Pio, com a sua conduta e com os seus carismas, tinha reacendido, em San Giovanni Rotondo, o archote da fé. As pessoas acorriam a ele, porque sentiam que era um homem de Deus. O clero local, mas também o das cidades vizinhas, sentia inveja. Sobretudo alguns eclesiásticos, que levavam uma vida dupla, contando-se entre eles padres e alguns bispos. Estes intuíam que, para eles, o Padre Pio constituía uma ameaça moral. As pessoas faziam comparações e tiravam conclusões. Por isso tinham decidido destruí-lo, e tentavam atingir o seu objectivo através da arma traiçoeira das calúnias.

O Padre Pio já «sabia» há algum tempo que um «ciclone infernal» se estava a desencadear sobre ele, e isso fazia-o sofrer terrivelmente.

«Em Maio de 1919 – escreveu nas suas memórias Lucia Fiorentino (que, naqueles anos, estava muito próxima do Padre Pio) – ele predisse tudo, como um profeta; confessou que tinha sede de almas e que viria a sofrer muito.»

A D. Giuseppe Orlando que, durante esse mesmo período, lhe perguntou se, depois dos estigmas, tinha continuado a ter aparições e perseguições de demónios, o Padre Pio respondeu: «Não, mas agora começam as perseguições terrenas.» Ao Padre Agostino, seu confessor, anunciou que quase todos os seus confidentes e aqueles que lhe queriam bem o abandonariam, mas não por culpa deles.

O Padre Pio continuava empenhado na sua missão, que atraía ao convento cada vez mais gente. Os seus inimigos prosseguiam na sua obra de destruição.

Ao Santo Ofício chegavam muitas cartas anónimas. Os juí-

zes da Suprema Congregação decidiram que se devia tirar conclusões e emitir uma sentença definitiva sobre aquela situação.

Reuniram-se em meados de Maio de 1923. As suas reuniões eram secretas. Ninguém conhecia os temas nelas debatidos. O Padre Pio, porém, em San Giovanni Rotondo, parecia estar informado de tudo. A 16 de Maio, escreveu à sua filha espiritual, Maria Gargani: «Por muito que me esforce, não consigo levantar-me deste cárcere infernal em que tenho jazido nestes últimos dias... Diz a Jesus que já é tempo de vir em minha ajuda... De me conceder quanto lhe peço já há algum tempo, caso contrário, serei inevitavelmente aniquilado pelos meus inimigos... Meu Deus, sinto-me morrer sob este peso... Já não posso continuar... Tenho os olhos velados de lágrimas, e o meu coração rebenta sob este duro peso... Diz a Jesus que, se Ele não quer escutar-me, me chame nestes dias para si, antes que se abata o diabólico cataclismo.»

Escreveu ainda outra carta semelhante, cheia de angústia, à irmã de Maria Gargani, também sua filha espiritual. Vir-se-ia a saber mais tarde que, precisamente nesse dia, 16 de Maio, os Padres inquisidores gerais do Santo Ofício se tinham reunido para examinar os resultados dos novos inquéritos acerca dos factos de San Giovanni Rotondo e, no fim da reunião, tinham emitido a sentença de condenação, que no dia seguinte seria aprovada pelo Papa Pio XI.

O texto daquela sentença não foi dado a conhecer imediatamente, mas começaram a circular boatos sinistros.

Na crónica do convento de San Giovanni Rotondo lê-se que o Guardião estava, naqueles dias, «à espera de ordens do Provincial». Este escreveu-lhe, dizendo: «As ordens chegarão em breve.»

A crónica conventual, por muito concisa e voluntariamente isenta que seja, é sempre uma preciosa fonte de informação e, naquele período, em San Giovanni Rotondo, deixa transparecer uma atmosfera dramática.

A 15 de Junho, o Padre Pio recebe uma carta do Padre Provincial, em que está escrito: «Prepare-se para beber o cálice amargo, que eu também tive de beber». Na crónica do convento do mesmo dia, o Padre Superior anota: «O Padre Pio mantém-se perfeitamente calmo. Enquanto em mim surge

uma certa preocupação, nele observo a mesma maneira de viver de sempre. Limita-se a dizer: "Não nos façam esperar muito e digam-nos depressa o que devemos fazer".»

A 7 de Junho, o Padre Guardião de San Giovanni Rotondo recebe um pedido para fazer respeitar escrupulosamente as ordens já enviadas pelo Santo Ofício, a saber: «O Padre Pio não deve continuar a celebrar Missa para o público, nem a horas fixas; celebre a Santa Missa na capela interior do convento, não devendo permitir-se a ninguém que assista à mesma; que o mesmo Padre Pio não volte a responder, pessoalmente ou através de outrem, às cartas que lhe forem endereçadas por gente devota, em busca de conselhos ou graças, ou por outros motivos.»

Entretanto, na região, espalha-se o boato de que o Padre Pio vai ser mandado embora. O Padre Guardião considera oportuno não proceder à execução das ordens, para não exasperar os ânimos. Escreve na crónica do convento: «Fazer actos de restrição neste momento poderia ser motivo de sérios distúrbios, e por isso as ordens serão executadas dentro de alguns dias. Ao final do dia apareceram alguns fascistas que queriam saber até que ponto era verdade o que corria de boca em boca. Desmenti tudo porque, de facto, não há nada que corresponda à verdade acerca da partida do Padre Pio. Parece que a situação pode acalmar, mas temo algum golpe dos fascistas contra determinadas pessoas.»

No dia 22, o Padre Guardião dirige-se a Foggia, a fim de se aconselhar com o Padre Provincial, manifestando-lhe o temor de uma insurreição popular. O Provincial replica que não pode fazer nada.

Na manhã do dia 25 de Junho, o Padre Pio celebra em privado, na capela interior do convento. À tarde desencadeia-se uma insurreição popular, e três mil pessoas, tendo à cabeça as autoridades civis e militares e a banda, descem à praça, ameaçando cometer represálias violentas.

Para acalmar os ânimos, o Padre Guardião retira a ordem e garante que no dia seguinte o Padre Pio voltaria a celebrar na igreja.

As pessoas têm medo: obstruem os caminhos que conduzem ao convento, constroem barricadas e determinam que guardas armados vigiem, por turnos, o acesso ao convento.

É eleita uma comissão que se dirige a Roma, para negociar com as autoridades eclesiásticas. Chefiada pelo presidente da Câmara, o advogado Francesco Morcaldi, a comissão parte a 1 de Julho. Em Roma é recebida pelo cardeal Gasparri, secretário de Estado, pelo cardeal Lega, do Santo Ofício, e pelo cardeal Sbarretti, prefeito da Congregação do Concílio, mas não pelo cardeal Merry Del Val, secretário do Santo Ofício.

A missão não obtém qualquer resultado concreto.

De regresso a San Giovanni, o presidente da Câmara vem a saber que a transferência do Padre Pio estava para breve. Contaria mais tarde: «Dirigi-me à Prefeitura de Foggia, onde obtive a confirmação. Corri então ao convento, com o coração em grande alvoroço. Encontrei o Padre Pio na sacristia, apoiado a uma janela iluminada pela luz do pôr-do-sol. Estava pálido e apercebi-me que sofria mais do que eu. Disse-lhe: "Vais deixar para sempre o teu povo, Padre Pio?" Ele abriu os braços e, abraçados, chorámos juntos. "Recluso, atormentado e quem sabe onde: partirás de noite, com os carabineiros?" O Padre respondeu: "Se for essa a ordem, não poderei fazer outra coisa senão ajustar-me à vontade dos meus superiores. Sou filho da obediência.»

A 5 de Julho, o «L'Osservatore Romano», órgão oficial do Vaticano, publica o decreto do Santo Ofício relacionado com o Padre Pio. Trata-se da sentença emitida em Maio pelo Santo Ofício. Com efeito, tem a data de 31 de Maio, e é uma sentença de condenação. Eis o seu texto: «A Suprema Congregação do Santo Ofício, dedicada à fé e à defesa dos costumes, após inquérito levado a cabo sobre os factos atribuídos ao Padre Pio de Pietrelcina, dos Frades Menores Capuchinhos do Convento de San Giovanni Rotondo, diocese de Foggia, declara não constar de tal inquérito o carácter sobrenatural de tais factos, e exorta os fiéis a conformarem-se, no seu modo de agir, com esta declaração.»

Texto sintético e lapidar. Não se negam os factos, mas declara-se que «não consta» que tenham origem sobrenatural.

Alguns biógrafos do Padre Pio, referindo este juízo do Santo Ofício, o primeiro segundo a ordem temporal, mas matriz de todos os outros que, como veremos, se lhe referem sempre,

afirmam que, afinal, não é muito negativo, e que é errado considerar que se trata de uma «condenação».

Ninguém pretende levantar um processo às intenções dos juízes do Santo Ofício, mas é bom esclarecermos imediatamente o alcance objectivo daquele «decreto», para termos uma dimensão real das suas consequências.

As palavras pelas quais é expresso o juízo do Santo Ofício são elementares. Não formulam uma condenação específica, mas fazem uma constatação, traduzida em termos categóricos. Assim, não apresentam dúvidas nem hipóteses. Diz-se que «após um inquérito», portanto, após um exame prolongado e uma ponderada avaliação do conjunto, «não consta o carácter sobrenatural» dos factos atribuídos ao Padre Pio.

Como já dissemos, o Supremo Tribunal eclesiástico não nega os factos, mas declara, explicitamente, que tais factos não têm nada a ver com o sobrenatural.

No entanto, estamos na presença de factos específicos, sobretudo das chagas que são indicadas como estigmas, ou seja, que fazem lembrar as chagas da Paixão de Cristo. Se o Santo Ofício afirma, de forma categórica, que tais chagas não têm qualquer origem sobrenatural, leva as pessoas a considerar necessariamente verdadeiras as outras possíveis explicações do fenómeno, que são apenas três: aquelas chagas são fruto de uma fraude, de doença psíquica ou de engano diabólico. Assim, o Padre Pio ou é um farsante vulgar, ou um pobre doente mental, ou um possesso do demónio. Não há outras hipóteses, e as três são desonrosas e rebaixantes, sobretudo para um sacerdote.

Assim, o juízo do Santo Ofício era terrivelmente grave e, em qualquer dos casos, desacreditava o Padre Pio e a sua actividade frente ao mundo inteiro. A gravidade das declarações deduz-se também das providências disciplinares tomadas na sequência do mesmo. Desde então, o Padre passa a ser considerado, pelas autoridades eclesiásticas, um indivíduo indigno de confiança, ao qual era necessário impor regras suplementares, restrições e interdições muitíssimo severas, até chegar, em 1931, a um verdadeiro encarceramento.

Tendo tudo isto presente, compreende-se que aquele «decreto» não era uma inocente exposição de factos, mas uma verdadeira e pesada condenação.

Naquele dia, portanto, 5 de Julho de 1923, o Padre Superior de San Giovanni Rotondo fez desaparecer o diário da Santa Sé, para impedir que a comunidade, e sobretudo o Padre Pio, tomasse conhecimento da tremenda notícia. Queria ganhar tempo e preparar o Padre Pio para aquele rude golpe.

Alguns dias mais tarde chegou o fascículo «Analecta Capuccinorum», que reproduzia o texto do decreto em latim. O fascículo foi posto, como sempre, na mesa da sala onde os religiosos se reuniam para o recreio. Os frades tomaram conhecimento do que se passava depois do almoço. O Padre Pio estava ausente. Quando o Padre Guardião o viu chegar, empurrou o fascículo para um canto da mesa, mas o padre Pio, mal entrou, pegou nele, abriu-o na página do decreto e leu atentamente o que ali estava escrito. Nem um músculo sequer do seu rosto traiu a mínima emoção. Terminada a leitura, voltou a pousar o fascículo no mesmo lugar e começou a conversar com os seus confrades, como se nada fosse.

Emanuele Brunatto, um convertido, filho espiritual do Padre Pio, que por aquela altura trabalhava no convento, estava presente na sala. Deu o seguinte testemunho: «Terminado o recreio, acompanhei o Padre à sua cela. Dirigiu-se à janela para fechar as persianas, e ficou imóvel durante alguns instantes, a olhar para a planície. Depois voltou-se para mim e irrompeu em lágrimas. Lancei-me a seus pés, e também eu desatei a chorar.»

O decreto do Santo Ofício tinha provocado um grande alvoroço. Grande parte do mundo católico, sobretudo italiano, que tinha seguido com assombro os factos de San Giovanni Rotondo, ficou indignada com aquele religioso impostor, e com os seus confrades.

Com efeito, a sentença não atingia apenas o Padre Pio, mas também a Ordem dos Capuchinhos, responsável, segundo a opinião pública, por ter permitido tanta publicidade à volta de um facto tão importante, que afinal se revelara falso.

Contrariamente ao que se poderia imaginar, entre as várias Ordens e Congregações religiosas nem sempre houve o melhor dos entendimentos. Verifica-se entre elas uma certa emulação, que poderia vir a ser exemplar e construtiva, mas que muitas vezes degenera em inveja e satisfação pelas desgraças

alheias. Naquele momento, portanto, muitos dos que pertenciam ao variegado mundo religioso gozavam com a situação em que os Capuchinhos se encontravam. Estes, pelo seu lado, passavam horas bem amargas. O Padre Pio também se sentia culpado frente aos seus confrades.

Como nunca ninguém o interrogara, e ninguém lhe explicara as causas que tinham provocado aquela condenação, tentou saber quais seriam as suas responsabilidades. Quis tomar conhecimento das acusações concretas que lhe faziam.

Pediu ajuda ao seu queridíssimo amigo e conterrâneo, D. Giuseppe Orlando. Este foi a Roma e conseguiu falar com o Padre Lottini, comissário do Santo Ofício, tendo vindo a saber que o Supremo Tribunal detinha um relatório longo e detalhado do arcebispo de Manfredonia, monsenhor Pasquale Gagliardi, que reproduzia o jovem capuchinho de forma tenebrosa, atribuindo as suas chagas a mistificação e fanatismo. «Vi-o eu com os meus próprios olhos, enquanto se perfumava e punha pó-de-arroz. Juro, sobre a minha cruz pastoral.» O relatório terminava com a seguinte declaração: «Ou o Padre Pio abandona a minha diocese, ou o arcebispo vai-se embora.»

Para compreender melhor

Intitulei este capítulo «A crucifixão». De um modo geral, os biógrafos do Padre Pio utilizam este termo e conceito para referir a impressão dos estigmas, o que não me parece pertinente.

A impressão de estigmas na vida de um santo é um prodigioso acto de amor: uma realidade que brota de um acto de livre predilecção de Deus, de uma sua intervenção específica para exaltar a pessoa através do dom da «semelhança física» com o próprio Filho Unigénito, Jesus, Salvador da Humanidade na Cruz. Trata-se, portanto, de uma coisa de grandiosidade inimaginável, que glorifica e faz resplandecer essa pessoa frente ao universo visível e invisível.

O dia da impressão dos estigmas foi, para o Padre Pio, o dia do seu triunfo máximo. Representou, por especial intervenção de Deus, o culminar de uma transformação espiritual, que alcançava assim uma rara plenitude. Tratava-se, portanto,

de uma meta de alegria, embora estivesse, momentaneamente, enquanto durasse a condição humana espácio-temporal, impregnada de sangue e dor. Encerrava, porém, a certeza de uma especial e imensa união com o Filho de Deus, para a eternidade. Aquelas chagas, aquelas feridas que laceravam a carne, não eram sinais de castigo ou condenação, nem de ódio ou derrota. Eram o selo divino de uma predilecção. O próprio Deus, com o seu poder e o seu amor, tinha-se aproximado do corpo do Padre Pio e tinha-o «beijado». Não se tratava de crucifixão, mas de triunfo.

O Padre Pio tinha uma visão clara e uma consciência segura deste seu estado. Por isso, embora com sofrimento, duro e lancinante, estava mergulhado numa felicidade interior quase inimaginável.

A sua verdadeira crucifixão, aquela que tira a vida e sufoca a alma, ocorreu, pelo contrário, precisamente naquele dia 5 de Julho de 1923, dia em que «L'Osservatore Romano» tornou pública a condenação do Santo Ofício.

«L'Osservatore Romano» é o órgão oficial de informação da Santa Sé, o jornal do Vaticano que difunde para todo o mundo as notícias relacionadas com a religião católica. O que se lia naquela edição de «L'Osservatore Romano» era como se tivesse sido pronunciado pelo Papa.

Aquela sentença, ou melhor, aquela condenação das experiências místicas do Padre Pio foi lida por todos. E todos os católicos «deviam» partilhá-la. Naquela época, cada tomada de posição oficial da Igreja «devia» ser aceite e recebida como verdade indiscutível.

As consequências práticas para o Padre Pio eram terríveis.

Do ponto de vista humano, ficava completamente desacreditado. Como pessoa, e muito mais ainda como religioso, era julgado pela Igreja como sendo suspeito, capaz de «aldrabar» as pessoas e, por isso, como alguém que «fazia mal» aos outros, enganando-os sobre valores espirituais elevadíssimos.

O Padre Pio tinha um grande sentido da honra. Perder a cara, para ele, e para todas as pessoas simples de então, era como morrer. Frente àquele juízo da Igreja, sentia-se completamente destruído, esmagado e aniquilado.

Terá certamente pensado nos seus parentes, amigos, conhecidos e conterrâneos, em todos aqueles que lhe queriam

bem e o estimavam. Se viessem a saber daquela condenação, todos se sentiriam «traídos» por ele. No plano humano, era um homem acabado.

Mas o Padre Pio também era um religioso, uma pessoa que tinha deixado o mundo para escolher uma existência de perfeição, em determinada organização eclesiástica. A Igreja tinha-o acolhido entre as fileiras dos seus próprios representantes, confiando-lhe uma missão espiritual altíssima: ser sacerdote. E agora a Igreja, essa mesma Igreja, sentenciava que ele tinha praticado traição, tinha traído a confiança recebida e as pessoas que lhe tinham sido confiadas.

Esta constatação inevitável, consequência lógica da condenação, representava para o Padre Pio uma segunda e incomensurável fonte de dor, ou antes, era a máxima fonte de dor. Ele, religioso, filho da Igreja, que vivia esse seu estado, nele participando da forma mais elevada, sentia-se repudiado pela própria Igreja, qual filho afeiçoadíssimo repudiado pela própria mãe.

Dor extrema, portanto, mas também confusão espiritual, abatimento interior. A condenação provinha da Igreja, do Tribunal supremo da Igreja. Cada filho autêntico da Igreja devia, em consciência, aceitá-la e «acreditar nela». Não era admissível, então, pensar que bispos e cardeais, pertencentes a um dicastério eclesiástico, assistidos por isso pelo Espírito Santo, no desempenho do seu trabalho, pudessem estar enganados. Semelhante pensamento era «pecado».

O Padre Pio sentia a consciência despedaçada. Sabia perfeitamente que aquelas feridas provinham de Jesus, com o qual tinha encontros e colóquios frequentes desde há vários anos. Aquelas feridas tinham-lhe sido concedidas no termo de um longo percurso místico, como sinais de uma missão extraordinária. Mas agora a Igreja, depois de ter julgado atentamente, sentenciava que nada disso era verdade. Afirmava que aquelas chagas não tinham nada a ver com o sobrenatural. E ele, como cristão, e ainda mais como religioso, devia obedecer e acreditar na Igreja. Por isso devia repudiar as próprias experiências espirituais e escolher: a Igreja ou Jesus, que lhe aparecia; o juízo do Papa, ou a própria consciência.

Que fazer? Dizer que a Igreja estava enganada? Revoltar-se? Apostatar? Ou «acreditar» na Igreja e nos seus juí-

zos e, por isso, admitir que estava iludido, convencer-se que as «visões» e os «estigmas» não passavam de um engano de Satanás?

Continuar a acreditar nas próprias experiências místicas significava, depois daquela sentença, pôr-se contra a Igreja, julgar, nem que fosse dentro de si próprio, a obra da Igreja e dos seus representantes e dizer que estavam enganados. Conflito mortal para uma consciência delicada, para um espírito sensível, totalmente virado para a perfeição espiritual.

Foi esta a situação «real e concreta» em que o Padre Pio viria a encontrar-se depois da condenação do Santo Ofício. Também é fácil intuir como foi pesada, uma autêntica crucifixão. Crucifixão espiritual, mas também física, pois era, precisamente, uma situação de «desgosto», capaz de causar a morte através de irreparável colapso cardiovascular.

Assim, com aquela condenação, o Padre Pio subiu concretamente ao patíbulo, com todas as consequências reais daí decorrentes. E a partir de então permaneceu no patíbulo por toda a vida, pois a sentença nunca mais foi revogada. Pelo contrário, foi reforçada em várias ocasiões, em períodos sucessivos, e de cada vez era como se fossem novamente pregados os cravos nas chagas do Padre.

A sua vida continuou a ser uma vida na cruz. Uma vida complicada, confusa, híbrida, pouco clara, sempre nos limites do juridicamente lícito, sempre na mira das autoridades, que continuavam a manifestar a sua desconfiança e a sua desaprovação, sentindo-se sempre suportado, desprezado, tolerado pelos superiores. Uma vida de sofrimento extremo, para uma consciência transparente como a sua. Durante meio século, porém, não lhe foi concedida outra oportunidade, nenhuma trégua e, durante todo esse tempo, ele foi um autêntico crucificado.

O que ele disse

«Rezai e continuai a rezar, para não ficardes entorpecidos.»

Um grupo de pietrelcinenses tinha ido visitá-lo. Um deles disse: «Padre, Maria insiste que quer mesmo aquela graça.» Ele respondeu: «Diz-lhe que essa graça, Jesus Cristo não

lha quer dar, e eu também não o posso obrigar, puxando-o pelo pescoço.»

Uma mãe de cinco filhos disse-lhe, certo dia: «Padre, eu quero dar-vos os meus cinco filhos em troca das vossas chagas.» Ele retorquiu: «Mas se tu não és capaz de levar os teus cinco cravos, queres tomar também os meus?!»

O que disseram acerca dele

Cardeal Giacomo Lercaro: «No Padre Pio talvez não houvesse nada de mais impressionante do que o seu silencioso, persistente, quase obstinado, embora muito humilde, amor à Igreja.»

Piero Bargellini: «"Estás a vê-lo?", perguntou o amigo em voz baixa. "Creio que sim", respondi-lhe, num sussurro. Devia ter dito que não. O Padre Pio não tinha olhar extático nem barba flutuante. O Padre Pio era aquele que eu teria definido como o menos místico. Em vez de ficar desiludido, senti satisfação. Com efeito, tinha medo de encontrar uma cópia amaneirada, mas descobri uma figura original. Temia encontrar não digo um simulador, mas, pelo menos, um imitador de santidade. Em vez disso, estava diante de uma manifestação da natureza, ou melhor, de uma revelação de sinceridade. »

15

Entre povo e sinédrio

(1923-1931)

Depois da condenação de Julho de 1923 pelo Santo Ofício, começou um período crítico para o Padre Pio. A sua actividade de sacerdote, o seu apostolado e a sua própria vida eram olhados como suspeitos. Era obrigado a agir em situações contraditórias, carregadas de absurdas incongruências. Era continuamente sujeito a ordens e contra-ordens, em que nada havia de claro nem de definitivo. Tudo era provisório. A sua existência tinha-se transformado numa espécie de esboço de comédia italiana.

A Igreja tinha declarado que nos seus fenómenos místicos não havia nada de sobrenatural. Por conseguinte, os seus estigmas e os outros factos inexplicáveis deviam ser considerados uma fraude ou fruto de um ardiloso truque. Para a Igreja, portanto, tratava-se de um religioso e de um sacerdote «prejudicial» no que se referia à difusão do Reino de Deus.

As pessoas simples, porém, acreditavam nele e continuavam a procurá-lo. As autoridades eclesiásticas, para impedir tais contactos, decidiram isolar o Padre do povo, mandando-o abandonar San Giovanni para sempre. Mas o povo tinha-se insurgido com violência.

De vez em quando, a partir de Roma, os juízes do Santo Ofício voltavam à carga, com novas condenações e restrições. Não tinham dúvidas quanto ao seu comportamento, bradavam eles, imperturbáveis, da Cidade Eterna. Os cristãos da periferia, porém, não se mostravam de modo algum solícitos para escutá-los. Nem sequer sabiam da existência daqueles juízes em Roma, ao passo que, para eles, o Padre Pio era uma preciosa realidade.

O Padre encontrava-se entre dois fogos. Por um lado, o povo que lhe cantava hossanas; por outro, o Sinédrio, que o condenava. Ele calava-se e rezava. Obedecia às disposições de Roma, mas, ao mesmo tempo, procurava, dentro dos limites do que era lícito, encontrar a forma de continuar a ser útil aos pobres e a realizar a missão para que fora chamado.

Apesar de tudo, também durante aqueles anos de perseguição, o Padre Pio conseguiu manter de pé um apostolado intenso. O fluxo de pessoas a San Giovanni continuou a ser sempre muito elevado. De cada vez que as disposições disciplinares dos juízes romanos estavam prestes a arrasar a sua actividade, acontecia sempre alguma coisa «misteriosa», «imprevista», que deitava tudo por terra. Havia sempre intervenções curiosas, obra do povo, de leigos, do acaso, e muitas vezes de pecadores perdidos que, nas mãos da Providência, se tornavam instrumentos tão preciosos como verdadeiros ministros de Deus.

Os factos

O principal objectivo que tinham em vista as autoridades da Igreja, depois da condenação do Padre Pio, era fazê-lo sair de San Giovanni Rotondo. Os juízes do Santo Ofício estavam convencidos de que só assim as pessoas o esqueceriam. A ordem era transferi-lo para longe, para um convento do Norte, ou até de fora de Itália, em Espanha.

Para realizar tal plano foi escolhido um frade muito robusto, ex-combatente, o Padre Luigi de Avellino. Em finais de Julho de 1923, dirigiu-se a San Giovanni Rotondo, a fim de estudar um plano de operações. Deu-se conta de que a situação era bastante delicada.

Em 1919 tinha-se falado pela primeira vez da transferência do Padre Pio, e o povo insurgira-se imediatamente. O mesmo acontecera em 1920, em 1921 e em 1922. De cada vez que circulava o boato de uma transferência do Padre, o povo descia à praça, ameaçador. E as ameaças eram sérias. Certo jovem, durante uma manifestação, tinha chegado a tentar matar o Padre Pio, dizendo: «Se não querem deixá-lo connosco vivo, ficará em San Giovanni morto.»

O Padre Ignazio de Jelsi, que naquele tempo era superior do convento de San Giovanni Rotondo, contou que, entre os vários estratagemas estudados para afastar o Padre Pio, lhe foi proposto fechar o religioso numa pipa. Devia preparar um carro, na horta, com duas pipas: uma cheia de vinho, e outra com o Padre Pio. Ele, porém, recusou, indignado. Os confrades do Padre Pio, aqueles que o conheciam bem, compreendiam o carácter absurdo daquela luta desenfreada e injustificada.

Entretanto, o Padre Luigi d'Avellino quis ter um encontro com o Padre Pio e falar-lhe abertamente. O Padre Pio mostrou-se obediente e disposto a tudo, para não contradizer os próprios superiores. O Padre Luigi, surpreso e edificado, escreveu uma carta ao Padre Geral: «Transmiti as ordens ao Padre Pio, e este respondeu: "Estou pronto a fazer a vontade dos superiores. Só pedirei a graça, se for possível, de permanecer em qualquer convento da província-mãe".»

O pedido do Padre foi acolhido, mas só em parte: foi estabelecido que, em vez de ser transferido para Espanha, o seria para Ancona.

Contudo, as pessoas da região estavam sempre alerta. Mal se apercebiam de algum movimento estranho, desciam à praça. Havia alturas em que a vida na povoação paralisava. O Padre Pio escreveu ao Presidente da Câmara, pedindo desculpa por ser o causador de tantos incómodos.

A 15 de Agosto, festa da Assunção, o Padre Pio celebrou a Missa solene, verificando-se uma grande enchente. À noite chegaram ao convento oito fascistas armados de varapaus. «O Padre Pio deve ficar», disseram eles ao superior com ar ameaçador.

A 17 de Agosto, o Padre Geral escreveu ao superior do convento de San Giovanni, dizendo que lhe desagradava tudo o que estava a acontecer, mas que não dependia dele alterar as disposições.

Verificando que a tensão popular não se aplacava, as autoridades religiosas decidiram pedir ajuda às civis. Informaram o general De Bono, chefe da Polícia, e o prefeito de Foggia. Emilio De Bono enviou um funcionário pessoal, Carmelo Camilleri, para que este lhe transmitisse um quadro exacto da situação. De regresso a Roma, Camilleri informou De Bono:

«Quem quer que se aproxime do Padre Pio, perde toda a vontade de o perseguir.» Disse ainda: «Para o levar dali seria necessário empregar a força pública, e haveria, certamente, derramamento de sangue.»

Os seus receios não eram exagerados. A gente do lugar era belicosa: dois anos antes tinha havido uma violenta insurreição em San Giovanni Rotondo, com catorze mortos e oitenta feridos.

De Bono ficou tão impressionado com o relatório do seu funcionário, que decidiu tornar-se promotor da revogação do decreto emitido pelas autoridades eclesiásticas. Escreveu uma carta a quem lhe tinha pedido para intervir, em que afirmava, entre outras coisas: «Estou disposto a conceder a força pública para executar o mandato, mas quero saber quem assumirá a responsabilidade de um massacre. Nós conseguiremos levar dali o Padre Pio, mas teremos provocado um episódio sangrento, pois o prefeito de Foggia declarou que a ordem seria executada por todos os meios, mas que para isso seria certamente necessário caminhar sobre cadáveres.»

Em Setembro, a ordem de transferência do Padre Pio foi suspensa. A estranha situação em que o Padre Pio se encontrava suscitava muitas interrogações nas consciências. Aqueles que se aproximavam do religioso davam-se conta que era um homem de muita fé e de conduta destemida. Interrogavam-se como era possível que fosse perseguido pelas autoridades eclesiásticas.

Naquele período, em Itália, havia outro grande espírito que polarizava a atenção dos crentes: D. Luigi Orione, fundador da «Pequena Obra da Divina Providência», hoje já distinguido com a glória dos altares. Tinha fama de ser um sacerdote iluminado, por isso, um dos grandes amigos e admiradores do Padre Pio de então, monsenhor Antonio Valbonesi, bispo de Menfi, quis conhecer a sua opinião acerca do Padre Pio.

Monsenhor Valbonesi, que ia muitas vezes a San Giovanni, tinha sido convidado a deixar de o fazer, a deixar de se relacionar com o Padre Pio, em suma, a afastar-se dele, de modo que as pessoas compreendessem, também através do seu comportamento, que aquele religioso era, para a Igreja, um sujeito «equívoco». Mas monsenhor Valbonesi, que não partil-

hava a opinião do Santo Ofício, antes de aceder a tal solicitação, queria ouvir o parecer de D. Orione.

Escreveu-lhe uma carta, à qual D. Orione respondeu. Era uma carta que hoje – depois de ambos os protagonistas terem recebido, na história, o reconhecimento pela sua verdadeira identidade espiritual –, detém significados de excelsa iluminação.

D. Orione utiliza uma linguagem particular, condizente com a sua profunda humildade, mas diz claramente coisas essenciais. Esclarece desde logo que aquilo que vai escrever lhe foi «dito» por Jesus. «O Padre Pio – escreve ele – deve pertencer por inteiro a Jesus crucificado e, por amor a Jesus e à Santa Igreja, deve ser crucificado em alegria e caridade.» Indica assim que o Calvário é o caminho que o Padre está a percorrer. E especifica ainda: «Nosso Senhor e a Santa Igreja, nossa doce Mãe, só podem ser amados e servidos na cruz, em humilde obediência e caridade».

Obediência portanto à Igreja, que está, sempre e de qualquer modo, intimamente ligada a Cristo. Não nos cabe a nós julgar: o crente deve obedecer. Assim, monsenhor Valbonesi deve «obedecer» e esquecer San Giovanni Rotondo e o Padre Pio.

Todavia, D. Orione continua a sua carta, dizendo outras coisas que constituem uma magnífica declaração de estima e admiração pelo Padre, dando claramente a entender que não apoia, de facto, o juízo do Santo Ofício, nem considera que o Padre Pio seja um impostor ou um histérico. Pelo contrário, considera-o um grande espírito, um santo. «Vossa Excelência reverendíssima abrace com um ósculo santo o Padre Pio, e também em meu nome, que sou miserável. Queira beijar-lhe por mim o hábito e o cordão, e queira dizer-lhe que, em espírito, lhe beijo as mãos e os pés, muito fraternalmente.»

Esta insistência, estas repetições de beijos não são casuais. São um modo de dizer quanto amava e estimava o Padre Pio. D. Orione foi um grande defensor do Padre. Sabe-se que empreendeu enérgicas acções junto da Santa Sé para tentar revogar as restrições impostas ao Padre. Não julgava, mas agia, e a sua acção encerrava uma torrente impetuosa. Contribuiu de forma notável para dar a conhecer a verdade sobre o Padre aos vários cardeais. Interveio junto do cardeal Carlo Perosi,

seu amigo, que era prefeito da Concistorial, dicastério do qual dependiam as decisões a tomar sobre o caso Padre Pio. Quando o cardeal Perosi lhe respondeu que o seu dicastério não era competente, D. Orione ameaçou-o, com severidade: «Vossa Eminência terá de se arrepender e de prestar contas ao Senhor.» A profecia cumpriu-se. Quando estava às portas da morte, o cardeal mandou chamar D. Orione e reconheceu as próprias responsabilidades em relação ao Padre Pio.

Através de outros documentos, deduzia-se que D. Orione continuou sempre a interessar-se pelas experiências do Padre Pio. Enquanto estava em Buenos Aires, quase no fim dos anos vinte, veio a saber que tinham sido proibidos alguns livros que contavam a história do Padre, e que as pessoas já não podiam aproximar-se dele. Aos amigos que lhe perguntavam como era possível que a Igreja fosse tão severa com o Padre Pio, respondeu: «É a sinagoga que continua em acção...»

Por essa ocasião, os amigos perguntaram-lhe se conhecia bem o Padre Pio, e ele respondeu que nunca se tinham visto, mas que se conheciam. Também o Padre Pio nutria grande estima e veneração por D. Orione. Confessou a um advogado de Montevideu: «D. Orione? Esse, sim, é um santo. Eu nem sequer sou digno de lhe tocar na orla da batina.»

Certo dia, um operário que tinha partido um braço no trabalho, dirigira-se a D. Orione para ser curado. «Eu não faço milagres», respondeu o futuro beato. «Mas há um padre capuchinho que obtém muitas graças com as orações que faz ao Senhor. Contudo, mora muito longe.» O operário quis saber o nome do capuchinho e partiu para San Giovanni Rotondo. Encontrou-se com o Padre Pio e contou-lhe o que D. Orione lhe tinha dito. Então o Padre Pio respondeu-lhe, sorrindo: «Bem, se foi D. Orione que o disse...», e fez o sinal da cruz sobre o braço partido. O operário obteve a cura completa e imediata, e voltou de novo à presença de D. Orione, para lhe mostrar o braço e lhe agradecer.

O Padre Pio soube antecipadamente a data da morte de D. Orione. É isto que se deduz de um testemunho de D. Umberto Terenzi, sacerdote romano que, naqueles anos, estava muito próximo do frade estigmatizado. D. Terenzi contou que, a 4 de Março de 1940, estava com o Padre Pio. Este perguntou-lhe, de repente: «Sabes que D. Orione está mal?»

«Não está nada – respondeu-lhe D. Terenzi –, esteve mal em Fevereiro, até lhe deram a extrema unção, mas curou-se.» «Bem sei – continuou o Padre Pio –, mas digo-te que agora está mal. Os que estão a seu lado continuam a dizer que ele está bem, e estão convencidos, mas ele está mal.»

D. Terenzi, conhecendo os dotes de clarividência do Padre Pio, partiu imediatamente para Sanremo, onde D. Orione se encontrava. Vendo o sacerdote de boa saúde, empreendeu a viagem de regresso dizendo para consigo: «Às vezes os santos também se podem enganar». Ao chegar a Roma, foi informado de que D. Orione tinha morrido duas horas após a sua partida de Sanremo. O Padre Pio tinha tido uma «visão» acertada.

O ano de 1923 tinha sido um ano terrível para o Padre Pio, e 1924 adivinhava-se igualmente tenebroso.

Em Fevereiro morreria o Provincial dos Frades Capuchinhos de Foggia, Padre Pietro de Ischitella. Tinha quarenta e quatro anos. Na crónica do convento de San Giovanni Rotondo, o Padre Ignazio de Jelsi escreveu: «Em cinco anos de governo, o que sobretudo lhe causou um desagrado inaudito foi a questão à volta do Padre Pio de Pietrelcina.»

O governo dos religiosos da província de Foggia foi assumido pelo Padre Luigi d'Avellino, primeiro conselheiro do Padre Pietro, mas este, ao fim de dois meses, foi afastado do cargo e também da sua província monástica, por ordem do Santo Ofício. Como era evidente, tinha de pagar por não ter conseguido, no ano anterior, fazer com que o Padre Pio saísse de San Giovanni Rotondo.

A perseguição massacrante do Santo Ofício em relação ao Padre prosseguia de forma imperturbável. De nada tinham servido as várias intervenções, também de personalidades importantes, como cardeais, bispos, e do próprio D. Orione. O Santo Ofício tinha tomado decisões e delas não desistia.

Em Abril foi enviado a San Giovanni Rotondo o Padre Celestino de Desio, na qualidade de «visitador», ou seja, de investigador, a fim de apurar questões relativas ao Padre Pio. O Padre Celestino, pertencente à província religiosa lombarda, já tinha estado em San Giovanni Rotondo em 1922, e tinha demonstrado que as acusações chegadas ao Santo Ofício con-

tra o Padre Pio e os outros religiosos de San Giovanni Rotondo não passavam de calúnias. Agora tinha de esclarecer outras questões sobre o movimento de peregrinos, sobre as respectivas relações com o Padre Pio, mas, sobretudo, sobre o dinheiro que, como era inevitável, dava entrada no convento através dos peregrinos. Muitos, também alguns homens de Igreja, acusavam os frades de terem «inventado» o Padre Pio para ganhar dinheiro. O próprio Presidente da Câmara de San Giovanni Rotondo, senhor Francesco Morcaldi, era acusado de ter defendido o Padre Pio a troco de dinheiro.

O visitador voltou a demonstrar que nenhuma daquelas acusações tinha fundamento. Fez o seu relatório e enviou-o ao Santo Ofício, mas de nada serviu: a perseguição continuou.

Em Maio, o próprio Padre Guardião foi acusado de ser um «vigilante desatento e distraído». Defendeu-se, escrevendo aos seus superiores: «Impuseste-nos não responder às cartas que as pessoas enviam ao Padre Pio; ora bem, agora as pessoas dirigem-se aos leigos, e estes respondem-lhes. O que respondem, isso não posso saber.»

Entretanto, a vida do Padre Pio prossegue com o ritmo de sempre. Parece que quase se desenrola independentemente de todas as dificuldades. O Padre não permite que as vicissitudes exteriores perturbem a sua relação com Deus.

No diário daqueles meses, o Padre Ignazio de Jelsi anota que o Padre Pio se dedica às confissões e que, na pequena igreja do convento, se verifica até à noite um vaivém de pessoas que pretendem confessar-se. Precisa que na Quinta-feira Santa havia cerca de oitocentas pessoas na igreja. «Confessaram-se trezentos e cinquenta homens ao Padre Pio – escreve ele –, e depois o Padre distribuiu a Comunhão a setecentas pessoas. Ele está sempre pronto a confessar, mesmo que esteja débil e indisposto. Passa todo o dia a ouvir as misérias e dores de uns ou de outros, com uma paciência de santo, verdadeiramente admirável, pois só com a força humana nunca poderia resistir todos os dias, durante tanto tempo.»

Por aqueles que o conheceram bem, o Padre Ignazio é descrito como homem calculista, frio e meticuloso. É, portanto, um juiz imparcial, e ele próprio diz que o Padre Pio se comportava «como um santo». Para os juízes do Santo Ofício, porém, o Padre capuchinho continua a constituir um grave problema.

A 24 de Julho de 1924, emanam uma segunda condenação. Não contém nada de novo, mas é um decreto que reforça tudo o que foi dito no ano anterior, confirmando-o e chamando as pessoas a obedecer às disposições do mesmo, «com palavras mais sérias». O seu texto reza assim: «Tendo sido recolhidas agora, de fontes ainda mais numerosas e mais seguras, novas informações, a mesma Suprema Sagrada Congregação considera seu dever advertir e exortar mais uma vez, com palavras mais sérias, os fiéis a abster-se de manter quaisquer relações, nem que seja a título devocional, com o referido Padre.»

A repetição do decreto tem uma grande importância. Podemos deduzi-lo daquilo que escreve, no boletim oficial da sua diocese, monsenhor Elia Dalla Costa, então bispo de Pádua. Um santo homem, que viria a ser cardeal de Florença, e cujo processo de beatificação está hoje em curso. Depois de ter reproduzido os dois documentos do Santo Ofício relativos ao Padre Pio, escreve: «Façamos o nosso comentário. A primeira advertência, embora proveniente da própria Congregação do Santo Ofício, não foi escutada; de outro modo, não teria tido lugar a declaração de 24 de Julho de 1924. É uma constatação dolorosa. As relações com o Padre Pio não podem ter a ver, em princípio, senão com pessoas dedicadas à piedade. Porque haverá nelas, então, este espírito de insubordinação?

«O segundo documento do Santo Ofício revela a apreensão dos componentes da Sagrada Congregação, pelas consequências a que pode dar lugar um falso supernaturalismo. Nós partilhamos temores semelhantes... Há pessoas iludidas, e muitas têm perguntado se será lícito visitar o Padre Pio. Esperamos que sejam seguidas as nossas advertências, e que quantos nos consultaram tenham suspendido toda a relação com o pobre religioso.»

Esta última frase indica como era julgado o Padre Pio pelos eclesiásticos, depois das intervenções do Santo Ofício: um «pobre religioso», ou seja, uma «pessoa desventurada e culpável», sobre a qual se estendia um véu de piedade cristã. Era esta a opinião corrente. Monsenhor Elia Dalla Costa, bispo santo e zeloso, transmitiu-a aos seus fiéis, para que não se deixassem iludir. Muitos outros fizeram o mesmo, e não teriam podido comportar-se de forma diferente, porque a ordem

tinha partido da Igreja. Hoje sabemos que a realidade era outra, como foi demonstrado pelo processo de beatificação. Eles só conheciam as calúnias.

Ignoramos completamente o que se passava no coração do Padre Pio, no decorrer daqueles anos. Tinham-no proibido de manter correspondência com o seu próprio confessor, e já não dispomos da abundância de cartas reveladoras da sua vida espiritual e mística, como acontecera na década anterior.

Os seus dias dividiam-se entre a oração e o ministério do confessionário, como sempre.

A sua saúde continuava a ser delicada. No início de 1925, o Padre foi atormentado por fortíssimas dores na virilha. Eram dores tão lancinantes que, como ele próprio confessou, certos dias, o faziam ficar sem fôlego. Encontrando o doutor Festa, o médico que tinha estudado os seus estigmas e do qual se tornara amigo, disse-lhe: «Sinto há vários anos pontadas no ventre. Por vezes, quando subo os degraus do altar, são lancinantes. Por caridade, examina-me e dá-me algum remédio que me permita continuar a cumprir o meu dever».

Se o Padre Pio se atreveu a dirigir-se ao médico, pedindo-lhe ajuda, quer dizer que as dores estavam verdadeiramente no limite daquilo que o ser humano consegue suportar.

O médico examinou-o e notou, na região da virilha direita, uma hérnia volumosa. Apercebeu-se que esta era irredutível, devido à presença de extensas aderências, e requeria operação. Comunicou-o ao Padre Pio, que replicou: «Fala ao Padre Guardião e, se ele não se opuser, tu próprio me operarás.»

O doutor Festa sentiu o peso de uma grande responsabilidade e pediu ao Padre para rezar ao Senhor, perguntando-lhe se devia ser ele próprio a executar tal intervenção. O Padre respondeu: «Não, por isso não rezo. Seria ofender a Deus. Porventura Jesus não nos ensinou que é necessário amarmo-nos e servirmo-nos reciprocamente? Se isso acontecer, Ele abençoará as nossas acções. O Senhor certamente guiará e abençoará a tua mão, pois está prestes a fazer uma boa acção.»

A operação foi marcada para segunda-feira, 5 de Outubro de 1925. O doutor Festa mandou buscar os instrumentos cirúrgicos ao seu gabinete de Roma. Foi escolhida uma ampla divisão do convento, onde foi preparada uma marquesa e

uma mesa para os instrumentos. Angelo Merla, médico dos frades do convento de San Giovanni Rotondo, prontificou-se a servir de assistente. Como enfermeiro, tinham o Padre Fortunato. Às nove horas do dia estabelecido começaram a esterilizar os instrumentos.

No seu livro *Mistérios da ciência e luzes da fé*, o doutor Festa escreveu: «Esperei que o Padre Pio regressasse das funções sagradas que também naquela manhã de 5 de Outubro estava a celebrar na pequena igreja do convento. Entre confissões, celebrações da Missa cantada, bênçãos e orações, só por volta das doze pôde regressar ao convento.

«Vimo-lo avançar lentamente, com o rosto pálido, pelo cansaço sentido e pela dor física que lhe infligiam as suas chagas e a hérnia inguinal. Quando chegou ao pé de mim, disse: "Caro doutor, eis-me nas tuas mãos, mas não quero que uses clorofórmio." De nada valeu a minha enérgica oposição. De nada valeram as reflexões de carácter técnico: manteve-se firme na sua vontade, garantindo-me apenas que, durante a operação, não se moveria da posição em que o colocássemos. Em seguida acrescentou: "Depois de me teres adormecido, conseguirias abster-te de observar as chagas que já em tempos examinaste?" "Não, padre", respondi com lealdade. "Pelo contrário, seria precisamente esse o primeiro desejo legítimo que, ao fim de tanto tempo, me pareceria bom satisfazer." "Vê, portanto," replicou o Padre, "como tenho razão em recusar o clorofórmio. A mim, pessoalmente, nenhuma proibição me foi feita até agora de deixar que tu ou outros me voltem a examinar; contudo eu sei que essa ordem foi dada aos meus superiores e é meu dever proceder de modo que a mesma seja respeitada. Eis a razão pela qual pretendo manter-me senhor dos meus actos e da minha vontade, mesmo durante a operação."

Como era de prever, apesar da força de ânimo demonstrada no decorrer da operação, que não foi breve (uma hora e três quartos), a dado momento o Padre Pio entrou em estado de intenso colapso, durante o qual perdeu várias vezes os sentidos. Num desses momentos aproveitei para voltar a examinar, sem ele saber, as chagas que cinco anos antes tivera ocasião de analisar, e que agora revia com características idênticas às descritas nos meus primeiros relatórios.»

Antes de iniciar a intervenção cirúrgica, o Padre Pio tinha

mandado colocar na divisão uma relíquia do santo lenho da cruz e quis que, de cada lado da mesma, se acendessem duas velas.

A certa altura apareceu o doutor Leandro Giuba, veterinário, que também tinha uma hérnia, e o Padre, gracejando, convidou-o a preparar-se. «Depois de mim – disse ele – será a tua vez, para que os instrumentos ainda estejam quentes.»

O doutor Festa deu cinco injecções de novocaína como anestesia local, e enterrou o bisturi. Entretanto soava o meio-dia, e o Padre Pio começou a recitar o Angelus.

A anestesia era puramente cutânea e não evitava terríveis pontadas de dor. De vez em quanto, o Padre Pio gemia. A dado momento, dos seus olhos começaram a correr grossas lágrimas. «Despacha-te, por caridade, já não posso mais» – suplicou. Depois desse instante, voltando-se para a relíquia da Santa Cruz, implorou: «Jesus, perdoa-me, se não sei sofrer como deveria.»

O doutor Festa acelerou a intervenção. Entretanto, o Padre continuava a dizer, quase num sussurro rezado: «Meu Senhor, perdoa-me, que vergonha, nunca consegui oferecer-te nada na minha vida. E agora, por este pouco que estou a sofrer, por esta ninharia, em comparação com a tua Paixão, lamento-me e deixo-me levar pelo sofrimento.» Deu-se então o colapso que permitiu aos médicos presentes dar uma olhadela não programada aos estigmas.

O doutor Festa terminou a operação, suturou a incisão, administrou a devida medicação e fez o penso. O Padre voltou a si, apercebeu-se que tudo tinha acabado, e chamou o doutor Giuba, dizendo: «Leandrino, Leandrino, agora é a tua vez.» Os frades levaram-no em braços para a sua cela.

À tarde, o Padre Pio disse ao confrade que o assistia: «Acredita que Deus aceitou o meu sacrifício pela saúde de...», e pronunciou certo nome, demonstrando assim como pagava sempre a alto preço aquilo que tentava obter do Senhor.

Na segunda metade dos anos vinte, a perseguição movida ao Padre Pio aumentou, pois também tinham aumentado as calúnias.

Estas provinham na sua quase totalidade do clero local e

do bispo de Manfredonia. Eram calúnias violentas, que chegaram a provocar processos civis por difamação.

Seria longo e doloroso determo-nos sobre estes factos tão degradantes. Além do mais, agora já não significam nada para a vivência do Padre Pio. No entanto, continuam a ser documentos de sofrimentos horríveis, que lhe foram injustamente infligidos.

Para dar ideia do ambiente em que vivia o Padre Pio durante aqueles anos, enumeramos, de forma sumária, as principais acusações formuladas contra ele nas cartas e nos relatórios enviados ao Santo Ofício por vários monsenhores, seus detractores.

O Padre Pio era acusado de viver rodeado por mulheres jovens, apaixonadas por ele, e de ter obtido autorização para reservar uma cama na hospedaria, onde, declarando-se doente, passava muitas vezes as noites assistido por elas. Em certa ocasião, tendo desmaiado, as mulheres tê-lo-iam despido, para poderem ver os seus estigmas e, extasiadas e inebriadas, ter-se-iam entregado a lânguidos e intermináveis beijos. O Padre Pio, afirmavam ainda os seus caluniadores, atrevia-se com frequência a acariciar as suas favoritas, e elas ofereciam-lhe roupa interior de luxo e perfumes inebriantes.

Assim, segundo estes caluniadores, o religioso estigmatizado levava, na realidade, uma vida de grande senhor. Perfumava-se e usava unguentos preciosos para untar o cabelo. O seu saio não era de pano pobre e grosseiro, mas de um tecido rico e luxuoso. Em vez de sandálias, usava botins de couro finíssimo. Não fazia penitência, alimentando-se com alimentos requintados, e a sua cela tinha sido restaurada e aumentada, e tinha um pavimento especial, de luxo. A cama era de molas, macia, e na cela dispunha ainda de cómodas poltronas. Dizia-se também que os seus confrades estavam cientes de tudo, mas que eram seus cúmplices perfeitos e tinham inventado milagres e prodígios para atrair as pessoas e ganhar dinheiro. Até pagavam aos jornalistas e ao Presidente da Câmara da povoação para que os ajudassem a fazer publicidade ao seu confrade.

Como se pode ver, era um quadro alucinante. Estas calúnias eram divulgadas com ousadia e arrogância, não só por via oral, mas também através de cartas particulares.

Um dos caluniadores, o cónego Giovanni Miscio, recolhera-as e ordenara-as num livro. Tinha dado o manuscrito a ler a muitas pessoas, anunciando que ia publicá-lo. Sabia que, se o desse à imprensa, podia meter-se em apuros com o Código Penal. No entanto, fazia circular essa sua intenção com um objectivo preciso: especular sobre o «medo» dos parentes do Padre Pio, a fim de lhes extorquir dinheiro.

Começou a espalhar a notícia de que não era possível parar a máquina da publicação, já em movimento. Teria de pagar uma multa de cinco mil liras, em caso de quebra do contrato. Assim, se alguém estivesse interessado em que o livro não fosse parar às mãos do povo, devia desembolsar esse montante.

Michele Forgione, irmão do Padre Pio, informado de tal facto, ofereceu-se com toda a naturalidade, a fim de evitar o escândalo. Disse ele: «Eu só tenho quinhentas liras, mas venderei todas as minhas terras para que o Padre Pio não tenha de sofrer ainda mais.»

Por sorte, meteram-se de permeio alguns amigos astutos do Padre Pio. Orientaram Michele nas negociações com aquele homem ignóbil, e o cónego Miscio foi preso, depois de ter metido ao bolso o dinheiro da chantagem, do qual tinha acabado de passar uma factura. Foi um longo processo, que terminou com a condenação do cónego.

Os autores das calúnias feitas ao Padre Pio sentiam-se fortes e protegidos, e não tinham medo de defender as suas mentiras. Estavam ligados por laços de amizade a alguns monsenhores do Santo Ofício e, por isso, eram largamente acreditados em Roma.

Os religiosos de San Giovanni Rotondo, confrades do Padre Pio, também eles abrangidos por aquelas calúnias, tentaram defender-se. Contudo, eram bons e ingénuos, e não conseguiam fazer valer as suas próprias razões, em parte porque os seus superiores estavam mais preocupados em não incomodar o Santo Ofício, do que em defender a verdade e a honra dos seus súbditos.

Foram alguns leigos os primeiros a entrar em acção. Eram amigos do Padre Pio e, a certa altura, revoltaram-se. Declararam guerra aberta aos caluniadores, contra o parecer do próprio Padre, que os exortava a tudo suportar com paciência.

Houve sobretudo dois paladinos da defesa do Padre Pio: Francesco Morcaldi, Presidente da Câmara de San Giovanni Rotondo, e Emanuele Brunatto. Os biógrafos oficiais do Padre Pio mal abordam os seus nomes, injustamente, aliás, porque Morcaldi e Brunatto são, de facto, dois personagens que fazem parte integrante da história do Padre Pio.

Eram jovens, inteligentes e desinibidos. Morcaldi era um herói da Primeira Guerra Mundial. Tinha entrado na política, promovendo programas, movido que estava por ideais altamente humanitários. Brunatto era um artista. Actor, escritor, poeta, homem do mundo, tinha passado a sua juventude entre o jogo e as belas mulheres, mas depois sentira-se fulminado pelo encontro com o Padre Pio, encontrando naquele religioso um verdadeiro guia e ponto de referência.

Que estas duas pessoas tinham um coração sincero e livre, demonstra-o a intuição do Padre Pio. Chegaram até nós várias cartas, muito afectuosas, que o Padre lhes enviou, demonstrando sempre uma familiaridade e uma confiança extremas.

É verdade que Morcaldi e Brunatto não eram místicos nem humildes irmãozinhos. Bateram-se pelo Padre Pio como guerreiros. Foram abrangidos pelas acusações dirigidas ao Padre, e defenderam-se mostrando as garras. Eram bombardeados com a lei do silêncio, através de cartas anónimas, e responderam com a investigação mais ousada e com a chantagem.

Brunatto destacou-se. Decidiu desmascarar os caluniadores do Padre Pio e demonstrar aos membros do Santo Ofício quem eram na verdade aqueles impostores e por que razão recorriam a calúnias; fê-lo servindo-se de todos os meios possíveis, tanto lícitos como ilícitos.

Hábil, astuto e engenhoso, em pouco tempo organizou um «dossier» estrondoso, em que os protagonistas da luta desenfreada contra o Padre Pio eram postos a nu, através de documentos irrefutáveis. Foi a Roma, mostrou as suas cartas a vários cardeais, mas não conseguiu que lhe dessem crédito. Publicou então parte desses documentos num livro que teve muita procura.

Contudo, parecia que nem sequer tal intervenção tinha obtido o efeito desejado. Com efeito, o Santo Ofício respondeu à provocação com uma condenação.

Visto que o livro, assinado por Brunatto com o pseudóni-

mo de Giuseppe De Rossi, tratava de assuntos ligados à Igreja e a pessoas do clero, passava a fazer parte de uma matéria disciplinada pelo Direito Canónico. Ninguém podia publicar livros do género sem o *imprimatur*, ou seja, sem «a autorização» da autoridade eclesiástica. Todavia, como é natural, o livro de Brunatto não tinha nenhum *imprimatur*: nunca nenhum bispo lho daria, e o Santo Ofício, a 23 de Abril de 1926, declarou, *ipso fatto de iure*, que o livro fora proibido. Além disso, recordou todas as disposições precedentes contra o Padre Pio, quase como quem diz, «desta vez, fostes vós que provocastes as condenações do Padre Pio»...

Três meses mais tarde saiu um novo livro sobre o Padre Pio, assinado por Giuseppe Cavaciocchi, e o Santo Ofício interveio de novo, declarando, através de decreto de 11 de Julho, que também este estava proibido, e voltando a recordar as disposições habituais em relação ao Padre.

O Santo Ofício respondia imediatamente e com determinação a toda a tentativa de defesa do Padre Pio por parte dos leigos. Fazia-o com tal solicitude, que dava para suspeitar de verdadeiro ódio. Contudo, não podia ignorar que, entretanto, aqueles livros iam dando a conhecer a verdade à opinião pública.

Os membros do Santo Ofício foram, de facto, as pessoas que leram com maior atenção o livro de Brunatto. Estudaram-no a fundo, controlaram cada detalhe e aperceberam-se que tudo quanto nele se contava tinha um fundo de verdade. Decidiram por isso esclarecer a situação.

No princípio de 1927 incumbiram monsenhor Felice Bevilacqua, chefe do segundo Ofício do Vicariato de Roma, de ir a San Giovanni Rotondo para uma «visita apostólica», ou seja, para conduzir uma investigação judiciária. Porém, não no convento do Padre Pio, mas junto do clero. O monsenhor devia analisar se os documentos e os escândalos denunciados por Brunatto eram reais.

Demonstrando coragem e honestidade, monsenhor Bevilacqua quis ter um encontro com Brunatto, para se certificar da seriedade da sua denúncia. Frente à documentação que Brunatto lhe mostrou, percebeu o inferno que grassava à volta do Padre Pio. Quis, por isso, que Brunatto estivesse a seu lado naquela missão, de modo oficial, a título de coadjutor laico.

Quando o visitador se apresentou em San Giovanni Rotondo, acompanhado por Emanuele Brunatto, foi uma verdadeira revolução. O clero mostrou-se venenoso e indignado. Monsenhor Bevilacqua, porém, não se assustou. Trabalhou com tenacidade, guiado pela poderosa intuição do investigador Brunatto, e pondo a nu uma situação inimaginável. Vieram à superfície as calúnias, as invenções e as vigarices promovidas para desgraça do Padre Pio, mas também os escândalos, as burlas e as fraudes do clero, incluindo o bispo da Manfredonia, monsenhor Gagliardi, inspirador da campanha contra o Padre Pio.

Todavia, enquanto monsenhor Bevilacqua investigava em San Giovanni Rotondo, monsenhor Gagliardi ia urdindo a sua trama junto do Santo Ofício. Os seus amigos romanos tinham plena confiança nele, e mais uma vez conseguiu convencê-los que estava a ser cometida uma grave injustiça em prejuízo da sua pessoa.

Passado cerca de um ano de trabalho, monsenhor Bevilacqua apresentou ao Santo Ofício as suas conclusões que, no entanto, foram recusadas, por serem demasiado infamantes para a Igreja da Manfredonia. Abafar a situação, porém, podia ser perigoso, por isso, na Primavera de 1928, o Santo Ofício ordenou nova investigação, confiando-a desta vez a monsenhor Giuseppe Bruno, subsecretário da Congregação do Concílio.

Era necessário começar tudo desde o princípio, mas aquele vespeiro já fora descoberto, e nunca mais ninguém conseguiria ocultá-lo. Monsenhor Bruno apercebeu-se desta realidade. Embora tentando salvar o que ainda podia ser salvo, pelo menos a nível oficial, frente ao mundo, viu-se constrangido a ceder e a impor graves condenações. O arcebispo da Manfredonia foi destituído do seu cargo, e alguns acusadores do Padre Pio foram punidos, embora com penas ligeiras. Parecia, portanto, que finalmente tinha sido feita justiça; na realidade, porém, como veremos, isso não era verdade.

Para compreender melhor

Encontramo-nos em face de uma situação delicada, sobretudo para quem crê. Um homem justo, que dedica a própria existência a Deus e a dar a conhecer os caminhos que a Ele

conduzem, é injustamente acusado. É acusado, precisamente, por aqueles que deveriam antes defendê-lo e interpretar a sua mensagem.

Disse o cardeal Giuseppe Siri, ao comemorar o Padre Pio, a 13 de Setembro de 1972: «Os primeiros que deveriam ter reconhecido Jesus Cristo foram aqueles que o enviaram à cruz. Aconteceu o mesmo com o Padre Pio.»

A Igreja, que hoje reconhece a santidade deste grande homem, naquela época, quando os sinais de santidade se manifestavam nele de forma clamorosa, através dos estigmas, dos milagres e das conversões, condenou-o. E fê-lo repetidas vezes, perseguindo-o. O justo, o inocente, era sacrificado, enquanto os patifes e os impostores obtinham crédito e estima.

É esta a realidade histórica, nua e crua, que nos é proposta pelos factos referidos. Como interpretá-la?

É difícil fazê-lo. Alguns pontos, porém, são postos em evidência e sugeridos precisamente pelo comportamento do Padre Pio.

Os erros não foram cometidos pela Igreja, mas por alguns homens empenhados no seu serviço. A Igreja é o «corpo de Cristo vivente», é o «Reino de Cristo» já presente em mistério, neste mundo, é templo do Espírito Santo. A Igreja, guiada por Deus, é infalível. Todavia, os homens que trabalham na Igreja podem enganar-se porque são livres e, portanto, falíveis.

Frente às condenações que lhe eram feitas pelos homens da Igreja, o Padre Pio inclinava a cabeça e obedecia, embora sabendo que se tratava de condenações injustas e injustificadas. Ele conservava intacto e puro o seu amor pela Igreja e, demonstrando um grande equilíbrio espiritual e uma fé granítica, sabia distinguir entre «Igreja» e «representantes» da Igreja. Nutria por estes últimos, nessa circunstância específica em que mal representavam a Igreja, não ódio, nem rancor, nem tampouco desprezo, mas compaixão e piedade cristã.

Foi uma grande lição que o Padre Pio deu durante toda a sua vida. Além disso, é uma lição de extrema actualidade, que mostra aos crentes o «único» caminho para viver plenamente a própria fé, durante o caminhar terreno. Sem a Igreja, não há salvação. E é importante saber distinguir entre a Igreja e quem a representa, por vezes indignamente.

O que ele disse

A quem lhe referia a dificuldade de fazer escutar a Palavra de Deus a algumas pessoas religiosas, o Padre Pio respondeu: «Há três coisas inúteis: lavar a cabeça a um burro, acrescentar água ao mar e pregar a freiras, frades e padres.»

Certo dia, na horta do convento, falando a um grupo de amigos: «Os ateus fazem-me muita pena. Não consigo compreender como conseguem sê-lo, num mundo onde cresce a erva, onde brilha o sol e onde cantam os pássaros. São homens desprovidos de fantasia.»

O que disseram acerca dele

Giovan Battista Angioletti, escritor: «O rosto do Padre Pio era fascinante. A fronte poderosa e sem rugas, apesar da idade avançada. As sobrancelhas escuras e espessas, levemente reviradas para cima, sobre os olhos rasgados, percorridos por um clarão contínuo, nunca mortificados pelo baixar das pálpebras; olhos que tudo vêem, tanto ao perto como ao longe, que nos fixam como que para se apoderarem dos nossos mais secretos pensamentos e que muitas vezes nos paralisam. Mas depois retomam imediatamente o seu trajecto obscuro, com uma indulgência já não piedosa, mas quase alegre, de homem que perdoa por exuberância, e não por moleza de coração.»

Giuseppe De Rossi (Emanuele Brunatto), convertido e filho espiritual do Padre Pio: «Ele vive connosco com um sentido de verdadeira humanidade, e ama com verdadeiro amor humano, com os impulsos, as ânsias, os abandonos e as ternuras imprevistas que só podem brotar de um grande coração. É Padre (Pai) no mais vasto sentido da palavra, porque, com o seu espírito, abraça toda a nossa humanidade, amando os seus filhos, antes ainda de ser amado por eles.»

16

Cleonice e as outras

Deixemos por um instante a história cronológica da vida do Padre Pio, para nos determos sobre dois factos particulares. O primeiro refere-se a uma actividade pastoral especial à qual o Padre começou a dedicar-se desde os primeiros anos do seu sacerdócio: a direcção espiritual de pessoas que desejavam levar uma vida orientada para a perfeição da vida cristã. O segundo, de que falaremos no capítulo seguinte, permitir-nos-á reflectir sobre as relações do Padre Pio com a sua família.

As primeiras pessoas às quais o Padre Pio dedicou apaixonadamente a sua actividade sacerdotal, quando se instalou em San Giovanni Rotondo, foram, por acaso, ou por opção, pelo menos de início, exclusivamente mulheres. E este aspecto particular deu azo à formulação de acusações muito graves pelos inimigos do Padre, quando deram início à luta contra ele. Com efeito, como já vimos, uma das calúnias que aparecia repetidas vezes nas cartas anónimas enviadas ao Vaticano, e repetida nos mexericos correntes e nos libelos difamantes, era precisamente a de imoralidade. O Padre Pio era acusado de ter relações pecaminosas com mulheres, e a comunidade a que ele pertencia era apresentada como um alegre bando de gente licenciosa.

Estas calúnias foram carregadas pelo Padre durante toda a vida. Em 1960, quando já tinha setenta e sete anos, foi acusado junto do Papa João XXIII de ter relações sexuais com mulheres duas vezes por semana. Estas acusações absurdas provinham de pessoas tão autorizadas, que induziram o Papa a ordenar uma enésima «visita apostólica» a San Giovanni Ro-

tondo, ou seja, uma investigação. Não esqueçamos que também Jesus era acusado pelos seus inimigos de ser «amigo de prostitutas e pecadores».

Podemos encontrar, em muitas biografias de santos, capítulos que se referem a calúnias associadas ao sexo. Muitas vezes as mulheres foram utilizadas para desacreditar líderes no campo espiritual. Na cultura popular, são inúmeros os ditados que apresentam a mulher como símbolo do pecado. Eva é sempre citada como uma aliada e uma arma de Satanás. As pessoas esquecem-se que depois vem Maria, a mulher que esmaga de forma definitiva a cabeça da Serpente.

O tema da mulher na vida do Padre Pio é importantíssimo. Não só no que se refere à sua experiência pessoal, mas porque ele, neste sector, deu início a uma inversão de tendências: olhar para a mulher com um espírito novo e com uma mentalidade aberta.

As acusações que lhe eram dirigidas, como viria a ser apurado, provinham em grande parte do clero local e do bispo de Manfredonia, diocese da qual dependia San Giovanni Rotondo. Estes homens, que se tinham tornado sacerdotes com o objectivo de fazer carreira, levavam uma vida dupla e queriam envolver também os outros na mesma situação. Não suportavam que o Padre Pio fosse diferente, representando uma censura para a sua conduta.

As suas acusações encontraram crédito junto das autoridades eclesiásticas, porque o Padre Pio não se comportava como anacoreta misógino, nem vivia em clausura absoluta, como certos monges da Idade Média, vendo nas mulheres a reincarnação do demónio.

A exemplo de Jesus, o Padre Pio propunha uma «nova» visão da mulher, ou melhor, repropunha a visão certa, que culturas, tradições, prevaricações, preconceitos e ideologias distorcidas negavam.

Com uma intuição e uma coragem típicas dos grandes místicos, tinha-se libertado das falsas prudências e dos falsos comportamentos, para promover uma pastoral cristã inovadora em relação às mulheres, fundando o movimento das «filhas espirituais» que, por sua vez, se viria a tornar semente dos «Grupos de Oração» hoje difundidos em todo o mundo, e

considerados um dos sinais mais vitais do cristianismo do nosso tempo.

Na prática, o Padre Pio provocou uma autêntica revolução que foi muito hostilizada e incompreendida, mas precisamente este facto devia dar a entender que se tratava de uma realidade bastante importante, como, aliás, se viria a revelar.

Nas biografias do Padre quase nunca se refere este assunto, ou o mesmo é posto de parte, designando-se aquelas primeiras filhas espirituais com uma expressão de sabor um pouco depreciativo, as «mulheres piedosas», e continuando a dar crédito, embora veladamente, às acusações injustificadas e injustas, de que estas tenham sido apenas causa de sofrimento para o Padre Pio, com os seus mexericos, as suas intrigas e o seu fanatismo.

Todavia, não é essa a verdade histórica. O assunto deve ser claramente tratado e aprofundado, enquanto parte fundamental da figura e da missão do Padre Pio.

Os factos

Desde os primeiros anos do seu sacerdócio, quando vivia em Pietrelcina, longe do convento, o Padre Pio começou a dedicar-se à direcção espiritual de algumas mulheres, que levavam uma vida particularmente inspirada por valores religiosos.

O seu epistolário documenta que esta sua actividade estava em pleno desenvolvimento desde 1913, ou seja, quando ele contava apenas vinte e seis anos. Contudo, também há episódios significativos que remontam a anos anteriores. Já em 1910, imediatamente após a sua ordenação sacerdotal, sensivelmente na altura em que recebeu os estigmas invisíveis, ele tinha um cuidado especial por algumas almas.

Nessa época passava muitos dias na solidão de Piana Romana, a zona rural onde a sua família tinha uma quinta. Numa cabana de ramadas, que os amigos lhe tinham construído, por baixo de um grande ulmeiro, o Padre Pio rezava e meditava. De vez em quando, recebia visitas de pastorinhos que apascentavam as suas ovelhas nos campos, como ele fizera em pequeno.

Sabe-se que dava diariamente lições a um rapaz, servindo-lhe de professor. Mas também havia uma rapariga que costumava falar com ele, e de quem se tornara director espiritual. É possível que tenha sido esta, verdadeiramente, a sua primeira filha espiritual.

Quando, em Fevereiro de 1916, o Padre se mudou para Foggia, onde permaneceu cerca de seis meses, já era famoso. Há três anos que era «director espiritual, por correspondência, de Raffaelina Cerase, uma senhora nobre, que vivia naquela cidade. Provavelmente esta teria falado muito dele com as suas amigas. Assim, mal chegou à cidade, o Padre Pio passou a ser constantemente procurado por pessoas que desejavam confessar-se a ele.

Em Julho foi pela primeira vez a San Giovanni Rotondo, onde passou uma semana, e para lá regressou, definitivamente, em Setembro. Foi aí que nasceu, imediatamente, o primeiro grupo das suas filhas espirituais.

É importante analisar as datas. O Padre Pio chega a San Giovanni no fim de Julho de 1916, aí permanece uma semana e, em Setembro, quando regressa, o grupo de filhas espirituais já está formado. Não se tratava de um grupo improvisado, casual, mas de um grupo organizado, com um programa preciso de actividades a seguir. Isto significa que o Padre Pio já andava a pensar há algum tempo em tal iniciativa; tinha estudado os seus pormenores, e é provável que lhe tivesse sido sugerida pelos seus «mestres espirituais invisíveis», que o tinham formado quando vivia em Pietrelcina.

O testemunho histórico, que documenta quanto eu já disse, encontra-se no Diário de Nina Campanile, uma das suas primeiras filhas espirituais. Escreveu ela: «O primeiro grupinho de almas reunidas à volta do Padre, assíduas, que nunca faltavam, desde o primeiro momento em que ele se instalou em San Giovanni Rotondo, era composto por: Rachelina Russo e duas sobrinhas; a irmã Vittorina, Elena, Filomena Ventrella; as irmãs Giovanna e Lucia Fiorentino; Maria Ricciardi, irmã do Padre Ambrogio e Maddalena Cascavilla. Quando o Padre regressou definitivamente a San Giovanni Rotondo, em Setembro, no primeiro grupo ingressámos eu, Nina Campanile e minha irmã Lucetta. Passados alguns meses, as irmãs Maria e Antonietta Pompilio e Filomena Finia,

mais tarde nomeada ministra da Ordem Terceira Franciscana, e que a fez reflorescer com grande vigor, no verdadeiro sentido da palavra; talvez nunca mais volte a haver um ministro tão capaz e activo.»

Segundo as palavras de Nina Campanile, foram dez as mulheres que começaram a formar um grupo à volta do Padre Pio, na primeira semana da sua permanência em San Giovanni Rotondo. Ela e a sua irmã, Lucetta, juntaram-se a esse grupo em Setembro, e mais três o fizeram no mês seguinte. Por outras fontes conhecemos mais nomes, como, por exemplo, Assunta Di Tommaso, que recebeu uma das primeiras cartas escritas pelo Padre em San Giovanni Rotondo. Assim, o grupo era bastante numeroso.

Rachelina Russo foi a primeira deste grupo. O Padre conhecera-a por correspondência, através de Raffaelina Cerase, e depois tivera um encontro com ela quando estava no convento de Sant'Anna, em Foggia, passando imediatamente a ser seu confessor e director espiritual. Ela tinha-lhe apresentado alguns dos seus parentes, entre os quais a sobrinha Rachelina Gisolvi, que também viria a fazer parte do primeiro grupo das filhas espirituais.

Rachelina Russo, num seu diário manuscrito, que se encontra no arquivo dos Capuchinhos, em San Giovanni Rotondo, recorda a visita feita ao Padre Pio, no convento de Sant'Anna de Foggia, acompanhada pelos seus parentes: «Recebeu-nos na hospedaria de forma muito paternal e falou-nos divinamente de coisas espirituais, dando-nos orientações para o progresso da nossa alma.»

No mesmo Diário, Nina Campanile recorda as primeiras visitas feitas ao Padre, recém-chegado a San Giovanni Rotondo: «Desfrutámos da companhia do Padre, nos dois primeiros dias de permanência no convento... A presença do Padre, as suas palavras e a doçura dos seus modos infundiam no nosso coração amor e temor sagrados por este seráfico irmãozinho.»

A sobrinha de Rachelina Russo, Rachelina Gisolfi, recordava o seguinte: «Nestes primeiros dias, o Padre disse-me como me devia comportar na vida devota; explicou-me a meditação, exortando-me fortemente a amar o Senhor e a deixar de pensar nas coisas do mundo.»

Foi Rachelina Russo que apresentou ao Padre outras suas amigas, pedindo-lhe que também as tomasse a seu cargo, como director espiritual. O Padre Pio não queria, desejando dedicar-se à oração naquele convento solitário e afastado de todo o povoado. Rachelina, porém, insistiu e o Padre Pio terá provavelmente recebido sinais «dos seus amigos invisíveis» e mudou de ideias, formando imediatamente o grupo das filhas espirituais.

O superior do convento, Padre Paolino de Casacalenda, não via com bons olhos aquele grupo minoritário de mulheres, que a pouco e pouco ia aumentando. Queria que o Padre Pio se mantivesse oculto no convento, mas depois também ele cedeu, dando-lhe autorização para fazer aquele tipo de apostolado.

Outra observação importante que devemos fazer refere-se à situação daquelas primeiras filhas espirituais. Eram mulheres do povo e mulheres jovens. Rachelina Russo tinha quarenta e um anos, mas a sua sobrinha tinha apenas vinte e um. Vittorina Ventrella tinha trinta e quatro anos, mas as suas irmãs eram mais novas: Elena tinha vinte e oito e Filomena vinte e quatro. Lucia Fiorentino contava vinte e sete, Nina Campanile, vinte e três, Assunta Di Tommaso, vinte e dois. Cleonice Morcaldi, quando aderiu ao grupo, não tinha mais de dezoito.

Este pormenor é significativo. Demonstra que o Padre Pio suscitava interesse e fascínio nos jovens. Contudo, o facto de tantas raparigas frequentarem com uma certa assiduidade o convento, provocava mexericos entre as pessoas de má-língua ou entre a gente de coração e olhar impuros.

Outro dado a destacar é que se tratava apenas e exclusivamente de mulheres. Não se fala, durante os primeiros anos, de «filhos espirituais». Estes só apareceram muito mais tarde. O grande movimento dos «Grupos de Oração», hoje espalhado por todo o mundo, foi pensado e imaginado pelo Padre Pio com aquele grupinho de raparigas. Jesus confiara aos apóstolos a missão de difundir a sua mensagem evangélica. O Padre Pio, para lançar a sua mensagem através dos «Grupos de Oração», escolheu um grupo de jovens mulheres. Fê-lo numa época em que as mulheres não eram muito consideradas no âmbito da sociedade, e até da própria Igreja.

Como já foi dito, o grupo das filhas espirituais começou a viver, desde o início, segundo um «método» bem preciso, que nos leva a pensar, precisamente, que o Padre deve ter reflectido longamente sobre esta sua realização. Regras simples e elementares, baseadas num conhecimento preciso da vida espiritual. Coisas práticas, porque o Padre Pio era um homem prático.

Deu início a uma série de conferências destinadas a instruir aquelas suas raparigas sobre a vida que iam empreender e os valores que deveriam fomentar, e a explicar como era possível alcançá-los.

Contou Nina Campanile no seu Diário: «Explicou-nos, primeiro, os principais meios que servem para alcançar a perfeição cristã, ou seja: escolha de um santo e douto director; frequência dos santos sacramentos; meditação; leitura espiritual.

Explicava o assunto e reforçava-o sempre através de exemplos tirados da Sagrada Escritura e da vida dos santos. Dizia ele: "Os assuntos sagrados devem ser sempre reforçados através de exemplos sagrados e não de exemplos profanos, pois os primeiros têm maior valor e exercem maior efeito."

Deu conferências especiais sobre a mortificação e, finalmente, explicou-nos muitas parábolas do Evangelho. Depois o Padre declarou: "O material está pronto; agora, começai a construir." Em seguida dissolveu as assembleias.»

Terminada a instrução colectiva, ligada aos princípios fundamentais, deu início ao trabalho «personalizado», a fim de aplicar aqueles princípios segundo as exigências e as necessidades de cada pessoa. Escreveu Nina Campanile no seu Diário: «Quando o Padre dissolveu as assembleias semanais, estabeleceu turnos de escuta. Em cada dia da semana, duas ou três dentre nós éramos recebidas, e dele recebíamos direcção espiritual.»

Eram raparigas com todas as qualidades e defeitos das outras raparigas. Com efeito, as dificuldades começaram imediatamente a manifestar-se. Invejas, pequenos ciúmes, mexericos, até mesmo entre elas. Mas o Padre Pio tinha o pulso forte e não se assustou frente a estas pequenas e inocentes misérias.

Contou Vittorina Ventrela, num seu testemunho escrito: «O Padre Pio concedia a cada uma de nós, as suas filhas, audiências privadas, segundo as necessidades da alma. Nós gos-

taríamos que ele gastasse o mesmo tempo com todas, e resmungávamos e ficávamos ressentidas quando se detinha mais tempo com alguma. Sendo ainda principiantes, não estávamos em condições de compreender que nem todas as almas têm as mesmas necessidades. Como o agricultor aplica tratamentos diferentes às diversas plantas, assim um sábio director de almas deve adaptar-se às várias necessidades de cada uma delas. Pobre Padre... quanta paciência teve para cada uma de nós.

Entre nós tentávamos sempre perceber por que razão o Padre a uma tratava com mais doçura, e a outra com dureza. A algumas mostrava tantas preferências, a outras, nada. Isto fazia-nos sofrer e, como diziam que o Padre tinha mais intimidade com algumas almas, confiando-lhes os seus segredos, perguntei-lhe se, na verdade, aquelas almas que tanto nos faziam sofrer eram as suas preferidas, e se ele lhes confiava verdadeiramente os seus segredos. Ele respondeu-me: "Eu só faço confidências ao Senhor Deus".»

Sobre o mesmo assunto, disse a Filomena Fini: «Deveis convencer-vos que eu não ajo por acaso, mas por vontade de Deus.»

Nos seus ensinamentos, o Padre Pio tinha um cuidado particular pela meditação, ou seja, pela oração mental, alimento da alma, mas também do cérebro. Reflectir e compreender o significado profundo das verdades cristãs ajuda a ter uma conduta prática em sintonia com tais verdades.

Sugeria que se meditasse sobretudo sobre a Paixão e Morte de Jesus, mistério de valor salvífico do sofrimento e do amor imenso de Deus pelos homens. Compreender, ou, pelo menos, intuir alguma coisa desse mistério, significa basear a própria vida sobre fundamentos revolucionários.

Assim escreveu Rachelina Russo: «Aconselhava também a meditação em posição prostrada, como fez Nosso Senhor no Getsémani, bem como todas as orações, em geral, ou devoções especiais. Exigia a meditação duas vezes por dia, de manhã e à noite. O tema a meditar era sempre a Paixão de Jesus. O modo de fazer a meditação foi-me explicado pelo Padre na hospedaria. Escolheu como tema a oração de Jesus no horto. Quando acabou de explicar e de meditar comigo, tive a cora-

gem de lhe dizer: "Padre, não me comovi absolutamente nada." Ao que ele replicou: "Mas se a comoção não vem, nem se faz sentir, é porque não é necessária. O importante é fazer a meditação".»

Abordando sempre o tema do mistério do sofrimento, constante fundamental na vida do Padre Pio, este incitava as suas filhas à mortificação e ao sacrifício, em suma, a fazer alguma coisa que pudesse compensar aquilo que Jesus tinha sofrido por amor dos homens.

«O Padre falava-me muitas vezes da necessidade da penitência para reparar os pecados próprios e alheios, para ajudar Jesus na salvação das almas», escreveu Rachelina Russo. «Certo dia, perguntou-me: "Costumas fazer a disciplina?" [ou seja, perguntou se aquela sua filha se costumava submeter ao exercício de penitência física que consistia em flagelar o próprio corpo com um chicote, como outrora era costume nos conventos]. "Não, Padre", respondi, "faço quatro quaresmas, como fazem os nossos pais." E ele retorquiu: "Deves submeter-te também à disciplina, para reparar os ultrajes que nosso Senhor recebeu." Mandava-me fazer jejum rigoroso durante a primeira semana da Quaresma e todas as sextas-feiras da mesma. Nessa altura, todas as refeições eram de abstinência rigorosa. Na Sexta-feira Santa permitia-me jejuar quarenta e oito horas, em memória da Paixão do Senhor.»

Todavia, nem a todas as suas filhas espirituais o Padre Pio pedia o mesmo tipo de empenhamento na vida ascética. Como bom «pai», adaptava o seu conselho à capacidade de escuta e à possibilidade de a pessoa pôr as suas directivas em prática. A uma sua filha espiritual, que lhe pedia se podia fazer jejum, respondeu: «Mas, minha filha, que jejum podes fazer? Nem sequer te tens em pé.»

Era ele próprio que, depois de conhecer bem a pessoa que dirigia espiritualmente, provocava situações que lhe servissem de prova, com vista a uma consolidação, a um progresso. Chamava-lhes «provas purificadoras», e o seu objectivo era o mesmo que o de uma «verificação», ou «exame prático».

Escreveu Nina Campanile: «A "prova purificadora" era uma mortificação singular que ele produzia. Através dos contrastes por ele próprio provocados, fustigava o interior da alma, fazendo vir ao de cima todos os impulsos e paixões,

quer bons, quer maus. Os bons, a fim de serem exercitados na prática da virtude; os maus, a fim de serem erradicados. Devo confessar que o sofrimento daí decorrente era enorme. Contudo, o sábio médico das nossas almas, ao mesmo tempo que usava o ferro para cortar e extirpar a podridão, também sabia usar o remédio adequado para curar. Não agia do mesmo modo com todas. Confessou-me, em certa ocasião: "A certas almas, devemos dar sempre leite e não outros alimentos mais substanciais. São almas naturalmente enfermas. Com o leite, mantêm-se vivas, espiritualmente falando. Mas, se lhes dermos alimentos mais fortes, como pão, carne, etc., o seu estado agrava-se e até podem chegar a morrer".»

O objectivo do Padre Pio não era ter êxito junto das pessoas que dirigia espiritualmente. Não procurava o seu consenso nem a sua aprovação. Desejava apenas o bem objectivo da «filha» e, para obtê-lo, não hesitava em revelar-se por vezes muito duro.

«Para seguir o Padre Pio – escreveu a sua filha espiritual Filomena Fini –, sofria-se muitíssimo. As suas provas, as suas reprimendas, o tratamento diferente de alma para alma, tudo isto despedaçava o coração de dor e era preciso ter muita fé para dizer que a sua actuação era justa. Certo dia, em que eu tinha sofrido muito, perguntei-lhe: "Padre, mas então a vida espiritual faz sofrer assim tanto?", ao que ele me respondeu: "Vida espiritual significa agonizar." E eu insisti, um pouco impulsiva: "Mas eu não quero agonizar." Assim, o bom Padre, deixou de me tratar com tanta dureza, modificando a sua forma de actuar. É maravilhoso estar perto de um santo, mas como se sofre!»

Vittorina Ventrella: «Por vezes alguma dentre nós ficava angustiada por não progredir facilmente, como as outras. Então o Padre dizia: "Alguns chegam ao paraíso de comboio, outros de carroça, outros ainda a pé. Estes últimos, porém, têm mais mérito do que os outros, e um lugar de maior glória no paraíso".»

A par dos grandes temas da meditação, da Paixão de Cristo, da penitência e dos sacramentos, o Padre Pio instruía as suas filhas espirituais nas devoções simples, mas práticas, da tradição cristã, transmitindo-lhes, assim, uma visão bastante

concreta da vida espiritual. O mundo visível e o mundo invisível (que ele bem conhecia, graças às suas experiências místicas), são inseparáveis, fazem parte da mesma realidade que constitui o Corpo Místico de Cristo. O homem, na terra, está estreita e concretamente ligado aos seres que vivem na outra dimensão, ou seja, aos anjos, aos santos, à Virgem, aos entes queridos já falecidos. Através do Corpo Místico de Cristo, o homem pode viver com eles como se ainda estivessem neste mundo, como se com eles formasse uma verdadeira família.

Escreveu outra filha espiritual daquele primeiro grupo: «Uma das devoções que o Padre nos inculcava era a do Anjo da Guarda. Costumava dizer: "É o nosso companheiro inseparável, aquele que sempre nos acompanha, desde o nascimento até à morte, para o qual a nossa solidão é só aparente. O nosso Anjo da Guarda está sempre ao nosso lado, desde manhã, mal acordamos, durante todo o dia e até à noite. Sempre, sempre, sempre. Quantos serviços nos presta o nosso Anjo da Guarda, sem que disso nos apercebamos. Além disso, recomendava-nos a prática do mês de Maio, com novenas e súplicas à Virgem de Pompeia, e do mês de Junho, rezando todos os dias o terço ao Sagrado Coração; finalmente, a devoção a Nossa Senhora do Carmo, a Santa Ana, a Nossa Senhora da Assunção, a quaresma de São Miguel, o mês de Outubro, dedicado ao Rosário e aos Anjos da Guarda, o mês de Novembro, com as orações pelos defuntos e, por fim, todas as devoções do mês de Dezembro, desde a Imaculada até ao Natal, e depois a Epifania, com a recitação das quarenta Avé-Marias que começam no dia de Santa Catarina.»

Era um estímulo contínuo a viver em «comunhão» com aquela realidade invisível cuja recordação nos é proposta pela Igreja, ao longo do ano litúrgico, através de festividades especiais. Para ele, essa realidade era tão concreta como a vida real de todos os dias, e tentava que passasse a sê-lo também para as suas filhas espirituais.

A relação do Padre Pio com aquelas raparigas não era artificial nem abstracta. O Padre chamava-lhes «filhas» e não usava tal palavra privando-a do seu significado preciso. Um pai «ama» as próprias filhas. Sofre por elas, empenha-se para que cresçam bem. O Padre Pio era um verdadeiro pai e amava

as suas «filhas». Amava-as de todo o coração, frente a Deus. A algumas dizia: «Custaste-me sangue», e quem sofre por uma pessoa liga-se a ela para sempre. Estava ligado a todas elas por uma afectividade extraordinária.

O sentimento que nutria não era piegas nem superficial, não se auto-satisfazendo a cada momento. Era um sentimento profundo, sólido, responsável, sempre orientado para a realidade suprema da vida eterna. O Padre Pio não amava de forma romântica, inebriando-se com o próprio sentimento; amava para sempre, continuamente preocupado com o «bem último» do outro. O que ele sentia era sempre amor e, por isso, feito de atenções, de ânsias, de alegria, de reconhecimento, de pensamentos, de participação e de palavras. Se lermos as cartas que o Padre enviava às suas filhas espirituais, nelas veremos como é afectuoso, compreensivo, doce e solícito. Sentimos sempre, entre as linhas, um verdadeiro coração que palpita.

Maria Pyle, a americana que deixou o seu próprio país para estar perto do Padre Pio, guardava no Missal um trevo de quatro folhas seco. Foi encontrado em 1968, quando morreu. Tinha-lho oferecido o Padre Pio, certa manhã de Verão dos anos vinte. Saía ela da igreja e o Padre Pio, que sofria muito com o calor, estava à sombra de um velho ulmeiro, no adro da mesma. Ao vê-la, chamou-a: «Maria.» Ela aproximou-se e o Padre Pio, sorrindo-lhe, deu-lhe o trevo de quatro folhas, que tinha colhido aos pés da árvore. Ela aceitou a plantinha, comovida. Era um gesto simples, espontâneo, mas transbordante de significado, e Maria viria a confiar a uma amiga: «Hoje é o dia mais belo da minha vida.»

Intitulámos este capítulo «Cleonice e as outras», pondo em evidência o nome de Cleonice Morcaldi porque esta foi uma das filhas espirituais mais conhecidas do Padre Pio, mas também foi, com ele, grandemente atingida pelas mesmas calúnias.

A história do Padre Pio e de Cleonice Morcaldi parece ter sido tirada do livro Florinhas de São Francisco. Em certos aspectos, também faz lembrar a antiga lenda de Frate Jacopa de'Settesoli.

É a história do encontro de um grande santo e de uma rapariga humilde e simples que, fascinada pelos ideais religio-

sos, decide dedicar a própria vida a Deus. Não o faz, porém, abandonando o mundo e fechando-se num convento. Fica ao lado do Padre Pio, a fim de colaborar nas suas obras e de o ajudar, com o seu afecto e apoio, a levar a cruz imensa de sofrimentos físicos e morais, que pesava sobre os ombros do frade estigmatizado.

Missão especial. Desígnios misteriosos de Deus. Uma «piedosa mulher», compadecida, no caminho do Calvário daquele que foi um «segundo Cristo». «A tua alma foi-me confiada por Deus no dia da minha ordenação sacerdotal», disse um dia o Padre a Cleonice.

Quando Cleonice Morcaldi nasceu, a 22 de Maio de 1904, o Padre Pio tinha dezassete anos. Nesse mesmo dia, no convento de Moncalvo, ao fim de um ano de noviciado, o Padre fazia a sua profissão na Ordem dos Capuchinhos, ou seja, nascia para a vida religiosa. Mais tarde, repetirá por várias vezes a Cleonice: «Um padre nascia para a vida religiosa, e uma filha era dada à luz.»

Cleonice era filha de gente pobre. Tinha quatro irmãos. Aos cinco anos ficou órfã de pai. Sua mãe, Carmela, ainda jovem, teve de assumir responsabilidades enormes e sacrifícios indizíveis. «Em casa reinava a miséria mais negra – escreveu Cleonice nos seus *Diarios*. – Morávamos num sotão, sem luz nem mesa. Comíamos apenas arroz, sem condimentos.»

Certo dia, desesperada pela vida atribulada que tinha, e preocupada com o futuro dos cinco filhos, Carmela dirigiu-se ao Convento dos Capuchinhos, em busca de um pouco de conforto junto daquele religioso, de quem todos falavam.

O corredor do primeiro piso do convento estava apinhado de gente. O Padre Pio estava no meio do povo e escutava as suas histórias. Vendo-a ao longe, disse: «Deixai passar aquela pobre mulher.» Na sua humildade, Carmela ficou confusa, sem conseguir compreender como era possível que o Padre tivesse reparado nela. Aproximou-se lentamente e o Padre Pio pediu-lhe que o seguisse para uma divisão situada ao lado da sacristia. Mandou-a sentar e disse-lhe: «Bem, Carmela, que tens para me dizer?» A mulher ficou de novo assombrada, ao ouvi-lo chamá-la pelo nome, pois nunca, até à data, se encontrara com o Padre.

Abriu-lhe então o seu coração e confiou-lhe as suas amar-

guras, as suas dores e as suas grandes preocupações; falou-lhe dos filhos e da miséria em que se via obrigada a criá-los.

O Padre Pio escutou-a e depois disse-lhe: «Estás a ver, Carmela, aqueles passarinhos, lá fora, que voam felizes? Não semeiam nem colhem, mas encontram sempre o alimento de que precisam.» Em seguida falou-lhe dos lírios do campo, como está escrito no Evangelho, e concluiu com a frase de Jesus: «Se Deus olha assim pelas aves e pelos lírios, quanto mais não olhará por nós, que somos seus filhos!» O Padre falava com grande serenidade e convicção, e as suas palavras transmitiam ao coração de Carmela esperança e confiança. Finalmente terminou: «Sossega, pois antes de morreres verás todos os teus filhos encaminhados na vida.»

Naquele dia Carmela regressou a casa transformada. Um potente raio de luz tinha entrado nas trevas da sua existência miserável. Começou a trabalhar como um animal de carga, continuou a viver com grandes privações, mas tinha encontrado uma razão para os seus sofrimentos, uma esperança frente às suas preocupações, e agora suportava tudo com força.

«A minha mãe – escreveria Cleonice –, embora obrigada a enfrentar diariamente problemas enormes, nunca se queixava. Tinha uma grande paz interior e transmitia-a à família, citando continuamente as palavras do Padre. O Padre Pio gostava dela e ela suportava todas as suas cruzes e só com ele desabafava, quando se ia confessar.

«Levantava-se cedíssimo, de manhã, para assistir à Missa do Padre e receber dele alguma palavra de alívio e de ânimo. Certo dia de Inverno, a neve acumulava-se lá fora e fazia muito frio, mas ela não deixou de ir à Missa. Depois deteve-se para cumprimentar o Padre e este, apercebendo-se que ela estava pouco agasalhada, disse-lhe: "Com este temporal vieste só com um lencinho na cabeça. Não tinhas um xaile para trazer?" A minha mãe responde-lhe: "Não, Padre, não tenho nenhum." E ele prosseguiu: "Vai comprar um. Toma, deram-me isto para os pobres", e meteu-lhe treze liras na mão. Ela obedeceu. Nesse mesmo dia foi a uma loja, escolheu um xaile e perguntou o preço: "Catorze liras", respondeu o dono. "Faça-me um pouco menos", suplicou a minha mãe. "Então bastam treze liras." Era a quantia exacta que o Padre Pio lhe tinha dado.»

Depois de terminar os estudos intermédios, em San Giovanni Rotondo, Cleonice inscreveu-se no magistério, em Foggia. A sua mãe assim o quisera, certamente por sugestão do Padre Pio. O Padre sabia que, para aquela pobre gente, a instrução era um meio de vencer a miséria. É verdade que, para uma rapariga pobre, frequentar a escola em Foggia, na cidade, longe de casa, era um grande sacrifício, mas a alternativa, ficar em San Giovanni Rotondo, era bem pior. Para ganhar algum dinheiro, teria tido de servir, ou de dar cabo das costas a trabalhar nos campos.

Cleonice estudava em Foggia com a irmã Antonietta. Instalara-se num pensionato, daqueles reservados às raparigas mais pobres. Escreveu ela: «Ocupávamos uma grande divisão e éramos, ao todo, cerca de dez estudantes, sentindo-nos, por isso, apertadas, comprimidas. Cozinhávamos por turnos: um prato de arroz, sempre arroz. O horário escolástico era único. Eu e a minha irmã íamos para a escola em jejum, sem ter engolido sequer um pedaço de pão ou um gole de café. À noite, um pouco de pão e um cardo (com espinhos), o mesmo que comiam os burros. Nunca uma peça de fruta, nem um pouco de carne ou de ovo, ou uma fatia de queijo. Hoje não compreendo como conseguíamos continuar a viver. Contudo, Deus ajudava-me. Nunca tinha dores de cabeça. Estudava à luz de uma vela que o tio me mandava. Todas as semanas, a mãe mandava-nos um pão de cinco ou seis quilos, que ficava duro e por vezes apanhava bolor».

Cleonice não sabia nada acerca do Padre Pio. Nunca o tinha visto. A sua mãe citava de vez em quando as palavras do Padre, mas com pudor, com reserva, sem impor as suas convicções aos filhos.

A fama do frade com estigmas estava bastante difundida. «Certo dia – conta Cleonice nos seus *Diarios* – uma professora siciliana, durante a aula, perguntou-me: "Desculpe, a menina, que é de San Giovanni Rotondo, não nos pode dizer nada acerca daquele grande santo que vive nessa terra?" Para não fazer má figura, respondi: "Sei, sei, caminha acima do solo e tem auréola." A professora olhou-me com ar severo e ordenou: "Senta-te!" Eu não conhecia o Padre Pio.»

Cleonice estudava com afinco e era boa aluna em todas as

matérias, excepto no Italiano, disciplina fundamental para o tipo de escola que frequentava. Por isso, quando chegou ao último ano, em que deveria receber o diploma, teve dificuldades. Foram essas dificuldades que a levaram a pensar no Padre Pio.

«Para ser aprovada – conta Cleonice nos *Diarios* – era preciso ter, pelo menos, a média de sete e, sobretudo, ter muito boas notas na disciplina de Italiano; tentei por isso encontrar quem me ajudasse. A primeira prova foi corrigida por dois mestres, mas mesmo assim só tive cinco. Senti-me desmoralizada. Nunca conseguiria passar no exame. Lembrei-me então do Padre Pio. Escrevi-lhe um bilhete e enviei-lho através de minha mãe. Dizia-lhe que estava tão desanimada, que preferia andar a carregar água dentro de barris, do que estudar. Naquela época ainda não havia o aqueduto em San Giovanni Rotondo, e era preciso carregar água para a aldeia, quando havia seca. Trabalho duríssimo, confiado às mulheres.

Esperei uma resposta, e eis que recebi o primeiro bilhetinho do Padre a 19 de Dezembro de 1920. "Alma do querido Deus, não temas. Tem confiança em Deus e tudo correrá bem. Estuda com amor e obterás, a seu tempo, a recompensa merecida. Com os professores cá nos havemos de entender, eu e Deus. Desejo-te muitas felicidades para o Santo Natal do Menino Jesus. Abençoo-te com efusão equiparável à necessidade e ao desejo que sinto de te ver santa. Padre Pio."

Aquele escrito deixou-me surpreendida e feliz. Contudo, não tinha a certeza se o Padre seria capaz de resolver os meus problemas.

O Padre Pio continuou a ajudar-me, sem que eu o merecesse. Com efeito, não fui agradecer-lhe, nem sequer pensei nisso. Era distraída e não me interessava muito pelas coisas da religião. Ia à Missa, mas não comungava.»

Cleonice passou de forma brilhante todos os exames, obtendo o diploma aos dezoito anos. Regressou finalmente a casa, orgulhosa e feliz pela meta alcançada. Todavia, para poder começar a leccionar, tinha de enfrentar novo obstáculo, muito maior: o exame do Ensino Oficial.

Já se tinha esquecido da ajuda recebida do Padre Pio. Embora tivesse regressado a San Giovanni Rotondo, não fora

agradecer ao Padre e nem sequer tinha pedido à mãe que o fizesse. Agora, para se preparar para o exame, recorrera a um religioso do convento, que em San Giovanni Rotondo tinha fama de ser culto. Tinha explicações com ele, ao lado de outras raparigas.

Ele estimava-me – escreveria Cleonice –. Louvava-me continuamente, dizia que eu era poetisa. Preparou-me bem e eu era muito boa aluna. Apresentei-me ao exame segura e despreocupada. Fui reprovada.

O meu amor-próprio estava ferido de morte. Não me atrevia a sair de casa. Os nomes dos aprovados e dos reprovados tinham sido publicados no jornal, e toda a região fora informada do meu chumbo. Não parava de chorar.

A minha mãe também estava muito aborrecida e decidiu levar-me ao Padre Pio. Eu não queria ir. Sentia-me culpada por ele me ter ajudado e eu não lhe ter agradecido. Mas a mãe impôs-se e eu tive de fazer a sua vontade.

Chegadas ao convento, enquanto a minha mãe falava com o Padre Pio, eu, cheia de vergonha, fiquei escondida atrás do poço. Ouvi o Padre repetir sem cessar: "Deve continuar a vir cá." Depois, voltando-se para mim, animou-me: "Deves estudar com o Padre Gaetano, que é óptimo, muito culto, e que te preparará para o exame como deve ser e tudo correrá bem".»

Foi este o primeiro encontro de Cleonice Morcaldi com o Padre Pio. Ela que, mais tarde, nos quarenta anos seguintes, nunca se cansará de fazer perguntas ao Padre, a fim de ser iluminada sobre a vida da perfeição, mas também pela sua curiosidade em saber, não teve coragem para dizer uma única palavra naquele primeiro encontro.

Contudo, escutou o conselho do Padre. Começou a ter explicações com o Padre Gaetano, ex-professor romano, convertido pelo Padre Pio. Frequentando o convento, também tinha oportunidade de ver o Padre, mas mantinha-se sempre à distância, quase como se tivesse medo dele.

«Certo dia – escreveu Cleonice nos seus *Diarios* – vendo muita gente precipitar-se pelo corredor fora, para beijar a mão ao Padre Pio, decidi fazer o mesmo. Tinha nas mãos a folha da composição, corrigida pelo Padre Gaetano. Entrei na sacristia. O Padre estava a despir os paramentos sagrados. Aproximei-

-me, hesitante, e beijei-lhe a mão. Ele perguntou-me: "que trazes na mão?"

"A composição corrigida pelo Padre Gaetano."

"Deixa lá ver." Li as primeiras duas linhas: "A alma da criança é um jardim florido." Lançando a folha por terra, exclamou: "Toda a tua ciência reside nisto? Até um burrinho lá chega."

Apanhei a folha, confusa, frente a tanta gente que me olhava com compaixão. Afastei-me sem dizer nada, mas com o orgulho ferido. Estava a sofrer. Quando fui confessar-me, disse-lhe: "Padre, era preciso humilhar-me no meio de toda aquela gente? Que vão pensar de mim? Podia ter-mo dito em segredo. Eu não teria sofrido tanto. Além disso, aquele seu tom de desprezo!"

O Padre escutou-me e depois replicou: "Bem, se eu o tivesse dito aqui, tu não terias sofrido nada. É a reprovação feita em público que cura as chagas do amor-próprio e da vanglória e, se mo permites, direi ainda, do respeito humano."

Foi a primeira lição que recebi do Padre Pio. Era o primeiro passo da minha alma na escola do Padre Pio.»

O diálogo tinha começado. O Padre tinha dado a entender à rapariga que, ao seu lado, devia pensar apenas no caminho do ascetismo. Ele queria ajudá-la, não a ser boa aluna na escola, mas na vida. Oferecia-lhe a possibilidade de empreender o caminho da perfeição, e a rapariga, embora ainda não compreendesse bem o que estava a acontecer, estava decidida a segui-lo. «Ao fim de três ou quatro vezes que me fui confessar – escreveu Cleonice –, o Padre Pio disse-me: "Finalmente estás decidida; como me fizeste esperar antes de te decidires a separar-te do mundo para te entregares toda a Deus!"»

Cleonice passou nos exames de Estado. Começou o estágio de ensino, primeiro numa aldeia próxima de San Giovanni Rotondo, tendo depois sido transferida para San Giovanni.

Também ela entrou para o grupo das filhas espirituais do Padre Pio. Era a mais nova e órfã de pai. Mais tarde viria também a perder a mãe. O Padre Pio tornou-se o seu único ponto de referência. Sob a sua orientação espiritual, empreendeu o longo caminho da perfeição. Era simples como uma criança. Tratava o Padre Pio como se fosse o seu verdadeiro pai. Além

disso era curiosa, como todas as crianças. Tinha contraído o hábito de fazer muitas perguntas ao Padre. Quando podia estar com ele, interrogava-o sobre os assuntos mais díspares, e depois corria para casa, a fim de escrever as respostas, sabendo como eram preciosas.

Em seguida inventou o estratagema do «diálogo escrito», à distância. Escrevia numa folha as perguntas, deixando um espaço livre depois de cada uma, de tal forma que o Padre Pio pudesse inscrever as suas respostas. Através desse estratagema conseguiu penetrar no profundo do coração do Padre Pio, e transmitir-nos confidências preciosas que, de outro modo, o Padre Pio nunca nos teria feito.

Para compreender melhor

A visão que o Padre Pio tinha da vida era bastante concreta. Nada de fantasias ou sonhos inúteis. Com todas as experiências místicas por que já passara, tinha conseguido focar a «verdade» da existência terrena no seu carácter essencial. Tinha sempre presente o valor autêntico das pessoas, que reside no seu estado real de «filhos de Deus» Queria dar a conhecer a todos esta verdade e ajudá-los a comportar-se em conformidade com a mesma. Mas esta verdade cristã não deve conhecer discriminações. Todos nós, homens e mulheres, somos filhos de Deus, filhos de Deus e irmãos uns dos outros.

Os termos «filhos», «irmãos», «pai», «mãe» tinham, para o Padre Pio, significados carregados de sentimentos. Ele provinha de uma família sã e unida. O seu coração tinha amado sempre com generosidade e nobreza. O próprio Deus tinha-o ajudado a crescer na dimensão harmoniosa dos grandes sentimentos, e tratava as suas filhas espirituais com essa enorme riqueza afectiva.

Mas, se ele era um anjo na terra, e procurava «despertar» o anjo em todas as pessoas das quais se aproximava, muitos outros preferiam ser aliados dos anjos caídos. Estes não podiam ver a pureza do seu coração, das suas intenções, dos seus ideais. Viviam na lama e viam apenas lama.

Foi por isso que, no comportamento do Padre, vislumbraram malícia e começaram a construir castelos de calúnias.

O Padre Pio não era ingénuo. Deu-se imediatamente conta do perigo que corria. Teria podido salvar-se daqueles ataques, pondo termo à experiência a que dera corpo, abandonando ao seu destino as raparigas que lhe chamavam «pai». No fundo, eram apenas raparigas pobres, insignificantes aos olhos do mundo. Se as tivesse abandonado, pondo cobro à experiência que com elas tinha começado, ninguém se teria apercebido. Elas lá se arranjariam, de igual modo, e ele seria deixado em paz, desapareceriam todas aquelas acusações.

Mas o Padre Pio não o fez. Não o fez nessa altura, não o fez mais tarde, nunca o fez. Durante cinquenta anos continuou a lutar, mantendo-se fiel ao afecto que tinha prometido àquelas raparigas, e a todas as outras que viriam a tornar-se suas filhas espirituais. Durante cinquenta anos, os seus inimigos continuaram a acusá-lo com calúnias infames, que lhe deixavam o coração a sangrar.

O Padre Pio, porém, não mudou de comportamento, precisamente porque a sua escolha tinha um significado preciso e importante. Era uma mensagem «histórica», uma indicação profética. Do seu amor e do empenhamento daquelas raparigas estava a nascer uma nova espiritualidade, a dos «Grupos de Oração», da fraternidade, da família e dos sentimentos.

Nestes últimos dez anos do século, João Paulo II lançou mensagens novas – e sob certos aspectos inesperadas – sobre a mulher.

Poucos põem em destaque esta faceta do seu apostolado, embora seja uma das mais singulares. Algumas feministas, esquecendo que a moral cristã não pode ter a elasticidade da moda, têm acusado Karol Wojtyla de ser um conservador impenitente, porque sempre defendeu certos princípios essenciais para a verdade cristã. Todavia, talvez nunca ninguém tenha olhado para a realidade da mulher com tanta profundidade intelectual e humana como ele.

Através de algumas intervenções históricas, revolucionou a atitude da Igreja frente à mulher. Não apresenta um ponto de vista teórico, porque os ensinamentos evangélicos nunca foram postos em questão. Na prática, porém, também a Igreja, ao longo dos séculos, tinha aceitado tacitamente certas formas de pensar e de fazer, que não estavam em sintonia com as palavras de Jesus.

A tomada de posição de João Paulo II foi calculada e longamente meditada. Com efeito, as intervenções do Papa têm-se sucedido em várias ocasiões e de várias formas, quase como se ele quisesse sublinhar a urgência e a importância da mensagem. O Papa exprimiu o seu pensamento e reforçou-o através de cartas abertas, discursos, comentários e documentos oficiais, anulando, de uma penada, vários séculos de contradições, de silêncios, de incertezas, de suspeitas, de desconfianças farisaicas frente «à outra metade do céu».

Chegou mesmo a fazer autocrítica pública e a pedir perdão às mulheres pela discriminação que têm sofrido, também por causa da Igreja. «É necessário ter coragem – disse ele num discurso público – para recitar o *mea culpa*.» Em seguida reconheceu-se como um dos «herdeiros de uma história de enormes condicionamentos que, em todos os tempos e em todas as latitudes, tornaram difícil o caminho da mulher».

Denunciou o machismo estúpido e agressivo. Colocou o dedo na ferida dos abusos sexuais e, por fim, recordou a atitude de Jesus frente às mulheres, que deveria servir de modelo e guia. Jesus – disse o Papa –, tinha estabelecido com as mulheres uma relação marcada por grande liberdade e amizade. Embora Jesus não lhes atribua o papel dos apóstolos, torna-as primeiras testemunhas da sua ressurreição e valoriza-as através do anúncio e da difusão do Reino de Deus.»

Ora, o Padre Pio foi um precursor desta visão. Aquilo que o Papa João Paulo II disse nos últimos anos deste século, o Padre Pio disse-o e pô-lo em prática desde o início do século, através de um estilo e de uma indicação comportamental bem estudados e meditados.

A mulher é um grande mistério. No seu universo afectivo, encerra valores que, ao longo dos séculos, têm sido esmagados e deturpados. Deus tinha-os posto em destaque, escolhendo uma mulher para mãe do seu Filho Unigénito. A Bíblia anuncia que Satanás será vencido por uma mulher. Como sempre, as mais elevadas realidades espirituais são combatidas por Satanás, que procura destruí-las, deitando-as por terra.

As mulheres tinham tentado recuperar a sua dignidade através do feminismo, que acabou por fracassar. Agora já não são objectos e escravas por causa da violência machista, mas

por livre escolha, embora orientada por interesses de dinheiro e de poder.

O Padre Pio fez brilhar a grandeza da mulher, ligada ao espírito e ao mundo misterioso dos sentimentos. João Paulo II desenvolveu essa teoria e exaltou essa visão tão singular. Mas o caminho ainda mal começou. Tem sido contrariado de muitos modos, mas não vencido. A semente foi lançada e certamente dará fruto. Assim escreveu Jean Guitton: «Ainda não chegou a hora das mulheres, na história do mundo, embora numerosos sinais dêem a entender que já está próxima.»

O que ele disse

Certa senhora queria oferecer uma poltrona ao Padre Pio, para que ele se sentisse mais cómodo, mas ele respondeu: «Eu cá sou camponês; sempre me sentei em cadeiras de madeira.»

«As almas não são oferecidas como dom, compram-se. Vós ignorais quanto custaram a Jesus. É sempre com a mesma moeda que é preciso pagá-las.»

Certa devota repetia-lhe, com petulante insistência: «Padre, abraçai-me.» Por um instante, ficou sem lhe responder, depois replicou, exasperado: «Sim, minha filha, já te abraço. Abraço-te e estrangulo-te.»

O que disseram acerca dele

Wanda Poltawska, médica polaca: «Da primeira vez que olhou para mim, quase não tenho coragem de o dizer, fê-lo como se eu fosse sua filha, e tive a certeza que, a partir daquele momento, ficaria sempre unida a ele, por um laço extraordinário e particularíssimo.»

Carlo Kisvarday, colaborador e filho espiritual do Padre Pio: «Os meus sentimentos de afecto para com o Padre Pio datam de há muitos anos, quando cá vim pela primeira vez. Sabia muito pouco acerca dele, e só através daquilo que se

dizia. Porém, quando o vi, quando lhe falei e ele me abraçou, como se há muito tempo me esperasse, e me manteve apertado contra o seu peito, senti que nunca mais poderia separar-me dele.»

17

A morte da mãe

(3 de Janeiro de 1929)

Enquanto à volta do Padre Pio, em finais dos anos vinte, rugia a tempestade das calúnias e das condenações, por parte das autoridades eclesiásticas, aconteceu um facto bastante doloroso para o frade dos estigmas: a morte da sua queridíssima mãe.

Como já referimos por várias vezes, o Padre Pio era uma pessoa afectuosa. Tinha um grande coração e participava intensamente na vida das pessoas com quem entrava em contacto. Sofria com os doentes que lhe pediam a cura e, quando a graça não chegava, era o primeiro a ficar desiludido. A um seu confrade, que o censurava por de vez em quando ser brusco frente às pessoas que o rodeavam, respondeu: «Faço de mau, para não me debulhar em lágrimas. O meu coração fica perturbado ao ver tanta dor e sem poder consolar estas pessoas.» A sua «compaixão» para com os sofredores era total.

A morte de um familiar é um facto social que obriga a pôr a descoberto, em público, a qualidade dos próprios sentimentos. Na hora da separação suprema daqueles a quem amamos, os cálculos, o autocontrolo, as conveniências e o pudor dificilmente funcionam. A dor e o abatimento suplantam tudo.

O desaparecimento da mãe do Padre Pio é um facto que permite compreender o tipo de relação que o religioso tinha com a própria família, ver como ele avaliava os vínculos de sangue, que valor lhes dava, e «observar» como se comporta um santo frente à morte.

No Evangelho há frases que, à primeira vista, nos deixam perplexos. Jesus diz aos discípulos: «Deixai que os mortos sepultem os seus mortos.» «Quem ama o pai ou a mãe mais do que a Mim, não é digno de Mim.» São frases que poderiam in-

sinuar que os laços familiares não devem contar para quem pretende seguir uma vida de perfeição. Há outros episódios, porém, que as contradizem. O amor de Jesus pela própria mãe, por exemplo. Por ela, Jesus faz o primeiro milagre da sua vida pública, transformando a água em vinho, nas bodas de Caná. Quando morre o seu amigo Lázaro, Jesus chora. Nos momentos de cansaço, retirava-se para casa das suas amigas, as irmãs Maria e Madalena. No dia da Ressurreição, apresenta-se, em primeiro lugar, às amigas que tanto lhe queriam.

Os sentimentos familiares constituem elos sagrados nos ensinamentos religiosos. O quarto mandamento diz o seguinte: «Honra teu pai e tua mãe.» O Padre Pio sentia muitíssimo essa ligação e, numa sociedade como a nossa, o seu comportamento torna-se exemplo de orientação e salvação.

Os factos

Em Dezembro de 1928, Peppa, sua mãe, decidiu deixar Pietrelcina e mudar-se para San Giovanni Rotondo, a fim de passar as festas de Natal com o filho.

Estava ao corrente da difícil situação em que o Padre Pio se encontrava. Sabia que tanto os seus superiores como as autoridades da Igreja o contestavam. Mas ela a ninguém julgava. Sofria e calava-se.

Sabia muitas coisas secretas acerca daquele seu filho. Nos anos em que o Padre Pio permanecera em Pietrelcina, os anos das suas grandes experiências místicas e das suas lutas renhidas com Satanás, Peppa era sua testemunha directa. Tinha observado, apavorada, tais acontecimentos, embora permanecendo na sombra.

O Padre Pio estava instalado em casa dela. Era ela que cuidava do filho. Grazio, o seu marido, e Michele, o primogénito, estavam na América. Ela estava ali, naquela casa de Vico Storto Valle, com o Padre Pio, a filha mais nova, Graziella, a nora e o netinho, Francesco, filho de Michele. O quarto de Michele fora reservado para o Padre Pio, e a mãe, de manhã, ia arrumá-lo, e todas as manhãs constatava em que estado aquele quartinho tinha ficado, devido aos «factos estranhos» ocorridos durante a noite. Era ela que recolhia as camisas do Padre

Pio, ensopadas em sangue. Talvez das primeiras vezes se tivesse assustado, talvez tivesse pedido explicações ao filho; quem sabe que respostas terá recebido. Mas depois tinha acabado por intuir, e guardava aqueles mistérios no seu coração.

Quando o Padre partiu de Pietrelcina, a mãe ficou preocupada. Sabia que o seu filho se devia dedicar a uma grande missão, mas também sabia que essa missão seria muito contrariada. De qualquer forma, à distância, o Padre Pio continuava ligado à própria família. Nos primeiros anos, quando ainda era soldado e tinha de se dirigir ao Distrito Militar de Nápoles, para consultas ou exames de saúde, aproveitava sempre para fazer rápidas visitas a casa, para ver a mãe e as irmãs, e levar algum presentinho aos sobrinhos.

Em 1917, a irmã mais nova, Graziella, decidiu tornar-se freira, e foi ele que a acompanhou a Roma, à sede geral do Instituto das Brigidinas, onde viria a tornar-se irmã Pia dell'Addolorata. Foi a única viagem do Padre à Cidade Eterna.

Depois do acontecimento dos estigmas, o Padre Pio nunca mais saiu de San Giovanni Rotondo. De vez em quando, os pais iam visitá-lo, alternadamente. Naquela época, a viagem de Pietrelcina a San Giovanni Rotondo não era fácil. Além da distância ser grande, não havia meios de comunicação. Contudo, os pais do Padre Pio faziam-se ocasionalmente ao caminho, para poderem estar perto do filho.

Era difícil para a gente simples de então compreender o que tinha acontecido ao Padre Pio. A palavra «estigmas» era misteriosa para eles. Michele, que estava na América a trabalhar, foi informado pela própria mulher. «O teu irmão tem chagas espalhadas pelo corpo», escreveu-lhe ela. Então Michele, achando que se tratava de uma doença grave, apressou o seu regresso a casa, demonstrando como era grande a ligação afectiva com o irmão.

Maria Pompilio, filha espiritual do Padre Pio, conta que, certo dia de Abril de 1919, enquanto descia do convento para o povoado, acompanhada por outra filha espiritual, Rachelina Russo, se cruzou com três pessoas que para lá subiam. Estas pessoas perguntaram às duas raparigas se conheciam o Padre Pio. «Conhecemos – respondeu Maria Pompilio –; deixámo-lo agora mesmo no corredor do convento, onde estivemos a falar com ele.»

«Quer dizer que não está de cama, doente», comentaram os forasteiros. E acrescentaram: «Nós somos a sua família: pai, mãe e cunhada, e viemos visitá-lo.» Tinham passado sete meses desde a impressão visível dos estigmas, mas só agora, com a Primavera, rainha das estações, os familiares do Padre Pio tinham podido organizar uma viagem para o visitar.

As duas raparigas voltaram atrás, acompanhando os forasteiros até ao convento. O Padre Pio foi informado e encontrou-se com a família na hospedaria. «A mãe Peppa – escreveu Maria Pompilio nas suas Memórias – abriu uma cesta em forma de caixa, e dela retirou uns pastéis magníficos, recheados com compota de uva, convidando-nos a provar. O Padre Pio comeu um, dizendo, com um sorriso: "Como é boa a comida caseira... Come, Maria, come, Rachelina." Pegámos cada uma no seu, para satisfação de todos. Fizemos duas camas para as duas mulheres, ficando ainda algum tempo a conversar; depois, como já estava escuro, eu e Rachelina regressámos a casa.»

Imediatamente após o acontecimento dos estigmas, a família do Padre Pio foi atingida por graves situações de luto. A 25 de Setembro de 1918, ou seja, cinco dias depois da impressão dos estigmas visíveis, morreu Felicita, a irmã preferida do Padre. Tinha vinte e nove anos e estava casada há oito.

A notícia foi transmitida ao Padre Pio por via telegráfica e, no dia seguinte, ele escreveu aos pais: «Escrevo-vos a presente carta com o coração despedaçado pela dor mais cruel. Mas que devo dizer-vos, se toda a palavra fica sufocada na garganta pela intensidade da dor? Meus queridos, no meio da crueldade e da amargura da dor, já só me restam forças para exclamar: "Tu és justo, Senhor, e rectos são os teus julgamentos." Deus me deu essa pobre irmã e Deus ma tirou; bendito seja o seu Nome santo. Nestas exclamações e nesta aceitação, encontro força suficiente para não sucumbir sob o peso da dor...»

«Sucumbir sob o peso da dor»: frase que exprime bem como o Padre sofria. Pela perda de Felicita, mas também pela angústia dos próprios pais.

Felicita devia ser uma rapariga muito meiga e serena. O Padre Pio sempre nutrira um afecto especial por ela. Como já disse no segundo capítulo, ele gostava de recordar que, em pequeno, brincava muito com ela. Quando Felicita lavava a

cabeça, ao ar livre, servindo-se de uma bacia, o irmão surpreendia-a, aparecendo-lhe de repente por detrás, e metendo-lhe a cabeça na água. «Pregava-lhe tantas partidas – recordava o Padre – e ela nem uma vez me respondeu mal. Dizia sempre: "Eh, Franci, nunca mais paras de te meter comigo, pois não?", e sorria. Além disso, já adulta, conservou sempre o seu carácter bondoso e simples.»

Já na velhice, falando por vezes com o sobrinho Ettore, filho de Felicita, o Padre Pio comentava: «A tua mãe era a melhor, ultrapassava todos lá de casa em bondade e beleza. Era uma santa. Nunca vi a tua mãe inquieta. Mesmo com todos os problemas por que passou, estava sempre sorridente.»

O Padre Pio ficava comovido quando recordava Felicita. Talvez no coração e no espírito aquela rapariga se parecesse muito com ele. Conheci um neto de Felicita que deixou gravada em mim uma forte impressão: dos seus olhos e do seu comportamento transparecia uma tal simplicidade e vivacidade, que não é fácil encontrar.

Passado um ano, a vida do Padre Pio tinha sofrido uma grande mudança. A notícia dos estigmas tinha chegado aos jornais; a San Giovanni Rotondo chegavam diariamente multidões de pessoas, e o Padre já sentia no ar o vento das perseguições. Apercebeu-se que já não poderia acompanhar os pais com amor e tranquilidade, e, a 7 de Outubro de 1919, escreveu uma carta ao irmão, suplicando-lhe angustiadamente que os tomasse a seu cargo.

Michele estava nos Estados Unidos a trabalhar. O Padre Pio, porém, sabia que ele estava prestes a regressar. Informa-o sobre a vida familiar, tranquilizando-o sobre a saúde de cada membro da família, e depois desenvolve largamente o tema dos pais. Nunca o fizera até então, pois esperava poder assisti-los ele próprio, mas agora as coisas estavam a mudar.

«Escreve também com frequência aos nossos pais – pede a Michele. – Coitadinhos, eles ficaram extremamente comovidos por receber cartas directamente enviadas por ti, ao fim de tanto tempo, e de termos passado por tantas dores e desgostos na nossa família. Escreve-lhes e faz calar qualquer outro sentimento que porventura queira sufocar no coração os resíduos do teu afecto filial. Confio-te, portanto, a vida e a assis-

tência dos pais. Quanto a mim, devo renunciar completamente a rever a terra natal, e talvez nunca mais reveja os pais nem as pessoas que me são tão queridas. Assim sendo, meu irmão, renovo o pedido que te fiz há pouco. Confio-te os nossos pais. Assiste-os de todas as formas possíveis, e receberás a recompensa e a bênção de Deus.»

Dois anos após a morte de Felicita, nova grande desgraça familiar. A 9 de Novembro de 1920, contando apenas 11 anos, morre Franceschino, o filho de Michel. O Padre Pio adorava aquela criança, que tinha visto crescer. Tinha brincado com ele, tinha-o ensinado a ler e a escrever, e ainda a recitar as primeiras orações. Citava-o com frequência nas suas cartas. Uma doença inesperada tinha posto termo àquela existência delicada.

Perdeu-se a carta que o Padre escreveu ao seu irmão, Michele, naquela ocasião, mas chegou até nós aquela que ele escreveu aos pais, a 18 de Dezembro: «Sinto morrer toda a palavra, ficando sufocada na minha garganta. Suplicarei a Jesus que vos conceda a santa resignação, confortando-vos com o doce pensamento de que Francesco e os nossos entes queridos, que nos precederam na viagem, estão no céu, rezando por nós e esperando-nos lá em cima».

O irmão Michele, desesperado, desejava ter mais filhos. Confiou o seu desejo ao Padre Pio, que lhe respondeu que os teria em breve. Em Novembro de 1921 nasceu um rapazinho, mas viveu apenas um dia, o que provocou nova dor e novo abatimento em Michele e na sua mulher. Veio depois uma filha, Pia. O Padre Pio, nas suas cartas ao irmão, recordava-se sempre dela: «Como está a menina? Já começou a desentorpecer a língua e a invocar o santo nome de Deus, bem como o dos pais? Envio-lhe uma quantidade infinita de santas carícias.»

Mais tarde, quando Pia cresceu, o tio escrevia-lhe cartas transbordantes de afecto. Pia, a única sobrinha directa do Padre Pio ainda hoje viva, diz que o seu tio se mostrava sempre solícito, atento e interessado por todos os problemas da família. Era um autêntico «papá» para todos os sobrinhos.

De vez em quando, a mãe Peppa empreendia a viagem de Pietrelcina a San Giovanni Rotondo, para ver o filho.

Em 1920, esteve instalada em San Giovanni, em casa de

Maria Pompilio, durante quarenta e quatro dias. «Todas as manhãs – escreveu Maria Pompilio nas suas Memórias –, ia à Missa e recebia a comunhão das mãos do filho. Depois da Missa, aproximava-se do Padre Pio, na sacristia, para poder dirigir-lhe algumas palavras, mas ele não lhe dava ouvidos. Quando ela se aproximava, o Padre Pio afastava-se. Nunca permitiu que a mãe lhe beijasse a mão. Muitas vezes esteve prestes a fazê-lo, como toda a gente fazia, mas o Padre retirava-a. Peppa ficava mortificada com o comportamento do filho e uma vez queixou-se-me, desfeita em lágrimas. "Há vinte dias que aqui estou, e ainda não consegui dizer uma palavra ao Padre Pio. Minha Nossa Senhora, porque se comporta ele assim? Nem sequer me deixa beijar-lhe a mão." Contei ao Padre, que me respondeu: "Onde é que já se viu uma mãe beijar a mão ao filho?"»

O Padre Pio adorava a sua mãe mas, ao mesmo tempo, nutria por ela um extremo respeito. Considerava-a uma rainha. Não queria que ela se confundisse com as outras mulheres, que se acotovelavam à sua volta, e nunca lhe permitiria que fizesse aquele gesto de homenagem que consiste em beijar a mão.

O Padre Pio preocupava-se muito com a mãe. Pedia sempre notícias da sua saúde. Em 1924, aconselhou uma sua filha espiritual, Lina Fiorellini, a ir ter com Peppa. «A minha mãe está à tua espera: vai estar um pouco com ela. Inflamar-te-á o coração, e tu verás como palpita o coração da minha mãe.»

Por vezes enviava também Maria Pyle a Pietrelcina. O Padre tinha muita confiança nela e confiava-lhe, de vez em quando, a sua própria mãe.

Em Dezembro de 1928, a mãe acompanhada por Maria Pyle, instalou-se em San Giovanni Rotondo, a fim de passar o Natal com o filho.

O encontro entre ambos teve lugar no adro da igreja. «Ocultando a sua grande alegria sob uma aparência de calma – escreveu Maria Pyle – Peppa pegou na mão do filho e, antes de ele a retirar, disse: "Padre Pio, beijo-te a mão em nome da tia Liberta (primeiro beijo), da tia Pellegrina (segundo beijo), e da tia Filomena (terceiro beijo)", e assim de seguida, foi nomeando cerca de dez ou mais comadres. Para terminar, disse: "E agora, Padre Pio, beijo-a em meu nome." Tentou, mas não conseguiu. Enquanto se inclinava para beijar, o Padre Pio er-

gueu bruscamente as mãos e, mantendo-as erguidas, disse: "Isso nunca. O filho é que deve beijar a mão à mãe, e não a mãe ao filho".»

Todas as manhãs Peppa ia ouvir a Missa celebrada pelo filho, na igrejinha do convento. Depois de receber a comunhão, ajoelhava-se e beijava o chão que o filho pisara. Depois da Missa, dirigia-se à sacristia, onde se encontrava com o Padre.

O Inverno foi muito rigoroso naquele ano. Houve grandes nevões, mas Peppa ia sempre ao convento, apesar da neve. Na noite de 23 de Dezembro, pediu ao Padre Guardião: «Trate bem do meu filho.» O Padre respondeu: «Tia Peppa, ficai tranquila, não tenhais medo de nada. Pelo contrário, tende cuidado, pois está muito frio.» Trazia roupa modesta e ligeira para o inverno que estava, e ninguém conseguira convencê-la a pôr o vestido de lã que algumas amigas lhe tinham oferecido à chegada, pois receava parecer uma senhora.

Na noite de Natal assistiu às cerimónias religiosas entre as pessoas que enchiam a pequena igreja. Depois da Missa, regressou a casa de Maria Pyle. Aí, foi ela própria que colocou o Menino na gruta do presépio feito em casa, como o Padre Pio fizera na igreja. Depois meteu-se na cama. Tinha apanhado demasiado frio e estava cheia de arrepios. Ficou com febre. No dia seguinte não pôde levantar-se. Três dias mais tarde, o médico diagnosticou-lhe uma pneumonia dupla.

Padre Pio ia vê-la todos os dias, acompanhado pelo Padre Guardião. Quando se apercebeu que o estado da mãe era grave nunca mais se afastou da sua cabeceira. Assistiu-a até ao último instante. Administrou-lhe a extrema unção e, quando viu que ela estava prestes a exalar o último suspiro, beijou-a na testa e depois, com um forte soluço, caiu desmaiado.

Dois médicos transportaram-no para outro quarto. Maria Pyle ocupou o seu lugar e a mãe Peppa expirou nos braços da sua amiga americana.

Eram 6h15m do dia 3 de Janeiro de 1929. No quarto contíguo, o Padre Pio desafogava a própria dor num mar de lágrimas. Era um pranto aflitivo. Encharcou de lágrimas um monte de lenços, e todos estavam comovidos. Não parava de chamar: «Mãezinha, minha linda mãezinha, minha mamãzinha.»

Alguém lhe disse: «Padre, vós próprio nos ensinastes que a dor só deve ser expressão do amor que devemos oferecer a

Deus; porque chorais assim?» E ele respondeu: «Isto são lágrimas de amor, apenas de amor. Além disso, não tenho cem mães, mas uma única.»

A mãe Peppa foi sepultada no cemitério de San Giovanni Rotondo, a 4 de Janeiro, com grande afluência de pessoas.

Os médicos, preocupados pela saúde do Padre Pio, mantiveram-no em casa de Maria Pyle durante mais dois dias. Durante todo esse tempo nunca o deixaram sozinho. Na tarde do dia 5 foi levado de volta para o convento. Era assistido pelo doutor Festa.

Depois de ter perdido a mãe, o Padre Pio começou a preocupar-se com maior solicitude com o pai. Continuava a chamar-lhe «Tatá», como fazia em criança. E contava a todos com orgulho: «O meu pai, para me pôr a estudar, atravessou duas vezes a água», ou seja, foi duas vezes para a América.

Agora Grazio tinha ficado só. Para onde iria viver? Quem o tomaria a seu cargo? Michele tinha a sua própria família, e o mesmo se passava com Pellegrina. Graziella estava no convento.

Num impulso de generosidade, algumas filhas espirituais do Padre Pio tinham sugerido que Grazio se mudasse para San Giovanni Rotondo, para estar perto do seu filho religioso, e elas cuidariam dele. Mas a ideia não agradava ao Padre Pio. Intuía as dificuldades que se levantariam. Não lhe agradava que o seu «tatá» assistisse de perto às humilhações a que ele era sujeito, e ouvisse as calúnias que circulavam sobre o filho.

Por isso, duas semanas após a morte da mãe Peppa, escreveu uma longa carta ao irmão Michele, abordando detalhadamente este assunto: «Como está o nosso pai? Recomendo-o vivamente à tua solicitude e afecto filial. Rodeia-o de afecto, e evita contristá-lo até nas mínimas coisas.

Soube que têm insistido calorosamente, e também sincera e cordialmente, para o trazer para aqui. Porém, para te dizer a verdade, não vejo que isso seja bom, por uma infinidade de razões. Que ele venha e vá à sua vontade, acho óptimo, mas a ideia de que tenha aqui praticamente um domicílio não me parece bem. Seria pouco honroso para ti, que és o seu único filho, e pouco agradável para mim, que muito pouco poderia fazer por ele, dada a minha situação excepcional. Além disso,

também seria um pouco desonroso para essa nossa aldeia, deixar partir um pobre velho de forma errante, quase nos últimos anos da sua vida, negando-lhe asilo. Pelo menos deveria ser esse o juízo que formariam os de fora.

Cabe-te, portanto, a ti, impedir tal horror, rodeando de solicitude e afecto o nosso querido velhinho. Se achares bem, explica-lhe com doçura as referidas razões. De qualquer forma, não quero que ele fique minimamente contristado. Eu, pelo meu lado, estou pronto a aceitar qualquer humilhação e mortificação, contanto que lhas poupe a ele.»

Grazio ficou em Pietrelcina. Michele tomou-o a seu cargo. O Padre Pio sabia que podia contar com o irmão. Quando o apresentava aos amigos, dizia dele: «Apresento-vos o meu irmão. Tem calos nas mãos mas um nobre coração.»

Em 1937, depois de as águas se terem acalmado um pouco à volta do Padre Pio, Grazio mudou-se para San Giovanni Rotondo, instalando-se em casa de Maria Pyle. Aí passou os últimos nove anos da sua vida.

Vivia com serenidade, bem tratado por todos e não lhe faltava nada. No entanto, continuou a viver com a simplicidade e a modéstia de sempre. Era feliz por ver que o próprio filho gozava de tanta consideração. Talvez em certas ocasiões tenha pensado poder retirar vantagens daquela situação. Mas nunca pôde fazê-lo, porque, nesse ponto, o Padre Pio era intransigente.

Certo dia sentiu saudades de casa, e o desejo de regressar a Pietrelcina. Foi ter com o Padre Pio: «Franci, quero ir passar algum tempo a Pretapuccina, mas não tenho dinheiro para a viagem. Dá-mo tu.»

Padre Pio: «Tatá, eu também não tenho dinheiro.»

Grazio: «Como é possível que não o tenhas? Se as pessoas chegam cá e te dão dinheiro até mais não poder.»

Padre Pio: «Isso é verdade, Tatá, mas esse dinheiro não é meu. Se queres partir, arranja o dinheiro para a viagem. Se não o conseguires, fica por cá.»

Grazio: «Vejam bem, que filho! Eu viajei por duas vezes até à América, onde ganhei qualquer coisa para o pôr a estudar, e ele responde-me que não tem o dinheiro necessário para eu ir até Pretapuccina.»

Grazio nunca faltava à Missa do Padre Pio e, quando as pernas lhe começaram a falhar, era levado de burro. No fim foi obrigado a ficar todo o dia deitado num divã do quarto. O Padre Pio ia vê-lo muitas vezes. Em Agosto de 1946, saindo pela porta da horta, acompanhado por alguns confrades, foi visitar o pai a pé. Mas o caminho do convento até casa de Maria Pyle estava cheio de pedras, e o Padre Pio, com os seus pés chagados, sofreu horrores. No fim da visita, disse ao pai, em tom brincalhão: «Meu tatá, agora tens de vir tu ter comigo, porque me magoei nos pés.»

Grazio morreu a 8 de Outubro desse ano. Quando o fim parecia iminente, o Padre Pio manteve-se sempre perto dele. Nos últimos quatro dias e quatro noites, nunca se afastou da sua cabeceira. Grazio estava contente por ver o filho. Só aceitava algumas colheres de caldo das suas mãos. Seguia-o amorosamente com o olhar, que se ensombrava quando o Padre Pio saía do quarto por alguns instantes.

Expirou nos braços do filho. Enquanto o corpo era transportado para a igrejinha, o Padre Pio seguia-o com os olhos velados de lágrimas, através de uma pequena janela, enquanto repetia, por entre soluços: «Tatá, meu tatá.»

Durante muito tempo, o Padre Pio continuou a chorar a partida do seu «tatá». Quando alguém ou alguma coisa lhe recordava o papá, os seus olhos enchiam-se de lágrimas. Certo dia, um confrade, vendo-o comovido enquanto pensava no seu papá, disse-lhe: «Coragem, pai espiritual.» O Padre Pio respondeu-lhe: «Sempre foi um pai que eu perdi!»

Grazio Forgione está sepultado no cemitério de San Giovanni Rotondo, na capela dos frades Capuchinhos.

As sepulturas dos pais do Padre Pio, sobretudo a da mãe, nunca ficaram sem flores. Isso deve-se ao facto de se ter difundido, entre os devotos do frade estigmatizado, a seguinte convicção: o Padre Pio não sabe resistir às súplicas de sua mãe, e a mãe do Padre Pio tem um coração cheio de ternura. Por isso, quando alguém desejava receber uma graça, e não conseguia obtê-la do Padre, ia ao cemitério, para rezar à sua mãe, e era certo que depois obteria aquilo que desejava. Ainda hoje se mantém esta convicção, e são sempre muitos os que vão rezar sobre a campa da mãe Peppa.

Com a morte de Grazio, quase toda a família do Padre Pio tinha partido. Em Fevereiro de 1941 perdera o cunhado, Vincenzo Masone, marido de Felicita; a 20 de Janeiro de 1944, a cunhada, Giuseppa Cardone, mulher de Michele; passado um mês, a 19 de Fevereiro, fora a vez da sua irmã, Pellegrina, que era casada com Antonino Masone. Restavam-lhe apenas a sua irmã freira, que vivia no convento, e Michele, o irmão, cinco anos mais velho do que ele.

O Padre Pio sempre tivera uma ligação fortíssima com Michele, desde pequenos. Agora essa ligação tornara-se ainda mais forte. Depois de enviuvar, Michele fora viver para San Giovanni Rotondo, onde a sua filha, Pia, se tinha casado com o professor Mario Pennelli. Deste modo, os dois irmãos podiam ver-se com frequência. Michele assistia todos os dias à Missa do Padre Pio e depois, se o irmão estava disponível, detinha-se no convento, para o saudar. Quando Michele adoeceu, o Padre Pio ia visitá-lo. O último encontrou deu-se a 12 de Junho de 1966. A partir de então, o Padre Pio, também cheio de achaques, deixou de poder sair do convento.

A morte de Michele, embora prevista pelas suas condições físicas, provocou uma grande mágoa ao Padre Pio. Seguiu as cerimónias fúnebres do seu lugar habitual, no coro da igreja. No fim do ritual religioso, com o rosto contraído pela dor, abençoou o caixão. Gherardo Leone, que assistiu ao funeral, escreveu o seguinte: «Visto de perto, o rosto do Padre Pio parecia inchado, e no seu olhar, tenso, quase ausente, viam-se lágrimas a brilhar.»

Para compreender melhor

Muitas vezes, nas biografias dos santos, sobretudo daqueles que deixaram o mundo para viver no mosteiro, lê-se que, ao entrar para a vida religiosa, se esqueciam do mundo. Com tais palavras, dá-se a entender que também tinham posto uma pedra sobre os seus sentimentos familiares.

Pode ter havido santos desse género, mas é bastante difícil. Tal comportamento é, antes de mais, fruto da fantasia dos biógrafos. Talvez lhes agrade pensar no religioso que transpõe a soleira do mosteiro, cortando com os afectos terrenos.

A realidade, porém, é muito diferente. A família é sagrada. Deus incluiu um mandamento preciso, no Decálogo, o quarto mandamento, que diz, peremptório: «Honra teu pai e tua mãe.» A Bíblia está cheia de exortações feitas aos filhos em favor dos pais. O comportamento de Jesus, referido nos Evangelhos, é emblemático. A sua mãe estava sempre presente a seu lado, até no momento da morte na cruz. O próprio João Paulo II afirmou que Jesus, depois da Ressurreição, terá certamente aparecido em primeiro lugar a sua mãe, embora os Evangelhos não o refiram.

A família constitui uma unidade fundamental para a Igreja, pertencendo, portanto, aos desígnios de Deus. «A família – afirma o Concílio Vaticano II – recebeu de Deus a missão de ser a primeira, e vital, célula da sociedade.»

«A família – escreveu João Paulo II – é a Igreja doméstica... O futuro do mundo e da Igreja passa pela família.»

O Padre Pio sempre foi um homem de família, ligado à família, defensor da família.

No princípio, a família foi, para ele, fonte de formação segura; tornou-se em seguida sacrário inacessível e protegido pela sua evolução espiritual; além disso, foi sempre ponto de referência dos seus afectos. Isto tanto se aplica à sua família «natural», como à sua família espiritual: o movimento das filhas espirituais, que mais tarde deu origem aos «Grupos de Oração», tem as características simples e precisas da família verdadeira, sã e concreta.

Esta sua visão foi incompreendida – e combatida –, durante muito tempo. Entretanto, ideologias traiçoeiras foram minando a família na sua concepção, fazendo-a vacilar, deturpando o seu sentido. Hoje, no limiar do ano 2000, tenta-se recuperá-la, mas não é fácil reconstruir o que foi destruído e, sobretudo, deturpado.

O Padre Pio deu, através do seu exemplo, uma indicação serena e precisa. Os afectos familiares constituem um património. São cultivados por serem fonte de salvação. O Padre Pio gostava muito de presidir a casamentos. Comovia-se quando encontrava um casal fiel.

João Paulo II escreveu ainda: «Tocamos aqui num valor e numa exigência que se referem não só aos jovens chamados ao matrimónio, mas também a toda a comunidade eclesial e

civil. Pensemos, em particular, na riqueza que a Igreja, e não só ela, pode receber de quantos se preparam para o casamento: a frescura e o entusiasmo do amor, o gosto pela beleza, o desejo do diálogo aberto e a esperança do amanhã são um dom para todos.»

O que ele disse

«Esforcemo-nos por nos ligarmos cada vez mais ao coração divino e ao coração da Mãe, para que possamos atrair cada vez mais as suas bênçãos sobre nós, sobre as nossas famílias e sobre as pessoas que trazemos no coração.»

«Imitemos o coração de Jesus, especialmente na dor, e assim nos conformaremos cada vez mais com esse coração divino para que, um dia, lá em cima no céu, também nós possamos glorificar o Pai celeste, ao lado daquele que tanto sofreu.»

«O verdadeiro servo de Deus é aquele que usa de caridade para com o próximo, que está decidido a fazer a vontade de Deus a todo o custo, que vive em profunda humildade e simplicidade.»

O que disseram acerca dele

Raoul Follereau: «O Padre Pio é uma mensagem viva de Deus. Ele é o benfeitor mais seguro da nossa humanidade sofredora.»

Monsenhor Ernesto Pisoni: «Como é possível falar do Padre Pio, sem sentir comoção? Pude estar algum tempo a seu lado, por imerecida disposição da Providência. Foi apenas por poucas horas, mas ainda trago no coração a nostalgia e a marca profunda do bem que recebi. O Padre Pio é o homem da graça, é-nos lícito referi-lo, sendo ele uma pessoa viva e santa. A santidade do Padre Pio é um dom concedido à nossa geração, à nossa época e à Igreja universal.»

18

Sozinho e encarcerado

(1929-1934)

Após dois parêntesis indispensáveis, dedicados à relação do Padre Pio com as suas filhas espirituais e ao seu imenso amor pela mãe e pela família, regressemos à crónica da sua vida.

Em 1929, os inimigos do Padre Pio, aqueles que há vários anos inventavam calúnias contra ele, tinham sido desmascarados.

Dois inquéritos eclesiásticos, o de 1927, com monsenhor Bevilacqua, e o de 1928, confiado a monsenhor Bruno, tinham demonstrado largamente que todas as acusações contra o Padre tinham sido inventadas por representantes indignos e corruptos do clero. Estes senhores foram imediatamente condenados por tribunais civis, e também pela própria Igreja. O arcebispo da Manfredonia foi destituído do seu cargo. Outros sacerdotes foram suspensos «a divinis».

Os castigos e as condenações eram a prova de que tudo o que tinham afirmado acerca do Padre Pio era falso. Assim, o Padre era inocente e as providências disciplinares tomadas a seu respeito careciam de justificação, por isso ele esperava uma reabilitação, que lhe cabia por direito.

Esta, porém, não foi feita, nem sequer imaginada. O Santo Ofício, indignado por ter sido constrangido, em certo sentido, a tomar providências contra eclesiásticos que estimava, intensificou o seu azedume em relação ao Padre Pio. Não dirigiu uma única palavra pedindo-lhe desculpa, visto que ele estava inocente. Pelo contrário, mantendo em vigor todas as restrições disciplinares levantadas desde 1923, reforçava, de facto, a condenação, dando a entender que o juízo da Igreja não se fundava sobre calúnias desmentidas, mas tinha motivações muito mais sólidas.

Os ditos e insinuações sobre o Padre Pio continuavam a «viajar». Em Agosto de 1929, certo jornal socialista, suíço, dedicou um artigo ao Padre, em que se lia, entre outras coisas, que «o tão conhecido Padre Pio foi acusado, encarcerado e condenado por delitos contra a moral». A notícia foi retomada por outros jornais, referida, repetida, citada. Era falsa, mas não houve quem a desmentisse.

O Padre estava entregue a si próprio. Condenado pelo Santo Ofício, não era defendido por ninguém, nem sequer pelos seus confrades, que não tinham interesse em entrar em conflito com as supremas e poderosas autoridades eclesiásticas.

Emanuele Brunatto e Francesco Morcaldi, que, como já vimos, se tinham batido com toda a generosidade, embora a seu modo, para defender o Padre, estavam fortemente desiludidos com a situação criada. Durante o inquérito Bevilacqua, tinham recebido promessas formais de que seria feita justiça. Contudo, o tempo ia passando, sem que nada acontecesse.

O Padre Pio tudo suportava com paciência, por amor de Deus. Eles, porém, simples leigos e cidadãos livres, não se sentiam nenhuns santos. Experimentavam uma grande raiva frente a tanta prepotência, e decidiram revoltar-se.

Os factos

Com o seu livro sobre o Padre Pio, assinado com o nome de Giuseppe De Rossi, Brunatto tinha conseguido que as autoridades eclesiásticas abrissem um inquérito na diocese da Manfredonia, graças ao qual tinham sido desmascarados os caluniadores do Padre Pio. Decidiu então publicar um novo livro, a fim de obrigar as autoridades competentes a «reabilitar» o religioso injustamente condenado.

Retirou dos seus cofres-fortes muitos outros documentos escaldantes, que não tinham sido incluídos no livro anterior. Acrescentou-lhes outros, recolhidos aquando do seu trabalho ao lado de monsenhor Bevilacqua, durante o inquérito sobre o clero da Manfredonia. Entregou tudo a Morcaldi, para que este o ordenasse num belo volume.

Os raciocínios, as negociações e a diplomacia não tinham

servido para nada. Era necessário passar aos actos: armar um escândalo, revelar a corrupção subjacente à perseguição do Padre Pio; demonstrar que os acusadores do Padre eram pessoas indignas, imorais e falsas, e que, além do mais, gozavam da protecção e da defesa das altas autoridades da Igreja.

Tratava-se, sem dúvida, de uma iniciativa nociva para a imagem da Igreja, e ainda por cima cobarde, pois tinha por fundamento a chantagem. Disso estavam bem cientes Brunatto e Morcaldi. Também sabiam que o Padre Pio os teria desaprovado e repreendido, como, aliás, viria a acontecer. Mas sentiam-se exasperados e feridos, e a sua decisão foi inamovível.

Morcaldi deitou mãos ao trabalho. O material de que dispunha era escaldante, até mesmo terrível, sob certos aspectos. O livro intitulava-se *Cartas à Igreja*. Ele e o seu amigo, Brunatto, não pretendiam atingir a Igreja, na sua essência divina, isso estava fora de questão. O escândalo visava derrubar alguns homens do seu pedestal. Com esta Carta, os dois amigos do Padre queriam «apelar» à Igreja, para que esta abrisse os olhos e examinasse o comportamento de alguns dos seus representantes mais autorizados.

Em poucos meses o manuscrito ficou pronto. Foi celebrado um contrato para a imprensa com uma tipografia de Lipsia, a Spamerske Buchdruckerei. Brunatto dirigiu-se a essa cidade alemã, a fim de supervisionar pessoalmente a impressão do livro.

No Verão de 1929 já teria sido possível dar início à distribuição do livro, mas, no último momento, os dois paladinos do Padre Pio pensaram duas vezes. A sua consciência cristã era mais sensível do que eles próprios poderiam imaginar. Decidiram esperar e tentar ainda a via diplomática.

Levaram todo o «stock» de livros impressos, os «clichés» e os documentos para uma cave situada em Monaco, da Baviera. Pegaram nalgumas cópias e enviaram-nas a cardeais e personalidades eclesiásticas, dizendo que o livro estava pronto para ser divulgado, se não fosse feita justiça ao Padre Pio.

As pessoas que leram o volume aperceberam-se que era verdadeiramente nocivo. No Vaticano, muitos viviam com a

respiração suspensa. Foi activado o mecanismo da diplomacia. Intervieram cardeais, o Geral dos Capuchinhos e até mesmo D. Orione. Morcaldi negociava com as autoridades vaticanas, Brunatto com o prefeito Arturo Bocchini, chefe da Polícia.

O Santo Ofício, porém, responsável pelas condenações do Padre Pio, mantinha-se alheio e indiferente a tudo. Ainda mais, a dado momento, num impulso imprevisto, passou ao ataque, quase como se quisesse intimidar aqueles dois temerários, que se atreviam a ameaçá-lo.

Após a transferência de monsenhor Pasquale Gagliardi, a diocese da Manfredonia, enquanto esperava a nomeação do novo arcebispo, era dirigida por um administrador apostólico: monsenhor Alessandro Macchi. Este, a 3 de Dezembro 1929, por ordem do Santo Ofício, apresentou-se no Convento de San Giovanni Rotondo, ordenando ao Padre Guardião que preparasse o Padre Pio para ser levado a Roma, no dia seguinte.

Escreveu no seu Diario o Padre Raffaele de Sant'Elia a Pianisi, então superior do convento de San Giovanni: «Monsenhor Macchi chegou à tarde. Esteve a conversar comigo durante muito tempo, no meu quarto: quase uma hora. A conversa foi dura, viva e resoluta, e mais firme do que nunca, da minha parte. Com todo o respeito que tinha pela sua cruz peitoral, não me dei por vencido. A última coisa que eu desejaria, seria meter, na madrugada seguinte, às primeiras horas do dia, o Padre Pio num automóvel, entregando-o ao bispo que o levaria para Roma, como se de um saco de palha se tratasse. Isto só de loucos...»

As negociações de Brunatto e Morcaldi com as autoridades eclesiásticas prosseguiram sem levar a nada.

Entretanto foi publicado um novo livro sobre o Padre Pio, um livro que deu muito que falar. Intitulava-se *Padre Pio de Pietrelcina, o Arauto do Senhor*. Era assinado por Alberto Del Fante, nome conhecido na época. Maçon e ateu, escrevia no jornal *Italia laica*, e já por várias vezes atacara o Padre Pio, definindo-o como «mistificador», «homem astuto, capaz de enganar as pessoas incrédulas e de entusiasmo fácil».

Todavia, acontecera depois um facto extraordinário, na vida do próprio Del Fante. Um seu sobrinho, a quem estava muito ligado, Enrico, tinha adoecido gravemente com abces-

sos nos rins e sintomas de tuberculose óssea e pulmonar. A criança estava em perigo de vida. Dois parentes seus foram ter com o Padre Pio e pediram-lhe a cura do menino. De regresso a casa, tinham dito que o Padre recomendava que ficassem tranquilos, pois «tudo acabaria em bem». Alberto Del Fante mostrava-se céptico, e disse que, se a criança fosse curada, ele próprio iria agradecer ao Padre Pio.

Com efeito, a criança curou-se de repente, de forma inesperada. Alberto Del Fante converteu-se e mudou de vida. Como sinal de reconhecimento, escreveu o livro sobre o Padre Pio, exaltando a sua figura.

Era um facto clamoroso, que comovera a opinião pública. O Santo Ofício, porém, não ficou contente. Interveio imediatamente e, através de um documento de 22 de Maio de 1931, proibiu a obra, decretando que esta «não podia ser impressa, nem lida, nem guardada, nem vendida, nem traduzida para outras línguas». Além disso, lembrou que continuavam vigentes «todas as declarações e instruções anteriores, relativas ao Padre Pio».

Mas o pior ainda estava para vir. No dia seguinte, o Prefeito do Santo Ofício, cardeal Donato Sbarretti, enviou ao Geral da Ordem dos Capuchinhos um «decreto» em que estava escrito: «Que ao Padre Pio de Pietrelcina sejam retiradas todas as faculdades do ministério sacerdotal, exceptuando apenas a faculdade de celebrar a Santa Missa, o que só poderá fazer dentro dos muros do convento, em privado, na capela interior, e não na igreja pública.»

Era uma autêntica condenação à morte civil. O Padre Pio ficava recluso no convento, sujeito a prisão domiciliária, sendo-lhe proibido o exercício de todas as suas faculdades sacerdotais, excepto rezar e celebrar Missa. Nem sequer podia confessar os seus confrades no interior do convento.

O Geral dos Capuchinhos transmitiu esta ordem ao Padre Provincial de Foggia. A 8 de Junho, a notícia chegou a San Giovanni Rotondo. Todos os religiosos ficaram estupefactos. A 11, o Padre Guardião dirigiu-se a Foggia, a fim de pedir esclarecimentos; a resposta que obteve, foi a seguinte: «A ordem deve ser respeitada.»

O Padre Raffaele, Guardião do Convento de San Giovanni

Rotondo, escreveu no seu *Diario*: «Lido o decreto, fui tomado por um sentimento de desânimo. Que fazer? Não podia deixar de transmitir a ordem ao Padre Pio. Tudo devia ser respeitado, para não parecermos rebeldes.

Enchi-me de coragem e, depois das Vésperas, enquanto o Padre Pio, como de costume, se mantinha no coro, a rezar, chamei-o à salinha, para onde se dirigiu imediatamente, e comuniquei-lhe o decreto do Santo Ofício, que o proibia de celebrar em público e de escutar as confissões, tanto dos fiéis, como dos religiosos. Ele, levantando os olhos ao céu, retorquiu: "Seja feita a vontade de Deus." Depois cobriu os olhos com as mãos, inclinou a cabeça e não disse mais nada.

Tentei confortá-lo, mas ele só procurou conforto em Jesus, suspenso da cruz, porque depois regressou ao coro para rezar, e aí ficou até depois da meia-noite.»

Alguns dias mais tarde, o Padre Raffaele escreveu uma carta ao Padre Geral, a fim de o informar de quanto estava a acontecer, e advogando a causa de uma possível revogação daquele decreto terrível: «Mal aquela disposição foi conhecida na região – escreveu o Padre Raffaele ao Geral – as autoridades locais temeram imediatamente pela ordem pública. E enquanto o Presidente da Câmara, recomendando toda a calma e confiança nos bons ofícios das autoridades responsáveis, se dirigia ao Prefeito, para lhe pedir que se interessasse por este caso junto da Santa Sé, o comandante da Polícia montava um serviço especial de vigilância permanente à volta do convento, e pedia reforços às esquadras vizinhas, para poder enfrentar possíveis sublevações.»

No dia seguinte, precisamente a 11 de Junho de 1931, teve início o cativeiro para o Padre Pio. Escreveu o padre a Raffaele: «O padre Pio celebra Missa na capelinha interior, tendo por único acompanhante o acólito; fica no altar durante mais de três horas.»

Um mês antes, o padre fora abordado por um jornalista, Alberto Spinie, do «resto del Carlino», que o descrevera assim: «figura muito alta e franzina, um pouco recurvada e muito elegante, usava luvas roxas nas mãos. Quando se virou revelou um rosto extremamente jovem, um pouco contraído, como que provocado por forte dor física, e dois grandes olhos,

perdidos por baixo de uma grande testa branca. O resto desaparecia sob a barba, mas bastam aqueles olhos e aquela testa, bem como aquele seu aspecto frágil e doloroso, para ser reconhecido.»

O Padre Agostino, confessor do Padre Pio, tendo tomado conhecimento do novo decreto, precipitou-se para San Giovanni Rotondo, a fim de confortar o seu discípulo: «Achei o Padre muito abatido», escreveu ele mais tarde. «Mal entrámos na sua cela, desatou a chorar. Eu próprio não consegui conter a minha comoção, e deixei-o chorar durante vários minutos. Depois falámos. O querido Padre disse-me que sentia profundamente aquela prova inesperada. Consolei-o como pude, lembrando-lhe que devia obedecer.»

Os amigos leigos do Padre Pio, em particular Brunatto e Morcaldi, foram tomados de surpresa. Julgavam poder dominar as autoridades eclesiásticas que perseguiam o Padre inocente, mas elas tinham respondido mostrando as garras. Além disso, quem tinha sofrido as consequências, como de costume, fora o Padre Pio.

Era preciso entrar em acção, procurar outro caminho para arrancar o Padre daquela terrível situação.

Francesco Morcaldi estava sozinho em Roma, porque Brunatto tinha tido necessidade de ir ao estrangeiro, para tratar de negócios. Sentia-se culpado de quanto acontecera. Censurava-se por não ter conseguido fazer mais pelo seu amigo Padre Pio.

Veio a saber que o doutor Giorgio Festa, um dos médicos que, em 1920, estudara os estigmas do Padre Pio, tinha preparado um livro sobre as suas investigações. O volume estava pronto, tendo sido escrupulosamente pesadas todas as suas argumentações. Escrito por um médico estimado e famoso, poderia ser de grande ajuda para a causa do Padre Pio. Contudo, o doutor Festa não o tinha publicado, devido à «hostilidade manifestada por algumas correntes cardinalícias e pelo Padre Gemelli».

Morcaldi decidiu dá-lo a conhecer, embora recorrendo ao engano. Contou ele: «Pedi ao doutor Festa que me desse a ler o manuscrito. Depois de muitos rogos e da promessa de segredo, o doutor Festa entregou-me o seu livro. Transformei o meu pequeno escritório em sala de escrita. Alguns dactilógra-

fos fizeram muitas cópias do manuscrito. Enviei uma delas a um pessoa de confiança, de Bolonha, que fez mais cópias. Devolvi o manuscrito e expedi as várias cópias para muitos cardeais e outras personalidades.

«Foi o fim do mundo, como eu já esperava. Em casa do doutor Festa choveram telegramas de parabéns e de protestos. O cardeal Gasparri, amigo do Padre Pio, pediu-lhe que publicasse imediatamente aquele estudo. Outros, porém, ameaçavam fazer represálias. O médico percebeu que eu tinha jogado um golpe baixo, e denunciou-me.»

Tinha ido pelos ares uma amizade de longa data, mas Morcaldi alcançara o objectivo pretendido. Nesta altura, o doutor Festa já não podia manter oculto o seu trabalho. No entanto, continuava a temer as consequências de uma eventual publicação. Disse que não tinha dinheiro para pagar as despesas de publicação. Morcaldi ofereceu-se para cobrir os custos. Não tinha um tostão, mas assinou um monte de letras de câmbio que mais tarde viria a pagar, à custa de muitos sacrifícios.

O livro foi publicado com o título *Entre os mistérios da ciência e as luzes da fé*, e produziu um efeito muito importante sobre a opinião pública. Era um suporte científico de grande valor, que confirmava a seriedade e a validade dos fenómenos verificados no Padre Pio.

Entretanto, Morcaldi ia percorrendo novos caminhos em favor da liberdade do Padre Pio.

Tinha conhecido várias pessoas, naquele período, entre as quais o Padre Saverio, dos Carmelitas Descalços, que era o confessor do cardeal Raffaele Rossi. Tinha-lhe contado a dolorosa história do Padre Pio, e o Padre Saverio, indignado, exclamara: «É preciso fazer qualquer coisa.»

Para demonstrar a validade de quanto afirmava, Morcaldi deu-lhe a ler a *Carta à Igreja*, bem como todos os documentos originais, publicados nesse livro.

Morcaldi teria podido entregar as cópias do livro e conservar consigo os documentos originais; teria sido uma atitude de prudência compreensível. Brunatto tê-la-ia certamente adoptado. Mas Morcaldi era um indivíduo ingénuo, confiante na Igreja, e nunca teria imaginado que um cardeal o pudesse enganar.

Era necessário agir rapidamente, a fim de libertar o Padre Pio o mais depressa possível. Os livros estavam na Alemanha. Perguntou então a quem deveria entregá-los. O cardeal Rossi respondeu que, para evitar que o material fosse inspeccionado na fronteira, seria bom entregá-los ao Núncio Apostólico da Baviera, e disse ainda que estava pronto a cobrir as despesas necessárias para o transporte. Morcaldi, magnânimo como sempre, respondeu que pagaria tudo sozinho, recusando qualquer subsídio.

Enviou a Monaco uma pessoa de confiança, e os livros, com os respectivos «clichés», foram entregues ao Núncio, que tratou do seu envio ao Santo Padre, em Roma, através da mala diplomática. Foi passado um recibo, como prova da entrega.

Mais complicada foi a entrega dos documentos originais. Estavam ao cuidado de pessoas amigas, mas desconfiadas. Estas tinham ordens para não os entregar a ninguém, a não ser com o consenso conjunto de Brunatto.

Morcaldi esforçou-se por convencer essas pessoas. Só cederam porque ele jurou que, após a entrega, o Padre Pio seria libertado.

Os documentos foram entregues ao Padre Saverio, na Igreja de São Pancrácio, em Roma, a 19 de Outubro de 1931. Também o Padre Saverio passou um recibo, seguido de uma carta em que confirmava que tinha passado todo o material para as mãos do cardeal Rossi.

Os amigos do Padre Pio, que estavam ao corrente da operação, ficaram à espera da libertação do religioso. Os dias iam passando, sem que nada acontecesse. Morcaldi pedia explicações, e o cardeal Rossi convidava-o a ter calma, porque «o prometido era devido».

Contudo, as promessas de libertação seguiam-se dia após dia, sem que alguma vez se chegasse a uma conclusão. A posição de Morcaldi tornou-se crítica. Os seus amigos começaram a duvidar dele. Chamavam-lhe traidor e vendido.

Entretanto, o Padre Pio passava os seus dias dedicando-se, sobretudo, à oração. Sofria terrivelmente naquela situação. Confiou ao seu superior: «Sou um prisioneiro inocente. Só

agora compreendo como e quanto são maiores as penas dos prisioneiros inocentes, em comparação com as que sofrem os verdadeiros prisioneiros, que o são por culpas cometidas.»

Porém, não se lamentava. Escreveu o Padre Raffaele, no seu *Diario*: «Nunca fez a mínima queixa durante os dois anos daquela dura prova; como de costume, mostrou-se sempre dócil, humilde, obediente e paciente com todos. Quantos procuravam, de algum modo, confortá-lo, nunca lhe ouviram uma queixa, nem a mínima revolta contra as autoridades: tratava-se, para ele, da vontade de Deus.

A sua maior mortificação era já não poder arrancar as almas ao pecado e conduzi-las, arrependidas, a Jesus; era já não poder guiar as almas já separadas do mundo, e que dele costumavam receber direcção espiritual...

Passava os seus dias entre a Missa, que durava duas ou três horas, e o resto no coro, a rezar, ou na biblioteca, onde lia continuamente livros dos Santos Padres. Nunca ia descansar antes da meia-noite. Quando se aproximava a hora de "Matinas", era ele que batia à porta dos outros religiosos, para se dirigirem à igreja, a fim de rezar o Ofício; só depois se retirava para descansar.»

Há um testemunho maravilhoso de Matteo Ricci, que nessa altura era um rapazinho. «Em 1931 – escreveu ele – eu tinha onze anos e era um dos acólitos que ajudavam o Padre Pio à Santa Missa.

«O Padre celebrava e eu assistia. Naquela bonita igrejinha, reinava o silêncio mais absoluto entre celebrante e acólito. A Santa Missa durava duas ou três horas. Imediatamente após o *Sanctus*, o Padre convidava-me a sentar e só me voltava a chamar passada cerca de uma hora. Em pequeno eu não conseguia entender tudo o que acontecia naquela hora de silêncio, mas uma coisa é certa: recordo-me que o Padre Pio sofria uma transformação. Alguns diziam que ele entrava em êxtase. Eu diria, pelo contrário, que entre o Padre Pio e o Senhor se dava uma comunicação intensa, que provocava no íntimo do primeiro uma luta contínua. Se eu tivesse mais alguns anos, talvez tivesse compreendido melhor aquela sua transformação, mas a minha simplicidade de rapazinho conseguiu fixar-se apenas na bondade, no amor e na fé intensa do Padre Pio,

sem suscitar em mim interrogações excessivas para a minha pouca idade.»

Os simples têm o privilégio de intuir a grandeza daquele santo, e de estar perto dele com o seu afecto e a sua compreensão, para atenuar nem que seja um pouco, os seus sofrimentos.

Outro testemunho importante provém de Cleonice Morcaldi, a filha espiritual predilecta do Padre Pio, que, durante aqueles anos, tentou ser para ele, uma piedosa Verónica.

Como todas as outras filhas espirituais, também ela estava impedida de comunicar com o pai, de se confessar a ele, de lhe falar. Sofria muito com tal situação. Gostava dele como de um verdadeiro pai. Para o Padre Pio, a separação também era dolorosa. Amava aquelas suas «filhas», e o facto de não as poder ver era para ele um grande sacrifício. No entanto, tudo suportava por amor de Deus.

De qualquer modo, as suas filhas espirituais tentavam manter a maior proximidade possível com ele. Queriam fazê-lo sentir que pensavam nele e que rezavam por ele. A única pessoa que se podia aproximar do Padre Pio encarcerado era Petruccio, um jovem cego de nascença, que estava quase sempre a seu lado. Foi através de Petruccio que Cleonice começou a enviar mensagens ao Padre.

«Certo dia – conta Cleonice nos seus *Diarios* – escrevi um bilhete ao Padre, tentando confortá-lo: "Não vos aflijais muito. Agora podeis estar mais perto de Jesus, podeis rezar mais." Ele respondeu-me com outro bilhete: "Reza, mas não penses que eu esteja contente. Farei a vontade de Deus, porém, deves saber que a missão do sacerdote é no altar e no confessionário."

Mais tarde escrevi-lhe outro bilhete, perguntando-lhe quanto tempo ficava no coro a rezar, à noite. Ele respondeu-me que ficava lá até por volta das onze. Voltei então a escrever-lhe: "Padre, enquanto estais no coro, a rezar, eu vou para o sótão, de cujas águas-furtadas posso ver o convento. Far-vos-ei companhia, rezando por vós e pelas vossas intenções."

O Padre gostou muito da ideia. Aceitou que eu ficasse a rezar até às onze e disse-me que, antes de se retirar para a cela, iria apagar a lanterna que se mantinha acesa em frente à

igreja. "Enquanto apago a luz," escreveu-me ele, "mando-te a minha bênção". Assim, todas as noites, passei a ficar no sótão, à espera que a luz se apagasse. Eu sabia que, naquele momento, o Padre estava a pensar em mim, e sentia-me feliz. Às vezes, porém, durante o Inverno, o nevoeiro escondia a lanterna, e então eu chorava, rezando para que o nevoeiro desaparecesse, o que ocasionalmente acontecia.

De Inverno, no sótão, sofria-se muito com o frio. A mãe mandava-me descer; repreendia-me, temendo pela minha saúde. Certa noite, Petruccio veio ter comigo, trazendo-me um bilhete escrito pelo Padre. Dei-o a ler à minha mãe: "A tua companhia é para mim de grande conforto; rezarei por ti." A mãe nunca mais me repreendeu por ficar à noite no sótão.»

Extraordinária «compaixão» entre as almas eleitas, sujeitas a um sofrimento injusto e absurdo.

O tempo ia passando. As promessas de libertação do Padre Pio continuavam a suceder-se, mas nunca se concretizavam.

Em Abril de 1932, Brunatto regressou do estrangeiro e tomou conhecimento do episódio dos documentos entregues ao cardeal Rossi por Morcaldi. Ficou furioso. Teve uma dura discussão com Morcaldi. Estava como uma fera ferida. Não tinha paz, por ter sido enganado daquele modo.

Nos primeiros dias de Agosto, teve de regressar a Paris, mas, antes disso, quis encontrar-se mais uma vez com Morcaldi; num enésimo acesso de fúria, disse-lhe: «Vai ter com os teus patrões e diz-lhes que ainda tenho muito daquele material para voltar a imprimir o livro, e ainda mais com que o acrescentar.»

Morcaldi correu à presença do cardeal Rossi e referiu-lhe a ameaça. Este ficou preocupado... e tinha razão para tal.

Durante a sua permanência em Itália, Brunatto continuara a remoer, na sua cabeça, pensamentos de vingança. Tinha engendrado um plano e, mal chegou a Paris, começou a pô-lo em prática. Entrou em contacto com outros amigos de confiança, expôs-lhes a dolorosa situação do Padre e pediu-lhes ajuda para poder resolvê-la. Discutiram longamente e, por fim, uniram-se, por meio de juramento, e entraram em acção.

Já ninguém os poderia parar. Os amigos italianos do Padre Pio estavam preocupados. Temiam que a intransigência e a

violência de Brunatto fosse nociva para a causa do Padre. Escreviam-lhe cartas, convidando-o a usar de prudência, e ele respondia com outras cartas, cheias de exaltação.

A 21 de Novembro de 1932, escreveu, de Paris, a Antonio Massa, amigo do Padre Pio: «Também tu estás a tornar-te timorato. A tua carta é mais uma prova da vossa estúpida falta de firmeza e da mentalidade mesquinha que induziu o melífluo Morcaldi a ceder, sem precisar sequer do prato de lentilhas, um património que tinha custado sacrifícios e dificuldades incalculáveis, aos burlões, aos sodomitas que se refugiam, ou pior, que triunfam, na Igreja de Cristo.

«Agora já não estou só. Para sustentar esta luta colossal, tive de me associar a outros amigos, de fidelidade comprovada, e de indiscutível valor jornalístico e político. Estamos ligados por um juramento sagrado, que teria as mais graves consequências para quem viesse a infringi-lo.»

«Lutero, a quem pretendeste equiparar-me, visava derrubar a Igreja de Cristo. Nós visamos purificá-la daqueles que a mancham e a violam. Nenhuma excomunhão poderá meter-nos medo. A universalidade dos fiéis julgará, à luz de documentos irrefutáveis.»

A carta imediatamente entregue ao cardeal Rossi dava uma ideia precisa de como evoluía a situação. O cardeal deu-a a ler aos seus colegas do Santo Ofício. Estes decidiram tentar uma mediação.

Tomaram conhecimento de que Brunatto tinha preparado um livro branco com o título de *Os Anticristos na Igreja de Cristo*, em cujo frontispício se lia: «Trezentos documentos originais, que desafiam toda a veleidade de contradição, constituem a estrutura deste formidável acto de acusação.»

O volume, impresso em cinco línguas pela Editora Aldana, em nome de John Willoughy, estava dividido em duas partes: os factos e os documentos. Esta notícia encheu de pavor os ambientes eclesiásticos romanos.

O livro foi apresentado à imprensa internacional, durante uma conferência grandiosa. Começaram a sair artigos em todo o mundo.

O grande escândalo tinha-se tornado inevitável. As autoridades eclesiásticas aperceberam-se que Brunatto não estava a

brincar. O próprio Papa Pio XI entrou em jogo, dizendo que era necessário negociar. Brunatto, porém, estava como um leão ferido, e não queria entrar em contacto com ninguém. Os purpurados do Santo Ofício decidiram jogar a cartada do Padre Pio. Ao Padre Pio, Brunatto nunca diria que não.

Foi convocado monsenhor Pasetto, bispo capuchinho, e enviado a San Giovanni Rotondo. O bispo quis fazer-se acompanhar de monsenhor Bevilacqua. Os dois prelados chegaram ao convento na noite de 14 de Março de 1933. Falaram com o Padre Pio e pediram-lhe que escrevesse uma carta a Brunatto. O Padre Pio disse que «infelizmente, é necessário convencermo-nos que, desse, pouco ou nada se deve esperar, se não se lhe fizer, de algum modo, justiça». Apesar de tudo, obedeceu: escreveu a carta e entregou-a aos emissários. A carta foi levada até Foggia e, da Casa Provincial dos frades Capuchinhos, expedida para Brunatto. Desta vez, porém, a jogada não resultou, sobretudo porque Brunatto compreendeu, imediatamente, que o Padre tinha sido constrangido, por dever de obediência, a escrever aquela carta. Na sua resposta precisou que não obedeceria, nem que a carta tivesse sido escrita livremente pelo Padre, pois estava convencido de se estar a bater por uma causa justa.

A carta de Brunatto tem a data de Paris, 4 de Abril de 1933. É endereçada ao Padre Pio.

«Venerado e amadíssimo Padre, recebi a sua carta datada de 28 de Março, de San Giovanni Rotondo, e expedida a 31 de Foggia, num sobrescrito que ostenta o meu endereço, batido à máquina pela Casa Provincial. Devo deduzir que se o Padre ma escreveu directamente, apesar da conhecida e cruel proibição, fê-lo porque lho ordenaram. É isso que me provoca ainda maior estupefacção: se tais ordens provêm da Casa Generalícia, é de ficarmos edificados ao ver que o Geral dos Capuchinhos, em vez de usar os seus direitos de pai, contra os perseguidores do próprio filho inocente, se associe aos espiões, para entregar a cabeça da vítima aos carniceiros.

Eu não hesito em qualificar como sacrílega tal acção, e ainda por cima inútil, pois, se pretendem o nosso silêncio, não serve de nada tentarem fazer chantagem, recorrendo ao nosso amor e à nossa veneração por vós, tal como foi em vão que fizeram ressoar aos nossos ouvidos todo o tipo de ameaças ri-

díçulas. O preço do nosso silêncio, o preço do livro é conhecido: a libertação do justo e o afastamento dos culpados. Frente a este acto de justiça, levanta-se um único impedimento: o diabólico orgulho dos juízes.»

A carta, como previra o Padre Pio, que tão bem conhecia Brunatto, não deixava margem para diálogo. Aos juízes romanos só restava a rendição.

A 23 de Junho, monsenhor Cesarano, arcebispo da Manfredonia, que já assumira funções há mais de um ano, decidiu dirigir-se a San Giovanni Rotondo, a fim de se encontrar com o Padre Pio. Já fora convidado mais vezes, mas nunca tivera tempo até então.

A 15 de Julho, chega o Padre Provincial a San Giovanni Rotondo. À noite, durante o jantar, informa a comunidade de que a prisão do Padre Pio tinha acabado. No dia seguinte, 16 de Julho, domingo, o Padre Pio volta a celebrar Missa na Igreja, na presença do povo.

Chegara ao fim o período de segregação. Brunatto, graças às suas ameaças e às suas chantagens, tinha conseguido a libertação do Padre. No entanto, apesar de tudo, ainda não foi desta vez que o Padre Pio foi «reabilitado».

O fim da segregação foi concedido como «graça» por ocasião do Ano Santo em curso. Para os juízes do Santo Ofício, o Padre Pio continuava a ser culpado, digno de castigo, mas a pena fora suspensa por uma intervenção gratuita.

Como se pode deduzir dos documentos, o Padre Geral tinha escrito ao Santo Ofício, pedindo «graça» para o Padre Pio. «Graça» por quê? Quem pede «graça» são os culpados, justamente condenados. Se esta foi pedida para o Padre Pio, isso significa, claramente, que ele era considerado culpado, apesar de todos os documentos produzidos. Tinha razão Brunatto, quando escreveu ao Padre: «Frente a este acto de justiça – ou seja, a libertação do justo –, levanta-se um único impedimento: o diabólico orgulho dos juízes.»

Os juízes do Santo Ofício cederam, por se verem obrigados a isso, mas não quiseram fazer justiça. Com efeito, na carta do Santo Ofício, enviada ao Padre Geral dos Capuchinhos, a 14 de Julho de 1933, lê-se o seguinte: «Esta Suprema e Sagrada

Congregração, tomando em benévola consideração o exposto, a pedido de vossa reverência, e tendo presente a celebração do Ano Santo extraordinário da Redenção, concede à Vossa paternidade a faculdade de permitir que o Padre Pio de Pietrelcina celebre a Santa Missa na Igreja do Convento de San Giovanni Rotondo, onde reside actualmente, e de o autorizar além disso a escutar as confissões sacramentais dos religiosos, fora da igreja.»

A «graça» consistia em poder celebrar Missa na igreja do convento, com a participação do povo, e em poder confessar os seus confrades religiosos. Nada mais. O Padre Pio continuava proibido de confessar pessoas exteriores ao convento. Além disso, foi enviada uma carta à parte ao Padre Guardião, onde eram recordadas todas as restrições já impostas ao Padre Pio, para que estas fossem escrupulosamente observadas. Ainda por cima, a clausura era alargada também à sacristia, de tal modo que as mulheres não tivessem acesso à mesma.

Eis, em termos gerais, as disposições disciplinares impostas ao Padre Pio:

Alargamento da clausura à sacristia.

A comunhão só deve ser distribuída às mulheres junto à balaustrada.

Nenhuma mulher se deve aproximar do altar.

O Padre Pio só pode sair do convento à hora da Santa Missa, e deve fazê-lo servindo-se sempre da escada interior.

O Padre Pio não deve falar com mulheres, nem dar-lhes a mão a beijar.

As mulheres não se podem manter no corredor da portaria nem no claustro, a não ser por necessidade.

Ninguém pode entrar no interior do convento antes da celebração da Missa, para saudar o Padre Pio.

As visitas ao Padre Pio devem ser raras e breves.

As Missas solenes devem ser celebradas pelo Superior, e nunca pelo Padre Pio.

É difícil falar de «libertação». Tratava-se, infelizmente, de uma pálida liberdade vigiada. Além disso, enquanto a notícia das condenações era sempre publicada com regularidade pelo «L'Osservatore Romano» – órgão oficial da Santa Sé, cuja autoridade era reconhecida pela imprensa de todo o mundo –

sobre a «pseudolibertação» o «L'Osservatore Romano» não publicou uma única linha e, por isso, mais nenhum jornal se referiu a ela.

Contudo, o Padre Pio sentia-se contente. Agradecia ao Senhor, pois sabia que Deus nunca Se esquece dos justos.

A 16 de Julho, voltou, portanto, a celebrar Missa na igreja do convento. As pessoas, ao vê-lo, ficaram surpreendidas e visivelmente comovidas. Algumas não conseguiram conter as lágrimas.

Pouco a pouco, o Padre Pio retomou a sua vida normal, embora limitada por todas as prescrições disciplinares que já referimos. Contudo, ainda teve de esperar mais um ano, antes de ser autorizado a confessar novamente. A faculdade de ouvir os homens em confissão foi-lhe concedida a 25 de Março de 1934; a de confessar as mulheres, a 12 de Maio de 1934.

Para compreender melhor

Este capítulo não precisa de explicações para ser entendido. Trata de assuntos delicados, mas a história foi mesmo assim. É inútil sobrevoá-la, como preferem fazer alguns biógrafos, para evitar deslustrar as acções de alguns eclesiásticos importantes. Ser demasiado rigoroso em relação às responsabilidades de tais eclesiásticos é igualmente infrutífero.

A atitude justa a manter, para agir com honestidade e compreender a situação, é a indicada pelo Padre Pio: fidelidade absoluta à Igreja, mesmo quando esta condena injustamente, mas também liberdade de raciocínio e de apreciação.

Vale a pena recordar aqui aquilo que escrevemos a propósito dos juízos do Padre Gemelli sobre os estigmas do Padre Pio. Aquele grande estudioso não tinha certamente nenhuma animosidade pessoal contra o Padre, mas, talvez por leviandade, causou-lhe um dano tremendo. Os juízes do Santo Ofício talvez estivessem preocupados apenas em defender a Fé e a Doutrina, como era seu dever. De qualquer modo, não se pode dizer que tenham agido da melhor forma. Talvez também eles tivessem caído naquela armadilha diabólica de que já falámos, a propósito do Padre Gemelli.

O que ele disse

Durante os anos de segregação, disse ao seu amigo, D. Giuseppe Orlando, referindo-se aos prisioneiros: «Bem-aventurados. Pelo menos, depois da sentença, sabem quantos dias, quantos meses, quantos anos devem ainda permanecer encarcerados. Podem contar as horas já passadas e as que ainda estão por passar. Mas eu...»

Uma velhota maltrapilha e trôpega, repetia com voz estridente: «Padre, Padre, deixa-me assistir à tua beatificação.» O Padre Pio deteve-se por um instante, fitou-a, divertido, e respondeu, com um sorriso: Bem, tentarei fazê-lo, o mais depressa possível.»

O Padre avançava com esforço por entre o povo. Certa mulher, estacou à frente do Padre Pio, com os braços no ar, e exclamou: «Padre, como sois belo!» E o Padre replicou, visto que ela lhe obstruía o caminho: «Então deixai passar este belo homem!»

O que disseram acerca dele

Cardeal Giacomo Lercaro: «Queriam colocar uma pedra de sepulcro sobre San Giovanni Rotondo, mas não o conseguiram, porque ali está o dedo de Deus.»

Papa João Paulo II: «Como religioso, o Padre Pio viveu generosamente o ideal do Frade Capuchinho, tal como viveu o ideal do sacerdote; por isso ainda hoje continua a oferecer um ponto de referência, pois nele encontraram um particular acolhimento e ressonância sacerdotal os dois aspectos que caracterizam o sacerdote católico: a faculdade de consagrar o corpo e o sangue do Senhor, e a de perdoar os pecados. Não foram, porventura, o altar e o confessionário, os dois pólos da vida do Padre Pio?»

19

A voz da esperança

(1935-1945)

A «libertação» do Padre Pio, ocorrida a 16 de Junho de 1933, foi mais festejada pelos inimigos do religioso do que por aqueles que lhe queriam bem.

O anúncio aos quatro ventos da notícia foi feito sobretudo para demonstrar, como as autoridades eclesiásticas que antes tinham castigado, agora se mostravam magnânimas, compreensivas e boas. Tinham concedido a «graça». Ninguém se referia ao facto de o Padre ter sofrido uma prisão injusta, pois estava inocente. Admitir isto teria significado reconhecer o próprio engano, e parece que o Santo Ofício, em toda a sua longa história, nunca tinha admitido que cometera um único erro.

Continuou-se portanto a considerar que o Padre Pio era um sujeito perigoso, indigno de confiança, que fora justamente condenado e ao qual fora concedida a «graça» por ocasião do Ano Santo especial, que se celebrava em 1933.

Foi por isso que os amigos do Padre, aqueles que gostavam dele, não falavam com entusiasmo de tal «libertação». Consideravam-na um «bluff», uma forma de mascarar a perseguição que continuava vigente. O Padre, com efeito, vivia entre grades de restrições, piores do que as barras de uma prisão. Estava sempre sob controlo, sob a ameaça de novas intervenções, no temor contínuo de se enganar. Todos se sentiam autorizados a dar-lhe ordens, a impor-lhe formas de comportamento, a que ele tinha de obedecer.

Só os anos da guerra trouxeram um pouco de descontracção. As tragédias que cobriam de sangue a Europa desviaram a atenção das autoridades eclesiásticas daquilo que se passava

na região de Gargano. Os jornais e a opinião pública tinham outros pólos de atracção. O Padre Pio pôde, durante esse período, dedicar-se às pessoas que recorriam a ele, em busca de ajuda espiritual e conselhos, sem que, de cada vez, houvesse alguém à espreita, pronto a armar um escândalo.

Este foi, portanto, embora por acaso, um período de relativa tranquilidade.

Os factos

Como já vimos, a pseudolibertação do Padre Pio consistia apenas na possibilidade de celebrar Missa na igreja, na presença do povo, e já não na capela privada, no interior do convento.

Ao Padre também fora concedido confessar os seus confrades, mas não podia confessar o povo, nem homens, nem mulheres. A sua missão específica, como hoje todos reconhecem, era, precisamente, a do confessionário. O Padre Pio sabia que tinha recebido sobretudo esse mandato de Deus, e sofria muitíssimo por não poder exercê-lo.

Devemos ter presente um detalhe psicológico bastante significativo e esclarecedor da situação. Um sacerdote só é proibido de confessar quando é considerado indigno de tal função, ou por não estar preparado para o fazer, ou por ter cometido pecados graves, sobretudo de tipo sexual, aproveitando-se do ministério da confissão. Assim, em tal situação, frente às pessoas, mas sobretudo frente ao clero, que estava bem ciente das regras do Direito canónico, o Padre Pio era considerado um sacerdote indigno, por ter cometido algum acto reprovável. Só pouquíssimas pessoas, aquelas que conheciam a fundo o Padre, podiam julgar de forma diversa, discordando de quem tinha estabelecido tais disposições. Para todos os outros, era essa a verdade, uma verdade que pesava enormemente sobre os ombros do Padre.

Ele teve de esperar mais oito meses para voltar a ter, finalmente, a possibilidade de confessar. Mas também nessa ocasião lhe foi concedido confessar apenas homens, sendo assim cruelmente reforçada a suspeita da sua «indignidade moral»,

frente às mulheres. Mais tarde, em Maio, chegou também a autorização de confessar as mulheres.

Agora eram os próprios confrades e superiores do Padre Pio que o mantinham sob tutela, não por maldade, mas por medo. Tinha-se instaurado um círculo vicioso. As condenações feitas ao Padre Pio recaíam também sobre o bom nome da Ordem. Por essa razão, os superiores Capuchinhos, para evitar outras intervenções do Santo Ofício, quase não deixavam o Padre respirar, e aplicavam as disposições vindas do alto com um rigor e uma severidade, que talvez superassem as próprias intenções de quem as tinha emitido.

A 5 de Maio de 1934, ocorria o onomástico do Padre Pio. Era costume nessa época, entre os Capuchinhos, festejar com uma certa solenidade tal acontecimento, e isso sempre se fizera, também para celebrar o Padre Pio, antes da condenação de 1931. Agora, que chegara a libertação, as suas filhas espirituais pensaram retomar o velho hábito.

Uma delas, que ensinava na escola primária de San Giovanni Rotondo, levou nessa manhã os seus alunos à Igreja, para assistir com eles à Missa celebrada pelo Padre Pio. A certa altura, fê-los entoar cânticos religiosos, ensaiados de propósito. O Padre Guardião, que estava a confessar, interveio gritando e interrompendo bruscamente aquela iniciativa que, segundo ele, poderia ter dado azo a críticas e castigos.

No fim da Missa, as pessoas, que eram muitas, foram proibidas de prestar homenagem ao Padre, beijando-lhe a mão.

O mesmo aconteceu a 25 de Maio, aniversário de nascimento do Padre Pio, e a 10 de Agosto, aniversário da sua ordenação sacerdotal.

No ano seguinte, 1935, os superiores decidiram manter, em relação ao Padre Pio, o mesmo regime de absoluta ignorância, tanto do onomástico, como do aniversário de nascimento. A 10 de Agosto daquele ano, porém, celebrava-se um aniversário particularmente significativo para o Padre: vinte e cinco anos de sacerdócio, ou seja, as «bodas de prata» sacerdotais: era por isso indispensável fazer uma grande festa: também esta foi proibida.

Certo jornal, talvez de forma provocatória, anunciou que, para festejar aquela data, haveria solenes manifestações em

favor do Padre. Os superiores assustaram-se, transmitindo às autoridades eclesiásticas que nada disso era verdade. Passada aquela data, a pessoa encarregada de enviar à Santa Sé «Relatórios bimestrais» sobre o Padre Pio, garantiu, como está escrito naquele documento, que no dia 10 de Agosto «houve grande afluência de fiéis, mais de oitocentas comunhões, mas nenhuma solenidade exterior. Nem cânticos, nem sons, nem beijos na mão depois da Santa Missa, como é costume fazer-se aqui, em semelhantes ocasiões. Alguns queriam cantar pelo menos o cântico do *Te Deum*, mas nem isso foi permitido». A Igreja «povo de Deus» festejou o Padre Pio, sacerdote há vinte e cinco anos, mas não a «Igreja-sinédrio».

Acrescente-se ainda que todos os dias chegavam dezenas de cartas, endereçadas ao Padre Pio, mas que ele não podia ler. Nas prisões, a censura faz uma leitura preventiva, e depois a correspondência é entregue ao interessado. Ao Padre Pio nem sequer isso era permitido. As cartas que lhe enviavam eram abertas e lidas pelo superior. Eram cartas de gente pobre, que via naquele religioso um fio de esperança, gente aflita por doenças, por dores, por sofrimentos intermináveis, que confiava as suas amarguras e desesperos àquele frade «marcado» por Deus. Para este «povo da dor submersa», bastava o pensamento de que a sua carta chegaria às mãos do «frade estigmatizado», para sentir conforto e orgulho. Mas àqueles pobres párias, também isso era recusado. O Padre Pio nem sequer «via» as suas cartas.

Ele, porém, ouvia os gritos de dor daquela multidão anónima, e do seu coração corria sangue. Não podia fazer nada. Restava-lhe apenas a oração, que era imensa, contínua e apaixonada por todos, em particular, precisamente, por aqueles anónimos que, ao escrever, lhe demonstravam tanto afecto e amor.

Era esta a «liberdade» do Padre Pio.

No entanto, era considerada excessiva e escandalosa pelos seus inimigos, que não tinham aceitado a derrota. Continuavam a enviar cartas com calúnias pesadas, na esperança de conseguirem abatê-lo definitivamente. As cartas, naturalmente anónimas, eram enviadas aos superiores do religioso e ao Santo Ofício, e acusavam o Padre, sobretudo, de não observar o voto de pobreza, aceitando e guardando para si ofertas de

dinheiro que recebia quando confessava os penitentes. Acusavam-no também de transgredir o voto de castidade, recebendo, à noite, visitas de mulheres.

Eram principalmente estas acusações que preocupavam os superiores do Padre Pio. E como as cartas anónimas eram contínuas e numerosas, os superiores submetiam o Padre a interrogatórios humilhantes. «Posso jurar», dizia o Padre Pio, «que nem eu, nem os meus confrades, abrimos alguma vez, durante a noite, a porta da igreja ou do convento para deixar entrar mulheres: creio que ninguém poderá testemunhar, com certeza, ter visto isso com os próprios olhos».

As acusações, porém, eram detalhadas, incluindo indicação de lugares, horas e circunstâncias, e também nomes de pessoas.

O Superior do convento, Padre Raffaele de Sant'Elia a Pianisi, que era amigo do Padre Pio, sofria ao receber aquelas cartas. Tinha-se proposto esclarecer o assunto. Com a ajuda de um seu confrade, à noite, selava, às escondidas, com tirinhas de papel, as portas do convento e da igreja. Se as portas fossem abertas, aquelas tirinhas tão finas rasgar-se-iam, e ele ficaria ciente do caso.

Além disso, no coração da noite, levantava-se ao mínimo ruído suspeito, e ia ver o que se passava. Fez isto durante meses e meses, mas sem nunca conseguir descobrir nada. Ele próprio o afirmou, num testemunho que deu sob juramento: «À noite, tanto de Verão, como de Inverno, descalçava as sandálias e assim, descalço, fazia ronda ao convento, a ponto de ter apanhado um bom catarro brônquico, do qual, infelizmente, ainda hoje sofro as consequências. Este trabalho durou muito tempo, e posso afirmar, com a consciência segura, e sob juramento, que nunca, nem eu nem os outros religiosos que me ajudavam neste controlo, notámos o mínimo episódio inconveniente. Nunca deparei com as tiras de papel rasgadas.»

Havia, além disso, as acusações relativas aos confrades do Padre Pio. As cartas anónimas diziam que os religiosos do Convento de San Giovanni Rotondo faziam negócio com as gazes ensopadas em sangue que o Padre usava para ligar os estigmas. Também estas acusações estavam bastante difundidas, e eram tão insistentes, que o Padre Provincial teve de in-

tervir através de disposições, prescrevendo penas pesadíssimas para quem desobedecesse.

A 29 de Agosto de 1936, o Padre Provincial, Bernardo d'Apicella, escreveu ao Padre Guardião de San Giovanni Rotondo: «Serve a presente para vos dizer que, daqui por diante, fica proibido a todos os burgueses de entrar, por qualquer motivo, na cela do Padre Pio. Assim se ordena a Vossa paternidade que mantenham fechados à chave os panos já utilizados pelo Padre Pio. Este, mal os tenha tirado, deverá metê-los na gaveta da mesinha-de-cabeceira.

«Recordo que os nossos sacerdotes, que tenham entregado a alguém, contra a nossa absoluta proibição, panos ou outro objecto utilizado pelo Padre Pio, ficarão *ipso facto* suspensos *a divinis*; por outro lado, os irmãos leigos que o fizerem, serão proibidos de receber a Santíssima Comunhão.»

Era neste clima de suspeitas e proibições que vivia o Padre Pio, depois de ter sido «libertado» da segregação absoluta. Ele procurava manter-se alheio a tudo, rezando e suportando a situação. Certo dia disse ao Padre Agostino, seu confessor: «Basta-me o testemunho da boa consciência frente a Deus. Procuro, por isso, cumprir o meu dever, agradar ao Senhor e fazer bem às almas.»

Além disso, também perdoava. «Nunca me passou pela cabeça – confiou ele ao seu confessor –, a ideia de qualquer tipo de vingança. Tenho rezado, e continuo a rezar, pelos meus acusadores. Às vezes até tenho dito ao Senhor: "Se, para os converter, for preciso uma chicotada, dá-a também, Senhor, contando que se salvem".»

Por sorte, a 2 de Maio de 1939, foi eleito o Papa Eugenio Pacelli, que tomou o nome de Pio XII. Mal subiu ao trono de Pedro, Pacelli ordenou à Cúria romana: «O Padre Pio deve ser deixado em paz». Por esses dias, tinha confiado a um jornalista: «O Padre Pio é um grande santo e desagrada-nos não poder dizê-lo publicamente.»

O Papa Pacelli tinha uma irmã, Maria Teresa Pacelli Gerini, que era devota do Padre Pio, e ia com frequência a San Giovanni Rotondo. Tinha certamente contado ao seu irmão as dolorosas experiências do Padre, e Pio XII sempre o defendeu. Como testemunhou a irmã Pasqualina, religiosa alemã e se-

cretária pessoal de Pacelli, em várias ocasiões, Pio XII apelidou o frade estigmatizado de «salvação de Itália».

Tinha chegado, portanto, um Papa, que gostava do Padre Pio, e agora este podia, pelo menos até certo ponto, dar um suspiro de alívio.

A afluência de pessoas a San Giovanni Rotondo era sempre elevada. Estávamos em vésperas da Segunda Guerra Mundial, e as pessoas tinham medo.

Entre os vários visitantes daquele período, contou-se Odoardo Spadaro, o célebre cantor, realizador e actor, autor de *La carrozzella*, *La mandi un bacione a Firenze*.

Spadaro foi visitar o Padre Pio, acompanhado pelo Padre Carlo Naldi, capelão das prisões florentinas e amigo do frade. «Chegados ao convento – escreveu o Padre Naldi –, dirigimo-nos ao coro, onde o Padre Pio estava a rezar, envolto na sua capa. Chamei-o. Ergueu a cabeça e sorriu-me, contente. Invadiu-nos uma onda de perfume. Odoardo desatou a soluçar, profundamente tocado, emocionado. Passado pouco tempo, o Padre levantou-se e saímos do coro. Apresentei-lhe Spadaro. O Padre Pio perguntou: "E a sua mulher?", como se soubesse que Odoardo tinha mulher, e que esta devia vir com ele. Ficámos fora o dia seguinte; de manhã assistimos à Missa, e Spadaro comungou.»

No convento, durante aqueles anos, abordava-se, com frequência, em conversa, o tema da guerra. Os frades perguntavam ao Padre Pio como esta acabaria, e ele falava sempre de derrota para a Itália. Mesmo quando as acções militares alemãs pareciam pôr exércitos e povos adversários em debandada, ele afirmava, decidido, que Hitler não venceria.

A um bispo capuchinho, que lhe apresentava a evidência contrária dos factos, replicou: «Excelência, nós não venceremos e, se vencêssemos, a vitória ser-nos-ia dada como castigo.»

Eram duros os seus juízos sobre Hitler e Estaline: «São dois diabos. Nero, ao lado deles, não passava de um pecadorzeco qualquer.»

Certa noite de 1939, o Padre Pio estava com os seus confrades, que falavam, precisamente, da guerra. O assunto era a es-

tratégia militar da Alemanha. Um deles disse que os alemães deveriam ter a mais brilhante vitória militar. O Padre Pio, que era de opinião contrária, replicou: «Não é possível que eles vençam, pois Hitler é manifestamente contra o Papa, e é um defensor fanático da religião do sangue.» Tal como os antigos profetas, apontava, sem temor nem hesitação, como causa da derrota, a atitude de aberta oposição a Deus.

Em 1941, à mesa, comentavam o ataque do Japão à base americana de Pearl Harbour, e os frades diziam que os Estados Unidos seriam vencidos. Como se sabe, naquele tempo a aliança era entre a Alemanha, a Itália e o Japão. O Padre Pio retorquiu: «Nós não venceremos. Eu não vejo por que carga de água havia de chegar à vitória quem se opõe ao Papa e blasfema em público contra a Virgem.»

Em 1942, quando as tropas italianas e alemãs perderam a cidade de Tobruk, na Cirenaica, o padre comentou o facto com os seus confrades. Mostrou-se categórico: «Já não reconquistaremos Tobruk nem a Cirenaica. Em seguida bateremos em retirada até Bengasi... depois até ao deserto... depois até Trípoli... depois até à Sicília e finalmente até à Itália.»

Os confrades riam e pensavam que ele estava a exagerar, por causa da aversão que sentia por Hitler. No dia seguinte, um deles perguntou-lhe: «Sofreremos realmente as desgraças de que falaste ontem à noite?» O Padre Pio, assumindo um ar sério, respondeu: «Infelizmente, tudo isso acontecerá, e algumas coisas ainda piores.»

Contou o Padre Carmelo Durante: «Certo dia li no jornal que a frente alemã já se dirigia para Moscovo. Vi naquela notícia o fim da guerra. Dirigi-me ao Padre Pio, e disse-lhe: "Padre, a guerra acabou e a Alemanha venceu." "Quem to disse?", perguntou ele. "Li no jornal." E o Padre Pio replicou: "Recorda-te que, desta vez, a Alemanha perderá a guerra, sairá mais derrotada do que da outra vez." Ao que eu retorqui: "Os alemães já estão perto de Moscovo." E ele: "Lembra-te do que eu te disse." Acrescentei: "Se a Alemanha perder a guerra, quer dizer que também a Itália a perderá." E o Padre Pio: "Primeiro é preciso ver se a terminaremos juntos".»

Noutra ocasião, o Padre disse, explicitamente: «A Itália perderá a guerra por misericórdia de Deus, não pela sua justiça.» Um seu confrade contrapôs: «Mas, Padre, como é possível

perder a guerra por misericórdia, e não por justiça?» E ele: «A Itália perderá a guerra por misericórdia de Deus, porque, se a vencesse com a Alemanha, os alemães, terminada a guerra, calcar-nos-iam aos pés.» E, enquanto falava, bateu fortemente no chão, com o pé direito.

Durante uma manifestação na Piazza Venezia, em Roma, algumas mães ofereceram os seus filhos pequenos ao Duce. Amargurado, o Padre Pio comentou: «Trata-se de um pecado grave. Os filhos oferecem-se a Deus, não a um homem. Já verão para onde ele os conduzirá. E Mussolini pagará caro.»

Durante aquele período, o Padre Pio era muito consultado pelas pessoas sobre a sorte dos soldados que estavam na frente de batalha. Muitos destes, também devido às dificuldades objectivas de comunicação, por causa dos lugares em guerra onde se encontravam, não davam notícias às famílias. Mães, jovens esposas e noivas faziam longas viagens, levando a fotografia ou algum objecto pessoal dos seus entes queridos, a fim de pedir ao Padre Pio uma palavra de esperança ou uma boa notícia.

O Padre procurava contentar a todos. A dor das pessoas comovia-o.

As suas respostas tinham o sabor de um responso mágico. Assemelhavam-se, na prática, aos responsos dos cartomantes ou dos médiuns. Também ele tocava a fotografia do jovem sobre quem lhe pediam informações, fitava-a, concentrava-se e depois dava a resposta.

Contudo, embora o ritual pudesse parecer igual ao utilizado pelos magos, a fonte informativa a quem as pessoas se dirigiam era certamente diferente. O Padre Pio procurava notícias através do mundo sobrenatural, recorrendo, sobretudo, ao Anjo da Guarda.

Tinha uma grande confiança no Anjo da Guarda. Já o evidenciámos noutras partes deste livro. Ele acreditava cegamente em tudo quanto a tradição cristã sempre ensinou sobre este tema, ou seja, que a cada ser vivo, desde o momento do seu nascimento, Deus dá um anjo da «guarda», como «guia» e «inspirador». Em 1915, quando o Padre ainda era muito novo, escreveu a uma sua filha espiritual: «Como é consolador saber que perto de nós está um espírito que, desde o berço ao tú-

mulo, nunca nos deixa um instante, nem sequer quando nos atrevemos a pecar.»

O Anjo da Guarda dava-lhe informações precisas. «É-me garantido neste momento, pelo Anjo – escreveu ainda à mesma filha espiritual –, que uma vossa carta partiu ao meu encontro. O Anjo também me diz que essa carta me provocará uma dor agudíssima.»

«Falar dos Anjos era tão normal para o Padre Pio, como conversar sobre assuntos domésticos ou contar histórias de viagens», comentou o Padre Alessio Parente, que viveu durante muito tempo ao lado do frade de Pietrelcina. «Falava deles como se fala de pessoas queridas, vivas, amigas, membros de um grupo em que todos se conhecem e entreajudam. Mais do que devoção, o que ele sentia pelo Anjo da Guarda era familiaridade, intimidade, colaboração franca e intensa.

Ao seu Anjo da Guarda confiava as missões mais estranhas, mais delicadas e mais absurdas, e o Anjo resolvia-lhas. De princípio eu mostrava-me incrédulo, mas, a pouco e pouco, tive de constatar que o Padre tinha razão.

Muitas pessoas, sabendo que eu estava perto do Padre Pio e podia falar-lhe, escreviam-me cartas, confiando-me os seus problemas e pedindo-me que os referisse ao Padre. Por vezes tratava-se de coisas urgentes. Assim, certo dia, perguntei ao Padre Pio: "Se eu tiver necessidade das vossas orações com uma certa urgência, que devo fazer?" Ele respondeu-me: "Se tu próprio não puderes vir ter comigo, manda-me o teu Anjo da Guarda, com a mensagem." As suas palavras foram precisamente estas: "Manda-me o teu Anjo da Guarda com a mensagem." Disse-o com a maior naturalidade, como se o Anjo da Guarda fosse um meu criado invisível, de quem eu pudesse dispor à vontade.

Tal facto fez-me impressão. Convivendo com ele, dei-me conta de que repetia muitas vezes aquela frase. Quando passávamos por entre a multidão, muitas pessoas tentavam confiar-lhe os seus problemas. Falavam todas ao mesmo tempo e era frequente o Padre não conseguir entendê-las. Então dizia: "Manda-me o teu Anjo da Guarda."

Talvez alguns não conseguissem compreender o significado preciso daquela frase, mas os seus filhos espirituais enten-

diam. Sabiam que aquela frase tinha um significado concreto, precisamente o mesmo que as palavras exprimiam. E serviam-se dela com uma confiança cega, obtendo aquilo que desejavam, como pude constatar por várias vezes.

Certo dia, por volta das duas e meia da tarde, eu estava sentado perto do Padre Pio, na varanda do convento. Os outros confrades estavam nos seus quartos porque, no convento, àquela hora era obrigatório fazer silêncio antes da oração de Vésperas. À nossa volta não havia vivalma. O Padre Pio rezava o terço.

Eu tinha muitas coisas a pedir ao Padre, em nome das pessoas que me tinham escrito, e parecia-me que aquele era o momento propício. Aproximei-me, segurando na mão uma carta, e disse-lhe: "Padre, a senhora B. R. pede-vos um conselho sobre o seu trabalho. Já tem uma boa ocupação, mas recebeu uma oferta melhor de outra firma. Pergunta se deve aceitar." Fiquei à espera da resposta, mas, para minha grande surpresa, o Padre não respondeu. Passado pouco tempo, exclamou, em tom de reprovação: "Olha lá, não vês que tenho mais que fazer? Deixa-me em paz."

Fiquei mal. "Que estranho", pensei para comigo. "Põe-se ali sentado, a desfiar o terço, e diz que tem mais que fazer. Bah!" Deixei-me ficar ali à parte, em silêncio, sentindo-me mortificado e continuando a remoer aquela frase, pois não estava absolutamente nada convencido de que ele "tivesse que fazer". Recitava o terço, como sempre, mas teria podido interrompê-lo por um instante, a fim de me escutar.

O Padre Pio deve ter "ouvido" os meus pensamentos. Passados poucos minutos, voltou-se para mim, irritado: "Não viste todos aqueles Anjos que estavam aqui à minha volta? Eram os Anjos da Guarda dos meus filhos espirituais, que vinham trazer-me as suas mensagens. Eu tinha de lhes confiar as respostas a dar." "Pai espiritual," respondi, "eu não vi absolutamente nada, mas acredito em vós porque sinto, quando estamos no meio da multidão, que vós aconselhais as pessoas a enviar-vos os seus Anjos da Guarda". Olhou-me com olhar sereno e acrescentou: "Vamos lá a ver o que me queres pedir." Expus-lhe os meus pedidos, deu-me as respostas devidas e voltei para o meu lugar. Ele retomou a oração.»

Todas as pessoas que tiveram a possibilidade de viver ao lado do frade com estigmas fizeram a mesma experiência referida pelo Padre Alessio. O Anjo da Guarda era, para o Padre Pio, um informador precioso. E o Padre recorria muitíssimo a ele, durante aqueles difíceis anos de guerra.

Cleonice Morcaldi, a filha espiritual predilecta do Padre Pio, tinha um sobrinho na guerra, Giovannino. Contou ela: «Foi feito prisioneiro e já há um ano que não recebíamos notícias dele. Já pensávamos que estava morto. Os pais estavam loucos de dor. Era o seu primogénito. Certo dia, a mãe lançou-se aos pés do Padre, que estava no confessionário, e implorou-me: "Dizei-me se o meu filho está vivo. Eu não me afasto dos vossos pés se não mo disserdes." O Padre Pio comoveu-se e, com o rosto lavado em lágrimas, ordenou: "Levanta-te e fica tranquila."

O meu coração não podia suportar o pranto angustiado daqueles pais, e alguns dias mais tarde decidi pedir um milagre ao Pai. Cheia de fé, disse-lhe: "Padre, eu vou escrever uma carta ao meu sobrinho Giovannino, pondo no envelope apenas o seu nome, pois não sei para onde hei-de endereçá-la. Vós e o vosso Anjo levai-a até onde ele se encontra."

O Padre Pio não respondeu. Escrevi a carta e, à noite, antes de me deitar, pousei-a na mesa-de-cabeceira. Na manhã seguinte, para minha grande surpresa, estupefacção e quase medo, vi que a carta tinha desaparecido. Comovida, agradeci ao Padre, que me replicou: "Agradece antes à Virgem." Passados quinze dias, na minha família chorava-se de alegria e agradecia-se a Deus e ao Padre Pio: tinha chegado uma carta de resposta à minha missiva, da parte de Giovannino, que já julgávamos morto.»

Gigino Degli Cari, pertencente a uma família de benfeitores dos Capuchinhos de San Giovanni, tinha sido enviado para a frente grega, e há tempos que ninguém recebia notícias dele. Uma das suas irmãs, Raffaella, foi ter com o Padre Pio para lhe pedir orações. O Padre disse-lhe que ficasse tranquila porque Gigino estava salvo.

A família Degli Cari, confiando nas palavras do Padre, tinha-se reanimado. Contudo, terminada a guerra, quando já quase todos os soldados prisioneiros tinham regressado a

casa, e de Gigino, pelo contrário, ainda ninguém recebera notícias, a preocupação tornou-se premente. Em Maio de 1945, Raffaella foi ter de novo com o Padre Pio: «Padre, como é possível que todos os soldados tenham regressado a casa, mas Gigino, nada?» O Padre respondeu: «Abri o coração à esperança, pois dentro de poucos dias Gigino estará convosco.» A 29 de Junho de 1945, ao princípio da tarde, Gigino já estava com a família.

Certa senhora tinha procurado o Padre Pio, desesperada, porque o marido, poucos dias depois do casamento, tinha sido obrigado a embarcar num cruzador, com destino à Grécia. Pelos jornais tinha sabido que, durante a viagem, aquele cruzador fora torpedeado pelos Ingleses. O Padre animou-a: «Acalmai-vos, dentro de dias recebereis uma boa notícia.» Alguns dias mais tarde, o marido da senhora telefonou de Inglaterra, dizendo que tinha sido recolhido pelo submarino que torpedeara o cruzador, e que se encontrava bem.

Caterina Palmarelli, de Reggio Calabria, deu o seguinte testemunho, por escrito: «No Verão de 1942, dirigi-me ao Padre Pio, para lhe pedir notícias do meu noivo, que estava na frente jugoslava. O Padre Pio garantiu-me, com uma convicção extrema: "Ele regressará." No ano seguinte, o meu noivo escapou ao fuzilamento e acabou por chegar à Itália, vindo de Spalato.»

Luisa Viro era uma senhora italo-inglesa, conhecida, nos anos trinta, nos melhores salões da Europa. Bela, rica, fascinante, levava uma existência frívola. Alguém lhe tinha falado do Padre Pio, e ela tinha ido a San Giovanni Rotondo, por curiosidade. Contudo, a personalidade do Padre mudara a sua vida, e aquela senhora acabou por se instalar ali, pois não conseguia viver longe dele.

Tinha um filho, oficial da Marinha britânica. Certo dia, leu nos jornais que o navio em que o seu filho tinha embarcado fora afundado, e que muito marinheiros tinham morrido. Chorando pela sorte do filho, correu até junto do Padre Pio e contou-lhe o que tinha lido. Ele inquiriu: «Mas quem vos disse que o vosso filho está morto?» E deu-lhe a direcção exacta onde o filho se encontrava. Ela escreveu para lá e, passados alguns dias, obteve a resposta.

Porém, nem sempre a resposta do Padre Pio podia ser alegre. Por vezes a realidade crua era dramática, e então o Padre procurava mitigá-la, pois sentia o coração dilacerado, por fazer sofrer mães, esposas e noivas. «Vai, reza e abandona-te a Deus», dizia ele.

Um senhor que se estava a confessar ao Padre Pio, pensava numa pergunta que gostaria de lhe fazer, mas não se atrevia a tanto. Tinha a ver com a salvação eterna de algumas pessoas da sua família, que tinham morrido durante um bombardeamento. «Essas estão salvas», disse o Padre Pio, respondendo à pergunta que aquele senhor tinha no coração, mas que não tinha tido a coragem de lhe fazer.

Certo sacerdote aproximou-se do Padre, na sacristia, enquanto este despia os paramentos sagrados, depois da celebração da Missa. Tirou à pressa do bolso algumas fotografias e mostrou-lhas. Antes de conseguir fazer-lhe a pergunta, ouviu a resposta: «Nenhum dos dois, ou antes, dos três, continua na terra.» O sacerdote apercebeu-se então que tinha mostrado ao Padre duas fotografias, mas que, na realidade, tinha trazido três; uma ficara no bolso.

Uma senhora tinha perdido o marido e receava que este estivesse no Purgatório. Desejava perguntar qualquer coisa ao Padre, mas não tinha coragem. Fitando-a com um sorriso, o Padre disse-lhe, peremptório: «Mas ele está no Paraíso.» Tranquilizou, sem hesitar, uma sua filha espiritual, que perdera o pai: «Ele está no céu. A sua alma passou pelas minhas mãos.» «Mas ele não era crente...», balbuciou a jovem. «Por vezes – replicou o Padre – basta uma lágrima de arrependimento.»

Elvira Giancarli, de Lucca, escreveu este seu testemunho: «O meu irmão era major do segundo Regimento de Alpinos, Divisão Giulia, e, durante a última guerra, foi enviado para a Rússia com os seus soldados. Eu rezava todos os dias ao Padre Pio, para que o ajudasse e obtivesse do Senhor o seu regresso a casa, com os seus soldados. Após muitas peripécias, regressou à Itália. A primeira coisa que fez foi dirigir-se a San Giovanni, para agradecer ao Padre Pio. Mal o viu, no meio da multidão, o Padre disse-lhe: "Mas eu conheço-te; sim, conheço-te, assisti-te sempre enquanto estiveste na Rússia".»

Quando o Sul da Itália foi libertado pelos Aliados, a San Giovanni Rotondo começaram a chegar também soldados in-

gleses e americanos. Tinham ouvido falar do frade com estigmas, e todos queriam vê-lo.

Nas bases aéreas militares de Foggia e de Bari, corriam notícias estranhas. Alguns pilotos diziam que, durante as suas missões aéreas, sobre o Gargano, tinham visto em frente do seu avião a figura de um frade com os braços abertos, quase como se quisesse impedi-los de passar. Então os seus aviões, sem que ninguém lhes tocasse nos comandos, tinham mudado de rota. Tendo regressado a terra, assustados, aqueles pilotos tinham contado a sua incrível experiência, e alguém lhes falara do Padre Pio. Dirigiram-se então a San Giovanni Rotondo e, ao ver o Padre, reconheceram nele o misterioso frade que tinha obrigado os aviões a mudar de rota.

Estes relatos, feitos por vários pilotos, impressionavam quem os ouvia, e muitos soldados, de várias nações e de religiões diversas, acorriam a San Giovanni Rotondo.

Quatro oficiais americanos, protestantes, chegaram de Foggia, acompanhados por um intérprete. O Padre, passando junto a eles, deteve-se para lhes falar. Exprimia-se em dialecto, como sempre. Fazia perguntas, e os soldados respondiam, felizes. No fim da conversa, inclinaram-se, reverentes, e beijaram-lhe a mão. Quando o Padre se afastou, voltaram-se para o intérprete, e exclamaram: «Que bem fala, o Padre Pio, a língua americana.» O intérprete fitou-os, estupefacto, pois só tinha ouvido ao Padre expressões do seu dialecto.

Através de numerosíssimos testemunhos, recolhidos nos anos seguintes, chegou-se à conclusão que, durante a guerra, se verificaram, por toda a Itália, episódios inexplicáveis, associados à figura do Padre Pio. Bombas que não explodiam, junto a pessoas recolhidas em oração frente à fotografia do Padre. Um enorme projéctil, lançado de um avião, depois de ter feito ruir cinco pisos de um palácio, acabou por aterrar suavemente no solo, perto de uma fotografia do Padre. Muitos afirmavam que a sua vida tinha sido salva graças à fotografia do Padre, que traziam na carteira.

Alguns destes episódios foram contados ao Padre Pio, que sorria, divertido. Certo dia, o Padre Guardião exortava-o a não dar crédito às ameaças dirigidas por alguns dos seus inimigos, que diziam querer matá-lo. O Padre, sorrindo, respondeu-lhe:

«Mas julgas, por acaso, que eu ando com a fotografia do Padre Pio no bolso, para me proteger?»

Entre os peregrinos que, durante a guerra, tomaram o caminho de San Giovanni Rotondo, contavam-se também muita gente famosa.

Na noite de 11 de Abril de 1942, chegaram ao convento quatro agentes da Esquadra de Foggia, trazendo uma carta do prefeito este anunciava que, na manhã seguinte, com carácter privadíssimo, assistiria à Missa do Padre Pio sua Alteza Real a princesa Maria José de Piemonte.

A notícia produziu grande efervescência. Na manhã seguinte, às nove horas em ponto, chegou a princesa.

Na crónica do convento, encontra-se uma descrição detalhada daquela visita. A princesa vinha acompanhada pela sua sobrinha, filha do então rei da Bélgica, e pela duquesa Pucci. Maria José tomou lugar na igreja, à esquerda do altar. O Padre Pio estava no confessionário. Terminadas as confissões, dirigiu-se à sacristia, onde se lhe foram juntar os ilustres visitantes. Entretanto, a princesa começou a acusar uma ligeira indisposição, provocada pela viagem. Começou a Missa, que a princesa seguiu sempre de joelhos. Não pôde comungar porque, devido ao seu mal-estar, tinha tomado um cálice de reconstituinte.

Terminada a Missa, Maria José dirigiu-se à sacristia, para beijar a mão ao Padre Pio. Passou em seguida ao convento, para a visita, e foi-lhe oferecida uma modesta recepção, na sala do Provincial. Constou da seguinte ementa: uma chávena de leite, pão torrado e um cálice de vinho.

Seguiu-se o colóquio privado da princesa com o Padre Pio, que foi breve, tendo durado apenas alguns minutos. Ninguém sabe o que lhe disse o Padre. Depois desceram todos ao jardim, para tirar fotografias. Só a princesa assinou o registo dos visitantes. À partida, por volta das 13, de regresso a Foggia, a princesa disse que tinha gostado muito da visita e prometeu voltar com o marido, o príncipe Umberto.

Isso nunca viria a acontecer, já que Umberto, depois da guerra, foi obrigado a retirar-se para o exílio. A recordação do Padre Pio, porém, ficou sempre viva na casa de Savóia.

A 27 de Maio de 1962, a princesa Maria Beatriz de Savóia, que então contava dezanove anos, também visitou San Gio-

vanni Rotondo. Pela crónica do convento, deduz-se que vinha acompanhada pelo barão Laszló Bohns e por sua mulher, a baronesa Wanda Bohns. Maria Beatriz assistiu à Missa das 11 horas e depois, ao meio-dia, foi recebida pelo Padre Pio, que lhe deu a bênção, desejando todos os bens para ela e para a sua família. Maria Beatriz passou a tarde em San Giovanni, assistindo à Santa Missa das 16 horas, e à prédica do mês de Maria. Partiu no dia seguinte.

Como já foi dito, Umberto, expulso de Itália, nunca pôde dirigir-se ao Gargano. Sabe-se, porém, que sempre nutriu uma particular devoção pelo Padre Pio, como testemunha uma carta de Falcone Lucifero, ministro da Casa Real, dirigida ao Padre Pio, e chegada a San Giovanni Rotondo a 9 de Junho de 1962.

«Reverendíssimo Padre, já há tempos que me proponho a honra de ir prestar-lhe devota homenagem, mas os imprevisíveis deveres de serviço têm-me obrigado a adiar a visita por várias vezes.

Tendo regressado do estrangeiro, onde estive com Sua Majestade, o Rei, venho cumprir a missão de vos transmitir a deferente saudação do Soberano, que deseja dar-lhe a saber que, no passado dia 10 de Maio, encontrando-se ele em viagem aérea com destino à Grécia, teve a felicidade de sobrevoar San Giovanni por volta das 10h45m e, nesse momento, pensou em Vossa Reverência com particular afecto.

Sua Majestade renova a sua oração à Divina Providência para que deseje continuar a assistir-vos na grande obra de caridade e de amor que Vossa Reverência desempenha com incansável generosidade. Recomendando-se às suas orações, envia-lhe a expressão dos seus afectuosos sentimentos.

Queira acolher, reverendíssimo Padre, também os meus votos pessoais e deferentes saudações, ao mesmo tempo que me inclino para lhe beijar a mão. Seu devotíssimo, Falcone Lucifero.»

Para compreender melhor

A compaixão e o amor do Padre Pio para com o próximo, alcançaram a sua expressão máxima precisamente durante os anos da guerra. Os episódios que referimos são apenas um té-

nue exemplo daquilo que ele fez durante esse período. Era literalmente tomado de assalto por pessoas transtornadas pelos acontecimentos dramáticos provocados pelo conflito mundial. Todos os dias via à sua frente a multidão dos pobres inocentes, errantes, em busca de uma palavra de esperança. Gente humilde e indefesa, vítimas atordoadas pelo ódio e pela ferocidade de uma guerra absurda e irracional.

Por eles rezava, por eles sofria, por eles se oferecia como vítima a Deus. Todavia, o seu imenso amor compadecido levou-o a transformar-se, por eles, em adivinho, em mago, em vidente.

A sua actividade de distribuir «oráculos» referentes ao futuro era como caminhar na corda bamba. A Igreja, embora admitindo que Deus, em circunstâncias particulares, pode revelar o futuro aos seus profetas e santos, sempre se mostrou muito desconfiada frente a quem pratica tais adivinhações. As directivas do Santo Ofício sobre a matéria sempre tiveram um carácter de extremo rigor. Noutros tempos, o Padre teria sido acusado de bruxaria.

Ele sabia-o bem, mas não conseguia resistir às lágrimas daquelas mães, daquelas esposas, daquelas noivas de coração despedaçado. Decidiu ousar o impossível. Fazendo apelo a todos os seus «amigos invisíveis», e pedindo ajuda, em particular, aos Anjos da Guarda, desenvolveu, de forma intensa e continuada, aquela surpreendente e desconcertante actividade de vidente, que serviu de consolação a milhares de pessoas. Talvez tenha feito violência ao coração de Jesus, ao coração de Maria; quem sabe o que terá ele empreendido durante aqueles anos por amor, para ajudar os seus irmãos.

O Padre Pio era um temerário, como aliás o são todos os santos.

O que ele disse

Quando lhe falavam dos teólogos modernistas, que atacavam as verdades principais da Fé, como a Ressurreição de Cristo, a sua divindade e a maternidade virginal de Maria, pedindo-lhe a sua opinião, a sua resposta era sempre: «Enquanto o Espírito Santo não mudar, nada pode mudar.»

«Padre, ficámos sozinhos, o meu marido e eu.» Réplica do Padre: «E então? O Senhor não está contigo e com o teu marido?»

Em Albenga, numa colónia balnear, tinha acontecido uma desgraça terrível. Mais de trinta crianças tinham-se afogado num barco, que se virara no mar. Perguntaram ao Padre: «Porque permite o Senhor isto, a dor dos inocentes?» O Padre ficou em silêncio, e os seus olhos encheram-se de lágrimas. Depois disse: «Uma mãe está a bordar. O menino, sentado no seu banquinho baixo, só vê o avesso do bordado: um confuso entrelaçar de cores e de fios. Se fosse um bocadinho mais alto, se visse o bordado pelo lado certo, veria o desenho e as cores no devido lugar. Ora bem, meu filho, nós estamos sentados no banquinho baixo e só vemos o avesso do bordado.»

O que disseram acerca dele

Piero Bargellini, escritor: «Notei, durante a prolongadíssima celebração da Missa, certos movimentos do seu rosto: contraía as pálpebras, avermelhadas, como se fizesse uma careta. "Está muito constipado", pensei. Terminada a Missa, um amigo, que me acompanhava, disse-me: "Reparaste? Estava a chorar." Estava a chorar. Chorava como chora quem não sabe ou não quer chorar, como quem não consegue conter o pranto, mas o reprime e combate. Também neste caso eu recordava os prantos de belas lágrimas, grossas e luzidias, os prantos copiosos que escorrem dos cílios, rolando ao longo das faces lisas, cintilando sobre certas barbas. O pranto do Padre Pio, pelo contrário, era um pranto tormentoso, antidramático: um verdadeiro pranto, não interior, não ruidoso, o pranto que eu tomara pelo efeito de um vulgar resfriado.»

Bruno Cassinelli, famoso advogado: «O Padre Pio é um génio do sentimento, tal como Giuseppe Garibaldi o foi da acção, e Leonardo da Vinci do intelecto.»

20

Homem de acção

(1946-1959)

Todos os santos são hiperactivos, têm fogo nas veias. Vivem de amor e de altruísmo e devem agir em favor dos outros. O seu coração é como um vulcão cheio de lava prestes a explodir. A sua mente elabora continuamente projectos e ideias. Não conhecem o repouso nem o cansaço, e, ainda menos, o tédio.

Os místicos, portanto, contrariamente ao que se poderia pensar, são ainda mais surpreendentes. Basta pensar em Santa Teresa d'Ávila ou em Santa Catarina de Sena.

Uma das características do Padre Pio, raramente posta em evidência, é precisamente a sua actividade social. «Sou um frade que reza», descrevia-se ele a si próprio. Na realidade, porém, também foi sempre um homem de grande acção.

Como já vimos, na sua existência sempre se levantaram mil obstáculos e barreiras, inúmeras intervenções burocráticas e disciplinares, mas, apesar dessa prisão quase permanente, conseguiu dar vida a iniciativas colossais, que exerceram e continuam a exercer uma larga e importante influência sobre a humanidade.

Homem de oração, de sofrimento, de contemplação mística, mas ao mesmo tempo homem dinâmico, de decisões rápidas, fulminantes, de intuições perspicazes, de realizações temerárias.

Os factos

A obra social mais conhecida do Padre Pio é a *Casa Alívio do Sofrimento*, o grande hospital edificado sobre o Gargano, e que

hoje é um dos maiores da Europa. Pela sua eficiência, valor científico e dedicação aos doentes, constitui um exemplo único no mundo.

É necessário conhecê-lo bem para poder apreciá-lo. Numa época como a nossa, onde vêm continuamente à superfície, sobretudo em Itália, enormes deficiências hospitalares, provocadas por uma assistência à saúde desumana, a *Casa Alívio do Sofrimento* parece um milagre. Os jornais não se lhe referem, não a apontam como exemplo, não a tomam em consideração, porque não querem atribuir méritos a uma instituição religiosa. Contudo, para quem não tem vendas nos olhos, nem é vítima de preconceitos, trata-se de uma realidade social maravilhosa.

Quando foi inaugurada, a 15 de Maio de 1956, ninguém pensava que viesse a ter futuro. O local, uma aldeia perdida nas alturas do Gargano, a cerca de quarenta quilómetros de Foggia, era quase inacessível. As verbas para o seu sustento, indispensáveis para um hospital particular, que não podia usufruir de ajudas estatais, não existiam. O Padre Pio, porém, precisamente no dia da inauguração, profetizou que aquela casa viria a ser uma «cidadela da medicina». Hoje, em 1999, passados mais de quarenta e três anos, as suas palavras cumpriram-se.

«Esta obra é o maior milagre do Padre Pio», confessou-me o doutor Giuseppe Gusso, filho espiritual do Padre, por ele escolhido desde 1956 para ser director clínico da *Casa Alívio do Sofrimento*. «Eu estava presente na inauguração. Havia muito entusiasmo, mas poucos acreditavam no sonho do Padre Pio. Muitos dos seus próprios filhos espirituais duvidavam da sua viabilidade. Aliás, aquela região era paupérrima, estando afastada dos grandes centros habitacionais. Um hospital naquele local inóspito era impensável.

«Quando o Padre Pio me pediu para vir trabalhar para aqui, fiquei perplexo. Eu tinha-me licenciado há oito anos e ocupava um posto num grande hospital de Pádua. Deixei-me convencer pela personalidade fascinante do Padre e pelo afecto que sentia por ele, mas tinha a oposição de parentes, amigos e conhecidos. Todos eles diziam que eu ia arruinar a minha carreira, porque aquele hospital era uma loucura e em breve fecharia.

Em vez disso, aconteceu precisamente o inacreditável. Estou cá há quarenta e dois anos, e vi com os meus próprios olhos esta obra crescer a pouco e pouco, tal como o Padre Pio tinha predito. No dia da inauguração, ele pronunciou palavras proféticas. Ao lê-las, hoje, ficamos atordoados. Olhando para o futuro da sua obra, que naquele dia entrava em funcionamento, o Padre disse que ela se tornaria "uma cidadela hospitalar, tecnicamente adaptada às mais arrojadas exigências clínicas". Frases precisas e concretas, com um significado inequívoco. Ora bem, tais palavras cumpriram-se à letra. A casa, com as suas 1200 camas, 2500 funcionários e 70 mil internamentos por ano, tornou-se, na verdade, uma autêntica "cidadela hospitalar". Além disso, tendo obtido já há vários anos a prestigiosa qualificação de "*Instituto de internamento e tratamento com carácter científico*", e dispondo de um equipamento de diagnóstico de vanguarda, que a coloca nos primeiros lugares da Europa, é também considerada, de pleno direito, "adaptada às mais arrojadas exigências clínicas", como o Padre tinha predito.»

O doutor Gusso é um médico que, durante muitos anos, viveu de perto com o Padre Pio, e é a pessoa que melhor conheceu o pensamento do frade sobre esta sua grande obra social.

Desde jovem, o Padre Pio sempre pensou nos que sofriam, explica o médico. Via neles Jesus crucificado e, como o hospital é a estrutura que acolhe a dor humana, ele queria construir um para acolher os pobres.

A primeira tentativa de realização deste projecto teve lugar em 1925. O Padre organizou em San Giovanni Rotondo um pequeno hospital, dedicado a São Francisco, cuja vida, no entanto, foi breve. Ficou inactivo e teve de fechar. O Padre Pio, porém, continuava a pensar nos sofredores. A San Giovanni Rotondo chegavam continuamente doentes para lhe pedir ajuda, e ele sofria ao ver que eles não tinham assistência. Gostaria que todos pudessem ter um acolhimento conveniente, com médicos e enfermeiros que os tomassem a seu cargo. Continuava a pensar no hospital e, ao que parece, o próprio Jesus lhe terá pedido que o construísse, durante uma visão mística.

Imediatamente após a guerra, fundou uma sociedade, com

alguns amigos e colaboradores, e começou a pensar concretamente no projecto. O local onde queria que a construção surgisse era uma pequena montanha, fronteira ao convento. Contudo, os seus olhos viam para além daquelas pedras. Na Primavera de 47, foi benzida a primeira pedra. Nove anos mais tarde, a 5 de Maio de 1956, a casa foi inaugurada.

Foi nessa ocasião que o Padre me pediu para vir trabalhar com ele. A construção tinha capacidade para 300 camas. Pensávamos que fossem demasiadas. O Padre Pio, porém, sabia que aquele espaço era pequeno, e começou imediatamente a fazer projectos de ampliação. A capacidade do hospital subiu para 600 lugares. Em seguida para 900. Actualmente é de 1200.

De princípio, o hospital era classificado como "clínica particular". Em 71, tornou-se "hospital provincial"; em 80, "hospital regional"; em 91, obteve uma classificação situada no nível máximo do sistema de saúde: "Instituto de internamento e tratamento, com carácter científico," Percurso impensável, tendo em conta que nos encontramos no Sul, e numa zona afastada das grandes cidades.

«O Padre Pio também tinha predito que no seu hospital surgiria um "centro de estudos internacionais". Também este aspecto se tem vindo a realizar. Com efeito, na *Casa Alívio do Sofrimento*, já trabalham a tempo inteiro cerca de setenta investigadores, e o resultado dos seus estudos, divulgado todos os anos, através de uma centena de publicações, muitas das quais são revistas internacionais, constitui uma das vozes mais prestigiadas para o mundo médico italiano. Recentemente, o nosso instituto foi protagonista na descoberta do gene responsável pela "hemocromatose", doença que atinge uma em cada quatrocentas pessoas.»

O doutor Gusso quis acompanhar-me na visita ao hospital. Partimos dos edifícios mais antigos, ainda perfeitamente conservados, para terminar nas instalações mais recentes. Tomámos ascensores falantes, em que uma amável voz feminina informa se o ascensor sobe ou desce, indica o piso da paragem e as divisões que se encontram nesse mesmo piso. Visitámos laboratórios vanguardistas, onde funcionam aparelhagens médicas futuristas, com máquinas únicas no nosso País. Algumas delas são únicas na própria Europa, como as que pertencem à Divisão de Medicina Nuclear. Descemos às cozinhas imensas,

completamente automatizadas, capazes de preparar massas personalizadas para cada doente, segundo dietas prescritas dia após dia. Por toda a parte se nota a limpeza mais absoluta. A ordem e a eficiência são surpreendentes.

«O Padre Pio ensinou-nos a trabalhar sob o olhar de Deus», diz o doutor Gusso. «É difícil esquecer os seus ensinamentos. Ele repetia muitas vezes: "Em cada doente está Jesus que sofre. Em cada pobre, está Jesus, que definha. Em cada doente pobre, está duas vezes Jesus, que sofre e definha." Falava com tal convicção, que marcava para sempre o espírito de quem o escutava.»

O doutor Gusso ainda quer pôr em evidência um pormenor, que considera «importante para compreender o verdadeiro significado da obra do Padre Pio». E explica: «O Padre não quis que a sua obra se chamasse "hospital", por isso escolheu o termo "casa". O doente, sobretudo se é pobre e de condição humilde, sente-se perdido, quando, pelo seu sofrimento, fica afastado da sua própria casa e dos seus entes queridos. Quando se vem tratar a casa do Padre Pio, deve encontrar um ambiente afectuoso, solícito, como o ambiente do seu lar. Neste ambiente, todos nós, que estamos à sua volta, devemos ter um único fim em vista, um único objectivo: "aliviar" os seus sofrimentos, sobretudo através do amor e da solicitude, pensando que naquele doente está presente Cristo.»

A *Casa Alívio do Sofrimento* foi criada pelo Padre Pio no período do pós-guerra, ou seja, nos anos em que era protegido por Pio XII, podendo então agir sem estar continuamente sob a mira das autoridades do Santo Ofício. No entanto, já tinha começado a pensar nesta obra há muito tempo, desde quando era jovem sacerdote.

Os que sofrem sempre estiveram no coração do Padre Pio. Quando, ainda soldado, foi internado no Hospital Militar de Nápoles, viu com os seus próprios olhos como os doentes eram tratados. Eram considerados apenas números, e não pessoas e filhos de Deus. Ficava indignado ao ver os sofrimentos, os abusos e as humilhações a que eram sujeitos, e de que ele próprio foi vítima. Provavelmente terá começado então a pensar num hospital dirigido por católicos, segundo os princípios do amor evangélico.

Em 1925, embora se encontrasse sob a mira do Santo Ofício, que de vez em quando intervinha através de decretos, que o faziam parecer um aldrabão e impostor, arranjou maneira de erigir um primeiro pequeno hospital, em San Giovanni Rotondo, como já referiu o doutor Gusso. Era pouca coisa, mas utilíssima, porque, antes disso, não havia nada.

Aquela iniciativa não foi bem sucedida, porque o Padre, pressionado por proibições de todos os tipos, não pôde prestar-lhe assistência. Sofreu quando, em 1938, o edifício, já vazio, ruiu, e ficaram destruídos todos os equipamentos.

Todavia, já há tempos pensava no grande hospital.

Esta obra está envolta num enigma, que nunca foi oficialmente esclarecido, ou melhor, encerra vários pontos obscuros, misteriosos, sobre os quais os biógrafos oficiais do Padre Pio se desviam, quase como se se tratasse de assuntos inabordáveis.

Parece-me tratar-se de uma atitude errónea. Na vida dos santos, nada deve ser ambíguo ou suspeito, porque os santos nunca têm nada a esconder.

Os biógrafos oficiais, quando contam a história da *Casa Alívio do Sofrimento*, partem sempre de uma reunião ocorrida em casa do doutor Sanguinetti, colaborador do Padre Pio, a 9 de Janeiro de 1940, às quatro e meia da tarde. Há uma acta desse encontro em que, entre outras coisas, se diz que os participantes se reuniram a fim de «constituir uma comissão para a fundação de uma clínica, segundo a intenção do Padre Pio de Pietrelcina. Os presentes, tendo sido informados pelo doutor Mario Sanvico do desejo do Padre, estudam as directivas a seguir. Com a ajuda da Providência, a comissão foi constituída da seguinte forma: fundador da obra, Padre Pio de Pietrelcina (que de momento deseja não ser nomeado); secretário, doutor Mario Sanvico; tesoureiro e contabilista, Carlo Kiswarday; técnico de Medicina, doutor Guglielmo Sanguinetti; directora de organização interna, menina Ida Seitz. Fica acordado que tudo aquilo que se fizer deverá ser submetido ao parecer do Padre».

Neste documento, não há qualquer referência ao trabalho que já tinha sido feito com vista ao projecto específico, trabalho importantíssimo, fundamental, iniciado há onze anos. Tratava-se de um trabalho secreto que, no entanto, o Padre Pio

conhecia muito bem, e que ele próprio tinha orientado ao longo daqueles anos. Talvez em 1940 fosse prudente não o mencionar, mas hoje podemos revelar toda a verdade. Esse trabalho foi desenvolvido por Emanuele Brunatto e por Francesco Morcaldi, as duas pessoas que, para defender o Padre Pio, tinham feito chantagem à Igreja, obrigando Pio XI a entrar em negociações e a dar a ordem de «libertação» do Padre, em 1933.

Tinham actuado sozinhos, contra a vontade de todos, contra o próprio Padre Pio e, por isso, tinha havido, em relação a eles, uma espécie de «afastamento» total. Nunca ninguém tinha conseguido fazer o Santo Ofício ceder, mas eles conseguiram.

O Padre Pio, porém, embora tendo desaprovado, até publicamente, a sua intransigência e a sua ousadia, sabia que eles tinham um coração puro, e continuara a considerá-los, em privado, uns amigos muito queridos.

Foi precisamente nesse período que confiou a Brunatto uma das missões mais delicadas, ligada ao projecto do seu futuro grande hospital, sabendo que só ele poderia levá-lo a bom porto.

Eis portanto, em traços gerais, a história das vicissitudes que nunca ninguém contou até hoje e que, para tornar mais completas estas informações, achei por bem apresentar.

Em 1929, a condessa Bajocchi obteve uma grande graça por intercessão do Padre. Como reconhecimento, a nobre senhora pôs à disposição do Padre Pio os eventuais lucros da exploração de uma série de patentes, que deveriam revolucionar o sistema ferroviário mundial, substituindo as locomotivas a vapor por outras a gasóleo.

As patentes eram dos inventores Fausto Zarlatti e Umberto Simoni e, para a sua exploração, fora constituída a Sociedade Zarlatti, composta pelo conde Vincenzo Bajocchi, pelo conde Alessandroni, pelo advogado Antonio Angelini Rota, pelo engenheiro Umberto Simoni e pelo conde Edoardo Aluffi, guarda nobre do Papa. Por intervenção da condessa Bajocchi, também foi chamado a formar sociedade o Padre Pio, que se fez representar pelo seu amigo, Emanuele Brunatto.

Sabe-se, através de cartas e bilhetes autografados, contendo instruções precisas, que o Padre Pio seguiu sempre, pes-

soalmente, os episódios da vida desta sociedade, orientando Brunatto. Convidou-o, por exemplo, a mudar-se para Paris e a constituir nessa cidade uma firma-irmã da Zarlatti, de modo a evitar a lentidão da burocracia italiana. Depois o Padre foi feito «prisioneiro» e Brunatto continuou a trabalhar sozinho. Fez negócios em Berlim e Bruxelas, e até na União Soviética.

Em 1937, reentra em cena o Padre Pio, que envia Francesco Morcaldi a Paris, fazendo-o portador de uma carta muito afectuosa para Brunatto: «Meu caríssimo em Cristo – escreve ele – Jesus seja todo o teu sustento e conforto, e se aproxime de ti com a sua graça. Envio-te o nosso comum amigo Ciccillo, por quem te mando o meu abraço paternal. Feliz é ele, que pode ter o prazer de to transmitir. Que não faria eu, se também me fosse possível tê-lo. Mas seja sempre feita a amável vontade do Senhor.

«Suplico-te, pois, de mãos postas, que não levantes dificuldades à cedência da outra patente, para ser negociada com os Estados Unidos. Meu filho, não faças entrar em desespero esta pobre gente, que se encontra na impossibilidade absoluta de fazer os mínimos sacrifícios. Aliás, três por cento não é nada desprezível. Despacha-me depressa o Ciccillo, e não percas tempo nem a ocasião propícia. Recordo-te sempre com verdadeiro e santo afecto no Senhor, e, mando-te um abraço.»

Como se vê, o Padre Pio tem plena confiança em Brunatto, pedindo-lhe apenas que não estique demais a corda, para ganhar mais do que o necessário. No entanto, abraça-o com grande afecto, mostrando não guardar ressentimentos pelas suas diligências de há quatro anos, com vista à sua libertação.

A cedência das patentes ao estrangeiro tinha dado bons frutos. Fortalecido por este apoio económico, o Padre Pio decidiu lançar concretamente o seu projecto, a construção do grande hospital. Assim, em Junho de 1940, constituiu a comissão instaladora, para dar início aos trabalhos. Sendo ainda recentes os episódios de chantagens feitas à Igreja por parte de Brunatto, não podia referir o seu nome, nem a sua missão no estrangeiro, nem o seu papel no projecto, nem tampouco incluí-lo na comissão. Contudo, os membros da comissão estavam ao corrente da situação, como se depreende de uma anotação precisa no *Diario* do doutor Sanvico: «O Padre pensa que a patente Zarlatti servirá bem para financiar a sua obra.»

Como sempre, também desta vez o Padre Pio não errara os seus cálculos. O lucro obtido com aquelas patentes serviu verdadeiramente para financiar a obra. Com efeito, a 9 de Junho de 1941, através do Banque Italo-Française de Credit, Brunatto enviou a San Giovanni Rotondo uma carta bancária, creditada ao Padre Pio, através do Credito Italiano de Florença, com esta indicação precisa: «Comissão para a construção da Clínica de San Giovanni Rotondo.» A carta continha o crédito da soma de três milhões e meio de francos franceses, uma verdadeira fortuna, para a época.

Em seguida, chegaram outros donativos avultadíssimos. Em 1948, graças ao interesse da jornalista inglesa Barbara Ward e do seu noivo, comandante Jackson, a Fundação americana UNRRA, que contribuía para a reconstrução nos países atingidos pela guerra, enviou 400 milhões para o hospital do Padre Pio. Só chegaram ao destino 250 milhões, porque o Estado italiano fez com que os outros 150 fossem misteriosamente desviados. Todavia, também esta oferta representou um grande alívio para o Padre que, no entanto, gostava de recordar que a sua grande obra social fora feita com a ajuda dos pobres. A primeira oferta fora um napoleão (moeda) de ouro, doado por uma velhinha anónima. A palavra de ordem era a seguinte: "Quem tem piedade do pobre, empresta a Deus."

Mario Gambino, operário italo-americano, funcionário da polícia no Hunter College de Nova Iorque, enviou cinco dólares. Passados alguns dias, enviou mais dez dólares, um dólar por cada um dos seus dez filhos. Este gesto comoveu o Padre Pio. Quis que com esses quinze dólares fosse constituído o Fundo Mario Gambino, que passou a ser a caixa dos pobres, iniciativa que permitiu, durante muito tempo, a todos aqueles que não tinham dinheiro nem eram assistidos por nenhuma caixa de previdência, serem igualmente tratados na *Casa de Alívio do Sofrimento*.

O Padre Pio seguia pessoalmente os trabalhos. Francesco Lotti, médico, recorda: «Numa ocasião particular, vi o Padre Pio perturbado e cheio de indignação. Durante os trabalhos de escavação dos fundamentos do hospital, na montanha, um escavador foi atingido no rosto e nos olhos por fragmentos de pedra, pelo que teve de ser internado num hospital vizinho. Alguém foi visitá-lo passados vários dias e, ao regressar, con-

tou ao Padre que o tinha encontrado ainda com a roupa suja de sangue, e as feridas mal protegidas por ligaduras, também estas completamente encardidas. Voltando-se para o doutor Sanguinetti, com os olhos cheios de lágrimas, o Padre exclamou: "Vedes o que está a acontecer? Despachai-vos, despachai-vos, com os trabalhos da clínica. Como têm coragem de tratar assim a pobre gente?"»

Muitos consideravam aquela obra, tão grande, uma verdadeira loucura, que seria fechada ao fim de alguns anos, por falta de doentes. No entanto, em breve a casa viria a revelar-se demasiado pequena.

Certo dia, os médicos da *Casa Alívio do Sofrimento* foram dizer ao Padre Pio: «Padre, a lotação da clínica está esgotada, já não podemos receber mais ninguém.»

«Instalai mais camas – replicou o Padre. – Sacrificai os gabinetes e a biblioteca, mas não digais que não aos doentes.»

Quando já não havia mais espaço, os médicos regressaram para dizer ao Padre: «É preciso recusar os doentes, já não há lugar para eles.»

«Aos doentes nunca se recusa nada – respondeu resolutamente o Padre. – Que ides dizer a São Pedro? Eu tenho um belo diploma de Medicina, mas fechei a porta do hospital na cara dos doentes?»

«Então, que havemos de fazer, Padre?»

«Vamos ampliar o hospital.»

Referindo-se à *Casa Alívio do Sofrimento*, o Padre dizia: «É a minha grande obra terrena.» Era uma obra social, mas, ao lado desta, intimamente ligada a ela, havia outra iniciativa genial, também de carácter social: o movimento dos «Grupos de Oração».

Quantos são? Onde se encontram? É difícil dar respostas precisas, porque se trata de uma realidade em contínua evolução. Os «Grupos» registados são mais de dois mil, mas há outros espontâneos, que nunca foram registados, embora sejam eficientes. Esta iniciativa constitui uma das mais importantes realidades espirituais do século. É fácil poder avaliar a importância de uma obra física, visível. De um movimento ideológico, também. Mas de uma iniciativa que incide sobre o plano espiritual, como a dos «Grupos de Oração», nunca se

poderá conhecer o peso real, nem constatar para que serve realmente, aonde chegou, quais as vantagens dela decorrentes. Sabemos, no entanto, que actua sobre as consciências, no silêncio das almas, que estende os seus benefícios à mente e ao coração das pessoas, pondo-as em contacto com Deus, através do diálogo, do amor e da graça.

Na oração dá-se um misterioso intercâmbio entre Deus e o homem: o homem fala, entrega-se; Deus escuta e intervém com o seu amor, transformando, plasmando, inserindo-se a si próprio na história. É um mistério de amor, cujo significado é incompreensível para a nossa pobre mente, mas que a fé nos diz ser real. Um movimento deste género, que envolve milhões de pessoas, tem consequências profundas, do ponto de vista ético, para a humanidade.

Os «Grupos de Oração» foram inspirados ao Padre Pio por algumas frases e considerações expressas pelo Papa Pio XII, no início do seu pontificado. Na sua primeira encíclica, *Summi Pontificatus*, escrita em 1939, quando a Segunda Guerra Mundial assolava a Europa, o Papa apresentava um quadro dramático da história daqueles anos. «Já começou, sob vários aspectos, uma verdadeira hora das trevas, em que o espírito de violência e de discórdia derrama sobre a humanidade o cálice sangrento de dores inenarráveis.»

O Padre Pio escutava e reflectia. Sentia nas palavras do Papa o inconfundível tom profético dos espíritos iluminados. O Papa indicava aos crentes a oração, como único meio eficaz para combater «a hora das trevas». Dirigia-se em primeiro lugar a todos os sacerdotes: «Se perguntardes que palavra de ordem reservámos no início do nosso pontificado, para os sacerdotes da Igreja Católica, respondemos: "Rezai cada vez mais, e com maior fervor".» E ainda: «Rezai, veneráveis irmãos, rezai sem interrupção, rezai sobretudo quando ofereceis o divino sacrifício do amor.»

Num documento posterior, o convite à oração era endereçado a todos: «Rezai, rezai, rezai: a oração é a chave dos tesouros de Deus, é a arma do combate e da vitória, e de cada luta a favor do Bem e contra o Mal.»

O Padre Pio, que era uma «oração viva», como alguém o definiu, comparando-o a São Francisco de Assis, sentiu, nas palavras do Papa, como que um convite pessoal. E respondeu

imediatamente, com a generosidade dos santos. Incitou os seus confrades, os seus fiéis e, sobretudo, as suas filhas e os seus filhos espirituais: «Deitemos mãos ao trabalho, arregacemos as mangas, sejamos nós os primeiros a responder a este apelo, lançado pelo romano Pontífice.»

A centelha de «vida de oração em grupo», que o Padre tinha ateado com as primeiras filhas espirituais, em 1916, em San Giovanni Rotondo, torna-se actual. A sua chamada não caiu no vazio: aqui e ali, por toda a Itália, começaram a formar-se grupos de pessoas que, em nome do Padre Pio, se reuniam duas vezes por mês, para rezar pelas intenções do Papa e da Igreja.

Em pouquíssimo tempo, esses grupos transformaram-se numa multidão silenciosa. No princípio, chamavam-se «Grupos de Oração Casa Alívio do Sofrimento», porque, na concepção do Padre, deviam estar intimamente ligados ao seu hospital. Ele queria que a oração fosse o fundamento da sua obra a favor dos doentes, de modo a aliviar os sofrimentos físicos, não só através da ciência, mas também da medicina espiritual, que é, precisamente, a oração. Mais tarde passaram a ser uma realidade autónoma, conservando apenas a denominação de «Grupos de Oração». No entanto, a ligação com a *Casa Alívio do Sofrimento* tem-se mantido sempre.

O apelo à constituição de «Grupos de Oração», em todas as cidades e em todos os países, foi lançado oficialmente em Agosto de 1950. «É tempo de nos unirmos, é tempo de cerrar fileiras, criando uma verdadeira unidade de intenções e de acção.»

A resposta superou todas as expectativas. Os grupos surgiam de toda a parte. Até no Vaticano se formou um, que se reunia para rezar na Basílica de São Pedro, frente ao túmulo de São Pio X.

Os anos cinquenta foram um período propício para o Padre Pio. A protecção de Pio XII permitia-lhe trabalhar em paz.

Teve a seu lado, durante esse período, um Padre Guardião que gostava dele e que desejava ajudá-lo nas suas iniciativas: era o Padre Carmelo de Sessano. Quando foi encarregado de conduzir a comunidade religiosa do convento, em Outubro de 1953, o Padre Carmelo foi ter com o Padre Pio e disse-lhe: «Pa-

dre, venho aqui não como seu superior, mas como seu filho. Quero fazer o que me mandar, e nada mais. Como superior, porém, peço-lhe uma única coisa: que me diga sempre o que lhe agrada e o que lhe desagrada; é essa a graça que lhe peço.»

Trabalharam bem em conjunto. Uma das primeiras obras que o Padre Carmelo realizou, sob a inspiração do Padre Pio, foi a construção de uma pequena igreja e de um Instituto de irmãs, anexo, para instrução e educação de crianças e jovens, no bairro «Santa Cruz». Nesse mesmo local foi aberto o primeiro centro de formação profissional feminina, com cursos de bordados e de costura.

A popularidade do Padre Pio atraía a San Giovanni Rotondo multidões de pessoas. Organizações humanitárias e outras Igrejas, como por exemplo, os protestantes, intuíram que aquela zona viria a ser alvo de grande desenvolvimento, e decidiram abrir ali as suas sedes. Os protestantes elevaram a sua representação em San Giovanni Rotondo a sede episcopal, lançando uma vasta campanha publicitária e pretendendo erigir uma igreja na zona do convento dos Capuchinhos. Muitas pessoas aceitavam receber novo baptismo, e aderiam à nova «Igreja da Salvação».

«Certa manhã – contou o Padre Carmelo –, depois de regressar das confissões na igreja, o Padre Pio chamou-me à cela número 5 e interpelou-me, com o rosto velado por uma tristeza imensa: "Diz-me cá, não sabes nada do que se está a passar na periferia de San Giovanni, na zona de Sant'Onofrio?" "Não, Padre", respondi. E ele: "Não sabes que os protestantes abriram um jardim-de-infância, e que aquelas crianças, quando saem de lá, dizem blasfémias horrendas contra Nossa Senhora?" O querido Padre, vermelho de indignação, acrescentou: "Faz qualquer coisa... É urgente... Crianças que blasfemam contra Nossa Senhora..." Calou-se, comovido, mas tinha o rosto atormentado pelo desgosto.

Também eu senti um frémito, mas, infelizmente, fechei-me num mutismo imperdoável. O venerado Padre instou comigo: "Bem, não dizes nada?" Balbuciei algumas palavras: "Mas, Padre, que posso fazer...? A situação desagrada-me, mas..." e emudeci. Então ele, fixando-me com dois olhinhos muito espantados, comentou: "Mas como é possível...? Sempre tens feito o que eu te digo e agora... Será que deves alguma coisa

aos protestantes?" E eu, que já sentia em espírito o rumorejar da tempestade a aproximar-se, permiti-me observar: "Padre, bem sabe que aquela zona pertence ao arcipreste: ... os frades nunca actuaram naquela região... se o fizessem, seria o deflagrar da guerra." Então, o venerado e amado Padre exclamou, cheio de indignação: "Interessa-te mais a amizade dos homens, ou o bem das almas inocentes? Vai ter com o arcebispo, em meu nome, e obtém autorização para abrir um jardim-de-infância perto daquele que os protestantes abriram, e não tenhas medo!... Se eu pudesse, iria eu, mas tu bem sabes que não posso sair daqui. Coragem, e que Nossa Senhora te acompanhe".»

O arcebispo autorizou imediatamente o Padre Carmelo a abrir uma escola maternal na zona de Sant'Onofrio, que viria a ser inaugurada em finais de 1957, tendo por anexos um orfanato e mais tarde uma oficina.

Os protestantes retiraram-se para a zona das «Casas velhas», e o Padre Pio mandou construir um terceiro infantário, nesse mesmo local.

Seguiram-se depois o «Centro de Formação Profissional», o «Cenáculo de Cultura Franciscana», apoiado por uma revista, «Il fraticello», e ainda uma cooperativa.

Naquele período, a luta política em San Giovanni Rotondo era muito dura. O comunismo estava florescente e demonstrava poder dispor de muitos recursos financeiros. A Rádio Praga incitava à luta e à vitória, com repetidos anúncios de propaganda e com as palavras de ordem: «É necessário vencer a todo o custo em San Giovanni Rotondo, onde mora o chamado monge santo.»

Uma das fontes de lucro para os comunistas era a sua cooperativa de consumo, muito bem gerida e próspera.

«Devido aos baixos preços – escreveu o Padre Carmelo – a ela afluíam também organizações católicas de todos os tipos. Tratava-se, portanto, de um problema moral de fundo. Sobre este ponto, o Padre foi, como sempre, claro na imposição de uma solução: "Não é lícito ajudar o Mal, mesmo que seja indirectamente", disse-me ele. "É absurdo que os católicos tenham de ajudar os inimigos da Igreja... Faz uma cooperativa que seja nossa."

"Fazer uma cooperativa"..., respondi, estupefacto. O Padre replicou: "Vai ter com os nossos amigos, e deixa-te guiar por

eles. É necessário criar essa cooperativa. O Mal combate-se com as obras."

Encontrámos imediatamente um grupo de filhos espirituais do Padre, que organizaram a desejada cooperativa de consumo, inaugurada a 23 de Junho de 1955. Em menos de dois anos, já tinha um grande movimento de negócios. Os comunistas perderam a vontade de rir, e acusaram o golpe.»

A 26 de Janeiro de 1958, foi inaugurado, em locais municipais e em dois barracões cedidos pelo comando militar do campo de aviação «Amendola», em Foggia, o primeiro centro de formação profissional. Foi um dos primeiros da província, e viria a ser a sede de instrução de centenas de jovens do Gargano, e de outras localidades.

O Padre Pio também pretendia abrir uma oficina de tecelagem em San Giovanni Rotondo, para ensinar esse ofício a algumas mulheres da terra.

A família de Domenico Viesi, de Cles, Trentina, muito devota do Padre Pio e titular histórica da fábrica homónima de alfaias sagradas, tomara conhecimento, durante uma visita a San Giovanni Rotondo, desse projecto do Padre, e decidira oferecer cerca de vinte teares. Ninguém sabia como pô-los a funcionar. Recorreu-se então à menina Elda Rubbo, que trabalhava numa fiação de Pontelandolfo, no Beneventano. Contudo, acabou por não ser possível instalar os teares, porque as autoridades de San Giovanni Rotondo boicotaram o projecto. Os teares seriam por isso transferidos para Pontelandolfo, e aí instalados, tendo dado trabalho a centenas de jovens. A actividade empreendida progrediu a ritmo acelerado. Dentre os operários nasceu um «Grupo de Oração», que todos os dias recitava o terço.

Muitas iniciativas pensadas pelo Padre, durante aqueles anos, viriam a ser realizadas pelos seus confrades, depois da sua morte, como, por exemplo, a *Casa para os padres idosos ou inválidos*, o *Mosteiro das irmãs de clausura*, a *Casa do peregrino*, *A obra para crianças atrasadas e deficientes*, a *Aldeia internacional da criança*, e outras. Com as suas obras sociais, o Padre Pio revolucionou a vida de San Giovanni Rotondo, transformando esta vila em centro de iniciativas vanguardistas e exemplo daquilo que deveriam fazer os cristãos, no mundo.

Para compreender melhor

O discurso sobre as obras sociais do Padre Pio põe em destaque dois aspectos fundamentais da sua aventura terrena, que têm a ver com a oração e a Providência. A oração, quando é meio de profunda e concreta união com Deus, torna-se a fonte mais potente de energia física e espiritual, que até hoje se conhece. É uma energia que se auto-alimenta e autopotencia, numa medida directamente proporcional à sua intensidade.

O Padre Pio, homem de físico debilitado, minado por mil enfermidades e atormentado por dores contínuas, conseguia trabalhar vinte horas por dia, talvez até mais. Além disso, trabalhava com uma tal tensão e paixão, que envolvia inexoravelmente todos aqueles que viviam à sua volta. Nunca tinha um momento de descontracção, uma cedência, um desânimo, uma renúncia, nem mesmo frente a dificuldades aparentemente insuperáveis. Contra ele e as suas obras desencadearam-se poderes capazes de devastar tudo; no entanto, fracassaram.

A oração era a sua rota, a luz que lhe indicava o caminho, a estrela polar segundo a qual navegava. Nunca tinha um pensamento ou a tentação de mudar de direcção, porque, graças à oração, tinha-se tornado um só com o seu Deus, e assim, tudo o que fazia estava em perfeita sintonia com Deus, era obra de Deus. Por isso, todas as suas iniciativas eram assistidas, sustentadas, financiadas, defendidas e desenvolvidas por aquela misteriosa e potente realidade, que se chama Divina Providência.

O que ele disse

Construída a primeira parte da *Casa Alívio do Sofrimento*, houve quem o censurasse por ter erigido uma clínica demasiado luxuosa. Ele respondeu: «E tu, como queres que seja o sacrário, como uma lata de bolachas vazia? Queres que seja feito de lata, ou de metal precioso, para acolher o Senhor? Aquele hospital acolherá o Senhor, que sofre nos seus membros vivos.»

Perguntaram-lhe, noutra ocasião: «Quando o Padre já não estiver connosco, como poderá manter-se este hospital, construído na montanha? Será que os peregrinos e as ofertas continuam a aparecer?» O Padre respondeu: «Terão tanto dinheiro, que não saberão onde o hão-de meter.»

Certo dia, disse aos médicos: «Vós tendes a missão de tratar o doente. Contudo, se não levais amor à sua cama, de pouco servirão os medicamentos.»

O que disseram acerca dele

Professor Cataldo Cassano, médico: «A Providência serviu-se do Padre Pio para conceder à terra de Puglia uma grande abundância de favores.»

Professor Antonio Gasbarrini, médico: «Com a sua humildade, com a sua pobreza, com a sua caridade, o Padre Pio irradiou a luz de Cristo nas almas próximas e afastadas, a caminho do Calvário.»

Francesco Di Raimondo, médico: «No Padre Pio, os pensamentos, palavras e iniciativas brotam sempre, e somente, de uma sólida raiz de amor, e alcançam tão elevado prestígio, porque exprimem a busca e a adesão à vontade de Deus, em qualquer circunstância da vida.»

21

Conversando com os amigos

«O Padre Pio é um santo.» A frase começou a circular entre as pessoas, quando ele era ainda criança. «Santinho», chamavam-lhe em Pietrelcina, «o monge santo», era como o conheciam em San Giovanni Rotondo.

Este adjectivo, «santo», inexoravelmente ligado à pessoa do Padre, era para ele uma espécie de ferrete, que também «condicionou» muito a fantasia das pessoas que dele se aproximavam ou, simplesmente, dele ouviam falar.

Sabendo que ele era um santo, ouvindo dizer que era um santo, pensando que era santo, acabaram por lhe associar apenas factos extraordinários, clamorosos, sacrifícios e sofrimentos imensos e intervenções miraculosas. Exaltavam a parte «excepcional» da sua vida, as suas aparições no meio da multidão, ignorando a sua vida privada e corrente, a vida «normal» de todos os dias.

Como era o Padre Pio «a sós», frente a frente, com os amigos?

Continuava a comportar-se com eles recorrendo às suas misteriosas faculdades, que lhe permitiam saber tudo e ver tudo, ou podia passar por uma pessoa comum?

Os factos

Havia alguns filhos espirituais do Padre Pio que tinham muita confiança com ele. Devido ao trabalho, ou a deveres vários, estiveram muitas vezes a seu lado e foram muitas as oportunidades de conversar com ele, de escutar as suas opi-

niões, os seus pareceres, as suas piadas. Conheciam um Padre Pio diferente daquele que aparecia às multidões.

Eu conheci muitas dessas pessoas. Sempre recorri a elas, convencido de que poderiam transmitir facetas únicas desta personagem.

Nos últimos tempos, também tenho tido oportunidade de me encontrar com pessoas que conviveram assiduamente com o Padre Pio.

Agide Finardi é um empresário genial, de setenta e sete anos, e vive em Bolzano. A firma que tem o seu nome funciona em Itália, mas também no estrangeiro. É titular de muitas patentes, exploradas em todo o mundo. Conheceu o Padre Pio em 1949, e desde então sempre foi seu amigo, até à morte. «Ainda hoje somos amigos – precisa Finardi. – Ele continua a fazer-me sentir a sua presença a meu lado, com o mesmo afecto de antigamente:

A princípio, visitava o Padre Pio por curiosidade, e para lhe pedir favores. Depois passei a trabalhar para ele. A minha firma executou alguns trabalhos para a Igreja de Santa Maria das Graças, em San Giovanni Rotondo, que estava em construção. O trabalho agradou muito ao Padre, que simpatizou comigo e me entregou outras comissões. A partir de então, trabalhei para ele praticamente até à sua morte.

Fiz todos os trabalhos em ferro e em bronze daquela igreja: candelabros, balaustradas, vitrais, portais, crucifixos, jardineiras, cancelas, corrimões para as escadas, o sacrário e o portão central. Passava todos os anos vários meses em San Giovanni Rotondo, com alguns dos meus operários, podendo assim estar em contacto com o Padre. Ia ter com ele de manhã e à noite, para o saudar, mas muitas vezes também para me lamentar e para discutir preços e projectos. Procurava-o na sua cela e falávamos de muitas coisas. Pude assim ser testemunha de factos excepcionais, de curas espantosas, de previsões incríveis... O Padre Pio não era apenas um grande santo, mas um ser misterioso, e ele próprio se admirava com aquilo que acontecia na sua pessoa. Sabia sempre tudo, conhecia os nossos pensamentos, lia dentro de nós, como num livro, presenciava factos que se desenrolavam a milhares de quilómetros: era impossível ocultar-lhe fosse o que fosse. No entanto,

era ao mesmo tempo um homem de uma ternura única, com um coração imenso. Tinha-se afeiçoado a mim, e eu a ele.

Quando eu tinha de partir, para regressar a Bolzano, o Padre Pio abraçava-me, como se abraça um filho que vai para longe.»

Era uma amizade extraordinária, especial, a que unia Agide Finardi ao Padre Pio, como o demonstram as numerosas fotografias que o empresário conserva ciosamente num álbum. Vemo-lo junto ao Padre, a falar com ele, a ajudar à Missa, envolto no seu abraço afectuoso.

Frente à entrada de sua casa, erigiu um pequeno monumento ao Padre Pio. «É para saudar o Padre, quando entro e quando saio», explica. Em casa, a imagem do Padre encontra-se por toda a parte: fotografias nas paredes, sobre os móveis, sobre a escrivaninha: bustos do Padre, estatuetas de gesso, de madeira e de bronze.

«Depois da morte do Padre – esclarece Finardi – comecei a fazer estatuetas que o retratam. Não sou um artista, mas apenas um técnico, pois estudei engenharia mecânica. Na minha vida, sempre me interessei por máquinas e por motores. Contudo, por ele, tornei-me escultor improvisado. No entanto, é ele que guia a minha mão e que corrige os meus erros, quando me engano. As minhas estatuetas são bastante apreciadas. Já fiz cerca de cento e setenta, hoje espalhadas por Itália. Ofereci ao Papa um busto em gesso, do Padre Pio, e disseram-me que ele o colocou sobre a escrivaninha, nos seus aposentos privados.»

No seu pequeno estúdio, Agide Finardi guarda as preciosidades mais exclusivas, as relíquias: cartas do Padre, dedicatórias autografadas, fotografias que o mostram ao lado do Padre, fragmentos de tecido manchados de sangue. «É sangue do seu coração – comenta. São pedacinhos de tecido, cortados dos lenços que o Padre Pio usava para estancar o sangue, que brotava da ferida que tinha no peito.»

Mostrou-me fotografias em que ele e alguns dos seus operários rodeiam o Padre Pio. O religioso tem papel e caneta na mão, e está a escrever. «Está a dar-me um autógrafo – explica Agide. – Alguns dias antes, tinha-lhe tirado fotografias com os meus operários. Depois fui mostrar-lhas e ele começou a gra-

cejar, criticando-as. Dizia que não tinha ficado bem, que tinha a barba torta. Eu insistia que estava óptimo, e aproveitei para lhe pedir um autógrafo, precisamente como se faz com as vedetas, com os campeões desportivos. Fitou-me, com um olhar ardente, levando-me a pensar que me ia mandar para o diabo; porém, em vez disso, sorriu, pediu uma caneta e assinou-me as fotografias.»

Acaricia aquelas imagens, que lhe recordam um Padre Pio inédito e muito humano. Depois abre uma gaveta da escrivaninha e dela extrai um invólucro: um saquinho de plástico, que contém um hábito de frade. Mostra-mo. Está todo esburacado. «Esta é uma grande relíquia do Padre», comentou. «Continuo a oferecer pedacinhos a pessoas doentes, que mos pedem. Desagrada-me fazê-lo, dentro em breve ficarei sem nada, mas ele ajudava sempre quem sofria. Eu roubei este hábito ao Padre. Certo dia entregou-mo, para que o mandasse lavar, e eu levei-o para minha casa. Contudo, ele apercebeu-se. Sabia sempre tudo, mas nunca disse nada, o que significa que me perdoou.»

Agide conta-me como conheceu o Padre Pio. «Nessa altura eu construía automóveis, morava em Cortemaggiore, onde tinha uma pequena empresa, a "Rondine", que ia de vento em popa. Os meus automóveis, ágeis utilitários, com pormenores vanguardistas para a época, faziam furor. Em 1946, tinha-os apresentado na Feira de Milão, e as encomendas tinham chovido de toda a parte: Inglaterra, Argentina, Líbano, Egipto, Grécia e até Índia. Eu era um pequeno industrial com grande futuro.

Também tinha vendido automóveis a um indivíduo de Foggia, que não me pagava. Assim, decidi certo dia ir cobrar o que ele me devia.

Durante a viagem, de comboio, conheci várias pessoas que iam visitar o Padre Pio, em peregrinação. Contaram-me maravilhas dele e senti curiosidade em conhecê-lo. Tinha os meus pais doentes, com tumores, estava casado há quatro anos e não tinha filhos, e decidi ir ter com aquele santo religioso, para lhe pedir algumas graças. Depois de ter resolvido o problema com o credor retardatário de Foggia, dirigi-me a San Giovanni Rotondo.

De manhãzinha assisti à Missa celebrada pelo Padre Pio, e depois fui-me confessar a ele. Antes de abrir a boca, ele disse-me: "Tu confessaste-te ontem de manhã." Era verdade, eu tinha-me confessado em Foggia. "Gostaria de fazer uma confissão geral", acrescentei. Confessei-me e depois falei-lhe dos meus pais e do meu desgosto por não conseguir ter filhos. O Padre Pio tratou-me com gentileza. Escutou-me. No fim, disse: "Não se pode ir contra a vontade do Senhor: a tua mãe viverá mais alguns meses, o teu pai, alguns anos, e tu terás um filho, ao qual porás o nome de Pio, e recomeçarás todo o teu trabalho do nada." Levantei-me, para me ir embora, e ele acrescentou: "Não te esqueceste de me dar alguma coisa?" Era verdade: antes da confissão, tinha preparado uma oferta, e já me estava a esquecer de lha entregar.

As previsões do Padre Pio, pronunciadas de forma decidida, tinham ficado gravadas na minha mente. De regresso a casa, contei-as à minha mulher, mas não me parecia que tivessem um significado preciso. No entanto, cumpriram-se plenamente, tal como ele tinha previsto. Parecia que tinha lido o futuro num livro. De facto, a minha mãe morreu daí a três meses; o meu pai viveu até 1953, ou seja, mais quatro anos; a minha mulher engravidou e, passados nove meses, deu à luz um filho varão, ao qual, naturalmente, dei o nome de Pio. Por complicações familiares, depois da morte da minha mãe, fui obrigado a deixar a casa, a fechar a empresa de automóveis e a recomeçar tudo do nada, com um novo trabalho, servindo como torneiro, às ordens de um patrão. Tudo como o Padre Pio predissera.

Foi em 1953, depois da morte do meu pai, que regressei a San Giovanni Rotondo. Tudo o que me acontecera durante aqueles anos deixara-me muito perturbado, e fizera-me passar por muitas provações. Eu estava desesperado, sobretudo por ter sido obrigado a sacrificar a minha empresa de automóveis. O facto de o Padre Pio ter predito tudo tinha-me deixado muito impressionado. Sentia que aquele religioso era um ser misterioso. Enchia-me de curiosidade, atraía-me, mas também me assustava. Nessa altura eu não tinha muita fé. Como, na minha vida, tinha havido mudanças radicais e tudo parecia correr-me mal, voltei à sua presença, para que me aconselhasse de algum modo.

Mal cheguei, inscrevi-me para a confissão, mas tive de esperar três dias. Impaciente, tentei passar à frente de quem me precedia na lista de espera, e consegui. Contudo, quando me ajoelhei no confessionário, o Padre ordenou, num tom maldoso: "Vai-te embora." Sentindo-me endurecido, não me queria mexer. O Padre levantou-se e disse."Se não te queres ir embora, então vou eu." Fui obrigado a obedecer. Regressei à igreja, e fui dominado por uma crise de choro.

Comecei a reflectir. Olhando para dentro de mim mesmo, via a minha vida vazia, privada de ideais, e compreendia os meus erros, experimentando uma dor imensa. Fiquei nesse estado durante três dias. Tendo de regressar a Bolzano, ao terceiro dia esperei pelo Padre nas escadas que desciam para a sacristia. Quando o vi, disse-lhe que tinha de partir, mas que só o faria se ele me tivesse absolvido e perdoado a minha forma de agir. Olhou-me com grande ternura e, com voz suave, disse-me: "Porta-te bem." Em seguida, após uma pausa: "É mais fácil que o mundo se aguente sem sol, do que o cristão se aguente sem Missa." Com o punho cerrado, deu-me um murro tão forte, que me fez perder o equilíbrio e embater contra a parede. Mas aquela violência e aquela dureza foram salutares. Despertaram a minha alma e fizeram-me compreender como eram importantes as coisas do espírito. Mudei de vida e, a partir daquele dia, nunca mais perdi a Missa dominical e, sempre que podia, passei a assistir à Missa também nos dias de semana.

Desde então, regressei muitas vezes a San Giovanni Rotondo. Por vezes ficava lá três ou quatro semanas seguidas. Tinha aprendido a estar atento a tudo o que acontecia à minha volta. Viver ao lado do Padre Pio significava viver num mundo alheio às regras normais. Para o Padre Pio, não havia barreiras de espaço nem de tempo. Sabia tudo, via tudo.

Certo dia, estava eu a assistir à Missa, em Bolzano. Naquela época, os sacerdotes celebravam de costas voltadas para o público. Quando o celebrante se virou, para dizer *Dominus vobiscum*, vi que era o Padre Pio. Aproximei-me do altar, para ver se tinha tido uma alucinação, mas não: aquele era mesmo o Padre Pio. Fiquei agitado. Terminada a Missa, corri para a sacristia, com intenção de o saudar, e verifiquei que, afinal, não

era ele, nem sequer alguém parecido com ele. Era uma pessoa completamente diferente.

Não sabia que dizer. Estava certo de que não tinha tido uma alucinação. De regresso a casa, contei tudo à minha mulher: "Amanhã de manhã parto para San Giovanni Rotondo." Ela ficou furiosa. "Vais deixar as crianças, vais-me deixar a mim, vais deixar o trabalho... Estás louco." Não lhe dei ouvidos, e parti. Mal cheguei, o Padre Pio dirigiu-se-me, com um tom de censura na voz: "Já chegámos ao ponto de eu ter de te ir buscar a casa?" Fora ele que me chamara. Queria dar-me ordens sobre certos trabalhos a fazer na sua igreja.

Estar perto dele era uma surpresa permanente. Aconteciam continuamente factos que ninguém conseguia explicar de forma racional.

Certa noite, parti de San Giovanni Rotondo, de regresso a Bolzano. Estava cansado, mas tinha de voltar para casa. Devo ter viajado durante toda a noite. Entre Vasto e Pescara, adormeci ao volante. Não sei que distância percorri. A dado momento, senti um forte murro no estômago, que me tirou a respiração. Parei o automóvel e, vinte metros à minha frente, estava uma passagem de nível fechada. Nesse instante passou um comboio. Se não tivesse parado, teria havido uma tragédia. Perguntei a quem estava ao meu lado porque me tinha dado um murro, mas o meu companheiro dormia. Dei meia volta, e regressei a San Giovanni Rotondo. De manhã, fui ter com o Padre Pio. Antes de eu abrir a boca, disse-me, em tom de reprovação: "Olha lá, quando se está naquele estado, não se deve conduzir. Queres que eu te guie o carro até casa?" Fora ele que me salvara.

Era impossível mentir-lhe. Eu tinha um grande trabalho a acabar para a sua igreja. Faltavam-me três peças, mas decidi, mesmo assim, levar todo o material para San Giovanni Rotondo. Enquanto os meus operários o montavam, eu podia ter terminado as peças em falta. Assim não atrasaria o prazo da entrega.

Ao chegar a San Giovanni, fui cumprimentar o Padre. "Acabaste o trabalho?", perguntou-me. "Acabei", respondi. "E quando vais terminar as três peças que te faltam?", inquiriu ele, acto contínuo.

Enquanto eu estava em San Giovanni, recebi uma carta de certa senhora de Bolzano. Mandava uma oferta para o Padre Pio, e dizia-me que perguntasse ao Padre se era verdade que uma senhora de Jesi, estabelecida em Bolzano, fazia curas em seu nome.

Entrei no convento e tentei passar primeiro pelo superior, para lhe entregar a oferta. No corredor, encontrei o Padre Pio: "Onde vais com tanta pressa?", perguntou-me. E acrescentou imediatamente: "Que carta é essa que tens na mão?" "Eu ia ter com o Padre Raffaele", expliquei. E ele: "Dá-me essa carta, que não é para o Padre Raffaele, mas para mim" Depois, sem abrir a carta, acrescentou: "Escreve a essa senhora, e diz-lhe que eu não incumbi ninguém de fazer curas em meu nome. Se houver testemunhas de que alguma curandeira o faz, serei eu próprio a denunciá-la."

Noutra ocasião, quando me despedia dele, antes de regressar a Bolzano, notei-lhe um ar alheio e, com os olhos semicerrados, como se estivesse a observar qualquer coisa a grande distância, murmurou: "Se consertarem a bicicleta e fizerem o cinzeiro, vendem o ferro e compram pão e vinho." Frases estranhas, que eu não entendia. Pensava que não tinha ouvido bem as palavras, e não pensei mais nelas.

Chegado a Bolzano, dirigi-me à oficina e vi uma bicicleta com o guiador e os guarda-lamas cortados. Recordei então as frases do Padre Pio. Chamei o responsável dos meus operários e perguntei-lhe se tinha feito um cinzeiro, e se tinha vendido ferro e comprado vinho e pães. "Fiz isso mesmo", replicou, surpreendido. E acrescentou: "Mas como é que soube?" Explicou-me que tinha arranjado a bicicleta, de modo a torná-la mais veloz, que o cinzeiro tinha saído mal e que, graças ao ferro vendido, tinha obtido 2700 liras; finalmente, com esse dinheiro, tinha comprado vinho e pão para todos. O Padre Pio, em San Giovanni Rotondo, tinha assistido a tudo.

Certo dia, confessei ao Padre que estava cansado de viver sempre com o afã do trabalho e do dinheiro, sem nunca parar para descansar. O Padre respondeu-me: "A quem venderias a alma, se fosses rico? Faz pela tua cabeça, e assim pagarás da tua bolsa!"

Eu tinha aceitado fazer as vidraças da sacristia em ferro e

depois revesti-las com bronze. Era um trabalho difícil, e tinha medo de não me sair bem. O Padre Pio disse-me: "Olha lá, tens medo de fazer esse trabalho? Então para que sirvo eu? Não tenhas medo. Tudo correrá pelo melhor, não fiques preocupado."

Alguns meses mais tarde, enquanto trabalhávamos, o Padre veio ter connosco e disse-nos: "Apetece-me enforcar-vos. Só sabeis fazer barulho." Eu respondi-lhe: "Padre, não posso envolver o martelo pneumático num pano!" Então ele disse: "Serias capaz de fazer uma boa acção, hoje?" Eu pensava que ele se estava a referir a não fazer demasiado barulho, e respondi que sim. Mais tarde, ainda durante o dia, vim a saber que o Padre Placido, internado no hospital, tinha piorado. Esperavam sangue, vindo de Roma, para uma transfusão. Era um tipo de sangue particular, "grupo B, Rh positivo". Era esse o meu grupo sanguíneo e, por isso, ofereci-me para a transfusão. Depois de ter dado sangue, porém, fiquei com uma dor de cabeça tão forte, que mal me tinha em pé. Sentia-me muito fraco. Fui ter com o Padre, que me perguntou: "Já fizeste a boa acção de hoje?" "Padre – repliquei –, se vos referis a ter dado sangue para o Padre Placido, então fiz." "E a que querias tu que eu me referisse? Mas porque não pediste que te dessem conhaque? Vai até à hospedaria, come um bife em sangue e amanhã não venhas à Missa. Vem só mais tarde."

Fui ter com o Padre Pio, para lhe pedir que se recordasse de uma pessoa que no dia seguinte fazia anos. O Padre Pio deu-me um terço e disse-me: "Leva-lhe este terço. Que o gaste, à força de o recitar, que o parta, com o ardor da oração. E muitos parabéns por todos os anos que ainda tem para viver."

Depois de me ter confessado ao Padre Pio, pedi-lhe se me podia dar uma pequena lembrança para alguns dos meus conterrâneos. Deu-me três medalhinhas. "Padre, as pessoas são quatro!", exclamei. E ele. "Uma delas tem primeiro que se converter. Só depois receberá a medalhinha." Com efeito, uma dessas pessoas pertencia a uma família protestante.

Certa manhã, levantei-me às quatro para assistir à Missa celebrada pelo Padre Pio. Mas ele não apareceu na Igreja. Um

frade disse-me que o Padre não se sentia bem, e que tinha ficado na cama. Pedi autorização para entrar na sua cela. O Padre estava na cama. Apercebi-me que tinha as luvas em cima da mesa-de-cabeceira. Peguei nelas muito depressa, meti-as no bolso e fui-me embora, a correr.

Ao meio-dia, fui almoçar à hospedaria. Estava a falar com a proprietária, senhora Santoro, quando, ao procurar um lenço, no bolso, deixei cair as luvas do Padre Pio. A senhora Santoro foi mais rápida do que eu. Apanhou-as e já não quis devolver-mas. Cheguei mesmo a oferecer-lhe dinheiro, mas não voltou atrás.

Fiquei amargurado e muito triste. Não sossegava, por ter perdido um objecto tão íntimo do Padre. À noite, fui cumprimentar o Padre Pio, e encontrei-o sentado numa poltrona, entretido a conversar com outras pessoas. Engendrei um plano: quando o Padre me desse as boas-noites, eu beijar-lhe-ia as mãos e depois, ao sair, apanharia as luvas de cima da mesa-de-cabeceira. A dado momento, o Padre Pio exclamou: "Viva, boa noite!" Aproximei-me então, beijei-lhe a mão e ele, de repente, agarrou-me as duas mãos e, mantendo-as bem presas, empurrou-me até à porta: "Fica para a próxima."

Alguns dias mais tarde, a senhora Santoro disse-me que tinha confessado ao Padre Pio que era ela que tinha as luvas e que mas tirara a mim. O Padre respondera-lhe que podia ficar com elas. No entanto, eu temia que ele tivesse ficado zangado comigo, pelo meu acto. Tinha muito medo de me ir confessar a ele.

Enchi-me de coragem e contei-lhe tudo. O Padre disse-me: "Bravo! Além de me contares essas coisas, também me vens roubar ao meu próprio quarto!" "Padre, se quiser, eu trago-lhe as luvas de volta. Peço à senhora Santoro que mas dê." "E ela vai mesmo dar-tas!" "Mas se eu lhe disser que foi o Padre que mandou, ela obedecerá." "Se tivesses roubado ao teu pai uma coisa que querias para recordação, ele ralhava-te?" "Não", respondi. E ele: "Então, porque havia eu de te ralhar?" "Posso pedir à senhora Santoro que me dê uma?", perguntei. "Se ela ta der, fica com ela." Preparava-me para sair a correr do confessionário, mas o Padre deteve-me: "Espera! Tenho de te dar a absolvição. E não tenhas pressa." Ontem à noite, a senhora deu-me uma das luvas.

Estava para partir, de regresso a Bolzano. Como tinha de passar pelo Loreto, quando se despediu, o Padre disse-me: "Que Nossa Senhora te proteja sempre." "Padre, faz-me uma dedicatória num quadro de Nossa Senhora das Graças?", e apresentei-lhe o quadro. O Padre Pio escreveu: "Que Maria nunca afaste de ti, nem da tua família, o seu olhar misericordioso. Padre Pio, Capuchinho." Depois disse-me: "Toma, pendura-o no meio da parede, sobre a tua cama, onde não tens nada, a não ser dois quadrinhos insignificantes, de cada lado." Era mesmo verdade.

Eu estava em Foggia e preparava-me para ir de carro até San Giovanni Rotondo, quando vi um frade a pedir boleia. Tinha acabado de recusar a boleia oferecida pelo condutor de uma furgoneta, que parara. Encostei, e perguntei-lhe se queria entrar. O frade estava indeciso. Queria ir até San Giovanni Rotondo num automóvel cómodo, e por isso tinha recusado a furgoneta. Contudo, o meu carro era demasiado luxuoso, e tinha vergonha de aceitar. Acabou por aceitar a boleia, e chegámos ao nosso destino.

O frade chamava-se Padre Angelo. Fomos ter com o Padre Pio, que disse ao Padre Angelo: "Com que então querias um carro de luxo, hem?! E encontraste-o!" O Padre Angelo não entendia como podia o Padre saber estas coisas. O Padre Pio disse-lhe: "Deixa lá, eu conheço os teus desejos."

Um meu amigo, Giuseppe Dalle Nogare, tinha comprado um carro novo e queria levá-lo até San Giovanni Rotondo, para que o Padre Pio o abençoasse. Pediu-me para ir com ele. Durante a viagem, caiu sobre nós um violento temporal e, chegados a Fano, descobrimos que a estrada estava alagada. Era preciso utilizar outra estrada, que acrescentaria muitas horas à viagem. Eu disse então a Giuseppe: "Mete a segunda e passa!" Deu-me ouvidos. O carro parecia um barco a motor, com toda aquela água a esguichar dos lados. Conseguimos passar e, tendo chegado a San Givoanni Rotondo, fomos imediatamente ter com o Padre Pio. Quando me viu, o Padre exclamou: "Ei-lo que chega, o paroquiano." "Padre, porque me chama *paroquiano*?" "Em San Marco in Lamis, havia um pregador que falava tão bem que toda a gente chorava. Todos, me-

nos uma pessoa. Alguém que estava ao seu lado, deu-lhe uma cotovelada e perguntou: "Porque não choras?", ao que ele respondeu: *Eu não sou desta paróquia!*" "Está bem, mas que tenho eu a ver com o paroquiano?" "Passa, Giuseppe, passa! É que o carro não era teu. Se fosse teu, não terias passado, arriscando a sua ruína!"

Cabia-me a mim ajudar o Padre Pio a celebrar a Missa. Lembro-me que, uma vez, fui assaltado por uma forte dúvida. Pensei que o padre talvez não sangrasse realmente das mãos. Pus-me a rezar, tentando afastar aquela suspeita, mas ela parecia caruncho. No momento de deitar a água e o vinho, reparei que, do dedo mindinho do Padre, descia uma gota de sangue, que caiu no cálice. Fiquei assustado e comovido, ao mesmo tempo, a ponto de ter derramado água e vinho sobre o altar. O Padre Pio lançou-me um olhar abrasador. Terminada a Missa, tomou-me à parte e perguntou-me: "Ainda tiveste coragem para duvidar?"

Quando eu pedia ao Padre Pio que se lembrasse da minha família durante a Missa, ele respondia-me sempre: "Metê-los--ei a todos no cálice."

Em 1946, o meu olho esquerdo tinha perdido a visão, na sequência de um acidente. Certo dia, o Padre Pio aproximou--se e disse-me: "Não se percebe que és cego de um olho. Com o outro vês muito bem, não é verdade?" "Padre, foi duro habituar-me a ver só com um olho. Ainda hoje me engano, quando deito açúcar no café." "Então é melhor não beberes café."

De outra vez, o Padre censurou-me por eu não ser suficientemente cuidadoso com o trabalho. Disse-me: "Só tens um olho. Quem dispara, fecha um olho e depois atira a direito. Tu deverias estar sempre preparado para fazer tudo direito!"

Uma pessoa para quem eu tinha feito alguns trabalhos devia-me dinheiro. Perguntei ao Padre como devia comportar--me, e ele respondeu: "Recorre ao advogado. O trabalho é tão sagrado como a oração. Só que a oração não custa suor e sacrifício, ao passo que o trabalho, além de suor, também implica riscos."

Apresentei ao Padre Pio um amigo de Varese. O Padre disse: "*Varese, varesino, varesotto, stai lontano e fai fagotto!*" (Varese, varesino, varesoto, faz a trouxa e vai-te embora!). O meu amigo sentiu-se ofendido, e o Padre Pio explicou, a brincar, que nos devíamos manter afastados dos habitantes de Varese, porque eram todos industriais e comerciantes, e por isso aldrabões. O meu amigo contou ao Padre que não tinha filhos, mas que considerava as suas duas sobrinhas verdadeiras filhas. Então o Padre Pio concluiu, a rir: "Assim, quando morreres, far-te-ão uma bela lápide com as palavras: *Aqui jaz o tio de fulana e fulana, que sempre somou e multiplicou. Nunca fez uma subtracção e nós, suas parentes, fazemos a divisão!*"»

Giovanni Baldazzi deixou este mundo em Dezembro de 1997. Tinha oitenta e nove anos.

Todos o conheciam por «Giovanni da Prato». Tinha conhecido o Padre Pio em 1950, e tinha-se tornado seu amigo fidelíssimo. Desde então, passou a viver para o Padre Pio. Levou milhares de pessoas a San Giovanni Rotondo.

Nos últimos tempos visitei-o várias vezes. Era ele que me chamava. Queria confiar-me as suas recordações do Padre Pio. A sua saúde, porém, não permitiu que levássemos o projecto até ao fim.

Contudo, as coisas que me disse nos nossos encontros foram importantes. Apresentam facetas inéditas do Padre.

«Quando conheci o Padre Pio – contou-me Giovanni Baldazzi – eu tinha um armazém de tecidos em Romagna e pertencia à "oposição". A minha mulher rezava, mas eu não. Blasfemava, calcava Jesus aos pés. Não acreditava em nada, queria partir para a Rússia de Estaline. Ele transformou-me, transmitiu-me a fé. Disse-me que, de outro modo, perderia a alma.

O meu primeiro encontro com ele correu mal. Com efeito, o Padre Pio expulsou-me da sua presença. Eu tinha ido ter com ele para concretizar um sonho.

Era o dia 14 de Abril de 1950. Durante um ano, o Padre continuou sempre a mandar-me embora. Certo dia eu disse-lhe: "Padre, tendes-me mandado embora ao longo de um ano, por causa de umas quantas "putas" e de outras tantas blasfémias. Se vierdes a saber que sou comunista, matais-me." Ele abraçou-me com força, e disse-me: "Não é a cor que

nos divide; o que tu tens é a alma suja. E eu, para o inferno, por tua causa, não vou. Vai-te confessar a outro e depois comunga."

Mais tarde tornámo-nos amigos. Eu passava vinte dias por mês em San Giovanni Rotondo. Quando o Padre terminava as suas funções, juntávamo-nos sempre. Ele chamava-me. Lembro-me que os meus amigos se metiam comigo, por eu estar sempre a visitá-lo. No entanto, não havia nada a fazer. Se eu não fosse, ele chamava-me. Apetecia-me recusar, mas era impossível. Não sei o que via ele em mim, já que era um ateu. Durante um ano mandava-me sempre embora.

Em 1953, levei-o a votar no meu automóvel. Eu tinha um Lancia B14 Aurelia. Só havia sete exemplares em toda a Itália. Para o comprar, foi um verdadeiro sacrifício. O Padre Pio disse-me: "Anda cá. Senta-te. Diz lá, quanto custa o teu carro?" "Um milhão e oito", respondi.

"Já o pagaste?"

"Não."

"E como conseguiste que to dessem?"

"Com as letras."

"E quanto lhes deste?"

"Duzentas mil liras, e depois uma letra enorme, a cobrar de seis em seis meses."

"E como a amortizas?"

"Com aquilo que tenho, Padre."

Eu costumava utilizar o automóvel para levar pessoas a San Giovanni Rotondo. Por isso, ele perguntou-me: "Quanto levas por pessoa?"

"Dez mil liras."

"E quanto custa o comboio?"

"Quinze mil liras."

"Devias levar o mesmo que o comboio. Porque hás-de levar menos?"

"Se levar tanto como o comboio, tenho medo que depois as pessoas deixem de vir. E eu gosto de vir até cá."

Certo dia, o Padre perguntou-me: "Que me contas?"

"Padre, tenho muitas cartas, mas não sei qual é a mais urgente."

"É esta!", exclamou ele, e retirou-ma das mãos. Era de uma senhora, que tinha de ser operada a um cancro. Tratava-se da senhora Messi, mulher do fabricante de óleo. Depois tudo correu bem. Ela tinha quarenta e oito anos, e só morreu aos oitenta.

O meu pai foi visitar o Padre Pio quando tinha setenta e oito anos; davam-lhe apenas vinte dias de vida, pois tinha um cancro no estômago. O Padre deu-lhe um murro no estômago, em seguida abraçou-o e disse-lhe: "Vai e não te preocupes." O meu pai desatou a chorar. Então o Padre Pio gracejou: "És um choramingas e, para a próxima, não te abraço, porque assim faço má figura. Nós somos da classe de ferro." Eram ambos da mesma classe.

Lembro-me que, antes daquela viagem, o meu pai e eu estávamos juntos em Rimini. Na hospedaria Vecchia Rimini, havia um grande espelho na sala de jantar. Tínhamos de passar diante dele, quando íamos comer. O meu pai parou diante do espelho, e disse-me: "Tu andas a transportar um morto pelo mundo. A tua mãe pensa que me engana, mas eu tenho menos de um mês de vida."

Depois fomos visitar o Padre Pio e eu disse-lhe: "Trouxe-vos o meu paizinho."

"Onde está ele?"

"Está no corredor. Talvez depois o saúde."

"Traz-mo cá! Mas como se chama ele?"

"Carlo."

Então o Padre Pio grita: "Onde está, Carlo?"

"Estou aqui, Padre."

"Anda cá", e abraçou-o.

Mais tarde, o meu pai disse-me: "Sabes, Giovanni, aquele homem é uma coisa extraordinária. Quando me abraçou, senti-me invadir por um grande bem-estar. Há três meses que não posso comer carne, nem pão, nem posso fumar. Contudo, se aqui tivesse meio charuto, fumava-o." Dirigi-me ao povoado e comprei um maço de vinte charutos. Acendi um e o meu pai fumou-o todo. Em seguida fomos comer. Eu queria armar-me em valentão. "Pai, eu escolho a ementa, e depois você faz o mesmo. Eu quero massa, frango assado, acompanhamento, salada, doce, café, um quarto de vinho e água mineral." Ele re-

torquiu: "Eu quero o mesmo que tu escolheste." A partir de então, nunca mais deixou de comer. Morreu dez anos mais tarde, de pneumonia.

Tive o privilégio de estar muitas vezes a sós com o Padre. Acompanhava-o todas as noites desde o coro até à sua cela. Por vezes até o metia na cama. Estava presente quando ele falava com "pessoas" que eu não conseguia ver, como quando falava com o Anjo da Guarda.

Nas traseiras de sua casa, Giovanni construiu uma grande igreja, que é muito frequentada. Ele disse-me: «Eu não queria fazer aquela igreja naquele local. Queria antes montar uma quinta. Então o Padre perguntou-me: "E o que fazes depois?"

"Compro um tractor e retiro-me para a vida privada."

"Ah, que vida tão cómoda! Meu filho, a sorte ajudou-te. Tu não tinhas confiança, e eu disse-te que o Senhor só fecha uma porta para abrir outra maior. Em dois anos ganhaste vinte e dois milhões." Nos anos cinquenta, era uma quantia muito avultada. Eu fabricava óleo para a indústria têxtil. E assim, em vez de continuar a pensar na quinta, construí a igreja.

Certo dia, estávamos no coro completamente sozinhos. Eu estava muito cansado. Levantara-me cedo e, durante todo o dia, tinha apresentado gente ao Padre Pio. Havia muita gente que não se queria ir deitar sem ter sido apresentada ao Padre Pio e, com ele, não se podia brincar. Olhava-nos de uma maneira que nos pregava à parede e, se a parede ficasse mole, afundávamo-nos lá dentro. Eu estava por detrás do Padre Pio. Ele continuava a rezar e eu encostei-me ao banco, apoiando a cabeça nas mãos. De repente adormeci. As mãos escaparam-me e, *bum*, dei uma cabeçada no banco. Ele voltou-se e disse: "Julgas que estás num dormitório?"

"Não, Padre."

"Então vai para a cama."

"Não posso."

"E quem to impede?"

"O senhor."

"Eu? Que tenho eu a ver com isso?"

"As pessoas que lhe trago pagam-me. Eu tenho de viver com este trabalho. O Padre fez-me desistir de ser comerciante de tecidos e disse-me que o Senhor nunca fecha uma porta sem abrir outra maior. Se a porta maior é esta, devo fazer este trabalho."

"Se tu estás contente, todos estamos contentes. Mas como é que eu te impeço de ir dormir?"

"Porque as pessoas querem ser apresentadas, querem que eu sirva de intermediário entre o Padre e elas."

"E então? Será que eu meto medo?"

"Na verdade...! Em toscano diz-se que, quando eu venho ter consigo, "pelo traseiro, nem uma agulha passa!" (*N. da Tradutora*: Isto para dizer, que o Padre não deixava passar nada.)

O Padre Pio deu uma grande gargalhada. Depois, com voz doce, perguntou-me: "Será que não podes mesmo ir descansar?"

"De que maneira?"

"Ora, só é preciso usar de esperteza."

Não percebi o que ele queria dizer com aquela frase, por isso continuei a dar voltas à cabeça. Tinha de ter cuidado com o meu comportamento, pois, se cometesse um erro, arriscar-me-ia a deixar de poder entrar no convento.

Certo dia, porém, pensando na frase do Padre Pio, "é preciso usar de esperteza", tentei organizar-me. No meu automóvel, levava sempre oito pessoas de cada vez a San Giovanni, entre as quais se contavam algumas senhoras. Todas elas queriam ser apresentadas ao Padre Pio. Se lhas apresentasse uma a uma, esperando a ocasião propícia, tinha de ficar no convento durante horas e horas, e não podia dormir. Assim sendo, tentei engendrar um plano. Nessa ocasião tinha trazido duas senhoras, e pu-las lá em baixo, no corredor, de modo que pudessem ver o Padre quando ele passasse. Aos seis homens, levei-os até lá acima comigo, ficando no corredor do convento, que o Padre Pio teria de percorrer ao dirigir-se para a cela. Coloquei dois perto da porta do coro, por onde ele sairia; outros dois mais à frente, e os dois últimos perto da sua cela. Expliquei-lhes como deviam comportar-se e mantive-me escondido, para ver se o plano funcionava, mesmo sem a minha presença. Se tudo corresse bem, nas viagens seguintes,

depois de dispostas as pessoas, poderia ir descansar e ficar fresco para a viagem de regresso.

O Padre Pio chega à primeira passagem e encontra duas pessoas. Volta-se, e depara com outras duas. Em seguida repara nas duas últimas. Então grita: "Já percebemos tudo. Vá lá, sai daí." Sorriu e tudo correu às mil maravilhas. A partir de então, fiz sempre assim.

Aconteceu um facto que nunca consegui explicar. O Padre Pio disse-me, e repetiu-me várias frases misteriosas, para as quais nunca cheguei a encontrar uma interpretação precisa, como habitualmente ocorria. De vez em quando penso nelas, mas não as entendo. No entanto, tenho a certeza que querem dizer qualquer coisa.

Fui a San Giovanni, levando comigo um certo Milton Rosa, ferroviário de Velletri. Estávamos no corredor do convento, entre o coro e a cela do Padre. Milton Rosa estava um pouco afastado, não se via. O Padre, voltando-se para mim, perguntou:

"Bem, então que dizes?"

"Nada, Padre."

"Bem-aventurado sejas!"

"Padre, tenho uma coisa a pedir-lhe", disse Milton Rosa, avançando um pouco. "Gostaria de morrer antes de si, e gostaria que fosse o senhor a acompanhar-me até ao além."

"E assim será", replicou o Padre. Nessa altura, também falei: "Padre, eu gostaria de morrer quando o senhor morrer, e ficaria contente se me levasse para o mesmo sítio que o senhor for."

"E assim será", retorquiu o Padre.

"Mas quanto tempo vamos viver?", acrescentei.

E ele: "Eu, três vezes trinta e três! Depois, viveremos juntos."

Isto aconteceu em Fevereiro de 1961. Chegados a Setembro, quando eu ia a entrar no convento, o Padre Vincenzo perguntou-me: "Sabes da notícia?"

"Que notícia?"

"Morreu Milton Rosa."

"Não!", exclamei eu. "Deixa-me passar. Tenho de falar com o Padre Pio, antes de ele entrar na igreja."

Ao chegar ao corredor, estava ele a fechar a cela. Havia três pessoas à sua espera. Eu detive-me no caminho, ficando a uma certa distância. Ele viu-me e disse às outras pessoas: "Dais-me um instante? Tenho de cumprimentar aquele senhor." Chega ao pé de mim, e interroga-me: «Tenho-te feito reflectir, não é verdade?"

"Sim, é verdade", retorqui. Depois voltei a perguntar. "Mas quanto tempo vamos viver?"

"Já to disse: eu, trinta vezes trinta e três, e depois viveremos juntos."

Que significaria aquela frase? Nunca o entendi. Noutra ocasião, o Padre disse-me que ele próprio havia de viver noventa e oito anos.

Encontrava-me muitas vezes com o Padre na varanda. Por vezes, ouvia-o falar, e então perguntava-lhe: "Padre, que foi que disse?"

"Alguém te perguntou alguma coisa?"

"É que o senhor estava a falar..."

"Mas não contigo! Mete-te na tua vida!"»

Certo dia, lembrando-se que eu, na juventude, era um comunista anticlerical, o Padre disse-me: "Tu querias deitar a Igreja a baixo. Ora, se nós, que estamos cá dentro, não somos capazes de o fazer, julgavas tu que ias conseguir?"»

As relações do Padre Pio com as pessoas sempre tiveram características surpreendentes. Por vezes, certos indivíduos bons, exemplares, representantes de organizações católicas, suscitavam nele acessos de cólera e antipatia. Também acontecia, pelo contrário, que alguns desgraçados, pecadores errantes, eram acolhidos de braços abertos. A aparência exterior não tinha qualquer significado para ele.

Imediatamente após a guerra, Mario Spallone era um jovem médico que tentava ganhar a vida aceitando trabalhos bastantes difíceis, como assistências nocturnas aos doentes, que outros médicos recusavam. É provável que o fizesse com sincera generosidade, com autêntico espírito altruísta, e talvez tenha sido por isso que chamou a atenção do Padre Pio.

Falo de Mario Spallone, o célebre professor e proprietário,

com os seus quatro filhos, também eles médicos, de algumas importantes clínicas de Roma. É uma figura histórica do comunismo italiano, que foi médico pessoal de Palmiro Togliatti, e de todos os líderes históricos da esquerda. Ora, nos anos quarenta, quando o comunismo era considerado o inimigo número um da religião, e, portanto, da Igreja, o professor Spallone tornou-se filho espiritual do Padre Pio.

«Visitei-o pela primeira vez em 1944 – contou-me o professor Spallone. – Acolheu-me com afecto, e abraçou-me. Desde então, tenho sentido sempre a sua presença ao meu lado, e sei que tudo o que realizei o devo a ele. O Padre tem-me protegido e guiado sempre.»

Encontrei o professor Spallone no seu consultório. As paredes estão cobertas de fotografias das pessoas que lhe são queridas: os seus pais, a sua mulher, Luana, o seu mestre, professor Frugoni, Togliatti e Nilde Iotti. Todas as fotografias têm dedicatória. Em cima da mesa, pelo contrário, precisamente diante dos seus olhos, vêem-se quatro fotografias do Padre Pio. Há ainda outra, grande, sobre a mesinha do telefone. O mesmo acontece na clínica. As fotografias do padre Pio estão presentes em toda a parte, não de forma ostensiva, mas discreta, «presidindo» às diversas actividades.

Conheço há vários anos a história do professor Spallone e do seu incrível relacionamento com o Padre Pio. Contou-ma Carlo Campanini, que era seu amigo. Spallone sempre foi muito discreto em relação a esta sua experiência. «Nunca me senti obrigado a ocultar as minhas convicções – confessou-me ele –, no entanto, tratando-se de um assunto tão delicado, em que estão em jogo os mais altos valores, não queria que fosse alvo de mexericos fúteis. Dada a minha posição política e a minha actividade como médico dos dirigentes comunistas, se tivesse falado desta faceta pessoal da minha vida, não faria mais do que dar azo a uma curiosidade mórbida.»

O professor Spallone é um homem com uma grande capacidade de comunicação. Tem uma presença majestosa. O rosto, fortemente expressivo, a voz profunda, os gestos largos e harmoniosos, fazem-no assemelhar-se a um actor. Está seguro de si. As suas frases são secas e cortantes, de líder, de pessoa muito dinâmica. Contudo, mal aborda o tema do Padre Pio,

torna-se doce, humilde, e a sua voz embarga-se, com sincera e incontida comoção.

«Comecei a ouvir falar do Padre Pio em 1941 – conta-me ele. – Era ainda estudante de Medicina, na Universidade de Roma. Para pagar os estudos, trabalhava como agente de seguros. Frequentava sobretudo o mundo artístico: actores e cantores líricos, pois estes tinham dinheiro, e faziam seguros com relativa facilidade. Entre outros, conheci Carlo Campanini, e foi ele que começou a falar-me daquele religioso.

Porém, falava-me dele com tanta insistência, que acabei por odiá-lo. Já nem sequer podia ouvir citar o seu nome, sem sentir uma repulsa instintiva.

Eu era militante do Partido Comunista desde os meus tempos de liceu. Tinha estado na prisão. Tinha servido na Resistência. As minhas ideias políticas eram marxistas, por isso, dentro de mim havia um certo conflito com a religião oficial. Contudo, nunca fui ateu. Pelo contrário, simpatizava com o Evangelho, em cujas páginas encontrava muitos ideais sobre os quais queria inspirar a minha vida. Já então sentia em mim um profundo sentido altruísta, um grande desejo de me tornar útil aos outros, sobretudo às pessoas mais humildes e mais simples. Por isso militava no Partido Comunista, que apoiava os operários, e pela mesma razão tinha escolhido a profissão de médico.

Uma noite, porém, fui testemunha de um acontecimento verdadeiramente inacreditável. Tinha-me licenciado havia pouco e estava casado de fresco. Andava a tirar uma especialidade na clínica médica dirigida pelo professor Frugoni, mas, para ganhar mais alguma coisa, prestava assistência nocturna a doentes. Tinha-me associado a uma farmácia, que me passava as chamadas. Era duro levantar-me a meio da noite e, por isso, habitualmente fazia-me acompanhar pela minha mulher, Luana, ou pelo nosso cão, arraçado de lobo.

Uma noite, fui chamado pela farmácia, para acudir a um doente residente na Appia Nuova. Estava muito mau tempo, e decidi ir sozinho. Nem sequer levei o cão comigo.

Eu tinha um automóvel velho. Ao fim de alguns quilómetros, apercebi-me que, no assento ao lado do meu, estava um frade de barbas. Fixei-o com atenção. Era idêntico ao das fotografias do Padre Pio, que Campanini me tinha mostrado. Fi-

quei atónito, mas não perdi a calma. Estava bem desperto e plenamente consciente. Esfreguei os olhos e voltei a olhar. O religioso continuava ali, tranquilo, como que absorto em oração. Esperei mais alguns segundos, que me pareceram eternos, e depois fixei-o de novo. Estendi a mão, para lhe tocar, mas a mão entrou no corpo dele, como se este fosse feito de luz. Não conseguia tocar naquele indivíduo, mas via-o distintamente.

A dado momento, tive a impressão de que ele estava a falar comigo. Não sei se ouvi as suas palavras, ou se a comunicação se deu de outro modo. O frade fez-me o diagnóstico do doente que eu ia ver, e depois desapareceu.

Cheguei ao destino em estado de grande tensão. Encontrei um velhinho magro, com uma hemorragia cerebral. Estava muito mal. A sua mulher estava desesperada. Pensei fazer-lhe uma sangria. Naquela época, era a solução para tais emergências. Mas depois parecia que me lembrava de o frade, que vira no carro, me ter dito, precisamente, para não recorrer à sangria. Segui essa inspiração e foi a opção certa.

Administrei-lhe medicamentos que trazia comigo, e o velhinho recuperou. Fiquei com ele algumas horas. Quando a manhã despontava, enquanto lavava as mãos, antes de partir, ouvi a senhora dizer ao marido: "Olha, este jovem médico é precisamente o mesmo que o Padre Pio me descreveu em sonhos." Ouvindo aquele nome, e pensando em quanto me tinha acontecido durante a viagem, saí da casa de banho e pedi explicações.

A senhora contou-me que, na noite anterior, tinha sonhado com o Padre Pio. O frade tinha-lhe dito que o seu marido ia ficar muito mal, mas que não se devia assustar, porque ele lhe enviaria um jovem médico, seu amigo, que trataria muito bem do doente.

Saí daquela casa mais transtornado do que nunca. Nos dias seguintes continuei a pensar no que tinha visto no carro, e no sonho daquela senhora. Uma noite, disse à minha mulher que queria levá-la a jantar fora.

Partimos de automóvel e dirigi-me imediatamente a casa de Campanini. Arranjei uma desculpa para o obrigar a sair e convenci-o a acompanhar-nos. Dirigi-me para a periferia e, quando já estávamos fora da cidade, disse que queria ir ver o

Padre Pio, pois tinha alguns problemas e precisava de falar com ele.

Chegámos a San Givoanni Rotondo às quatro da manhã. Já havia gente à espera para a Missa. Campanini era conhecido. A minha mulher ficou no carro, e nós os dois entrámos no convento.

Campanini bateu à porta do frade, que se estava a preparar para a Missa. O Padre Pio saiu e, ao ver-me, fixando em mim um olhar ardente, disse-me: "Meu malandro, finalmente decidiste vir ter comigo." Depois, mudando de tom, acrescentou: "Ouve lá, Mario, eu não acredito que tu sejas um bom médico. Só és bom porque eu vou às tuas cavalitas e te guio."

Ouvindo que ele me chamava pelo nome e vendo naquelas palavras uma referência claríssima ao facto que me ocorrera em Roma, com aquele velhinho, fui invadido por uma emoção profundíssima, caí de joelhos e desatei a chorar. O Padre Pio pousou a mão sobre a minha cabeça, e esse gesto ligou-me a ele para sempre.

A partir daquele momento, a minha vida mudou completamente. Tive uma espécie de crise interior. Estava profundamente convencido das minhas ideias políticas. Com a ajuda do Padre Pio, porém, tentei ligar o meu empenhamento social, inspirado na filosofia marxista, a uma forma de cristianismo puro, extraído do Evangelho. Julgo ter conseguido. Desde então toda a minha vida foi passada na prática de um altruísmo vivo, dedicando-me com generosidade aos problemas das pessoas, escutando quem precisava de mim, eliminando da minha mente o ódio e a indiferença, e empenhando-me também no campo político, ao serviço da comunidade. O Padre Pio passou a ser sempre o meu guia.»

Os relatos destas pessoas mostram-nos várias facetas diferentes do Padre Pio, mas todos eles evidenciam a sua grande compreensão. Mostrava-se aberto e bom para com todos aqueles que o procuravam de coração sincero.

No entanto, também há outros relatos que nos apresentam um Padre Pio bastante comum, muito próximo do nosso dia-a-dia.

O Padre costumava cheirar rapé, desde a sua juventude.

No princípio do século, era um hábito bastante difundido. Poucos fumavam, mas havia muitos que cheiravam rapé.

O mesmo acontecia nos conventos. Na realidade, tratava-se de um pequeno vício, de uma mania, condenada por muitos. Não se percebe como, mas o Padre Pio também a tinha.

Para transportar o rapé, usava uma latinha de metal, daquelas que serviam, em tempos, para guardar *Magnésio San Pellegrino*, e que tinham na tampa a figura de um monge.

«Antes de passar a usar a lata de *Magnésio San Pellegrino* – escreveu Gherardo Leone, que, sendo de San Giovanni Rotondo, teve a dita de conviver com o Padre Pio desde rapazinho – o Padre costumava guardar o rapé dentro de folhas finíssimas de papel colorido, que arrancava do interior dos envelopes das cartas. Eram doses pequenas, que depois metia no bolso do peito. Quando queria utilizá-las, seguia um procedimento muito típico. Desenrolava lenta e calmamente o pequeno invólucro, tacteando, com os seus dedos afilados, que as meias luvas deixavam a descoberto, na tentativa de encontrar a margem. Depois de pegar na pitada habitual, se estivesse a conversar, não a levava imediatamente ao nariz, mas continuava a falar, mantendo o polegar e o indicador unidos. Por fim levava o rapé ao nariz, primeiro a uma narina, depois a outra, e aspirava com força.

Aos que lhe pediam uma pitada, às escondidas, e a aspiravam, aquele rapé exercia um efeito explosivo de espirros. No entanto, o Padre Pio nunca espirrava.

Muitas vezes aquelas pitadas, obtidas pelos mais audazes, acabavam por ser guardadas como relíquia, ou quase.

Certa noite, enquanto o Padre levava às narinas a sua pitada de rapé, o doutor Mario Sanvico, seu colaborador na *Casa Alívio do Sofrimento*, comentou: "Um santo não pôde ser elevado aos altares, porque aspirava rapé." O Padre ficou com os dedos imobilizados, no ar, e, passados alguns instantes, respondeu com um sorrisinho irónico: "Eu não quero incomodar ninguém." Em seguida levou a pitada ao nariz.»

Os amigos do Padre Pio sempre afirmaram que o seu «aspirar de rapé» não era um mau hábito nem um vício, mas que lhe servia para aliviar o nariz, muitas vezes obstruído, devido ao seu catarro quase crónico.

Mas quem forneceria o rapé ao Padre Pio? Onde iria ele comprá-lo? Angelo Vannoni, num seu testemunho, revelou que quem fornecia rapé ao Padre Pio era um sacerdote. «Sei exactamente – contou ele – que monsenhor Angelo Fantoni, então simples sacerdote, lho enviava aos quilos. O rapé era feito com sete tipos de tabaco diferentes, a que se acrescentava determinada essência.

Certo dia, no início dos anos cinquenta, Armando Stroppa levou ao Padre Pio, por conta de um senhor de Florência, uma tabaqueira de osso, com acabamentos de prata, e um pacotinho de cem gramas de rapé, da marca *Sant'Antonino*. O padre não queria a tabaqueira, e perguntou: "Que faço com isto?" Armando, porém, respondeu: "Deram-ma para que vo-la trouxesse; eu não fico com ela." Do pacotinho de tabaco, uma parte foi deitada na tabaqueira e a outra foi levada por Armando, depois de ter pedido ao Padre que a abençoasse. Durante anos, o Padre continuou a usar rapé *Sant'Antonino*.»

Salvatore Nofri, escritor toscano e filho espiritual do Padre Pio, contou que o rapé do Padre era desejado por todos. «Consideravam-no uma relíquia. O Padre sabia e, por isso, muitas vezes, ao passar da sala São Francisco para a sacristia, mostrava ostensivamente a tabaqueira. Era um convite mudo a que lhe pedissem uma pitada de rapé. Às vezes até permitia o *self-service*, deixando que os requerentes metessem o dedo no relicário e se servissem.

Certo dia – conta Nofri – no fim da minha confissão, o Padre Pio meteu a mão no bolso do peito. Convidando-me a dizer o acto de contrição, extraiu do bolso a tabaqueira. O meu pensamento foi o seguinte: "Que sorte, agora vou-lhe pedir que me dê uma pitada de rapé." O Padre Pio voltou a meter bruscamente a tabaqueira no bolso, gritando: "Já disse que tens de recitar o acto de contrição!" Tinha razão; como sempre, o Padre lera o meu pensamento.»

Monsenhor Domenico De Simio recordava que, quando era criança, em 1923, passou alguns dias em San Giovanni Rotondo, no convento dos Capuchinhos, de onde partiria, mais tarde, para frequentar o liceu em Sant'Elia a Pianisi.

Adoeceu, com uma intoxicação alimentar. Foi retirado do dormitório comum e instalado num pequeno quarto, ao lado

da cela do Padre Pio. «Eu era tratado com generosidade, pelos Padres Capuchinhos, os quais, diariamente, depois do almoço e do jantar, vinham passar algum tempo no meu quartinho – contou-me ele, mais tarde. – Entre eles contava-se também o Padre Pio. Era muito alegre, contava piadas divertidas para me distrair e me aliviar do peso da doença. Uma noite, antes de se retirar, aproximou-se da minha cama, segurando um pouco de rapé entre os dedos. Acariciou-me e deu-me o rapé a cheirar. Atirei-me espontaneamente para trás e ele, sorrindo, retirou-se. Naquela noite dormi profundamente. Não espirrei, a febre passou-me e no dia seguinte pedi para me levantar. Satisfizeram o meu desejo e, passados dois dias, já estava em condições de partir para Sant'Elia.»

O Padre sofria muitíssimo com o calor. Para ele, o Verão era um tormento. Procurava lugares à sombra, tentando encontrar um pouco de refrigério. Foi pela primeira vez a San Giovanni Rotondo, precisamente para fugir ao calor que imperava em Foggia, onde então se encontrava. O fresco de San Giovanni Rotondo levou-o a pedir aos superiores para ser definitivamente transferido para aquele convento.

Para suportar o calor, no Verão gostava muito de beber alguns copos de cerveja. Um seu filho espiritual tinha-lhe oferecido um aparelho de ar condicionado. Enquanto estava a confessar, os seus confrades instalaram-lho no quarto. Quando chegou e o viu, o Padre Pio perguntou que era aquilo e quanto tinha custado. Responderam-lhe que custara meio milhão, soma bastante avultada para a época. Ficou muito perturbado. Interrogava-se: «Que dirá o Seráfico Padre? É uma ofensa à pobreza!» Os confrades procuraram convencê-lo: «Mas o Padre Pio não tem nada a ver com isso, não foi o senhor que o pediu.» Ao que ele replicou: «Confundis as pessoas, recorrendo a tais teorias. É, de facto, uma ofensa à pobreza.» Nunca se serviu do aparelho. Utilizava-o como prateleira, para guardar os livros.

A relação do Padre Pio com os alimentos, com as bebidas e com o sono nunca foi feliz. No seu *Diario*, o Padre Agostino, seu confessor, escreveu: «O Padre Pio vive mesmo por mila-

gre, porque come pouquíssimo, só ao meio-dia, não dorme quase nada e trabalha bastante no confessionário.»

O Padre Pio, ainda jovem, escreveu o seguinte ao Padre Benedetto, seu director espiritual: «Muitas vezes custa-me muito satisfazer as necessidades da vida, ou seja, comer, beber e dormir. Sujeito-me a elas como um condenado, só porque Deus assim quer.»

Noutra carta: «O comer e o beber são para mim um tal peso, que nunca conseguirei encontrar comparação possível a não ser com as penas que deviam experimentar os nossos mártires, no acto da prova suprema.»

Como já vimos nos primeiros capítulos deste livro, o Padre, quando era jovem, estava sempre doente e vomitava quase logo tudo quanto comia. É provável que sofresse de anorexia, doença bastante rara na época.

Já muito se tem escrito sobre a alimentação do Padre Pio. Muitos têm falado dos seus bolos e doces preferidos. Trata-se apenas de fantasias. Foi realizado um estudo sério sobre a alimentação do Padre, pelo professor Matteo Merla, que arranjou maneira de consultar o arquivo de San Giovanni Rotondo, onde estão conservados milhares de documentos relativos à vida do religioso.

Também segundo o professor Merla, para o Padre Pio, era um verdadeiro suplício sentar-se à mesa. No seu estudo, refere que o Padre, de manhã, depois de ter celebrado Missa e de ter feito a acção de graças, ao passar pela cozinha, bebia um gole de café. No dia de Natal, bebia um pouco mais, para festejar o nascimento do Menino Jesus.

Em 1951, começou a sofrer de cólicas renais. Como tratamento, bebia todas as manhãs um copo de infusão de centinódia (ou corrijola, planta com propriedades diuréticas). Seguindo esse tratamento, conseguia sempre eliminar os cálculos, depois das cólicas dolorosas.

Ao meio-dia descia ao refeitório. Nunca comeu pão nem carne. Comia apenas uma pequena porção do primeiro prato, que podia ser verdura cozida (rama de nabo, chicória, repolho ou espinafres), ou massa condimentada com molho de tomate. Do segundo prato, também comia muito pouco: atum ou enguia, ou ainda, de Inverno, fígado de porco, no forno, com folhas de louro. Às vezes, provava alcachofras fritas,

polvilhadas de queijo *mozzarella*, outra vezes choquinhos fritos, ou flores de abóbora, panadas com ovo. Quando os havia, servia-se de uma garfada de espargos cozidos, temperados com azeite e ovo, e de pouquíssimas rodelas de batata, cozidas nas cinzas da lareira, e temperadas com azeite e salsa.

Nada de fruta. Bastavam-lhe duas pequenas porções do primeiro e segundo pratos para ficar saciado. No fim, bebia meio copo de vinho doce.

À noite, nunca descia ao refeitório. Para ele, o jantar não existia. Enquanto os seus confrades comiam, ele deleitava-se com a visão de um quadro lindíssimo do século XVIII, representando a adoração dos Magos.

Um dos seus confrades referiu que, quando o Padre passava várias semanas sem comer, chegava até a aumentar de peso.

O Padre Pio também se interessava pela política. Giovanni Brusa, um dos seus admiradores, contou o seguinte: «Depois da guerra, tinham-se formado vários partidos em Itália. A confusão era muita, e eu perguntei ao Padre Pio: "Em que partido devo votar? No DC, ou..." Ele não me deixou prosseguir. Compreendi o sinal.

As pessoas da terra, sabendo que eu tinha umas ideias e um partido diferentes dos dele, olhavam-me com maus olhos e ameaçavam-me, dizendo que eu havia de acabar mal. Quando estive de novo com o Padre Pio, contei-lhe o que se passava, e ele retorquiu: *Quando falares com essa gente, mantém-te calmo, porque cão que ladra, não morde.*»

Giovanni Scarparo, filho espiritual do Padre Pio, desde os anos cinquenta, que conseguiu viver muito próximo dele, contou-me o seguinte: «O Padre Pio estava muito ressentido com os democratas-cristãos de esquerda. Certa vez, disse claramente, referindo-se a eles: "Traidores desgraçados! Tínheis a Itália na mão e deixaste-a escapar, só por causa de personalismos. Traidores! Sois mesmo traidores!"

Um dia, um honrado democrata-cristão tentou deter o Padre Pio, que passava por entre duas alas de pessoas. O Padre fingiu que não o via. Então o secretário aproximou-se dele e disse-lhe que aquele honrado senhor desejava falar-lhe. "Que

pensa você, que todos nós somos ladrões?" – perguntou o político, magoado, ao Padre Pio. Este respondeu secamente: *Não penso, digo!*»

Conta Francesco Ugliano: «Sempre que eu estava para partir de San Giovanni Rotondo, o Padre Pio dava-me a sua bênção e também duas palmadinhas na cabeça, quais carícias paternais.

Certa manhã, estávamos muitos na sacristia. O Padre Vincenzo, confrade do Padre Pio, não parava de repetir: "Não empurreis, recuai um pouco." Vendo toda aquela gente, eu dizia para comigo, desanimado: "Desta vez vou ter de partir sem as palmadinhas na cabeça." Rezei então ao Anjo da Guarda, pedindo-lhe que fizesse de mensageiro e repetisse ao Padre Pio estas palavras: "Padre, eu vou partir e queria a vossa bênção e as duas palmadinhas na cabeça, como de costume."

O Padre Vincenzo continuava a repetir: "Afastai-vos, afastai-vos", enquanto o Padre Pio se dirigia para a sua cela. Eu olhava-o, cheio de tristeza. Eis senão quando ele aproxima-se de mim, sorri e dá-me as duas palmadinhas na cabeça, dizendo-me: "Hei-de dar-te tantas palmadas, tantas, tantas..."»

Um jovem correu até junto do Padre Pio que, amparado por dois confrades, se dirigia para a cela, e disse-lhe: «Padre, estou noivo de... e quero tomá-la por esposa.»

«Toma-a», respondeu o Padre Pio.

«Mas os pais dela não ma querem dar», retorquiu o jovem.

«Então deixa-a», acrescentou o Padre.

«Mas eu gosto dela, não quero deixá-la.»

«Então toma-a.»

«Mas a mãe e o pai dela nem querem ouvir falar nisso.»

«Então deixa-a.»

«Padre, não é possível, gostamos demais um do outro.»

«Então toma-a.»

«Mas os pais dela mostram-se inamovíveis.»

«Então deixa-a.» Entretanto, o Padre tinha chegado à porta da sua cela, e preparava-se para entrar. O jovem, em tom desesperado, insistiu mais uma vez. «Então, Padre, que hei-de fazer?» Então, o Padre Pio, fingindo-se irritado, e reprimindo a custo uma grande gargalhada, gritou: «Olha lá, para que achas tu que servem os alcoviteiros?»

Contou-me Carlo Campanini: «Um meu amigo, de Prato, andava a ser tratado pelo famoso professor Lunedei de Florença e, certo dia, disse-lhe: "Amanhã não venho para o tratamento do costume, pois tenho de ir visitar o Padre Pio." O professor retorquiu: "Como é possível? Vais visitar aquele histérico? A ciência explica assim os fenómenos que o caracterizam: à custa de pensar fanaticamente em Cristo crucificado, apareceram-lhe os estigmas"!

Aquele meu amigo, ao ver o Padre Pio, contou-lhe o comentário do professor. O Padre Pio respondeu-lhe: *Quando estiveres com o professor Lunedei, diz-lhe que tente pensar intensamente que é um boi, e veremos se lhe nascem cornos.*»

O Padre Bernardo perguntou ao Padre Pio, mostrando-lhe uma carta: «Sabes que me fizeram cardeal?»

O Padre fitou-o, entre surpreendido e céptico, pensando: «Quem sabe aonde quererá ele chegar, desta vez.»

«Sim – prosseguiu o Padre Bernardo –, recebi esta carta com o seguinte endereço: "A sua Eminência, o Padre Bernardo Masone." Como vês, sou mais importante do que tu.»

«Está mas é calado – respondeu-lhe o Padre Pio. – Sabes que me escreveram a mim? *Ao Santo Padre Pio, de Pietrelcina.* Como vês, continuo a ser superior a ti. Tu és apenas cardeal, eu cá sou Papa.»

Durante um período de recreio com um grupo de amigos, na horta do convento, o Padre contou o seguinte: «Era o dia 8 de Setembro, e muitos dos meus conterrâneos de Pietrelcina dirigiam-se ao Santuário de Nossa Senhora de Montevergine. Subiam a cantar "*Sim arrivat a lu Spidalett e la Madonna ci stace rimpett*" (Ao chegar ao Ospedaletto, Nossa Senhora está à nossa frente).

Porém, ao chegar, precisamente, ao Ospedaletto, uma mulher separou-se do grupo, para ir satisfazer uma necessidade natural. Ao regressar, tinha ficado no fim da procissão, e o marido atrás dela, pois estava à sua espera. O bom homem notou que a mulher tinha a orla da saia comprida levantada atrás, deixando à mostra os calções, usados na época pelas senhoras. O marido não disse nada, limitando-se a abanar a cabeça.

Chegados ao santuário, quando estavam para entrar na

igreja, o marido não se conteve mais, e perguntou à mulher: "Então, Mari, vais finalmente baixar essa saia?" A mulher olhou para trás, e viu que tinha a saia levantada. Baixou-a imediatamente e, muito corada, lançou um olhar severo ao marido, exclamando: "Que pateta me saíste! Não mo podias ter dito antes?" Ao que o marido replicou: "Como podia eu saber que raça de promessas vocês fazem?"

O pobre homem – concluía o Padre Pio –, pensava, nada menos, que a sua mulher tinha ido de saia levantada até ao santuário, para cumprir uma promessa feita a Nossa Senhora.»

No dia em que foi anunciada ao Padre Pio a proibição de comunicar com os fiéis, um seu jovem filho espiritual foi ter com ele, para lhe pedir que abençoasse alguns objectos sagrados. Não estava a par das novas disposições. Encontrou o Padre Pio na biblioteca. Estava sozinho. Estendeu-lhe os objectos para serem abençoados. «Quer dizer que ainda não sabes nada?», perguntou o Padre. «Que havia eu de saber?», admirou-se o jovem. «Não posso abençoá-los, fui proibido», retorquiu o Padre Pio. Ao ver a desolação incrédula no rosto do seu filhinho, acrescentou: «Eles sabem porque me proíbem, e eu devo e quero obedecer. Não importa que isso me magoe. Vai, filhinho, não te preocupes comigo. Que o Senhor, que sabe o que faz, te acompanhe». Porém, enquanto o jovem se afastava, o Padre chamou-o e disse: «Não os posso abençoar, mas tocar-lhes posso, isso não me proibiram de fazer», e pousou a mão sobre o pequeno invólucro de medalhas e crucifixos.

Bondoso, brincalhão, compreensivo, paciente, solícito, meigo, bom companheiro, tornava-se intransigente e quase mau no confessionário. Muitos, mesmo dentre aqueles que o estimavam e lhe queriam bem, ficavam mortificados e interditos, frente a certos acessos de ira, que ele tinha com os penitentes. Perdia literalmente as estribeiras. Pelo menos, assim o dava a entender, através do seu comportamento.

Conheci muita gente que se tinha confessado ao Padre Pio; quase todos me contaram que, no primeiro encontro, eram habitualmente expulsos do confessionário.

Não eram «convidados» com gentileza a preparar-se melhor, a fazer um exame de consciência mais atento, a procurar

concentrar-se sobre o significado do sacramento da penitência, de modo a sentir dor pelas faltas cometidas. Nada disso. Eram «expulsos» com maus modos, com frases terríveis, pronunciadas em voz alta, tais como: «Vai-te embora, celerado!», «Não vês como estás negro?», «Vendeste a alma ao diabo», «Vai para o inferno». Se o penitente apresentava alguma objecção, o Padre levantava ainda mais a voz. Por fim, o pobre penitente saía, corado de vergonha, e muitas vezes a chorar de raiva e dor.

Era uma cena inédita, no sentido de que não tem precedentes na história dos confessores. Por quanto nos é dado saber através das biografias dos santos sacerdotes, estes, quando confessavam, acolhiam os penitentes com extrema bondade, com compreensão e gentileza, solícitos, no desejo de desempenhar o papel de Jesus misericordioso, que acolhe de braços abertos o filho pródigo.

O Padre Pio, pelo contrário, tinha um estilo completamente diferente do tradicional, que também contrastava com o seu próprio temperamento meridional, que fazia dele um indivíduo sanguíneo e impulsivo, é verdade, mas sentimental e transbordante de afecto.

Como confessor, o Padre era intransigente, austero e irado, pelo menos no primeiro encontro. Mais tarde, porém, quando já tinha suscitado no espírito do penitente sentimentos adequados ao sacramento da reconciliação com Deus, tornava-se dulcíssimo, compreensivo e paternal. A confissão atingia então o objectivo que o Padre desejava: mudava profundamente o penitente. Quem se ia confessar ao Padre Pio, «revolucionava» a própria vida. Nunca acontecia que ficasse como antes. Caso contrário, teria de ouvir os gritos do Padre.

Escreveu o cardeal Giacomo Lercaro: «O pecado pesava sobre o Padre Pio. O pecado que ele escutava, constatava e censurava, mas para implorar sobre o mesmo a misericórdia de Deus; o pecado, que ele perdoava em nome de Deus, era uma ferida para a sua alma. Era um sofrimento interior que, às vezes, se tornava tão profundo, que não conseguia aguentar mais, traduzindo-se também em sofrimento exterior. Além disso, ele unia o seu sofrimento ao de Cristo, para que fossem perdoadas as culpas dos irmãos.»

O Padre Pellegrino, de Sant'Elia a Pianisi, escreveu: «O Pa-

dre Pio não tolerava o pecado. Muitíssimas pessoas foram humilhadas pelas suas censuras, veementes e por vezes desconcertantes. O que ele fazia, porém, era insurgir-se contra aqueles que, armados de lanças, feriam ao acaso o lado de Cristo; e tinha o direito de o fazer, quer pelo imenso amor que o ligava a Jesus, quer porque, com as suas chibatadas, esperava redimir os infelizes pecadores.»

O cardeal Ursi afirmou: «Ele era detentor de um carisma especial para desempenhar este ministério, graças ao qual penetrava mais facilmente nas consciências, a fim de as estimular e ajudar a reagir, a soerguer-se, a exprimir-se na humildade da acusação, na sinceridade do arrependimento, na esperança da libertação. Muitas vezes com modos bruscos, e recusando-lhes a absolvição, conseguia comover os corações, até os mais endurecidos, fazendo-os morrer, ressuscitar, mudar de vida.»

Certo dia, enquanto confessava, viram-no chorar e perguntaram-lhe porquê. Respondeu: «É pela ingratidão dos homens para com o sumo benfeitor. Que mais poderia fazer Jesus, este pobre Jesus, que não tenha feito?»

A um seu confrade sacerdote, confiou: «Se soubesse como é tremendo estar sentado no tribunal da confissão. Nós administramos o sangue de Cristo. Cuidado, para não o derramarmos de forma fácil e leviana.»

Dizia com frequência: «Sinto-me devorado pelo amor.» Certo dia, tratou mal um penitente. Um seu confrade censurou-o: «Então, Padre, matastes aquela alma.» E ele retorquiu: «Não, estreitei-a contra o coração.»

A outro confrade, explicou: «Se soubesses como sofro por ter de recusar a absolvição... Mas é melhor ser censurado por um homem, aqui na terra, do que por Deus, na outra vida.»

A um sacerdote que o imitava, recusando a absolvição aos penitentes, disse: «É um luxo ao qual tu não te podes dar.»

As suas censuras eram ditadas por um método pedagógico que visava a conversão. «Não vou dar um doce, a quem precisa de purgante», repetia ele. Mas o penitente, fosse ele quem fosse, fosse qual fosse o pecado cometido, era sempre, para o Padre, um filho amado com uma ternura imensa, que devia ser salvo a todo o custo. Passado o momento das censuras,

começava, espontaneamente, a fazer confidências, e confessava ao penitente: «Como me fizeste penar, como me fizeste correr, quanto me custou a tua alma! Comprei-te a preço do meu próprio sangue.»

As pessoas «compreendiam» que as censuras do Padre Pio eram ditadas apenas pelo seu grande amor e acorriam, arrostando com grandes sacrifícios, para poderem confessar-se a ele. Em certos períodos, sobretudo nos anos cinquenta, chegavam a ter de esperar quinze, vinte dias, para conseguirem confessar-se. «Os homens – escreveu o Padre Paolino de Casacalenda – dormiam na terra nua, nos campos à volta do convento, enquanto esperavam a sua vez.»

Para compreender melhor

Estes testemunhos e estes episódios falam por si. Poderíamos continuar a contá-los até ao infinito, porque a vida quotidiana do Padre Pio estava cheia deles. São episódios simples, dos quais emana, porém, a sua grande humanidade e o seu amor pelas pessoas, e que demonstram como a santidade é feita de coisas humildes. O santo é um de nós, que vive no meio de nós, mas sempre com o coração puro, procurando a harmonia e o bem dos irmãos. O santo não deve ser posto num pedestal. Não critica nem se revolta contra quem lhe faz mal. Vive na harmonia, enfrentando as próprias adversidades com calma e confiança.

É verdade que um personagem carismático como o Padre Pio não se podia libertar dos dons recebidos. Por isso, muitos acorriam a ele, convencidos de que bastava tocar-lhe para ser agraciado. Ele, pelo seu lado, ficava contente quando podia «dar» aos outros alguma alegria, algum benefício.

O que ele disse

Certo dia, a uma fiel que lhe confiava: «Padre, eu quero ser santa», respondeu, sorrindo: «Está bem, minha filha, mas olha que vais ter uma vida de cão.»

«Padre – disse-lhe certo homem – se morrer antes de mim, arrasta-me até ao paraíso pelos cabelos?» Resposta do Padre Pio: «Os teus cabelos parecem-me bastante escassos. Receio ter de te puxar pelo pescoço.»

A 22 de Novembro de 1959, Antonio Segni foi visitar o Padre Pio, acompanhado por uma delegação de políticos, e começou a apresentá-los. O primeiro foi o ilustre representante da Rússia. O Padre Pio inquiriu: «Excelência, porque me trouxe apenas um russo? Traga-me muitos.»

O Padre estava a celebrar um casamento. No momento culminante da função, o esposo, dominado pela emoção, não conseguia dizer o «sim» do rito. O Padre Pio espera um pouco, procura ajudá-lo com um sorriso, mas depois, vendo que todas as tentativas eram inúteis, explode: «Em suma, queres dizer esse "sim", ou tenho eu de me casar com ela?»

O que disseram acerca dele

Piero Bargellini, escritor: «Padre Pio, frade isento de poses ascéticas, sacerdote isento de atitudes místicas, confessor isento de requintes espirituais, pelo menos comigo, a quem talvez tivesse agradado ter sido tratado como um penitente de excepção, ou, pelo menos, de respeito. "Que me dizes?", perguntava-me o meu amigo, à partida de San Giovanni Rotondo. "Que me dizes do Padre Pio?" Aquilo que então não disse, vou dizê-lo agora: o Padre Pio é o Padre Pio. À parte a santidade, que não nos cabe a nós proclamar, é um homem capaz de ultrapassar todas as previsões, de alterar todos os planos, de deitar a baixo todos os preconceitos. O seu carácter autêntico, original e genuíno está fora de questão. Acima de toda a suspeita, está a sinceridade da sua alma e o poder do seu espírito.»

Giovan Battista Angioletti, escritor: «Não é humilde para com os homens, porque o é para com Deus. Os homens não lhe metem medo: conhece-os; uma capacidade assombrosa de penetração permite-lhe avaliar imediatamente as suas virtu-

des e debilidades... Não precisa dos homens, nem que sejam os mais poderosos da terra; por isso pode ser ardente e inflexível, ao querer que também os poderosos sigam os caminhos da justiça, e que o povo respeite as leis antigas, sem nunca se abandonarem aos vis instintos.»

22

O bom-humor do Padre Pio

Todas as pessoas que viveram perto do Padre Pio e que com ele privaram, dizem que era um homem jovial e brincalhão. Todas referem, sobretudo, que, nos momentos de descontracção, gostava de entreter os amigos, contando-lhes episódios divertidos e anedotas.

«Tinha um apurado sentido de observação, uma forte capacidade de percepção do lado cómico das pessoas e de o pôr em destaque, embora de forma benévola, sem ofender ninguém. E isto notava-se desde a sua juventude», escreveu um seu confrade.

No seu epistolário, encontram-se, de vez em quando, passagens inspiradas por uma serena auto-ironia. Escreveu certo dia a uma sua filha espiritual: «Rio-me das tuas penas, como tu tantas vezes te rias das minhas. Assim, cada um chora e ri, verificando-se também, neste caso, as palavras do sábio: "O riso mistura-se com a dor." Se te for possível, ri comigo, de ti, e reza para que também eu possa rir de mim, contigo.»

Carlo Campanini, o grande cómico que tão bem entendia da arte de fazer rir, referiu-me por várias vezes, deslumbrado e surpreendido, que o Padre Pio conhecia perfeitamente os segredos da narrativa de anedotas. Era sobretudo perito nos ritmos, nas pausas, nas suspensões destinadas a criar expectativa, e nas piadas conclusivas, de carácter fulminante. «Se tivesse sido actor, o Padre Pio ter-se-ia saído melhor do que eu na arte da comédia», afirmava ele.

As piadas ou as anedotas que o Padre Pio contava, pelo menos aquelas que conseguimos recuperar, não «transbor-

dam» de humorismo irresistível. No entanto, é provável que, com a sua mímica e a sua natural veia cómica, ele soubesse contá-las de maneira a torná-las irresistíveis. Assim, contadas por ele, faziam rir; contadas por outros, não surtem, de modo algum, o mesmo efeito.

Os testemunhos do humorismo constante e da alegria contagiante do Padre Pio são unânimes por parte de todos aqueles que o conheceram bem. No entanto, não se sabe porquê, a imagem dele difundida junto do grande público era, sobretudo, a de um religioso macilento e triste, irritado e melancólico, irado e descontente: precisamente o contrário da sua verdadeira personalidade.

Os factos

A categoria de pessoas que o Padre gostava de atingir com as suas piadas eram, sobretudo, os médicos e os advogados.

Com os médicos, tinha uma relação maravilhosa. Era amigo de muitos, alguns famosíssimos, como os professores Valdoni, Raimondo, Cassano, Gasbarrini, Bacialli, Puddu, Olivecrona e Lian, que foram seus colaboradores nas várias iniciativas por ele realizadas em favor dos doentes.

O Padre Pio tinha grande confiança nos médicos. «O Senhor quer que, no campo da saúde, nós sigamos, na medida do possível, o conselho dos médicos», dizia ele. «Segui-o, e podeis estar certos de que não vos enganareis. Aliás, a Sagrada Escritura diz: *Devemos honrar o médico, por amor de Deus*.»

Repetia com frequência aos doentes: «Deixai-vos operar, que eu rezarei.» Às pessoas com sofrimentos que a ele recorriam, recomendava, antes de mais, que procurassem um bom médico. Contudo, não renunciava a criticar, à sua maneira, certas pretensões da ciência médica, certa segurança soberba e insolente.

Estava ele certo dia a conversar com um grupinho de médicos, quando lhes disse: «Não vos esqueçais das palavras da Escola de Salerno: *Está mais seguro um rato entre dois gatos, do que um doente entre dois médicos.*»

Noutra ocasião, perguntou às pessoas que o rodeavam: «Sabem dizer-me por que razão os médicos nunca fazem gre-

ve?» Ninguém respondeu: E ele prosseguiu: «Nunca fazem greve, porque se aperceberam que os doentes, mesmo sem os seus serviços, se curam igualmente, e ainda mais depressa.» Depois acrescentou: «*Honora medicum propter necessitatem*» (Honra o médico, porque ele é indispensável).

Exortado por um confrade a deixar-se internar na *Casa Alívio do Sofrimento*, para fazer alguns exames, objectou: «Mas que queres tu que os médicos saibam?» «No entanto, o Padre fundou um hospital», replicou o confrade. «Sim – respondeu o Padre Pio –, mas para os doentes, não para os médicos.»

Uma jovem de Ancona, afectada por uma doença grave, foi vista por um célebre especialista de Roma, que a aconselhou a meter-se na cama e a pensar nas últimas disposições a dar à sua vida. Em vez de o fazer, ela dirigiu-se a San Giovanni Rotondo, para se recomendar ao Padre Pio.

Da primeira vez que percorreu o caminho da hospedaria ao convento, chegou quase sem fôlego. Nos dias seguintes, começou a sentir-se cada vez menos cansada e, por fim, já andava com agilidade, sem sentir qualquer mal-estar.

Antes de regressar a Roma, disse ao Padre Pio que voltaria ao consultório daquele célebre professor, para o informar que se tinha enganado no diagnóstico. O Padre Pio respondeu-lhe: «Não vás, olha que ele poderia pôr-te doente outra vez.»

A uma senhora recém-curada, recomendou: «Não digas nada ao teu médico, ele poderia arranjar-te uma recaída.»

Chamava aos advogados, sempre em tom de brincadeira: «Aldrabões de marca.»

Certa noite, na horta do convento, estando rodeados pelos amigos do costume, entre os quais se contavam alguns advogados vindos de Roma, contou o seguinte: «Em tempos, depois de todas as categorias profissionais já terem eleito o seu próprio santo protector, também os advogados decidiram escolher o padroeiro da sua classe.

No entanto, como discordavam quanto à escolha, convocaram uma assembleia geral. Reuniram-se numa grande sala e encostaram à parede as imagens dos vários santos candidatos ao título de "protector dos advogados". Discutiram longamente mas, não chegando a consenso, decidiram confiar a escolha à sorte. Proclamariam padroeiro da sua categoria o san-

to cuja imagem fosse tocada em primeiro lugar por um deles, de olhos previamente vendados.

Escolheram o seu representante. Puseram-lhe uma grossa venda nos olhos, conduziram-no até ao centro da sala, fizeram-no dar várias voltas sobre si próprio, de maneira a ficar desorientado e a não se lembrar da disposição das imagens.

O eleito teve dificuldade em encontrar a direcção certa, mas, por fim, ficou diante das imagens alinhadas, e abraçou uma delas com toda a força. Na sala, fez-se um grande silêncio: o advogado vendado tinha abraçado a figura de Satanás, que o Arcanjo São Miguel calcava aos pés.»

Outra historieta, associada aos advogados, que o Padre Pio gostava de contar, era a seguinte: «Santo Ivo, que sobre a terra tinha exercido a advocacia, chegara havia pouco ao paraíso, mas ainda não tinha levantado nenhuma questão de direito ou de facto.

Certo dia, observando São Pedro a trabalhar como porteiro, começou a interrogar-se por que razão tinha de ser precisamente ele o detentor das santas chaves. Comentava para consigo: "Pedro não é virgem, não é doutor, não é jurista, nem sequer é o mais simpático dos apóstolos, visto que traiu o mestre."

Santo Ivo começou a tecer tais considerações em voz alta. À sua volta começaram a formar-se grupos, em animada discussão, e muitos acharam as suas ideias interessantes. Continuava o Santo a dizer: "Eu compreenderia que São João ocupasse aquele lugar; ele é virgem, e foi o predilecto de Jesus. Mas São Pedro... nenhuma base jurídica justifica o cargo que ele ocupa."

Entretanto, São Pedro começou a sentir uma certa desconfiança à sua volta. Apercebeu-se de que os habitantes do paraíso, até então tão amáveis, agora lhe lançavam olhares estranhos e malévolos. "Que terá acontecido?", interrogava-se ele, preocupado. Finalmente, alguém lhe referiu as críticas de Santo Ivo, o que o deixou impressionado, causando-lhe sofrimento.

O caso chegou aos ouvidos do Pai Eterno, que mandou chamar o advogado e a sua vítima. Santo Ivo começou a fazer a sua alegação. Enumerou os méritos que faltavam a Pedro,

apontou-lhe os defeitos, e demonstrou como, sob o ponto de vista jurídico, ele não tinha direito às chaves, ao passo que São João as merecia.

O Pai Eterno seguira com grande interesse a intervenção de Santo Ivo; de vez em quando, aprovava com a cabeça e Pedro, ao ver aqueles sinais de consenso, sentiu-se perdido. Vencido pelo mal-estar, deixara cair as chaves das mãos.

Terminado o discurso, Deus disse: "Ivo, não tens mais nada a acrescentar?" "Ó Altíssimo, parece-me ter demonstrado..." Mas Deus interrompeu-o: "Sim, meu caro Ivo, tu demonstraste... e tudo o que disseste parece justo, mas Eu considero que aquilo que o meu Filho fez, em tempos, está bem feito, e por isso não vou alterar nada."

Assim terminou a sessão. São Pedro, radiante, apanhou novamente as chaves e, aproximando-se de Ivo, disse-lhe: *Ouve, como já cá entraste, deixo-te ficar; mas garanto-te que és o primeiro e o último advogado que põe os pés no paraíso.*

O Padre Pio sabia utilizar todos os pedacinhos de tempo para se descontrair a si e aos outros. Por vezes concedia a si próprio um momento de distracção, até mesmo no confessionário.

«Corria o ano de 1949 – contou Ida Lori. – Eu tinha de me ir confessar ao Padre Pio. Perguntei ao douto Sanguinetti se o Padre sabia que eu pertencia ao grupo de oração "Casa Alívio" da rua Kramer. O doutor respondeu: "A senhora diga ao Padre Pio: *Eu sou um dos canhões da rua Kramer.*" Com efeito, era assim que o querido Padre nos chamava.

No fim da confissão, enchi-me de coragem e disse: "O doutor Sanguinetti sugeriu-me que lhe dissesse que eu sou um dos canhões da rua Kramer." O Padre Pio, habitualmente sempre sério no confessionário, desatou a rir à gargalhada e com gosto. Comentou: "Ah, és um canhão... Se és um canhão, não dispares contra mim, não me metas medo." Não parava de rir, nem de repetir esta frase. As pessoas que estavam na igreja, entreolhavam-se, assombradas. Antes de deixar o confessionário, ajoelhei-me para receber a bênção do Padre e ele, pousando a mão na minha cabeça, repetia a rir: *Se és um canhão, não dispares contra mim, não me metas medo.*»

Luigi Tricarico, que foi engenheiro-chefe da província de Foggia, encontrou-se por várias vezes com o Padre Pio, durante os trabalhos de construção da Clínica *Casa Alívio do Sofrimento*, para discutir projectos relativos aos edifícios e aos caminhos circundantes. O engenheiro lembra-se que, muitas vezes, o Padre o apostrofava, gracejando: «Delinquente, és só um pouco menos do que Kruscev, mas, mesmo assim, és delinquente.»

O Padre Constantino era um pouco surdo e usava um aparelho acústico. O Padre Pio perguntou-lhe: «Agora ouves melhor? Onde está o aparelho?»

«Está aqui», respondeu o Padre Constantino, mostrando-lho.

«E se o tirares?», perguntou o Padre Pio.

«Então, deixo de ouvir», replicou o seu confrade.

«Tira-o um pouco, para nós o vermos», pediu o Padre Pio.

O Padre Constantino tirou o aparelho e mostrou-o ao Padre. Este, dirigindo-se aos circunstantes, comentou: «Força, aproveitem enquanto é tempo: digam mal do Padre Constantino, que ele agora não ouve.»

Agide Finardi, o empresário de Bolzano e amigo do Padre Pio, contou-me uma pequena história que o Padre gostava de contar muitas vezes.

«Havia um camponês que todos os dias via passar o comboio, e todos os dias se interrogava sobre qual seria o seu destino. Certo dia, passou por ali um caçador, e os dois entabularam conversa. Nesse momento, passou também o comboio, e o camponês perguntou ao caçador se sabia para onde ele se dirigia.

"O comboio vai para a cidade", respondeu o caçador.

"Que é a cidade?", perguntou o camponês.

"A cidade é uma massa de casas e de outras coisas que não há no campo", retorquiu o caçador.

"E como se pode ir até à cidade?"

"Vai-se até à estação, compra-se o bilhete e apanha-se o comboio."

Então o camponês, às escondidas da mulher, vendeu o burro e a carroça e dirigiu-se à estação, levando consigo o di-

nheiro obtido. Apresentou-se ao cobrador de bilhetes, que lhe perguntou: "Para onde quer ir?"

"Para a cidade."

"Qual cidade?"

"Para a cidade. Se eu não disse nada à minha mulher, imagine se lho vou dizer a você."

"O cobrador decidiu enviá-lo até à cidade mais próxima. Perguntou-lhe: "Quer um bilhete só de ida, ou de ida-e-volta? Se quiser o de ida-e-volta, poupa o incómodo de ter de comprar segundo bilhete."

O camponês, pensando que os dois bilhetes eram ao mesmo preço, optou pelo de ida-e-volta. Entrou na estação. De repente, assustou-se com o barulho do comboio a chegar. Em seguida, cheio de medo, não sabia por onde havia de entrar. Foi empurrado à força para uma carruagem, pelo chefe da estação.

Na carruagem, encontrou um senhor que lhe meteu respeito e, por isso, recuou para um canto. A dado momento, o comboio entrou num túnel, e ficou tudo às escuras. O camponês, aterrorizado, desatou a gritar. De cada vez que o comboio entrava num túnel, repetia-se a mesma cena. O senhor que estava sentado ao seu lado, exasperado com aquela gritaria, disse-lhe em tom severo: "Vá para o inferno, você e o seu medo."

"Para o inferno irá o senhor," respondeu o camponês. "Eu cá tenho bilhete de ida-e-volta e, por isso, voltarei para casa".»

Uma outra história do repertório do padre Pio, sobretudo nos primeiros anos do pós-guerra, tinha a ver com Benito Mussolini.

«Havia certo homem que se queixava do rumo tomado pela política, dos roubos e dos maus costumes. Dizia ele: "Ah, se Mussolini ainda vivesse! Ah, como eu gostaria de poder contar ao Duce o que está a acontecer." Ouviu então uma voz, que lhe dizia: "Se queres falar com Mussolini, pega naquela escada e bate ao portão. Encontrarás o que procuras."

O homem olhou na direcção de onde provinha a voz, e viu uma escada cheia de silvas e de espinhos. Curioso, começou a subir com muito esforço, e deu consigo frente a um portão de ferro. Bateu, mas retirou imediatamente a mão, porque o ferro

estava em brasa e tinha-lhe queimado a pele. O portão abriu-se e uma carranca muito feia perguntou-lhe: "Que queres? Que vieste cá fazer? Aqui entra-se com a alma, e não com o corpo!"

"Por favor,", disse aquele homem, "eu vim para falar com Mussolini."

"Aqui não há nenhum Mussolini", respondeu a horrenda figura, e bateu-lhe com o portão na cara. Então o homem viu que havia outra escada. Esta estava mais limpa. Subiu os degraus e deparou com uma grande porta de madeira. Bateu e veio abrir um anjo. "Que queres? Não sabes que aqui se vem com a alma, e não com o corpo?"

"Ando à procura de Mussolini", replicou o homem.

"Aqui não há nenhum Mussolini", retorquiu o anjo. "Tenta no andar de cima."

Com efeito, ainda havia uma terceira escada. Era toda de veludo e, por corrimão, tinha dois cordões dourados. No cimo da escada havia uma porta aberta, que deixava entrever uma paisagem cheia de luz e de prados verdejantes. O visitante entrou e ouviu um coro maravilhoso. Ficou extasiado a escutar, quando apareceu a seu lado São Pedro que lhe perguntou, com ar severo: "Não sabes que aqui se vem com a alma, e não com o corpo?"

"Ando à procura de Mussolini", disse o homem. "Já estive no inferno e no purgatório, mas os porteiros disseram-me que ele não estava lá, e sugeriram-me que o procurasse aqui."

"Vejamos nos registos", disse São Pedro. "Então, que Mussolini procuras?"

"Benito, o Duce do Fascismo."

"Ah, aquele que vivia em Roma", comentou São Pedro, fechando o registo e esboçando um sorriso. *Não, não está cá, ainda não chegou cá acima. Ficou no coração dos italianos.*»

O Padre gostava muito de gracejar sobre o facto de ser meridional, mas defendia a gente do Sul. Dizia que os rapazinhos napolitanos eram particularmente espertos. «Certo dia – contava ele – dois senhores de Milão chegaram de comboio a Nápoles. Apresentou-se-lhes imediatamente um rapazinho, para saber se tinham necessidade de informações. Um dos senhores disse, em voz baixa, ao seu companheiro de viagem:

"Queres ver como é fácil fazer pouco de um gaiato?" Em seguida, dirigindo-se ao miúdo, sem especificar a localidade para onde se dirigiam, perguntou: "Sabes dizer-me se o lugar para onde temos de ir ainda fica muito longe?"

O gaiato perscrutou-o, por um instante e depois, com muita calma, respondeu: *Se os tolos sois vós, então já chegastes. Mas se julgais tomar-me por tolo, que grande distância ainda tendes de percorrer!*»

A propósito de gente do Norte e do Sul, Giovanni Scarparro contou-me o seguinte: «Quando conheci o Padre Pio, ele perguntou-me: "De onde és?"

"De Pádua", respondi.

"Fica aqui todo o tempo que puderes", disse o Padre.

Senti-me imediatamente bem acolhido, o que me deu prazer e me permitiu tomar uma certa confiança. Com efeito, na noite seguinte, encontrando de novo o Padre Pio, comentei que gostava de estar perto dele, ou seja, de um frade "terrone" (*Nota da tradutora*: Alcunha dada aos habitantes do sul da Itália). Eu tinha usado aquele termo para demonstrar simpatia, mas talvez o Padre não tivesse gostado. De qualquer forma, fingiu não ter ouvido.

Numa das noites seguintes, estava eu com o Padre Pio, no terraço contíguo à sua cela. O Padre tinha mandado vir mais uma cadeira para mim, e pedira-me que lhe fizesse companhia. Interpelou-me: "Sabes aquela do paduano e do napolitano?"

"Não, Padre", retorqui.

O Padre Pio começou a contar: "Certo dia, um napolitano e um paduano encontram-se, travam amizade e vão juntos ao restaurante. O napolitano manda vir esparguete e o paduano polenta. Começam a conversar e, a dado momento, o paduano – que, como todos os vénetos, quando fala, nunca dobra as consoantes, deturpando assim o sentido das palavras – pergunta ao amigo: "Quantos *ânus* tens?" O napolitano fica estupefacto com a pergunta e pensa: "Mas que pergunta me está a fazer este porcalhão?" Depois responde: "Um! Porquê, tu quantos tens?" "Quarenta e sete!", retorquiu o paduano. E o napolitano: *Na rede do coador, com certeza!*»

Outra historieta falava de um «alfaiate blasfemador».

«Certo dia, um alfaiate que costumava blasfemar, morre e apresenta-se a São Pedro. O santo vê no registo e, não encontrando o seu nome, tenta mandá-lo embora. O alfaiate, porém, quer convencer São Pedro a deixá-lo ficar, a arranjar-lhe um lugarzinho. Começam a discutir e a gritar. Acorre São José, que ia a passar por ali, e pergunta: "Que está a acontecer?" O alfaiate, ao ver São José, lança-se-lhe aos pés e suplica-lhe: "Lembra-te que eu te fazia sempre orações. É verdade que eu fui um porco, mas todos os dias pensava em ti, pois eras um santo da minha simpatia." São José enternece-se e pede a São Pedro que o deixe passar, mas São Pedro não quer saber de nada.

São José fica descontente. Insiste, mas não há nada a fazer. Então afasta-se, dirige-se a Nossa Senhora e diz-lhe: "Ouve, Maria, eu aqui já não conto nada; peço um favor ao Pedro, e ele não me deixa entrar uma pessoa. Como as minhas recomendações não servem de nada, vou-me embora. E como a mulher deve seguir o marido, tu vens comigo, por favor." Maria responde: "Não só vou contigo, como não podemos deixar aqui Jesus, o nosso filho. Também ele nos acompanhará; vamos buscá-lo e depois veremos como se arranjará Pedro sem nós." Pedro, que tinha ouvido aquela conversa, deu-se conta que o paraíso, sem Jesus, Nossa Senhora e São José deixaria de o ser, e então abriu a porta e deixou entrar o alfaiate blasfemador.»

O mesmo fundo moral e educativo, que nunca faltava nas histórias do Padre Pio, como o leitor já se terá apercebido, encontra-se também nesta, que se segue: «Certo dia, Jesus, ao passear pelo paraíso, viu passar muitas carrancas medonhas. Chama São Pedro e pergunta-lhe: "Que está a acontecer? Parece que transferimos o estabelecimento prisional para o paraíso."

Pedro explica: "Senhor, não sei que faça, entram, e ninguém sabe por onde." Jesus ordena-lhe que aperte mais a vigilância.

Passados alguns dias, Jesus vê que as carrancas medonhas aumentaram de número. Chama de novo Pedro, e diz-lhe: "Dá-me as chaves, pois já não sabes desempenhar bem o teu trabalho." Pedro replica: "Senhor, a culpa não é minha. Eu

fecho a porta na cara daqueles monstros horrendos, mas vossa Mãe abre as janelas e deixa entrar toda a gente.»

Alguém perguntou ao Padre Pio: «Padre, já fez algum milagre?»

O Padre respondeu, com um sorriso: «Já, uma vez, e quase por brincadeira.» E começou a contar: «Havia uma doente a quem eu visitava de vez em quando. A pobrezinha agradecia-me, mas, de cada vez que me despedia, ela pedia-me que, da vez seguinte, levasse qualquer coisa de comer da minha mesa.

Certo dia, depois do almoço, enquanto guardava o guardanapo na gaveta, reparei que no fundo da mesma jazia um biscoito duríssimo, que devia ali estar há muito tempo. Meti-o no bolso e fui visitar a doente. Chegado a casa dela, antes de lhe dar tempo para responder à minha saudação, disse-lhe. "*Te', ros'ch'* (Toma, isto é para ti, minha roedora)." Acreditaríeis? Quando voltei, na vez seguinte, encontrei-a de pé, à minha espera; agradeceu-me, pois tinha ficado curada depois de ter comido o biscoito duro... Senti-me logrado!»

Para compreender melhor

O bom-humor, a vontade de brincar e o estado de alegria têm um grande significado na vida espiritual. São sinal de consciência tranquila e de boas relações com o resto do mundo, bem como de inteligência e humildade.

No entanto, são, sobretudo, consequência das virtudes teologais da fé e da esperança. A fé recorda ao cristão que ele é «filho de Deus», destinado ao «Reino celeste» e à «vida eterna» em corpo e alma. A esperança impele-o a desfrutar já, nesta vida, daquilo que terá na outra.

Quem detém semelhante «certeza», e de vez em quando pensa nela, nunca pode estar triste, melancólico, deprimido ou desanimado. Isso pode acontecer-lhe por alguns instantes, mas logo a seguir, mal pensa no próprio destino e nas promessas de Deus, volta a alegrar-se. «Alegres na esperança, fortes na fé», exortava São Paulo.

Por isso, os santos sempre foram optimistas, sempre tiveram um fundo de alegria contagiante. As biografias que os descrevem como macambúzios, carrancudos e introvertidos,

não são dignas de crédito. Um santo triste seria uma contradição. Só nos momentos em que medita sobre as próprias deficiências, sobre as próprias faltas, experimenta dor e amargura. A certeza, porém, do amor de Deus, que é seu «pai», inflama-lhe o coração e introdu-lo de novo na alegria.

São Francisco, como refere Tomás de Celano, seu biógrafo, recomendava aos seus discípulos: «Cuidem os irmãos de nunca se mostrarem tristes e sombrios, como os hipócritas, mas alegres no Senhor, risonhos e amáveis, dentro dos limites da conveniência.»

O coração do Padre Pio transbordava de fé e de esperança. Mesmo no meio dos maiores sofrimentos físicos e morais, a imensa alegria, proveniente da consciência de ser «filho de Deus, herdeiro do Reino dos céus», nunca o abandonava. Sentia-se forte, leve, sereno e seguro. Então, quando estava com os seus confrades e amigos, a sua graça irrompia em piadas e riso, tornando-se a expressão objectiva do seu estado de alma. Ria muito, e com satisfação.

O que ele disse

No adro da igreja, um rapaz vendia fotografias do Padre Pio: «Quem quer comprar o Padre Pio? São duas liras.» Ouvindo a voz do rapaz, o Padre Pio olhou, sorridente, para um confrade que estava a seu lado e depois, voltando-se para o crucifixo, suplicou, em tom de desculpa confiante: «Perdoa, Jesus! Que diferença há entre mim e Ti: Tu foste vendido, eu sou comprado!»

«Padre, um meu familiar há dois anos que não anda bem. Espera a vossa resposta; que devo dizer-lhe?» – *Diz-lhe que eu há setenta anos que não ando bem.*

«Se quiserdes manter-vos bons, não rondeis as sacristias: ou dentro, ou fora...»

A uma mulher que lhe perguntara o que havia de dizer em seu nome à sua irmã, chamada Rosa, respondeu: «Diz-lhe que se transforme em cravo.»

Muitas vezes os peregrinos perguntavam-lhe com insistência sobre o paradeiro de algum parente defunto, o Padre respondia: «Ah, sim, acabei precisamente de estar com ele.»

O que disseram acerca dele

Lorenzo Bedeschi, escritor, após uma visita em 1954: «O Padre Pio é um conversador formidável. Vivo e irónico, brilhante e dialéctico. Possui e recorre a todas as astúcias psicológicas para cativar a assistência. Aproveitando-se de alguma frase incauta e genérica do interlocutor, consegue pôr a descoberto o seu verdadeiro pensamento, apanha-o habilmente, com alguma pergunta, talvez lançada com ar negligente, enreda-o quando ele menos espera e põe-no a nu, recorrendo, ora ao raciocínio ora ao sarcasmo e, com frequência, à sua superioridade temperamental. Só dificilmente se consegue deixar o Padre Pio embaraçado no diálogo directo, mesmo que se procure discutir com ele problemas científicos, que não lhe sejam familiares. Quando se vê em dificuldades, é capaz de recorrer a uma tirada de indubitável efeito demagógico, para sair vitorioso. Como se isto não bastasse, deixa o ousado interlocutor desconcertado, com saídas aparentemente bizarras e frases irónicas, que o impedem de tirar conclusões. Além disso, recorre ainda à mímica, levanta-se da cadeira, põe o indivíduo a ridículo, agarra-o com toda a força por onde ele menos espera, e muda o tom de voz, passando repentinamente do tom patético ao brincalhão, ou vice-versa; possui indiscutíveis dotes naturais de actor, que um ouvinte inteligente, mesmo depois de desmascarado, não pode deixar de admirar. No entanto, é sobretudo o seu grande sentido de humor que não escapa a ninguém.»

Alessandro Pronzato, sacerdote e escritor: «Também eu sou um "convertido" do Padre Pio. Não no sentido tradicional do termo, mas porque consegui libertar-me dos julgamentos de desprezo, dos lugares-comuns, das cautelas disparatadas, da desconfiança, do cepticismo e, sobretudo, de uma certa atitude de suposição e altivez, pelos quais, até há pouco tempo, o Padre Pio era para mim um frade "suspeito", que emergira da

escuridão da Idade Média, e nem sequer muito simpático. No entanto, descobri um Padre Pio que, embora projectado a alturas místicas estonteantes, conserva uma surpreendente e comovente humanidade, é capaz de rir e de fazer rir, diverte-se a contar anedotas e a dizer graças, gosta de piadas e de se meter com personagens ilustres, possui e reparte uma sabedoria marcada por uma objectividade assombrosa.»

23

«Sou um mistério»

Ao longo deste livro tenho citado com frequência episódios surpreendentes e inexplicáveis, que aconteciam muitas vezes à volta do Padre Pio. Tenho referido testemunhos de pessoas que passaram, ao lado do Padre, por experiências perturbadoras, dado o seu carácter insólito e inadmissível, do ponto de vista racional. «O Padre Pio era um grande santo», é a frase que brota, espontânea. Mas talvez não seja essa a expressão justa para explicar tais factos.

Para a Igreja, a santidade consiste em «praticar de forma heróica as virtudes evangélicas». O processo de beatificação tenta provar isto mesmo. Tendo chegado a uma conclusão positiva, o Papa emana o decreto de venerabilidade. Através deste estabelece que os homens chamados a julgar, após pesquisas e apreciações, concluíram que a pessoa em questão levou uma vida santa.

Foi precisamente com essas palavras que João Paulo II, a 18 de Dezembro de 1997, proclamou solenemente a heroicidade das virtudes do Padre Pio: «Consta que o Servo de Deus, Pio de Pietrelcina, no século Francesco Forgione, sacerdote professo da Ordem dos Frades Menores Capuchinhos, praticou, de forma heróica, as virtudes teologais da fé, esperança e caridade, tanto para com Deus, como para com o próximo, bem como as virtudes cardeais da prudência, justiça e temperança, e outras associadas, para os fins e bens em questão.»

Nenhuma referência aos numerosos fenómenos inexplicáveis de que está cheia a vida do Padre. Para o processo de beatificação, os chamados «milagres» ou curas prodigiosas, ocorridos por intercessão do candidato à santidade, ainda em

vida, não têm qualquer valor. São naturalmente examinados e analisados como expressão de um comportamento, como elementos de crónica, mas nunca considerados «prova» de santidade.

O mesmo se aplica aos estigmas. Este «sinal», esta «marca física», de origem mística, que lembra de forma violenta a Paixão de Cristo, não constitui, para a Igreja, prova de santidade. Com efeito, na história das canonizações, os candidatos à santidade estigmatizados foram numerosos. Cerca de setenta passaram no exame e os seus nomes constam do «martirológio». Contudo, em caso algum os estigmas desempenharam um papel comprovativo. Parece que só no caso de São Francisco de Assis foi dada uma importância relevante ao fenómeno, até ao ponto de ter sido considerado de origem sobrenatural. Para todos os outros, o juízo manteve-se inconclusivo.

O processo de beatificação, para ser concluído, requer também um milagre, mas este deve acontecer depois da morte do candidato à santidade. Tal milagre é exigido como «aprovação», como «confirmação», por parte de Deus, do juízo já expresso pelos homens.

Toda a fenomenologia clamorosa, estrondosa e inexplicável presente durante a vida, ou seja, quando o candidato ainda estava vivo, não pesa no julgamento.

Então, como são julgados aqueles factos? Que valor se lhes deve atribuir? São «sinais» do «maravilhoso», «sinais» de uma realidade que, por enquanto, nos escapa, mas que deveria fazer parte daquele mundo fantástico a que somos chamados, no «Reino dos Céus».

Se alguém agradecia ao Padre Pio por ter sido curado de alguma doença grave, ele replicava: «Não me agradeças a mim, agradece ao Patrão», ou seja, reconhecia que tinha havido uma intervenção directa de Deus. Contudo, para designar muitas outras experiências maravilhosas e inexplicáveis que ocorriam à sua volta, recorria à palavra «mistério». Dizia ele: «eu sou um mistério frente a mim próprio.» Ficava estupefacto com aquilo que fazia e que lhe acontecia, mas não considerava tais coisas «milagres», mas sim expressões e consequências do estado de quem vive em contacto com o sobrenatural.

Tais experiências, presentes de forma tão abundante na vida do Padre Pio, como, aliás, na vida de todos os outros san-

tos, não são «provas de santidade», mas «antecipações» estupendas de como será a existência na outra dimensão, e «recordações maravilhosas» de como era a vida do homem no Éden, antes do pecado.

Os factos

O Padre Pio é chamado muitas vezes «o frade com estigmas». Mas também o designam por «o religioso de cuja pessoa emanavam perfumes suavíssimos, que podiam ser sentidos a milhares de quilómetros»; o religioso que «realizava "viagens" assombrosas fora do corpo, em bilocação»; o religioso que «tinha a capacidade de ler no pensamento, de conhecer a vida privada das pessoas, sem nunca as ter visto antes»; o religioso que «falava com os mortos, que recebia visitas de entidades espirituais que lhe revelavam segredos e acontecimentos que ainda estavam para ocorrer»; o religioso que «operava curas fantásticas e conversões imprevistas», e que «empreendia lutas furiosas contra as forças obscuras do Mal».

Todas estas frases descrevem fenómenos portentosos e inexplicáveis, continuamente presentes na vida do Padre.

Já nos referimos de outras vezes aos estigmas, às lutas com Satanás, às curas milagrosas e às visões de entidades espirituais. Contudo, vale a pena dedicar um pouco de espaço a outros «factos inexplicáveis».

Um dos fenómenos mais curiosos era constituído pelos perfumes. Com efeito, da pessoa do Padre Pio emanava um perfume suavíssimo, a que muitos chamavam «perfume do paraíso».

Foi constatado milhares de vezes, não só por devotos e admiradores, mas também por muitos inimigos declarados do Padre.

Os estudiosos de hagiografia chamam a este perfume «odor de santidade». Manifesta-se, de um modo geral, depois da morte da pessoa em causa. O cadáver do «santo» emana um eflúvio delicioso, quase como sinal de que as consequências nocivas da decomposição são interrompidas naquele corpo privilegiado.

Foi o que aconteceu a Santa Umiliana, a São Domingos,

fundador da Ordem dos Dominicanos, a São Pascal, a Santa Rosa de Viterbo, a Santo Afonso de Liguori, a Santa Maria de Pazzi e a muitos outros. Constatou-se ainda que o cadáver de São Casimiro, protector da Polónia, emitia perfumes intensos, mesmo passados cento e vinte anos sobre a sua morte.

Contudo, também houve alguns santos que emanavam perfumes durante a vida. Santa Teresa do Menino Jesus emitia odores suavíssimos das suas vestes e da boca. O mesmo acontecia a São José de Copertino, a Santa Rita de Cássia, a São João da Cruz e a São Francisco de Paula.

No Padre Pio, o perfume manifestava-se de repente, sem justificação precisa. Durava alguns instantes, ou então várias horas. Podia ser sentido por multidões inteiras. Era intenso e penetrante, ou passageiro e difuso. Não era captado por todos ao mesmo tempo e na mesma medida: podia acontecer que uma pessoa o sentisse, mas quem estivesse a seu lado não. Alguns sentiam perfume de rosa, outros de violeta, outros de jasmim, outros ainda de incenso, de lírio, de alfazema, etc... Em todos eles, esse perfume provocava uma sensação de grande serenidade e alegria interior.

O cheiro era detectado na pessoa do Padre, nos objectos por ele tocados, nas vestes que ele usava e nos locais por onde tinha passado. Também se podia sentir à distância, quando se pensava no Padre Pio ou se falava dele.

O professor Luigi Romanelli, um dos primeiros médicos incumbidos de analisar os estigmas do Padre Pio, sentia esse perfume desde o primeiro encontro. Mais tarde, quando outros estudiosos tentaram explicar o fenómeno como fruto da sugestão, o professor fez por escrito, a seguinte declaração, extremamente interessante:

«De cada vez que ouço falar do perfume do Padre Pio, lembro-me bem que também eu o senti. Em Junho de 1919, quando visitei pela primeira vez San Giovanni Rotondo, mal fui apresentado ao Padre notei que, do seu corpo, provinha um certo odor. Disse ao Padre superior, que estava connosco: "Não me parece bem que um frade tão considerado use perfumes." Nos dias seguintes, em que permaneci em San Giovanni Rotondo, não notei mais nenhum odor, embora entrasse na cela e estivesse sempre acompanhado pelo Padre Pio.

Antes de partir, precisamente durante a tarde, ao subir as escadas, senti de repente o mesmo perfume do primeiro dia.

Não era sugestão minha. Primeiro, nunca ninguém me tinha falado de tal fenómeno; segundo, se tivesse sido sugestionado, deveria sentir aquele odor continuamente, e não com um intervalo tão longo. Quis fazer esta declaração por estar muito difundido o hábito de atribuir a sugestão àqueles fenómenos, que não se podem ou não se sabem explicar.»

O doutor Giorgio Festa, o outro médico que, nos anos vinte, estudou os estigmas do Padre, referiu, no seu relatório, um episódio muito significativo.

«Durante a minha primeira visita ao Padre Pio – escreveu ele – retirei da ferida do seu lado um pano embebido em sangue, que levei comigo para análise microscópica.

Pessoalmente, não senti nenhuma emanação especial. Contudo, um distinto oficial e outras pessoas, que ao regressarmos de San Giovanni Rotondo se encontravam no automóvel comigo, embora não soubessem que, fechado num estojo, eu tinha guardado aquele pano, e apesar da intensa ventilação provocada pela grande velocidade do veículo, sentiram muito bem a sua fragrância, e garantiram-me que correspondia precisamente ao perfume que emanava com frequência da pessoa do Padre Pio.

Tendo chegado a Roma, nos dias seguintes e durante um longo período de tempo, o mesmo pano, conservado num móvel do meu consultório, perfumou tão bem o ambiente, que muitas das pessoas que vinham consultar-me me perguntavam qual a origem e a razão de tal fragrância.»

O professor Romanelli estava certo de que a fonte daquele perfume eram os estigmas. «Estou convicto – escreveu ele – que, mais do que da pessoa do Padre, o perfume emana do sangue que jorra das suas chagas.»

Esta convicção aumentava o seu assombro. «Aqueles que se ocupam da conservação de carnes de animais, sabem que, para alcançarem o seu objectivo, é necessário sangrá-los bem, sendo precisamente o sangue, dentre todos os tecidos orgânicos, aquele que mais rapidamente entra em decomposição.

O próprio sangue acabado de brotar das veias de um orga-

nismo vivo, não emana perfumes nada agradáveis. Longe de estimular a mucosa olfactiva com qualquer sensação boa, os panos ensopados com o sangue que brota das feridas do Padre Pio, deveriam ser fonte de repulsa, e não certamente de perfume, até mesmo pelo facto de que, por vezes, ele os usar durante bastante tempo.

Este fenómeno, na sua simplicidade e na elevada eloquência com que se apresenta ao nosso estudo, é, portanto, contrário a toda a lei natural científica, ultrapassa toda a discussão lógica e, para sermos honestos, só podemos constatar a sua realidade.»

Eram inúmeras as pessoas que, quando se aproximavam do Padre Pio, se apercebiam deste fenómeno. Muitas quiseram deixar um testemunho escrito.

O Padre Rosario de Alaminusa, durante três anos superior do Convento dos Capuchinhos, em San Giovanni Rotondo e, portanto, superior do próprio Padre Pio, escreveu: «Eu sentia aquele perfume todos os dias, à hora de Vésperas, durante cerca de três meses seguidos, nos primeiros tempos após a minha chegada a San Giovanni Rotondo. Ao sair da minha cela, contígua à do Padre Pio, sentia provir desta um odor agradável e forte, cujas características não sou capaz de precisar. Por vezes o perfume emanava da cadeira utilizada pelo Padre Pio durante a confissão dos homens, outras vezes, das suas mãos.»

Anita Righini, de Reggio Emilia, seguia viagem com destino a San Giovanni Rotondo. Levava consigo uma fotografia da sua filhinha doente, para pedir ao Padre que a abençoasse. No directo Nápoles-Foggia, começou a conversar com outras cinco pessoas, entre as quais um coronel de Messina. Falaram do Padre Pio e, nesse momento, «fui envolvida por uma vaga de perfume. Perguntei aos outros cinco se o sentiam, e todos me responderam que não. Pouco depois, todos o sentiriam, mas, embora eles o tenham sentido apenas por pouco tempo, eu continuei a senti-lo até depois de Benevento».

A irmã Caterina Cuzzaniti era superiora do Colégio Santa Maria de Bagheria (Palermo). Na noite de 18 de Novembro de 1948, depois de ter falado com as outras religiosas das conversões operadas pelo Padre Pio, retirou-se para o seu quarto e, «mal apagou a luz e deitou a cabeça na almofada, foi invadida

por um estranho e doce perfume. Cheirava a incenso, mas com mais qualquer coisa à mistura, impossível de descrever».

A 15 de Fevereiro de 1950, o professor Amanzio Duodo, de Biella, conversava com amigos e colegas médicos sobre a humildade do Padre Pio e, «de repente, de forma inesperada, um intenso perfume de violeta invadiu todos os circunstantes durante cerca de meia hora, embora todas as portas e janelas tivessem sido abertas de par em par.»

O doutor Edoardo Bianco, médico cirurgião de Vallemosso conta: «Em muitas ocasiões fui obrigado a abandonar a minha desconfiança, porque o meu olfacto sentiu repetidas vezes perfumes de rosas, violetas e cravos, cuja fonte, indubitavelmente, não tinha nada de artificial.»

Giuseppe Onufrio, conservador das Hipotecas de Palermo: Durante a confissão, o Padre Pio manteve a sua mão direita apertada entre as dele: «Chegado a Foggia, apercebi-me que a minha mão direita tinha um perfume que a esquerda não tinha, o mesmo perfume que eu sentira junto ao Padre. O perfume durou alguns dias, embora eu, como era meu hábito, tivesse continuado a lavar as mãos várias vezes por dia.»

O Padre Pio tinha dado ao senhor Onufrio uma penitência com a duração de dois meses. «Durante todo esse período, um perfume idêntico subia-me do peito ao nariz: era tão suave, que me sentia inebriado. Por vezes desaparecia e então eu tentava sugestionar-me para voltar a senti-lo, mas nada. Quando menos o esperava, eis que ele se manifestava de novo. Terminada a penitência, o perfume desapareceu.»

Lucia Brunetti, de Manduria (Taranto): «Em 1950 caí, parti a articulação do braço direito e tive de andar engessada durante vários anos. Ao fim de cinco anos, ainda não estava curada. A 20 de Julho de 1955, fui em peregrinação a San Giovanni. Aproximei-me do Padre Pio, beijei-lhe a mão e ele abençoou-me. Fui envolvida por um forte perfume de jasmim. Regressei a casa já a noite ia avançada. Na manhã seguinte, comecei a mover o braço.»

O Padre Alberto d'Appolito, confrade e amigo do Padre Pio, foi testemunha de muitos episódios associados ao misterioso perfume.

«Através daquele perfume, o Padre Pio fazia-me sentir a

sua presença, mesmo quando estava muito afastado dele – contou-me. – Certo dia, em Setembro de 1955, quando era pároco em San Severo, decidi acompanhar cerca de cinquenta dos meus paroquianos, em peregrinação, ao Santuário de Nossa Senhora das Lágrimas, em Siracusa. Antes da partida, fui cumprimentar o Padre Pio: "Venha connosco", pedi-lhe.

"Ide, que eu vos seguirei", respondeu ele.

Aquela frase fez-me compreender que nos protegeria durante a viagem. Partimos e foi uma viagem dramática. Aconteceu de tudo. Os peregrinos foram atingidos por dores abdominais, por terem comido com gula excessiva melões aquecidos pelo sol. No caminho entre Caltanissetta e Palermo, em pleno campo, durante a noite, o autocarro foi obrigado a parar, porque a estrada estava obstruída por pedras e troncos. Frente a cada perigo, invocávamos o Padre Pio, e o autocarro era inundado por um perfume maravilhoso, graças ao qual percebíamos como ele nos estava a proteger.

Tendo regressado a casa, dirigimo-nos a San Giovanni Rotondo, a fim de agradecer ao Padre e este, ainda antes de lhe termos contado o que tinha acontecido, disse-nos, a rir: *Fizestes uma bela figura com aqueles melões e depois, que medo, aquela noite na estrada de Palermo!...*»

Também Giovanni Gigliozzi, célebre jornalista da Rádio Italiana, escritor e comediógrafo, no início dos seus encontros com o Padre Pio, fez a experiência do misterioso perfume.

«Ouvi falar do Padre pela primeira vez, imediatamente depois da guerra, por um amigo, Carlo Trabucco, que era jornalista como eu. Falava com tal entusiasmo, que até me parecia excessivo.

A minha reacção então era de indiferença e de incredulidade, sobretudo quando o meu amigo referia certos fenómenos, como os perfumes do Padre Pio, que muitos diziam sentir até em lugares bastante afastados do religioso.

A dado momento, porém, também eu comecei a ser atingido por esses factos estranhos. De repente, sentia um intenso perfume de violetas, em lugares insólitos, onde seria impossível senti-los. O meu pensamento ia logo para o Padre Pio, mas eu revoltava-me, dizendo a mim próprio que estava a ser vítima de sugestões.

Certo dia, o fenómeno verificou-se também enquanto eu

estava de férias com a minha mulher, em Francavilla a Mare, Abruzzo. Tinha ido à estação para enviar uma carta por correio expresso e, naquele lugar, que geralmente é tudo menos perfumado, senti um inconfundível cheiro a violetas. Enquanto reflectia sobre tal facto, a minha mulher perguntou-me: "Mas de onde vem este perfume?" "Também tu o sentes?", perguntei, assombrado, e falei-lhe do Padre, das discussões com Trabucco e daquele perfume que já há tempos me perseguia. "Se eu fosse a ti – retorquiu a minha mulher – partiria imediatamente para San Giovanni Rotondo." No dia seguinte empreendemos a viagem. Quando cheguei à sua presença, o Padre disse-me: "Ah, cá está o nosso herói: o que não foi preciso para o trazer até cá!" Nesse mesmo dia, tive a possibilidade de falar com ele e, a partir de então, a minha vida sofreu uma grande transformação.»

Outro fenómeno desconcertante no Padre Pio eram as bilocações. O Padre dizia, por vezes, aos confrades que o acompanhavam à noite até ao quarto, antes do repouso nocturno: «Agora começa um novo dia para mim.» Poucos compreendiam o sentido daquela frase, mas, quem o conhecia, sabia bem que aquelas palavras ocultavam um facto misterioso dos mais perturbadores: as bilocações.

Entende-se, através deste termo, que uma pessoa se encontra ao mesmo tempo em dois lugares diferentes, ou seja, dá-se nela uma espécie de desdobramento psicofísico. Embora permanecendo onde habitualmente vive, a pessoa mostra-se e actua noutro lugar, que pode estar situado a milhares de quilómetros de distância.

Trata-se de um fenómeno absolutamente inadmissível, do ponto de vista racional, mas tem sido por várias vezes comprovado, na vida dos grandes santos. «É um dos fenómenos mais surpreendentes da mística – escreveu o teólogo Royo Marin –, um dos mais difíceis de explicar, a menos que se admita o milagre.»

Tornaram-se famosas as bilocações de Santo António de Pádua. Certo dia, enquanto pregava numa igreja, em Espanha, de repente parou, caindo numa espécie de transe. Voltou a si ao fim de uma hora e explicou aos fiéis que tinha tido necessidade de ir a Lisboa, a fim de testemunhar em tribunal a

favor de seu pai, que fora processado por uma acusação grave. Veio a apurar-se que, efectivamente, naquele dia, e àquela hora, António também estivera no tribunal, em Lisboa.

A vida do Padre Pio estava cheia destas aventuras fantásticas. Parecia que, para ele, não existiam barreiras espaciais. Deslocava-se de um lado para o outro do mundo com a ligeireza da fantasia.

Certo dia, os cardeais Pietro Gasparri e Augusto Sili encontravam-se em Roma, em casa da condessa Virginia Salviucci, viúva Sili, para inaugurar a capela da família. Apresentou-se-lhes uma irmã, que trazia nas mãos uma relíquia da Santa Cruz, dentro de uma caixa. Essa irmã contou que, durante a noite, o Padre Pio, em carne e osso, entrara na sua cela e lhe entregara aquela caixa, ordenando-lhe que a levasse, no dia seguinte, até casa da condessa Sili Salviucci. A presença da caixa convenceu os dois cardeais de que não se tratava de uma invenção. Alguns dias mais tarde, a condessa dirigiu-se a San Giovanni Rotondo, a fim de pedir esclarecimentos sobre aquele episódio, e o Padre Pio confirmou-lhe que a relíquia tinha sido entregue por ele, em pessoa, àquela irmã de Roma.

Durante a Segunda Guerra Mundial, vários pilotos da aviação anglo-americana, de várias nacionalidades (ingleses, americanos, polacos e palestinianos), e de várias confissões religiosas (católicos, ortodoxos, muçulmanos, protestantes e judeus), que se encontravam na zona de Bari, para cumprir missões em território italiano, foram testemunhas de um facto muito impressionante, que se repetiu com frequência e que já referimos no capítulo 19.

De cada vez que, durante o desempenho das suas missões militares, se aproximavam da região do Gargano, nas proximidades de San Giovanni Rotondo, viam aparecer no céu um frade que, estendendo as mãos feridas, os proibia de lançar bombas. Foggia e quase todos os centros da Puglia sofreram repetidos bombardeamentos, mas, sobre San Giovanni Rotondo, não caiu uma única bomba.

Deste episódio, mais que inaudito, foi testemunha directa o general da Aviação italiana Bernardo Rosini que, nessa época, fazia parte do «Comando de unidade aérea», que operava em Bari, ao lado das forças aéreas aliadas. «De cada vez que os

pilotos regressavam das suas missões – contou-me o general Rosini – falavam deste frade, que aparecia no céu e dirigia os seus aviões, obrigando-os a voltar para trás. Todos riam, incrédulos, ao escutar tais relatos. Porém, como o episódio se repetia, e sempre com pilotos diferentes, o general comandante decidiu intervir pessoalmente.

Assumiu o comando de uma esquadrilha de bombardeiros, com a intenção de ir destruir um depósito de material bélico alemão, localizado precisamente em San Giovanni Rotondo. Até esse momento, nunca ninguém conseguira aproximar-se dele, devido à presença, no céu, daquele fantasma misterioso, que derrotava as aeronaves.

Depois do que estava a acontecer há algum tempo, em terra sentia-se uma grande tensão. Todos sentiam curiosidade em conhecer o resultado daquela operação. Quando a esquadrilha regressou, fomos pedir informações. O general americano estava completamente perturbado. Contou que, mal chegara perto do objectivo, ele e os seus pilotos tinham visto erguer-se no céu a figura de um frade com as mãos levantadas. As bombas tinham-se libertado sozinhas, caindo nos bosques, e os aviões tinham feito inversão de rota, sem a mínima intervenção por parte dos pilotos.

Todos se interrogavam sobre a identidade daquele fantasma, a quem os aviões tinham misteriosamente obedecido. Alguém disse que em San Giovanni Rotondo vivia um frade com estigmas, considerado santo, e que talvez fosse ele próprio que desviava as naves. O general sentia-se incrédulo, mas garantiu que, mal tivesse possibilidade, iria verificar o que se passava.

Depois da guerra, o general, acompanhado por alguns pilotos, dirigiu-se ao convento dos Capuchinhos. Mal atravessou o limiar da sacristia, deparou com vários frades, entre os quais reconheceu imediatamente aquele que detivera os seus aviões. O Padre Pio foi ter com ele e, pousando-lhe uma mão no ombro, disse-lhe: "Com que então eras tu que querias fazer-nos ir a todos pelos ares?!"

«Fulminado por aquele olhar e pelas palavras do frade, o general ajoelhou-se à sua frente. O Padre Pio tinha falado, como de costume, em dialecto de Benevento, mas o general e

os outros pilotos americanos compreenderam todas as palavras, e estavam convencidos de que ele falara inglês.»

Monsenhor Alfredo Viola de Salto, Uruguai, deixou o seguinte testemunho escrito: «Em 1937, Monsenhor Ferdinando Damiani, então vigário-geral da diocese de Salto, doente do coração, foi para San Giovanni Rotondo, na intenção de morrer perto do Padre Pio. O Padre recomendou-lhe que regressasse à sua diocese e continuasse a trabalhar, porque ele próprio se encarregaria de o assistir, quando chegasse a hora da sua morte.

Em 1941, organizei na minha diocese um congresso, em que participavam monsenhor Alberto Levame, Núncio do Papa, monsenhor Antonio Maria Barbieri, arcebispo de Montevideu, e monsenhor Michele Paternain, bispo da Flórida.

Durante a noite, monsenhor Barbieri ouviu bater à porta do seu quarto, e viu um Capuchinho que lhe disse para ir até junto do leito de monsenhor Damiani, que estava às portas da morte. Monsenhor Barbieri assim fez. O bispo fora atingido por uma crise de angina de peito. Plenamente consciente, recebeu o viático e a extrema-unção, e depois morreu.

Monsenhor Barbieri, de visita a San Giovanni Rotondo, a 13 de Abril de 1949, reconheceu no Padre Pio o Capuchinho que tinha batido à sua porta, convidando-o a correr em auxílio de Monsenhor Damiani.»

Em 1949, o cardeal Jozsef Mindszenty, primaz da Hungria, foi feito prisioneiro pelo regime comunista do seu país e condenado a prisão perpétua, devido à sua fidelidade ao Vaticano. Foi um acontecimento que, durante muito tempo, interessou a opinião pública ocidental. Houve intervenções políticas de vários governos, destinadas a libertar o ilustre purpurado, mas sem resultados.

Na prisão, o cardeal pediu se lhe forneciam os meios necessários para celebrar Missa, mas foram-lhe recusados. Eis então que, no dia seguinte, de manhãzinha cedo, se apresentou na cela de Mindszenty um frade capuchinho com tudo o que era necessário para a celebração da Missa. Esse frade foi visto não só pelo cardeal, mas também pelos outros presos, que com ele

viviam. Ajudou o purpurado a vestir os paramentos sagrados, ajudou-o à Missa e depois partiu, levando tudo consigo.

Este episódio repetiu-se por várias vezes e não pôde ser mantido em segredo. Era extremamente clamoroso e, por isso, depois da libertação do cardeal, em 1958, alguns sacerdotes húngaros, que o tinham ouvido contar por testemunhas oculares, quiseram verificar o ocorrido através de alguém autorizado. Dirigiram-se a um amigo e colaborador do Padre Pio, o comendador Angelo Battisti, então administrador da *Casa Alívio do Sofrimento*. Contaram-lhe o facto e encarregaram-no de perguntar directamente ao Padre Pio se os relatos correspondiam à verdade. Battisti fez o que lhe pediam e o Padre Pio confirmou as suas visitas à prisão de Budapeste.

Angelo Battisti contou-me toda esta experiência incrível e, quando estava prestes a morrer, quis confirmá-la por escrito. Ainda hoje conservo as páginas que ele escreveu, com a sua mão já trémula: «O Padre Pio confirmou a visita ao cardeal Mindszenty na prisão», escreveu Battisti. «Ingenuamente, perguntei-lhe se o tinha conhecido e se lhe tinha falado. Ele respondeu-me: "Vimo-nos, falámos, e queres que não nos tenhamos conhecido? O diabo é feio, mas os seus perseguidores, com as suas horríveis torturas, tinham-no deixado mais feio do que o próprio diabo".»

O Padre Alberto d'Appolito contou-me o seguinte: «Em 1970, fui a Collevalenza, na província de Perugia, onde conheci Madre Speranza, a famosa irmã, de origem espanhola, também ela estigmatizada, que morreu com fama de santidade, em 1983.

Eu estava acompanhado pelo advogado Guglielmo Giordanelli e pelo Padre Gino, superior do Instituto da Madre Speranza.

Entre mim e a irmã estabeleceu-se um diálogo que deveria ser definido como alucinante, se eu não estivesse convencido de que a Madre Speranza era uma santa.

"Madre, sou um capuchinho de San Giovanni Rotondo", apresentei-me eu, saudando-a. "Não quero fazê-la perder tempo, peço-lhe apenas que reze por mim e pela beatificação do Padre Pio."

A Madre Speranza, erguendo os olhos e fixando-os em mim, respondeu: "Eu tenho sempre rezado pelo Padre Pio."

"Conheceu-o?"

"Conheci, já o vi muitas vezes."

"Onde? Em San Giovanni Rotondo?"

"Não, nunca fui a San Giovanni Rotondo."

"Então onde?"

"Em Roma."

"Madre, isso não é possível! O Padre Pio só foi uma vez a Roma, em 1917, para acompanhar a sua irmã até ao convento de Santa Brígida. Nessa altura a madre encontrava-se em Espanha. Certamente enganou-se, tomando qualquer outro frade capuchinho pelo Padre Pio."

"Não, não me enganei", retorquiu a Madre Speranza. "Era mesmo o Padre Pio."

"Em que zona de Roma o viu?"

"No Santo Ofício, todos os dias, durante um ano inteiro. Usava luvas sem dedos, para ocultar as suas chagas. Eu saudava-o, beijava-lhe a mão e, por vezes, dirigia-lhe a palavra; ele, por sua vez, respondia-me. Isto aconteceu entre 1937 e 1939, quando eu estava ao serviço do Santo Ofício."

"Madre, não se ofenda se eu lhe disser que não posso acreditar nas suas palavras."

A Madre Speranza respondeu-me com grande doçura: "Você é livre de pensar como quiser. Repito que vi o Padre Pio todos os dias, durante um ano, em Roma. Sempre rezei por ele, e agora rezo pela sua glorificação".»

O Padre Constantino Capobianco, confrade do Padre Pio, contou o seguinte: «Eu estava à mesa, em San Giovanni Rotondo, com os meus outros confrades. Era o dia em que se festejava a Madonna della Libera, em Pietrelcina, padroeira da terra. O Padre Pio levantou-se para sair. O Padre Bernardo de Pietrelcina pediu-lhe que ficasse mais um pouco. O Padre Pio: "Esqueceste-te que hoje é festa na nossa terra? Tenho de ir à procissão." Esta frase poderia parecer uma piada, mas muitas pessoas afirmariam que, nessa tarde, tinham visto o Padre Pio na procissão.»

Em 1944, o Padre Pio estava a conversar com alguns confrades. Falavam das bilocações de Santo António. Um deles perguntou:

«Eu gostaria de saber como se dá, concretamente, a bilocação, se o santo sabe o que quer, para onde vai e como se desloca.» O Padre Pio respondeu: «Sabe o que quer e para onde vai, mas não sabe se vai apenas em espírito, ou em corpo e espírito.»

Em 1917, o Padre acompanhou a Roma sua irmã, Graziella, que estava prestes a entrar para um instituto, a fim de abraçar a vida religiosa.

Ao regressar, falando com o seu confessor, Padre Agostino, descreveu as igrejas que visitara na Cidade Eterna, e a Basílica de São Pedro. Era a primeira vez que ia a Roma, mas acrescentou, com simplicidade: «Contudo, já tinha visto todos aqueles lugares.»

Certo dia, contou ao Padre Rosario d'Aliminusa, que, em jovem, tinha desejado muito ir ao Santuário de Lourdes. Disse que o vira em sonhos, com todos os seus pormenores, e que, a partir de então, nunca mais sentira o desejo de o visitar.

O Padre Rosario perguntou-lhe se o tinha visto em sonhos, enquanto dormia, mas ele replicou: «Não, não estava a dormir, estava acordado.»

Em Julho de 1968, o Padre Onorato de San Giovanni Rotondo disse ao Padre Pio que estava prestes a partir, com destino a Lourdes. Convidou-o a acompanhá-lo. O Padre Pio respondeu: «Ah, em Lourdes já eu estive muitas vezes.» O Padre Onorato comentou que nunca o tinha visto sair do convento, ao que ele retorquiu: «Bem, a Lourdes não se vai apenas de comboio ou de automóvel; pode-se ir de muitas outras maneiras.»

A 14 de Outubro de 1966, o Padre Pio disse à sobrinha, Pia Forgione: «Daqui por dois anos já cá não estarei.» E repetiu: «Dentro de dois anos já cá não estarei, pois já terei morrido.»

O Padre Teofilo Dal Pozzo dirigiu-se a San Giovanni, depois de ter regressado da missão que a província de Florença tinha na Índia. Descrevia com entusiasmo a velocidade da motonave que, em apenas sete dias, o tinha levado de Génova a Bombaim. O Padre Pio replicou: «Ah, eu cá faço tudo isso num minuto.»

Noutra ocasião, estava ele a falar com os confrades sobre o facto de a viagem de avião, Roma-Nova Iorque, sem escala, durar seis horas. «Quantas horas?», perguntou o Padre que, até àquele momento, tinha seguido a conversa em silêncio. «Seis horas», repetiu um seu confrade. E ele: «Seis, horas. Nossa Senhora, tanto tempo! Quando vou a Nova Iorque, ponho-me lá num instante.»

O filhinho de Antonio Massa, de San Giovanni Rotondo estava gravemente doente, quase a morrer. A mãe vigiava-o dia e noite. Uma noite saiu do quarto a chorar. Os seus familiares perguntaram-lhe: «Já morreu?» Ela replicou: «Não, pelo contrário, o menino começou a rir. Aproximei-me dele e perguntei-lhe: "que se passa, sentes-te mal?", e ele respondeu: "Mamã, Pa'Pp' m'ha tticà i pi?..." (o Padre Pio fez-me cócegas nos pés).»

Contou o Padre Carmelo Durante: «Certa noite, o Padre Pio disse-me: "Esta noite tenho pressa, pois devo fazer uma longa viagem." "Onde tens de ir?", inquiri. Ele replicou: "Tenho de fazer uma longa viagem." Em seguida acrescentou, com um sorrisinho: "E, para fazer essa viagem, não preciso da autorização do superior".»

Em 1918, enquanto estava na hospedaria com um grupo de filhas espirituais, adormeceu. As filhas espirituais, um pouco amedrontadas, tentaram despertá-lo, chamando-o e abanando-o. Mas não havia nada a fazer. Ao fim de uma hora, voltou a si, mortificado pelo ocorrido. No dia seguinte, uma sua filha espiritual perguntou-lhe. «Padre, onde esteve ontem?» «Estive na América», respondeu.

Mas não se tratava apenas de bilocações; também a leitura do pensamento, a precognição e muitos outros fenómenos inexplicáveis se davam nele, a ponto de o fazer parecer, por vezes, um ser não sujeito às leis físicas e às contingências da existência humana.

O doutor Kiswarday, colaborador do Padre Pio, contou o seguinte: «Recebi uma carta da América, com o pedido de a

entregar ao Padre Pio. Impossibilitado de ir ter com ele, meti-a na gaveta e esqueci-me dela. Em seguida recebi outra carta da mesma pessoa, em que me agradecia porque o Padre Pio tinha respondido a todas as suas perguntas. Apercebi-me então que a carta ainda se encontrava na minha gaveta.»

Corradina Trapani, de Noto: «Em 1967, fui a San Giovanni. Assisti à Missa e queria confessar-me, mas não tinha feito marcação. Além disso, uma senhora advertiu-me que o meu sobretudo era demasiado curto e que, assim, não podia ter acesso à confissão do Padre Pio. Invoquei então o meu Anjo da Guarda, pedindo-lhe para dar a conhecer ao Padre que eu estava para partir e queria falar-lhe. Passados poucos minutos, aproximou-se de mim uma senhora de Loreto, que me disse: "Venha comigo. Foi o Padre Pio que me mandou vir ter consigo, pedindo-me que lhe emprestasse o meu sobretudo." Foi uma confissão inesquecível. Quando me preparava para sair, o Padre lembrou-me que havia qualquer coisa para ele na minha bolsa. Com efeito, eu esquecera-me de lhe entregar algumas cartas que me tinham sido confiadas por outras suas filhas espirituais.»

Umberto Musorella, de Giardini Naxos (Messina): «Em 1952, sendo eu militar em Marina, o meu navio estacionou na Manfredonia, e aproveitei para fazer uma visita ao Padre Pio. A minha mãe estava muito doente, com uma grave crise de asma brônquica, por isso escrevi uma carta que deveria entregar pessoalmente ao Padre Pio, pedindo a sua cura. Parti acompanhado por mais uma dezena de outros marinheiros. Ao chegar, esperámos um pouco na sacristia, até que o Padre Pio entrou. Fomos tomados por forte emoção, e eu esqueci-me da carta que levava no bolso. O Padre passou, abençoando a todos, e depois voltou para trás de repente, aproximou-se de mim, pousou-me a mão no ombro e perguntou: "Que tens para me dar?" Fiquei estonteado e comovido, entreguei-lhe a carta e ele deu-me o assentimento com a cabeça, sem a ler. Passados poucos dias, a minha mãe começou a melhorar.»

A senhora Antima Cosima Matarrelli contou que o seu marido era muito tímido. Durante uma das suas viagens a San

Giovanni Rotondo, não se atrevia a tomar lugar para se confessar. «Eu incitava-o a aproximar-se do confessionário do Padre Pio, mas, como ele era tímido, não conseguia intrometer-se no meio daquela multidão de homens. Enquanto passeava lá fora, esperando o momento oportuno para entrar, ouviu de repente uma voz atrás de si: "Bom homem, há três dias que tentas entrar e não tens coragem. Vem confessar-te." O meu marido começou a tremer e, com os olhos cheios de lágrimas e de assombro, não pôde deixar de se ajoelhar aos pés do Padre Pio. Quando, finalmente, teve coragem para o olhar, o Padre sorria-lhe.»

Maria Immacolata Sainato, de Locri, contou o seguinte: «Em 1959, um dos meus filhos adoeceu. Tinha febre altíssima que, apesar dos antibióticos, subira a 41,6. No hospital, os médicos não acreditavam naquela febre e, após várias medições, constataram que a temperatura da criança chegara, efectivamente, aos 41,7 graus. Havia poucas esperanças de vida para o meu filho. Enviei um telegrama ao Padre Pio, pedindo a sua ajuda. No dia seguinte, recebi a resposta: "O Padre Pio reza e abençoa o doentinho e o seu pai." Cobrei ânimo, mas interrogava-me por que razão o Padre também tinha abençoado o pai. Tive a explicação alguns dias mais tarde, quando soube que o meu marido, que viajava de moto, tinha ido parar à beira de uma ponte, devido a uma avaria imprevista no veículo, ficando a poucos centímetros do precipício, salvando-se por milagre. Entretanto, a febre da criança tinha baixado.»

Maria Celeste Starrabba, de Palermo: «Em 1945, fui a San Giovanni, para conhecer o Padre Pio. Tomei lugar na fila, para me confessar. Enquanto esperava pela minha vez, pensei em tudo o que devia dizer-lhe, mas, ao chegar à sua presença, fiquei bloqueada. O Padre apercebeu-se da minha timidez e interpelou-me, com um sorriso: "Queres que seja eu a falar por ti?" Anuí e, passados alguns instantes, fiquei estupefacta: o Padre Pio disse-me, palavra por palavra, tudo aquilo que deveria ter sido eu a dizer-lhe.»

Irma Fierro Mazzei, de Montella (Avellino). «Em Setembro de 1958, o nosso bispo diocesano organizou uma peregrina-

ção a San Giovanni Rotondo. Inscrevi-me imediatamente, porque queria conhecer o Padre Pio.

Partimos muito cedo, em dois autocarros, pois devíamos chegar antes das sete, hora a que o Padre assomava à janela, para abençoar a multidão. Passados cerca de dez quilómetros, porém, o condutor do nosso autocarro fez uma travagem brusca, e o outro autocarro, que nos seguia, chocou connosco. Não houve feridos, mas tivemos de ficar parados, cerca de uma hora, em Sant'Angelo dos Lombardos. Já nos tínhamos resignado, pensando que íamos perder a bênção do Padre. Quando chegámos a San Giovanni, o adro estava apinhado de gente, que falava com ar preocupado e agitado. Nesse momento, o Padre apareceu à janela e abençoou-nos. Viemos depois a saber que o Padre tinha atrasado uma hora, de forma inexplicável, o encontro marcado com os fiéis; daí toda aquela preocupação. Depois da Missa, o nosso bispo foi saudar o Padre. Contou-nos depois que o Padre Pio, dando-lhe uma palmadinha no ombro, lhe dissera: "Viste que não aconteceu nada? Eu fiquei à vossa espera, para vos abençoar".»

Mannina Zappia, de Praia a Mare (Cosenza): «Em 1960, participei numa viagem com destino a San Giovanni Rotondo, para conhecer o Padre Pio. No autocarro, um senhor disse em voz alta, referindo-se ao Padre Pio: "Sou obrigado a acompanhar a minha mulher para ver esse impostor."

Uma vez chegados a San Giovanni Rotondo, dirigimo-nos à igreja, para assistir à Missa. No fim, o Padre Pio passou por entre os peregrinos. Parou junto ao nosso grupo, em frente do tal senhor, e disse-lhe: "Venha cá, venha ter com este impostor." O homem empalideceu, ajoelhou-se e suplicou: "Perdoai-me, Padre." O Padre Pio pousou-lhe a mão na cabeça e ordenou: "Levanta-te, eu perdoo-te." Esse senhor converteu-se.»

Ezio Romagnoli, de Ravarino (Modena): «Em 1943, quando eu tinha vinte e cinco anos, encontrava-me na Jugoslávia, no território ocupado pelas Forças italianas. Fui enviado em missão à Sérvia e à Croácia e, a dado momento, vi-me cercado por partidários de Tito; passado o dia 8 de Setembro, fui feito prisioneiro pelos alemães.

As esperanças de salvação eram quase nulas. Eu trazia ao

pescoço uma medalhinha de Nossa Senhora, única recordação de minha mãe. Invoquei-a com desespero. Nesse momento, apareceu a meu lado um frade que eu não conhecia, ao qual prometi: "Se me salvar, vou ter contigo." Em 1945 fui repatriado. Contudo, não conseguia encontrar vestígios do Padre. Em Novembro de 1947, fui com a minha irmã a San Giovanni Rotondo, para conhecer o Padre Pio. Deparei com uma multidão imensa, e pus-me na fila, ao lado dos outros. Quando o Padre Pio passou perto de mim, parou de repente e disse: "Foi preciso tempo, hã, filhinho?" Era o frade que eu tinha visto, quando estava prisioneiro dos alemães.»

Raffaele De Maria, de Bari, recordou recentemente um episódio dos anos cinquenta: «Em 1948, a minha mulher foi operada a uma mastoidite do ouvido esquerdo. Depois não foi submetida a nenhum controlo médico e assim, em 1955, a minha mulher começou a acusar fortes dores e intensas vertigens, que a impediam de caminhar e de se aguentar em pé; às vezes perturbavam-na tanto, que tinha de se deitar.

A causa de tal situação era um tampão de colesteatoma que comprimia a parte interna do ouvido. Foi vista por muitos especialistas, alguns deles ilustres, mas nenhum conseguiu remover o tampão.

Decidi por isso dirigir-me pessoalmente ao Padre Pio. Sabendo que era extremamente difícil falar com ele, devido à multidão de fiéis que o aguardava depois da Missa, esperei pelo Padre Pio já à entrada da clausura. Quando ele chegou, invoquei o seu nome, mais com o coração do que com os lábios, estendendo o bilhetinho na sua direcção. Voltou-se lentamente para mim, pegou no pedacinho de papel e esfregou-o alguns instantes por entre os dedos, sem o ler. Depois prosseguiu caminho, sem me fazer qualquer sinal.

Regressei a Bari, desconsolado e entristecido. Encontrei imediatamente o meu pai, que me perguntou: "Conseguiste encontrar o Padre Pio?" "Consegui", respondi eu. E ele: "A que horas?" "Não sei", retorqui. "Então digo-te eu que estiveste com ele às nove horas e dois minutos." Ao dizer isto, estendeu a mão direita e acrescentou: "Aqui está o tampão de colesteatoma espontaneamente expelido precisamente a essa hora."

Corri ao quarto da minha mulher, que estava tranquila-

mente sentada em frente do espelho. Inclinei-me para beijá-la nos cabelos, e fui invadido por um perfume intensíssimo. Eu conhecia o perfume do Padre Pio, mas, aturdido como estava, perguntei à minha mulher se por acaso tinha derramado um frasco de perfume na cabeça. Ela replicou: "Não, há meses que não uso perfume."

Decidimos ir a San Giovanni Rotondo para agradecer ao Padre Pio. A minha mulher foi confessar-se. O Padre inclinou-se para ela e acariciou-lhe a orelha com a mão.»

Giovanni Castellana, de Belmonte Mezzagno, na província de Palermo: «Em 1953, fui afectado por uma artrose muito grave. Certa manhã, em que as dores eram particularmente fortes, pedi à minha mulher para me preparar a mala: "Vou ter com o Padre Pio – disse eu – ele há-de curar-me."

Chegado a San Giovanni Rotondo, esperei a minha vez para me confessar. Passados alguns dias, ajoelhei-me finalmente frente ao Padre, que me disse, de repente: "Vai-te embora; de quem tu precisas é do bispo." Pensei que a forma como tinha votado, por ocasião das últimas eleições, e que o Padre Pio teria misteriosamente descoberto, era um pecado tão grave, que exigia a absolvição por parte de um bispo.

Sem perder tempo, parti para Manfredónia. Fui recebido pelo bispo que, mal soube que eu queria confessar-me, compreendeu que eu estivera com o Padre Pio. Confessou-me e deu-me a bênção. Regressei a San Giovanni Rotondo e esperei que o Padre Pio acabasse de confessar. As dores iam-me destruindo aos poucos. O Padre Pio viu-me ao longe, e exclamou em voz alta: "É inútil ficares à espera; já te confessaste." Eu gostaria de lhe ter dito que tinha ido ali para que ele me curasse, mas, enquanto reflectia sobre isto, as dores desapareceram de repente. Quando regressei a casa, a artrose tinha-me abandonado.»

Anna Strocchia Catanese contou o seguinte: «Em 1953, o meu filho Mario, ainda criança, começou a chorar e a gritar sem razão aparente. Sentia dores fortíssimas no peito e no estômago. Chamámos vários médicos, mas nenhum compreendia o que se passava. Mario foi internado, fizeram-lhe os exames necessários e descobriram um bloqueio nos intestinos,

uma invaginação intestinal, que também poderia ser um tumor. Era preciso operar. Tratava-se de uma operação perigosa. Com efeito, seria necessário cortar uma certa porção de intestino.

Mario foi entregue aos cuidados do professor Fasiani, médico-chefe do Hospital Infantil da Rua da Commenda, em Milão. Sofria muitíssimo e não poderia ser operado se o seu estado não melhorasse.

Nessa altura eu tinha uma criada chamada Delia, originária de San Giovanni Rotondo, que me falava constantemente do Padre Pio, contando-me que ele fazia muitos milagres. Desesperada, mas muito confiante, escrevi um telegrama ao Padre, explicando-lhe a situação. O telegrama foi enviado segunda-feira, estando a operação marcada para o sábado seguinte. Em pouquíssimo tempo recebi a resposta, que dizia: "O Padre Pio reza e abençoa." Coloquei logo o telegrama por baixo da almofada do Mario, e imediatamente cessaram todos os gritos e dores. O meu filho adormeceu às duas da tarde, hora em que expedi o telegrama, e dormiu até às seis, sem uma queixa. Os médicos, as irmãs e os enfermeiros entreolhavam-se, estupefactos. Mario ia melhorando de dia para dia. Sábado de manhã, o dia marcado para a intervenção cirúrgica, o radiologista chamou-me e disse-me, com as radiografias na mão: "Isto é um milagre." Mario estava curado.»

Rosaria Bencardino, de Agropoli: «Em 1954, o meu pai, então ferroviário, adoeceu com uma enfermidade estranha, que lhe imobilizou os membros inferiores. A situação ia piorando, e então decidiu ir a San Giovanni Rotondo, onde chegou com grandes dificuldades, acompanhado e amparado pelo meu tio. Na igreja encontrou o Padre Pio que, ao ver como ele se arrastava por entre a multidão, exclamou em voz alta: "Abri caminho para esse ferroviário passar." Contudo, não conhecia o meu pai nem podia saber qual era a sua profissão. Em seguida pousou-lhe a mão no ombro, reconfortou-o com um sorriso e dirigiu-lhe palavras de ânimo. O meu pai afastou-se dele, caminhando perfeitamente. Atrás dele, seguia o meu tio, levando consigo as bengalas, que já não eram precisas.»

A faculdade de ler o pensamento e de conhecer o íntimo de quem dele se aproximava era uma das características mais

notórias do Padre Pio. Parecia que, para ele, o espírito humano não tinha barreiras. O Padre falava das suas experiências pessoais e dos segredos de quem tinha à sua frente, como se estivesse a ler num livro. As suas afirmações eram precisas, exactas, mesmo que o tempo tivesse ofuscado a recordação de tais experiências na mente do interlocutor. Nada escapava à sua intuição misteriosa.

Muitos grandes santos eram dotados desta prerrogativa, sobretudo aqueles que desempenharam o papel de «guias espirituais». No Padre Pio, essa faculdade traduzia-se por vezes na percepção precisa, quase material, do pensamento de quem estava a seu lado. Certo dia, Carlo Campanini, o actor e grande filho espiritual do Padre Pio, tinha acompanhado a San Giovanni Rotondo um seu colega, que sentia curiosidade mas também cepticismo. Quis que ele assistisse à Missa.

A igreja estava apinhada. Enquanto se aproximavam do altar, o colega de Campanini, olhando à sua volta, comentou: «Quantos imbecis vêm aqui prestar honras a este bufão, que se arma em santo.» Nesse instante, o Padre Pio, voltou-se do altar para o povo e, fitando aquele senhor, disse com voz forte: «Orai, irmãos, não por mim, mas por aquele pobre filhinho que, neste momento, está a dizer que eu sou um bufão.»

Um médico de San Marco in Lamis tinha proibido as duas filhas de beijar a mão ao Padre Pio. Julgava ele que aquelas chagas eram consequência de uma grave doença e receava o contágio. Certo dia, as duas raparigas foram visitar o convento, acompanhadas por outras amigas. Vendo que todas as suas companheiras beijavam a mão ao Padre, para não lhes ficar atrás, aproximaram-se para fazer o mesmo. O Padre, porém, pondo as mãos atrás das costas, ordenou: «Não, obedecei ao vosso pai.»

Contou-me o cardeal Giuseppe Siri, arcebispo de Génova: «Durante muito tempo hesitei sobre uma grave decisão que devia tomar a respeito de uma importante questão, na minha diocese de Génova. As soluções possíveis eram duas, mas eu não sabia qual delas era a melhor. A dado momento, vendo-me obrigado a agir, decidi por uma delas. Ora, no dia seguinte, recebi um telegrama do Padre Pio em que ele me dizia que a decisão tomada fora acertada, exortando-me a prosseguir no

mesmo caminho. Eu tinha passado por aquele período de incertezas sem nunca dizer nada a ninguém.»

Além disso, o Padre Pio também via o futuro. «Lembra-te que eu vejo tudo em Deus», disse ele certo dia a Angelo Battisti, seu colaborador na administração da *Casa Alívio do Sofrimento*. Tinha um conhecimento da realidade que ultrapassava os limites do espaço e do tempo, ou seja, podia «ver» acontecimentos que nesse momento estavam a acontecer fora do alcance do seu olhar, e também acontecimentos que ainda não tinham ocorrido, e que, portanto, só viriam a realizar-se no futuro.

A esta faculdade chamam os estudiosos «precognição». É uma faculdade extraordinária, mais incompreensível, do ponto de vista racional, do que todas as outras faculdades misteriosas que já vimos no Padre Pio. Com efeito, envolve o futuro, uma realidade ainda inexistente e cuja realização depende do concurso de inúmeros factores, que escapam ao controlo humano, como o livre-arbítrio, por exemplo.

A precognição poderia ser admissível, até certo ponto, para aqueles que professam filosofias deterministas, doutrinas segundo as quais todos os acontecimentos da vida humana, e até o destino eterno do homem, seriam antecipadamente determinados pela vontade divina ou por qualquer outro princípio universal.

Estas teorias fatalistas encontram-se nas crenças dos antigos gregos e romanos, nas filosofias indianas, na antiga filosofia chinesa; eram professadas pelos estóicos e são admitidas pelos maometanos e por algumas ramificações protestantes do cristianismo, como o luteranismo e o calvinismo.

Contudo, não fazem parte da Doutrina católica. Para o cristão católico, existe o «livre-arbítrio», a «liberdade absoluta» da pessoa, que determina o próprio comportamento. Segundo esta perspectiva, a precognição torna-se racionalmente inconcebível.

Só pode ser «justificada» como carisma místico excepcional: o Dom, que Deus concede gratuitamente, em certos casos particulares, a grandes almas, de poder «ver», «nele», o resultado, a conclusão de «livres escolhas» das pessoas. Talvez por isso o Padre Pio dissesse: «Vejo tudo em Deus.»

Já tivemos a oportunidade de citar vários episódios. As

suas previsões sobre a conclusão da guerra e sobre o futuro da *Casa Alívio do Sofrimento*.

Em Abril de 1961, o Padre Agostino de Campolieto teve de ir à Argélia, para fazer uma pregação, e foi despedir-se do Padre Pio; este disse-lhe: «Não partas, vais ao encontro de um perigo.»

Embora conhecesse a faculdade precognitiva do Padre Pio, o Padre Agostino não pôde adiar a viagem, que já tinha sido organizada com todos os pormenores. Contudo, viria a aperceber-se que o Padre Pio tinha tido uma antevisão certa. Na Argélia havia uma grande agitação contra os franceses, e o Padre Agostino, que falava bem francês, foi considerado suspeito, pela polícia. A 24 de Julho, às 23h30m, foi preso e levado para a esquadra. Aí permaneceu até às 17 horas do dia seguinte, depois de ter sido submetido a um interrogatório duro e ininterrupto. Por fim, o equívoco foi esclarecido, mas o Padre Agostino ficou com muito medo, lembrando-se de quanto lhe fora predito pelo Padre Pio.

De regresso a Itália, foi a San Giovanni Rotondo, a fim de agradecer ao Padre. «Cá vem o mártir», exclamou o Padre Pio, sorrindo. O Padre Agostino viria mais tarde a saber que, desde o dia 23, até às 17 horas do dia 24 de Julho, ou seja, durante todo o período em que ele estava a ser submetido àquele terrível interrogatório, na Argélia, o Padre Pio, em San Giovanni Rotondo, tivera uma crise, sofrendo com dores fortíssimas.

Contou-me Giovanni Gigliozzi, o famoso jornalista da Rai: «Certo dia, estava eu em San Giovanni Rotondo, com o doutor Mario Cinelli, cronista-chefe do "L'Osservatore Romano". Estávamos no corredor do convento. O Padre saiu do coro e tomou o caminho da sua cela. A meio do corredor, sobre uma mesa de verga, havia alguns jornais. O "Avvenire d'Italia", diário católico de então, trazia na primeira página uma grande fotografia de Aldo Moro, que era Presidente do Conselho. Ao passar, o Padre parou, fitou aquela imagem durante alguns instantes e depois, cobrindo o rosto com as mãos, exclamou: "Meu Deus, quanto sangue, quanto sangue!" Nem eu nem Cinelli entendemos nessa altura o significado daquela frase. Mas agora, à luz de tudo o que viria a acontecer, passados muitos

anos, podemos considerar que se tratou de uma dramática precognição.»

Na época das grandes multidões que acorriam à presença do Padre Pio, eram enviados para o convento dois agentes de polícia, que se mantinham sempre a seu lado, para o proteger. Certo dia, na sacristia, enquanto despia os paramentos sagrados, depois da celebração da Missa, o Padre voltou-se, sorridente, para um dos polícias: «Quando eu estiver despachado, depois da acção de graças, vem à minha cela, pois preciso de falar contigo.»

O polícia, muito contente, esperou que o Padre Pio terminasse e depois dirigiu-se à cela do religioso. «Ouve – disse-lhe o Padre; – dentro de oito dias, no máximo, vais morrer. É preferível que vás para casa, ter com os teus.»

«Mas, Padre, eu estou muito bem de saúde», retorquiu o polícia.

«Não te preocupes – acrescentou o Padre –, estarás melhor daqui a oito dias. Que é esta vida? Uma peregrinação: viajamos de comboio, meu filho. Pede licença e vai pôr tudo em ordem, em tua casa.»

O polícia, perturbado com tais palavras, perguntou: «Padre, posso contar a alguém aquilo que me disse?»

«Por ora, não – respondeu o frade; – contá-lo-ás apenas quando estiveres em casa.»

O jovem regressou ao quartel e pediu uma autorização para ir a casa. Não queriam conceder-lha, pois não havia motivo que justificasse tal licença. O Padre Pio, que conhecia o marechal, interveio: «Deixa-o ir alguns dias a casa, para estar com a mãe, pobre filhinho, deixa-o ir.» O marechal assinou-lhe a licença.

Chegado a casa, o polícia disse aos pais. «O Padre Pio disse-me que eu vou morrer; vim para me despedir.» Passados oito dias, o jovem polícia morreu.

Para compreender melhor

Perfumes, bilocações, leitura do pensamento, precognições... Ao que parece, para o Padre Pio não havia fronteiras nem barreiras de espaço e de tempo. Ele estava fora e acima

da realidade, era uma testemunha sem tempo. Mas como é possível que tudo isto tenha acontecido?

Já referi que semelhantes fenómenos não fazem parte da santidade de uma pessoa. Por isso a Igreja, nos seus processos de beatificação, só os toma em conta de forma relativa. De qualquer modo, chegaram até nós alguns factos concretos, claramente documentados por testemunhos dos quais não há razões para duvidar.

Em certa ocasião pedi uma explicação para estes factos a um grande estudioso de fenómenos situados «nos limites da racionalidade», o professor Emilio Servadio. Era um estudioso de grande envergadura e de mentalidade aberta, que passara vários anos na Índia, onde também ensinara numa universidade. Ele disse-me que também encontrara a maior parte destes fenómenos nos grandes gurus indianos. Além disso explicou-me que, na sua opinião, eram a consequência espontânea de uma intensa vida ascética.

«A ascese – explicou-me ele –, é como uma pirâmide. Quanto mais o indivíduo sobe para o alto, mais se manifestam nele, de forma espontânea, fenómenos paranormais, como, precisamente, a possibilidade de ler o pensamento, viagens fora do corpo, precognições, etc...»

A santidade encontra-se no vértice da pirâmide de que me falava o professor Servadio. Por isso, nos santos, estão quase sempre presentes os vários fenómenos extraordinários que são observados nos *médiuns*, nos carismáticos, nos gurus e nos homens iluminados, com a diferença de que, nos santos, estes fenómenos são mais frequentes, mais intensos; o «maravilhoso», neles, é bastante mais benéfico e reconfortante.

O que ele disse

Durante um temporal, um frade está com o Padre Pio no corredor do convento. Assustado com os relâmpagos, fixando o olhar na cabina eléctrica próxima, o frade diz ao Padre: «Pai espiritual, afastemo-nos da cabina. Ontem morreram dez pessoas com um raio.» Ao que o Padre retorquiu: «Nós não corremos esse perigo; somos só dois.»

Repetia com frequência: «Quando eu morrer, farei mais alarido do que enquanto estou vivo.»

«Deixa que uma sombra de cipreste caia sobre a minha sepultura, e verás quantas maravilhas de Deus serão reveladas.»

A quem lhe perguntava: «Padre, quando morrerdes, como viveremos sem a vossa presença?», ele respondia: «Colocai-vos diante do sacrário: em Jesus, encontrar-me-eis também a mim.»

O que disseram acerca dele

Enrico Medi, cientista: «Quando nos confessamos ao Padre Pio, fica claramente comprovado que ele nos conhece. Parece-nos estar a falar com alguém que vê directamente o nosso interior, melhor do que nós próprios somos capazes de o ver. Também não é exacto dizer "parece", porque a realidade é essa. Faz-se silêncio e ele fala. Cada palavra tem peso, penetra no coração, como se o esculpisse, traça as linhas da nova vida, pode cortar como a ponta afiada do cirurgião, pode acariciar, como a mão de uma mãe. É inútil pedir. Resta-nos apenas esperar com afectuosa humildade. Jesus está ali próximo, com os braços abertos: o crucifixo. Como é difícil não chorar! Tínhamo-nos preparado para dizer isto ou aquilo, para falar de modo a encobrirmo-nos ou a pôrmo-nos um pouco a salvo. No entanto, sentimo-nos cair de um avião sem pára-quedas: mas caímos nos braços de Deus.»

João Paulo II: «A Missa era para ele "a fonte e o cume", o eixo e o centro de toda a sua vida e da sua obra. Esta íntima e amorosa participação no sacrifício de Cristo foi, para o Padre Pio, a origem da dedicação e da disponibilidade frente às almas, sobretudo frente àquelas que estão presas nos laços do pecado e nas angústias da miséria humana.»

24

Para lá do horizonte

(1959-1968)

Sob a protecção de Pio XII, o Padre Pio viveu um período relativamente sereno e cheio de iniciativas.

O Papa Pacelli conhecia toda a história do Padre Pio e era continuamente informado sobre as hostilidades que o religioso sofria. Através das suas intervenções, porém, dava a entender que estimava aquele religioso e que aprovava a sua actividade.

Sempre que encontrava algum prelado vindo da Puglia, informava-se sobre o Padre. Em 1947, recebeu em audiência monsenhor Andrea Cesarano, arcebispo da Manfredónia e perguntou-lhe imediatamente: «Que faz o Padre Pio?» «Tira os pecados do mundo, Santidade», respondeu o arcebispo.

A 5 de Maio de 1956, aquando da inauguração da *Casa Alívio do Sofrimento*, enviou um telegrama definindo o hospital como «obra sugerida por elevado sentido evangélico de caridade».

Três dias mais tarde, recebeu em audiência um grupo de cardiologistas, alguns dos quais também tinham estado com o Padre Pio, em San Giovanni Rotondo, para assistir à inauguração da *Casa Alívio do Sofrimento*, e aproveitou para falar da obra do frade de Pietrelcina com expressões de uma estima extraordinária. Apontou o significado da *Casa Alívio do Sofrimento*, «chamada a introduzir no tratamento dos doentes uma concepção mais profundamente humana e, ao mesmo tempo, mais sobrenatural». E definiu-a assim: «É fruto de uma das mais elevadas intuições, de um ideal longamente amadurecido e aperfeiçoado, em contacto com os mais variados e cruéis aspectos do sofrimento moral e físico da humanidade.»

Expressões de total comparticipação, que eram, ao mesmo tempo, advertências, indicações e sugestões para quantos, pelo contrário, continuavam a olhar para o Padre Pio com suspeita e desconfiança.

Em Abril de 1957, como à volta da *Casa Alívio do Sofrimento* se levantavam conflitos de interesse económico e problemas de gestão e de jurisdição, o Papa chegou ao ponto de dispensar o Padre Pio do voto de pobreza, para que também pudesse chamar a si a gestão económica da sua obra. Nomeou-o director vitalício da Fraternidade Terciária (entidade laica que geria a obra) e declarou-o director-guia-responsável da *Casa Alívio do Sofrimento*. A Obra passou a ter, assim, a sua autonomia e a sua própria organização jurídica.

Em Outubro de 1958, porém, também o Papa Pacelli viria a faltar. Os inimigos do Padre Pio levantaram de novo a cabeça e retomaram as hostilidades, dando início a um novo período de perseguições, que continuou até à morte do Padre. Foi o último, mas sem dúvida o mais duro e mais vergonhoso, porque infligiu humilhações e suspeitas a um pobre velho, como se fez durante esses anos ao Padre Pio, é uma atitude que não pode ter justificação.

Os factos

Os membros do Santo Ofício e os eclesiásticos que não acreditavam na santidade do Padre Pio nunca deixaram de exprimir as suas opiniões negativas e de fazer sentir a sua hostilidade, nem sequer quando o Padre era abertamente protegido pelo Papa Pacelli.

À estima que o Papa demonstrava, respondiam levantando questões disciplinares e pondo em destaque comportamentos anómalos. Não conseguiam infligir «condenações públicas», como tinha acontecido nos anos Vinte, no tempo de Pio XI, mas exprimiam de igual modo o seu pensamento e as suas opiniões que, sendo altamente autorizadas, tinham sempre o seu peso.

Por isso o Padre Pio, durante os anos em que era protegido pelo Papa Pacelli, embora pudesse agir com uma certa liberdade, também teve de suportar muitas ofensas injustas.

De vez em quando, chegavam a San Giovanni Rotondo inspectores eclesiásticos, que queriam saber, interrogavam e apresentavam queixas. Chegavam cartas, enviadas pelo Geral e pelo Provincial, contendo intimações e queixas, que recordavam ao Padre Pio como ele continuava a ser considerado, pelos seus superiores, um indivíduo suspeito, incómodo, que só sabia arranjar problemas e aborrecimentos. O Padre suportava tudo, mas sofria... e muito.

A 11 de Março de 1952, o Santo Ofício apresentou ao Geral dos Capuchinhos uma série de inconvenientes detectados em San Giovanni Rotondo. Como é natural, o Geral lançou a sua própria amargura sobre o Provincial, este sobre o Guardião de San Giovanni Rotondo, e o Guardião sobre o Padre Pio.

Era a cadeia inexorável de acusações, que se sucedia a um ritmo quase regular, a juntar às preocupações do Padre, já cheio de problemas relativos à construção da *Casa Alívio do Sofrimento*. Preocupações muito amargas, porque as críticas provinham de Roma, do Santo Ofício, ou seja, da Igreja, e passavam pelo seu Superior Geral. Do ponto de vista psicológico, o Padre sentia-se «rejeitado», ou, pelo menos, «bastante criticado», pelas duas entidades às quais consagrara a própria existência: a Igreja e a Ordem dos Frades Capuchinhos.

A 8 de Abril, do mesmo ano de 1952, o Santo Ofício voltou a contactar o Geral, ainda por causa dos problemas de San Giovanni Rotondo, reforçando a afirmação de que a situação estava muito mal e incomodava o poderoso dicastério eclesiástico. Mais uma vez, todos os maus humores recaíram sobre a cabeça do pobre Padre Pio, passando primeiro pelos vários superiores, e semeando o descontentamento um pouco por toda a parte.

A 3 de Maio de 1952, o Padre Geral, provavelmente para calar as queixas do Santo Ofício, interveio pessoalmente com uma carta dirigida aos religiosos de San Giovanni Rotondo e da província de Foggia, recomendando-lhes que não favorecessem as peregrinações de pessoas a San Giovanni, nem difundissem escritos e imagens do Padre Pio.

Dois meses mais tarde, a 8 de Julho, pressionado pelo Santo Ofício, o Geral fez uma viagem inesperada a San Giovanni Rotondo, a fim de insistir pessoalmente sobre aquelas ques-

tões. É evidente que o Padre Pio se sentiu tremendamente humilhado. Se o Padre Geral, responsável por todos os problemas da Ordem dos Capuchinhos e, portanto, muitas vezes em viagem pelo mundo, tinha deixado Roma para se dirigir pessoalmente a San Giovanni Rotondo, a fim de o censurar precisamente a ele, dizendo-lhe que o Santo Ofício, ou seja, o Tribunal eclesiástico máximo, tinha contestado certos factos, isso queria dizer que aquele superior não estava contente consigo, o que tornava a situação bastante grave.

Mais tarde, a 30 de Julho, o Santo Ofício aproveitou para fazer ouvir directamente a própria voz. Como tinham saído livros sobre o Padre Pio que não tinham o *imprimatur* (aprovação eclesiástica, como então era exigido pelo Direito Canónico), emitiu um decreto que proibia tais publicações.

Como vemos, era um massacrar contínuo, fazendo sentir a própria desaprovação. Para o Padre Pio, tão sensível e desejoso de servir a causa de Deus, tais intervenções constituíam verdadeiras aguilhoadas no coração.

Aguilhoadas que nunca mais pararam, que, pelo contrário, aumentavam, com a continuação. Podemos dizer que eram fruto de uma fria intransigência burocrática. Na realidade, para quem quiser olhar mais a fundo, eram sinal daquela luta misteriosa que não provinha tanto dos homens, de eclesiásticos perplexos, mas do «inimigo número um», de Satanás. Compreendera-o bem o Padre Agostino de San Marco in Lamis, confessor do Padre Pio, tendo-o anotado no seu *Diário*. Com efeito, escreveu ele com data de 3 de Setembro de 1952: «A guerra exterior de pessoas associadas a Satanás prossegue, mas o Padre segue em frente apoiado no nome de Deus, como se nada lhe dissesse respeito, embora a sua alma esteja amargurada.» Voltou a repeti-lo alguns anos mais tarde, escrevendo, a 28 de Novembro de 1956: «A luta satânica contra a grande obra da clínica continua, enquanto o Padre sofre e reza.»

Nos anos de 1955-1958, com o agravamento da situação, deu-se o famoso «caso Giuffrè», que se abateu sobre a Ordem dos Capuchinhos como um terramoto, atingindo o próprio Padre Pio, embora este nada tivesse a ver com ele.

É uma história horrível, já antiga e distante, acerca do qual se levantou muita polémica. É desagradável folhear de novo

páginas dolorosas. No entanto, estas não podem ser completamente ignoradas porque, naquela época, para atenuar as responsabilidades de muitos eclesiásticos caídos em tal desastre, tentou-se envolver também o Padre Pio, que era totalmente alheio à situação.

A Segunda Guerra Mundial semeara a destruição em toda a Itália. Os bombardeamentos tinham derrubado casas, igrejas e também muitos conventos.

Terminado o conflito, a Itália fora tomada pelo frenesim da reconstrução. Surgiam por toda a parte estaleiros destinados à reedificação dos edifícios devastados e à construção de outros novos. Também os Frades Capuchinhos se esforçavam muito para restaurar os seus conventos. O fervor levou-os a implementar grandes iniciativas. Contudo, para realizá-las, eram necessárias somas muito avultadas. A necessidade convenceu muitos deles a dar crédito a uma armadilha financeira que, nos anos cinquenta, deu muito que falar em Itália.

Um certo Giambattista Giuffrè, ex-funcionário do *Credito Romagnolo de Imola*, dava juros antecipados, que podiam ir de trinta a cem por cento, a quem lhe emprestasse dinheiro.

Era um homem estimado, que se dizia católico fervoroso. Por isso, tanto bispos como párocos e superiores de conventos confiaram nele. Ainda mais, entusiasmados com as aparentes vantagens económicas que dele recebiam, chamavam-lhe «o homem da Providência» e «o banqueiro de Deus». A dado momento, porém, o jogo de Giuffrè foi pelos ares. Em 1958, «o banqueiro de Deus» declarou falência, e todos aqueles que lhe tinham emprestado dinheiro ficaram de mãos vazias, ou antes, viram-se envolvidos num turbilhão de dívidas.

A Santa Sé interveio, impondo aos bispos, párocos, ordens religiosas e congregações que restituíssem todo o dinheiro proveniente da burla. O Papa criou uma comissão cardinalícia para se ocupar da situação, a fim de tentar mitigar o escândalo.

Os Frades Capuchinhos foram dos mais atingidos. Perderam um verdadeiro património. O Geral da Ordem, em relatório reservadíssimo, escreveu o seguinte: «Fomos obrigados a pagar uma soma enorme, ficando reduzidos quase à ruína, à beira do desastre económico.»

Para pagar as suas dívidas, os Capuchinhos pensaram em

recorrer ao dinheiro enviado de todo o mundo para San Giovanni Rotondo, ao cuidado do Padre Pio. Pediram para ser ajudados, mas o Padre respondeu: «Esse dinheiro não é meu. Foi-me entregue com um objectivo preciso, para que eu faça obras destinadas aos pobres e doentes, e não para pagar as dívidas dos frades. Eu seria um mau administrador, se o utilizasse sem respeitar a vontade explícita dos benfeitores.»

O Padre tinha toda a razão, do ponto de vista da honestidade, mas os seus confrades, exasperados pela situação desastrosa em que se encontravam, não conseguiam entender a sua atitude. Alguns ficaram ofendidos, e uniram-se àqueles que sempre tinham sido inimigos do Padre Pio, dando o seu triste contributo para os sofrimentos do confrade.

Entretanto, em Outubro de 1958, morre Pio XII. Em seu lugar, é eleito Ângelo Roncalli, com o nome de João XXIII.

Roncalli provinha de Veneza, onde era Patriarca desde 1953. Tinha começado a ouvir falar do Padre Pio imediatamente após a guerra, quando era Núncio Apostólico em Paris. Tendo de tratar de um assunto também relacionado com o Padre Pio, pedira informações ao arcebispo da Manfredónia e recebera, como resposta, uma longa carta transbordante de estima e de admiração. Como Patriarca de Veneza, ao receber um filho espiritual do Padre Pio, tinha-lhe dito: «Se escrever ao Padre, diga-lhe que o abençoo e que me recomendo às suas orações.»

Mal foi eleito Papa, João XXIII enviou uma bênção especial ao Padre Pio, através do arcebispo da Manfredónia, monsenhor Cesarano. Em Janeiro de 1959, o secretário de Estado, monsenhor Domenico Tardini, enviou ao Padre Pio, em nome do Papa, naturalmente, uma carta de louvor pela *Casa Alívio do Sofrimento*. Em Julho, do mesmo ano de 1959, o Papa mandou uma bênção pessoal ao Padre Pio, através do cardeal Federico Tedeschini, que ia a San Giovanni Rotondo para a inauguração da nova igreja de Santa Maria das Graças.

Até àquela data, portanto, o Papa João demonstrava partilhar plenamente a estima que Pio XII nutrira pelo Padre Pio. Depois a situação mudou de repente, e de forma drástica. Vários conselheiros do Papa tinham-se esforçado por insinuar nele dúvidas e suspeitas. Como se tratava de pessoas que o

Santo Padre conhecia e estimava muito, não podia ignorar o que diziam. Foi assim que se começou a formar a nova tempestade.

Como noutras ocasiões, o Padre Pio, com a sua misteriosa sensibilidade, estava em condições de «prever» os acontecimentos que lhe diziam respeito e que ainda estavam para acontecer. Quando estes eram duros, sofria antecipadamente com o que estava para vir. Na realidade, ele sabia que essas experiências dolorosas eram provocadas pelo seu inimigo de sempre, Satanás, e sofri-as na carne, enquanto o Espírito do Mal as ia preparando. Tratava-se quase de uma luta «particular», entre ele e o mal, que se desenvolvia em «antestreia», isto é, quando os acontecimentos destinados a destruir a sua pessoa e a sua obra ainda não tinham começado.

Isso já tinha ocorrido, como referimos no capítulo 14, antes da primeira condenação do Santo Ofício, em 1923. Enquanto em Roma os juízes do Santo Ofício discutiam o «caso», o Padre Pio, em San Giovanni Rotondo, agonizava por entre dores de todo o tipo. O mesmo aconteceu em 1959. Em Roma, conselheiros malévolos esforçavam-se por convencer o Papa João XXIII de que o Padre Pio era um religioso indigno, e propunham soluções drásticas para «redimensionar» a autonomia conferida por Pio XII; entretanto, o Padre Pio, em San Giovanni Rotondo, «somatizava» as consequências de tais intervenções, ainda antes de entrarem em vigor.

Com efeito, a 25 de Abril desse ano, caiu de cama. Acorreram os médicos, que ficaram perplexos e assustados, frente ao seu estado de saúde. Foram consultados três especialistas muito célebres, os professores Valdoni, Mazzoni e Gasbarrini, que diagnosticaram um tumor maligno no pulmão. O Padre tinha poucos meses de vida. O seu estado agravou-se. O Padre não podia levantar-se da cama, nem sequer para celebrar Missa. Ficou quatro meses naquela situação.

Mais tarde, em Agosto, deu-se algo extraordinário. Chegou a San Giovanni Rotondo a imagem de Nossa Senhora de Fátima, que nessa altura percorria a Itália, fazendo escala nas várias cidades. Chegou a San Giovanni na noite de 5 de Agosto. Durante toda a noite, as pessoas acorreram, em grande número, para rezar pela cura do Padre Pio. Por volta do meio-

-dia, quando na igreja havia pouca gente, o Padre foi levado numa padiola até à presença da imagem. Aí permaneceu, em oração, e depois foi levado de volta para a sua cela. Às duas da tarde, a imagem partiu, de helicóptero. Da sua cama, o Padre Pio rezava: «Minha Santa Mãe, quando chegaste à Itália, fizeste-me cair de cama, com esta doença; agora, que te vais embora, ainda me deixas assim?»

Mal tinha acabado de pronunciar estas palavras, todo o seu corpo foi sacudido por um tremor. Os religiosos que lhe faziam companhia assustaram-se e temeram que estivesse prestes a morrer. Mas aquele estranho fenómeno durou poucos segundos, e depois o Padre Pio sentiu-se inesperadamente bem. O seu rosto, antes muito pálido, tinha agora um tom róseo, e a respiração estava regular. Disse que já não sentia dores, que tinha recuperado as forças e que queria levantar-se da cama. Foram convocados os médicos, que examinaram o Padre Pio. Do seu mal já não restavam vestígios. Dois dias mais tarde recomeçou a celebrar Missa, a confessar e a receber os fiéis.

Aquele sofrimento teria servido, provavelmente, para o ajudar a superar, incólume, o Calvário que o esperava.

Depois da morte de Pio XII, as cartas anónimas, que continham calúnias contra o Padre, tornaram-se mais numerosas. Sobre a secretária do Papa João, o «dossier Padre Pio» ia-se tornando cada vez mais volumoso, reunindo acusações gravíssimas. Entre outras coisas, nele estava escrito que o Padre tinha relações sexuais com mulheres duas vezes por semana. As acusações também eram acompanhadas por documentos fotográficos, que mais tarde se descobriu serem fruto de uma vil e grosseira montagem. Havia ainda fitas magnéticas, com conversas furtivas e indecifráveis, também essas falseadas, mas divulgadas como «provas» de culpa. Os microfones para apanhar o Padre em flagrante até no confessionário tinham sido instalados.

O Papa João estava preocupado. Convocou Monsenhor Cesarano, arcebispo da Manfredónia. Mostrou-lhe o «dossier». Cesarano, com lágrimas nos olhos, garantiu que se tratava apenas de calúnias.

Por essa altura, o cardeal Siri também tomou a defesa do

Padre Pio. Contou-me ele, passados vários anos: «Durante meses defendi o Padre Pio junto do Papa João. Falávamos dele em todos os nossos encontros. Nessa época, eu ocupava muitos cargos, sendo por isso recebido com frequência pelo Pontífice. A conversa acabava sempre no Padre Pio. O Papa, homem muito bondoso, um verdadeiro santo, estava preocupado por tudo o que lhe tinham contado.»

João XXIII entregou o «dossier» ao Santo Ofício. Os membros deste dicastério reuniram-se para discutir o caso e, na reunião de 15 de Junho de 1960, decidiram anunciar uma visita apostólica a San Giovanni Rotondo.

Monsenhor Carlo Maccari, secretário do Vicariato de Roma, foi incumbido da mesma. Chegou a San Giovanni a 29 de Julho. Mostrou imediatamente ter preconceitos contra o Padre.

Já estavam em curso os preparativos para a festa dos cinquenta anos de sacerdócio que o Padre celebraria a 10 de Agosto, e Monsenhor Maccari, como primeira disposição, ordenou o cancelamento de todos os festejos. Não se devia fazer nada, como se o Padre Pio fosse um sacerdote indigno, que, em vez de servir a Igreja, estivesse manchado com culpas horríveis.

Contudo, a máquina organizativa já começara a funcionar há algum tempo. Por esses dias, chegaram a San Giovanni milhares de pessoas, e o Padre viu-se obrigado a celebrar Missa para elas. Assim, acabou por haver festa, mas sem qualquer participação por parte das autoridades eclesiásticas, e o próprio «visitante», para não assistir à festa, partiu para Roma.

Regressou no dia seguinte, 11 de Agosto, e passou dois meses seguidos a interrogar religiosos e leigos. Interrogou também o Padre Pio por várias vezes. De um relatório que Maccari fez, em 1990, ao cardeal Ratzinger, secretário do Santo Ofício, veio-se a saber que um dos assuntos sobre os quais Maccari «apertou» o Padre Pio, foram as «piedosas mulheres», aquelas filhas espirituais que, desde finais dos anos vinte, viviam em San Giovanni Rotondo. Eram pessoas dignas de muita estima, que se dedicavam à vida de perfeição, mas que os inimigos do Padre apontavam como harpias corruptas e imorais. Como é evidente, o «visitante» tinha abraçado aquela tese.

A visita apostólica terminou em desfavor do Padre. Monsenhor Maccari ficou convencido que, em San Giovanni Rotondo, se cometiam muitas infracções graves contra a Regra franciscana e contra as disposições do Direito Canónico. Propôs uma série de intervenções, todas elas bem aceites pelo Santo Ofício e comunicadas ao Padre Pio, e aos seus superiores, através de dois documentos severos: uma carta do cardeal Ottaviani, secretário do Santo Ofício, com data de 31 de Janeiro de 1961, e uma carta de monsenhor Parente, então adjunto de Ottaviani, com data de 24 de Abril de 1961.

Nestes documentos, foi estabelecida a necessidade de:

– Reconduzir o Padre Pio à regular observância conventual.

– Proibir sacerdotes e bispos de ajudarem o Padre à Missa.

– Variar diariamente o horário da Missa do Padre.

– Respeitar a distância entre o confessionário do padre e os fiéis.

– Evitar a afluência excessiva de devotos do lugar, sobretudo de devotas, ao confessionário do Padre.

– Proibir o Padre de receber mulheres sozinho no parlatório do convento, ou em qualquer outro lugar.

– Convidar o Padre a celebrar a Missa dentro dos limites normais de tempo, ou seja, em trinta ou quarenta minutos, no máximo.

– Impedir actos que assumam as características de culto directo à pessoa do Padre.

Além disso, o Padre Pio foi proibido de celebrar casamentos e baptizados, de contactar livremente com os fiéis e de confessar certas pessoas.

Não podia gastar mais de meia hora a celebrar Missa, nem podia reter os penitentes no confessionário durante mais de três minutos.

O Convento de San Giovanni Rotondo, onde o Padre Pio residia, passou para a dependência directa do Santo Ofício, e alguns religiosos, amigos do Padre, foram afastados.

Ao Padre Pio foi retirada a gestão da *Casa Alívio do Sofrimento*, sendo aquele obrigado a passar em branco as acções da Casa, que foram depositadas no banco vaticano do IOR.

O documento do Santo Ofício, que continha as novas restrições, terminava com um tom duro e ameaçador, como ha-

bitualmente se utiliza com pessoas réprobas e rebeldes: «Que o Padre Pio seja convidado a respeitar estas regras, em virtude da obediência religiosa e, no caso de uma condenável inobservância, não se exclua o recurso às penas canónicas.»

À luz daquilo que hoje sabemos, ou seja, que o Padre Pio era um santo, absolutamente inocente, torna-se inútil qualquer comentário àquelas enésimas disposições disciplinares contra ele.

Como sempre, o Padre aceitou a nova prova com espírito de obediência, oferecendo os seus sofrimentos a Deus. Tratava-se, porém, de sofrimentos terríveis. Com efeito, ele disse ao seu Guardião: «Que posso fazer? Peço a Deus que me chame depressa e me liberte destas aflições.» O indomável guerreiro, que tinha lutado durante toda a vida, sentia-se amargurado a ponto de invocar a morte.

Pesava-lhe, sobretudo, o facto de ter de dizer Missa a olhar para o relógio. A Missa era o seu «encontro» com Deus, um encontro em que ele acreditava com todo o seu ser e que «vivia» todas as manhãs como se fosse único, o primeiro e o último da sua vida. Aquela sua Missa «sem tempo» tinha encantado milhões de pessoas, tinha convertido milhares de ateus, tinha transformado inúmeras almas, despertando nelas o significado de um mistério indizível. E a Igreja, a sua Mãe Igreja, pedia-lhe que a apressasse, que a reduzisse a uma prática rotineira, controlando os tempos da sua devoção, do seu encontro com Deus. «Bem sabe o Senhor como eu gostaria de fazer como todos os outros», disse ele ao seu Padre Superior. «Mas não consigo. Em certos momentos, não sou capaz de avançar um passo. Sinto-me cair e tenho de parar.» Ao fim de mais de cinquenta anos de sacerdócio, ainda não se tinha «habituado» a celebrar sem lágrimas o mistério de um Deus que morre por amor dos homens.

Em 1960, o Padre Pio tinha setenta e três anos. Estava velho. A sua saúde, enferma desde o tempo em que ingressara no convento, tornava ainda mais evidente e duro o peso dos anos.

Um velho, ainda por cima doente, deveria precisar de atenções e afecto. O Padre Pio, pelo contrário, era cumulado de dúvidas, suspeitas e frieza, e das acusações mais infamantes.

Começava para o «frade estigmatizado» o último suplício angustiante: a agonia no horto das oliveiras, e a viagem até ao Calvário.

Depois de o Santo Ofício ter emitido as novas disposições, foi enviado para San Giovanni Rotondo um novo Guardião, incumbido de manter «a mais rigorosa disciplina».

Este mandou afixar na igreja e no claustro do convento cartazes em que se proibia as pessoas de se aproximarem do Padre Pio, à sua passagem. Retirou também, ao velho frade, o acompanhante que o assistia há vários anos. Proibiu todos os religiosos de qualquer manifestação de reverência frente ao Padre, proibiu que lhe beijassem a mão estigmatizada, como sempre tinham feito, ou que o ajudassem a subir as escadas. Proibiu o Padre de chorar durante a celebração da Missa e de ir visitar os doentes na Casa Alívio do Sofrimento.

As cerimónias religiosas do Natal e da Páscoa tinham sido sempre celebradas pelo Padre Pio na igreja de San Giovanni Rotondo onde, nessas ocasiões, acorria uma grande multidão de fiéis, alguns até vindos do estrangeiro. Contudo, o novo superior quebrou esta tradição, impedindo o Padre de celebrar a Missa solene nesses dias.

A 5 de Maio de 1963, dia do onomástico do Padre Pio, afluiu, como sempre, a San Giovanni Rotondo, uma multidão de amigos do Padre, chefiada pelo Presidente da Câmara, e pelos conselheiros municipais da vila, para lhe dar os parabéns.

O Padre Pio encontrava-se ao fundo do corredor do convento, e as pessoas avançaram na sua direcção. Interveio, porém, o Padre Superior, aos gritos, dizendo que não gostava daquela confusão, e tentando expulsar toda a gente dali. Contudo, como as pessoas continuavam a avançar para o Padre Pio, o superior empurrou bruscamente o velho frade para dentro do convento, e fechou-o à chave numa cela.

Os habitantes de San Giovanni, que tinham assistido àquela cena vergonhosa, ferviam de indignação. À tarde desceram à praça com cartazes e dísticos, para protestar contra os religiosos que assim tratavam o Padre Pio. A manifestação chamou a atenção da imprensa, e os jornais de todo o mundo começaram a falar daquela nova onda de perseguições contra o frade estigmatizado.

Como sempre, os acessos de ira nunca são benéficos, e o Padre Pio acabaria também por ser inculpado das reacções populares.

Os amigos leigos do Padre reuniram-se e decidiram empreender uma acção de defesa até ao fim. Foi chamado a Itália Emanuelle Brunatto, aquele que já tinha conseguido vergar os inimigos do Padre em 1933, há trinta anos atrás.

Este fundou a AID, Associação Internacional para defesa do Padre Pio, com sede em Genebra.

Deitou mãos ao trabalho e, em pouco tempo, recompilou um «dossier» em que denunciava cruamente as manobras, mesmo ilícitas, dos inimigos do Padre Pio, destinadas a desacreditá-lo.

O livro devia ser apresentado à imprensa internacional a 25 de Março de 1964.

Tinham sido enviados quinhentos convites aos representantes das Nações Unidas e da imprensa, e às autoridades eclesiásticas.

A conferência seria realizada no Salão Grande do Hotel Richemond, em Genebra. Fora enviada uma cópia do livro a todos os bispos e cardeais que participavam, em Roma, no Concílio Vaticano II.

Como já acontecera nos anos trinta, o livro era destrutivo. Seria capaz de provocar um escândalo, e nada mais. Tinha por objectivo a chantagem, completamente alheia ao espírito do Padre Pio. Disso se aperceberam os próprios promotores da iniciativa e, no fim, não o puseram em circulação.

Entretanto, a 21 de Junho de 1963, o cardeal Giovanni Battista Montini, arcebispo de Milão, fora feito Papa.

Era amigo do Padre Pio. Montini fora Secretário de Estado do Papa Pacelli e, com Pio XII, aprendera a estimar o «frade com estigmas». Tinha sempre manifestado a sua própria devoção, até mesmo com cartas autografadas, nos momentos difíceis da vida do religioso.

Em 1959, o Padre Pio, saudando o comendador Alberto Galletti, de Milão, diocese dirigida por Montini, tinha-lhe dito: «Mando, não uma, mas uma grande quantidade de bênçãos para o cardeal Montini. Acrescento ainda a minha indigna oração. Diz ainda ao arcebispo que, depois deste, será ele o

Papa. Que se prepare. Percebeste o que deves dizer-lhe?» Montini, quando recebeu, através do comendador Galletti, a mensagem que o Padre Pio lhe enviara, comentou: «Oh, que ideias tão estranhas têm os santos!»

Em Janeiro de 1964, Paulo VI ordenou ao cardeal Alfredo Ottaviani, secretário do Santo Ofício: «O Padre Pio deve exercer o seu ministério em plena liberdade.» Um ano mais tarde, ordenou de novo ao cardeal Ottaviani que se «comportasse com o Padre Pio como se ele não estivesse obrigado ao voto de obediência».

Assim punha termo, com autoridade, a todas as restrições, coacções e limitações, dando a entender que queria proteger o Padre.

Os últimos anos de vida do Padre Pio passaram numa calma relativa. Oficialmente, tudo regressara à tranquilidade. Contudo, nunca ninguém se retratou das horríveis acusações que tinham sido feitas, pelo que o Padre continuou sempre a carregar com a «suspeita» de que era um impostor vulgar e corrupto. Além disso, o Santo Ofício nunca chegou a revogar as condenações pronunciadas contra o Padre Pio.

A saúde deste ia piorando. Custava-lhe muito andar e respirar. No entanto, levanta-se todas as manhãs às quatro horas, para estar pronto a celebrar Missa na igreja às cinco.

A 20 de Setembro de 1968 ocorria o quinquagésimo aniversário da impressão dos estigmas «visíveis». Tinham sido marcadas para essa data grandes manifestações em San Giovanni Rotondo. Chegaram devotos de todas as partes do mundo. As hospedarias da zona estavam cheias e muitas pessoas pernoitavam nos automóveis.

Na manhã do dia 20 de Setembro, o Padre celebrou Missa às 5, como sempre. À tarde houve uma grande procissão em sua honra, em que ele não participou. À noite retirou-se para a sua cela antes da hora habitual, porque não se sentia bem; contudo, não conseguiu descansar.

Depois de uma noite agitada, de manhã, quando tentou levantar-se, foi tomado por uma crise de asma violentíssima. Chamaram o médico. Parecia que o Padre tinha chegado ao fim, mas acabou por recuperar. No entanto, não conseguiu celebrar Missa.

O dia 22 de Setembro era Domingo. De todos os quadrantes do mundo tinham chegado delegados dos setecentos e quarenta «Grupos de Oração» então existentes. O Padre Pio sentia-se bastante bem.

Às 4h30m da manhã desceu à sacristia, a fim de se preparar para celebrar, como habitualmente, a Missa das 5.

Como era um dia de grande festa, o Padre Superior ordenara que a Missa fosse solene, ou seja, cantada. Isso implicava um grande esforço para o celebrante. O Padre Pio não estava capaz de o suportar. Queixou-se desse facto, mas, por qualquer razão desconhecida, não foi escutado.

Foi a sua última Missa.

Chegou até nós uma gravação sonora daquela cerimónia, e numerosas fotografias. Na gravação ouve-se a voz do Padre Pio, esforçada e trémula; nas fotografias, vê-se o seu rosto transtornado. No *Prefácio*, o Padre sentia-se tão extenuado, que não conseguiu cantá-lo; recitou-o. Pouco depois, acabou por perder o domínio de si próprio, e enganou-se: em vez do *Pai Nosso*, entoou o *Prefácio*. No fim da Missa, teve um colapso, caindo sobre o altar. Estava tão fraco, que foi necessário utilizar uma cadeira de rodas para o levar até à sacristia.

Depois de lhe despirem os paramentos sagrados, foi conduzido para a cela e metido na cama, onde descansou durante cerca de duas horas. Depois quis levantar-se.

Às 10h30m assomou à janela do coro, para abençoar a multidão.

Às 18 desceu à igreja e, do lugar reservado às mulheres, assistiu à Missa vespertina. No fim, tentou levantar-se, para abençoar os circunstantes, mas não conseguiu. Ficou dobrado em dois, incapaz de se mover. Foi levantado em peso pelos seus confrades, instalado na cadeira de rodas e reconduzido à sua cela.

Estava muito mal. Meteram-no na cama. Pediu que chamassem para junto de si o Padre Pellegrino de Sant'Élia, que já há tempos o assistia e que também esteve a seu lado nessa sua última noite.

Estive com o Padre Pellegrino em San Giovanni Rotondo, em Setembro de 1969, um ano depois da morte do Padre Pio.

Nessa altura não se falava tanto no Padre como hoje. A causa da beatificação ainda vinha longe. Quem o tinha con-

hecido, porém, «sabia» que ele era santo. Também o Padre Pellegrino o sabia.

De pé, na cela em que morrera o Padre Pio, no silêncio que envolvia o convento, contou-me, com simplicidade, mas comovido, como se dera a passagem do Padre da terra para o céu.

Desejo terminar este meu relato da vida do Padre Pio com aquilo que me disse então o Padre Pellegrino, com as mesmas palavras, tal como as transcrevi da gravação que então fiz. Constituem um documento importante, porque foram pronunciadas quando a recordação da morte do Padre ainda estava muito viva na memória do seu confrade, e quando ainda não tinha começado a causa da beatificação.

O Padre Pellegrino, que entretanto fora nomeado Guardião do Convento de Santa Maria das Graças, acompanhou-me na visita ao quarto onde o Padre tinha morrido. Era ao fundo do longo corredor do convento, e mantinha-se tal como o Padre o tinha deixado. Encostada à parede, uma tarimba simples e pobre. Ao lado, um genuflexório, acima do qual se encontrava um despertador, um relógio e o crucifixo. Na parede em frente, aos pés da cama, uma grande pintura de Nossa Senhora. Havia ainda uma mesinha, sobre a qual o Padre Pio guardava os seus objectos pessoais: uma escova, um par de limas para as unhas, uma faca de papel, um despertador, dois relógios, um breviário, fotografias do Papa, de parentes, de alguns amigos, e mais algumas coisinhas. Defronte da mesa, encostada à parede oposta, a poltrona em que o Padre Pio costumava descansar e na qual viria a morrer.

«Despertadores e relógios», disse-me Padre Pellegrino, «era essa, até certo ponto, a sua mania. Tinha sempre medo de chegar atrasado. Consultava-os continuamente, e serviam para programar, com a máxima precisão, as ocupações do seu dia.

Todas as noites eu ficava no quarto contíguo, ligado ao seu por um telefone interno, que ficava sempre aberto, e através do qual me podia aperceber de todos os movimentos do Padre Pio.

Naquela noite, cheguei ao quarto do Padre por volta das vinte e uma horas. O Padre já estava na cama. Na cela estavam outras pessoas, que saíram, à minha chegada.

Das vinte e uma à meia-noite, o Padre Pio chamou-me

cinco ou seis vezes. Perguntava-me as horas. Não dava sinais de ter chegado ao fim da vida. Pelo contrário, parecia mais sereno do que nas outras noites. Estava mais recolhido. Tinha os olhos a lacrimejar, mas isso acontecia com frequência. Rezava continuamente.

À meia-noite pediu-me muito agitado, quase como se receasse a minha resposta negativa: "Podes ficar comigo, meu filho?" Respondi-lhe que sim. De um modo geral, sentava-me na poltrona, mas, naquela noite, o Padre quis que eu pegasse na cadeira e me sentasse ao lado da sua cama. Tomou a minha mão entre as suas e apertou-ma com força: tremia, como uma criança cheia de febre.

Da meia-noite à uma, perguntava-me as horas a intervalos de dois ou três minutos. Parecia que tinha um encontro marcado, e que estava impaciente pela chegada desse momento. Os seus olhos choravam, mas com serenidade, e eu limpava-lhos.

Por volta da uma, perguntou-me: "Ouve lá, já disseste a Missa?"

"Padre, ainda é cedo para a Missa", respondi.

Ele acrescentou: "Esta manhã rezá-la-ás por mim."

Pouco depois quis confessar-se. Eu não era o seu confessor habitual, mas já o tinha confessado várias vezes.

No fim pediu-me que lhe renovasse o acto da profissão religiosa. Este pedido fez-me imediatamente estremecer, porque é nosso costume fazê-lo sobre o leito de morte.

Satisfiz o seu desejo e depois o Padre disse-me: "Meu filho, se o Senhor me chamar hoje, pede perdão por mim aos confrades, por todos os incómodos que lhes causei: pede-lhes também uma oração pela minha alma."

Eu repliquei: "Estou certo, Padre, que o Senhor vos fará viver ainda muito tempo. Mas, se estiver certo o que dizeis, peço-vos uma última bênção para os vossos confrades, filhos espirituais e doentes."

"Sim – disse ele – abençoo-os a todos. Pede ao superior que seja ele a dar por mim essa bênção."

Passava pouco da uma, quando o Padre Pio me disse: "Não estou a respirar bem na cama, ajuda-me a levantar-me." Insisti para que ficasse estendido, mas depois satisfiz a sua vontade. Ajudei-o a vestir-se, foi até ao lavatório e molhou o rosto com

água fria; alisou a barba e sentou-se na poltrona. Finalmente, disse-me: "Olha só para o céu; está cheio de estrelas."

"Pois está", respondi.

"Então vamos sair", sugeriu.

Levantou-se sozinho da poltrona. Endireitou-se completamente, coisa que não fazia há anos. Aproximei-me para o amparar, mas apercebi-me, com grande surpresa, que ele não precisava. Caminhava direito e ágil como um jovem. Nunca na vida o tinha visto tão belo e ligeiro. Saiu para o corredor, aproximou-se da porta da varanda e acendeu a luz com as suas próprias mãos, coisa que nunca fazia.

Quando já estávamos sob o céu estrelado, olhou à sua volta absorto, quase luminoso. Esteve alguns minutos em contemplação silenciosa, depois sentou-se na poltrona. Geralmente, das outras vezes, quando estava na varanda, mantinha-se em oração. Naquela noite, fixava um ponto preciso da varanda, aquele em que, mais tarde, depois da sua morte, seria colocado o seu corpo.

Passados cerca de dez minutos, começou a empalidecer.

Aproximei-me para o ajudar a levantar-se, e apercebi-me que se tinha tornado muito pesado. Já não tinha energia para se aguentar de pé, e eu não conseguia ampará-lo. Corri a buscar a cadeira de rodas. Chegados ao quarto, consegui sentá-lo na poltrona, com esforço.

Até àquele momento, não me passara pela cabeça que o Padre Pio tinha chegado ao fim dos seus dias, mas, já na poltrona, notei como empalidecia ainda mais, enquanto os seus lábios se tornavam azulados. Assustei-me. Ele repetia: "Jesus, Maria", com uma voz cada vez mais débil.

Lembro-me de um pormenor que nunca contei a ninguém, a não ser aos meus confrades, porque é muito delicado. Na parede defronte da poltrona, o Padre Pio tinha um retrato de sua mãe. Fixando o retrato, perguntou-me: "Quem está ali, naquele retrato?"

"É a vossa mãe", repliquei.

"Eu estou a ver duas mães", retorquiu ele.

Pensei que a visão lhe estivesse a falhar. Aproximei-me do quadro e disse ao Padre Pio: "Vede, Padre, isto é o quadrinho com o retrato de vossa mãe. Estas aqui são outras fotografias."

O Padre Pio fixou-me no rosto e retorquiu: "Não te preocupes, eu vejo muito bem, e estou a ver duas mães."

Compreendi então que a outra mãe era Nossa Senhora. Insisti para que ele ma descrevesse, de forma mais detalhada, mas o Padre Pio recusou-se a responder.

É opinião muito corrente que o Padre Pio via Nossa Senhora com frequência. Eu só posso testemunhar que a sua forma de rezar, quando se encontrava sozinho, e não se sentia observado, era muito estranha. Falava com uma pessoa que tinha à sua frente. Observei-o às escondidas algumas vezes, e de cada uma delas escutei conversas maravilhosas entre o Padre e a Virgem Santa.

Quando percebi que as forças estavam prestes a abandonar o Padre Pio, fiquei preocupado e aproximei-me da porta para ir chamar alguém, mas ele disse: "Não, não incomodes ninguém."

Fiquei ainda alguns minutos, mas depois decidi sair. Chamei Frei Guglielmo, telefonei ao doutor Sala, seu médico assistente, e aos dois médicos que estavam de serviço na *Casa Alívio do Sofrimento*. Chamei o Padre Superior e acordámos também os outros confrades.

Os médicos, que tinham acorrido imediatamente, tentaram administrar oxigénio ao Padre, para lhe conservar a vida. Deram-lhe algumas injecções, mas todos os esforços foram inúteis. O Padre Pio morreu às 2h30m, sem um sobressalto, sem a mínima respiração arquejante. Apercebi-me que tinha falecido por ter reclinado a cabeça sobre o ombro e ficara imóvel.»

A notícia da sua morte espalhou-se algumas horas mais tarde. Através da rádio e dos jornais foi difundida para todas as partes do mundo e, como que por encanto, o mundo ficou a saber como o Padre Pio era amado e popular. Todos choravam o desaparecimento do «frade com estigmas», e todos diziam que tinha morrido um «grande santo».

O corpo foi exposto na igreja de San Giovanni Rotondo, às 8h30m daquela manhã e, durante quatro dias, houve uma procissão contínua de devotos e admiradores, que queriam prestar homenagem ao Padre. Passavam diante da urna, depositavam uma flor, choravam, saudavam, beijavam. Só po-

diam deter-se alguns segundos, porque o afluxo de gente era ininterrupto.

Na quinta-feira, 26 de Setembro, às 15h30m, saiu o cortejo fúnebre, que viu desfilar pelas ruas de San Giovanni Rotondo mais de cem mil pessoas. Do céu, helicópteros da Polícia e da Aviação lançavam flores. Era o triunfo daquele humilde frade que, durante toda a vida, fora alvo de tanta polémica e de tantas humilhações.

À noite, o corpo foi sepultado na cripta da Igreja de Santa Maria das Graças, onde ainda se encontra. Desde então, ainda hoje é visitada diariamente por milhares de peregrinos e devotos, que assim querem testemunhar o grande amor por este frade simples, que tanto fez pelo bem das almas e por todos aqueles que nele procuravam um pouco de consolação para a sua dor e uma palavra de paz.

Para compreender melhor

Já tentámos reconstruir a vida do Padre Pio, olhando do novo ângulo fornecido pela última sentença da Igreja, que agora reconhece oficialmente a sua santidade.

Para o fazer, fomos obrigados a pôr em destaque como foram diferentes os juízos por parte de altíssimas autoridades eclesiásticas, durante a vida do padre. E foram precisamente esses juízos negativos, seguidos de perseguições e intervenções disciplinares dolorosas e humilhantes, que provocaram os maiores sofrimentos e dores ao Padre.

A interrogação brota espontânea: como é possível que isso tenha acontecido? Na nossa opinião, como já repetimos por várias vezes, a explicação pode ser encontrada fazendo uma interpretação teológica da história. O Padre Pio estava destinado a uma enorme missão. Devia ser, através do sofrimento, um «segundo Cristo», para colaborar na Redenção do mundo. Satanás, inimigo de Deus e do homem, tentou por todas as formas fazer naufragar esta missão. Com esse objectivo, tentou «utilizar» as pessoas que mais poderiam fazer desacreditar o Padre e impedir a sua obra. Algumas – voluntariamente, ou não – caíram na sua armadilha.

Ao expor estes factos, fomos obrigados a referir ocorrências

muitas vezes ignoradas, porque envolvem personalidades eclesiásticas. No entanto, a verdadeira história foi esta. Calar não ajuda a esclarecer. A verdade é sempre pura.

Não foi a Igreja que se enganou. Foram alguns homens da Igreja. Isso pode sempre acontecer.

Ao comemorar o Padre Pio a 8 de Dezembro de 1968, portanto, cerca de três meses após a sua morte, o cardeal Giacomo Lercaro foi o primeiro a apresentar, claramente, toda a realidade.

«A configuração do Padre Pio com Cristo torna-se luminosa, sobretudo no sofrimento», afirmou ele. «A sua vida é uma Paixão, e as semelhanças com o sofrimento do Salvador também são demasiado evidentes. Começam, precisamente, pela incredulidade e pelas perseguições daqueles que deveriam ser os primeiros a poder e dever compreender, enquanto que até as multidões humildes e sinceras assediavam a Igreja das Graças e o confessionário do Padre, provenientes "de toda a Judeia, de Jerusalém, e da costa de Tiro e de Sídon", para utilizar as palavras de São Lucas. Em suma, vinham de todas as partes do mundo, para escutar o Padre e para que ele as curasse das suas doenças, e todos procuravam tocar-lhe, pois dele saía uma força que a todos curava...

Contudo, para o magoar no profundo de si mesmo, fazendo-o agonizar como o Salvador no horto das oliveiras, contribuiu o facto de não ser tanto "pela" Igreja que ele sofria, mas de os seus sofrimentos lhe serem infligidos "pela" Igreja: pelos homens da Igreja, que descarregam sobre a comunidade – animada pelo espírito de Cristo, que a torna admirável sacramento de salvação – o peso das suas misérias, cobiça, ambições, mesquinhez e desvios.»

Em 1972, o cardeal Giuseppe Siri fez-se eco destas palavras, afirmando: «Os primeiros que deveriam ter reconhecido Jesus Cristo foram aqueles que o enviaram à cruz. Também ao Padre Pio sucedeu o mesmo... Ele foi reduzido a um ser rejeitado, prisioneiro e segregado; chegaram ao ponto de o impedir de comunicar com o povo.»

No decreto de reconhecimento da heroicidade da sua virtude, emanado em Dezembro de 1997, como conclusão do processo de beatificação, é afirmado oficialmente, embora de forma discreta, que o Padre teve de sofrer muito, precisamen-

te por causa da Igreja. «Experimentou durante muitos anos os sofrimentos da alma. Durante anos, suportou as dores das suas chagas com fortaleza admirável. Aceitou em silêncio e na oração as numerosas intervenções da autoridade eclesiástica e da sua Ordem. Calou-se sempre frente às calúnias... Foi obediente a todas as ordens dos seus superiores, mesmo quando estas eram vexatórias.»

Como já vimos, durante toda a vida, o Padre Pio não foi querido pelas autoridades eclesiásticas. Contudo, nunca, em ocasião alguma, lhe foi ouvida uma única palavra contra a Igreja ou contra as autoridades em questão.

Escreveu ainda o cardeal Lercaro: «No Padre Pio, talvez não haja nada de mais impressionante do que o seu silencioso, persistente e quase obstinado, embora muito humilde, amor à Igreja, a sua fidelidade à Igreja.»

Mais do que os milagres, carismas, visões, bilocações e conversões clamorosas, foi certamente esse amor que transformou o Padre Pio num grande santo, tão parecido com Cristo e tão útil para a salvação do mundo.

O que ele disse

Disse-lhe uma sua filha espiritual: «Padre, vós sois todo de todos.» Ele, porém, corrigiu-a: «Não, eu sou todo de cada um.»

«Padre, faz-me esta graça?», implora um homem. O frade que acompanha o Padre Pio, sussurra-lhe: «é um austríaco.» O Padre Pio replica: «E então? No paraíso não existem nacionalidades.»

Carlo Campanini, actor, contou o seguinte: «Certo dia, eu acompanhava o Padre Pio até ao convento. Ia à sua frente, para lhe abrir passagem por entre a multidão. Ouviam-se gritos: "Faz-me ver, faz-me andar, o meu filho está a morrer, ajuda-me!" A cada invocação, o Padre erguia os olhos ao céu e depois baixava a cabeça, dando um profundo suspiro. Quando já estávamos no interior do convento, sozinhos, o Padre comentou, com o rosto amargurado: "Estás a ver? Vêm todos aqui para que lhes seja tirada a cruz. Nenhum pede ajuda para levá-la."»

O que disseram acerca dele

Wanda Poltawska, médico polaco: «Julgo que hoje, mais do que nunca, esta humanidade desorientada, incapaz de encontrar o caminho para o céu, tem necessidade do exemplo e do amor de um santo como o Padre Pio.»

Giacomo Lercaro, cardeal: «A sua última palavra, quando já nenhum véu lhe ocultava que estava próxima a passagem do atormentado e crucificado exílio para a pátria, foi uma carta de leal, filial e afectuosa devoção para com a Sé Apostólica. Depois partiu em silêncio, como sempre vivera.»

Enrico Medi, cientista: «Quem era o Padre Pio? Uma criatura sobre a qual o Espírito Santo derramou uma abundância de graça que, a meu ver, é raro encontrar ao longo da história da Igreja. A sua união a Jesus, em particular a Jesus crucificado, era perfeita. Ao vê-lo, ao escutá-lo, ao segui-lo, sentia-se e via-se o Senhor. Tudo isto sem fanatismos, segundo a natureza do sobrenatural.»

25

No coração do Padre Pio

Certo dia, o Padre Pio dissera: «Quando eu morrer, farei mais alarido do que enquanto estou vivo.»

Nos meses que se seguiram à sua morte, parecia que esta sua frase nunca se tornaria realidade. Lembro-me de uma viagem a San Giovanni Rotondo, enviado pelo meu jornal. A vila estava deserta. O fluxo dos peregrinos parara, muitas hospedarias tinham-se visto obrigadas a fechar.

Em Setembro de 1969, por ocasião do primeiro aniversário do desaparecimento do religioso, os jornais publicaram artigos tornando patente que, sem o Padre Pio, San Giovanni Rotondo caminhava para a morte, e que o grande hospital por ele construído não teria qualquer futuro.

Contudo, as coisas haveriam de mudar. Pouco a pouco, sem a intervenção de factos estrondosos, as pessoas recomeçaram a afluir àquela povoação do Gargano. As actividades comerciais, surgidas ainda em vida do Padre, retomaram o seu funcionamento, ampliaram-se, multiplicaram-se. Em pouco tempo, o Padre Pio, como hoje todos sabem, tornou-se um verdadeiro «caso» de popularidade.

Muitos amigos preciosos

Era um caso único. O nome deste frade é conhecido de todos em Itália, e o seu conhecimento tem-se vindo a difundir rapidamente por todo o mundo. O Padre Pio é tão conhecido que os meios de comunicação o tratam como uma verdadeira estrela do mundo do espectáculo. A sua popularidade alcan-

çou uma força tal, que «obriga» os directores de jornais e revistas, também os mais refractários a temas religiosos, a dedicar-lhe espaço, conscientes de que assim agradam ao público.

No empenhamento em manter viva a memória do Padre Pio, depois da sua morte, e de dar a conhecer a sua mensagem, distinguiram-se, como é natural, os frades Capuchinhos, mas também muitos leigos, aqueles que o conheceram ainda em vida, e que se tornaram seus filhos espirituais. Todos se transformaram em informadores e, trabalhando com humildade, na sombra, recorrendo sobretudo à «transmissão oral», deram o Padre Pio a conhecer a milhares e milhares de pessoas.

Conheci grande número destes filhos espirituais do Padre, e todos eles me ajudaram muito, desde 1967, na realização dos artigos e livros que lhe dediquei.

Nunca esqueci o entusiasmo pacato e sereno, mas caloroso, com que me falavam do Padre. Por vezes, feridos com as injustiças de que o Padre Pio fora alvo, deixavam-se transportar pela dor e tornavam-se polémicos, mas nunca vítimas do rancor, e muito menos do ódio. Muitos já alcançaram a meta final, e estão certamente junto do Pai; outros ainda continuam na terra, a falar dele.

Sinto o dever de recordar alguns nomes, por uma dívida de reconhecimento. O industrial Giuseppe Pagnossin, Giuseppe Canaponi, o actor Carlo Campanini, Giovanna Boschi Rizzaparo, Giovanni Baldazzi, conhecido por Giovanni de Prato, Giovanni Scarparo, Agide Finardi, o professor Mário Spallone, D. Attilio Negrisolo, monsenhor Giancarlo Setti e monsenhor Guglielmo Zannoni, que em 1967 me apresentou ao Padre Pio.

Falava sempre dele

Uma das pessoas que, após a morte do Padre Pio, passou a ser fonte inexaurível de notícias para conhecimento do espírito do Padre, foi a sua filha espiritual Cleonice Morcaldi.

Como já contei no capítulo 16, o Padre Pio considerava-a parte da própria família, e depositava nela uma confiança total. Cleonice interrogava-o e o Padre respondia sempre, reve-

lando os segredos mais íntimos da sua vida espiritual e das suas extraordinárias experiências místicas. Durante quarenta anos, desenvolveu-se entre ambos um diálogo quase ininterrupto, tanto falado como escrito. Tratando-se do Padre Pio, santo e grande místico, esse diálogo não foi casual. Mais ninguém conheceu o coração do Padre como Cleonice Morcaldi.

Ela morreu em 1987, dezanove anos depois do Padre Pio, e despendeu muito desse tempo inteiramente dedicada à divulgação de quanto o Padre lhe tinha confiado.

Não dispunha de muitos meios para cumprir a sua missão. Falava com todos os que iam ter com ela, escrevia cartas aos amigos, confiava a pobres e anónimos cadernos sobre aquilo de que fora testemunha directa. Os seus relatos são simples, mas de grande valor.

Já citei por várias vezes Cleonice Morcaldi nas páginas deste livro, e também referi a guerra caluniosa que muitos lhe fizeram, através de acusações e insinuações infamantes. O reconhecimento da santidade do Padre Pio constitui uma justa reabilitação, também para ela.

Depois da morte do Padre, continuaram a pesar as antigas calúnias sobre Cleonice. Por isso, mesmo quem conhecia a sua integridade, não se atrevia a apoiá-la, pelo menos oficialmente. Muitas das coisas que ela contava eram utilizadas em livros e artigos, por serem consideradas preciosas, mas sem que nunca se revelasse a sua fonte. Foram publicados livros inteiros com aquilo que Cleonice Morcaldi tinha escrito, mas sem citar o seu nome.

Posso dizer que dei um certo contributo para deitar abaixo o muro absurdo da lei do silêncio que se erguia à volta de Cleonice. Não o fiz tanto por mérito pessoal, mas estimulado por quem a conhecia bem e que muitas vezes a visitou durante os últimos anos da sua vida, ou seja, por D. Attilio Negrisolo.

Este sacerdote de Pádua, filho espiritual do Padre Pio desde 1947, perseguido, durante anos, por causa da sua amizade com o Padre, tem o mérito de ter suportado tudo com resignação. As sanções disciplinares eclesiásticas contra ele foram dolorosas. Hoje, a santidade do Padre Pio exalta o seu sofrimento. Ele continuou sempre a «falar e a anunciar» o Padre

Pio, contra tudo e contra todos, tornando-se ainda um grande defensor de Cleonice Morcaldi.

Cartas inéditas

D. Attilio dissera-me sempre que, na sua opinião, Cleonice era uma santa. Dera-me a conhecer os escritos que a própria Cleonice lhe entregara, recomendando-lhe que os mandasse publicar. Graças a D. Attilio, tive a possibilidade de inserir no meu livro *A tu per tu com Padre Pio* ("A sós com o Padre Pio"), uma grande quantidade desse material: cartas inéditas do Padre Pio para Cleonice, inúmeros bilhetinhos, respostas escritas a perguntas que ninguém ousaria fazer e às quais o Padre Pio nunca teria respondido.

Houve quem tentasse servir-se desse material para continuar a enterrar na lama o Padre Pio, afirmando que as suas cartas para Cleonice eram a prova da sua amizade pouco clara. No entanto, como sempre, a hipocrisia farisaica faz um certo alarido e depois é inexoravelmente eliminada.

O livro obteve aquilo que pretendia: dar a conhecer a verdade, demonstrar a grandeza sublime daquela amizade, fazer justiça a Cleonice Morcaldi. Tal mérito foi-lhe amplamente reconhecido, também por fontes oficiais autorizadas, como «I Quaderni», publicação de pesquisa histórico-cultural, publicada pela *Casa Alívio do Sofrimento*. No número de Novembro de 1995, esta publicação dedicou a esse meu livro, e sobretudo ao caso Cleonice, nele abordado, um estudo de dez páginas, afirmando, entre outras coisas: «Mais cedo ou mais tarde, Cleonice tinha de vir à luz... É uma figura demasiado importante na vida do Padre Pio, para poder continuar oculta. Ninguém falava dela claramente... mesmo quem conhecia muitos factos relativos à sua pessoa... Foi um livro de Renzo Allegri que a revelou ao grande público. Este escritor, que sempre seguiu com admiração, para não dizer com afecto, a vida do Padre Pio, abordou o vasto capítulo do relacionamento entre o Padre Pio e Cleonice...»

A partir de então, as coisas mudaram. Como que por magia, Cleonice emergiu do subsolo da lei do silêncio. Outros escreveram acerca dela. Além disso, foram publicados diários e

recordações, ostentando, finalmente, o seu nome. Cleonice retomou o seu lugar ao lado do Padre Pio, à luz do sol, como «reveladora», pelo menos daquela parte do espírito do Padre que só ela conhecia a fundo, graças às confidências que conseguira arrancar-lhe.

Tudo isto me dá uma grande satisfação, precisamente porque se verificou na sequência da publicação do meu livro. Repito, porém, que o mérito principal cabe a D. Attilio Negrisolo, que me deu a conhecer Cleonice e a sua história com o Padre Pio, e me instigou a publicar as cartas que o Padre lhe enviara.

Mais um presente

Passados vários anos, D. Attilio quis dar-me mais um presente e, através de mim, oferecê-lo aos inúmeros admiradores do Padre Pio. Ofereceu-me dezassete cassetes, com a gravação de uma série de longos colóquios com Cleonice, cujo tema é sempre o Padre, como é natural.

Escutei e depois transcrevi essas cassetes. Antes de partir deste mundo, Cleonice quis contar directamente, de viva voz, muitas das suas recordações, muitas das suas emoções, e muitas das suas reflexões associadas ao Padre Pio. Tratava-se de uma espécie de síntese daquilo que o frade era para ela, como se nos quisesse deixar o seu testamento espiritual.

Não sabia que fim viriam a ter aqueles seus relatos. Esperava que, um dia, alguém os utilizasse. Por isso falava com um arrebatamento comovente frente ao velho gravador de D. Attilio, recorrendo também ao dialecto familiar de Puglia, para se exprimir melhor. É muito sugestivo escutar a sua voz, sentir o seu entusiasmo, e por vezes a sua dor ou a sua indignação. Através do timbre, das pausas e dos acentos que confere às palavras do Padre, quase temos a impressão de perceber o tom e a forma como ele as pronunciou.

Desejo reproduzir aqui, como conclusão deste livro, algumas passagens dessas recordações de Cleonice Morcaldi e algumas das suas reflexões, convencido de que estou a oferecer aos leitores uma chave de interpretação segura do espírito e do coração do Padre Pio. Aquilo que ela diz sobre o Padre é extremamente importante, também algumas das suas intui-

ções, que, ao primeiro impacto, poderiam parecer temerárias. Não devemos esquecer, com efeito, que tudo o que Cleonice diz e pensa provém de quarenta anos de confidências contínuas e ininterruptas entre ela e o Padre Pio.

Nos capítulos anteriores deste livro, tentei reconstruir, através das fontes históricas mais dignas de crédito, os episódios da atormentada existência terrena do Padre. Agora, através da narração de Cleonice, gostaria de levantar o véu que envolve o seu espírito e o seu coração, e ouvir, através das suas próprias palavras, conselhos e recomendações, a mensagem de um pai aos seus filhos.

Monstros horríveis

«Eu sou a mesma de sempre. Limito-me, simplesmente, a relatar as palavras do Padre. Não creio, porém, que tenha correspondido à graça do Senhor. Em certa ocasião, o Padre disse-me: "A ti, o Espírito Santo fala-te!" Por isso me recomendava sempre: "Tem o cuidado de Lhe corresponder" Mas que posso eu fazer para Lhe corresponder? O Padre falava-nos e depois soprava para dentro de nós, para nos fazer compreender as suas palavras.»

«Perguntei ao Padre, num dos últimas dias da sua vida: "Padre, será que eu me vou salvar? Vejo que dentro em pouco nos deixareis."

Ele fitou-me e disse: "Do céu poderei fazer mais. Estarei mais perto de vós, assistir-vos-ei melhor. Falaremos frente a frente, tal é a fé."

Perguntei-lhe imediatamente: "Estareis tão próximo como o Anjo da Guarda?"

"O Anjo pode... Mas eu sou vosso pai! Eu regenerei-vos para Jesus, no amor e na dor da sua própria Paixão."

No céu veremos aquilo que o Padre Pio fez por cada um de nós.»

«Certo dia, o Padre disse: "Os tempos são bastante tristes. Tempos desventurados, em que nós caímos. Peçamos ao Senhor que queira vir em socorro da Igreja. As suas necessida-

des tornaram-se extremas. A Igreja é atacada e caluniada. Rezemos por todos os irmãos de exílio, pelo ministro do Senhor, por todo o povo de Deus. Rezemos e ofereçamos os nossos sofrimentos."

O Padre Pio sofria muitíssimo ao ver a humanidade cair nos braços de Satanás. Lutou, durante toda a vida, contra Satanás e contra o inferno inteiro, a ponto de dizer: "Sinto forças para aniquilar todo o reino de Satanás!"

Qual foi o santo que alguma vez disse coisas semelhantes? Combater um ou dois diabos, já dá bastante trabalho. Mas o inferno inteiro!

De princípio, tinha muito medo. Pedia às suas primeiras filhas espirituais: "Implorai a Nossa Senhora que não me deixe ver mais aqueles rostos medonhos." Assustava-se ao ver aqueles monstros. Falavam com a boca que tinham atrás da cabeça e ostentavam as orelhas na parte da frente. Eram uma aberração da natureza. Além disso, também apareciam ao Padre sob a forma de animais, como elefantes, bois, cães, mas não segundo a natureza criada por Deus. Eram animais monstruosos, com o focinho no alto da cabeça, e as orelhas deslocadas. Apareciam-lhe aos milhares. Mas, como podiam caber milhares de diabos na cela do Padre? O Padre Pio respondeu, dizendo: "São espíritos que não ocupam espaço."»

Nenhum santo combateu como ele

«Eram aquelas carrancas horríveis que aterrorizavam o Padre, e não os seus sofrimentos. Ele estava sempre pronto a viver como um mártir e a desfrutar dos sofrimentos, mas aqueles monstros assustavam-no. Contudo, Nossa Senhora estava sempre presente aquando das batalhas que o Padre sustentava. Estava ali a seu lado, e gloriava-Se das vitórias do Padre Pio e dos méritos por ele conquistados junto de Deus. Assim, com a força que recebia de Nossa Senhora, e com a alegria de lutar para glória de Deus, o Padre tornou-se audaz.

As batalhas contra os diabos duravam das dez da noite até às cinco da manhã! Nunca nenhum santo combateu tanto contra o inferno como o Padre Pio.

Quando o Padre Pio via o sol a pôr-se, começava a sentir

medo do que o esperava à noite. Mal escurecia, logo surgiam aqueles rostos horrendos. Contudo, no fim, o Senhor deu ao Padre Pio o vigor de Cristo, que esmagou Satanás, sob a cruz.

Prestes a morrer, o Padre estava preocupado. Via que, sem ele, Satanás reinaria. Via-o reinar. Satanás reinava e escondia-se. Era por isso que até os sacerdotes diziam às mulheres: "Mas ele não existe! Onde está esse diabo? Foram vocês que o meteram na cabeça." Seria necessário que o Padre Pio lhes falasse deles, já que os via tão bem, um por um.

E também desceu ao inferno, segundo contou: "Desci lá abaixo, ao meio daqueles desgraçados do inferno, e sofri mais do que eles. É que eles odeiam a Deus, mas eu amo-o. E ouvir aqueles urros cavernosos contra Deus..."

Porque desceria o Padre Pio ao inferno? Porque ele pedia muitas conversões a Deus, conversões de pessoas que não tinham interesse nenhum em converter-se. Então oferecia-se como vítima ao Senhor, queria sofrer todas as penas que se sofrem na terra, e também as do inferno, para impedir que outros as sofressem. Assim, muita gente convertia-se, precisamente porque o Padre chegava ao inferno.

Durante muitos anos, o Padre Pio desejava morrer para ir ter com Jesus, mas depois, no fim, chorava porque não queria partir. O Padre sabia que o Senhor o estava a chamar, mas não queria partir, para não deixar a humanidade em poder de Satanás.»

«Era preciso apanhar o Padre de improviso, e então ele dizia-nos a verdade e não nos escondia nada. De outro modo, fechava-se em si mesmo. Eu perguntava-lhe: "Padre, gostaria muito de saber..." E ele: "E que queres tu saber? Pensa apenas que Jesus sofreu..."»

«O Padre era muito zeloso e reservado sobre as suas coisas pessoais. Contudo, eu fazia-lhe perguntas precisas, até sobre a Paixão de Jesus. Assim o Padre explicou-me que os pés de Jesus, na cruz, tinham sido pregados em separado, e não juntos, como se vê nos quadros. Em seguida perguntei-lhe como era possível que os braços de Jesus não se tivessem partido. O Padre Pio explicou-me que tinham sido passadas cordas sob as axilas de Jesus, a fim de O sustentar.»

«Eu pedi ao Padre Pio: "Padre, dai-me uma palavra."

"Ama Nossa Senhora e faz com que Ela seja amada. Recita o seu rosário com amor e atenção."

"Devo prestar atenção às palavras da Avé Maria ou ao significado do mistério?"

"Mantém-te amorosamente atenta à saudação que lhe diriges e ao mistério que contemplas e em que Ela se encontra."

"Padre, qual é a medida do vosso amor por nós?"

"Até já não poder amar-vos mais!"

"Porque chorais quando rezais por mim?"

"Parece-te pouco teres ofendido o Senhor?"

"Contei coisas inúteis."

"Tem cuidado, pois no dia do juízo daremos contas a Deus da mínima palavra inútil."

"Posso contar anedotas, ou também são palavras inúteis?"

"Se forem ditas para distrair o espírito, ou com uma finalidade boa, com vista ao arrependimento de uma pessoa que escuta, nesse caso não são palavras ociosas."

"Quando vos passará essa tosse? Nunca vos passa. Dai-ma a mim."

"Não posso. Sofro muito ao ouvir-te sofrer. Além disso, as minhas jóias, não as dou a ninguém."

"Se, para nos santificarmos, é necessário o sofrimento, eu certamente não chego a santa."

"Deus criou-nos para a felicidade. O sofrimento é uma expiação."

"Eu suporto melhor o sofrimento moral do que o físico."

"Bem-aventurada és tu!"

"Que feio é o meu nome!"

"Isso dizes tu. Eu vi-o nas constelações. À noite, olha para o céu estrelado e verás o teu nome."

"Hoje sinto-me triste."

"Mas eu gosto de ver as pessoas alegres. Tristeza e melancolia, fora da minha vida."

"Sinto que não devo comungar. Sinto-me indigna."

"Indignos somos todos. Outra coisa é aproximarmo-nos indignamente do pecado. Mas é Jesus que nos convida, é Ele que o quer."»

"Ensinai-me um atalho para chegar a Deus."

"O atalho é a Virgem Santíssima."

"Tenho medo de nos separarmos ao morrer. Vós ireis para o paraíso, e eu para o purgatório."

"Por isso te digo: pede a Deus que te faça viver o purgatório na terra, amando e sofrendo com generosidade, aceitando, por amor de Deus, tudo o que Ele quiser enviar-te."

"Sofro porque Jesus não se faz sentir."

"Está dentro de ti. Procura-o!"

"Padre, dissestes-me que todas as manhãs vos imolais por mim. Então é verdade que eu ofendo o Senhor."

"A imolação não será outra forma de louvar a Deus? Não é outra forma de lhe agradecer? Não é outra forma de implorar novas graças?"

"Hoje é o dia de Nossa Senhora das Dores. Concedei-me estar perto do coração da Virgem e sentir as suas e as vossas penas."

"Já as sentes. O teu coração já está perto de mim."

"Disseste-me que sempre sofrestes, desde o berço."

"E como te lembras disso? És tu que o dizes. Eu digo-te que, quando estava no berço, mal a minha mãe apagava a luz, eu gritava e chorava porque muitos monstros me cercavam imediatamente. A minha mãe voltava a acender a luz, e eu sossegava."

"Sinto-me hipócrita. Pareço ser boa, mas não sou."

"Qual hipócrita, qual quê! Além disso, devemos edificar o próximo também através da nossa conduta exterior."

"Também Jesus é nossa mãe?"

"Compreende-se que assim seja! Não nos regenerou Ele na dor e no amor? Não nos alimenta com a sua carne e com o seu sangue?"

"Pai, dizei-me uma palavra."

"O olhar de Jesus pousou sobre ti. Recompensar-te-á imensamente. Que a Virgem das Dores guie todos os teus passos."

"Quanto sofreis na Santa Missa?"

"Tudo o que Jesus sofreu durante a sua Paixão, quanto é possível a uma criatura humana."

"Tendes presentes todos os fiéis que assistem à Missa?"

"Vejo-os todos sobre o altar, como num espelho."

"Passais todo o tempo da Missa suspenso da cruz?"

"Ainda duvidas? Ainda não estás convencida?"

"Como conseguis aguentar-vos de pé no altar, com tantas dores?"

"Como Se aguentava Jesus na cruz?"

"Desejais que subam muitas pessoas à cruz?"

"Gostaria que não subisse nenhuma, para não ter que sentir compaixão. Ao vê-las subir, apetece-me nunca mais descer do altar!"»

«Sentados a uma mesa comprida, com Jesus»

«Minha Nossa Senhora! E nós, que não conseguimos suportar uma pequena dor. Mas o Padre, pelo contrário! Como é possível falar do Padre? Não podemos compará-lo com ninguém. A comparação é esta: depois de Nossa Senhora e de São José, vem o Padre Pio, e basta. O Padre disse-me que eu podia crer que tudo aquilo que Jesus sofreu, também Nossa Senhora o sofreu. E que também acreditasse que São José está no céu em corpo e alma.

"Padre, será que há seres diferentes nos outros planetas?"

"O Senhor não terá restringido a sua glória e o seu poder criador a esta terra tão pequena!"

"Padre, devido à multidão dos seres, receio que, no paraíso, eu não possa estar sempre perto de Deus."

"O Senhor está presente a cada um."»

«Noutra ocasião, o Padre disse-me que no paraíso é como se muitos filhos estivessem à mesa com os pais. Nenhum olha para a quantidade que o outro come, porque há alimento suficiente para todos. O filho mais pequeno será o primeiro a ficar saciado, e com menos alimentos; e, quando estiver saciado, sentirá a mesma alegria do filho grande, que comeu mais do que ele.»

«Perguntei ao Padre: "Durante a noite, eu durmo, enquanto vós, porém, vos contorceis entre as dores da crucifixão; sinto remorsos ao pensar nisso."

"Quem to disse? Terás porventura o dom da clarividência?"

"Mas a Virgem está convosco?"

"Está Ela e todo o paraíso. Mas o conforto não desce."

O Padre Pio tinha dito: "Descemos da cruz, para nos estendermos sobre a ara do holocausto. Descemos do altar, para subir à cruz." Pobre Padre, nem sequer sentia forças para comer, para descer ao refeitório. O Padre Pio não era um crucificado, mas o co-redentor. Também São Francisco era um crucificado, mas não tinha sido coroado de espinhos. O Padre Pio, até escarros recebia. Certa vez, perguntei-lhe: "Padre, também vos puxam os cabelos?" Ele respondeu-me: "Minha filha, até os ossos me tentam esmagar!"

Durante a noite, os diabos empurravam-no contra as paredes, apertavam-lhe os ossos, torciam-lhe os braços. De manhã as pessoas iam encontrá-lo cheio de contusões.

O Padre Pio não suportava blasfémias. Dizia sempre que preferia morrer do que ouvir uma pessoa a blasfemar contra Deus.

Disse-lhe eu, num dos últimos dias da sua vida. "Padre, alguns párocos dizem que, em vez do terço, basta rezar duas ou três Avé Marias." O Padre baixou a cabeça, condoído, com os olhos brilhantes, retendo a custo as lágrimas. Respondeu: "Façamos o que faziam os nossos pais! Nunca esqueçamos o que eles faziam."»

«Quero fazer boa figura frente ao Senhor»

«Agora toda a gente sabe quem era o Padre Pio, mas, durante a sua vida, os que estavam a seu lado eram míopes, não viam nada. Não se apercebiam da santidade do Padre. Só viam que toda a gente se prostrava diante do Padre Pio, e gritavam contra tais exageros. Mas também parecia exagerada a alguns a forma como toda a multidão circundava Jesus, à sua passagem. E, nesse caso, não era o Padre Pio, era o próprio Cristo.»

«Hoje todos dizem que são filhos do Padre Pio. É como se fosse moda. Ele disse que nos assistirá, que estará presente no momento da nossa morte, que fará de advogado em nosso favor junto do Senhor. Mas também disse: "Contudo, deveis comportar-vos bem. É que eu tenho a santa ambição de vos

apresentar belos a Deus, dignos dele, verdadeiros filhos adoptivos, em tudo semelhantes a Jesus. Se disserdes que sois meus filhos, mas não vos comportardes bem, então também serei advogado, mas de acusação."»

«O Padre dizia sempre que o amor não deve deter-se em Deus, mas abranger toda a família. É uma verdadeira família, dizia o Padre Pio: Deus, Nossa Senhora, o Filho, os Santos, todos os filhos do Pai.»

«Perguntei ao Padre: "Não é possível sofrer com alegria, como vós dizeis. Eu não consigo."

"Devemos alegrar-nos porque a alma no fogo da tribulação se transforma em ouro fino, digno de ser utilizado no palácio do céu. Alegra-te, por isso, quando te vês carregada com a tua cruz, mesmo que esta seja pesada."

Ele costumava visitar muitas vezes as almas do purgatório. Disse-me de repente, cheio de dor, enquanto me confessava: "Não te desejo que vás para o purgatório."

"Porquê, Padre?"

"Porque, em certos pontos, é semelhante ao inferno, ou ainda pior. Não será melhor sofrer cá na terra, envoltos no amor de Deus e no meio do sofrimento, do que no purgatório?"

O Padre Pio dizia que, no purgatório, o sofrimento da criatura não lhe aumentava os méritos. É como quem está na prisão. Expia a sua pena, mas não é premiado pelo governo. Na prisão, quem te dá prémios? Pelo contrário, quando se sofre por amor de Deus, obtêm-se muitos méritos e evita-se o purgatório. Diz Dante: "Onde a alma se purifica e, para subir ao céu, se torna digna." Está bem, mas quanto tempo perdeu, entretanto? Na Missa, o Padre Pio pedia sempre a Jesus que nos ajudasse a viver o purgatório cá na terra.

"Que devo fazer para não ir para o purgatório?"

"Oração, meditação e praticar a caridade para com o próximo."

"Na aridez e nas tentações, ponho de parte algumas devoções. Quase não tenho vontade de nada."

"Pateta! Nesse estado, deves esforçar-te por fazer o mesmo que sempre fizeste em tempo de consolações, sem pensar no

gosto que não sentes. A devoção é isto: servir por puro amor. Recorre à santa leitura. Antes de ler, recomenda-te a Deus, para que Se digne falar-te ao coração e servir-te de guia."

"Gosto de ler muitas vezes a Bíblia."

"E continua. Lê-a, não por curiosidade, nem como estudo, mas para aprenderes a conhecer o Senhor e a amá-lo mais. É inútil que, ao lermos, façamos comparações entre os profetas e os evangelistas. Que importa isso? Leiamos, e basta."

"Padre, dai-me uma palavra de consolação." (Nós queríamos sempre ser consoladas pelo Padre, precisamente por ele, que estava sempre no Getsémani!)

"A consolação consiste nisto: o dever do cristão é aspirar continuamente à Pátria celeste."»

Ter sempre a mala pronta

«Temos de meter na cabeça que, frente à Pátria celeste, nós não somos nada. O Padre Pio tinha dito que todos os séculos, até ao fim dos tempos, equivalem apenas à duração de um raio, um instante. Então a nossa vida não passa de um sopro. Nós dizemos "eu farei, eu verei e eu serei", mas isso é absurdo.

O Padre Pio disse ainda: "O dever do cristão é considerar-se sempre peregrino no exílio." É o que diz Santa Teresa, o peregrino entra numa hospedaria horrível, com a sua mala. E esta mala está sempre pronta, porque o peregrino tem de partir de repente. E a nossa hospedaria é esta, a vida que devemos seguir.

Disse também o Padre: "O dever do cristão é não colocar o seu coração nas coisas deste mundo. Deve trabalhar com vista aos bens eternos." Devemos fazer isso mesmo. De outro modo, o Padre dizia que seria nosso "advogado de acusação", e não "de defesa". Minha Nossa Senhora!»

«"Padre, nas dores físicas da vossa Paixão, invocais a vossa mãe terrena, procurais o seu conforto?"

"Tu és mãe, irmã e conforto."

"Pedi para mim a Deus a graça de poder assistir ao vosso martírio."

"E recebê-la-ás."

"Se estais farto de mim, dizei-mo."

"Nunca nos fartaremos, porque o amor de Deus nunca se farta, dura para a vida eterna."»

«Que raça de perguntas eu lhe fazia, pobre Padre! Por vezes eu não sabia que dizer, e então só dizia disparates.

"Padre, como posso agradar a Jesus? Eu não sei sofrer as dores físicas."

"A dor não é o único caminho para nos salvarmos. Se Jesus ta der, também te dará a força necessária."

"Então, posso pedir a Jesus que me mude as dores físicas em dores morais?"

"Não! Deixemos que seja Ele a decidir. É como se Jesus fosse um médico. Eu não posso pedir ao médico que me mude um tratamento, substituindo-o por outro."

E o Padre prosseguiu: "Diz antes assim: *Senhor, vira-me e revira-me a teu bel-prazer*."

O Padre Pio era simples neste campo. Ele era a lei da dor e a lei do amor. Disto não podemos escapar.

"Não amo Jesus, pois tenho muitas tentações contra Ele."

"Só o Bem é contrariado. Com efeito, Satanás nunca se mete com o Mal. Só o Bem é contrariado."

"Mas o meu coração está intimamente unido a vós."

"Se dizes isso, mando-te embora!"

Ah, o Padre. Era simplesmente Jesus sobre a terra. Dizendo isto, fica tudo dito. Deve ser maravilhoso ir para o paraíso, pois vimos, através do Padre, como o Senhor é bom. Uma alma que entrava em êxtase, sobretudo durante a Missa: um êxtase de amor e de dor. Mas, ao mesmo tempo, a sua alma rejubilava.»

A loucura de amor de um Deus

«Depois de o Padre Pio ter vindo abençoar a minha casa, com o Padre Paolino, eu disse-lhe: "Meu Pai, ontem à noite senti um gozo tão grande, como Madalena em Betânia. Voltaremos a ver-nos?"

"Assim o espero. Mais tarde. Deixemos que seja o Senhor a decidir."

"Quero-vos tanto, em Jesus."

"E quanto te quero eu...! Tu és a minha rainha."

"Ah, sim. Ele queria-nos sempre bem. Disse, em certa ocasião: *O meu coração é maior do que o vosso!* Chamava-me rainha. Um dia estávamos com Pennelli, perto do poço. Passou por nós o Padre Pio, e Pennelli começou a dizer, na brincadeira: "Padre, esta é a princesa, este é o príncipe, este é o conde..."

"E a tua tia?", perguntou o Padre Pio.

"Rainha!", acrescentou ele.

A partir de então, o Padre começou a chamar-me rainha. Quando eu estava em Montecatini, o Padre também me escrevia algumas cartas breves, a mim e à Tina, que estava comigo. Dizia ele: "Isto é para a rainha." No entanto, quando eu lhe disse que gostava dele e ele me respondeu chamando-me rainha, perguntei-lhe: "Padre, porque me chamais rainha?"

"Porque cá em baixo servimos o Senhor, mas lá em cima reinaremos com Ele. Todos nós seremos reis e rainhas."

É a loucura do amor de Deus. Cá para mim, foi uma desforra amorosa de Deus. Quando Ele viu que Satanás seduziu os nossos pais, Deus deitou-lhe as culpas a ele. Satanás rejubilava. Tinha transformado duas criaturas de Deus em dois diabos. Uma coisa terrível, passar da graça de Deus para a natureza diabólica. O Senhor olhou com misericórdia para aquelas criaturas destruídas. No entanto, o desígnio de Deus era que viesse o Filho. O Padre Pio dizia que Jesus não tinha vindo apenas para nossa salvação, mas também para dar glória a Deus na criação. Viria igualmente, sem o nosso pecado. E teria vindo também Nossa Senhora, a quem eu chamo a Quarta pessoa. De facto, Ela está tão ligada, tão imersa na auréola da Santíssima Trindade!»

D. Attilio: «O Padre Maximiliano Kolbe ensina que Jesus é a encarnação do Verbo. Nossa Senhora é a encarnação do Espírito Santo.»

Cleonice: «Maria é a Mãe do amor. Não se trata do amor dos santos, mas do amor divino, no verdadeiro sentido da palavra. E como o Senhor está louco por nós! Chama-nos filhos e diz que reinaremos com Ele. Ainda antes de abrirmos a boca, já Ele conhece os nossos desejos. E satisfá-los. Somos senhores,

somos reis e rainhas. Porventura Deus tratou assim os anjos? No entanto, eram merecedores de um prémio. Uma parte, seguiu Lúcifer, mas a outra, ficou junto de Deus. Porventura Deus chama filhos aos anjos? O Padre Pio dizia que cada pessoa, ao ver um cristão, deveria dizer: "Eis Jesus Cristo!"»

Salvou o mundo pela segunda vez

«Quem sabe como chamará Deus ao Padre Pio! Ele é fora de série! Jesus deve tê-lo apresentado ao Pai Celeste, e Este dever ter visto nele a própria figura do Filho, o mesmo odor do Filho. O mesmo sucedeu a Jacob. Quantas figuras parecidas no Antigo Testamento. Todo o Novo Testamento já fora predito pelo Antigo. E depois, das chagas nem se fala, da coroação de espinhos, mas ser todo uma chaga, da cabeça aos pés! Jesus está louco pelo Padre Pio. Nele quis fazer um monumento a si próprio. E quis apresentar ao Pai celeste, para o consolar da ofensa de Adão e Eva, um filho do homem semelhante a Ele. Jesus terá dito ao Pai celeste: "Vê bem, um filho do homem que é igual a Mim. Sofreu muito, mas vivia insatisfeito enquanto não lhe foi concedida a minha própria Paixão."

O Padre Pio salvou o mundo pela segunda vez, realizando uma nova Redenção, uma co-redenção. Assemelhou-se a Jesus em todas as suas dores. Por isso se sentia sequioso, faminto. Era como veado sedento de todas as penas de Jesus. Temos este irmão que se chama Jesus e que é o primogénito de Deus. E temos também o "secundogénito" de Deus, que é o Padre Pio. Nossa Senhora é a mãe do primogénito, mas também do segundo filho.

E é por isso que ela estava sempre na casa do seu segundo filho, na cela do Padre Pio, a Virgem estava sempre presente. Quando o Padre Pio ainda era vivo, o Padre Clemente sonhou com o Padre Agostino, que lhe dizia: "Clemente, ajoelha-te à passagem do Padre Pio. Ele é grande, grande, grande".»

D. Attilio: «E quando eu me ajoelhava à sua passagem, o Padre Pio dizia-me imediatamente: "Levanta-te! Senão, mando-te imediatamente de volta para Pádua!"»

Cleonice: «O Padre não permitia que os sacerdotes se ajoelhassem à sua frente. Ele não podia aprovar tal atitude.»

«Era de manhãzinha cedo. Eu estava na cama e ouvi uma voz que dizia: "O seu sepulcro será glorioso!" Voltei-me, mas não vi ninguém. Ouvi pela segunda vez: "O seu sepulcro será glorioso!" Eu não compreendia, e depois, pela terceira vez, a voz ainda se tornou mais forte. O sepulcro de Cristo pode ser chamado glorioso, mas não se pode dizer que o sepulcro de um santo seja glorioso. O Padre Pio, porém, continua a sua missão. E toda esta gente que aqui acorre, estes estrangeiros, todos eles vêm visitar o seu sepulcro.»

Ia ao paraíso para se encontrar com Jesus

«Eu disse ao Padre: "Poderei ser feliz, ao ver que sou tão amada e cumulada de bens por Deus. Mas a lembrança de o ter ofendido amargura-me o coração."

"Isso torna-te mais agradável a Deus."

"Será que Jesus chorou os meus pecados no Getsémani?"

"Chorou."

"No céu, amaremos todos de igual modo?"

"No céu, amaremos mais aqueles que mais nos tiverem amado e de quem mais benefícios tivermos recebido."

Por Deus! Eu amarei certamente mais o Padre Pio, que me formou e tirou do inferno, do que São Domingos, a quem nunca conheci. A este, amá-lo-ei como filho de Deus, como irmão, mas àquele que nos regenerou em Jesus, através do amor, da sua própria Paixão... Não seria justo, e Deus é justiça! Não seria justo que eu amasse mais São Domingos do que o meu Pai.

"Pai, mas nós poderemos estar perto de vós?"

"Pareces burrinha! Que paraíso seria esse, se os meus filhos não estivessem todos ao pé de mim?"

O Padre Pio ia muitas vezes ao paraíso para se encontrar com Jesus. Dizia ele: "O Senhor mostra-me as grandezas e as belezas da sua pátria, e depois põe-me na rua e diz-me para vir ajudar os seus filhos, que estão no exílio."

Ele já estava no paraíso. Por isso gemia, por isso queria morrer. Não podia estar na terra. Experimenta ir ter com um santo e dizer-lhe que desça do paraíso. Ele responder-te-á: "Vai tu para a terra!" Os sacerdotes da sinagoga de San Gio-

vanni combatiam o Padre Pio. Então eu fui dizer-lhe: "Padre, aqueles pregam contra vós, do alto dos altares". Ele replicou: "Bem, rezemos então para que se aproximem do nosso crucifixo." Mas o crucifixo também estava lá, no sítio onde eles pregavam...»

Maria, a mestra do Padre Pio

«Maria, que era a co-redentora, estava sempre no quarto do Padre. Agradava-lhe estar ali, porque ele se submetia na perfeição a todas as leis da co-redenção humana.

Nossa Senhora tinha-lhe explicado bem o que significa ser co-redentor, e o Padre Pio, ajudado por Ela, venceu o inferno à força de combater. Tinha uma mulher forte a seu lado, uma mulher que fora capaz de esmagar Satanás. E essa mulher forte exortava-o a cada momento. Na verdade, todos estes mistérios estão interligados: a caridade, a justiça, o pecado... E quando chegarmos lá acima, abarcá-los-emos a todos num momento, num instante.

Nossa Senhora era a mestra do Padre Pio. Ela, a co-redentora, foi aperfeiçoando cada vez mais o co-redentor. Amava-o com um amor imenso. O Padre Pio costumava dizer: "Mesmo que eu tenha de ir para o inferno...", tão compenetrado estava da caridade de Cristo redentor e de Nossa Senhora, co-redentora.

As forças infernais são superiores às forças do homem, também ao nível da inteligência. De facto, é graças à sua inteligência, que Satanás engana o homem, através das tentações.

«Porque cai o homem? Precisamente por isso, porque a sua inteligência é inferior. Assim se deixaram enganar Adão e Eva, que foram os primeiros. Perguntei ao Padre, em certa ocasião: "Padre, então Adão e Eva sabiam que aquela serpente era Satanás?"

"Claro que sabiam! Tinham a ciência infusa." Mas Satanás é inteligentíssimo e impostor, é o pai da mentira e, se nós não nos abandonamos a Deus, consegue sempre enganar-nos.

Jesus ordenou a São João que ocupasse o centro, reclinando a cabeça sobre o seu peito, trespassado pela lança. À direita e à

esquerda, porém, devem ficar aqueles que participam na co-redenção: Maria, em primeiro lugar, e depois o Padre Pio.

Nunca se ouviu dizer, ao longo da história da Igreja, que Nossa Senhora tenha estado sempre tão próxima de um santo, todos os dias da sua vida, aparecendo-lhe diariamente e dirigindo-lhe a palavra. No entanto, estava sempre na cela do Padre Pio, como quando vivia com Jesus, na sua pequena casa, em Nazaré. O Padre Pio atraía-a constantemente, por ser em tudo semelhante ao seu Filhinho. Era necessário que Maria o educasse, lhe servisse de mestra. A divina co-redentora e o santo co-redentor. Ela era divina, por ser a mãe de Deus. Ele era santo. Em que consiste a nossa oração, de Sexta-feira Santa? Em pensar em Jesus na cruz, e na Virgem Maria, ao pé da cruz. Neste século, porém, há outro ponto a considerar. Temos o Calvário, Jesus crucificado e sua Mãe, co-redentora perfeita e divina. Do outro lado falta qualquer coisa. É necessário que alguém o ocupe, para que o filho possa dizer ao Pai celeste: "Também os filhos dos homens, os filhos adoptivos, também eles sabem sofrer como Eu sofri!" Minha Nossa Senhora! Quando me ponho a pensar nestas coisas, seria capaz de pegar em qualquer um desses padres incrédulos e levá-los ao paraíso para lhes mostrar: "Olha! Olha onde está o Padre Pio!"»

Fogo de palha

D. Attilio: «Certa vez, apareceu-me em sonhos uma lápide com três palavras. Ao despertar, não conseguia lembrar-me da terceira palavra. As outras eram "humildade" e "caridade". Eu bem me esforçava, mas sem resultado algum; a terceira palavra não me ocorria. Disse para comigo: "O Padre Pio far-ma-á recordar." Fui-me confessar a ele e, depois da confissão, disse-me a primeira e a segunda palavras... depois parou. Quase mudando de tom de voz, recordou-me a terceira, que era "paciência".»

Cleonice: «Ah, paciência vem de padecer. O Padre Pio costumava dizer: "O amor sem padecimentos é um fogo de palha." Sem Nossa Senhora, como poderia este seu filhinho ter alcançado tanta sabedoria? De quem a recebia? E quem lhe concedia tanta paciência, tanto amor? De onde provinham?

Da mestra. Da sua Mãe e mestra. O Padre Pio repetia com frequência, referindo-se a Nossa Senhora: "Parece não haver mais ninguém além de mim." Era verdade! De facto, assim como Maria sempre se tinha preocupado com o seu Filho redentor, também se preocupava com o seu filho co-redentor. E esta Mãezinha estava sempre a seu lado com amor, qual mestra sapientíssima.

Nem sequer no altar a Mãe o deixava sozinho. Colocava-se à sua direita, como fizera com o seu filho, no Calvário. Assim, o altar era o Calvário do Padre Pio. Depois, quando Jesus morreu, os soldados mandaram todos embora, menos a Mãe. Com efeito, era vontade de Deus que a Mãe estivesse ao lado do filho, tal como Eva estava ao lado de Adão, junto à árvore do pecado. Eis que aparece sempre a comparação entre a queda e a ressurreição do homem, entre a queda de Adão e Eva e o Calvário, entre a árvore do pecado e a árvore que salva, ou seja, a cruz. Primeiro, suspenso da árvore do pecado, estava Satanás. Agora, suspenso da cruz, está o Filho de Deus. Sob a árvore do pecado, estava Eva. Sob a cruz, está a nova Eva, a mulher forte, Maria. E por que preço foram perdoados os homens? Não só perdoados, mas também tomados como filhos adoptivos, em tudo semelhantes a Jesus. Dizia o Padre Pio: "Seremos semelhantes a Ele, teremos a sua idade e reinaremos com Ele." O homem nunca agradeceu o suficiente ao Senhor por ter sido feito seu filho adoptivo. Eis então que Jesus decide escolher um, dentre os homens, e fazê-lo em tudo semelhante a si, também na dor. Fá-lo co-redentor, dando-lhe, por mestra, a sua própria Mãe.»

A era dos mártires

«Certo dia, alguém disse ao Padre: "Não é necessário rezar um rosário tão longo. As pessoas ficam cansadas. Basta recitar uma dezena. E também não é preciso pegar no terço. É pesado e, além disso, não é elegante segurar nas mãos aquela fiada de contas, sem graça nenhuma."

O Padre ficou muito condoído e depois concluiu, quase em tom de súplica: "Façamos aquilo que sempre fizeram os nossos pais." É impressionante! Hoje, ao fim de dois mil anos

de cristianismo, depois de Nossa Senhora ter aparecido, sabe Deus quantas vezes, com a sua arma na mão, isto é, o rosário, ainda nos atrevemos a falar de modernismo.

Mas que será a nossa religião? Uma moda, que muda todos os anos e todos os meses? Ao ouvir tais palavras, o Padre quase se desfez em lágrimas. Na verdade, devemos fazer aquilo que fizeram os nossos Pais: perseverar, ser constantes, para chegar finalmente ao porto onde nos espera o Senhor. Devemos ressuscitar o passado, fazer ressurgir aquilo que faziam os apóstolos e os mártires.

Estamos na era dos mártires. Todas as pessoas que são perseguidas, este governo, que se vai destruindo, tanta confusão de ideias, o predomínio de ladrões, de brigadas vermelhas, amarelas e verdes... Estamos numa época apocalíptica. A besta reina, sem nunca se mostrar. Nisso consiste a inteligência da besta. Entretanto, na própria Igreja, tanto leigos como padres dizem que ela não existe, que Satanás não existe, porque Satanás encarnou em muitas pessoas. Aí está Satanás visível, no ódio premeditado. Não é como no caso dos pecadores, que não conhecem a lei de Deus e caem. Não, são aqueles os verdadeiros diabos que se movem sobre a terra, de tal forma que o próprio demónio disse: "Eu já não preciso de fazer nada. Eles sabem fazê-lo melhor do que eu."»

«*Julgo não ter dado maus exemplos*»

«Devemos falar constantemente do Padre Pio, sempre, sempre. O Senhor há-de abençoar-nos e ajudar-nos. Quando não soubermos fazer alguma coisa, recorramos a Nossa Senhora, que estava sempre ao lado do Padre Pio. Ela ensinar-nos-á tudo. Ela já deixou o Padre Pio, já não precisa de ir ter com ele à sua cela: agora vai ter com os filhos dele. Antes estava perto do nosso Pai, agora está perto de nós, está perto dos "Grupos de Oração".

Minha Nossa Senhora, quantas almas seguem o caminho do inferno! Quantas almas seguem Satanás. Esta nação adúltera! Deixa Deus para seguir Mamona. O ateísmo está muito difundido. Os poucos cristãos que existem sofrem penas terríveis. Seria necessário um Padre Pio para cuidar de tanta dor.

Pedi certo dia ao Padre: "Padre, insisti junto da Virgem para que não me deixe ficar velha nem incapacitada."

"Podes ficar tranquila sob esse aspecto."

"Caim foi para o inferno?"

"Foi. De facto, após o delito, desesperou da misericórdia de Deus. Equiparou a sua maldade, que nada tinha de infinito, à misericórdia de Deus que, essa sim, é infinita."

"Dai-me uma palavra bonita."

"Os nossos nomes estão inscritos no céu."

"Eu sou mais feliz do que vós, porque tenho o Padre Pio, ao passo que vós não o tendes."

"Mas eu tenho Jesus!"

"Como devo aperceber-me da vossa presença quando estou longe?"

"Que fazes para te aperceberes da presença do teu anjo?"

Certo dia, o Padre Pio garantiu-me que estava sempre perto de nós. Inquiri então: "Como o Anjo da Guarda?"

"O Anjo pode... Mas eu sou vosso Pai!"

"Padre, quem está nos vossos olhos?"

"Jesus!"

"Como posso consolar-vos e amar mais Jesus?"

"Indo à sua presença e oferecendo-te cada vez mais a Ele."

No dia de Natal de 1960, perguntei ao Padre: "Será que esta situação indecorosa vai acabar (a visita de monsenhor Maccari)?"

"É como jóias, com que ainda temos de nos adornar. Exercitemos a doce paciência. O caminho a percorrer é duro e espinhoso."

"Os soldados que guardavam o sepulcro de Jesus tiveram a felicidade de ver o divino ressuscitado?"

"Também eles deviam ter o seu prémio!"

"Ao morrer, São José sofreu muito, pensando na Paixão de Jesus e nas dores de Nossa Senhora?"

"Tudo isso sofreu ele desde a infância de Jesus, prevendo já a sua terrível Paixão."

"Antes de partir para o outro mundo, Jesus deixou-nos a Eucaristia. Que nos deixareis vós?"

"Julgo nunca vos ter dado maus exemplos."»

Como um raio em céu sereno

«A experiência mais terrível para mim foi a última confissão. O Padre estava sempre triste, com os olhos inchados e o rosto inundado de lágrimas. Perguntei-lhe: "Padre, chegastes à última etapa da vossa vida?"

"Cheguei, sim, mas é também a mais dolorosa, a mais aflitiva: uma verdadeira agonia."

"Eu não disse nada, nem sequer lhe dei uma palavra de conforto. O Padre, ao ver-me tão calada, acrescentou: "Trata-se de deixar esta vida!" Mas eu não o entendi. Ah, se eu tivesse entendido! Teria gritado, teria feito de tudo. Mas o Senhor quis que eu não entendesse. Nunca pensávamos na morte do Padre. E a sua morte foi inesperada, como um raio em céu sereno. Ainda por cima, foi de noite...»

«"Padre, dai-me uma florinha!"

"Esforça-te por amar Nossa Senhora e por fazer com que os outros A amem, através do teu exemplo. Recita mais rosários, e bem recitados."

"Vós só vos nutris de dor."

"O meu alimento quotidiano é a dor. Apenas na cruz encontro repouso, não por amor do sofrimento em si, mas por amor daquele que se consumiu por nós, e para ser útil aos vivos e aos mortos."»

Nunca pedia nada

«Certo dia, alguém contou ao Padre que, de noite, não conseguia dormir. O Padre replicou: "Minha filha, o tempo que vós dormis numa noite, durmo eu durante um ano." Ora, quando o Padre dizia alguma coisa, nunca exagerava; pelo contrário, às vezes até a reduzia ao mínimo. Que fazia ele de noite? Rezava, chorava... O Padre Pellegrino, que de vez em quando se aproximava da cela do Padre, para ver se ele precisava de alguma coisa, comentou: "Chegava lá e via-o sempre com o rosto cheio de lágrimas, e o terço na mão. Perguntava-lhe se queria beber, mas ele não respondia. Eu sabia que ele tinha uma necessidade extrema de beber, mas não respondia.

Então, ia-me embora. Às vezes, porém, sentia-me muito culpado. Devia levar-lhe água, sem mais, não era preciso perguntar-lhe nada."

Por causa dos estigmas, o Padre deveria estar sempre sentado, cómodo, perto do fogo, para se aquecer. Em vez disso, confessava e passava as noites a rezar. Ele era o co-redentor de Cristo e trabalhava, tal como Jesus tinha trabalhado. O seu objectivo era levar todos a Jesus. Todos, e não um terço do mundo. O Padre não conhecia o repouso, nem de noite, nem de dia. Além disso, não comia. Não se alimentava, porque o seu alimento era o amor de Deus. Pobre Padre! Não comia, nem sequer bebia! Estava sempre a chorar pela ingratidão que os homens demonstravam frente a Deus.

Então, certo dia fui ter com ele, com a intenção de o consolar. Exclamei muito contente: "Padre, levareis um terço do mundo convosco! Estais contente?" Mas ele retorquiu: "E que faço eu com um terço do mundo?! Eu quero levar todos para o paraíso, nem que tenha de ir eu para o inferno".»

«O Padre Pio estava sempre atento a que nada se desperdiçasse, nem sequer uma migalhinha de pão. Disse-me ele, em certa ocasião: "Eu não fiz voto de pobreza. Elegi-a, como esposa!"

Quando atravessava o corredor, encostava o ouvido à porta de cada cela, para ver se ouvia água a correr. Quando isso acontecia, exclamava: "Ouçam quanta água desperdiçada!" Podia ser que os monges, com a pressa, se tivessem esquecido de fechar a torneira, e então o Padre Pio entrava na cela, para fechá-la.

Certo dia, vimos o Padre dirigir-se até ao centro da igreja grande, pegar numa cadeira e empoleirar-se em cima dela. Gritámos, imediatamente: "Padre, Padre, que estais a fazer? Cuidado, que podeis cair!". Era a vela de um castiçal que estava acesa sem ser preciso, e ele tinha-se empoleirado para apagá-la. Parecia um rapazinho. Tinha-se empoleirado na cadeira, para chegar lá a cima, apesar das suas chagas. Então todos nos entreolhámos, compreendendo que o Padre tinha querido servir-nos de exemplo.

Pelas suas mãos passavam milhões e milhões para a *Casa Alívio do Sofrimento*. Havia quem afirmasse que ele os metia

logo ao bolso. Mas o Padre estava contente porque a *Casa Alívio do Sofrimento* seguia em frente. Como prezava o seu voto de pobreza!»

Sofrer na solidão

«O Padre Pio tinha reproduzido em si toda a Paixão de Jesus, sem excluir qualquer sofrimento, nem na alma, nem no corpo. Copiou Jesus em tudo, tanto na alma como no corpo, sendo dele uma fotografia fidelíssima. Como eu gostaria que Jesus me chamasse. Não faz mal que eu seja má e indigna dele. Gostaria que Ele me chamasse para ver como o Padre Pio está perto de Jesus, em tudo semelhante a Ele. E como foi longo o seu martírio, precisamente cinquenta e oito anos!

Já perto do fim, a 20 de Setembro de 1968, eu disse-lhe: "Padre, muitos parabéns pelo vosso quinquagésimo aniversário!" Referia-me aos estigmas. Ele, porém, replicou: "Queres dizer cinquenta e oito!" Isto é importante, porque nenhum livro aponta a data exacta da impressão dos estigmas. Ora, a 20 de Setembro de 1918, Jesus renovou-lhe os estigmas, que lhe dera pela primeira vez em Setembro de 1910.»

«Certo dia, perguntei ao Padre Pio: "Padre, que tamanho tem a vossa grei?"

Ele respondeu-me: "É imensa!"

"Por vezes, costumais chorar na vossa cela?"

"E de que maneira!"

"Mas porquê?"

"Por todos e, sobretudo, pelas ofensas feitas a Deus e pela perda das almas."

"Também chorais por causa das dores físicas?"

"A isso não te sei responder. Não te preocupes."

"Quem está convosco quando sofreis?"

"Estou só! Sempre só!"

"Em que momentos da Missa sofreis a flagelação e a coroação de espinhos?"

"Do princípio ao fim! Mas com maior intensidade depois da consagração."

"E passais toda a Missa suspenso da cruz?"

"Passo. Desço da cruz, para me estender sobre a ara do holocausto. Desço do altar, para subir à cruz." Aliás, o sofrimento do Padre sobre a cruz era bem visível.

"Que faz a minha mãe no Paraíso?"

"Goza e ama!"

"Já se esqueceu de todos os desgostos que lhe dei?"

"Já, sim."

"Será que não a posso ver uma vez sequer?"

"Em que consistiria então a prova? Onde haveria lugar para a fé?"

"De que vícios devo libertar-me?"

"Devemos libertar-nos de nós próprios! Apunhalemos o nosso eu. Calquemo-lo aos pés e caminhemos sobre ele. Devemos ficar deliciados quando nos punimos a nós próprios."»

«Certo dia, confessei ao Padre: "Não consigo sentir Jesus dentro de mim durante a meditação; julgo que Ele está no alto dos céus."

"Continua a fazer como até aqui, que está tudo bem."

"Quando comungo, que intenção devo apresentar por vós?"

"Que eu seja outro Jesus. Todo Ele e só Ele."

"Que devo fazer durante a Santa Missa? Devo ler o missal, como as outras pessoas?"

"O missal é para o sacerdote! Quanto a ti, segue a ceia sagrada."

"Padre, enchei-me do vosso espírito." Pobre tonta! Que coisa estava eu a pedir? Se recebesse o espírito do Padre cairia por terra. Era como uma bomba atómica!

"Diz lá que espírito queres: o de orgulho e ambição?"

"É por força do amor ou da dor que sofreis a morte sobre o altar?"

"Por força de ambos. Mas mais por amor."

"Como conseguis aguentar-vos na cruz, com tantas dores?"

"Como se aguentava Jesus?"»

«O homem pode ser perdoado, os anjos não!»

«Na noite anterior à sua morte, o Padre encontrava-se no lugar reservado às mulheres, e daí nos abençoava. Nós está-

vamos lá em baixo. Na manhã seguinte, pelo contrário, a situação inverteu-se. Ele estava estendido abaixo do altar, e nós estávamos no lugar destinado às mulheres, a vê-lo, pois não podíamos misturar-nos com a multidão. Era como se ali estivessem muitas feras feridas. Ouviam-se vários gritos; havia quem desafogasse o seu desgosto contra a parede. Eram cenas verdadeiramente terríveis, cujos protagonistas nutriam um amor autêntico pelo Padre Pio.

A ofensa a um Deus, só pode ser reparada por outro Deus. Foi este o motivo da inveja de Satanás. Para ele, não houve redenção. O Padre Pio repetia com frequência: "Satanás, por uma única palavra, foi lançado no inferno, sem possibilidades de remissão da sua culpa." Mas o homem não. O anjo, depois de dizer sim, não pode voltar atrás. O sim do anjo é eterno, ao passo que o homem se pode arrepender. Foi por isso que Jesus instituiu o sacramento da confissão. O anjo, porém, não se arrepende. A inteligência angélica é feita de tal forma que tanto o seu "sim" como o seu "não" são eternos. Não se pode dizer, por isso, que Deus seja injusto. Ele perdoou ao homem, e não aos anjos. Os anjos, porém persistem eternamente no seu "sim" ou no seu "não". São inteligências superiores, semelhantes a Deus. É essa a diferença.»

«"Porque foi decretada por Deus a morte no Calvário?", perguntei ao Padre, em certa ocasião.

"Nenhuma oração seria capaz de O demover de tal decreto." Minha Mãe Santíssima, como é implacável o Senhor, para com o seu Filho! Imagina como não será connosco! Nós, porém, temos o Filho, que defende a nossa causa. "Se não morresse a vida, ou seja, Jesus, sobreviveria a morte, o pecado. O próprio Jesus queria dar a vida aos mortos."

"Porque existe a dor?"

"Para que a terra se esconda e deixe aparecer o céu. Amemos, portanto, a dor, pois os sentimentos de quem nunca sofreu carecem de intensidade, o seu coração de ternura, o seu espírito de horizontes."

"Mas que faz o Senhor do meu amor imperfeito? Rejeita-o?"

"Deus pode rejeitar tudo numa criatura concebida em pecado, que leva em si a marca indelével, herdada de Adão.

Contudo, não pode rejeitar de modo algum o sentimento sincero de quem o ama."

"Sou um pedaço de gelo, já não sinto nada."

"E julgas tu que se pode servir o Senhor no meio de consolações e doçuras? O verdadeiro servo de Deus é aquele que usa de caridade para com o próximo e está decidido a fazer a vontade de Deus, a todo o custo. Sofre com amor a tua dor, que será tanto mais querida quanto maior for a sua amargura."»

«*Procuro um lugar onde pousar*»

«"Dai-me uma palavra", pedi eu ao Padre.

"Combate com força."

"E que devo combater?"

"O Mal, e tudo o que não é Deus, nem vem de Deus. A vida do homem é como um exército: enquanto houver uma gota de sangue no nosso corpo, teremos sempre de combater."

"Estamos no Ano Novo. Que tendes para me dizer?"

"Quem reserva qualquer coisa para si, ao doar-se a Jesus, não poderá experimentar todo o seu amor. Para que prestam as reservas, a não ser para nos fazer morrer de tédio?"

"Onde pousará o vosso último olhar, ao deixardes esta terra?"

"Sobre os irmãos no exílio." De facto, na sua última Missa, tinha dois olhos que mais pareciam um farol sobre o mar. Todos podiam dizer: "O Padre Pio olhou para mim." Ele próprio tinha dito: "Eu sou todo de cada um." Cada um pode dizer: "O Padre Pio é meu!"

"Como é duro o exílio!"

"Se não fossem os filhos, seria melhor para mim partir." Queria tanto partir, este Pai! Mas, por fim, queria ficar. Dizia ele: "Estou angustiado por não poder levar todos comigo à presença de Jesus." Quase se opunha à graça de Deus, por não poder levar todos à presença de Deus.»

«O Padre Pio interrogava com frequência os médicos da *Casa Alívio do Sofrimento*, que o visitavam à noite. Em certa ocasião, perguntou-lhes: "Como se chama o demónio?" Um

dos médicos respondeu: "Chama-se Satanás, Padre." Ele negava, com o dedo. "Belzebu", alvitrava outro. Nova negação do Padre. "Chama-se Caronte, Padre." Não. Sugeriram ainda mais dois ou três nomes, mas o Padre dizia sempre que não, com o dedo. "Padre, então dizei vós como se chama ele!" O Padre fitou-os, e retorquiu: "Chama-se EU, meus filhinhos. É como Judas: beija-nos, trai-nos, tira-nos todos os méritos."»

O segredo para evitar o purgatório

«"O purgatório é terrível?", perguntei-lhe.

"Comparado com ele, o fogo da terra nada é", replicou o Padre. "As almas sofrem com ele como se tivessem corpo. Ora, essa pena é nada, em comparação com a pena do dano, ou seja, com a privação da visão de Deus. No purgatório, paga-se tudo. Aqui em baixo, basta pouco para o evitarmos, e irmos directamente para o paraíso: fugir ao Mal, fazer o Bem e sofrer com amor tudo aquilo que Deus nos manda."

"Dizem que na nossa época vai haver acontecimentos terríveis."

"Ah! Abandonemo-nos ao Senhor."

"E se nos matarem?"

"Oxalá pudéssemos dar a vida pela fé! Mas essa sorte não nos está reservada".»

«Antes de morrer, o Padre Pio escreveu-me numa pagela: "Abençoo-te, e a todos aqueles que te fazem companhia e que sofrem contigo". Era uma espécie de profecia. Com efeito, depois da morte do Padre, comecei a ser visitada por uma grande quantidade de pessoas. Foi uma das últimas pagelas que me escreveu.»

«Ele tinha medo que eu ficasse sozinha. Dizia-me sempre: "Reza ao Senhor, para que Ele te faça morrer ao mesmo tempo que eu." No último dia, vi-o tão recurvado, tão sofredor, que disse para comigo: "Minha Nossa Senhora, leva-o para o Paraíso. Não te preocupes comigo; mais tarde pensarás em mim. Leva-o hoje mesmo, não me deixes continuar a vê-lo neste estado."»

«No dia antes de começar a usar a cadeira de rodas, o Padre disse-me: "Humilhemo-nos nas humilhações." Eu não compreendi, mas, no dia seguinte, quando o vi naquela cadeirinha, entendi tudo. Para ele era uma humilhação. Ele, que dominava as multidões, via-se obrigado a ser conduzido por outros numa cadeira. No primeiro dia sentiu muita vergonha. Manteve a cabeça sempre baixa. Ele, que às vezes gritava às pessoas! Mais tarde, naquela última noite, vi-o quase morto de exaustão, cheio de sofrimentos. Até se esqueceu de nos dar a bênção. Por último, o Senhor tinha-o reduzido ao mínimo dos mínimos.

O mesmo aconteceu a Jesus, quando o passearam ostensivamente, com a coroa de espinhos, depois de flagelado, e depois o pregaram à cruz. Além disso, quando Jesus chegou ao Calvário, todos se mantiveram à distância, porque Ele era um maldito, condenado a morrer na cruz. A última humilhação... Também o Padre a sofreu, no fim. Tratavam-no assim, como um pobre doente.»

D. Attilio: «Como vivia o Padre a sua relação com a Eucaristia?»

Cleonice: «O Padre Pio era o Tabernáculo vivo. Quando rezava, mantinha-se continuamente frente ao Sacrário. Nos três anos de reclusão absoluta, estava sempre aí. Era aí que recitava o rosário, era aí que desafogava a sua dor, era aí que chorava.

Afirmava ele que, quando alguém está doente e não pode comungar, deve fazê-lo espiritualmente. Perguntei-lhe, certa vez: "Padre, que devo dizer, que frase devo utilizar?" E ele replicou: "Que frase queres que se diga, quando se está apaixonado por alguém...? Diz assim: *Jesus, vem ao meu coração, que eu ardo de amor por ti*." Ele ardia realmente de amor, e julgava que todos nós éramos como ele. Além disso, exortava-nos a fazer muitas vezes a comunhão espiritual, durante o dia, utilizando palavras simples, convites de amor e nada mais.»

«Gostaria de o ver no paraíso. Agora veremos o Padre Pio ao lado do Cordeiro de Deus, ao lado do trono de Deus. Jesus

é o Cordeiro de Deus, e o Padre Pio é o cordeirinho de Jesus. Jesus fez passar o Padre Pio por tudo aquilo que Ele próprio tinha sofrido. Quando o Padre recebeu as cinco chagas, e depois a flagelação e a coroa de espinhos, perguntei-lhe: "Padre, de vez em quando chorais pelas dores que sentis?" Ele respondeu: "Algum gemido tem de sair, mas esses gemidos são súplicas amorosas, implorando novas dores."

"Mas vós quereis novas dores? Sois insaciável de dor?"

"Compreende-se. Enquanto não se chega à semelhança em tudo, vai-se gemendo e chorando."»

«O Padre Pio tinha a missão de co-redentor, e o inferno apercebera-se que ele lhe arrancava as almas. Tinha sofrido a Paixão de Cristo, era a cópia do Redentor, e agora o demónio esforçava-se por deitá-lo abaixo. Saiu contra ele o próprio Lúcifer, com todo o seu exército. Diz-me só se conseguiram obter alguma vitória. Nunca. Aliás, devemos dizer que o Padre Pio estava sob a protecção de Maria. Nos seus combates contra o inferno, estava sempre sob a protecção de Nossa Senhora, que esmagou a cabeça ao demónio. E Ela serviu-se do seu filho predilecto, do Padre Pio, para esmagar a cabeça, não só de Lúcifer, mas de todos os diabos.»

Não se parecia com ninguém

«As pessoas ainda não conhecem o Padre Pio a fundo. Alguém afirmou, numa prédica, que passarão muitas décadas antes de o mundo conhecer a verdadeira figura do Padre Pio. Aquele Padre do Norte de Itália, que morreu com fama de santo, um seu filho espiritual que muito lhe queria, de cujo nome não me recordo, disse, antes de morrer: "Quereis mesmo saber quem é o Padre Pio? É Cristo que voltou a descer à terra para realizar uma nova co-redenção, mas usando um hábito de franciscano. Passou no meio dos homens, tal como Jesus passou no meio do mundo. Falou com eles, fez prodígios..."

Os milagres que o Padre Pio operou... Se os pudéssemos enumerar... Ah, se tivessem sido registados os milagres de cada ano! Eram contínuos. Se lermos o Evangelho de São

João, encontraremos semelhanças tão íntimas com aquilo que acontecia ao Padre Pio, que quase dá vontade de chorar. Aquelas inflexões, aquelas frases em tudo semelhantes às do Padre. E São João esteve muito próximo da crucifixão de Jesus. São João foi o apóstolo do amor, reclinou a cabeça sobre o coração de Jesus. Disse-me o Padre Pio que Jesus o amava por ele ser o mais novo, por ser virgem, e porque seria a ele que Jesus viria a confiar a sua Mãe.»

Viver e morrer no Calvário

«Se eu pudesse descrever o rosto do Padre, quando me disse: "Eu não sei se no mundo haverá alguma criatura pior do que eu." Era um rosto humilde, assustado. Considerava-se sempre o último dos homens.

No penúltimo dia da sua vida, gracejei, como uma pateta: "Padre, quando o Senhor vos chamar, não saberá onde vos há-de meter." Fi-lo no bom sentido, mas ele entendeu-o ao contrário, e inquiriu: "Porquê?", como quem diz: "Eu estou no Getsémani, estou no abandono do Calvário, e Jesus faz-mo saber por meio desta pateta?"

Então expliquei: "Porque, quando chegardes às portas do paraíso, eles dirão: Onde o meteremos? Entre os apóstolos? Mas ele foi o apóstolo de todo o mundo. Entre os mártires? Mas ele foi o maior de todos os mártires. De um modo geral, os mártires que dão a vida por Deus sofrem a prisão, as perseguições, as pancadas e a morte durante um certo período de tempo. Este pobre, porém, sofre desde o nascimento as penas físicas mais atrozes. Metemo-lo entre os anjos, entre os Serafins, que ardem de amor por Deus? Mas os Serafins sempre viveram no gozo do céu, ao passo que este pobre sempre sofreu, ao longo de toda a sua vida. Então Jesus dirá: *Eh, Pio! Vem para junto de Mim*, indicando, com a mão, um lugar a seu lado."

Ao ouvir estas minha palavras, o Padre Pio esboçou um sorriso de alívio, como se tivesse sido libertado de uma grande angústia, que o oprimia. Foi um sorriso como o de uma criança, um sorriso tão belo! Levantou a mão, fingindo que me ia dar uma bofetada, mas não ma deu. Estava tão aliviado. Por

isso te digo que Jesus é o Cordeiro de Deus, e o Padre Pio é o cordeirinho de Jesus. Iremos encontrá-lo mesmo ao lado de Jesus.»

Eu queria saber tudo

«Interroguei o Padre directamente sobre a coroação de espinhos. É um facto bastante esquecido. Porquê? Ninguém sabe que o Padre trazia na cabeça a coroa de espinhos.

Mostrei-lhe um quadro em que uma amiga minha tinha pintado o Padre Pio com a coroa de espinhos na cabeça. Ele replicou: "E então? Devo abençoar-me a mim próprio?" Depois acrescentou: "Pintaram-me demasiado jovem."

Todos se interessam por outras coisas. Escrevem nos livros outras coisas, que o aplaudiam quando ele ia votar, até mesmo os comunistas. As coisas mais importantes, porém, estão ligadas à sua Paixão. De facto, todo o mundo deveria conhecer aquilo que o Padre sofreu.»

«Eu tinha tido um sonho em que escavava uma vala para enterrar os demónios. Referi-o ao Padre, que replicou: "Enterramo-los, combatendo-os continuamente." Não serviria de nada abrir uma cova; eles até das valas conseguem sair!

"Padre, incomodo-vos muitas vezes, pedindo-vos que me apareçais em sonhos."

"Não me incomodas nada, minha filhinha."

Ao princípio, o Padre aparecia-me muitas vezes em sonhos. Agora, porém, nunca mais me apareceu. É que temos de sofrer, para chegar ao paraíso. Contudo, ele não está morto, está vivo.

Eu não queria receber a Santa Comunhão, porque me sentia indigna. Confessei-o ao Padre, que me respondeu: "Indignos somos nós todos." Eu insistia, dizendo que não queria voltar a comungar, embora estivesse ciente de que o próprio Jesus quase fizera uma ameaça: "Quem não come a minha carne, nem bebe o meu sangue, não pode ter a vida eterna." O Padre Pio, pelo seu lado, instava comigo: "Nós devemos obedecer a Jesus, preparando-nos o melhor que pudermos." No entanto, eu continuava a garantir que não queria voltar a

receber a Comunhão. O pobre Padre acabou por "ceder": "Então vai, e recebe-a com o meu coração."

Nunca mais pensei nestas palavras mas, pouco tempo após a sua morte, encontrando-me eu em frente do presépio, sentia uma grande tristeza devido à partida do Padre; observava a Sagrada Família, os pastores, os anjos, o Menino e as ovelhas. Era um grande presépio, e eu estava ali, diante dele, completamente sozinha. Estava sentada. A dado momento, aparece o Padre Pio, do lado direito. A sua figura foi-se delineando pouco a pouco, emergindo da escuridão. Eu não sabia que havia de fazer. Não sabia se devia dizer-lhe alguma coisa, ou beijar-lhe a mão. Ele aproxima-se do presépio e retira um bilhetinho, de um tufo de erva. Lê-o e volta a colocá-lo no seu lugar. Retira-o ainda por um segundo, e depois devolve-o ao mesmo lugar.»

Um coração que pulsava de amor

«Nós alegrar-nos-emos lá no céu. Seremos filhos de Jesus Crucificado e do Padre Pio crucificado. Eu perguntei-lhe: "Padre, toda essa atenção que nos prestais... Sois vós, ou é Jesus?" Ele replicou: "Então, quem é este? O Padre Pio. Agora é mesmo o Padre Pio!", como quem diz que o Padre Pio não fazia nada.

Estava sempre envolto na presença de Jesus. Poderia alguma vez o inferno vencê-lo? O Padre Pio tinha fundamentos tão firmes, profundos e sólidos... Satanás, a quem o padre sempre derrotava, enfurecia-se contra os seus filhos.

Mas quem poderia vencer Jesus Cristo sobre a terra?

O coração do Padre era a sua parte mais sensível, pois nele transportava todos os seus filhos, a fim de os conduzir a Cristo. O seu coração continuava a pulsar, pulsava de amor, do amor de Deus, que queria levar todos até ao paraíso.

"Padre, já alguma vez vistes Jesus?"

"Sob a forma humana ou angelical, é possível ver Deus. Em si mesmo, não; quem o visse, morreria. No céu, para sermos admitidos à visão beatífica, não basta estar em graça e ser santos. É necessário que Deus comunique à alma a luz da glória."»

«"É pecado desejar a morte? Eu desejo-a."

"Também eu suplico ao Senhor que rompa a tela finíssima que dele me separa. Estou cansado da vida, anseio pela morte como o veado anseia por chegar à nascente das águas. Mas não é para deixar de sofrer. É um desejo que, qual espada, me trespassa o coração há vários anos. É uma chama que me vai consumindo lentamente. Eu morro continuamente, só porque não morro."

"Padre, por vezes o desânimo é grande, ao ver que não correspondo às graças do Senhor."

"Esse sentimento é bom, mas o demónio, de vez em quando, tenta inverter a situação."

"Porquê? De que modo?"

"Servindo-se desse teu sentimento para te fazer voltar atrás. Ou então fazendo-te parar no caminho da perfeição. Contempla antes a bondade e os tesouros infinitos do Esposo celeste, que Ele vai derramando com abundância na tua alma. Ao fazê-lo, tenta imitar as esposas deste mundo, que admiram e se comprazem nas qualidades do seu esposo, sem se preocuparem se delas são dignas." Minha Nossa Senhora. O Padre sabia desenterrar estas expressões do nada, para nos fazer entender a vontade de Deus!

"Padre, dai-me uma palavra que me seja necessária."

"Que a graça do Espírito Santo te transforme completamente e te torne cada vez mais digna do Reino dos Bem-aventurados."

"Por vezes não sei distinguir se aquilo que acontece em mim provém de Deus ou do inimigo."

"Se te agita e atormenta é de Satanás. Se te ilumina e consola, é de Deus."

"Quereis dar-me um exemplo?" (Nossa Senhora, como eu era tonta ao fazer perguntas tão estúpidas ao Padre...)

"Se uma alma é levada a humilhar-se frente ao seu Senhor e impelida a tudo suportar para ser aprovada pelo Esposo celeste, não pode deixar de reconhecer que esse impulso vem de Deus. A ânsia de amar cada vez mais o sumo bem, não pode ser ilusão nem alucinação. É bom humilharmo-nos frente a Deus, mas guardai-vos da falsa humildade, que gera mal-estar e desânimo. Uni o vosso coração ao coração de Jesus, e sede simples, como Ele vos quer, mantendo o coração desligado

dos preconceitos terrenos. Conservai a mente pura nos seus pensamentos, recta nas suas ideias, santa nas suas intenções. Que a vossa vontade não procure nada além de Deus, do seu gosto e da sua glória."

"Padre, Jesus prefere a solidão?"

"Sim. Toda a sua infinita majestade está oculta entre as sombras e o silêncio daquela modesta oficina de Nazaré. Levemos, por isso, uma vida interior oculta em Deus."

"E quanto terá Jesus sofrido naquela casa tão pobre?"

"Sempre sofreu com a previsão da sua futura Paixão. Amemos, portanto, a cruz. A prova mais certa do amor consiste em padecer pelo amado. Se um Deus sofreu tantas dores por amor, a dor que se sofre por Ele torna-se tão amável como o amor."

"Eu não sei sofrer. Dai-me um pouco do vosso amor pela cruz." É inútil. Nós não temos amor pela cruz. Que raça de víboras a nossa!

Pelo menos, sede pacientes. Nas tribulações e nas aflições espirituais e corporais, conformai-vos com alegria à vontade de Jesus. Pedi esta virtude à Virgem."»

Só pensamos em nós

«O Padre Pio dizia sempre que a cruz carrega e alivia a carga. A cruz é uma carga que o Senhor põe às nossas costas. Contudo, se a levarmos com amor, passa a ser a cruz que nos leva: alivia-nos da carga. O Senhor carrega-te e alivia a tua carga. Dizia ainda que a meditação deve ser feita duas vezes por dia: de manhã e à noite.

Perguntei-lhe, certa noite: "Padre, que devo contemplar, frente ao crucifixo?" Ele respondeu: "A crucifixão dos nossos defeitos, a crucifixão da nossa alma, naquilo que não é Deus, nem vem de Deus."

Além disso, o Padre insistia muito sobre o exame de consciência. Recomendava que se fizesse o exame de consciência a meio do dia, e também à noite, durante cinco minutos. Dizia ele que assim, quando nos vamos confessar, temos os defeitos todos bem preparados, e que, deste modo, avançamos em cada dia para a perfeição. Era um método seguido por vários

filósofos, entre os quais Aristóteles e Séneca. Estes seguiam-no para alcançar a perfeição moral... como não hão-de segui-lo os cristãos, que devem comparecer à presença de Deus, aos olhos do Qual nada escapa... Minha Nossa Senhora!»

«Durante o tempo pascal, o Padre Pio insistia muito sobre a Paixão. Aquilo que mais lhe tocava o coração era a Ceia, em que Jesus deu tudo o que tinha e recitou a oração sacerdotal. Deu também aquela grande lição de humildade, ao lavar os pés dos discípulos. Lavar os pés significa ter compaixão. No entanto, o facto que ainda o comovia mais, era que o cordeiro pascal costumava ser preso e morto pelos sacerdotes, ao passo que Jesus, o verdadeiro Cordeiro, se dirigiu sozinho, caminhou sozinho, para a imolação. E depois, a ternura com que o Senhor falou aos seus apóstolos. Quando nós temos um problema, uma cruz a enfrentar, pensamos em nós próprios e não nos outros, pensamos apenas na nossa dor. Jesus, pelo contrário, esquecia-se de si próprio e animava os apóstolos. Comentava o Padre: "Que ternura e que amor Ele mostrou durante aquela viagem para o Getsémani; toca-me o coração e faz-me chorar." Era o Cordeiro que, sem ser arrastado por ninguém, se dirigia sozinho do cenáculo para a imolação. Era levado pelo amor, e pela alegria de libertar os pobres redimidos, "de arrancar a presa a Satanás", como costumava dizer o Padre. Vinha depois o combate de Jesus no Getsémani. O combate entre a misericórdia e a justiça de Deus.»

«Em certa ocasião, nós, as filhas espirituais, estávamos todas à volta do Padre. Fazíamos muito barulho, cada uma queria fazer a sua pergunta ao Padre Pio. O Padre tinha apoiado a cabeça nas mãos, e via-se que lhe custava muito estar de pé. De vez em quando, esfregava a cabeça com as mãos. Alguém lhe perguntou: "Padre, tendes assim tantas dores de cabeça?" E ele respondeu: "É verdade, filha, tenho muitas, muitas, muitas." Interveio outra, que lhe fez um pedido estúpido: "Padre, dai-nos um pouco dessas dores a cada uma, e assim já não vos apoquentarão." Ao que o Padre replicou: "Minha filha, e quem poderia libertar-te em seguida? São Miguel Arcanjo?"»

«Uma noite tive um sonho. O Padre estava no meio do campo, e eu caminhava ao seu encontro. De repente, aparece

um canzarrão, que se atira contra mim. Então o Padre Pio pega na sua capa e coloca-ma sobre os ombros. Mal o cão se aproximou e sentiu o perfume do Padre Pio na capa, fugiu imediatamente. Depois contei o sonho ao Padre. Passado algum tempo, perguntei-lhe: "Quando passeais no jardim, pensais naquela minha vitória?" E ele retorquiu: "Penso. Alegra-me e faz-me rir".»

«Disse-me ainda o Padre Pio: "Quanto mais inquieto anda um coração, tanto mais frequentes são os assaltos de Satanás. O inimigo conhece bem que a paz de coração é indício da assistência divina, por isso não perde a mínima ocasião para no-la fazer perder. A paz é simplicidade de espírito, serenidade da mente, tranquilidade da alma, vínculo de amor. É ordem e harmonia em todos nós. É um gozo contínuo da consciência. O demónio conhece bem tudo isto, por isso se esforça tanto por no-la fazer perder."»

Índice

Introdução 7

1. Uma criança feliz (1887-1892) 13
2. O mistério de uma chamada (1892-1897) 23
3. Uma escolha difícil (1898-1902) 42
4. O encontro (1903) 59
5. Lições particulares (1904-1908) 71
6. Com o físico completamente perturbado 86
7. O exílio do escândalo (1909-1916) 100
8. *Off-limits* (1909-1916) 110
9. Sacerdote... a meias (10 de Agosto de 1910) 125
10. O grande medo (1914-1916) 137
11. O segredo (1918) 165
12. Começa a missão (1919-1922) 180
13. Enigma para a ciência (1919-1920) 201
14. A crucifixão (1922-1923) 219
15. Entre povo e sinédrio (1923-1931) 237
16. Cleonice e as outras 256
17. A morte da mãe (3 de Janeiro de 1929) 279
18. Sozinho e encarcerado (1929-1934) 293
19. A voz da esperança (1935-1945) 311
20. Homem de acção (1946-1959) 330
21. Conversando com os amigos 347
22. O bom-humor do Padre Pio 383
23. «Sou um mistério» 397
24. Para lá do horizonte (1959-1968) 425
25. No coração do Padre Pio 448

PADRE PIO SOB INVESTIGAÇÃO

A «autobiografia» secreta

Francesco Castelli

«Um documento excepcional», assim definiu Vittorio Messori esta obra e, com o selo de um cuidadoso *Prefácio*, convida todos os potenciais leitores a «lê-lo e dar-se pessoalmente conta da sua peculiaridade mas também da sua beleza», fundada na «simplicidade da linguagem empregue», que abre a um percurso «fascinante».

Nestas páginas, desenrola-se o filme que mostra o Padre Pio em cada aspecto da sua vida, e onde os seus confrades não chegam, será ele a contar-se a si mesmo, com as mãos sobre o Evangelho, oferecendo às perguntas feitas por Mons. Rossi, o seu inquisidor, exactamente 142 respostas pormenorizadas, que vão dos dons sobrenaturais à saúde, dos gostos às amizades, e que ilustram a agenda da sua jornada entre o trabalho e a oração. Sob juramento, o Padre Pio admite o fenómeno das bilocações e de outros carismas sobrenaturais que Deus lhe concede em socorro das almas; pela primeira vez, conta em pormenor sobre a sua estigmação e a identidade da «personagem misteriosa» que lhe apareceu para conferir-lhe este dom extraordinário.